Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

ANO NONO – 1866

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Sumário

NONO VOLUME – ANO DE 1866

JANEIRO

As Mulheres têm Alma? 13

Considerações Sobre a Prece no Espiritismo 18

Necrológio – *Morte do Sr. Didier* 24

Correspondência – *Carta do Sr. Jaubert* 30

A Jovem Cataléptica da Suábia – *Estudo psicológico* 34

Poesias Espíritas – *Alfred de Musset* 44

O Espiritismo tem Lugar Reservado na Filosofia e nos Conhecimentos Usuais 49

FEVEREIRO

O Espiritismo Segundo os Espíritas – Extraído do jornal *Discussion* 55

Curas de Obsessões 62

O Naufrágio do *Borysthène* 67
Antropofagia 72
A Espineta de Henrique III 76
Os Ratos de Équihen 84
Novo e Definitivo Enterro do Espiritismo 87
Os Qüiproquós 91
Nota Bibliográfica 96

MARÇO

Introdução ao Estudo dos Fluidos Espirituais 97
O Espiritismo e a Magistratura – *Perseguições judiciais contra o Espiritismo* – Cartas de um Juiz de Instrução 111
A Lei Humana – *Instrução do Espírito Bonnamy, pai* 120
Mediunidade Mental 124
Notas Bibliográficas:
Espírita – por Théophile Gautier 130
A Mulher do Espírita – por Ange de Kéraniou 135
Forças Naturais Desconhecidas – por Hermès 136

ABRIL

Revelação 139
O Espiritismo sem os Espíritos 150

O Espiritismo Independente 157

O Dia de Carlos Magno no Colégio de Chartres 163

Uma Visão de Paulo I 167

O Despertar do Sr. de Cosnac 172

Pensamentos Espíritas – *Poesia do Sr. Eugène Nus* 175

Carta do Sr. F. Blanchard ao Jornal *Liberté* 176

Notas Bibliográficas:

Sou Espírita? – por Sylvain Alquié 177

Carta aos Srs. Diretores e Redatores dos Jornais Antiespíritas – por A. Grelez 177

Filosofia Espírita – por Augustin Babin 178

O Guia da Felicidade, ou Deveres Gerais do Homem por amor a Deus – pelo mesmo 178

Noções de Astronomia Científica, Psicológica e Moral – pelo mesmo 178

MAIO

Deus Está em Toda Parte 179

A Visão de Deus 183

Uma Ressurreição 186

Conversas de Além-Túmulo:

O abade Laverdet 189

Um pai negligente com os filhos 193

Lembrança Retrospectiva de um Espírito **196**

Necrológio – *Morte do Dr. Cailleux, de Montreuil-sur-Mer* **200**

Dissertações Espíritas:

Instruções para o Sr. Allan Kardec **209**

Aquiescência à prece **212**

O Espiritismo obriga **216**

JUNHO

Monomania Incendiária Precoce – *Estudo moral* **221**

Tentativa de Assassinato do Imperador da Rússia – *Estudo psicológico* **229**

Um Sonho Instrutivo **235**

Visão Retrospectiva das Várias Encarnações de um Espírito – *Sono dos Espíritos* **239**

Questões e Problemas – *Está no ar* **243**

Poesias Espíritas:

Para teu livro **245**

A lagarta e a borboleta **247**

Dissertações Espíritas:

Ocupações dos Espíritos **248**

Suspensão da assistência dos Espíritos **252**

O trabalho **254**

Notas Bibliográficas:

Os Evangelhos Explicados – pelo Sr. Roustaing **257**

La Voce di Dio **260**

JULHO

Projeto de Caixa Geral de Socorro e outras Instituições para os Espíritas **261**

Estatística da Loucura **276**

Morte de Joseph Méry **285**

Questões e Problemas:

Identidade dos Espíritos nas comunicações particulares **292**

Qualificação de santo aplicada a certos Espíritos **297**

Visão retrospectiva das existências do Espírito – a propósito do Dr. Cailleux **299**

Poesia Espírita – *A prece pelos Espíritos* **301**

AGOSTO

Maomé e o Islamismo **303**

Os Profetas do Passado **317**

Criações Fantásticas da Imaginação – *As visões da Sra. Cantianille B...* **321**

Questões e Problemas:

Filhos, guias espirituais dos pais **329**

Comunicação com os seres que nos são caros **331**

Perfectibilidade dos Espíritos 333

Variedades – *A rainha Vitória e o Espiritismo* 336

Poesias Espíritas:

Méry, o sonhador 337

A prece da morte pelos mortos 338

Nota Bibliográfica:

Cantata espírita 342

SETEMBRO

Os Irmãos Davenport em Bruxelas 343

O Espiritismo só pede para ser Conhecido 358

Extrato do *Progrès Colonial* da Ilha Maurício 364

Fenômenos Apócrifos 366

Cabelos Esbranquiçados sob a Impressão de um Sonho 377

Variedades – *Mediunidade de vidência nas crianças* 382

OUTUBRO

Os Tempos são Chegados 385

O Zuavo Curador do Campo de Châlons 415

NOVEMBRO

Maomé e o Islamismo (2º artigo) 429

Sonambulismo Mediúnico Espontâneo 449

Considerações Sobre a Propagação da Mediunidade Curadora 461

Subscrição em Favor dos Inundados 472

DEZEMBRO

O Lavrador Thomas Martin e Luís XVIII 473

O Príncipe de Hohenlohe, Médium Curador 493

Variedades:

Senhorita Dumesnil, jovem atraente 503

Revista da imprensa relativa ao Espiritismo 508

Santo Agostinho, Acusado de Cretinice 518

Notas Bibliográficas:

Novos Princípios de Filosofia Médica, pelo Dr. Chauvet, de Tours 520

Os Dogmas da Igreja do Cristo, explicados pelo Espiritismo, por A. Boltinn 521

Necrológio – *Sra. Dozon – Sr. Fornier-Duplan – Sr. d'Ambel* 523

Aviso 525

Nota Explicativa 527

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO IX JANEIRO DE 1866 Nº 1

As Mulheres têm Alma?

As mulheres têm alma? Sabe-se que a coisa nem sempre foi tida por certa, pois, ao que se diz, foi posta em deliberação num concílio. A negação ainda é um princípio de fé em certos povos. Sabe-se a que grau de aviltamento essa crença as reduziu na maior parte dos países do Oriente. Embora hoje, nos povos civilizados, a questão esteja resolvida em seu favor, o preconceito de sua inferioridade moral perpetuou-se a tal ponto que um escritor do século passado, cujo nome não nos vem à memória, assim definia a mulher: "Instrumento de prazer do homem", definição mais muçulmana que cristã. Desse preconceito nasceu a sua inferioridade legal, ainda não apagada de nossos códigos. Durante muito tempo elas aceitaram essa submissão como uma coisa natural, tão poderosa é a força do hábito. Dá-se o mesmo com os que, votados à servidão de pai a filho, acabam por se julgar de natureza diversa da dos seus senhores.

Não obstante, o progresso das luzes resgatou a mulher na opinião. Muitas vezes ela se afirmou pela inteligência e pelo gênio e a lei, conquanto ainda a considerasse menor, pouco a pouco afrouxou os laços da tutela. Pode-se considerá-la como emancipada

moralmente, se não o é legalmente. É a este último resultado que ela chegará um dia, pela força das coisas.

Ultimamente lia-se nos jornais que uma jovem senhorita de vinte anos acabava de defender o bacharelado com pleno sucesso perante a faculdade de Montpellier. Dizia-se que era o quarto diploma concedido a uma mulher. Ainda não faz muito tempo foi agitada a questão de saber se o grau de bacharel podia ser conferido a uma mulher. Embora a alguns isto parecesse uma monstruosa anomalia, reconheceu-se que os regulamentos sobre a matéria não faziam menção às mulheres e, assim, elas não se achavam excluídas legalmente. Depois de terem reconhecido que elas tinham alma, lhes reconheceram o direito à conquista dos graus da Ciência, o que já é alguma coisa. Mas a sua libertação parcial é apenas resultado do desenvolvimento da urbanidade, do abrandamento dos costumes ou, se quiserem, de um sentimento mais exato da justiça; é uma espécie de concessão que lhes fazem e, é preciso que se diga, que lhes regateiam o mais possível.

Hoje, pôr em dúvida a alma da mulher seria ridículo; mas outra questão muito séria sob outro aspecto, aqui se apresenta, e cuja solução só pode ser estabelecida se a igualdade de posição social entre o homem e mulher for um direito natural, ou uma concessão feita pelo homem. Notemos, de passagem, que se esta igualdade não passar de uma concessão do homem por condescendência, aquilo que ele der hoje pode ser retirado amanhã, e que tendo para si a força material, salvo algumas exceções individuais, em massa ele sempre levará vantagem. Ao passo que se essa igualdade estiver na Natureza, seu reconhecimento será o resultado do progresso e, uma vez reconhecido, será imprescritível.

Teria Deus criado almas masculinas e femininas, fazendo estas inferiores àquelas? Eis toda a questão. Se assim fosse, a inferioridade da mulher estaria nos decretos divinos e nenhuma lei humana poderá transgredi-los. Tê-las-ia, ao contrário, criado

iguais e semelhantes? Nesse caso as desigualdades, baseadas na ignorância e na força bruta, desaparecerão com o progresso e o reinado da justiça.

Entregue a si mesmo, o homem não podia estabelecer a respeito senão hipóteses mais ou menos racionais, mas sempre questionáveis. Nada no mundo poderia dar-lhe a prova material do erro ou da verdade de suas opiniões. Para se esclarecer, seria preciso remontar à fonte, pesquisar nos arcanos do mundo extracorpóreo, que não conhece. Estava reservado ao Espiritismo resolver a questão, não mais pelos raciocínios, mas pelos fatos, quer pelas revelações de além-túmulo, quer pelo estudo que diariamente pode fazer sobre o estado das almas depois da morte. E, coisa capital, esses estudos não são o fato nem de um só homem, nem das revelações de um só Espírito, mas o produto de inúmeras observações idênticas, feitas todos os dias por milhares de indivíduos, em todos os países, e que assim receberam a sanção poderosa do controle universal, sobre o qual se apóiam todas as doutrinas da ciência espírita. Ora, eis o que resulta dessas observações.

As almas ou Espíritos não têm sexo. As afeições que os unem nada têm de carnal e, por isto mesmo, são mais duráveis, porque fundadas numa simpatia real e não são subordinadas às vicissitudes da matéria.

As almas se encarnam, isto é, revestem temporariamente um envoltório carnal, para elas semelhante a uma pesada vestimenta, de que a morte as desembaraça. Esse invólucro material, pondo-as em contato com o mundo material, nesse estado elas concorrem ao progresso material do mundo que habitam; a atividade a que são obrigadas a desenvolver, seja para a conservação da vida, seja para alcançarem o bem-estar, auxilia-lhes o avanço intelectual e moral. A cada encarnação a alma chega mais desenvolvida; traz novas idéias e os conhecimentos adquiridos nas

existências anteriores. Assim se efetua o progresso dos povos; os homens civilizados de hoje são os mesmos que viveram na Idade Média e nos tempos de barbárie, e que progrediram; os que viverem nos séculos futuros serão os de hoje, porém mais avançados, intelectual e moralmente.

Os sexos só existem no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais. Mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão pela qual os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.

Os Espíritos progridem pelos trabalhos que realizam e pelas provas que devem sofrer, como o operário se aperfeiçoa em sua arte pelo trabalho que faz. Essas provas e esses trabalhos variam conforme sua posição social. Devendo os Espíritos progredir em tudo e adquirir todos os conhecimentos, cada um é chamado a concorrer aos diversos trabalhos e a sujeitar-se aos diferentes gêneros de provas. É por isso que, alternadamente, nascem ricos ou pobres, senhores ou servos, operários do pensamento ou da matéria.

Assim se acha fundado, sobre as próprias leis da Natureza, o princípio da igualdade, pois o grande da véspera pode ser o pequeno do dia seguinte e reciprocamente. Desse princípio decorre o da fraternidade, visto que, em nossas relações sociais, reencontramos antigos conhecimentos, e no infeliz que nos estende a mão pode encontrar-se um parente ou um amigo.

É com o mesmo objetivo que os Espíritos se encarnam nos diferentes sexos; aquele que foi homem poderá renascer mulher, e aquele que foi mulher poderá nascer homem, a fim de realizar os deveres de cada uma dessas posições, e sofrer-lhes as provas.

A Natureza fez o sexo feminino mais fraco que o outro, porque os deveres que lhe incumbem não exigem igual força

muscular e seriam até incompatíveis com a rudeza masculina. Nela a delicadeza das formas e a finura das sensações são admiravelmente apropriadas aos cuidados da maternidade. Aos homens e às mulheres, são, pois, atribuídos deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas; são dois elementos que se completam um pelo outro.

Sofrendo o Espírito encarnado a influência do organismo, seu caráter se modifica conforme as circunstâncias e se dobra às necessidades e exigências que lhe impõe esse mesmo organismo. Esta influência não se apaga imediatamente após a destruição do envoltório material, assim como não perde instantaneamente os gostos e hábitos terrenos. Depois, pode acontecer que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa. Somente quando chegado a um certo grau de adiantamento e de desmaterialização é que a influência da matéria se apaga completamente e, com ela, o caráter dos sexos. Os que se nos apresentam como homens ou como mulheres, é para nos lembrar a existência em que os conhecemos.

Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual à vida corporal. Numa nova encarnação ele trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito; se for avançado, será um homem avançado; se for atrasado, será um homem atrasado. Mudando de sexo, sob essa impressão e em sua nova encarnação, poderá conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres.

Não existe, pois, diferença entre o homem e a mulher, senão no organismo material, que se aniquila com a morte do

corpo; mas quanto ao Espírito, à alma, ao ser essencial, imperecível, ela não existe, porque não há duas espécies de almas. Assim o quis Deus em sua justiça, para todas as suas criaturas. Dando a todas um mesmo princípio, fundou a verdadeira igualdade. A desigualdade só existe temporariamente no grau de adiantamento; mas todas têm direito ao mesmo destino, ao qual cada uma chega por seu trabalho, porque Deus não favoreceu ninguém à custa dos outros.

A doutrina materialista coloca a mulher numa inferioridade natural, da qual só é elevada pela boa vontade do homem. Com efeito, segundo essa doutrina, a alma não existe ou, se existe, extingue-se com a vida ou se perde no todo universal, o que vem a dar no mesmo. Assim, só resta à mulher a sua fraqueza corporal, que a põe sob a dependência do mais forte. A superioridade de algumas não passa de uma exceção, de uma bizarria da Natureza, de um jogo de órgãos, e não poderia fazer lei. A doutrina espiritualista vulgar reconhece a existência da alma individual e imortal, mas é impotente para provar que não há diferença entre a do homem e a da mulher e, por conseguinte, uma superioridade natural de uma sobre a outra.

Com a Doutrina Espírita, a igualdade da mulher não é mais uma simples teoria especulativa; já não é uma concessão da força à fraqueza, mas um direito fundado nas próprias leis da Natureza. Dando a conhecer essas leis, o Espiritismo abre a era da emancipação legal da mulher, como abre a da igualdade e da fraternidade.

Considerações Sobre a Prece no Espiritismo

Cada um é livre de encarar as coisas à sua maneira, e nós, que reclamamos esta liberdade para nós, não podemos recusá-la aos outros. Mas, do fato de uma opinião ser livre, não se segue

que não se possa discuti-la, examinar o lado forte e o fraco, pesar suas vantagens e inconveniências.

Dizemos isto a propósito da negação da utilidade da prece, que algumas pessoas quereriam erigir em sistema, para disto fazerem a bandeira de uma escola dissidente. Essa opinião pode assim resumir-se:

"Deus estabeleceu leis eternas, a que todos os seres estão submetidos; nada lhe podemos pedir e não temos de agradecer-lhe nenhum favor especial; portanto, é inútil orar.

"Como a sorte dos Espíritos está traçada, é inútil orar por eles. Eles não podem mudar a ordem imutável das coisas; então é inútil pedir-lhes.

"O Espiritismo é uma ciência puramente filosófica; não só não é uma religião, como não deve ter nenhum caráter religioso. Toda prece dita nas reuniões tende a manter a superstição e a hipocrisia religiosa."

A questão da prece já foi discutida bastante, de modo que é inútil repetir aqui o que se sabe a respeito. Se o Espiritismo proclama a sua utilidade, não é por espírito de sistema, mas porque a observação permitiu constatar a sua eficácia e o modo de ação. Desde que, pelas leis fluídicas, compreendemos o poder do pensamento, igualmente compreendemos o poder da prece, que é, ela também, um pensamento dirigido para um fim determinado.

Para algumas pessoas, a palavra *prece* só desperta a idéia de pedido; é grave erro. Em relação à Divindade é um ato de adoração, de humildade e de submissão, que não se pode recusar sem desconhecer o poder e a bondade do Criador. Negar a prece a Deus é reconhecer Deus como um fato, mas é recusar-se a lhe prestar homenagem; é, ainda, uma revolta do orgulho humano.

Em relação aos Espíritos, que mais não são que as almas de nossos irmãos, a prece é uma identificação de pensamentos, um testemunho de simpatia. Repeli-la é repelir a lembrança dos seres que nos são caros, porque essa lembrança simpática e benévola é, por si mesma, uma prece. Aliás, sabe-se que os que sofrem a reclamam com insistência, como um alívio às suas penas; se a pedem, é que dela necessitam. Recusá-la é recusar um copo d'água ao infeliz que está com sede.

Além da ação puramente moral, o Espiritismo nos mostra na prece um efeito de certo modo material, resultante da transmissão fluídica. Em certas moléstias sua eficácia é constatada pela experiência, conforme demonstra a teoria. Rejeitar a prece é, pois, privar-se de poderoso auxiliar para o alívio dos males corporais.

Vejamos agora qual seria o resultado dessa doutrina, e se ela tem alguma chance de prevalecer.

Todos os povos oram, dos selvagens aos homens civilizados; a isso são levados pelo instinto, e é o que os distingue dos animais. Sem dúvida oram de maneira mais ou menos racional, mas, enfim, oram. Os que, por ignorância ou presunção, não praticam a prece, formam no mundo insignificante minoria.

A prece é, pois, uma necessidade universal, independente das seitas e das nacionalidades. Depois da prece, se estávamos fracos, sentimo-nos mais fortes; se tristes, sentimo-nos mais consolados. Abolir a prece é privar o homem de seu mais poderoso apoio moral na adversidade. Pela prece ele eleva sua alma, entra em comunhão com Deus, identifica-se com o mundo espiritual, *desmaterializa-se*, condição essencial de sua felicidade futura; sem a prece, seus pensamentos ficam na Terra, ligam-se cada vez mais às coisas materiais. Daí um atraso no seu adiantamento.

Contestando um dogma, não nos pomos em oposição com a seita que o professa; negando a eficácia da prece, ferimos o sentimento íntimo da quase unanimidade dos homens. O Espiritismo deve as numerosas simpatias que encontra às aspirações do coração, e nas quais as consolações hauridas na prece entram com larga parte. Uma seita que se fundasse sobre a negação da prece, privar-se-ia do principal elemento de sucesso, a simpatia geral, porque, em vez de aquecer a alma, ela a congelaria; ao invés de a elevar, ela a rebaixaria. Se o Espiritismo deve ganhar em influência, é aumentando a soma de satisfações que proporciona. Aqueles que querem o novo no Espiritismo, seja a que preço for, para ligar seu nome a uma bandeira, que se esforcem para dar mais que ele; mas não é dando menos que o suplantarão. A árvore despojada de seus frutos saborosos e nutritivos será sempre menos atraente que a que deles está repleta. É em virtude do mesmo princípio que sempre temos dito aos adversários do Espiritismo: O único meio de o matar é dar algo de melhor, de mais consolador, que explique mais e mais satisfaça. É o que ninguém ainda fez.

Pode-se, pois, considerar a rejeição da prece, por parte de alguns crentes nas manifestações espíritas, como uma opinião isolada que pode ligar algumas individualidades, mas que jamais ligará a maioria. Seria erro imputar tal doutrina ao Espiritismo, pois ele ensina exatamente o contrário.

Nas reuniões espíritas, a prece predispõe ao recolhimento, à gravidade, condição indispensável, como se sabe, para as comunicações sérias. Significa dizer que devem ser transformadas em assembléias religiosas? Absolutamente. O sentimento religioso não é sinônimo de sectário de uma religião; deve-se mesmo evitar o que poderia dar às reuniões este último caráter. É com esse objetivo que temos desaprovado constantemente as preces e os símbolos litúrgicos de um culto qualquer. Não se deve esquecer que o Espiritismo tem em vista a aproximação das diversas comunhões; já não é raro ver nessas

reuniões confraternizarem representantes de diferentes cultos, razão por que nenhum deve arrogar-se a supremacia. Que cada um em particular ore como entender; é um direito de consciência; mas numa assembléia fundada sobre o princípio da caridade, deve-se abster de tudo quanto pudesse ferir as susceptibilidades e contribuísse para manter um antagonismo que, ao contrário, é preciso esforçar-se para fazer desaparecer. Preces especiais no Espiritismo não constituem um culto distinto, desde que não sejam impostas e cada um seja livre de dizer as que lhe convém; mas elas têm a vantagem de servir para todos e não chocar ninguém.

O mesmo princípio de tolerância e respeito pelas convicções alheias nos leva a dizer que toda pessoa razoável, que uma circunstância conduz ao templo de um culto de cujas crenças não partilha, deve abster-se de todo sinal exterior que pudesse escandalizar os assistentes; que ela deve, em caso de necessidade, sacrificar aos usos de pura forma, que em nada podem comprometer sua consciência. Que Deus seja adorado num templo de uma maneira mais ou menos lógica: isto não é motivo para escandalizar os que acham boa essa maneira.

Dissemos que o Espiritismo, dando ao homem uma certa soma de satisfações e provando um certo número de verdades, não poderia ser substituído senão por alguma coisa que desse mais e provasse mais que ele. Vejamos se isto é possível.

O que dá autoridade à doutrina é o fato de seus princípios não resultarem de uma idéia preconcebida ou de uma opinião pessoal; todos, sem exceção, resultam da observação dos fatos; só pelos fatos é que o Espiritismo chegou a conhecer a situação e as atribuições dos Espíritos, assim como as leis, ou melhor, uma parte das leis que regem suas relações com o mundo visível; isto é um ponto capital. Continuando a nos apoiar na observação, fazemos filosofia experimental e não especulativa. Para combater as teorias do Espiritismo, não basta, pois, dizer que são

falsas: é preciso opor-lhe fatos, cuja solução ele fosse impotente para dar. E mesmo neste caso ele se manterá sempre no nível, porque será contrário à sua essência obstinar-se numa idéia falsa, e sempre se esforçará por preencher as lacunas que possam apresentar-se, pois não tem a pretensão de ter chegado ao apogeu da verdade absoluta. Esta maneira de encarar o Espiritismo não é nova; pode-se vê-la em todos os tempos, formulada em nossas obras. Desde que o Espiritismo não se declara estacionário nem imutável, assimilará todas as verdades que forem demonstradas, venham de onde vierem, ainda que de seus antagonistas, e jamais ficará na retaguarda do progresso real. Assimilará essas verdades, dizemos, mas apenas quando forem claramente demonstradas, e não porque agradaria a alguém dá-las como tais, quer por seus desejos pessoais, quer como produto de sua imaginação. Estabelecido este ponto, o Espiritismo apenas perderia se se deixasse distanciar de uma doutrina que desse mais que ele; nada teria a temer das que dessem menos e restringissem o que constitui sua força e sua principal atração.

Se o Espiritismo ainda não disse tudo, há, não obstante, uma certa soma de verdades adquiridas pela observação e que constituem a opinião da imensa maioria dos adeptos; e se essas verdades hoje passaram ao estado de fé, para nos servirmos de uma expressão empregada ironicamente por alguns, não foi por nós, nem por ninguém, nem mesmo por nossos Espíritos instrutores que assim foram postas e, menos ainda, impostas, mas pela adesão de todo o mundo, pois cada um é livre de as constatar.

Se, pois, se formasse uma seita em oposição às idéias consagradas pela experiência e geralmente admitidas em princípio, não poderia conquistar as simpatias da maioria, cujas convicções chocasse. Sua existência efêmera extinguir-se-ia com seu fundador, talvez mesmo antes ou, pelo menos, com os poucos adeptos que tivesse podido reunir. Suponhamos o Espiritismo dividido em dez, em vinte seitas: a que tiver a supremacia e mais vitalidade será

naturalmente a que dará maior soma de satisfações morais, que encherá o maior número de vazios da alma, que se fundará nas provas mais positivas, e que melhor se porá em uníssono com a opinião geral.

Ora, tomando como ponto de partida todos esses princípios na observação dos fatos, o Espiritismo não pode ser derrubado por uma teoria; mantendo-se constantemente no nível das idéias progressistas, não poderá ser ultrapassado; apoiando-se no sentimento da maioria, satisfaz as aspirações do maior número; fundado sobre essas bases, é imperecível, porque aí está a sua força.

Aí também está a causa do insucesso das tentativas feitas para lhe interporem obstáculos. No caso do Espiritismo há idéias profundamente antipáticas à opinião geral e esta as repele instintivamente. Construir sobre tais idéias, como ponto de apoio, um edifício ou esperanças quaisquer, é pendurar-se desastradamente em galhos podres. Eis a que estão reduzidos os que, não tendo podido derrubar o Espiritismo pela força, tentam derrubá-lo por si mesmo.

Necrológio

MORTE DO SR. DIDIER, LIVREIRO-EDITOR

O Espiritismo acaba de perder um de seus adeptos mais sinceros e dedicados, na pessoa do Sr. Didier, morto sábado, 2 de dezembro de 1865. Era membro da Sociedade Espírita de Paris desde a sua fundação em 1858 e, como se sabe, editor de nossas obras sobre a doutrina. Na véspera assistia à sessão da Sociedade, e no dia seguinte, às seis horas da tarde, morria subitamente numa estação de ônibus, a alguns passos de seu domicílio, onde, felizmente se achava um de seus amigos, que o mandou transportar para casa. Suas exéquias realizaram-se terça-feira, 5 de dezembro.

O *Petit Journal*, anunciando a sua morte, acrescentou: "Nestes últimos tempos, o Sr. Didier havia editado as obras do Sr. Allan Kardec e tinha-se tornado, *por polidez de editor*, ou por convicção, um adepto do Espiritismo."

Não pensamos que a mais requintada polidez obrigue um editor a esposar as opiniões de seus clientes, nem que deva tornar-se judeu, por exemplo, porque editasse as obras de um rabino. Tais restrições não são dignas de um escritor sério. Como qualquer outra, o Espiritismo é uma crença que conta mais de um livreiro em suas fileiras. Por que seria mais estranho que um livreiro fosse espírita do que católico, protestante, judeu, são-simonista, fourierista ou materialista? Quando, pois, os senhores livres-pensadores admitirão a liberdade de consciência para todo o mundo? Por acaso teriam eles a singular pretensão de explorar a intolerância em proveito próprio, depois de havê-la combatido nos outros? As opiniões espíritas do Sr. Didier eram conhecidas e ele jamais fez mistério, pois muitas vezes as discutia com os incrédulos. Sua convicção era profunda e de longa data, e não, como o supõe o autor do artigo, uma questão de circunstância ou uma polidez de editor. Mas é tão difícil a esses senhores, para quem a Doutrina Espírita está inteirinha no armário dos irmãos Davenport, concordar que um homem de notório valor intelectual creia nos Espíritos! Todavia, é preciso que se acostumem a essa idéia, pois há muitas outras que eles não imaginam e das quais não tardarão a ter a prova.

O *Grand Journal* o relata nestes termos:

"Morreu também o Sr. Didier, editor que publicou muitos livros, belos e bons, na sua modesta loja do quai des Grands-Augustins. Nestes últimos tempos o Sr. Didier era adepto – e o que mais vale ainda – um fervoroso editor de livros espíritas. O pobre homem deve saber agora o que pensar das doutrinas do Sr. Allan Kardec."

É triste ver que nem mesmo a morte é respeitada pelos senhores incrédulos, que perseguem com os seus deboches os mais honrados adeptos, inclusive no além-túmulo. O que, em vida, pensava o Sr. Didier da doutrina? Um fato lhe provava a impotência dos ataques de que ela é objeto: é que, no momento de sua morte, ele imprimia a 14ª edição de *O Livro dos Espíritos*. Que pensa ele agora? é que haverá grandes desapontamentos e mais de uma defecção entre os seus antagonistas.

O que poderíamos dizer nesta circunstância acha-se resumido na alocução seguinte, pronunciada na Sociedade de Paris, em sua sessão de 8 de dezembro.

Senhores e caros colegas,

Mais um dos nossos acaba de partir para a pátria celeste! Nosso colega, Sr. Didier, deixou na terra seus despojos mortais para revestir o envoltório dos Espíritos.

Embora desde muito tempo e por diversas vezes sua frágil saúde tenha posto sua vida em perigo, e conquanto para nós, espíritas, a idéia da morte nada tenha de assustadora, seu fim, chegado tão inopinadamente, no dia imediato ao em que assistia à nossa sessão, causou entre nós todos profunda emoção.

Há nesta morte, por assim dizer fulminante, um grande ensinamento, ou melhor, uma grande advertência: é que nossa vida se mantém por um fio, que pode romper-se quando menos esperamos, pois muitas vezes a morte chega sem avisar. Assim adverte os sobreviventes para que estejam sempre preparados para responder ao chamado do Senhor e prestar conta do emprego da vida que Ele nos deu.

Se bem que, pessoalmente, o Sr. Didier não tomasse parte muito ativa nos trabalhos da Sociedade, onde raramente usava da palavra, não deixava de ser um dos membros mais considerados,

por sua ancianidade como membro fundador, por sua assiduidade e, sobretudo, por sua posição, sua influência e os incontestáveis serviços que prestou à causa do Espiritismo, como propagador e como editor. As relações que mantive com ele durante sete anos permitiram-me apreciar a sua retidão, a sua lealdade e as suas capacidades especiais. Sem dúvida, como cada um de nós, tinha suas pequenas imperfeições, que não agradavam a todos, por vezes, mesmo, uma certa rudeza, com a qual era preciso familiarizar-se, mas que nada tirava de suas eminentes qualidades; e o mais belo elogio que se lhe pode fazer é dizer que, em negócios, podia-se ir com ele de olhos fechados.

Comerciante, devia encarar as coisas comercialmente, mas não o fazia com mesquinhez e parcimônia. Era grande, generoso, sem avareza nas suas operações; o atrativo do ganho não o teria levado a empreender uma publicação que não lhe conviesse, por mais vantajosa que fosse. Numa palavra, o Sr. Didier não era o negociante de livros, a calcular seu lucro centavo por centavo, mas o editor inteligente, justo apreciador, consciencioso e prudente, tal qual era preciso para fundar uma casa séria como a sua. Suas relações com o mundo culto, pelo qual era amado e estimado, tinham desenvolvido suas idéias e contribuído para dar à sua livraria acadêmica o caráter grave que dela fez uma casa de primeira ordem, menos pela cifra dos negócios do que pela especialidade das obras que explorava, e pela consideração comercial que, merecidamente, desfrutava há longos anos.

No que me concerne, congratulo-me por tê-lo encontrado em meu caminho, o que, sem dúvida, devo à assistência dos Espíritos bons; e digo com toda sinceridade que nele o Espiritismo perde um apoio e eu um editor, tanto mais precioso quanto, entrando perfeitamente no espírito da doutrina, tinha verdadeira satisfação em propagá-la.

Algumas pessoas ficaram surpresas porque não tomei da palavra em seu enterro. Os motivos de minha abstenção são muito simples.

Antes de mais, direi que a família, não me tendo manifestado desejo, eu não sabia se isto lhe seria ou não agradável. O Espiritismo, que aos outros censura impor-se, não deve incorrer na mesma condenação; jamais se impõe; espera que venham a ele.

Além disso, eu previa que a assistência seria numerosa e que, no número, se encontrariam muitas pessoas pouco simpáticas, ou mesmo hostis, às nossas crenças. Naquele momento solene, além de ter sido pouco conveniente vir chocar publicamente convicções contrárias, isto poderia fornecer aos nossos adversários um pretexto para novas agressões. Neste tempo de controvérsia, talvez tivesse sido uma ocasião de dar a conhecer a doutrina; mas não teria sido esquecer o piedoso motivo que nos reunia? Faltar com o devido respeito à memória daquele que acabávamos de saudar em sua partida? Era sobre um túmulo aberto que convinha contra-atacar? Havereis de convir, senhores, que o momento teria sido mal escolhido. O Espiritismo ganhará sempre mais com a estrita observação das conveniências do que perderá em deixar escapar uma ocasião de se mostrar. Ele sabe que não precisa de violência; visa ao coração: seus meios de sedução são a doçura, a consolação e a esperança; é por isto que encontra cúmplices até nas fileiras inimigas. Sua moderação e seu espírito conciliador nos põem em relevo *por contraste*; não percamos essa preciosa vantagem. Busquemos os corações aflitos, as almas atormentadas pela dúvida: seu número é grande; lá estarão os nossos mais úteis auxiliares; com eles faremos mais prosélitos do que com anúncios publicitários e encenações.

Sem dúvida eu poderia ter-me limitado a generalidades e fazer abstração do Espiritismo. Mas tal reticência, de minha parte, poderia ter sido interpretada como medo ou uma espécie de

negação dos nossos princípios. Em semelhante circunstância só posso falar sem rodeios ou calar-me; foi esse último partido que tomei. Se se tivesse tratado de um discurso comum e sobre um assunto banal, outra teria sido minha atitude. Mas aqui o que eu pudesse ter dito deveria ter um caráter especial.

Poderia ter-me ainda limitado à prece que se acha em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, pelos que acabam de deixar a Terra e que, em semelhantes casos, produz sempre uma sensação profunda. Mas aqui se apresentaria um outro inconveniente. O eclesiástico que acompanhou o corpo ao cemitério ficou até o fim da cerimônia, contrariamente aos hábitos ordinários; ouviu com redobrada atenção o discurso do Sr. Flammarion e talvez esperasse, em razão das opiniões muito conhecidas do Sr. Didier e de suas relações com o Espiritismo, por alguma manifestação mais explícita. Depois das preces que acabava de dizer e que, em sua alma e consciência eram suficientes, vir em sua presença dizer outras, que são toda uma profissão de fé, um resumo dos princípios que não são os seus, teria parecido uma bravata, que não está no espírito do Espiritismo. É possível que algumas pessoas não se tivessem contrariado vendo o efeito do conflito tácito que daí poderia resultar: era o que as simples conveniências me mandavam evitar. As preces que cada um de nós disse em particular, e que podemos dizer entre nós, serão tão proveitosas ao Sr. Didier, se ele as necessitar, quanto se tivessem sido feitas com ostentação.

Crede bem, senhores, que eu tenho no coração, tanto quanto qualquer outro, os interesses da doutrina e que, quando faço ou não faço uma coisa, é com madura reflexão e depois de ter pesado as conseqüências.

Nossa colega, Sra. R..., veio da parte de alguns assistentes solicitar-me que tomasse a palavra. Pessoas que não conhecia, acrescentou ela, acabavam de dizer-lhe que tinham vindo ao cemitério na expectativa de me ouvir. Sem dúvida era muito

lisonjeiro para mim, mas, da parte de tais pessoas, era enganar-se redondamente quanto ao meu caráter pensar que um excitante do amor-próprio pudesse animar-me a falar para satisfazer a curiosidade dos que tinham vindo por outro motivo que não o de render homenagem à memória do Sr. Didier. Por certo essas pessoas ignoram que, se me repugna impor-me, também não gosto de me exibir. É o que a Sra. R... lhes devia ter respondido, acrescentando que ela me conhecia e me estimava bastante para estar certa de que o desejo de me pôr em evidência não teria qualquer influência sobre mim.

Em outras circunstâncias, senhores, eu teria considerado um dever, teria ficado feliz ao prestar ao nosso colega um público testemunho de afeição em nome da Sociedade, representada em suas exéquias por um grande número de seus membros. Mas como os sentimentos estão mais no coração que na demonstração, sem dúvida cada um de nós já lho havia prestado do foro íntimo. Neste momento em que estamos reunidos, paguemos-lhe entre nós o tributo do nosso pesar, da estima e da simpatia que ele merece e esperemos que ele se digne voltar entre nós, como no passado, e continuar, como Espírito, a tarefa espírita que havia empreendido como homem.

Correspondência

CARTA DO SR. JAUBERT

"Eu vos peço, meu caro Sr. Kardec, inserir a carta seguinte no próximo número da vossa Revista. Certamente sou pouca coisa, mas, enfim, tenho a minha apreciação e a imponho à vossa modéstia. Por outro lado, quando se trava a batalha, quero provar que estou sempre em atividade, com minhas dragonas de lã."

Jaubert

Sem a obrigação que nos é imposta, em termos tão precisos, compreender-se-ão os motivos que nos teriam impedido de publicar esta carta. Nós nos teríamos contentado em conservá-la como um honroso e precioso testemunho e juntá-la às numerosas causas de satisfação moral que nos vêm sustentar e encorajar em nosso rude labor, e compensar as tribulações inseparáveis de nossa tarefa. Mas, por outro lado, posta de lado a questão pessoal, neste tempo de exaltação contra o Espiritismo, os exemplos de coragem de opinião são tanto mais influentes quando partem do mais alto. É útil que a voz dos homens de coração, dos que, por seu caráter, suas luzes e sua posição impõem respeito e confiança, se façam ouvir; e se ela não puder dominar os clamores, tais protestos não ficarão perdidos nem no presente nem no futuro.

Carcassonne, 12 de dezembro de 1865.

Senhor e caro mestre,

Não quero deixar findar o ano de 1865 sem lhe render graça por todo o bem que fez ao Espiritismo. Nós lhe devemos a *Pluralidade das existências da alma*, por André Pezzani; a *Pluralidade dos mundos habitados*, por Camille Flammarion: dois gêmeos que mal nascem e já dão passos tão largos no mundo filosófico.

Nós lhe devemos um livro, pequeno por suas páginas, mas grande por seus pensamentos; a simplicidade nervosa de seu estilo o disputa à severidade de sua lógica. Contém em germe a teologia do futuro; tem a calma da força e a força da verdade. Eu gostaria que o volume intitulado *O Céu e o Inferno* fosse editado aos milhões de exemplares. Perdoai-me este elogio: vivi muito para ser entusiasta e tenho horror à bajulação.

O ano de 1865 nos dá *Espírita*, novela fantástica. A literatura se decide a fazer invasão em nosso domínio. O autor não tirou do Espiritismo todos os ensinamentos que ele encerra. Põe em destaque a idéia capital, essencial: a demonstração da alma imortal pelos fenômenos. Os quadros do pintor me pareceram deslumbrantes; não posso resistir ao prazer de uma citação.

"*Espírita*, a amante de Guy de Malivert, ignorada na Terra, acaba de morrer. Ela mesma descreve suas primeiras sensações.

"O instinto da Natureza ainda lutava contra a destruição. Mas logo cessou essa luta inútil; e, num fraco suspiro, minha alma exalou-se de meus lábios.

"Palavras humanas não podem descrever a sensação de uma alma que, liberta de sua prisão corporal, passa desta à outra vida, do tempo à eternidade e do finito ao infinito. Meu corpo imóvel e já revestido dessa brancura mate, entregue à morte, jazia no leito fúnebre, cercado de religiosas em prece, e dele eu estava tão destacada quanto o pode estar a borboleta de sua crisálida, casulo vazio, despojo informe, para abrir suas jovens asas à luz desconhecida e subitamente revelada. A uma intermitência de sombra profunda havia sucedido um deslumbramento de esplendor, um alargamento de horizonte, um desaparecimento de todo limite e de todo obstáculo, que me inebriava de um júbilo indizível. Explosões de sentidos novos me faziam compreender os mistérios impenetráveis ao pensamento e aos órgãos terrestres. Desembaraçada dessa argila, submetida às leis da gravidade que até há pouco me tornavam mais pesada, eu me lançava com uma celeridade louca no éter insondável. As distâncias não existiam mais para mim e meu simples desejo me levava onde eu queria estar. Traçava grandes círculos, num vôo mais rápido que a luz, através do azul indefinido dos espaços, como se quisesse me apossar da imensidade, cruzando com uma multidão de almas e de Espíritos."

E a tela se desenrola sempre mais esplêndida. Ignoro se, no fundo da alma, o Sr. Théophile Gautier é espírita; mas, com certeza, ele serve aos materialistas, aos descrentes a bebida salutar em taças de ouro magnificamente cinzeladas.

Eu ainda bendigo o ano de 1865 pelas grandes cóleras que ele encerrava em seus flancos. Ninguém se engane com isto: os

irmãos Davenport são menos causa do que pretexto para a cruzada. Soldados de todos os uniformes apontaram contra nós os seus canhões. Que provaram, então? A força e a resistência da cidadela sitiada. Conheço um jornal do sul muito propalado, muito estimado que, com todo o direito, enterra o Espiritismo uma vez por mês, e isto há bastante tempo; conseqüentemente, o Espiritismo ressuscita pelo menos doze vezes por ano. Vereis que eles o tornarão imortal de tanto o matar.

Agora não tenho mais senão os meus votos de Ano-Novo. Os primeiros são para vós, senhor e caro mestre, pela vossa felicidade, pela vossa obra tão valentemente empreendida e tão dignamente perseguida.

Faço votos pela união íntima de todos os espíritas. Vi com pesar algumas nuvens leves caindo em nosso horizonte. Quem nos amará se não nos soubermos amar? Como dizeis muito bem no último número de vossa *Revista*: *"Quem quer que creia na existência e na sobrevivência das almas, e na possibilidade das relações entre os homens e o mundo espiritual, é espírita."* Que esta definição permaneça, e sobre este terreno sólido estaremos sempre de acordo. E agora, se detalhes da doutrina, mesmo importantes, por vezes nos dividem, discutamo-los, não como fratricidas, mas como homens que só têm um objetivo: o triunfo da razão e, pela razão, a busca do verdadeiro e do belo, o progresso da Ciência, a ventura da Humanidade.

Ficam os meus mais ardentes votos, os mais sinceros; eu os dirijo a todos os que se dizem nossos inimigos: que Deus os ilumine!

Adeus, senhor; recebei para vós e para todos os nossos irmãos de Paris a certeza de meus sentimentos afetuosos e de minha distinta consideração.

T. Jaubert,
Vice-Presidente do Tribunal

Qualquer comentário sobre esta carta seria supérfluo; apenas acrescentaremos uma palavra: é que homens como o Sr. Jaubert honram a bandeira que carregam. Sua apreciação tão judiciosa sobre a obra do Sr. Théophile Gautier nos dispensa do relato que dela nos propúnhamos fazer este mês. Nós a lembraremos no próximo número.

A Jovem Cataléptica da Suábia

ESTUDO PSICOLÓGICO

Sob o título de *Segunda vista*, vários jornais reproduziram o seguinte fato, entre outros o *Patrie* de 26 e o *Evénement* de 28 de novembro.

"Espera-se em Paris a chegada próxima de uma jovem, originária da Suábia, cujo estado mental apresenta fenômenos que deixam muito longe as trapaças dos irmãos Davenport e outros espíritas.

"Com dezesseis anos e meio, Louise B... mora com seus pais, proprietários-cultivadores no lugar chamado Bondru (Seine-et-Marne), onde se estabeleceram depois de haver deixado a Alemanha.

"Em conseqüência de violento pesar, causado pela morte de sua irmã, Louise caiu num sono letárgico, que durou cinqüenta e seis horas. Após esse lapso de tempo despertou, não para a vida real e normal, mas para uma existência estranha, que se resume nos fenômenos seguintes:

"Louise perdeu subitamente a sua vivacidade e a sua alegria, embora sem sofrer, mas caindo numa espécie de beatitude, que se alia à mais profunda calma. Durante o dia inteiro fica imóvel numa cadeira, respondendo apenas por monossílabos às perguntas

que lhe são feitas. Chegada a noite, cai num estado cataléptico, caracterizado pela rigidez dos membros e a fixidez do olhar.

"Neste momento as faculdades e os sentidos da jovem adquirem uma sensibilidade e um alcance que ultrapassam os limites fixados ao poder humano. Não somente ela possui o dom da segunda vista, mas também o da segunda audição, isto é, ouve palavras proferidas perto de si, como as que são pronunciadas num local mais ou menos afastado, para o qual concentra sua atenção.

"Nas mãos da cataléptica, cada objeto adquire para ela uma imagem dupla. Como todo mundo, tem o sentimento da forma e da aparência exterior do objeto; além disso, vê distintamente a representação de seu interior, isto é, o conjunto das propriedades que possui e os usos a que se destina na ordem da criação.

"Num grande número de plantas, de amostras metálicas e mineralógicas, submetidas à sua inconsciente apreciação, assinalou virtudes latentes e inexploradas, que reportam o pensamento às descobertas dos alquimistas da Idade Média.

"Louise experimenta efeito análogo em relação ao aspecto das pessoas com as quais entra em comunicação pelo contato das mãos. Ela as vê ao mesmo tempo tais quais são e tais quais foram em idade menos avançada. Os sinais de envelhecimento e de doença desaparecem aos seus olhos e, se alguém perdeu algum membro, para ela é como se ainda subsistisse.

"A jovem camponesa pretende que, protegida contra todas as modificações da ação vital exterior, *a forma corporal continua integralmente reproduzida pelo fluido nervoso.*

"Transportada a lugares onde se acham túmulos, Louise vê e descreve da maneira que acabamos de referir, as pessoas cujos despojos foram confiados à terra. Então sofre espasmos e crises

nervosas, do mesmo modo que quando se aproxima dos locais onde existem água e metais, seja qual for a profundidade do solo em que se encontrem.

"Quando a jovem Louise passa da vida ordinária a esse modo de vida, que se pode chamar superior, parece que um espesso véu cai de seus olhos.

"Para ela a Criação, explicada de maneira nova, representa objeto de inexaurível admiração e, embora iletrada encontra, para exprimir seu entusiasmo, comparações e imagens verdadeiramente poéticas.

"Nenhuma preocupação religiosa se mistura a essas impressões. Os pais, longe de achar nesses fenômenos insólitos motivo de especulação, ocultam-nos com o maior cuidado. Se se decidem a trazer, sem ruído, a mocinha a Paris, é porque essa superexcitação constante do sistema nervoso exerce sobre seus órgãos uma influência destrutiva e ela definha a olhos vistos. Os médicos que dela cuidam opinaram que a levassem à capital, tanto para reclamar o auxílio dos mestres na arte de curar, quanto para submeter à Ciência fatos que escapam da esfera ordinária de suas investigações, e cuja explicação ainda não foi encontrada."

Diz o autor do artigo que os fenômenos apresentados por essa jovem deixam muito longe as trapaças dos irmãos Davenport e outros espíritas. Se esses fenômenos são reais, que relações podem ter com malabarismos? Por que essa comparação entre coisas desiguais, e dizer que uma ultrapassa a outra? Com intenção de lançar uma pequena maldade contra o Espiritismo, o autor anuncia, sem o querer, uma grande verdade, em apoio do que quer denegrir; proclama um fato essencialmente espírita, que o Espiritismo reconhece e aceita como tal, ao passo que jamais tomou os Srs. Davenport sob seu patrocínio e, ainda menos, os apresentou como adeptos e apóstolos. É o que esses senhores

jornalistas saberiam, se tivessem levado em conta os inúmeros protestos que lhes chegaram de toda parte contra a assimilação que pretenderam estabelecer entre uma doutrina essencialmente moral e filosófica e exibições teatrais.

A explicação desse fenômeno, dizem, ainda não foi dada pela ciência oficial; isto é certo. Mas, para a ciência espírita, há muito tempo isto não é mais mistério. Contudo, não faltam meios de esclarecer. Os casos de catalepsia, de dupla vista e de sonambulismo natural, com as estranhas faculdades que se desenvolvem nesses diversos estados, não são raros. Por que a Ciência ainda está à procura de sua explicação? É que a Ciência se obstina em buscá-la onde não está, onde jamais a encontrará: nas propriedades da matéria.

Eis um homem que vive: pensa, raciocina; um segundo depois morre; não dá mais nenhum sinal de inteligência. Então havia nele, enquanto pensava, algo que já não existe, pois não pensa mais. O que pensava nele? Dizeis que é a matéria. Mas a matéria continua sempre lá, intacta, sem uma parcela a menos. Por que, então, pensava há poucos instantes e agora não pensa mais? – É porque está desorganizada; sem dúvida as moléculas se desagregaram; talvez se tenha rompido uma fibra; um nada se desarranjou e o movimento intelectual parou. – Eis assim o gênio, as maiores concepções humanas à mercê de uma fibra, de um átomo imperceptível, e perdidos os esforços de toda uma vida de labor! De todo esse mobiliário intelectual, adquirido a duras penas, nada resta; a mais vasta inteligência não passa de pêndulo bem montado que, uma vez deslocado, só serve como ferro velho! É pouco lógico e pouco encorajador; com tal perspectiva, sem dúvida seria melhor cuidar apenas de comer e beber. Mas, enfim, é um sistema.

Segundo vós, a alma é apenas uma hipótese. Mas essa hipótese não se torna realidade em casos análogos ao da jovem em

questão? Aqui a alma se mostra a descoberto; não a percebeis, mas a vedes pensar e agir isoladamente do envoltório material; transporta-se para longe; vê e ouve, apesar do estado de insensibilidade dos órgãos. Pode-se explicar só pelos órgãos fenômenos que se passam fora de sua esfera de ação? E nisto não está a prova da independência da alma? Como, pois, não reconhecê-la por sinais tão evidentes? É que, para isto, seria preciso admitir a intervenção da alma nos fenômenos patológicos e fisiológicos, que, assim, deixariam de ser exclusivamente materiais. Ora, como reconhecer um elemento espiritual nos fenômenos da vida, quando, constantemente, se tem dito o contrário? É o que não podem decidir, pois seria preciso admitir que se haviam enganado; e é duro, para certos amores-próprios, receberem um desmentido da própria alma que negaram. Assim, desde que ela se mostra em qualquer parte com muita evidência, logo se apressam em cobri-la com um alqueire e não se ouve mais falar no assunto. Assim sucedeu com o hipnotismo e tantas outras coisas. Queira Deus que assim não aconteça com Louise B... Para liquidar a questão, dizem que esses fenômenos são ilusões, e que seus promotores são loucos ou charlatães.

Tais são as razões que fizeram negligenciar o estudo tão interessante e tão fecundo em resultados morais dos fenômenos psico-fisiológicos; tal é, também, a causa da repulsa do materialismo pelo Espiritismo, que repousa inteiramente nas manifestações ostensivas da alma, durante a vida e depois da morte.

Mas, dirão, o partido religioso, fustigado pelo materialismo, deve acolher com ardor os fenômenos que vêm derrubar a incredulidade pela evidência. Por que, então, em vez de os transformar em arma, os repele? É que a alma é uma indiscreta, que vem apresentar-se em condições muito diversas do estado em que no-la mostram, e sobre o qual construíram todo um sistema; teriam de voltar a crenças que dizem imutáveis; depois ela vê bem claro; assim, era preciso interditar-lhe a palavra. Mas não contaram

com a sua sutileza: ela não pode ser encerrada como um pássaro numa gaiola; se lhe fecham uma porta, ela abre mil outras. Hoje ela se faz ouvir em toda parte, para dizer de um a outro extremo do mundo: eis o que somos. Muito hábeis serão os que a impedirem.

Voltemos ao nosso assunto. A jovem em questão oferece o fenômeno, muito comum em casos semelhantes, da extensão das faculdades. Essa extensão, diz o artigo, atinge um alcance que ultrapassa os limites fixados ao poder humano. Deve-se distinguir aqui duas ordens de faculdades: as faculdades perceptivas, isto é, a visão e a audição, e as faculdades intelectuais. As primeiras são postas em atividade pelos agentes exteriores, cuja ação repercute no interior; as segundas constituem o pensamento que irradia do interior para o exterior. Inicialmente falemos das primeiras.

No estado normal, a alma percebe por intermédio dos sentidos. Aqui a jovem percebe o que está fora do alcance da vista e do ouvido; vê no interior das coisas, penetra os corpos opacos, descreve o que se passa longe; portanto, vê de outro modo que não pelos olhos e ouve de outra forma que não pelo ouvido, e isto num estado em que o organismo é acometido de insensibilidade. Se se tratasse de um fato único, excepcional, poder-se-ia atribui-lo a um capricho da Natureza, a uma espécie de monstruosidade; mas é muito comum. Mostra-se de maneira independente, embora em graus diferentes, na maior parte dos casos de catalepsia, na letargia, no sonambulismo natural e artificial, e mesmo em numerosos indivíduos que têm todas as aparências de estado normal. Produz-se, pois, em virtude de uma lei. Como a Ciência, que leva suas investigações ao movimento de atração do mais insignificante grão de poeira, tenha negligenciado um fato tão capital?

O desenvolvimento das faculdades intelectuais é ainda mais extraordinário. Eis uma jovem, uma camponesa analfabeta, que não só se exprime com elegância, com poesia, mas em quem se

revelam conhecimentos científicos sobre coisas que não aprendeu e – circunstância não menos singular – isto ocorre num estado particular, ao sair do qual tudo é esquecido: volta a ser tão ignorante quanto antes. Entrando no estado extático, a lembrança lhe volta com as mesmas faculdades e os mesmos conhecimentos; para ela são duas existências distintas.

Se, conforme a escola materialista, são produto direto dos órgãos; se, para nos servirmos da expressão desta escola, "o cérebro secreta o pensamento, como o fígado secreta a bile", então também secreta *conhecimentos acabados*, sem o concurso de um professor. É uma propriedade que ainda não se conhecia nesse órgão. Nessa mesma hipótese, como explicar esse desenvolvimento intelectual extraordinário, essas faculdades transcendentes, alternadamente possuídas, perdidas e recobradas quase instantaneamente, enquanto o cérebro é sempre o mesmo? Não está aí a prova patente da dualidade do homem, da separação do princípio material e do princípio espiritual?

Aí, nada ainda de excepcional: esse fenômeno é tão comum quanto o da extensão da visão e da audição. Como este último, depende, pois, de uma lei. São essas leis que o Espiritismo procurou e a observação lhe deu a conhecer.

A alma é o ser inteligente; nela está a sede de todas as percepções e de todas as sensações; ela sente e pensa por si mesma; é individual, distinta, perfectível, preexistente e sobrevivente ao corpo. O corpo é o seu invólucro material: é o instrumento de suas relações com o mundo visível. Durante sua união com o corpo, ela percebe por meio dos sentidos, transmite seu pensamento com a ajuda do cérebro; separada do corpo, percebe diretamente e pensa mais livremente. Tendo os sentidos um alcance circunscrito, as percepções recebidas por seu intermédio são limitadas e, de certo modo, amortecidas; recebidas sem intermediário, são indefinidas e de uma sutileza surpreendente, porque ultrapassa, não a força

humana, mas todos os produtos de nossos meios materiais. Pela mesma razão, o pensamento transmitido pelo cérebro se peneira, a bem dizer, através desse órgão. A grosseria e os defeitos do instrumento a paralisam e em parte a abafam, como certos corpos transparentes absorvem uma parte da luz que os atravessa. Obrigada a servir-se do cérebro, a alma é como um músico muito bom, diante de um instrumento imperfeito. Livre desse incômodo auxiliar, desdobra todas as suas faculdades.

Tal é a alma durante a vida e depois da morte. Para ela há, portanto, dois estados: o de encarnação ou de constrangimento, e o de desencarnação ou de liberdade; em outras palavras: o da vida corporal e o da vida espiritual. A vida espiritual é a vida normal, permanente da alma; a vida corporal é transitória e passageira.

Durante a vida corporal, a alma não sofre constantemente o constrangimento do corpo, e aí está a chave dos fenômenos físicos, que só nos parecem estranhos porque nos transportam para fora da esfera habitual de nossas observações. Qualificaram-nos de sobrenaturais, embora, na realidade, estejam submetidos a leis perfeitamente naturais, porque essas leis nos eram desconhecidas. Hoje, graças ao Espiritismo, que deu a conhecer essas leis, desapareceu o maravilhoso.

Durante a vida exterior de relação, o corpo necessita de sua alma ou Espírito por guia, a fim de o dirigir no mundo; mas nos momentos de inatividade do corpo, a presença da alma não é mais necessária; dele se desprende, sem, contudo, deixar de a ele se prender por um laço fluídico, que a ele o chama, tão logo se fizer necessária a sua presença. Nesses momentos recobra parcialmente a liberdade de agir e de pensar, da qual só desfrutará completamente depois da morte do corpo, quando deste estará completamente separada. Esta situação foi espiritualmente e muito veridicamente descrita pelo Espírito de uma pessoa viva, que se comparava a um balão cativo, e por um outro, o Espírito de um

idiota vivo, que dizia ser como um pássaro, amarrado pela pata. (*Revista Espírita*, junho de 1860).

Esse estado, que chamamos *emancipação da alma*, ocorre normalmente e periodicamente durante o sono. Só o corpo repousa para recuperar as perdas materiais; mas o Espírito, que nada perdeu, aproveita essa pequena trégua para se transportar para onde queira. Além disso, tal estado também ocorre toda vez que uma causa patológica, ou simplesmente fisiológica, produz a inatividade total ou parcial dos órgãos da sensação e da locomoção. É o que se passa na catalepsia, na letargia, no sonambulismo. O desprendimento ou, se se quiser, a liberdade da alma, é tanto maior quanto mais absoluta a inércia do corpo. É por essa razão que o fenômeno adquire seu maior desenvolvimento na catalepsia e na letargia. Nesse estado, a alma não percebe mais pelos sentidos materiais, mas, se assim nos podemos exprimir, pelo *sentido psíquico*; é por isso que suas percepções ultrapassam os limites ordinários; seu pensamento age sem a intercessão do cérebro, razão por que desdobra faculdades mais transcendentes que no estado normal. Tal é a situação da jovem B...; também ela diz, e com razão, que "quando passa da vida ordinária a esse modo de vida superior, parece-lhe que um espesso véu cai de seus olhos." Tal é, também, a causa do fenômeno da *segunda vista*, que não é senão a visão direta pela alma; da visão a distância, que resulta do transporte da alma ao lugar que ela descreve; da lucidez sonambúlica, etc.

"Quando Louise B... vê pessoas vivas, os sinais de envelhecimento desaparecem, e se alguém perdeu algum membro, para ela é como se ainda subsistisse; a forma corporal continua integralmente *reproduzida pelo fluido nervoso*." Se ela visse simplesmente o corpo, vê-lo-ia tal qual é; o que ela vê é o envoltório fluídico; o corpo material pode ser amputado: o perispírito não o é; o que aqui se designa por *fluido nervoso* não é senão o *fluido perispiritual*.

Ela vê também os que estão mortos; então lhes resta alguma coisa. Que vê ela? Não pode ser o corpo, que não mais existe; no entanto, os vê com uma forma humana, a que possuíam em vida. O que ela vê é a alma, revestida de seu corpo fluídico ou perispírito. Portanto, as almas sobrevivem ao corpo e, assim, não são seres abstratos, centelhas, chamas, sopros perdidos na imensidade do reservatório comum, mas seres reais, distintos, circunscritos, individuais. Se tanto vê os mortos como os vivos, é porque os vivos têm, como os mortos, o mesmo corpo fluídico imperecível, ao passo que o grosseiro envoltório material se dissolve com a morte. Ela não vê almas perdidas nas profundezas infinitas do espaço, mas em meio a nós, o que prova a existência do mundo invisível que nos rodeia, e em cujo meio vivemos sem o suspeitar.

Tais revelações não levam a refletir seriamente? Quem pôde dar tais idéias a essa moça? A leitura de obras espíritas? Mas ela não sabe ler. A convivência com os espíritas? Ela nunca ouviu falar deles. É, pois, espontaneamente que ela descreve todas essas coisas. É produto de sua imaginação? Mas ela não é a única: milhares de videntes disseram e dizem a mesma coisa todos os dias, o que a Ciência nem desconfia. Ora, é desse concurso universal de observações que o Espiritismo deduziu a teoria.

Em vão a Ciência buscará a solução desses fenômenos, enquanto fizer abstração do elemento espiritual, pois aqui está a chave de todos esses pretensos mistérios. Que ela admita, ainda que a título de hipótese, e tudo se explicará sem dificuldade.

Observações desta natureza, sobre pacientes como Louise B..., exigem muito tato e prudência. Não se deve perder de vista que, nesse estado de excessiva susceptibilidade, a menor comoção pode ser funesta; a alma, feliz por estar desprendida do corpo, a este se prende apenas por um fio, que um nada pode romper para sempre. Em casos semelhantes, experiências feitas sem cautela podem *matar*.

Poesias Espíritas

ALFRED DE MUSSET

O Sr. Timothée Trimm publicou, no *Petit Journal* de 23 de outubro de 1865, estrofes que um de seus amigos lhe havia ofertado, como tendo sido ditadas mediunicamente por Alfred de Musset a uma senhora de seu conhecimento, porque a loucura do Espiritismo ganha até os amigos desses senhores, que não ousam publicamente mandá-los para o hospício, sobretudo quando esses amigos são, como no caso, homens de notória inteligência, postos à testa da alta indústria artística. Sem dúvida em atenção a esse amigo, ele não denegriu tanto a procedência desses versos; contentou-se em os enquadrar numa fantasiosa encenação semiburlesca. Entre outras coisas dizia:

"Nada invento; constato. Num castelo dos arredores de Paris, mandaram vir o autor de *Kolla* e de *A taça e os lábios*... a uma mesa. Pediram versos!!!... inéditos. Um secretário espírita sentou-se à carteira encantada; diz ter escrito sob o ditado de um imortal... e eis o que mostrou à assistência."

Na verdade, esses versos não foram obtidos num castelo dos arredores de Paris, nem por uma mesa, mas pela escrita ordinária; também não haviam chamado Alfred de Musset. Aos olhos do escritor, a idéia de trazer o poeta a uma mesa tinha, sem dúvida, algo de mais trivial em relação ao Espiritismo. Eis como as coisas se passaram.

A Sra. X... é uma mulher do mundo, instruída como todas as que receberam educação, mas absolutamente não é poetisa. É dotada de poderosa faculdade mediúnica, psicográfica e vidente e, em muitas ocasiões, deu provas irrecusáveis da identidade dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio. Tendo ido passar a bela estação com o marido, também fervoroso espírita, num chalezinho em meio às dunas do Departamento do

Nord, uma noite se achava em seu balcão, sob magnífico luar, contemplando a abóbada celeste e a vasta extensão das dunas, num solene silêncio, que só era interrompido pelos ladridos do cão da casa, circunstância a notar, porque dão aos versos um cunho de atualidade. De repente ela se sentiu agitada, como que envolvida por um fluido e, sem desígnio premeditado, foi levada a tomar de uma pena; escreveu de um jacto, sem rasura nem hesitação, em alguns minutos, os versos em questão, com a assinatura de Alfred de Musset, no qual absolutamente não pensava. Nós os reproduzimos na íntegra. Era 1º de setembro de 1865.

Pobre Espírito, eis-te aí, assim,
Contemplando o dia e a noite, enfim,
A triste duna,
Não tendo pra te desenfadar,
Senão esse cão que vem uivar
À luz da *luna*.

Quando te vejo só e agitada,
Erguer para a abóbada estrelada
Úmido olhar,
Os tristes dias vêm-me à lembrança
Que eu maldizia sem esperança
De algo encontrar.

Tal quanto em ti, sofrendo estou certo,
Em chama neste imenso deserto
Meu coração;
Como pérola do mar no fundo,
Um grito d'alma por todo o mundo
Busquei em vão.

Para a minha cabeça esfriar,
Sob o céu da Itália a viajar
Vivo em seguida;
Têm-me visto Florença e Veneza,
Entre moças de colo em nueza,
Encher a vida.

Por vezes o fraco pescador
Em me vendo, qual criança, de dor,
Chorar na praia,
E parando, cheio de piedade,
Esquecer as redes que à metade
O mar espraia.

Pobre menino, vem até nós;
Pondo-o em seus joelhos com terna voz
Lhe estanca o choro,
Te levaremos a teu passeio
Nas *terras* plenas de bom recreio
Lá onde eu moro.

Se nestes versos pra ti assim,
Ainda preso e apesar de mim
Esta feitura,
É para sábios que zombam fundo,
Trazer de minh'alma do outro mundo,
A assinatura.

Alfred de Musset

Publicando esses versos, o *Petit Journal* fez várias alterações que lhes desnaturam o sentido e se prestam ao ridículo. Na primeira estrofe, 6º verso, em vez de: *Au clair* ***de*** *lune*, ele pôs: *Au clair* ***de la*** *lune*, o que estropia o verso e o torna grotesco.

A segunda estrofe foi suprimida, o que rompe o encadeamento da idéia.

Na terceira, 2º verso, em vez de: ***Ce*** *grand désert*, que pinta a localidade, pôs: ***Le*** *grand désert*.

Na sexta, 5º verso, em vez de: *Dans les* ***terres*** *pleines d'amour*, que tem sentido, pôs: *Dans les* ***serres*** *pleines d'amour*, que não o tem.

Tendo sido pedidas essas retificações, é lamentável que o *Petit Journal* se tenha recusado a inseri-las. Entretanto, o autor do artigo disse: "Nada invento; constato."

A propósito do romance do Sr. Théophile Gautier, intitulado *Espírita*, o mesmo Espírito ditou ao médium as estrofes seguintes, no dia 2 de dezembro de 1865:

Eis-me aqui outra vez. Embora ter, Senhora,
Jurado aos deuses que não rimaria mais.
É muito triste ofício o que imprimir faz
As obras de um autor que vem do além agora.

Fui para longe de vós, mas, Espírito afável
Arrisca-se a falar de nós com almo sorriso.
Eu penso que ele sabe além do que é preciso,
E que tenha encontrado a sua alma agradável.

Uma alma do outro mundo! É estranho realmente;
Eu mesmo já me ri quando aí me encontrava;
Porém ao informar que não acreditava,
Teria a me salvar um anjo clemente.

Que amado eu o teria, à noite, na janela,
Apoiada na mão a fronte em palidez,
Quando a sondar, em pranto, esse *grande talvez*,
Do espaço a percorrer a fúlgida aquarela!

Amigos, que esperais de um século sem crença?
Quando espremerdes pois vosso mais belo fruto,
O homem sempre achará seu tumular reduto
Se, para o sustentar, a esperança é indefensa.

Mas meus versos, dirão, para eles não são.
Que me importa, aliás, a censura é vulgar!
Disso quando era vivo, eu não quis me ocupar;
Hoje, eu riria, enfim, com mais forte razão.

Alfred de Musset

Eis a opinião sobre estes versos de um dos redatores do *Monde illustré*, Sr. Júnior, que não é espírita. (Vide o *Monde illustré* de 16 de dezembro de 1865).

"O Sr. T. Gautier recebeu de uma senhora uma poesia assinada por Alfred de Musset, e que se poderia intitular: *A uma dama espírita, que me havia pedido versos para o seu álbum*. Evidentemente aquela dama pretendia, já que se trata de Espiritismo, de ter sido a intermediária, o médium obediente, cuja mão traçou os versos, ditados por Alfred de Musset, morto já há alguns anos.

"Até aí tudo muito simples, porque, desde que se perscruta o infinito, todos os que acreditam no Espiritismo se voltam para vós e vos inundam de comunicações mais ou menos interessantes. Mas os versos assinados por Musset são tais que, aquele ou aquela que os traçou é um poeta de primeira ordem. É o jeito de Musset, sua linguagem encantadora, sua desenvoltura de cavalheiro, seu charme e seu estilo gracioso. Não é excessivo como o pastiche, não é intencional nem forçado; e se pensais que um mestre como T. Gautier se engana, é preciso que o quadro seja admiravelmente imitado. O lado curioso é que o honrado Sr. Charpentier, editor das obras completas de Musset, ao qual mandaram ler esses versos encantadores, que espero em breve vos comunicar, pôs-se a gritar: 'Pega o ladrão!'

"Por certo presumis que não creio numa só palavra de tudo quanto narram os Allan Kardec e os Delaage, mas isto me perturba e me irrita; vejo-me constrangido a supor que esses versos são inéditos, são do poeta das *Noites* – o que é muito admissível, porque, enfim, sob que pretexto a dama em questão teria estes versos em sua gaveta? – ou então um poeta legítimo teria inventado esta mistificação, e os poetas não perdem assim as suas cópias. Qual, então, a solução possível? – Ouço daqui um homem *prático* dizer-me: 'Meu caro senhor, quereis uma solução? Ela está em

vossa imaginação, que exagera o alcance e a excelência desses versos; eles são bonitos e nada mais; e o primeiro médium um pouco pedante que conhece bem o seu Musset, fará outro tanto."

Senhor homem prático, tendes razão; isto ocorre em noventa e nove por cento dos casos. Mas se soubésseis a que ponto tenho o sangue-frio! Li esses versos, mas ainda não lhos posso mostrar; li, reli ainda, e garanto que o próprio Gautier, o grande lingüista, o grande escultor do *Poema da mulher*, não faria melhor Musset que este."

Observação – Há uma circunstância que o autor não leva em conta, e que tira toda possibilidade de que tais versos tenham sido feitos por Musset em vida: são as atualidades e as alusões às coisas presentes. Quanto ao médium, nem é poetisa, nem mulher pedante e, além disso, sua posição no mundo afasta qualquer suspeita de fraude.

O Espiritismo tem Lugar Reservado na Filosofia e nos Conhecimentos Usuais

Neste momento publica-se importante obra que interessa à Doutrina Espírita no mais alto grau, e cuja análise do seu prospecto nos fará melhor conhecê-la.

"**Novo Dicionário Universal**, panteão literário e enciclopédia ilustrada, por *Maurice Lachâtre*, com o concurso de cientistas, artistas e escritores, conforme os trabalhos de *Allan Kardec, Ampère, Andral, Arago, Audouin, Balbi, Becquerel, Berzelius, Biot, Brongnard, Burnouf, Chateaubriand, Cuvier, Flourens, Gay-Lussac, Guizot, Humboldt, Lamartine, Lamennais, Laplace, Magendie, Michelet, Ch. Nodier, Orfila, Payen, Raspail, de Sacy, J. B. Say, Thiers, etc., etc.*

Dois magníficos volumes in-4º grande, de três colunas, ilustrados com vinte mil figuras, gravadas em madeira, intercaladas no texto. – Dois fascículos semanais, de 10 centavos cada. – Cada fascículo contém 95.768 letras, isto é, matéria da metade de um volume in-8º. A obra contém 200 fascículos por volume e não custará mais que 40 francos. Esta obra, o mais gigantesco empreendimento literário de nossa época, contém a análise de mais de 400.000 obras, e pode ser considerada, com justiça, como o mais vasto repertório de conhecimentos humanos. O *Novo Dicionário Universal* é o mais exato, o mais completo e o mais progressivo de todos os dicionários, o único que abarca em seus desenvolvimentos todos os dicionários especiais da língua usual, da linguagem poética, dos sinônimos, da linguagem antiga, das dificuldades gramaticais, da teologia, das religiões, seitas e heresias, das festas e cerimônias de todos os povos, da mitologia, do magnetismo, do Espiritismo, das doutrinas filosóficas e sociais, da história da biografia, das ciências, da Física, da Química, da História natural, da Astronomia, das invenções, da Medicina, da Geografia, da marinha, da jurisprudência, da economia política, da franco-maçonaria, da agricultura, do comércio, da economia doméstica, do governo doméstico, etc., etc. – Paris, *Docks de la librairie*, boulevard Sébastopol."

Esta obra conta no momento vinte mil subscritores.

Devemos fazer notar, inicialmente, que se o nosso nome se acha à testa dos autores, cujas obras foram consultadas, foi a ordem alfabética que assim o quis, e não a preeminência.

Todos os termos especiais do vocabulário espírita se acham nesse vasto repertório, não como uma simples definição, mas com todos os desenvolvimentos que comportam, de sorte que seu conjunto formará um verdadeiro tratado do Espiritismo. Além disso, toda vez que uma palavra possa levar a uma dedução filosófica, a idéia espírita é cotejada, como ponto de comparação.

Concebida num espírito de imparcialidade, a obra não apresenta a idéia espírita, nem qualquer outra, como verdade absoluta; deixa livre o leitor para aceitá-la ou rejeitá-la, mas dá a este os meios de apreciá-la, apresentando-a com escrupulosa exatidão, e não truncada, alterada ou prejulgada. Limita-se a dizer: sobre tal ponto uns pensam de tal maneira; o Espiritismo o explica de outro modo.

Um dicionário não é um tratado especial sobre uma matéria, no qual o autor desenvolve sua opinião pessoal; é uma obra de pesquisas, destinado a ser consultado, e que se dirige a todas as opiniões. Se aí se procura uma palavra, é para saber o que realmente significa e não para ter a apreciação do redator, que pode ser justa ou falsa. Um judeu e um muçulmano devem nele encontrar a idéia judaica ou muçulmana reproduzida exatamente, o que não implica em esposar essa idéia. O dicionário não tem de decidir se ela é boa ou má, absurda ou racional, porque o que é aprovado por uns, pode ser censurado por outros; apresentando-a na sua integralidade, não lhe assume a responsabilidade. Se se tratar de uma questão científica, que divide os sábios, por exemplo, da homeopatia e da alopatia, ele tem por missão dar a conhecer os dois sistemas, mas não preconizar um em detrimento do outro. Tal deve ser o caráter de um dicionário *enciclopédico*; só nesta condição deve ser consultado com proveito, em todos os tempos e por todo o mundo. Com a universalidade ele adquire a perpetuidade.

Tal é, e tal deveria ser o sentimento que presidiu a parte que concerne ao Espiritismo. Que os críticos emitam sua opinião em obras especiais, nada melhor; é seu direito. Mas um dicionário é um terreno neutro, onde cada coisa deve ser apresentada sob suas verdadeiras cores, e onde se deve poder colher toda espécie de informações, com a certeza de aí encontrar a verdade.

Em tais condições, tendo o Espiritismo achado lugar numa obra tão importante e tão popular quanto o *Novo Dicionário Universal*, tem lugar reservado entre as doutrinas filosóficas e os

conhecimentos habituais; seu vocabulário, já aceito pelo uso, recebeu sua consagração e, doravante, nenhuma obra do mesmo gênero poderá omiti-lo sem ser incompleto. Aí está ainda uma das produções do ano de 1865, que o Sr. vice-presidente Jaubert esqueceu de mencionar na sua lista de resultados deste ano.

Corroborando as observações acima, e como amostra da maneira pela qual as questões espíritas são tratadas nesta obra, citaremos a explicação que se acha no verbete **alma**. Depois de haver desenvolvido longamente, imparcialmente as diferentes teorias da alma, segundo Aristóteles, Platão, Leibniz, Descartes e outros filósofos, que não podemos reproduzir por causa de sua extensão, o artigo termina assim:

"**Conforme a Doutrina Espírita**, a alma é o princípio inteligente que anima os seres da Criação e lhes dá o pensamento, a vontade e a liberdade de agir. Ela é imaterial; individual e imortal; mas sua essência íntima é desconhecida; não a podemos conceber de modo algum isolada da matéria, senão como uma abstração. Unida ao envoltório fluídico etéreo ou *perispírito*, ela constitui o *ser espiritual* concreto, definido e circunscrito chamado *Espírito* (Vide *Espírito, perispírito*). Por metonímia, muitas vezes empregam-se as palavras *alma* e *Espírito* uma pela outra; diz-se: as almas sofredoras e os Espíritos sofredores; as almas felizes e os Espíritos felizes; evocar a alma ou o Espírito de alguém; mas a palavra *alma* desperta antes a idéia de um princípio, de uma coisa abstrata, e a palavra *Espírito* a de uma individualidade.

"Unido ao corpo material pela encarnação, o Espírito constitui o *homem*, de modo que no homem há três coisas: a *alma* propriamente dita, ou princípio inteligente; o *perispírito*, ou envoltório fluídico da alma; o *corpo*, ou invólucro material. Assim, a alma é um ser simples; o Espírito um ser duplo, composto da alma e do perispírito; o homem, um ser triplo, composto da alma, do perispírito e do corpo. Separado do Espírito, o corpo é uma

matéria inerte; separado da alma, o perispírito é uma matéria fluídica, sem vida e sem inteligência. A alma é o princípio da vida e da inteligência; foi, pois, equivocadamente que algumas pessoas pretenderam que, dando à alma um envoltório fluídico semimaterial, o Espiritismo dela fazia um ser material.

"A origem primeira da alma é desconhecida, porque o princípio das coisas está nos segredos de Deus, e porque não é dado ao homem, no seu atual estado de inferioridade, tudo compreender. Sobre este ponto só se podem formular sistemas. Segundo uns, a alma é uma criação espontânea da Divindade; segundo outros, é a própria emanação, uma porção, uma centelha do fluido divino. Eis um problema sobre o qual não se podem estabelecer senão hipóteses, pois há razões a favor e contra. À segunda opõe-se, todavia, esta fundada objeção: Sendo Deus perfeito, se as almas fossem porções da Divindade, deveriam ser perfeitas, em virtude do axioma de que a parte é da mesma natureza que o todo; desde então, não se compreenderia que as almas fossem imperfeitas e tivessem necessidade de se aperfeiçoar. Sem se deter nos diversos sistemas relativos à natureza íntima e à origem da alma, o Espiritismo a considera na espécie humana; constata, em razão de seu isolamento e de sua ação independente da matéria, durante a vida e depois da morte, sua existência, seus atributos, sua sobrevivência e sua individualidade. Sua individualidade ressalta da diversidade que existe entre as idéias e as qualidades de cada uma no fenômeno das manifestações, diversidade que para cada uma acusa uma existência própria.

"Um fato não menos capital ressalta igualmente da observação: é que a alma é essencialmente progressiva e adquire incessantemente, em saber e em moralidade, pois que são vistas em todos os graus de desenvolvimento. Segundo o ensino unânime dos Espíritos, ela é criada *simples e ignorante*, isto é, sem conhecimentos, sem consciência do bem e do mal, com igual aptidão para um e para outro e para tudo adquirir. Sendo a Criação incessante e para

toda a eternidade, há almas chegadas ao topo da escala, enquanto outras surgem para a vida; mas, tendo todas o mesmo ponto de partida, Deus não cria umas melhor dotadas que outras, o que é conforme à soberana justiça. Presidindo uma perfeita igualdade à sua formação, elas progridem mais ou menos rapidamente, em virtude de seu livre-arbítrio e conforme o seu trabalho. Assim, Deus deixa a cada uma o mérito e o demérito de seus atos, e a responsabilidade cresce à medida que se desenvolve o senso moral. De sorte que, de duas almas criadas ao mesmo tempo, uma pode chegar ao objetivo mais depressa que a outra, se trabalhar mais ativamente por sua melhoria; mas as que ficaram na retaguarda chegarão igualmente, embora mais tarde e depois de rudes provas, porque Deus não interdita o futuro a nenhum de seus filhos.

"A encarnação da alma num corpo material é necessária ao seu aperfeiçoamento; pelo trabalho necessário à existência corporal, desenvolve-se a inteligência. Não podendo adquirir, numa única existência, todas as qualidades morais e intelectuais que a devem conduzir ao objetivo, ela aí chega passando por uma série ilimitada de existências, quer na Terra, quer em outros mundos, em cada uma das quais dá um passo na via do progresso e se despoja de algumas imperfeições. Em cada existência traz a alma o que adquiriu nas existências precedentes. Assim se explica a diferença existente nas aptidões inatas e no grau de aditamento das raças e dos povos (Vide *Espírito, reencarnação*)."

Allan Kardec

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO IX FEVEREIRO DE 1866 Nº 2

O Espiritismo Segundo os Espíritas

EXTRAÍDO DO JORNAL *DISCUSSION*

Impresso em Bruxelas, o jornal hebdomadário político e financeiro *Discussion* não é uma dessas folhas levianas que, pelo fundo e pela forma, visam ao divertimento do público frívolo. É um jornal sério, acreditado principalmente no mundo financeiro e que se acha no seu undécimo ano[1]. Sob o título: *O Espiritismo segundo os espíritas*, o número de 31 de dezembro de 1865 contém o seguinte artigo:

"*Espíritas* e *Espiritismo* são agora duas palavras bem conhecidas e freqüentemente empregadas, conquanto fossem ainda ignoradas apenas há alguns meses. Entretanto, a maioria das pessoas que delas se servem estão a perguntar o que exatamente significam, porque, embora cada um faça essa pergunta a si mesmo, ninguém a manifesta, pois todos querem passar por capazes de matar a charada.

1 Redação em Bruxelas, 17, Montagne de Sion; Paris, 31, rue Bergère. – Preço para a França, 12 fr. por ano; 7 fr. por semestre. Cada número de oito páginas grande in-fólio: 25 centavos.

"Algumas vezes, contudo, a curiosidade intriga a ponto de trazer a pergunta aos lábios e, conforme o desejo, cada um vos esclarece.

"Alguns pretendem que o Espiritismo é o truque do armário dos irmãos Davenport; outros afirmam que não passa da magia e da feitiçaria de outrora, que querem reabilitar sob um novo nome. Segundo as comadres de todos os bairros, os espíritas entretêm conversas misteriosas com o diabo, com o qual fizeram um compromisso prévio. Enfim, lendo-se os jornais, fica-se sabendo que todos os espíritas são loucos ou, pelo menos, deixam-se iludir por certos charlatães chamados *médiuns*. Esses charlatães vêem, com ou sem armário, dar representações a quem os queira pagar e, para tornar mais verossímil suas trapaças, dizem operar sob a influência oculta dos Espíritos de além-túmulo.

"Eis o que eu tinha aprendido nestes últimos tempos. Considerando a discordância dessas respostas, resolvi, para me esclarecer, ir ver o diabo, ainda que me vencesse, ou me deixar enganar por um médium, mesmo que tivesse de perder a razão. Lembrei-me então, muito a propósito, de um amigo que suspeitava fosse espírita, e fui procurá-lo, a fim de me proporcionar meios de satisfazer a minha curiosidade.

"Comuniquei-lhe as diversas opiniões que eu havia recolhido e expus o objetivo de minha visita. Mas meu amigo riu muito do que chamava a minha ingenuidade e me deu, mais ou menos, a seguinte explicação:

"O Espiritismo não é, como se crê vulgarmente, uma receita para fazer as mesas dançar ou para executar truques de escamoteação, e é um equívoco que nisto cada um queira encontrar o maravilhoso.

"O Espiritismo é uma Ciência ou, melhor dizendo, uma Filosofia espiritualista, que ensina a moral.

"Não é uma Religião, pois não tem dogmas, nem culto, nem sacerdotes, nem artigos de fé; é mais que uma filosofia, porque sua doutrina é estabelecida sobre a prova certa da imortalidade da alma. É para fornecer esta prova que os espíritas evocam os Espíritos de além-túmulo.

"Os médiuns são dotados de uma faculdade natural, que os torna aptos a servir de intermediários aos Espíritos e a produzir com eles os fenômenos que passam por milagres ou por prestidigitação, aos olhos de quem quer que lhes ignore a explicação. Mas a faculdade mediúnica não é privilégio exclusivo de certos indivíduos; é inerente à espécie humana, embora cada um a possua em diferentes graus, ou sob diferentes formas.

"Assim, para os que conhecem o Espiritismo, todas as maravilhas de que acusam esta doutrina não passam de fenômenos de ordem física, isto é, de efeitos cuja causa reside nas leis da Natureza.

"Entretanto, os Espíritos não se comunicam com os vivos unicamente com o objetivo de lhes provar a sua existência: eles ditaram e desenvolvem todos os dias a filosofia espiritualista.

"Como toda filosofia, esta tem o seu sistema, que consiste na revelação das leis que regem o Universo e na solução de um grande número de problemas filosóficos, diante dos quais, até agora, a Humanidade impotente foi obrigada a inclinar-se.

"É assim que o Espiritismo demonstra, entre outras coisas, a natureza da alma, seu destino, a causa de nossa existência na Terra; desvenda o mistério da morte; dá razão dos vícios e virtudes do homem; diz o que são o homem, o mundo, o Universo; enfim, faz o quadro da harmonia universal, etc.

"Este sistema repousa em provas lógicas e irrefutáveis que têm, elas próprias, por árbitro de sua verdade, fatos palpáveis e

a mais pura razão. Assim, em todas as teorias que expõe, age como a Ciência e não avança um ponto senão quando o precedente esteja completamente certificado. O Espiritismo não impõe a confiança porque, para ser aceito, não precisa senão da autoridade do bom-senso.

"Uma vez estabelecido este sistema, dele se deduz, como conseqüência imediata, um ensinamento moral.

"Esta moral não é outra senão a moral cristã, a moral que está escrita no coração de todo ser humano; e é de todas as religiões e de todas as filosofias, pertencendo, por isso mesmo, a todos os homens. Mas, isenta de todo fanatismo, de toda superstição, de todo espírito de seita ou de escola, resplandece em toda a sua pureza.

"É a esta pureza que ela deve toda a sua grandeza e toda a sua beleza, de sorte que é a primeira vez que a moral nos aparece revestida de um brilho tão majestoso e tão esplêndido.

"O objetivo de toda moral é ser praticada; mas esta, sobretudo, considera tal condição como absoluta, porque chama espíritas não os que aceitam seus preceitos, mas os que põem as suas regras em ação.

"Dizer quais são as suas doutrinas? Aqui não pretendo ensinar, já que o enunciado das máximas me conduziria, necessariamente, ao seu desenvolvimento.

"Apenas direi que a moral espírita nos ensina a suportar a desgraça sem a desprezar, a fruir a felicidade sem a ela nos apegarmos; ela nos rebaixa sem nos humilhar, e nos eleva sem nos envaidecer; coloca-nos acima dos interesses materiais, sem por isto os marcar com o aviltamento, porque nos ensina, ao contrário, que todas as vantagens com que somos favorecidos são outras tantas forças que nos são confiadas e por cujo emprego somos responsáveis para conosco e para com os outros.

"Vem, então, a necessidade de especificar esta responsabilidade, as penas ligadas à infração do dever e as recompensas de que desfrutam os que obedeceram. Mas, também aí, as asserções não são tiradas senão dos fatos e podem verificar-se até a perfeita convicção.

"Tal é esta filosofia, onde tudo é grande, porque aí tudo é simples; onde nada é obscuro, porque tudo é provado; onde tudo é simpático, porque cada questão interessa intimamente a cada um de nós.

"Tal é esta ciência que, projetando viva luz sobre as trevas da razão, de repente desvenda os mistérios que julgávamos impenetráveis, recuando até o infinito o horizonte da inteligência.

"Tal é esta doutrina, que pretende tornar felizes, melhorando-os, todos os que concordam em segui-la, e que, enfim, abre à Humanidade uma estrada segura para o progresso moral.

"Tal é, finalmente, a loucura de que estão acometidos os espíritas e a feitiçaria que praticam."

"Assim, sorrindo, terminou meu amigo que, a meu pedido, agendou um encontro para, juntos, participarmos de algumas reuniões espíritas onde, às experiências, se alia o ensino.

"Voltando para casa, lembrei o que havia dito, concordando com todo o mundo, contra o Espiritismo, antes de nem sequer conhecer o significado desta palavra, e essa lembrança encheu-me de amarga confusão.

"Então pensei que, malgrado os severos desmentidos infligidos ao orgulho humano pelas descobertas da ciência moderna, quase não pensávamos, na época de progresso em que vivemos, em tirar proveito dos ensinamentos da experiência; e que estas palavras escritas por Pascal, há duzentos anos, ainda por

muitos séculos serão de rigorosa exatidão: 'É uma doença natural ao homem crer que possui a verdade diretamente; é por isto que está sempre disposto a negar aquilo que lhe é incompreensível'."

A. Briquel

Como se vê, o autor deste artigo quis apresentar o Espiritismo sob sua verdadeira luz, isento das distorções com que a crítica o constrange, numa palavra, tal como o admitem os espíritas, e sentimo-nos felizes ao dizer que o conseguiu perfeitamente. Com efeito, é impossível resumir a questão de maneira mais clara e precisa. Devemos, também, felicitar a direção do jornal que, com aquele espírito de imparcialidade que gostaríamos de ver em todos os que fazem profissão de liberalismo e se apresentam como apóstolos da liberdade de pensar, acolheu uma profissão de fé tão explícita.

Aliás, suas intenções a respeito do Espiritismo estão claramente formuladas no artigo seguinte, publicado no número de 28 de janeiro:

Como ouvimos falar do Espiritismo

"O artigo sobre o Espiritismo, publicado em nosso número de 31 de dezembro, provocou numerosas perguntas, com o fito de saber se nos propomos tratar posteriormente desta questão e se nos transformamos em seu porta-voz. A fim de evitar qualquer equívoco, torna-se necessária uma explicação categórica. Eis nossa resposta:

"O *Discussion* é um jornal aberto a todas as idéias progressistas. Ora, o progresso não pode ser feito senão pelas idéias novas que, de vez em quando, vêm mudar o curso das idéias preconceituosas. Repeli-las porque destroem aquelas em que fomos acalentados, é, aos nossos olhos, faltar à lógica. Sem nos tornarmos apologistas de todas as elucubrações do espírito humano, o que não

seria mais racional, consideramos como um dever de imparcialidade pôr o público em condições de as julgar. Para tanto, basta apresentá-las tais quais são, sem tomar, prematuramente, partido pró ou contra; porque, se forem falsas, não será a nossa adesão que as tornará justas, e se forem justas, nossa desaprovação não as tornará falsas. Em tudo, é a opinião pública e o futuro que se pronunciam em última instância. Contudo, para apreciar o lado forte e o fraco de uma idéia, é preciso conhecê-la em sua essência, e não tal qual a apresentam os interessados em combatê-la, no mais das vezes truncada e desfigurada. Se, pois, expusermos os princípios de uma teoria nova, não queremos que os seus autores ou os seus partidários possam censurar-nos por lhes fazermos dizer o contrário do que dizem. Agir assim não é assumir a sua responsabilidade: é dizer o que é e reservar a opinião de todo o mundo. Destacamos a idéia em toda a sua verdade. Se for boa, fará o seu caminho e nós lhe teremos aberto a porta; se for má, teremos fornecido os meios para ser julgada com conhecimento de causa.

"É assim que procederemos em relação ao Espiritismo. Seja qual for a maneira de ver a seu respeito, ninguém pode esconder a extensão que ele tomou em alguns anos. Pelo número e pela qualidade de seus partidários conquistou lugar entre as opiniões aceitas. As tempestades que provoca, a obstinação com que o combatem em certo meio, são, para os menos clarividentes, o indício de que ele encerra algo de grave, já que causa perturbação em tanta gente. Que pensem dele o que quiserem; é, incontestavelmente, uma das grandes questões na ordem do dia. Assim, não seríamos conseqüentes com o nosso programa se o passássemos em silêncio. Nossos leitores têm o direito de pedir que lhes informemos o que é essa doutrina, que provoca tão grande celeuma; é nosso interesse satisfazê-los, e nosso dever fazê-lo com imparcialidade. Pouco lhes importa nossa opinião pessoal sobre a coisa; o que esperam de nós é um relato exato dos fatos e das atitudes de seus partidários, sobre os quais possam formar sua própria opinião. Como procederemos? É muito simples: iremos à

própria fonte; faremos pelo Espiritismo o que fazemos pelas questões de política, de finanças, de ciência, de arte ou de literatura; ou seja, para isto encarregaremos homens especiais. As questões de Espiritismo serão, pois, tratadas por espíritas, como as de Arquitetura por arquitetos, a fim de que não nos qualifiquem de cegos discorrendo sobre as cores e que não nos apliquem estas palavras de Fígaro: Precisavam de um calculista e tomaram um dançarino.

"Em suma, o *Discussion* não se arvora como órgão, nem como apóstolo do Espiritismo; abre a ele as suas colunas, como a todas as idéias novas, sem pretender impor essa opinião aos seus leitores, sempre livres de a controlar, de a aceitar ou de a rejeitar. Deixa aos seus redatores especiais inteira liberdade de discutir os princípios, cuja responsabilidade só eles assumem. Mas o que repelirá sempre, no interesse de sua própria dignidade, é a polêmica agressiva e pessoal."

Curas de Obsessões

Escrevem-nos de Cazères, em 7 de janeiro de 1866:

"Eis um segundo caso de obsessão, que levamos a bom termo durante o mês de julho passado. A obsidiada tinha vinte e dois anos e gozava de perfeita saúde. Apesar disto, de repente foi tomada por um acesso de loucura. Os pais a trataram com médicos, mas inutilmente, pois o mal, em vez de desaparecer, tornava-se cada vez mais intenso, a ponto de ser impossível contê-la durante as crises. Vendo isto, os pais, a conselho dos médicos, obtiveram sua admissão numa casa de alienados, onde seu estado não experimentou qualquer melhora. Nem eles nem a doente jamais se haviam ocupado com o Espiritismo, que nem sequer conheciam. Mas tendo ouvido falar da cura de Jeanne R..., de que vos falei, vieram procurar-nos para saber se poderíamos fazer alguma coisa

por sua filha infeliz. Respondemos nada poder afirmar antes de conhecer a verdadeira causa do mal. Nossos guias, consultados na primeira sessão, disseram que a jovem era subjugada por um Espírito muito rebelde, mas que acabaríamos por reconduzi-lo ao bom caminho, e que a cura resultante nos daria a prova da verdade dessa afirmação. Em conseqüência, escrevi aos pais, distantes 35 km de nossa cidade, dizendo que sua filha seria curada e que a cura não demoraria muito, sem, contudo, precisar a época.

"Evocamos o Espírito obsessor durante oito dias seguidos e ficamos bastante felizes por mudar suas más disposições e fazê-lo renunciar a atormentar a vítima. Com efeito, a doente ficou curada, como haviam anunciado os guias.

"Os adversários do Espiritismo repetem incessantemente que a prática desta doutrina conduz ao hospício. Pois bem! Nós lhes podemos dizer, nesta circunstância, que o Espiritismo dele fez sair aqueles que lá haviam entrado."

Entre mil outros, este fato é uma nova prova da existência da *loucura obsessiva*, cuja causa é inteiramente distinta da loucura patológica, e ante a qual a Ciência falhará enquanto se obstinar em negar o elemento espiritual e sua influência sobre a economia. Aqui o caso é bem evidente: eis uma jovem, a tal ponto apresentando os caracteres da loucura que os médicos se enganaram, e que é curada a léguas de distância, por pessoas que jamais a viram, sem nenhum medicamento ou tratamento médico, unicamente pela moralização do Espírito obsessor.

Há, pois, Espíritos obsessores, cuja ação pode ser perniciosa à razão e à saúde. Não é certo que se a loucura tivesse sido ocasionada por uma lesão orgânica qualquer, esse meio teria sido impotente? Se se objetasse que essa cura espontânea pode ser devida a uma causa fortuita, responderíamos que se tivéssemos de citar apenas um fato, sem dúvida seria temerário daí deduzir a

afirmação de um princípio tão importante; mas os exemplos de curas semelhantes são muito numerosos. Não são privilégio de um indivíduo e se repetem todos os dias em diversas regiões, sinais indubitáveis de que repousam numa lei da Natureza.

Citamos várias curas desse gênero, notadamente nos meses de fevereiro de 1864 e janeiro de 1865, que contêm duas relações completas eminentemente instrutivas. Eis outro fato, não menos característico, obtido no grupo de Marmande.

Num vilarejo a algumas léguas desta cidade, havia um camponês acometido por uma loucura de tal modo furiosa, que perseguia as pessoas a golpes de forcado, para as matar, e que, em falta de pessoas, atacava as aves domésticas. Corria incessantemente pelos campos e não voltava mais para casa. Sua presença era perigosa; assim, foi fácil obter autorização para o internar na casa de alienados de Cadillac. Não foi sem vivo pesar que a família se viu obrigada a tomar esse partido. Antes de o levar, tendo um de seus parentes ouvido falar das curas obtidas em Marmande, em casos semelhantes, foi procurar o Sr. Dombre e lhe disse: "Senhor, disseram-me que curais os loucos; por isso vim vos procurar." Depois contou-lhe de que se tratava, acrescentando: "Como vedes, dá tanta pena separar-nos desse pobre J..., que antes quis ver se não havia um meio de o impedir."

"Meu bravo homem, disse-lhe o Sr. Dombre, não sei quem me dá esta reputação; é verdade que algumas vezes consegui recuperar a razão de pobres insensatos, mas isto depende da causa da loucura. Embora não vos conheça, verei se vos posso ser útil." Tendo ido imediatamente com o indivíduo à casa do seu médium habitual, obteve de seu guia a certeza de que se tratava de grave obsessão, mas que com perseverança ela chegaria a bom termo. Então disse ao camponês: "Esperai ainda alguns dias antes de levar o vosso parente a Cadillac; vamos ocupar-nos do caso; voltai de dois em dois dias para dizer-nos como ele se acha."

Nesse mesmo dia puseram-se em ação. Inicialmente, como em casos semelhantes, o Espírito mostrou-se pouco tratável; pouco a pouco acabou por se humanizar e, finalmente, renunciou a atormentar aquele infeliz. Um fato muito particular é que declarou não ter qualquer motivo de ódio contra aquele homem; que, atormentado pela necessidade de fazer o mal, havia-se ligado a ele como a qualquer outro; que agora reconhecia estar errado e pedia perdão a Deus. O camponês voltou dois dias depois, e disse que o parente estava mais calmo, mas ainda não tinha voltado para casa e se ocultava nas sebes. Na visita seguinte, ele tinha voltado, mas estava sombrio e se mantinha afastado; já não procurava bater em ninguém. Alguns dias depois, ia à feira e fazia seus negócios habituais. Assim, bastaram oito dias para o trazer ao estado normal, e isto sem nenhum tratamento físico. É mais que provável que se o tivessem encerrado com loucos, ele teria perdido a razão completamente.

Os casos de obsessão são tão freqüentes que não há nenhum exagero em dizer que nos hospícios de alienados, mais da metade só têm da loucura a aparência e que, por isto mesmo, a medicação vulgar é impotente.

O Espiritismo nos mostra na obsessão uma das causas perturbadoras da economia e, ao mesmo tempo, dá-nos o meio de a remediar: eis um de seus benefícios. Mas como foi reconhecida essa causa, senão pelas evocações? Assim, as evocações servem para alguma coisa, digam o que disserem os seus detratores.

É evidente que os que não admitem a alma individual, nem a sua sobrevivência, ou que, admitindo-a, não se dão conta do estado do Espírito após a morte, devem olhar a intervenção de seres invisíveis, em tais circunstâncias, como uma quimera; mas o fato brutal do mal e das curas lá está. Não poderiam ser levadas à conta da imaginação as curas operadas a distância, em pessoas que jamais foram vistas, sem o emprego de nenhum agente material. A

doença não pode ser atribuída à prática do Espiritismo, desde que atinge até os que nele não acreditam, e também a crianças, que dele não fazem qualquer idéia. Contudo, aqui nada há de maravilhoso, mas efeitos naturais, que existiram em todos os tempos, que então não eram compreendidos, e que se explicam do modo mais simples, agora que se conhecem as leis em virtude das quais se produzem.

Não se vêem, entre os vivos, seres maus atormentando outros mais fracos, até os deixar doentes e mesmo matá-los, e isto sem outro motivo senão o desejo de fazer o mal? Há dois meios de restituir a paz à vítima: subtraí-la à autoridade de sua brutalidade, ou neles desenvolver o sentimento do bem. O conhecimento que agora temos do mundo invisível no-lo mostra povoado dos mesmos seres que viveram na Terra, uns bons, outros maus. Entre estes últimos, uns há que ainda se comprazem no mal, em conseqüência de sua inferioridade moral, e que ainda não se despojaram de seus instintos perversos; estão em meio a nós, como quando vivos, com a única diferença que, em vez de ter um corpo material visível, tem-no fluídico invisível; mas não deixam de ser os mesmos homens, com o senso moral pouco desenvolvido, buscando sempre ocasiões de fazer o mal, encarniçando-se sobre as vítimas que conseguem submeter à sua influência. De obsessores encarnados que eram, tornam-se obsessores desencarnados, tanto mais perigosos porque agem sem ser vistos. Afastá-los pela força não é coisa fácil, visto que não se lhes pode apreender o corpo. O único meio de os dominar é o ascendente moral, com cuja ajuda, pelo raciocínio e sábios conselhos, consegue-se torná-los melhores, ao que são mais acessíveis no estado de Espírito que no estado corporal. Desde o instante em que são levados a renunciar voluntariamente aos tormentos que provocam, o mal desaparece, quando causado pela obsessão. Ora, compreende-se que nem são as duchas, nem os remédios administrados ao doente que podem agir sobre o Espírito obsessor. Eis todo o segredo dessas curas, para as quais não há palavras sacramentais, nem fórmulas cabalísticas:

conversa-se com o Espírito desencarnado, moraliza-se-o, educa-se-o, como se teria feito quando ele estava encarnado. A habilidade consiste em se saber tomá-lo pelo seu caráter, em dirigir com tato as instruções que lhe são dadas, como o faria um instrutor experimentado. Toda a questão se reduz a isto: Há ou não Espíritos obsessores? A resposta está no que dissemos acima: Os fatos materiais lá estão.

Por vezes perguntam por que permite Deus que os Espíritos maus atormentem os vivos. Com tanto mais razão poder-se-ia perguntar por que permite que os vivos se atormentem entre si. Perdem-se muito de vista a analogia, as relações e a conexão existentes entre o mundo corporal e o mundo espiritual, que se compõem dos mesmos seres em dois estados diferentes. Aí está a chave de todos esses problemas reputados sobrenaturais.

Não nos devemos admirar mais das obsessões do que das doenças e de outros males que afligem a Humanidade; fazem parte das provas e das misérias devidas à inferioridade do meio, onde nossas imperfeições nos condenam a viver, até que estejamos suficientemente melhorados para merecer dele sair. Os homens sofrem aqui as conseqüências de suas imperfeições, porquanto, se fossem mais perfeitos, aqui não estariam.

O Naufrágio do *Borysthène*

Por certo a maioria dos nossos leitores leu nos jornais a comovente notícia do naufrágio do *Borysthène*, nas costas da Argélia, no dia 15 de dezembro de 1865. Extraímos a passagem seguinte do relato de um passageiro que escapou do desastre, publicado no *Siècle* de 26 de janeiro.

"...No mesmo instante, um estalo terrível, indefinível, se fez ouvir, acompanhado de abalos tão violentos, que eu caí.

Depois ouvi um marinheiro gritar: 'Meu Deus! estamos perdidos! orai por nós!' Acabávamos de bater num rochedo e o navio abriu-se; ouvia-se o borbulhar da água que entrava no porão. Os soldados, que se deitavam na ponte, safam-se na confusão, não importa onde, soltando gritos horríveis; os passageiros, seminus, atiram-se para fora dos camarotes; as pobres mulheres se agarravam a todo o mundo, suplicando que as salvassem. Rogavam a Deus aos gritos; despediam-se. Um negociante engatilha a pistola e quer estourar o cérebro: arrancam-lhe a arma.

"Os abalos continuavam; o sino de bordo tocava alarme, mas o vento rugia de modo tão terrível que o sino não era ouvido a cinqüenta metros. Eram gritos, urros, preces; era não sei que de horroroso, de lúgubre, de medonho. Jamais vi, jamais li cena tão horrível, tão pungente. Estar ali, cheio de vida, de saúde, em face de uma morte que se julga certa, é uma morte terrível!

"Naquele momento supremo e indescritível, o vigário, Sr. Moisset, deu a todos a sua bênção. A voz cheia de lágrimas desse pobre padre, recomendando a Deus duzentos e cinqüenta infelizes, que o mar ia devorar, revolvia todas as entranhas."

Não há um grande ensinamento nessa espontaneidade da prece, em face de um perigo iminente? No meio dessa multidão empilhada no navio, certamente havia incrédulos, que antes quase não pensavam em Deus nem em sua alma, e eis que, em presença de uma morte tida como certa, volvem o olhar para o Ser Supremo, como para a única tábua de salvação. É que no momento em que se ouve soar a última hora, involuntariamente o coração mais endurecido se pergunta o que vai ser dele. O doente, em seu leito, espera até o último momento, razão por que afronta todo poder sobre-humano; e quando a morte o fere, no mais das vezes já perdeu a consciência de si mesmo. Num campo de batalha há uma superexcitação que faz esquecer o perigo; e, depois, nem todos são atingidos e se tem alguma chance de escapar; mas no meio do oceano, quando o seu navio está sendo tragado, só se espera o

socorro desta Providência que se havia esquecido, e à qual o ateu está prestes a pedir um milagre. Mas, ai! passado o perigo, quantos não dão graças ao acaso e à sua boa sorte! ingratidão que, cedo ou tarde, pagarão muito caro. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XXVII, nº 8).

Em semelhante circunstância, qual o pensamento do espírita sincero? Diz ele: "Sei que devo esforçar-me por conservar a vida corporal; farei, pois, tudo quanto estiver em meu poder para escapar ao perigo, porque, se me entregasse voluntariamente, seria um suicídio; mas se aprouver a Deus ma retirar, que importa que seja de uma maneira ou de outra, um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde! A morte não me traz nenhum temor, porque sei que apenas o corpo morre e que é a entrada na verdadeira vida, a do Espírito livre, onde encontrarei todos os que me são caros." Entrevê, pelo pensamento, o mundo espiritual, objetivo de suas aspirações, do qual só alguns instantes ainda o separam, e que a morte do corpo, que o retinha na Terra, vai enfim lhe dar acesso; alegra-se, em vez de afligir-se, como o prisioneiro, que vê se abrirem as portas de sua prisão. Só uma coisa o entristece: deixar aqueles que ama; mas se consola pela certeza de que não os abandonará e que estará mais vezes e mais facilmente junto deles do que em vida, que poderá vê-los e protegê-los. Se, ao contrário, escapou do perigo, dirá: "Já que Deus ainda me deixa viver na Terra, é que minha tarefa ou minhas provas ainda não acabaram. O perigo que corri é um aviso que Deus me dá, para estar preparado desde o primeiro momento, procedendo de modo que o seja nas melhores condições possíveis." Depois lhe agradecerá o sursis concedido e se esforçará em aproveitá-lo para o seu adiantamento.

Um dos episódios mais curiosos desse drama é o fato daquele passageiro que queria estourar os miolos, dando-se morte certa, ao passo que, correndo o risco do naufrágio, podia surgir um socorro inesperado. Que móvel poderia levá-lo àquele ato insano? Muitos dirão que tinha perdido a cabeça, o que era possível; mas talvez se tivesse movido, mau grado seu, por uma intuição da qual

não se dava conta. Embora não tenhamos nenhuma prova material da verdadeira explicação, que é dada a seguir, o conhecimento das relações que subsistem entre as diferentes existências, pelo menos lhe dá um alto grau de probabilidade.

As duas comunicações seguintes foram dadas na sessão da Sociedade de Paris, realizada em 12 de janeiro.

I

A prece é o veículo dos fluidos espirituais mais poderosos, e que são como um bálsamo salutar para as feridas da alma e do corpo. Atrai todos os seres para Deus e, de certo modo, faz a alma sair da espécie de letargia na qual está mergulhada quando esquece seus deveres para com o Criador. Dita com fé, provoca nos que a ouvem o desejo de imitar os que oram, porque o exemplo e a palavra também levam fluidos magnéticos de grande força. As que foram ditas pelo padre no navio naufragado, com o acento da convicção mais tocante e da mais santa resignação, tocaram o coração de todos aqueles infelizes, que julgavam chegada a sua última hora.

Quanto ao homem que queria suicidar-se em face da morte certa, a idéia lhe veio de uma repulsa instintiva pela água, porque é a terceira vez que morre dessa maneira e suportou alguns momentos de angústias terríveis. Naquele momento, teve a intuição de suas desventuras passadas, que se projetaram vagamente em seu espírito: por isso queria acabar diferentemente. Duas vezes afogou-se voluntariamente, arrastando consigo toda a família. A impressão confusa que lhe tinha ficado dos sofrimentos suportados lhe davam o temor desse gênero de morte.

Orai por aqueles infelizes, meus bons amigos; a prece de várias pessoas forma um feixe que sustenta e fortifica a alma pela qual é feita; dá-lhe força e resignação.

São Bento *(médium: Sra. Delanne)*

II

Não é raro ver pessoas que, desde muito tempo não haviam pensado em orar, fazê-lo quando ameaçadas de um perigo iminente e terrível. De onde, então, pode vir essa propensão instintiva a aproximar-se de Deus nos momentos críticos? Do mesmo pendor que nos leva a nos aproximar de alguém que sabemos poder defender-nos, quando estamos em grande perigo. Então as doces crenças dos primeiros anos, as sábias instruções, os piedosos conselhos dos pais vêm como um sonho à memória desses homens vacilantes que, pouco antes, achavam Deus muito longe deles, ou negavam a utilidade de sua existência. Esses espíritos fortes, tornados pusilânimes, sentem tanto mais as angústias da morte quanto mais tempo ficaram sem acreditar em nada. Pensavam não ter necessidade de Deus e se podiam bastar. Deus, para lhes fazer sentir a *utilidade* de sua existência, permitiu que fossem expostos a um fim terrível, sem esperança de serem ajudados por nenhum socorro humano. Então se lembram que outrora oraram, e que a prece dissipa as tristezas, faz suportar os sofrimentos com coragem e suaviza os últimos momentos do agonizante.

Tudo isto aparece a esse homem em perigo; tudo isto o incita a orar novamente àquele a quem orou na infância. Então se submete e ora a Deus do mais íntimo do coração, com uma fé viva que toca as raias do desespero, para lhe perdoar seus desvarios passados. Nessa hora suprema já não pensa em todas as vãs dissertações sobre a existência de Deus, pois não mais duvida. Nesse momento crê e aí está uma prova de que a prece é uma necessidade da alma; que, se não tivesse resultado, pelo menos a aliviaria e, por isto mesmo, deveria ser repetida mais vezes; mas, felizmente, tem uma ação mais positiva e é reconhecido, como vos foi demonstrado, que a prece tem para todos uma imensa utilidade, tanto para os que a fazem, quanto para aqueles aos quais se aplica.

O que eu disse só é verdadeiro para o maior número. Porque, ah! alguns não recuperam a fé na hora extrema; que, com o vazio na alma, pensam que vão abismar-se no nada e, por uma espécie de frenesi, eles próprios querem precipitar-se. Esses são os mais infelizes, e vós, que sabeis toda a utilidade e todos os efeitos da prece, orai sobretudo por eles.

André *(médium: Sr. Charles B.)*

Antropofagia[2]

Lê-se no *Siècle* de 26 de dezembro de 1865:

"O almirantado inglês acaba de dirigir uma circular às cidades marítimas que transportam armamentos para a Oceania, na qual anuncia que, desde algum tempo, nota-se entre os habitantes das ilhas do grande oceano uma recrudescência da antropofagia. Nessa circular, exorta os capitães de navios mercantes a tomarem todas as precauções necessárias para evitar que sua tripulação seja vítima desse horroroso costume.

"Desde cerca de um ano a tripulação de quatro navios foi devorada pelos antropófagos das Novas-Hébridas, da baía de Jervis ou da Nova Caledônia, e todas as medidas devem ser tomadas para evitar a repetição de tão cruéis desgraças."

Eis como o jornal *Le Monde* explica esse recrudescimento da antropofagia:

"Tivemos a cólera, a epizootia, a varicela; os legumes, os animais, estão doentes. Eis uma epidemia mais dolorosa ainda, que o almirantado inglês nos dá a conhecer: os selvagens da Oceania, ao que se diz, exacerbam-se na antropofagia. Vários casos horríveis chegaram ao conhecimento dos lordes do almirantado. A tripulação de vários navios ingleses desapareceu. Ninguém duvida

2 **Nota da Editora:** Ver "Nota Explicativa", p. 527.

que nossas autoridades marítimas também tomem medidas, porque dois navios franceses foram atacados, os tripulantes tomados e devorados pelos selvagens. O espírito se detém diante desses horrores, dos quais foram impotentes para triunfar todos os esforços de nossa civilização. Quem sabe de onde vêm essas criminosas inspirações?

"Que palavra de ordem foi dada a todos esses pagãos, disseminados em centenas e milhares de ilhas nas imensidades dos mares do Sul? Sua paixão monstruosa, apaziguada por um momento, reaparece a ponto de chamar a repressão, de inquietar as potências da Terra. É um desses problemas cuja solução só o dogma católico pode dar. Em certos momentos o Espírito das trevas age com toda a liberdade. Antes dos acontecimentos graves ele se agita, impele suas criaturas, sustenta-as e as inspira. Grandes acontecimentos se preparam. A revolução crê chegada a hora de proceder ao coroamento do edifício; recolhe-se para a luta suprema, ataca-se à pedra angular da sociedade cristã. A hora é grave e parece que a Natureza inteira pressente e prevê a sua gravidade."

Admiramos de não ver, entre as causas do agravamento da ferocidade nos selvagens, figurar o Espiritismo, esse bode expiatório de todos os males da Humanidade, como foi outrora o Cristianismo em Roma. Talvez aí esteja implicitamente compreendido, como sendo, segundo uns, obra do Espírito das trevas. "Só o dogma católico, diz *Le Monde*, pode dar a explicação desse problema." Não vemos muita clareza na explicação que ele dá, nem o que tem de comum o espírito revolucionário da Europa com esses bárbaros. Até achamos nesse dogma uma complicação da dificuldade.

Os antropófagos são homens: ninguém jamais o duvidou. Ora, não admitindo o dogma católico a preexistência da alma, mas a criação de uma alma nova ao nascimento de cada

corpo, resulta que nalgum lugar Deus cria almas de comedores de homens e aqui almas capazes de se tornarem santos. Por que esta diferença? É um problema cuja solução a Igreja jamais deu e, contudo, é uma pedra angular essencial. Conforme sua doutrina, a recrudescência da antropofagia não se pode explicar senão assim: é que neste momento a Deus apraz criar um maior número de almas antropófagas, solução pouco satisfatória e, sobretudo, pouco conseqüente com a bondade de Deus.

A dificuldade aumenta se se considerar o futuro dessas almas. Em que se tornam depois da morte? Serão tratadas do mesmo modo que as que têm consciência do bem e do mal? Isto não seria justo nem racional. Com o seu dogma a Igreja, em vez de explicar, fica num impasse, do qual não pode sair senão apelando para o mistério, que não precisa ser compreendido, espécie de *non possumus* que corta pela raiz as questões embaraçosas.

Pois bem! esse problema que a Igreja não pode resolver, o Espiritismo encontra sua solução mais simples e racional na lei da pluralidade das existências, à qual todos os seres estão submetidos, e em virtude da qual progridem. Assim, as almas dos antropófagos estão perto de sua origem, suas faculdades intelectuais e morais ainda são obtusas, pouco desenvolvidas e, por isso mesmo, nelas dominam os instintos animais.

Mas essas almas não estão destinadas a ficar perpetuamente nesse estado inferior, que as privaria para sempre da felicidade das almas mais adiantadas; crescem em raciocínio, esclarecem-se, depuram-se, instruem-se e melhoram em existências sucessivas. Revivem nas raças selvagens, enquanto não ultrapassarem os limites da selvageria. Chegadas a um certo grau, deixam esse meio para encarnar-se numa raça um pouco mais adiantada; desta a uma outra e assim por diante, sobem em grau, em razão dos méritos que adquiriram e das imperfeições de que se despojaram, até que tenham atingido o grau de perfeição de

que é susceptível a criatura. A via do progresso não está fechada a nenhuma, de tal sorte que a mais atrasada pode aspirar à suprema felicidade. Mas umas, em virtude do seu livre-arbítrio, que é o apanágio da Humanidade, trabalham com ardor por sua depuração e por sua instrução, em se despojar dos instintos materiais e das fraldas da origem, porque, a cada passo que dão para a perfeição vêem mais claro, compreendem melhor e são mais felizes. Essas avançam mais prontamente, gozam mais cedo: eis a sua recompensa. Outras, sempre em virtude de seu livre-arbítrio, demoram-se no caminho, como estudantes preguiçosos e de má vontade, ou como operários negligentes; chegam mais tarde, sofrem mais tempo: eis a sua punição ou, se quiserem, o seu inferno. Assim se confirma, pela pluralidade das existências progressivas, a admirável lei de unidade e de justiça que caracteriza todas as obras da Criação. Comparai esta doutrina à da Igreja, sobre o passado e o futuro das almas e vede qual a mais racional, a mais conforme à justiça divina e que melhor explica as desigualdades sociais.

A antropofagia é, seguramente, um dos mais baixos graus da escala humana na Terra, porque o selvagem que não come mais o seu semelhante já está em progresso. Mas de onde vem a recrudescência desse instinto bestial? É de notar, antes de mais, que é apenas local e que, em suma, o canibalismo desapareceu em grande parte da Terra. É inexplicável sem o conhecimento do mundo invisível e de suas relações com o mundo visível. Pelas mortes e nascimentos, eles se alimentam incessantemente um do outro. Ora, os homens imperfeitos não podem fornecer ao mundo invisível almas perfeitas, e as almas perversas, encarnando-se, não podem fazer senão homens maus. Quando as catástrofes e flagelos se apoderam ao mesmo tempo de grande número de homens, há uma chegada em massa no mundo dos Espíritos. Devendo essas mesmas almas reviver, em virtude da lei da Natureza, e para o seu adiantamento, as circunstâncias podem igualmente trazê-las em massa para a Terra.

O fenômeno de que se trata depende, pois, simplesmente da encarnação acidental, nos meios ínfimos, de um maior número de almas atrasadas, e não da malícia de Satã, nem da palavra de ordem dada aos povos da Oceania. Ajudando o desenvolvimento do senso moral dessas almas, durante sua permanência na Terra – e esta é a missão dos homens civilizados – elas melhoram; e quando retomarem uma nova existência corporal, com vistas ao seu progresso, ainda serão homens menos maus do que eram, mais esclarecidos, de instintos menos ferozes, porque o progresso realizado jamais se perde. É assim que gradualmente se realiza o progresso da Humanidade.

Le Monde está com a verdade, dizendo que se preparam grandes acontecimentos. Sim, uma transformação se elabora na Humanidade. Já se fazem sentir os primeiros abalos do parto; o mundo corporal e o mundo espiritual se agitam, porque é a luta entre o que acaba e o que começa. Em proveito de quem será essa transformação? Sendo o progresso a lei providencial da Humanidade, ela não se pode dar senão em benefício do progresso. Mas os grandes partos são laboriosos; não é sem abalos e sem grandes rasgões no solo que se extirpam dos terrenos a limpar as ervas daninhas, que têm longas e profundas raízes.

A Espineta de Henrique III

O fato seguinte é a continuação da interessante história da *Ária e letra do rei Henrique III*, relatada na Revista de julho de 1865. Desde então o Sr. Bach tornou-se médium escrevente; mas pratica pouco, devido à fadiga resultante. Só o faz quando incitado por uma força invisível, que se traduz por viva agitação e tremor da mão, porque, então, a resistência é mais penosa que o exercício. É mecânico no mais absoluto sentido da palavra e não tem consciência nem lembrança do que escreve. Um dia em que se achava nessa disposição, escreveu esta quadra:

O rei Henrique dá essa grande espineta
A Baldazzarini, um bom músico então.
E se ela não é boa, elegante, completa
Ao menos trate-a bem, por justa gratidão.

A explicação destes versos, que para o Sr. Bach não tinham sentido, lhe foi dada em prosa.

"O rei Henrique, meu senhor, que me deu a espineta que possuis, tinha escrito uma quadra num pedaço de pergaminho e a mandara pregar no estojo; certa manhã ele ma enviou. Alguns anos mais tarde, tendo de fazer uma viagem, e temendo, já que eu levava minha espineta para fazer música, que o pergaminho fosse arrancado e se perdesse, tirei-o; e para não perdê-lo, coloquei-o num pequeno nicho, à esquerda do teclado, onde ainda se encontra."

A espineta é a origem dos pianos atuais, na sua maior simplicidade, e se tocava da mesma maneira. Era um pequeno cravo de quatro oitavas, de aproximadamente um metro e meio de comprimento por quarenta centímetros de largura, e sem pés. As cordas, no interior, eram dispostas como nos pianos, e tocadas por meio de teclas. Era transportada à vontade, acondicionada num estojo, como se faz com os baixos e os violoncelos. Para utilizá-la, era posta numa mesa ou sobre um X móvel.

O instrumento estava então em exposição no museu retrospectivo, nos Champs-Elysées, onde não era possível fazer a busca indicada. Quando ela lhe foi devolvida, o Sr. Bach, juntamente com o filho, apressou-se em rebuscar todos os cantos, mas inutilmente, de sorte que a princípio pensou tratar-se de uma mistificação. Entretanto, para nada ter a censurar-se, desmontou-a completamente e descobriu, à esquerda do teclado, entre duas pranchetas, um intervalo tão estreito que nele não se podia introduzir a mão. Explorou esse recanto, cheio de poeira e de teias de aranha, e daí retirou um pedaço de pergaminho dobrado,

enegrecido pelo tempo, com trinta e um centímetros de comprimento por sete e meio de largura, sobre o qual estava escrita a quadra seguinte, em caracteres da época, bastante grandes:

Eu, Henrique Terceiro, entrego esta espineta
A Baltasarini, meu músico feliz,
Quanto ao som, o que importa aqui é minha meta:
Dar-lha como lembrança e tê-la como eu quis.

Henrique

Esse pergaminho é perfurado nos quatro cantos por furos que, evidentemente, são os dos pregos que serviram para fixá-lo na caixa. Além disso, tem nas bordas uma porção de furos alinhados e regularmente espaçados, que parecem ter sido feitos por preguinhos. Foi exposto na sala de sessões da Sociedade, e todos tivemos o prazer de o examinar, bem como a espineta, na qual o Sr. Bach tocou e cantou a ária e a letra a que nos referimos, e que, como se sabe, lhe foram reveladas em sonho.

Os primeiros versos ditados reproduziam, como se vê, o mesmo pensamento que os do pergaminho, dos quais são a tradução em linguagem moderna, e isto antes que estes últimos fossem descobertos.

O terceiro verso é obscuro e contém, sobretudo, a palavra *ma*, que parece não ter qualquer sentido e não se ligar à idéia principal, e que, no original, está enquadrada num filete. Inutilmente procuramos a sua explicação, e o próprio Sr. Bach não o sabia. Estando um dia em casa deste último, teve ele, espontaneamente e em minha presença, uma comunicação de Baldazzarini, dada em nossa intenção, vazada nestes termos:

"Amico mio,

Estou contente contigo; escrevestes esses versos em minha espineta; minha promessa está realizada e agora estou

tranqüilo (Alusão a outros versos ditados ao Sr. Bach e que Baldazzarini lhe tinha dito que escrevesse no instrumento). Quero dizer uma palavra ao sábio presidente que vem te visitar:

Allan Kardec, ó tu, cujos úteis trabalhos
Instruem cada dia a novos bons obreiros
Não nos trazes jamais quaisquer princípios falhos;
Que os Espíritos bons aclarem teus roteiros.
Preciso é pois lutar, enfim contra a ignorância
Dos que sábios se crêem da Terra por jactância.
Não te abatas porém; a tarefa é de dores;
Mas fácil quando o foi aos bons propagadores?

"O rei zombava de meu sotaque em seus versos; eu sempre dizia *ma*, em vez de *mas*. *Adio, amico*.

Baldazzarini

Assim foi dada, sem pergunta prévia, a explicação daquele *ma*. É o vocábulo italiano que significa *mas*, intercalado por brincadeira, pelo qual o rei designava Baldazarinni que, como muitos de sua nação, o pronunciava muitas vezes. Assim o rei, dando aquela espineta ao seu músico, lhe disse: Se não é boa, se *soa mal*, ou se *ma* (Baldazzarini) a julga muito simples, de pouco valor, que a guarde em seu estojo, como lembrança minha."

A palavra *ma* está enquadrada num filete, como se entre parênteses. Certamente por muito tempo teríamos procurado esta explicação, que não podia ser reflexo do pensamento do Sr. Bach, já que ele próprio não a compreendia. Mas o Espírito viu que necessitávamos dela para completar o nosso relato e aproveitou a ocasião para no-la dar, sem que tivéssemos pensado em lha solicitar, porque, quando o sr. Bach se pôs a escrever, nós ignorávamos, assim como ele, qual era o Espírito que se comunicava.

Restava uma importante questão a resolver, a de saber se a escrita do pergaminho era realmente da mão de Henrique III.

O Sr. Bach se dirigiu à Biblioteca Imperial para compará-la com a dos manuscritos originais. De início encontraram alguns que não tinham perfeita similitude, mas apenas um mesmo tipo de letra. Com outras peças a identidade era absoluta, tanto para o corpo da escrita, quanto para a assinatura. Essa diferença provinha de que a caligrafia do rei era variável, circunstância que logo será explicada.

Assim, não podia haver dúvida quanto a autenticidade dessa peça, embora certas pessoas, que professam uma incredulidade radical em relação às coisas ditas sobrenaturais, tenham pretendido que não passava de uma imitação muito exata. Ora, observaremos que aqui não se trata de uma escrita mediúnica, dada pelo Espírito do rei, mas de um manuscrito original, escrito pelo próprio rei, em vida, e que nada tem de mais maravilhoso do que aqueles que circunstâncias fortuitas fazem descobrir diariamente. O maravilhoso, se maravilhoso existe, está apenas na maneira pela qual sua existência foi revelada. É bem certo que se o Sr. Bach se tivesse contentado em dizer que o tinha encontrado *por acaso* em seu instrumento, não teriam levantado nenhuma objeção.

Estes fatos tinham sido relatados em sessão da Sociedade, de 19 de janeiro de 1866, à qual assistia o Sr. Bach. O Sr. Morin, membro da Sociedade, médium sonâmbulo muito lúcido e que, em seu sono magnético, vê perfeitamente os Espíritos e com eles se entretém, assistia à sessão em estado de sonambulismo. Durante a primeira parte da sessão, consagrada a leituras diversas, à correspondência e ao relato dos fatos, o Sr. Morin, com quem não se ocupavam, parecia em conversa mental com seres invisíveis; ele lhes sorria e trocava com eles apertos de mãos. Quando chegou sua vez de falar, pediram-lhe que designasse os Espíritos que via e rogasse a eles que nos transmitissem, por seu intermédio, o que nos quisessem dizer para nossa instrução. Não lhe foi dirigida uma única pergunta direta. Só mencionamos sumariamente alguns fatos passados, para dar uma idéia do aspecto da sessão e para chegar ao assunto principal que aqui nos ocupa.

Nomeá-los todos, disse ele, seria impossível, pois seu número é muito grande; aliás, há muitos que não conheceis, e que vêm para se instruir. A maioria deles queria falar, mas cedem o lugar aos que, no momento, têm coisas mais importantes a dizer.

Para começar, está ao nosso lado o nosso antigo colega, o último que partiu para o mundo dos Espíritos, o Sr. Didier, que não falta a nenhuma de nossas sessões e que vejo exatamente como em vida, com a mesma fisionomia; dir-se-ia que está aqui com o seu corpo material; apenas não tosse mais. Dá-me conta de suas impressões, de sua opinião sobre as coisas atuais, e me encarrega de vos transmitir suas palavras.

Em seguida vem um rapaz, que se suicidou recentemente em circunstâncias excepcionais e cuja situação descreve, o qual apresenta uma fase, de certo modo nova, do estado de certos suicidas após a morte, em razão das causas determinantes do suicídio e da natureza de seus pensamentos.

Depois vem o Sr. B..., fervoroso espírita, morto há alguns dias, em conseqüência de uma operação cirúrgica, e que tinha haurido em sua crença e na prece a força para suportar corajosamente e com resignação seus longos sofrimentos. "Que reconhecimento, diz ele, não devo ao Espiritismo! Sem ele certamente teria posto fim às minhas torturas e seria como esse jovem infeliz que acabais de ver. A idéia do suicídio me veio algumas vezes, mas sempre a repeli. Sem isto, como teria sido triste a minha sorte! Hoje sou feliz, oh! muito feliz, e agradeço aos nossos irmãos, que me assistiram com suas preces cheias de caridade. Ah! se soubessem quão doces e salutares eflúvios a prece do coração derrama sobre os sofrimentos!"

"Mas, então, onde me conduzem? continua o sonâmbulo; num abrigo miserável! Lá está um homem ainda jovem, que morre do peito... a miséria é completa: nada para se

aquecer, nada para comer! Sua esposa, esgotada de fadiga e de privações, não pode mais trabalhar... Ah! o último triste recurso!... não tem mais cabelos.... cortou-os e vendeu para obter alguns centavos!... Quantos dias isto os fará viver?... É horroroso!"

Solicitado se pode indicar o domicílio dessa pobre gente, disse: "Esperai!" Depois parece escutar o que lhe dizem; toma um lápis e escreve um nome, com indicação da rua e número. Feita a verificação na manhã seguinte, tudo foi achado perfeitamente exato.

Refeito da emoção e voltando seu Espírito ao local da sessão, ele ainda falou de várias outras pessoas e de diversas coisas, que foram para os nossos guias espirituais assunto de instruções de elevado alcance, e que teremos ocasião de referir de outra vez.

De repente exclama: "Mas aqui há Espíritos de toda espécie! Alguns foram príncipes, reis! Um deles avança; tem o rosto longo e pálido, uma barbicha pontuda, uma espécie de gorro encimado por uma centelha. Ele me pede que vos diga:

'O pergaminho de que falastes e que tendes sob os olhos foi mesmo escrito por minha mão, mas, a respeito, eu vos devo uma explicação.

'Em meu tempo não se escrevia com tanta facilidade quanto hoje, sobretudo os homens de minha posição. Os materiais eram menos adequados e menos aperfeiçoados; a escrita era mais lenta, mais grossa, mais pesada; por isso refletia melhor as impressões da alma. Como sabeis, meu humor não era uniforme e, conforme eu estivesse em boa ou má disposição, minha escrita mudava de caráter. É o que explica a diferença que se nota nos meus manuscritos que restam. Quando escrevi esse pergaminho para o meu músico, enviando-lhe a espineta, estava num daqueles momentos de satisfação. Se procurardes em meus manuscritos aqueles cuja letra se assemelha à deste, reconhecereis, pelos

assuntos tratados, que eu devia estar num desses bons momentos e aí tereis outra prova de identidade."

Por ocasião da descoberta deste escrito, do qual falou o *Grand Journal* em seu número de 14 de janeiro, o mesmo jornal estampa o artigo seguinte, em seu exemplar de 21 de janeiro:

"Esgotemos a questão de correspondência, mencionando a carta da Sra. condessa de Martino, relativa à espineta do Sr. Bach. A condessa está persuadida de que o correspondente sobrenatural do Sr. Bach é um impostor, visto que devia assinar *Baldazzarini* e não *Baltazarini*, que é italiano macarrônico."

Primeiramente faremos notar que essa chicana a propósito da ortografia de um nome próprio é sofrivelmente pueril, e que o epíteto de *impostor*, em falta do correspondente invisível, no qual não acredita a senhora condessa, cai sobre um homem honrado, o que não é de muito bom-gosto. Em segundo lugar, Baldazzarini, simples músico, espécie de trovador, bem podia não dominar a língua italiana em sua pureza, numa época em que não se dava tanta importância à instrução. Contestariam a identidade de um francês que escrevesse em francês macarrônico, e não se vê gente incapaz de escrever corretamente o próprio nome? Por sua origem, Baldazzarini não devia estar muito acima do macarronismo. Mas essa crítica cai diante de um fato: é que os franceses, pouco familiarizados com as nuanças da ortografia italiana, ouvindo pronunciar esse nome, naturalmente o escrevem à francesa. O próprio rei Henrique III, na quadra encontrada e citada acima, o escreve simplesmente *Baltasarini*, embora não seja um ignorante. Assim foi com os que enviaram ao *Grand Journal* o relato do fato em questão. Quanto ao músico, nas diversas comunicações que ditou ao Sr. Bach, e das quais temos em mãos vários originais, assinou *Baldazzarini* e, às vezes, *Baldazzarrini*, como se pode confirmar; a falta, pois, não é dele, mas dos que, por ignorância, afrancesaram seu nome, nós em primeiro lugar.

É realmente curioso ver as puerilidades a que se apegam os adversários do Espiritismo, prova evidente da escassez de boas razões.

Os Ratos de Équihen

Um dos nossos assinantes de Boulogne-sur-Mer manda-nos o seguinte, em data de 24 de dezembro de 1865:

"Há alguns dias fiquei sabendo que em Équihen, vilarejo de pescadores, perto de Boulogne, em casa de um tal L..., fazendeiro muito rico, passavam-se fatos com o caráter de manifestações físicas espontâneas, e que lembram os de Grandes-Ventes, perto de Dieppe, de Poitiers, de Marselha, etc. Todos os dias, em torno das sete horas da noite, pancadas e rolamentos muito barulhentos são ouvidos no soalho. Um armário fechado a chave se abre de repente e as roupas que contém são lançadas no meio do quarto; as camas, sobretudo a da filha da casa, são bruscamente desfeitas várias vezes seguidas.

Embora a população estivesse longe de se ocupar de Espiritismo e, mesmo, de saber do que se trata, pensaram que o autor desse tumulto, cuja causa as pesquisas e uma vigilância muito minuciosa foram incapazes de descobrir, bem poderia ser um irmão do tal L..., antigo militar, morto há dois anos na Argélia. Parece que tinha recebido dos parentes a promessa que, se morresse em serviço, mandariam trazer o corpo para Équihen. Como a promessa não foi cumprida, supunham que fosse o Espírito desse irmão que, diariamente e há seis semanas, viesse perturbar a casa e todo o vilarejo.

O clero incomodou-se com os fenômenos; quatro curas da localidade e das circunvizinhanças, depois cinco redentoristas e três ou quatro religiosas, vieram para exorcizar o

Espírito, mas inutilmente. Vendo que não conseguiam fazer cessar o barulho, aconselharam o tal L... a partir para a Argélia, a fim de buscar o corpo do irmão, o que fez imediatamente. Antes da partida, esses senhores fizeram com que toda a família se confessasse e comungasse; depois disseram que era preciso dizer missas, sobretudo uma missa cantada, depois missas rezadas diariamente. Celebrada a primeira, os redentoristas se encarregaram das outras. Recomendaram expressamente às senhoras L... que abafassem aqueles ruídos e dissessem a todos quantos viessem informar-se se a coisa continuava, que o barulho era provocado pelos *ratos*. E acrescentaram: É preciso que vos guardeis de propagar essas coisas, pois isto seria uma grave ofensa a Deus, e porque existe uma seita que procura destruir a religião; que se ela soubesse o que se passa, não deixaria de tirar partido, a fim de a prejudicar, pelo que a família seria responsável perante Deus; que era uma infelicidade que a coisa já se tivesse espalhado. A partir desse momento as portas foram hermeticamente fechadas, a cancela do pátio cuidadosamente trancada a chave e a entrada interdita a todos os que viessem todas as noites ouvir o barulho. Mas se puseram chaves em todas as portas, não as puderam colocar em todas as línguas, e os *ratos* agiram tão bem que eram ouvidos num raio de dez léguas. Engraçadinhos disseram ter visto os ratos roendo a roupa, mas não as atirar para fora, nem abrir portas fechadas a chave. É que, diziam eles, provavelmente são ratos de uma nova espécie, trazidos por algum navio estrangeiro. Esperamos com impaciência que os mostrem ao público."

O mesmo fato nos é relatado por dois outros correspondentes. Disso ressalta uma primeira consideração, a de que esses senhores do clero, que eram numerosos, e que tinham interesse em descobrir uma causa vulgar, não teriam deixado de assinalá-la, caso existisse, e, sobretudo, não teriam prescrito a pequena mentira dos *ratos*, sob pena de incorrer no desagrado de Deus. Reconheceram, pois, a intervenção de um poder oculto. Mas, então, por que o exorcismo é sempre impotente em semelhantes

casos? Para isto há, antes de mais, uma razão peremptória: é que o exorcismo se dirige aos *demônios*; ora, como os Espíritos obsessores e batedores não são demônios, mas seres humanos, o exorcismo não tem influência sobre eles. Em segundo lugar, o exorcismo é um anátema e uma ameaça que irrita o Espírito malfeitor, e não uma instrução capaz de o tocar e o conduzir ao bem.

Na circunstância presente, aqueles senhores reconheceram que podia ser o Espírito do irmão morto na Argélia, sem o que não teriam aconselhado que fossem buscar o seu corpo, a fim de cumprir a promessa que lhe fora feita; não teriam recomendado missas, que não podiam ser ditas em favor dos demônios. Em que se torna, pois, a doutrina dos que pretendem que só os demônios podem manifestar-se e que tal poder é negado às almas dos homens? Se um Espírito humano pôde fazê-lo no caso de que se trata, por que não o faria em outros? Por que um Espírito bom e benevolente não se comunicaria senão pela violência, para ser lembrado pelos que o amaram e lhes dar sábios conselhos?

É preciso ser conseqüente consigo mesmo. Dizei sem rodeios, de uma vez por todas, que são sempre os demônios, sem exceção: a gente acreditará no que quiser; ou, então, reconhecei que os Espíritos são as almas dos homens, e que no número, há bons e maus que podem comunicar-se.

Aqui se apresenta uma questão especial do ponto de vista espírita. Como os Espíritos podem exigir que seus corpos fiquem de preferência num lugar a outro? Os Espíritos de certa elevação não se prendem absolutamente a isto; mas os menos adiantados não são tão desprendidos da matéria, a ponto de não ligar importância às coisas terrenas, de que o Espiritismo oferece numerosos exemplos. Mas aqui o Espírito pode ser solicitado por outro motivo, o de lembrar ao irmão que ele faltou à sua promessa, negligência que este não podia se desculpar pela falta de recursos,

já que era rico. Talvez tivesse pensado consigo mesmo: "Ah! meu irmão está morto; não irá fazer a sua reclamação, e será uma grande despesa a menos."

Ora, suponhamos que o irmão, fiel aos seus compromissos, desde logo tivesse ido à Argélia, mas não encontrasse o corpo, dada a confusão inevitável em tempo de guerra, e tivesse trazido outro corpo, que não o do seu parente: este último não teria ficado menos satisfeito, porque o dever moral fora cumprido. Os Espíritos nos dizem sem cessar: O pensamento é tudo; a forma nada é e não nos prendemos a ela.

Novo e Definitivo Enterro do Espiritismo

Quantas vezes já disseram que o Espiritismo estava morto e enterrado! Quantos escritores já se gabaram de lhe haver dado o golpe de misericórdia, uns porque tinham dito palavrões temperados com sal grosso, outros porque haviam descoberto um charlatão enfarpelando-se com o nome de espírita, ou alguma imitação grosseira de um fenômeno! Sem falar de todos os sermões, pastorais e brochuras da mesma fonte, de onde o menor julgava ter lançado o raio, o aparecimento dos espectros nos teatros foi saudado com um hurra! em toda a linha. "Temos o segredo desses espíritas", diziam sem trégua os jornais, pequenos e grandes, desde Perpignan até Dunquerque; "jamais eles se erguerão dessa bordoada!" Os espectros passaram e o Espiritismo ficou de pé. Depois vieram os irmãos Davenport, apóstolos e sumos-sacerdotes do Espiritismo, que eles não conheciam e que nenhum espírita conhecia. Aí, ainda, o Sr. Robin teve a glória de salvar, pela segunda vez, a França e a Humanidade, tocando muito bem os negócios de seu teatro. A imprensa teceu coroas a esse corajoso defensor do bom-senso, a esse sábio que havia descoberto as

astúcias do Espiritismo, como o Sr. Dr. Jobert (de Lamballe) tinha descoberto o segredo do músculo estalante. Contudo, os irmãos Davenport partiram sem as honras da guerra; o músculo estalante fez água e o Espiritismo vai sempre muito bem. Evidentemente isto prova uma coisa: é que ele não consiste nem nos espectros do Sr. Robin, nem nas cordas e nos tambores bascos dos Srs. Davenport, nem no músculo pequeno perônio[3]. É, pois, mais um golpe que falha. Mas desta vez, eis o bom, o verdadeiro, e é impossível que o Espiritismo se levante: são o *Événement*, o *Opinion nationale* e o *Grande Journal* que nos informam e o *afirmam*. Uma coisa muito estranha é que o Espiritismo se apraz em reproduzir todos os fatos que lhe opõem e que, segundo seus adversários, devem matá-lo. Se os julgasse muito perigosos, ele os calaria. Eis de que se trata:

"O célebre ator inglês Sothem acaba de escrever a um jornal de Glasgow uma carta que dá o último golpe no Espiritismo. Esse jornal o censurava por atacar sem a menor consideração os irmãos Davenport e os adeptos das influências ocultas, depois de ele próprio ter dado sessões de Espiritismo na América, sob o nome de Sticart, que então era o seu pseudônimo de teatro. O Sr. Sothem confessa perfeitamente ter mostrado muitas vezes aos seus amigos que era capaz de executar todas as habilidades dos espíritas e mesmo ter feito proezas ainda mais maravilhosas; mas jamais suas experiências foram executadas fora de um pequeno círculo de amigos e conhecidos. Jamais fez que alguém pagasse um vintém qualquer; ele próprio cobria as despesas de suas experiências, depois das quais ele e os amigos se reuniam num alegre jantar.

"Com o concurso de um americano muito ativo, obteve os mais curiosos resultados: aparição de fantasmas, ruído de

3 Vide a *Revista Espírita* de junho de 1859: O músculo estalante. O *Moniteur* e outros jornais anunciaram, há algum tempo, que o Sr. Dr. Jobert (de Lamballe) tinha sido acometido de alienação mental e atualmente se encontra numa casa de saúde. Esse triste acontecimento certamente não se deve à sua crença nos Espíritos.

instrumentos, assinaturas de Shakespeare, mãos invisíveis passando pelos cabelos dos espectadores e lhes aplicando tapas, etc., etc.

"O Sr. Sothem sempre disse que todas essas mágicas resultavam de combinações engenhosas, de habilidade e de astúcia, sem que os Espíritos do outro mundo nelas tomassem qualquer parte.

"Em suma, o célebre artista declara que desafia os Hume, os Davenport e todos os espíritas do mundo, a fazerem alguma manifestação que ele não possa superar.

"Ele jamais pretendeu fazer profissão de sua habilidade, mas apenas confundir os velhacos, que ultrajam a religião e roubam o dinheiro do público, fazendo-o crer que têm um poder sobrenatural, que mantêm relações com o outro mundo, que podem evocar as almas dos mortos. O Sr. Sothem não faz rodeios para dizer sua opinião; diz as coisas por seus nomes; chama um gato de gato e os Rollets... de vigaristas."

Os Srs. Davenport tinham contra si duas coisas que os nossos adversários reconheceram: as exibições teatrais e a exploração. Crendo de boa-fé – pelo menos gostamos de assim pensar – que o Espiritismo consiste em malabarismos da parte dos Espíritos, os adversários esperavam que os espíritas fossem tomar partido por esses senhores; ficaram um pouco desapontados quando os viram, ao contrário, condenar esse gênero de manifestações como prejudicial aos princípios da doutrina, e demonstrar que é ilógico admitir que os Espíritos estejam a toda hora às ordens do primeiro que chegar querendo servir-se deles para ganhar dinheiro. Certos críticos até fizeram, de moto-próprio, valer este argumento contra os Srs. Davenport, sem suspeitar que defendiam a causa do Espiritismo. A idéia de pôr os Espíritos em cena e fazê-los servir de comparsas com vistas ao interesse, provocou um sentimento geral de aversão, quase de repulsa,

mesmo nos incrédulos, que se disseram: "Não cremos nos Espíritos; mas se os há, não é em tais condições que devem mostrar-se; e devemos tratá-los com mais respeito." Não acreditavam em Espíritos vindo a tanto por sessão e nisto tinham completa razão; donde se pode concluir que a exibição de coisas extraordinárias e a exploração são os piores meios de fazer prosélitos. Se o Espiritismo patrocinasse tais coisas, este seria o seu lado fraco; seus adversários o compreendem tão bem, que é sobre este que não perdem nenhuma ocasião de ferir, crendo atingir a doutrina. O Sr. Gérôme, do *Univers illustré*, respondendo ao Sr. Blanc de Lalésie (ver nossa Revista de dezembro), que o censurava por falar do que não conhecia, disse: "Praticamente estudei o Espiritismo com os irmãos Davenport, e isto me custou 15 francos. É verdade que os irmãos Davenport hoje trabalham a preços mais suaves: por 3 ou 5 francos pode-se ver suas farsas; preços de Robin, ainda bem!"

O autor do artigo sobre a jovem cataléptica da Suábia, que não é espírita (vide o número de janeiro), tem o cuidado de ressaltar, como prova de confiança nesses fenômenos extraordinários, que os pais não pensam absolutamente em tirar partido das estranhas faculdades de sua filha.

A exploração da idéia espírita é, pois, um motivo de descrédito. Os espíritas condenam a especulação, e é por isto que se tem o cuidado de apresentar o ator Sothem como completamente desinteressado, na expectativa de torná-lo um argumento vitorioso. É sempre essa idéia que o Espiritismo só vive de fatos maravilhosos e de trapaças.

Que a crítica bata quanto queira nos abusos; que desmascare os truques e as astúcias dos charlatães. O Espiritismo, que não usa nenhum método secreto e cuja doutrina é toda moral, não poderá senão ganhar em se ver livre dos parasitas que dele fazem um degrau e dos que lhe desnaturam o caráter.

O Espiritismo teve como adversários homens de real valor, em saber e em inteligência, que contra ele empregaram, sem sucesso, todo um arsenal de argumentação. Vejamos se o ator Sothem terá mais êxito que os outros para o enterrar. Ele o estaria há muito tempo se tivesse repousado nos absurdos que lhe atribuem. Se, pois, depois de haver matado o charlatanismo e desacreditado as práticas ridículas, ele existe sempre, é que há nele algo de mais sério, que não foi possível atingir.

Os Qüiproquós

A avidez com que os detratores do Espiritismo aproveitam as menores notícias, que julgam ser-lhe desfavoráveis, os expõe a singulares enganos. Sua pressa em as publicar é tal que não têm tempo em lhes verificar a exatidão. Aliás, para que tanto esforço! a verdade do fato é uma questão secundária, contanto que dela ressalte o ridículo. Por vezes essa precipitação tem seus inconvenientes e, em todo o caso, atesta uma leviandade que está longe de aumentar o valor da crítica.

Outrora os saltimbancos eram simplesmente chamados *escamoteadores*; caindo o vocábulo em descrédito, foi substituído por *prestidigitadores*, mas que ainda lembrava muito o jogador de copos. O célebre Conte, parece-nos, foi o primeiro que se adornou com o título de *físico* e que obteve o privilégio, sob a Restauração, de pôr em seus anúncios e nos letreiros de seu teatro: *Físico do rei*. Desde então, até mesmo o mais medíocre escamoteador que percorria feiras se intitulava de *físico, professor de Física,* etc., maneira, como qualquer outra, de atirar pó nos olhos de certo público que, não sabendo mais, os coloca de boa-fé no mesmo nível dos físicos da Faculdade de Ciências. Certamente a arte da prestidigitação tem feito imensos progressos, e não se pode contestar a alguns que a praticam com brilho, conhecimentos especiais, um talento real e um caráter honrado; mas não passa da arte de produzir ilusões,

com maior ou menor habilidade, e não de uma ciência séria, com seu lugar no Instituto.

O Sr. Robin adquiriu neste gênero uma celebridade para a qual não contribuiu pouco o papel que ele desempenhou no caso dos irmãos Davenport. Esses senhores, com ou sem razão, pretenderam que operavam com o auxílio dos Espíritos; de sua parte era um novo meio de excitar a curiosidade, saindo dos lugares-comuns? Não é aqui o lugar de examinar a questão. Seja como for, só pelo fato de se dizerem agentes dos Espíritos, os que não o admitem de forma alguma protestarão. O Sr. Robin, como homem hábil em tirar proveito da coisa, não perde a oportunidade; declara produzir os mesmos efeitos por simples passes de mágica. Julgando que os Espíritos estão mortos, a crítica canta vitória e o proclama vencedor.

Mas o entusiasmo é cego e por vezes comete estranhas gafes. Há muitos Robins no mundo, como há muitos Martins. Eis que um Sr. Robin, professor de Física, acaba de ser eleito membro da Academia de Ciências. Não há mais dúvida: só pode ser o Sr. Robin, o físico do boulevard du Temple, o rival dos irmãos Davenport, que toda noite judia dos Espíritos em seu teatro; e sem mais ampla informação, um jornal sério, o *Opinion nationale*, em seu folhetim de sábado, 20 de janeiro, publica o seguinte artigo:

"Há algo de errado nos acontecimentos da semana? Entretanto, havia em seu número alguns bastante curiosos. Por exemplo, a eleição de Charles Robin para a Academia de Ciências. Há muito tempo defendíamos aqui a sua candidatura; mas pregavam bem alto contra ela em mais de um lugar. O fato é que esse nome de Robin tem algo de diabólico. Lembrai-vos de Robin des Bois. O herói das *Memórias do Diabo* não se chamava Robin? Esse Sr. Robin, que amarrou o guizo no pescoço dos Davenport, é um físico tão sábio quanto amável. O guizo cresceu, cresceu; tornou-se maior e mais retumbante que o grande sino de

Notre-Dame. Os pobres farsistas, atordoados pelo ruído que faziam, viram-se obrigados a fugir *para a América*, mas a própria América não os quer mais. Grande vitória do bom-senso; derrota do sobrenatural! Ele contava tomar uma desforra da Academia de Ciências, e fez esforços heróicos para excluir esse inimigo, esse positivista, esse descrente ilustre que se chama Charles Robin. E eis que no próprio seio de uma Academia tão bem pensante, o sobrenatural ainda é debatido. Charles Robin vai sentar-se à esquerda do Sr. Pasteur. E já não estamos no tempo das doces fábulas, no tempo feliz e saudoso em que o cajado do pastor se impunha a Robin carneiro!"

Ed. About

Para quem a mistificação? Seríamos realmente tentados a crer que algum Espírito maligno conduziu a pena do autor do artigo.

Eis um outro qüiproquó que, por ser menos divertido, não prova menos a leviandade com que a crítica acolhe, sem exame, tudo que julga contrário ao Espiritismo, obstinando-se, a despeito de tudo quanto foi dito, a encarnar nos irmãos Davenport; de onde conclui que tudo quanto for um revés para esses senhores, também o é para a doutrina, que não é mais solidária com os que lhe tomam o nome, do que a verdadeira física com aqueles que usurpam o nome de físico.

Vários jornais apressaram-se em reproduzir o artigo seguinte, conforme o *Messager franco-américain*. Entretanto eles deveriam, melhor que ninguém, saber que nem tudo que é impresso é palavra do Evangelho:

"Os pobres irmãos Davenport não podiam escapar ao ridículo que espera os charlatães de toda espécie. Acreditados e louvados nos Estados Unidos, onde durante muito tempo exploraram, depois descobertos e ridicularizados na capital da

França, menos fácil para sofrer o *embuste*, era preciso que recebessem, na mesma sala de suas grandes façanhas em Nova Iorque, o último desmentido que mereciam.

"Esse desmentido acaba de lhes ser dado publicamente por seu antigo comparsa, o Sr. Fay, na sala do Cooper Institute, sábado à noite, em presença de numerosa assembléia.

"Ali o Sr. Fay desvendou tudo, os segredos do famoso armário, o segredo das cordas e dos nós e de todos os malabarismos, por tanto tempo empregados com sucesso. Comédia humana! E dizer que há gente séria e instruída, que admirou e defendeu os irmãos Davenport e que chamou de *Espiritismo* farsas que talvez fossem toleradas no carnaval!"

Não nos cabe tomar a defesa dos Srs. Davenport, cujas exibições sempre condenamos, como contrárias aos princípios da sã Doutrina Espírita. Mas, seja qual for a opinião que se faça a seu respeito, devemos dizer, a bem da verdade, que foi um erro inferir desse artigo que estivessem em Nova Iorque e ali tivessem sido ridicularizados. Sabemos de fonte segura que, deixando Paris, voltaram à Inglaterra, onde ainda se acham no momento. O Sr. Fay, que teria revelado seus segredos, não é o seu cunhado William Fay, que os acompanha, mas um tal H. Melleville Fay, que produzia efeitos semelhantes na América, e do qual se fala em sua biografia, com a recomendação de não os confundir. Nada há de admirável que esse senhor, que lhes fazia concorrência, tenha julgado conveniente aproveitar sua ausência para lhes pregar uma peça e os desacreditar em proveito próprio. Nessa luta ao fenômeno não se poderia ver Espiritismo. É o que dá a entender o fim do artigo, por esta frase: "E dizer que há gente séria (...), que chamou de *Espiritismo* farsas que talvez fossem toleradas no carnaval!" Essa exclamação tem o ar de uma censura dirigida aos que confundem coisas tão disparatadas.

Os irmãos Davenport forneceram aos detratores do Espiritismo ocasião ou pretexto para um formidável levante, em presença do qual ele ficou de pé, calmo e impassível, continuando sua rota sem se inquietar com o barulho que faziam à sua volta. Um fato digno de nota é que seus adeptos, longe de se amedrontarem, foram unânimes em considerar essa efervescência como eminentemente útil à sua causa, certos de que o Espiritismo só tem a ganhar por ser conhecido. A crítica caiu sem dó nem piedade sobre os irmãos Davenport, neles julgando matar o Espiritismo. Se este não gritou, é porque não se sentiu ferido. O que ela matou foi precisamente o que ele condena e desaprova: a exploração, as exibições públicas, o charlatanismo, as manobras fraudulentas, as imitações grosseiras de fenômenos naturais, que se produzem em condições completamente diversas, o abuso de um nome que representa uma doutrina toda moral, de amor e de caridade. Depois desta rude lição, acreditamos que seria temerário tentar a sorte por semelhantes meios.

É verdade que disso resultou uma certa confusão momentânea no espírito de algumas pessoas, uma espécie de hesitação muito natural nas que só ouviram a censura lançada com parcialidade, sem separar o verdadeiro do falso; mas deste mal saiu um grande bem: o desejo de conhecer, que não pode redundar senão em proveito da doutrina.

Obrigado, pois, à crítica por ter feito, com a ajuda dos poderosos meios de que dispõe, o que os espíritas não o teriam podido por si mesmos; ela adiantou a questão de alguns anos, e mais uma vez convenceu seus adversários de sua impotência. Aliás, o caso Davenport foi um assunto tão repisado, que ao público parece tão enfadonho quanto o grito de Lambert. É tempo que a crônica encontre um novo tema para explorar.

Nota Bibliográfica

A propósito de nosso artigo do mês passado sobre o *Dicionário Universal*, muitas pessoas nos pediram informações sobre o modo de subscrição e pagamento. Eis a nota que, a propósito, nos foi dada pela direção.

Preço de cada fascículo de 8 páginas: 10 c. Publicam-se dois fascículos por semana. – Remessas pelo Correio somente em séries de 40 fascículos, ao preço de 4 fr. em Paris, 5 fr. para os Departamentos e 6 fr. para o estrangeiro. – Pode-se fazer a subscrição para um número qualquer de séries, bastando, para isso, enviar o montante ao diretor, 38, boulevard Sébastopol, em Paris. A primeira série está à venda; a segunda logo estará disponível. – As pessoas que desejam receber a obra em fascículos devem dirigir-se às livrarias de sua localidade.

ERRATA

No número de janeiro, carta do Sr. Jaubert, em vez de *todos os uniformes*, leia-se: todos uniformes; em vez de *assiégiée*, leia-se *assiégée* (sitiado).

Allan Kardec

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO IX MARÇO DE 1866 Nº 3

Introdução ao Estudo dos Fluidos Espirituais

I

Os fluidos espirituais representam importante papel em todos os fenômenos espíritas, ou melhor, são o princípio mesmo desses fenômenos. Até agora nos limitamos a dizer que tal efeito resultava de uma ação fluídica; mas esse dado geral, suficiente no início, deixa de o ser quando se quer pesquisar os detalhes. Sabiamente os Espíritos limitaram seu ensinamento no princípio; mais tarde, chamaram a atenção para a grave questão dos fluidos, e não foi num centro único que a abordaram, mas praticamente em todos eles.

Mas os Espíritos não nos vêm trazer esta ciência, como nenhuma outra, já pronta; eles nos põem no caminho e nos fornecem os materiais, cabendo a nós estudá-los, observá-los, analisá-los, coordená-los e deles nos servirmos. Foi o que fizeram para a constituição da doutrina e agiram da mesma forma em relação aos fluidos. É do nosso conhecimento que em milhares de locais

diversos eles esboçaram seu estudo; em toda parte encontramos alguns fatos, algumas explicações, uma teoria parcial, uma idéia; mas em parte alguma um trabalho completo de conjunto. Por que isto? Impossibilidade da parte deles? Não, certamente, pois o que teriam podido fazer como homens, com mais forte razão o poderão como Espíritos. Mas, como dissemos, é porque eles não vêm de modo algum nos libertar do trabalho da inteligência, sem o qual nossas forças, ficando inativas, se estiolariam; acharíamos mais cômodo que eles trabalhassem por nós.

Assim, o trabalho foi deixado ao homem; mas sendo limitados a sua inteligência, a sua vida e o seu tempo, a nenhum é dado elaborar tudo o que é necessário para a constituição de uma ciência. Eis por que não há uma só que seja, em todas as suas peças, obra de um só homem; nenhuma descoberta que o seu primeiro inventor tenha levado à perfeição. A cada edifício intelectual, vários homens e várias gerações trouxeram seu contingente de pesquisas e de observações.

Dá-se o mesmo com a questão que nos ocupa, cujas diversas partes foram tratadas separadamente, depois coligidas num corpo metódico, quando puderam ser reunidos materiais suficientes. Esta parte da ciência espírita mostra desde já que não é uma concepção sistemática individual, de um homem ou de um Espírito, mas o produto de múltiplas observações, que tiram sua autoridade da concordância existente entre elas.

Pelo motivo que acabamos de exprimir, não poderíamos pretender que esta seja a última palavra. Como temos dito, os Espíritos graduam os seus ensinos e os proporcionam à soma e à maturidade das idéias adquiridas. Assim, não se poderia duvidar que, mais tarde, eles pusessem novas observações no caminho; mas desde já há elementos suficientes para formar um corpo que, posteriormente e de modo gradual, será completado.

O encadeamento dos fatos nos obriga a tomar nosso ponto de partida de mais alto, a fim de proceder do conhecido para o desconhecido.

II

Tudo se liga na obra da Criação. Outrora se consideravam os três reinos como inteiramente independentes entre si, e teriam rido de quem pretendesse encontrar uma correlação entre o mineral e o vegetal, entre o vegetal e o animal. Uma observação atenta fez desaparecer a solução de continuidade, provando que todos os corpos formam uma cadeia ininterrupta, de tal sorte que os três reinos não subsistem, na realidade, senão pelos caracteres gerais mais marcantes; mas nos seus limites respectivos eles se confundem, a ponto de se hesitar em saber onde termina um e começa o outro, e em qual deles certos seres devem ser colocados. Tais são, por exemplo, os zoófitos, ou animais-plantas, assim chamados porque contêm, ao mesmo tempo, elementos do animal e da planta.

Acontece a mesma coisa no que concerne à composição dos corpos. Durante muito tempo os quatro elementos serviram de base às ciências naturais; caíram diante das descobertas da química moderna, que reconheceu um número indeterminado de corpos simples. A Química nos mostra todos os corpos da Natureza formados desses elementos combinados em diversas proporções. É da infinita variedade dessas combinações que nascem as inumeráveis propriedades dos diferentes corpos. É assim, por exemplo, que uma molécula de gás oxigênio e duas de gás hidrogênio, combinadas, formam a água. Na sua transformação em água, o oxigênio e o hidrogênio perdem suas qualidades próprias; propriamente falando, não há mais oxigênio, nem hidrogênio, mas água. Decompondo a água, encontram-se novamente os dois gases, nas mesmas proporções. Se, em vez de uma molécula de oxigênio, houver duas, isto é, duas de cada gás,

não será mais água, mas um líquido muito corrosivo. Bastou, pois, uma simples mudança na proporção de um dos elementos para transformar uma substância salutar numa substância venenosa. Por uma operação inversa, se os elementos de uma substância deletéria, o arsênico, por exemplo, forem simplesmente combinados em outras proporções, sem adição ou supressão de nenhuma outra substância, ela se tornará inofensiva, ou mesmo salutar. Há mais: várias moléculas reunidas, de um mesmo elemento, gozarão de propriedades diferentes, conforme o modo de agregação e as condições do meio em que se encontram. O *ozônio*, recentemente descoberto no ar atmosférico, é um exemplo. Reconheceu-se que essa substância mais não é que o oxigênio, um dos principais constituintes do ar, num estado particular que lhe dá propriedades distintas do oxigênio propriamente dito. O ar não deixa de ser formado por oxigênio e azoto, mas suas qualidades variam conforme contenha maior ou menor quantidade de oxigênio no estado de ozônio.

Estas observações, que parecem estranhas ao nosso assunto, não obstante a ele se ligam de maneira direta, como se verá mais tarde; elas são, além disso, essenciais como pontos de comparação.

Essas composições e decomposições se obtêm artificialmente e em pequena escala nos laboratórios, mas se operam em grande escala e espontaneamente no grande laboratório da Natureza. Sob a influência do calor, da luz, da eletricidade, da umidade, um corpo se decompõe, seus elementos se separam, outras combinações se operam e novos corpos se formam. Assim, a mesma molécula de oxigênio, por exemplo, que faz parte do nosso corpo, após a destruição deste entra na composição de um mineral, de uma planta ou de um corpo animado. Em nosso corpo atual acham-se, portanto, as mesmas parcelas de matéria, que foram partes constituintes de uma porção de outros corpos.

Citemos um exemplo para tornar a coisa mais clara.

Um pequeno grão é posto na terra, brota, cresce e torna-se uma grande árvore que, anualmente, dá folhas, flores e frutos. Quer dizer que esta árvore se achava inteirinha no grão? Seguramente não, porque contém uma quantidade de matéria muito mais considerável. Donde, pois, lhe veio essa matéria? Dos líquidos, dos sais, dos gases que a planta extraiu da terra e do ar, que se infiltraram em seu caule e, pouco a pouco, lhe aumentaram o volume. Mas nem na terra nem no ar se encontram madeira, folhas, flores e frutos. É que esses mesmos líquidos, sais e gases, no ato de absorção, se decompuseram; seus elementos sofreram novas combinações, que os transformaram em seiva, lenho, casca, folhas, flores, frutos, essências voláteis, etc. Essas mesmas partes, por sua vez, vão destruir-se, decompor-se; seus elementos, misturar-se de novo na terra e no ar; recompor as substâncias necessárias à frutificação; ser reabsorvidos, decompostos e, mais uma vez, transformados em seiva, lenho, casca, etc. Numa palavra, a matéria não sofre aumento nem diminuição; transforma-se e, em conseqüência dessas transformações sucessivas, a proporção das diversas substâncias, em quantidade, é sempre suficiente para as necessidades da Natureza.

Suponhamos, por exemplo, que uma dada quantidade de água seja decomposta, no fenômeno da vegetação[4], para fornecer oxigênio e hidrogênio necessários à formação das diversas partes da planta; é uma quantidade de água que existe a menos na massa; mas essas partes da planta, quando de sua decomposição, vão liberar o oxigênio e o hidrogênio que elas encerravam, e esses gases, combinando-se entre si, vão reconstituir uma quantidade de água equivalente à que havia desaparecido.

Um fato que é oportuno assinalar aqui, é que o homem, que pode executar artificialmente as composições e decomposições

4 **N. do T.:** No original: *phénomène de la végétation*.

que se operam espontaneamente na Natureza, é impotente para reconstituir o menor corpo organizado, ainda que fosse um pé de erva ou uma folha morta. Depois de ter decomposto um mineral, pode recompô-lo em todas as suas peças, tal qual era antes; mas quando separou os elementos de uma parcela de matéria vegetal ou animal, não pode reconstitui-la e, menos ainda, dar-lhe a vida. Seu poder se detém na matéria inerte: o princípio da vida está na mão de Deus.

A maioria dos corpos simples são chamados *ponderáveis*, porque lhes podemos medir o peso, e este está na razão da soma das moléculas contidas num dado volume. Outros são ditos *imponderáveis*, porque para nós não têm peso e, seja qual for a quantidade em que se acumulem em outro corpo, não lhe aumentam o peso. Tais são: o calórico[5], a luz, a eletricidade, o fluido magnético ou do ímã; este último não passa de uma variedade da eletricidade. Conquanto imponderáveis, nem por isso esses fluidos deixam de ter um grande poder. O calórico divide os corpos mais duros, os reduz a vapor e dá aos líquidos evaporados uma força de expansão irresistível. O choque elétrico quebra árvores e pedras, curva barras de ferro, funde os metais, atira ao longe enormes massas. O magnetismo dá ao ferro um poder de atração capaz de sustentar pesos consideráveis. A luz não possui esse gênero de força, mas exerce uma ação química sobre a maioria dos corpos; sob sua influência operam-se incessantemente composições e decomposições. Sem a luz, os vegetais e os animais se estiolam, os frutos não têm sabor nem coloração.

III

Todos os corpos da Natureza, minerais, vegetais, animais, animados ou inanimados, sólidos, líquidos ou gasosos, são, pois, formados dos mesmos elementos, combinados de maneira a

5 **N. do T.:** Allan Kardec valia-se da teoria do calor, em voga no século XIX, segundo a qual o *calórico* seria o fluido responsável pelos fenômenos térmicos.

produzir a infinita variedade dos diferentes corpos. Hoje a Ciência vai mais longe; suas investigações pouco a pouco a conduzem à grande lei da unidade. Agora é geralmente admitido que os corpos reputados simples não passam de modificações, de transformações de um elemento único, princípio universal designado sob os nomes de *éter, fluido cósmico ou fluido universal,* de tal sorte que, segundo o modo de agregação das moléculas desse fluido, e sob a influência de circunstâncias particulares, adquire propriedades especiais, que constituem os corpos simples; estes, combinados entre si em diversas proporções, formam, como dissemos, a inumerável variedade de corpos compostos. Segundo esta opinião, o calórico, a luz, a eletricidade e o magnetismo também não passariam de modificações do fluido primitivo universal. Assim esse fluido, que com toda probabilidade é imponderável, seria ao mesmo tempo o princípio dos fluidos imponderáveis e dos corpos ponderáveis.

A Química nos faz penetrar na constituição íntima dos corpos; mas, experimentalmente falando, não vai além dos corpos considerados simples; seus meios de análise são impotentes para isolar o elemento primitivo e determinar a sua essência. Ora, entre esse elemento em sua pureza absoluta e o ponto onde pára as investigações da Ciência, o intervalo é imenso. Raciocinando por analogia, chega-se à conclusão de que entre esses dois pontos extremos, esse fluido deve sofrer modificações que escapam aos nossos instrumentos e aos nossos materiais. É nesse campo novo, até aqui vedado à exploração, que vamos tentar penetrar.

IV

Até agora só se tinham idéias muito incompletas sobre o mundo espiritual ou invisível. Imaginavam-se os Espíritos como seres fora da Humanidade; os anjos também eram criaturas à parte, de uma natureza mais perfeita. Quanto ao estado das almas depois da morte, os conhecimentos não eram mais positivos. A opinião mais geral fazia deles seres abstratos, dispersos na imensidade e não

tendo mais relações com os vivos, a não ser que estivessem, segundo a doutrina da Igreja, nas beatitudes do céu ou nas trevas do inferno. Além disso, como as observações da Ciência não vão além da matéria tangível, resulta um abismo entre o mundo corporal e o mundo espiritual, que parecia excluir toda comparação. É este abismo que novas observações e o estudo de fenômenos ainda pouco conhecidos vêm encher, ao menos em parte.

O Espiritismo nos ensina, de saída, que os Espíritos são as almas dos homens que viveram na Terra; que progridem incessantemente, e que os anjos são essas mesmas almas ou Espíritos chegados a um estado de perfeição que os aproxima da Divindade.

Em segundo lugar, ensina-nos que as almas passam alternadamente do estado de encarnação ao de erraticidade; que neste último estado elas constituem a população invisível do globo, ao qual ficam ligadas até que tenham adquirido o desenvolvimento intelectual e moral que comporta a natureza deste globo, depois do que o deixam, passando a um mundo mais adiantado.

Pela morte do corpo, a Humanidade corporal fornece almas ou Espíritos ao mundo espiritual; pelos nascimentos, o mundo espiritual alimenta o mundo corporal; há, pois, transmutação incessante de um no outro. Esta relação constante os torna solidários, pois são os mesmos seres que entram no nosso mundo e que dele saem alternadamente. Eis um primeiro traço de união, um ponto de contato, que já diminui a distância que parecia separar o mundo visível do mundo invisível.

A natureza íntima da alma, isto é, do princípio inteligente, fonte do pensamento, escapa completamente às nossas investigações; mas agora se sabe que a alma é revestida de um envoltório ou corpo fluídico, que dela faz, depois da morte do corpo material, como antes, um ser distinto, circunscrito e

individual. A alma é o princípio espiritual considerado isoladamente; é a força atuante e pensante, que não podemos conceber isolada da matéria senão como uma abstração. Revestida de seu envoltório fluídico, ou perispírito, a alma constitui o ser chamado *Espírito*, como quando está revestida do envoltório corporal, constitui o homem. Ora, se bem que no estado de Espírito goze de propriedades e de faculdades especiais, não deixou de pertencer à Humanidade. Os Espíritos são, pois, seres semelhantes a nós, já que cada um de nós se torna Espírito após a morte do corpo, e cada Espírito se torna homem pelo nascimento.

Esse envoltório *não é a alma*, pois não pensa: é apenas uma vestimenta; sem a alma, o perispírito, assim como o corpo, é uma matéria inerte privada de vida e de sensações. Dizemos *matéria*, porque, com efeito, o perispírito, embora de natureza etérea e sutil, não deixa de ser matéria, como os fluidos imponderáveis e, além disso, *matéria da mesma natureza e da mesma origem que a mais grosseira matéria tangível*, como logo veremos.

A alma não reveste o perispírito apenas no estado de Espírito; é inseparável desse envoltório, que a segue na encarnação, como na erraticidade. Na encarnação, é o laço que a une ao envoltório corporal, o intermediário com cujo auxílio age sobre os órgãos e percebe as sensações das coisas exteriores. Durante a vida, o fluido perispiritual identifica-se com o corpo, penetrando todas as suas partes; com a morte, dele se desprende; privado da vida o corpo se dissolve, mas o perispírito, sempre unido à alma, isto é, ao princípio vivificante, não perece; apenas a alma, em vez de dois envoltórios, conserva apenas um: o mais leve, o que está mais em harmonia com o seu estado espiritual.

Embora esses princípios sejam elementares para os espíritas, era útil lembrá-los para a compreensão das explicações subseqüentes e a ligação das idéias.

V

Algumas pessoas contestaram a utilidade do envoltório perispiritual da alma e, em conseqüência, a sua existência. A alma, dizem, não precisa de intermediário para agir sobre o corpo; e, uma vez separada do corpo, é um acessório supérfluo.

A isto respondemos, primeiro, que o perispírito não é uma criação imaginária, uma hipótese inventada para chegar a uma solução; sua existência é um fato constatado pela observação. Quanto à sua utilidade, quer durante a vida, quer depois da morte, é preciso admitir que, desde que existe, é que serve para alguma coisa. Os que lhe contestam a utilidade são como um indivíduo que, não compreendendo as funções de certas engrenagens num mecanismo, concluíssem que só servem para complicar desnecessariamente a máquina. Não vê que se a menor peça fosse suprimida, tudo seria desorganizado. Quantas coisas, no grande mecanismo da Natureza, parecem inúteis aos olhos do ignorante e, mesmo, de certos cientistas, que de boa-fé acreditam que se tivessem sido encarregados da construção do Universo, o teriam feito melhor!

O perispírito é uma das engrenagens mais importantes da economia. A Ciência o observou em alguns de seus efeitos e, sucessivamente, tem sido designado sob o nome de fluido vital, fluido ou influxo nervoso, fluido magnético, eletricidade animal, etc., sem se dar conta precisa de sua natureza, de suas propriedades e, ainda menos, de sua origem. Como envoltório do Espírito após a morte, foi suspeitado desde a mais alta antiguidade. Todas as teogonias atribuem aos seres do mundo invisível um corpo fluídico. São Paulo diz em termos precisos que renascemos com um *corpo espiritual* (1ª *epístola aos Coríntios*, 15:35 a 44 e 50).

Dá-se o mesmo com todas as grandes verdades baseadas nas leis da Natureza, e das quais, em todas as épocas, os

homens de gênio tiveram a intuição. É assim que, desde antes de nossa era, hábeis filósofos tinham suspeitado a redondeza da Terra e seu movimento de rotação, o que nada tira ao mérito de Copérnico e de Galileu, sendo mesmo de presumir-se que estes últimos hajam aproveitado as idéias de seus predecessores. Graças a seus trabalhos, o que não passava de uma teoria individual, de uma teoria incompleta e sem provas, *desconhecida das massas*, tornou-se uma verdade científica, prática e popular.

A doutrina do perispírito está no mesmo caso; o Espiritismo não foi o primeiro a descobri-lo. Mas, assim como Copérnico para o movimento da Terra, ele o estudou, demonstrou, analisou, definiu e dele tirou fecundos resultados. Sem os estudos modernos mais completos, esta grande verdade, como muitas outras, ainda estaria no estado de letra morta.

VI

O perispírito é o traço de união que liga o mundo espiritual ao mundo corporal. O Espiritismo no-los mostra em relação tão íntima e tão constante, que de um ao outro a transição é quase insensível. Ora, assim como na Natureza o reino vegetal se liga ao reino animal por seres *semivegetais* e *semi-animais*, o estado corporal se liga ao estado espiritual não só pelo princípio inteligente, que é o mesmo, mas ainda pelo envoltório fluídico, ao mesmo tempo *semimaterial* e *semi-espiritual*, desse mesmo princípio. Durante a vida terrena, o ser corporal e o ser espiritual estão confundidos e agem em acordo; a morte do corpo apenas os separa. A ligação destes dois estados é tal, e eles reagem um sobre o outro com tanta força, que dia virá em que será reconhecido que o estudo da história natural do homem não poderia ser completo sem o estudo do envoltório perispiritual, isto é, sem pôr um pé no domínio do mundo invisível.

Esse paralelo é ainda maior quando se observa a origem, a natureza, a formação e as propriedades do perispírito, observação que decorre naturalmente do estudo dos fluidos.

VII

É sabido que todas as matérias animais têm como princípios constituintes o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono, combinados em diferentes proporções. Ora, como dissemos, esses mesmos corpos simples têm um princípio único, que é o fluido cósmico universal. Por suas diversas combinações eles formam todas as variedades de substâncias que compõem o corpo humano, o único de que aqui falamos, embora seja o mesmo em relação aos animais e às plantas. Disto resulta que o corpo humano não passa, na realidade, de uma espécie de concentração, de uma condensação ou, se quiserem, de uma solidificação do fluido universal, como o diamante é uma solidificação do gás carbônico. Com efeito, suponhamos a desagregação completa de todas as moléculas do corpo: recuperaremos o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono; em outros termos, o corpo será volatilizado. Esses quatro elementos, voltando ao seu estado primitivo por uma nova e mais completa decomposição – se os nossos meios de análise o permitissem – dariam o fluido cósmico. Sendo esse fluido o princípio de toda a matéria, ele mesmo é matéria, embora num completo estado de eterização.

Passa-se um fenômeno análogo na formação do corpo fluídico, ou perispírito: é, igualmente, uma condensação do fluido cósmico em torno de um foco de inteligência, ou *alma*. Mas aqui a transformação molecular se opera diferentemente, porque o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo humano têm, pois, sua fonte no mesmo fluido; um e outro são matéria, conquanto em dois estados diferentes. Assim, tivemos razão de dizer que o perispírito é da mesma natureza e da mesma origem que a mais grosseira matéria.

Como se vê, nada há de sobrenatural, já que o perispírito se liga, por seu princípio, às coisas da Natureza, das quais não passa de uma variedade.

Sendo o fluido universal o princípio de todos os corpos da Natureza, animados e inanimados e, por conseguinte, da terra, das pedras, razão tinha Moisés quando disse: "Deus formou o corpo do homem do limo da terra." Isto não quer dizer que Deus tomou terra, petrificou-a e com ela modelou o corpo do homem, como se modela uma estátua com argila e como acreditaram os que tomam as palavras bíblicas ao pé da letra; mas, sim, que o corpo era formado dos mesmos princípios ou elementos que o limo da terra.

Moisés acrescenta: "E lhe deu uma alma *vivente*, feita à sua *semelhança*." Ele faz, assim, uma distinção entre a alma e o corpo; indica que ela é de natureza diferente, que não é matéria, mas espiritual e imaterial como Deus. Diz: uma alma *vivente*, para especificar que nela *só* está o princípio da vida, ao passo que o corpo, formado da matéria, por si mesmo não vive. Estas palavras: *à sua semelhança*, implicam uma *similitude* e não uma *identidade*. Se Moisés houvesse considerado a alma como uma *porção* da Divindade, teria dito: Deus o anima dando-lhe uma alma tirada de sua própria substância, como disse que o corpo tinha sido tirado da terra.

Estas reflexões são uma resposta às pessoas que acusam o Espiritismo de materializar a alma, porque lhe dá um envoltório semimaterial.

VIII

No estado normal, o perispírito é invisível aos *nossos olhos* e impalpável ao nosso tato, como o são uma infinidade de fluidos e de gases. Entretanto, a invisibilidade, a impalpabilidade, e mesmo a imponderabilidade do fluido perispiritual não são absolutas; é por isso que dizemos *no estado normal*. Em certos casos é possível que ele sofra uma condensação maior, ou uma

modificação molecular de natureza especial, que o torna momentaneamente visível ou tangível; é assim que se produzem as aparições. Sem que haja aparição, muitas pessoas sentem a impressão fluídica dos Espíritos pela sensação do tato, o que é indício de uma natureza material.

Seja qual for a maneira pela qual se opera a modificação atômica do fluido, não há coesão como nos corpos materiais; a aparência se forma e se dissipa instantaneamente, o que explica as aparições e as desaparições súbitas. Sendo as aparições o produto de um fluido material invisível, tornado visível em conseqüência de uma mudança momentânea na sua constituição molecular, não são mais sobrenaturais do que os vapores que, de modo alternado, fazem-se visíveis ou invisíveis pela condensação ou pela rarefação. Citamos o vapor como ponto de comparação, sem pretender que haja similitude de causa e efeito.

IX

Algumas pessoas criticaram a qualificação de *semimaterial* dada ao perispírito, dizendo que uma coisa é matéria ou não o é. Admitindo que a expressão seja imprópria, seria preciso recorrer a ela, em falta de um termo especial para exprimir esse estado particular da matéria. Se existisse um mais apropriado à coisa, os críticos deveriam tê-lo indicado. Filosoficamente falando, e por sua essência íntima, o perispírito é matéria, como acabamos de ver; ninguém poderia contestá-lo. Mas não tem as propriedades da matéria tangível, tal como se a concebe vulgarmente; não pode ser submetido à análise química, porquanto, embora tenha o mesmo princípio que a carne e o mármore, na realidade nem é carne nem mármore. Por sua natureza etérea, pertence, ao mesmo tempo, à materialidade por sua substância, e à espiritualidade por sua impalpabilidade, de sorte que o vocábulo *semimaterial* não é mais ridículo que *semiduplo* e tantos outros, porque também se pode dizer que uma coisa é dupla ou não o é.

X

Como princípio elementar do Universo, o fluido cósmico assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de materialização ou ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí, não há transição brusca, porquanto podem considerar-se os nossos fluidos imponderáveis como um termo médio entre os dois estados.

Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, os chamados *fenômenos materiais*, são da alçada da Ciência propriamente dita; os outros, qualificados de *fenômenos espirituais*, porque se ligam à existência dos Espíritos, são da competência do Espiritismo. Mas há entre eles numerosos pontos de contato, que servem para mútuo esclarecimento e, como dissemos, o estudo de uns não poderia ser completo sem o estudo dos outros.

É à explicação desses últimos que conduz o estudo dos fluidos, de que faremos, ulteriormente, assunto para um trabalho especial.

O Espiritismo e a Magistratura

PERSEGUIÇÕES JUDICIAIS CONTRA O ESPIRITISMO
CARTAS DE UM JUIZ DE INSTRUÇÃO

Como temos dito muitas vezes, o Espiritismo conta em suas fileiras mais de um magistrado, não só na França, como na Itália, Espanha, Bélgica, Alemanha e na maioria dos países estrangeiros. A maior parte dos detratores da doutrina, que julga ter o privilégio do bom-senso, trata de insensatos os que não partilham

de seu cepticismo a respeito das coisas espirituais – não dizemos *sobrenaturais* porque o Espiritismo não as admite – admira-se que homens de inteligência e de valor incorram em semelhante erro. Os magistrados não são livres de ter sua opinião, sua fé, sua crença? Não há entre eles católicos, protestantes, livres-pensadores, franco-maçons? Quem, pois, poderia incriminar os que são espíritas? Não estamos mais no tempo em que teriam cassado, talvez queimado, o juiz que tivesse ousado afirmar publicamente que é a Terra que gira.

Coisa estranha! há gente que gostaria de fazer reviver esse tempo para os espíritas. No último levante não vimos homens que se diziam apóstolos da liberdade de pensamento, os apontar à vindita da lei como malfeitores, excitar as populações a ir-lhes ao encalço, estigmatizá-los e lhes atirar injúrias à face, nas folhas públicas e nos panfletos? Foi um momento de verdadeira raiva, e não de brincadeira que, graças ao tempo em que vivemos, exalou-se em palavras. Foi necessária toda a força moral de que se sentem animados os espíritas, toda a moderação, de que os próprios princípios da doutrina fazem uma lei, para manter a calma e o sangue-frio em tal circunstância e abster-se de represálias, que poderiam ter sido lamentáveis. Esse contraste chocou todos os homens imparciais.

Então o Espiritismo é uma associação, uma filiação tenebrosa, perigosa para a sociedade, obediente a uma palavra de ordem? seus adeptos fizeram um pacto entre si? Só a ignorância e a má-fé podem avançar tais absurdos, já que sua doutrina não tem segredos para ninguém e eles agem à luz do dia. O Espiritismo é uma filosofia como qualquer outra, que se aceita livremente, se convém, ou se rejeita, se não convém; que repousa numa fé inalterável em Deus e no futuro e que só obriga moralmente seus aderentes a uma coisa: considerar todos os homens como irmãos, *sem acepção de crença*, e fazer o bem, mesmo aos que nos fazem mal. Por que, então, não poderia um magistrado dizer-se abertamente seu partidário e declará-la boa, se a julga boa, como pode dizer-se

partidário da filosofia de Aristóteles, de Descartes ou de Leibnitz? Temeriam que sua justiça sofresse por isto? que isto o tornasse muito indulgente para os adeptos? Algumas observações aqui encontram naturalmente o seu lugar.

Num país como o nosso, onde as opiniões e as religiões são livres por lei, seria uma monstruosidade perseguir um indivíduo porque acredita nos Espíritos e em suas manifestações. Se, pois, um espírita fosse chamado em juízo, não seria por causa de sua crença, como se fazia em outros tempos, mas porque teria cometido uma infração à lei. É, pois, a falta que seria punida, e não a crença; e se fosse culpado seria passível das penas da lei. Para incriminar a doutrina é preciso verificar se ela encerra algum princípio ou máxima que *autorizaria* ou *justificaria* a falta. Se, ao contrário, aí se achasse algo censurável ou instruções em sentido oposto, a doutrina não poderia ser responsável pelos que não a compreendem ou não a praticam. Pois bem! que analisem a Doutrina Espírita com imparcialidade e desafiamos que aí encontrem uma só palavra sobre a qual se possam apoiar para cometer um ato qualquer repreensível aos olhos da moral, ou a respeito do próximo, ou mesmo que possa ser interpretado como mal, porque tudo aí é claro e sem equívoco.

Quem quer que se conforme aos preceitos da doutrina não poderia, pois, estar sujeito a perseguições judiciais, a menos que nele se persiga a própria crença, o que entraria nas perseguições contra a fé. Ainda não temos conhecimento de perseguições desta natureza na França, nem mesmo no estrangeiro, salvo a condenação, seguida do auto-de-fé, de Barcelona, embora fosse uma sentença do bispo, e não do tribunal civil, e onde apenas se queimaram livros. Com efeito, sob que pretexto perseguiriam pessoas que só pregam a ordem, a tranqüilidade, o respeito às leis? que praticam a caridade, não só entre si, como nas seitas exclusivas, mas para com todo o mundo? cujo objetivo principal é trabalhar o seu próprio melhoramento moral? que, contra os inimigos, abjuram

todo sentimento de ódio e de vingança? Homens que professam tais princípios não podem ser perturbadores da sociedade; certamente não são eles que a levarão à desordem, o que fez um comissário de polícia dizer que se todos os seus subordinados fossem espíritas ele poderia fechar sua repartição.

Em semelhantes casos, a maior parte das perseguições tem por objetivo o exercício ilegal da Medicina, ou acusações de charlatanismo, prestidigitação ou fraude, por meio da mediunidade. Primeiramente diremos que o Espiritismo não pode ser responsável por indivíduos que indevidamente se fazem passar por médiuns, assim como a verdadeira ciência não é responsável pelos escamoteadores que se dizem físicos. Um charlatão pode, pois, dizer que opera com o auxílio dos Espíritos, como um prestidigitador diz que opera com a ajuda da física. É um meio como qualquer outro de jogar poeira nos olhos; tanto pior para os que se deixam enganar. Em segundo lugar, condenando o Espiritismo a exploração da mediunidade, como contrária aos princípios da doutrina, do ponto de vista moral e, além disso, demonstrando que ela não deve, nem pode, ser um ofício ou uma profissão, todo médium que não tira de sua faculdade qualquer proveito *direto* ou *indireto*, *ostensivo* ou *dissimulado*, afasta, por isso mesmo, até a suspeita de fraude ou de charlatanismo; desde que não é atraído por nenhum interesse material, a trapaça não teria sentido. O médium que compreende o que há de grave e santo num dom dessa natureza julgaria profaná-lo fazendo-o servir a coisas mundanas, para si e para os outros, ou se dele fizesse um objeto de divertimento e de curiosidade. Respeita os Espíritos como gostaria que o respeitassem, quando for Espírito, e deles não faz alarde. Ademais, sabe que a mediunidade não pode ser um meio de adivinhação; que não pode fazer descobrir tesouros, heranças, nem facilitar êxito nas coisas aleatórias; jamais será um ledor de buena-dicha, nem por dinheiro, nem por nada; daí por que jamais terá altercações com a justiça. Quanto à mediunidade curadora, ela existe, é certo; mas está subordinada a condições restritivas, que

excluem a possibilidade de consultório aberto, sem suspeitas de charlatanismo. É uma obra de devotamento e de sacrifício, e não de especulação. Exercida com desinteresse, prudência e discernimento, e encerrada nos limites traçados pela doutrina, não pode cair sob os golpes da lei.

Em resumo o médium, segundo os desígnios da Providência e a visão do Espiritismo, seja artífice ou príncipe, pois os há nos palácios e nas choupanas, recebeu um mandato que cumpre religiosamente e com dignidade; vê em sua faculdade apenas um meio para glorificar a Deus e servir ao próximo, e não um instrumento para servir aos seus interesses ou satisfazer a sua vaidade; faz-se estimar e respeitar por sua simplicidade, modéstia e abnegação, o que não sucede com os que dele buscam fazer um trampolim.

Ao punir com severidade os médiuns exploradores, os que abusam de uma faculdade real, ou *simulam uma faculdade que não têm*, a justiça não atinge a doutrina, mas o abuso. Ora, o Espiritismo verdadeiro e sério, que não vive de abuso, com isto só poderá ganhar em consideração e não tomaria sob seu patrocínio os que apenas desviam a opinião pública por conta própria. Tomando a defesa para si, ele assumiria a responsabilidade do que eles fazem, porque esses tais não são verdadeiramente espíritas, ainda quando fossem realmente médiuns.

Enquanto não perseguirem num espírita, ou nos que se fazem passar por tais, senão os atos repreensíveis aos olhos da lei, o papel do defensor é discutir o ato em si mesmo, abstração feita da crença do acusado; seria grave erro procurar justificar o ato em nome da doutrina. Ao contrário, deve empenhar-se em demonstrar que ela lhe é estranha. Então o acusado cai no direito comum.

Um fato incontestável é que, quanto mais extensos e variados são os conhecimentos de um magistrado, tanto mais apto

é este para apreciar os fatos sobre os quais é chamado a pronunciar-se. Num caso de medicina legal, por exemplo, é evidente que aquele que não for totalmente estranho à ciência poderá melhor julgar o valor dos argumentos da acusação e da defesa, do que outro que lhe ignora os mais elementares princípios. Num caso onde o Espiritismo estivesse em questão, e hoje que ele está na ordem do dia, pode apresentar-se, incidentemente, como principal ou como acessório numa porção de casos, há um interesse real para os magistrados em saber ao menos o que ele é, sem que, por isso, sejam tidos por espíritas. Num dos casos precitados, incontestavelmente saberiam melhor discernir o abuso da verdade.

Infiltrando-se o Espiritismo cada vez mais nas idéias, e tendo já um lugar reservado entre as crenças reveladas, não está longe o tempo em que não será mais permitido a nenhum homem esclarecido ignorar, exatamente, o que é essa doutrina, do mesmo modo que hoje não pode ignorar os primeiros elementos das ciências. Ora, como ele toca em todas as questões científicas e morais, compreender-se-á melhor uma porção de coisas que, à primeira vista, aí pareciam estranhas. É assim, por exemplo, que o médico aí descobrirá a verdadeira causa de certas afecções, que o artista colherá numerosos temas de inspiração, que será em muitas circunstâncias uma fonte de luz para o magistrado e para o advogado.

É neste sentido que o aprecia o Sr. Jaubert, o honrado vice-presidente do tribunal de Carcassonne. Nele é mais que um conhecimento adicionado aos que possui, é uma questão de convicção, pois lhe compreende o alcance moral. Embora jamais tenha ocultado sua opinião a esse respeito, convencido de estar certo e da força moralizadora da doutrina, hoje que a fé se extingue no cepticismo, ele quis dar-lhe o apoio da autoridade do seu nome, no momento mesmo em que ela era atacada com mais violência, afrontando resolutamente a zombaria e mostrando aos seus adversários o pouco caso que faz de seus sarcasmos. Em sua

posição e dadas as circunstâncias, a carta que nos pediu que publicássemos, e que inserimos no número de janeiro último, é um ato de coragem, do qual todos os espíritas sinceros guardarão preciosa lembrança. Ela marcará na História o estabelecimento do Espiritismo.

A carta seguinte, que igualmente estamos autorizados a publicar, tem lugar reservado ao lado da do Sr. Jaubert. É uma dessas adesões explícitas e motivadas, à qual a posição do autor dá tanto mais peso quanto é espontânea, já que não tínhamos a honra de conhecer esse senhor. Ele julga a doutrina tão-só pela impressão das obras, pois nada tinha visto. É a melhor resposta à acusação de inépcia e de trapaça lançada indistintamente contra o Espiritismo e seus aderentes.

21 de novembro de 1865.

"Senhor,

"Permiti-me, como novo e fervoroso adepto, testemunhar-vos todo o meu reconhecimento por me terdes iniciado, pelos vossos escritos, à ciência espírita. Por curiosidade, li *O Livro dos Espíritos*; mas, após uma leitura atenta, a admiração, depois a mais inteira convicção sucederam em mim a uma desconfiada incredulidade. Com efeito, a doutrina que dele decorre dá a mais lógica solução, a mais satisfatória para a razão, de todas as questões que tão seriamente preocuparam os pensadores de todos os tempos, para definir as condições da existência do homem nesta Terra e determinar seus fins últimos. Esta admirável doutrina é, incontestavelmente, a sanção da mais pura e da mais fecunda moral, a exaltação demonstrada da justiça, da bondade de Deus e da obra sublime da criação, assim como *a base mais segura e mais firme da ordem social*.

"Não testemunhei as manifestações espíritas, mas este elemento de prova, de modo algum contrário aos ensinamentos de

minha religião (a religião católica), não é necessário à minha convicção. Antes de mais, basta-me encontrar na ordem da Providência a razão de ser da desigualdade das condições nesta Terra, numa palavra, a razão de ser do mal material e do mal moral.

"Com efeito, minha razão admite plenamente, como justificando a existência do mal material e moral, a alma saindo simples e ignorante das mãos do Criador, enobrecida pelo livre-arbítrio, progredindo por provas e expiações sucessivas e não chegando à soberana felicidade senão adquirindo a plenitude de sua essência etérea, pela libertação completa das constrições da matéria, que, alterando as condições da beatitude, deve ter servido para o seu adiantamento.

"E, nesta ordem de idéias, que de mais racional que os Espíritos, nas diversas fases de sua depuração progressiva, se comuniquem entre si, de um a outro mundo, encarnado ou invisível, para se esclarecerem, se ajudarem mutuamente, concorrerem reciprocamente para o seu avanço, facilitarem suas provas e entrarem na via reparadora do arrependimento e da volta a Deus! Que de mais racional, digo eu, que numa tal continuidade, um tal fortalecimento dos laços de família, de amizade e de caridade que, unindo os homens em sua passagem por esta Terra, devem, como último objetivo, reuni-los um dia numa só família no seio de Deus!

"Que traço de união sublime: o amor partindo do céu, para abraçar com o seu sopro divino a Humanidade inteira, povoando o imenso Universo, e a reconduzir a Deus para fazê-la participar da beatitude eterna, do qual este amor é a fonte! Que de mais digno da sabedoria, da justiça e da bondade infinita do Criador! Que grandiosa idéia da obra cuja harmonia e imensidade o Espiritismo revela, ao levantar uma ponta do véu que ainda não permite ao homem penetrar-lhe todos os segredos! Quanto os homens não tinham restringido sua incomensurável grandeza, encerrando a Humanidade num ponto imperceptível, perdido no

espaço, e não concedendo senão a pequeno número de eleitos a felicidade eterna reservada a todos! Assim, rebaixaram o divino artífice às proporções ínfimas de suas percepções, das aspirações tirânicas, vingativas e cruéis inerentes às suas imperfeições.

"Enfim, basta à minha razão encontrar nesta santa doutrina a serenidade da alma, coroando uma existência conformada às tribulações providenciais de uma vida honestamente preenchida pelo cumprimento de seus deveres e pela prática da caridade, a firmeza na sua fé, pela solução das dúvidas que restringem as aspirações para Deus e, finalmente, esta plena e inteira confiança na justiça, na bondade e na misericordiosa e paternal solicitude de seu Criador.

"Dignai-vos, senhor, contar-me no número dos vossos irmãos em Espiritismo, e aceitar, etc."

***Bonnamy**, juiz de instrução*

Uma comunicação dada pelo Espírito do pai do Sr. Bonnamy provocou a carta seguinte. Não reproduzimos essa comunicação por causa de seu caráter íntimo e pessoal, mas a seguir publicamos outra, que é de interesse geral.

"Senhor e caro mestre, mil vezes obrigado por ter tido a bondade de evocar meu pai. Há tanto tempo que não ouvia essa voz amada! Extinta para mim há tantos anos, ela revive hoje! Assim se realiza o sonho de minha imaginação entristecida, sonho concebido sob a impressão de nossa separação dolorosa. Que doce, que consoladora revelação, tão cheia de esperanças para mim! Sim, vejo meu pai e minha mãe no mundo dos Espíritos, velando por mim, prodigalizando-me o benefício dessa ansiosa solicitude com que me cercavam na Terra. Minha santa mãe, em sua terna preocupação pelo futuro, penetrando-me com seu eflúvio simpático para me levar a Deus e mostrar-me o caminho das verdades eternas, que para mim cintilavam num longínquo nebuloso!

"Como eu seria feliz se, conforme o desejo expresso por meu pai, de se comunicar novamente, sua comunicação pudesse ser julgada útil ao progresso da ciência espírita, e entrar na ordem dos ensinamentos providenciais reservados à obra! Assim eu encontraria, em vosso jornal, os elementos de instruções espíritas, por vezes misturados às doçuras das conversas familiares. É um simples voto, bem o compreendeis, caro mestre; levo em grande conta as exigências da missão que vos incumbe, para fazer de tal voto uma prece.

"Dou plena autorização à publicação de minha carta. De boa vontade levarei meu grão de areia à inauguração do edifício espírita; feliz se, ao contato de minha convicção profunda, as dúvidas de alguns se dissipassem e se os incrédulos pensassem em refletir mais seriamente!

"Permiti-me, caro mestre, dirigir-vos algumas palavras de simpatia e de encorajamento por vosso duro labor. O Espiritismo é um farol providencial, cuja luz deslumbrante e fecunda deve abrir todos os olhos, confundir o orgulho dos homens, comover todas as consciências; sua irradiação será irresistível. E que tesouros de consolação, de misericórdia e de amor, de que sois o distribuidor!

"Aceitai, etc."

Bonnamy

A Lei Humana

INSTRUÇÃO DO ESPÍRITO BONNAMY, PAI

A lei humana, como todas as coisas, está submetida ao progresso; progresso lento, insensível, mas constante.

Por mais admiráveis que sejam, para certas pessoas, as legislações antigas dos gregos e dos romanos, são muito inferiores às que governam as populações adiantadas de vossa época! – Com efeito, que vemos na origem de todos os povos? – Um código de usos e costumes tirando a sua sanção da força e tendo por motor o mais absoluto egoísmo. Qual o objetivo de todos os legisladores primitivos? – Destruir o mal e seus instrumentos, para maior paz da sociedade. Preocupam-se com o criminoso? – Não. – Ferem-no para o corrigir e lhe mostrar a necessidade de uma conduta mais moderada em relação aos seus concidadãos? Têm em vista o seu melhoramento? – De modo algum; é exclusivamente para preservar a sociedade de seus ataques, sociedade egoísta, que rejeita impiedosamente de seu seio tudo quanto possa perturbar a sua tranqüilidade. Assim, todas as repressões são excessivas e a morte é, geralmente, a pena mais aplicada.

Isto é concebível quando se considera a ligação íntima que existe entre a lei e o princípio religioso. Ambos avançam concordes para um objetivo único, amparando-se mutuamente.

Consagra a religião os prazeres materiais e todas as satisfações dos sentidos? A lei dura e excessiva fere o criminoso para livrar a sociedade de um hóspede importuno. A religião se transforma, consagra a vida da alma e sua independência da matéria? Ela reage imediatamente sobre a legislação, demonstra-lhe a responsabilidade que lhe incumbe, no futuro, do violador da lei. Daí a assistência do ministro, seja qual for, nos últimos momentos do condenado. Ainda o ferem, mas já se preocupam com este ser que não morre inteiramente com o seu corpo, e cuja parte espiritual vai receber o castigo que os homens infligiram ao elemento material.

Na Idade Média e desde a era cristã, a legislação recebe do princípio religioso uma influência cada vez mais notável. Ela perde pouco de sua crueldade, mas seus móveis, ainda absolutos e cruéis, mudaram completamente de direção.

Assim como a ciência, a filosofia e a política, a jurisprudência tem suas revoluções, que não se devem operar senão lentamente, para serem aceitas pela generalidade dos seres a quem interessam. Uma nova instituição, para dar frutos, não deve ser imposta. A arte do legislador é preparar os espíritos de maneira a fazê-la desejar e considerar como um benefício... Todo inovador, por melhores que sejam as boas intenções que o animem, por mais louváveis os seus desígnios, será considerado como um déspota, cujo jugo é preciso sacudir, se quiser impor-se, ainda mesmo que por benefícios. – Por seu princípio, o homem é essencialmente livre e quer aceitar sem constrangimento. Daí as dificuldades que encontram os homens muito avançados para o seu tempo; daí as perseguições com que são esmagados. Vivendo no futuro, com um século ou dois de avanço sobre a massa de seus contemporâneos, não podem senão fracassar e quebrar-se contra a rotina refratária.

Na Idade Média, portanto, já se preocupavam com o futuro do criminoso. Pensavam em sua alma e, para levá-la ao arrependimento, amedrontavam-na com os castigos do inferno, com as chamas eternas que, por um arrastamento culposo, lhe infligiria um Deus infinitamente justo e infinitamente bom!

Não podendo elevar-se à altura de Deus, os homens, para se engrandecer, o rebaixavam às suas mesquinhas proporções! Inquietavam-se com o futuro do criminoso! pensavam em sua alma, não por ela própria, mas em virtude de uma nova transformação do egoísmo, que consistia em pôr a consciência em repouso, reconciliando o pecador com o seu Deus.

Pouco a pouco, no coração e no pensamento de um pequeno número, a iniqüidade de semelhante sistema pareceu evidente. Eminentes espíritos tentaram modificações prematuras, mas que, no entanto, deram fruto, estabelecendo precedentes sobre os quais se baseia a transformação que hoje se realiza em todas as coisas.

Sem dúvida por muito tempo ainda, a lei será repressiva e castigará os culpados. Ainda não chegamos ao momento em que só a consciência da falta será o mais cruel castigo de quem a cometeu. Mas, como vedes todos dias, as penas se abrandam; tem-se em vista a moralização do ser; criam-se instituições para preparar a sua renovação moral; tornam a sua desonra útil a si próprio e à sociedade. O criminoso não será mais a fera a ser expurgada do mundo a qualquer preço; será a criança extraviada cujo raciocínio, falseado pelas más paixões e pela influência de um meio perverso, deve ser corrigido!

Ah! o magistrado e o juiz não são os únicos responsáveis e os únicos a agir neste caso. Todo homem de coração, príncipe, senador, jornalista, romancista, legislador, professor e artesão, todos devem pôr a mão na obra e trazer o seu óbolo para a regeneração da Humanidade.

A pena de morte, vestígio infamante da crueldade antiga, desaparecerá pela força das coisas. A repressão, necessária no estado atual, abrandar-se-á paulatinamente e, em algumas gerações, a única condenação, a colocação fora da lei de um ser inteligente, será o último grau da infâmia, até que, de transformação em transformação, a consciência de cada um fique como único juiz e carrasco do criminoso.

E a quem se deverá todo esse trabalho? Ao Espiritismo que, desde o começo do mundo, age por suas revelações sucessivas, como mosaísmo, cristianismo e espiritismo propriamente dito! – Por toda parte, em cada período, sua benéfica influência brilha a todos os olhos, e ainda há seres bastante cegos para não o reconhecer, bastante interessados para o derrubar e negar a sua existência! Ah! esses devem ser lamentados, porque lutam contra uma força invencível: o dedo de Deus!

***Bonnamy**, pai (Médium: Sr. Desliens)*

Mediunidade Mental

Um dos nossos correspondentes nos escreve de Milianah (Argélia):

"...A propósito do desprendimento do Espírito, que se opera em todo o mundo durante o sono, meu guia espiritual me exercita em vigília. Enquanto o corpo está entorpecido, o Espírito se transporta para longe, visita as pessoas e os locais que aprecia, e a seguir volta sem esforço. O que me parece mais surpreendente é que, enquanto estou como em catalepsia, tenho consciência desse desprendimento. Exercito-me também no recolhimento, o que me proporciona a agradável visita de Espíritos simpáticos, encarnados e desencarnados. Este último estudo só ocorre durante a noite, cerca de duas ou três horas e quando o corpo, repousado, desperta. Fico alguns instantes à espera, como depois de uma evocação. Então sinto a presença do Espírito por uma impressão física e logo surge em meu pensamento uma imagem que me faz reconhecê-lo. Estabelece-se um diálogo mental, como na comunicação intuitiva, e esse gênero de conversa tem algo de adoravelmente íntimo. Muitas vezes meu irmão e minha irmã encarnados me visitam, às vezes acompanhados por meu pai e minha mãe, do mundo dos Espíritos.

"Há poucos dias tive a vossa visita, caro mestre, e pela doçura do fluido que me penetrava, eu julgava que fosse um dos nossos bons protetores celestes. Imaginai a minha alegria ao reconhecer em meu pensamento, ou, antes, em meu cérebro, como o próprio timbre de vossa voz. Lamennais nos deu uma comunicação a esse respeito e deve encorajar os meus esforços. Eu não vos poderia dizer do encanto que dá esse gênero de mediunidade. Se tiverdes junto a vós alguns médiuns intuitivos, habituados ao recolhimento e à tensão de espírito, eles podem ensaiar também. Evoca-se e, em vez de escrever, conversa-se, exprimindo bem as idéias, sem verborragia.

"Muitas vezes meu guia me fez a observação de que eu tinha um Espírito sofredor, um amigo que vem instruir-se ou buscar consolações. Sim, o Espiritismo é um benefício inapreciável; abre vasto campo à caridade, e aquele que está inspirado de bons sentimentos, se não pode vir em socorro de seu irmão materialmente, sempre o pode espiritualmente."

Esta mediunidade, à qual damos o nome de *mediunidade mental*, por certo não é própria para convencer os incrédulos, porque nada tem de ostensiva, nem desses efeitos que chocam os sentidos; é toda para a satisfação íntima de quem a possui. Mas também é preciso reconhecer que ela se presta muito à ilusão e que é o caso de desconfiar das aparências. Quanto à existência da faculdade, não se poderia pô-la em dúvida; pensamos mesmo que deve ser a mais freqüente, porque é considerável o número das pessoas que, em estado de vigília, sofrem a influência dos Espíritos e recebem a inspiração de um pensamento, que sentem não ser o seu. A impressão agradável ou penosa que por vezes se sente à vista de alguém que se vê pela primeira vez; o pressentimento que se tem da aproximação de uma pessoa; a penetração e a transmissão do pensamento são outros tantos efeitos que se prendem à mesma causa e constituem uma espécie de mediunidade, que se pode dizer universal, pois cada um lhe possui, ao menos, os rudimentos. Mas para experimentar seus efeitos marcantes é necessário uma aptidão especial ou, melhor, um grau de sensibilidade mais ou menos desenvolvido conforme os indivíduos. A esse título, como temos dito desde longo tempo, todos são médiuns, e Deus não deserdou ninguém da preciosa vantagem de receber os salutares eflúvios do mundo espiritual, que se traduzem de mil maneiras diferentes. Mas as variedades que existem no organismo humano não permitem a todo o mundo obter efeitos idênticos e ostensivos.

Tendo sido discutida esta questão na Sociedade de Paris, foram dadas as seguintes instruções sobre o assunto, por diversos Espíritos:

I

O sentido espiritual pode ser desenvolvido, como diariamente se vê desenvolver-se uma aptidão por um trabalho constante. Ora, sabeis que a comunicação do mundo incorpóreo com os vossos sentidos é constante; ela se dá a cada hora, a cada minuto, pela lei das relações espirituais. Que os encarnados ousem negar aqui uma lei da própria Natureza!

Acabam de dizer-vos que os Espíritos se vêem e se visitam uns aos outros durante o sono, e disto tendes muitas provas. Por que quereríeis que isto não ocorresse em vigília? Os Espíritos não têm noite. Não; constantemente estão ao vosso lado; eles vos vigiam; vossos familiares vos inspiram, vos suscitam pensamentos, vos guiam; falam-vos e vos exortam; protegem os vossos trabalhos, ajudam-vos a elaborar os vossos desígnios formados pela metade, vossos sonhos ainda indecisos; tomam nota de vossas boas resoluções, lutam quando lutais. Lá estão esses bons amigos, no começo de vossa encarnação; eles vos riem no berço, vos esclarecem nos estudos; depois se imiscuem em todos os atos de vossa passagem aqui na Terra; oram quando vos vêem em preparo para ir encontrá-los.

Oh! não, jamais negueis vossa assistência diária! jamais negueis vossa mediunidade espiritual, porque blasfemais Deus e sereis tachados de ingratidão pelos Espíritos que vos amam.

H. Dozon *(Médium: Sr. Delanne)*

II

Sim, esse gênero de comunicação espiritual é mesmo uma mediunidade, como, aliás, tendes ainda outros a constatar, no curso de vossos estudos espíritas. É uma espécie de estado cataléptico, muito agradável para quem lhe é objeto; proporciona todas as alegrias da vida espiritual à alma prisioneira, que aí

encontra um encanto indefinível, que gostaria de experimentar sempre. Mas é preciso voltar de qualquer modo; e, semelhante ao prisioneiro ao qual permitem tomar ar num pátio, a alma entra constrangida na célula humana.

É uma mediunidade muito agradável está que permite a um Espírito encarnado ver seus velhos amigos, poder conversar com eles, comunicar-lhes suas impressões terrestres e poder expandir o coração no seio de amigos discretos, que não buscam o ridículo no que lhes confiais, mas antes vos dar bons conselhos, se vos forem úteis. Esses conselhos, dados assim, têm mais peso para os médiuns que os recebe, pois o Espírito que lhos dá, a ele se mostrando, deixou uma impressão profunda em seu cérebro e, por este meio, gravou melhor em seu coração a sinceridade e o valor desses conselhos.

Esta mediunidade existe em estado inconsciente em muitas pessoas. Sabeis que há sempre perto de vós um amigo sincero, sempre pronto a sustentar e a encorajar aquele cuja direção lhe é confiada pelo Todo-Poderoso. Não, meus amigos, este apoio jamais vos faltará. Cabe a vós saber distinguir as boas inspirações entre todas as que se chocam no labirinto de vossas consciências. Sabendo compreender o que vem do vosso guia, não vos podeis afastar do reto caminho que deve seguir toda alma que aspira à perfeição.

Espírito protetor *(Médium: Sra. Causse)*

III

Já vos foi dito que a mediunidade se revelaria por diferentes formas. Esta que o vosso Presidente qualificou de *mental* está bem designada. É o primeiro grau da mediunidade vidente e falante.

O médium falante entra em comunicação com os Espíritos que o assistem; fala com eles; seu espírito os vê, ou melhor, os adivinha; apenas não faz senão transmitir o que lhe dizem, ao passo que o médium mental pode, se for bem formado, dirigir perguntas e receber repostas, sem intermédio da pena ou do lápis, mais facilmente que o médium intuitivo, pois aqui o Espírito do médium, estando mais desprendido, é um intérprete mais fiel. Mas para isto é necessário um ardente desejo de ser útil, trabalhar em vista do bem com um sentimento puro de todo pensamento de amor-próprio e de interesse. De todas as faculdades mediúnicas, é a mais sutil e a mais delicada: basta o menor sopro impuro para a manchar. Só nestas condições é que o médium mental obterá provas da realidade das comunicações. Em pouco vereis surgir entre vós médiuns falantes que vos surpreenderão por sua eloqüência e por sua lógica.

Esperai, pioneiros que tendes pressa de ver vossos trabalhos crescendo; novos obreiros virão reforçar vossas fileiras e este ano verá terminar-se a primeira grande fase do Espiritismo e começar outra não menos importante.

E vós, caro mestre, que Deus abençoe os vossos trabalhos; que vos sustente e nos conserve o favor especial que nos concedeu, permitindo-nos vos guiar e vos sustentar em vossa tarefa, que é também a nossa.

Como Presidente Espiritual da Sociedade de Paris, velo por ela e por cada um de seus membros em particular, rogando ao Senhor que espalhe sobre vós todas as suas graças e as suas bênçãos.

São Luís *(Médium: Sra. Delanne)*

IV

Seguramente, meus amigos, a mediunidade, que consiste em conversar com os Espíritos, como pessoas que vivem a vida material, desenvolver-se-á mais à medida que o desprendimento do Espírito se efetuar com mais facilidade, pelo hábito do recolhimento. Quanto mais avançados moralmente forem os Espíritos encarnados, maior será esta facilidade de comunicações. Assim como dizeis, ela não será de uma importância muito grande do ponto de vista da convicção a dar aos incrédulos, mas tem para aquele que lhe é objeto uma grande doçura e o ajuda a desmaterializar-se cada vez mais. O recolhimento, a prece, este ímpeto da alma junto ao seu Autor, para lhe exprimir seu amor e seu reconhecimento, e também reclamar o seu auxílio, são os dois elementos da vida espiritual; são eles que derramam na alma esse orvalho celeste que ajuda o desenvolvimento das faculdades que aí estão em estado latente. Então, como são infelizes os que dizem que a prece é inútil porque não muda os desígnios de Deus! Sem dúvida, as leis que regem as diversas ordens de fenômenos não serão perturbadas ao bel-prazer deste ou daquele, mas a prece não terá por efeito senão melhorar o indivíduo que, por esse ato, eleva o pensamento acima das preocupações materiais; por isso ele não deve negligenciá-la.

É pela renovação parcial dos indivíduos que a sociedade acabará por ser regenerada, e Deus sabe se ela o necessita!

Ficais revoltados quando pensais nos vícios da sociedade pagã, ao tempo em que o Cristo veio trazer sua reforma humanitária; mas em vossos dias os vícios, por serem velados sob formas mais marcadas de polidez e de urbanidade, não deixam de existir menos. Não têm magníficos templos como os da Grécia antiga, mas, aí! têm o coração da maior parte dos homens e causam entre eles os mesmos danos que ocasionavam entre os que

precederam a era cristã. Não é, pois, sem grande utilidade que os Espíritos vieram lembrar os ensinamentos dados há dezoito séculos, porquanto, os tendo esquecido ou mal compreendido, não os podeis aproveitar e os espalhar segundo a vontade do divino crucificado.

Agradecei, pois, ao Senhor, vós todos que fostes chamados a cooperar na obra dos Espíritos, e que vosso desinteresse e vossa caridade jamais enfraqueçam, porque é nisto que se reconhecem entre vós os verdadeiros espíritas.

Luís de França *(Médium: Sra. Breul)*

Notas Bibliográficas

ESPÍRITA

História fantástica, por Théophile Gautier

Na Revista de dezembro último dissemos algumas palavras sobre esse romance, aparecido em folhetins no *Moniteur universel* e que hoje está publicado em um volume. Lamentamos que o espaço não nos permita fazer-lhe uma análise mais detalhada e, sobretudo, citar algumas de suas passagens, cujas idéias são incontestavelmente bebidas na própria fonte do Espiritismo; como, certamente, a maior parte dos nossos leitores já o leu, o relato detalhado seria supérfluo. Diremos apenas que a parte consagrada ao fantástico é certamente um pouco grande e que não se deve tomar todos os fatos ao pé da letra; não se trata, absolutamente, de um tratado de Espiritismo. A verdade está no fundo das idéias e pensamentos, que são essencialmente espíritas e narrados com uma delicadeza e uma graça encantadoras, muito mais que nos fatos, cuja possibilidade por vezes é contestável. Embora romance, esta obra não deixa de ter grande importância, primeiro pelo nome do autor, e porque é a primeira obra capital saída dos escritores da

imprensa, onde a idéia espírita é afirmada sem rodeios, e surgida no momento em que parecia um desmentido lançado na onda de ataques dirigidos contra esta idéia. A forma mesma do romance tinha sua utilidade; certamente era preferível, como transição, à forma doutrinária, de estilo severo. Graças a uma leveza aparente, penetrou em toda parte e, com ele, a idéia.

Embora Théophile Gautier seja um dos autores favoritos da imprensa, esta foi, contrariamente a seus hábitos, de uma sobriedade parcimoniosa a respeito desta última obra. Não sabia se devia louvá-lo ou censurá-lo. Censurar Théophile Gautier, um amigo, um confrade, um escritor amado do público; dizer que tinha feito uma obra absurda era coisa difícil; louvar a obra era enaltecer a idéia; guardar silêncio a respeito de um nome popular teria sido uma afronta. A forma romanesca levantou o embaraço; permitiu dizer que o autor tinha feito uma bela obra de imaginação, e não de convicção. Falaram, mas falaram pouco. É assim que com a própria incredulidade há acomodações. Notou-se uma coisa muito singular: no dia em que a obra apareceu em volume, havia em todos os livreiros cartazes expostos no exterior; alguns dias depois todos os cartazes haviam desaparecido.

Nos discretos e raros noticiários dos jornais, encontram-se confissões significativas, sem dúvida saídas por descuido da pena do escritor. No *Courrier du Monde illustré* de 16 de dezembro de 1865, lê-se o seguinte:

"É preciso crer, sem duvidar, sem professar a doutrina, sem mesmo ter sondado muito essas insondáveis questões de Espiritismo e sonambulismo, que o poeta Théophile Gautier, só pela intuição de seu gênio poético, acertou na mosca, fugiu com o dinheiro do caixa e encontrou o abre-te Sésamo das evocações misteriosas, porque o romance que publicou em folhetins no *Moniteur*, sob o título de *Espírita*, agitou violentamente todos os que se ocupam dessas perigosas questões. A emoção foi imensa e,

para lhe avaliar todo o alcance, somos obrigados a percorrer, como o fazemos, os jornais da Europa inteira.

"Toda a Alemanha espírita levantou-se como um só homem, e como todos os que vivem na contemplação de uma idéia só têm olhos e ouvidos para ela, um dos órgãos mais sérios da Áustria pretende que o imperador encomendou a Théophile Gautier esse prodigioso romance, a fim de desviar a atenção da França das questões políticas. Primeira asserção, cujo alcance não exagero. A segunda asserção chocou-me por causa de seu lado fantástico.

"Segundo a folha alemã, o poeta da *Comédie de la Mort*, muito agitado em conseqüência de uma visão, teria adoecido gravemente e sido levado para Genebra. Ali, dominado pela febre, teria sido forçado a guardar o leito durante várias semanas, vítima de estranhos pesadelos, de alucinações luminosas, joguete constante de Espíritos errantes. Pela manhã teriam encontrado ao pé da cama as folhas esparsas de seu manuscrito *Espírita*.

"Sem atribuir à inspiração que guiou a pena do autor de *Avatar* uma fonte tão fantástica, cremos firmemente que uma vez entrado em seu assunto, o escritor do *Roman de la Momie* ter-se-ia extasiado com essas visões, e que no paroxismo terá traçado essa descrição admirável do céu, que é uma de suas mais belas páginas.

"A correspondência que deu origem à publicação de *Espírita* é extremamente curiosa. Lamentamos que um sentimento de conveniência não nos tenha permitido pedir cópia de uma das cartas recebidas pelo poeta dos *Émaux et camées*."

Aqui não fazemos crítica literária, senão poderíamos achar de duvidoso bom-gosto a espécie de catálogo de que se prevalece o autor para colocar em seu artigo, que, aliás, nos parece pecar um pouco por falta de clareza. Confessamos não ter

compreendido a frase sobre o dinheiro do caixa[6]; contudo ela é citada textualmente. Isto talvez se deva à dificuldade de explicar onde o célebre romancista hauriu semelhantes idéias, e como ousou apresentá-las sem rir. Mas o que é mais importante é a confissão da sensação produzida por essa obra na Europa inteira. É preciso, pois, que a idéia espírita esteja bem vivaz e bem espalhada; não é, pois, um aborto frustrado. Quantas pessoas são colocadas pelos nossos adversários, de uma penada, na categoria dos cretinos e dos idiotas! Felizmente seu julgamento não é definitivo. Os Srs. Jaubert, Bonnamy e muitos outros recorrem da sentença.

O autor qualifica essas questões de perigosas. Mas, segundo ele e seus irmãos de cepticismo, são quimeras ridículas. Ora, o que uma quimera pode ter de perigoso para a sociedade? De duas, uma: há ou não há no fundo de tudo isto algo de sério. Se nada há, onde o perigo? Se no princípio se tivesse dado ouvidos a todos os que declararam perigosas a maior parte das grandes verdades que hoje brilham, onde o progresso? A verdade não tem perigos senão para os poltrões, que não ousam encará-la de frente, e para os *interesseiros*.

Um fato menos grave, que vários jornais se apressaram em reproduzir, como se fosse provado, é que o imperador teria encomendado esse *prodigioso* romance para desviar a atenção da França das questões políticas. Evidentemente não passa de uma suposição, porquanto, admitindo a realidade dessa origem, não é presumível que a tivessem divulgado. Mas essa própria suposição é uma confissão da força da idéia espírita, pois reconhecem que um soberano, o maior político de nossos dias, pôde julgá-la adequada para produzir semelhante resultado. Se tal pudesse ter sido o pensamento que presidiu à execução dessa obra, parece-nos que a coisa seria supérflua, porque apareceu justamente no momento em

6 **N. do T.:** No original: *manger la grenouille*, expressão idiomática que, em nossa língua, corresponde a *fugir com o dinheiro do caixa*.

que os jornais disputavam a primazia de chamar atenção, pelo barulho que faziam a propósito dos irmãos Davenport.

O que há de mais claro em tudo isto é que os detratores do Espiritismo não podem explicar a prodigiosa rapidez do progresso da idéia, a despeito de tudo quanto fazem para o deter. Não podendo negar o fato, que cada dia se torna mais evidente, empenham-se em procurar a causa em toda parte onde não está, na esperança de lhe atenuar o alcance.

Num artigo intitulado: *Livros de hoje e de amanhã*, assinado por **Émile Zola**, o *Evénement* de 16 de fevereiro dá um resumo muito exíguo do assunto da obra em questão, acompanhado das seguintes reflexões:

"Ultimamente o *Moniteur* deu uma novela fantástica de Théophile Gautier: *Espírita*, que a livraria Charpentier acaba de publicar em um volume.

"A obra é para a maior glória dos Davenport. Ela nos faz passear no país dos Espíritos, mostra-nos o invisível, revela-nos o desconhecido. O jornal oficial deu os boletins do outro mundo.

"Mas eu desconfio da fé de Théophile Gautier. Ele tem uma bonomia irônica que cheira a incredulidade a uma légua. Suspeito que ele entrou no invisível pelo único prazer de descrever a seu modo horizontes imaginários.

"No fundo, ele não acredita numa palavra das histórias que conta, mas se deleita em contá-las e os leitores gostarão de ler. Tudo é, pois, para o melhor, na melhor das incredulidades possíveis.

"Não importa o que escreva, Théophile Gautier é sempre escritor pitoresco e poeta original. *Se acreditasse no que diz, seria perfeito, e isto talvez fosse uma pena.*

Quantas pessoas repelem as crenças espíritas, não pelo temor de se tornarem perfeitas, mas simplesmente pelo de serem obrigadas a emendar-se! Os Espíritos lhes causam medo porque falam do outro mundo e este tem terrores para elas. É por isto que tapam os olhos e os ouvidos.

A MULHER DO ESPÍRITA

Por Ange de Kéraniou

Sobre esta obra o *Evénement* de 19 de fevereiro traz o seguinte artigo, assinado, como o precedente, por Zola:

"Decididamente, os romancistas de curta imaginação nestes tempos de produção incessante, vão recorrer ao Espiritismo para encontrar assuntos novos e bizarros. Em meu último artigo falei do *Espírita*, de Théophile Gautier; hoje venho anunciar o lançamento, pela casa Lemer, da *Mulher do Espírita*, por Ange de Kéranion.

"Talvez o Espiritismo venha fornecer ao gênio francês o maravilhoso necessário a toda epopéia bem condicionada.

"Os Davenport nos terão assim trazido um dos elementos do poema épico que a literatura francesa ainda espera.

"O livro do Sr. Kéraniou é um tanto verboso; não se sabe se ridiculariza ou fala sério; mas é cheio de detalhes curiosos que dele fazem uma obra interessante para folhear.

"O Conde Humbert de Luzy, um espírita emérito, uma espécie de Anticristo, que faz as mesas dançar, casou-se com uma jovem a quem, naturalmente, inspira um medo horrível.

"A jovem mulher, era de esperar, quer arranjar um amante. É aqui que a história se torna verdadeiramente original. Os Espíritos assumem o papel de guarda de honra do marido e, em

duas ocasiões, em circunstâncias desesperadoras, salvam essa honra com o auxílio de aparições e tremores de terra.

"Se eu fosse casado, tornar-me-ia espírita."

Decididamente a idéia espírita faz sua entrada na imprensa pelo romance. Aí entra enfeitada: a verdade nua e crua chocaria esses senhores. Só conhecemos esta nova obra pelo artigo acima e, assim, nada podemos dizer. Apenas constataremos que o autor desta crítica, talvez sem lhe ter visto o alcance, enuncia uma grande e fecunda verdade, a de que a literatura e as artes encontrarão no Espiritismo uma rica mina a explorar. Nós o dissemos há muito tempo: um dia haverá a *arte espírita*, como houve a arte pagã e a arte cristã. Sim, o poeta, o literato, o pintor, o escultor, o músico, o próprio arquiteto colherão a mancheias, nesta nova fonte, temas de sublime inspiração quando tiverem *explorado* alhures, e não no fundo de um armário. Théophile Gautier foi o primeiro a entrar na liça por uma obra capital, cheia de poesia; sem dúvida terá imitadores.

"Talvez o Espiritismo vá fornecer os elementos do poema épico que a literatura francesa ainda espera." Já não seria um resultado tão forte para desdenhar. (Vide *Revista Espírita* de dezembro de 1860: A arte espírita, a arte pagã e arte cristã).

FORÇAS NATURAIS DESCONHECIDAS[7]

Por Hermès

Este não é mais romance. É uma refutação, do ponto de vista da Ciência, das críticas dirigidas contra os fenômenos espíritas, a propósito dos irmãos Davenport, e da assimilação que pretendem estabelecer entre esses fenômenos e as artimanhas da prestidigitação. O autor leva em conta o charlatanismo, que desliza

7 Brochura in-18. Preço: 1 fr. – Livraria Didier.

em tudo, e as condições desfavoráveis nas quais se apresentaram os Davenport, condições que não procura justificar; examina os próprios fenômenos, abstração feita das pessoas, e fala com a autoridade de um especialista. Aceita o desafio lançado por uma parte da imprensa nesta circunstância, e estigmatiza suas excentricidades de linguagem, que traduz à luz do bom-senso, mostrando até que ponto ela se afastou de uma discussão leal. Podemos não partilhar o sentimento do autor sobre todos os pontos, mas não deixamos de dizer que o seu livro é uma refutação difícil de contestar; por isso a imprensa em geral silenciou sobre o assunto. Contudo, o *Evénement* de 1º de fevereiro o relatou nestes termos:

"Tenho em mãos um livro que deveria ter aparecido no outono passado. Trata dos Davenport. O livro, assinado pelo pseudônimo de 'Hermès', tem por título: *Forças naturais desconhecidas*, e pretende que devíamos aceitar o armário e os dois irmãos, porque nossos sentidos são débeis e não podemos explicar tudo na Natureza. Inútil dizer que o livro foi editado pela livraria Didier.

"Eu não falaria destas folhas que se enganam de estação, se não contivessem um violento requisitório contra a imprensa parisiense inteira. O Sr. Hermès narra seus fatos claramente aos redatores do *Opinion*, do *Temps*, da *France*, do *Fígaro*, do *Petit Journal*, etc. Eles foram insolentes e cruéis e sua má-fé só não foi maior que a sua tolice. Se não compreendiam não deviam falar. Ignorância, falsidade, grosseria, esses jornalistas cometeram todos os crimes.

"O Sr. Hermès é muito duro. Louis Ulbach é chamado 'o homem dos óculos', injúria atroz. Edmond About, que havia perguntado qual a diferença entre os médiuns e o Dr. Lapommerais, recebeu o troco largamente. O Sr. Hermès declara 'que não é de admirar que certos amadores de trocadilhos tenham

arrastado à flor do solo o nome de seu gracioso contraditor.' Sentis toda a delicadeza desse jogo de palavras?

"O Sr. Hermès acaba por confessar que vive num jardim retirado e que só se preocupa com a verdade. Seria preferível que vivesse na rua e que tivesse toda a calma e toda a caridade cristã da solidão."

Não é curioso ver esses senhores dar lições *teóricas* de *calma e de caridade cristã* àqueles a quem injuriam gratuitamente e achar mal que lhes respondam? E, contudo, não censurarão o Sr. Hermès por falta de moderação, desde que, por excesso de consideração, não cita nenhum nome próprio. É verdade que as citações, assim grupadas, formam um buquê muito pouco gracioso. De quem é a falta se esse buquê não exala um perfume de urbanidade e de bom-gosto? Para ter direito de se queixar de algumas apreciações um tanto severas, seria preciso não as provocar.

Allan Kardec

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO IX ABRIL DE 1866 Nº 4

Revelação[8]

No sentido litúrgico, a revelação implica uma idéia de misticismo e de maravilhoso. O materialismo a repele naturalmente, porque ela supõe a intervenção de poderes e de inteligências extra-humanas. Fora da negação absoluta, muitas pessoas fazem hoje estas perguntas: Houve ou não uma revelação? A revelação é necessária? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas faculdades, pois que lhes pouparia o trabalho da investigação? Essas objeções nascem da falsa idéia que se faz da revelação. Tomemo-la inicialmente em sua acepção mais simples, para segui-la até seu ponto mais alto.

Revelar é tornar conhecida uma coisa que não o é; é ensinar a alguém aquilo que não sabe. Deste ponto de vista, há para nós uma revelação por assim dizer incessante. Qual o papel do professor diante dos seus alunos, senão o de um revelador? O professor lhes ensina o que eles não sabem, o que não

8 **N. do T.:** Esboço do capítulo 1, de *A Gênese*, que Allan Kardec preparava: *Caráter da revelação espírita*.

teriam tempo, nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trazem, cada qual, o seu contingente de observações aproveitáveis àqueles que vêm depois. O ensino é, portanto, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram e que, se assim não fora, as teriam ignorado sempre. Seria lógico deixar que eles mesmos procurassem essas verdades? esperar que tivessem inventado a mecânica para lhes ensinar a servir-se do vapor? Não se poderia dizer que, em lhes revelando o que outros acharam, impede-se o exercício de suas faculdades? Não é, ao contrário, apoiando-se no conhecimento das descobertas anteriores que chegam a novas descobertas? Dar a conhecer ao maior número possível a maior soma possível de verdades conhecidas é, pois, provocar a atividade da inteligência em vez de abafá-la e impelir ao progresso. Sem isto o homem ficaria estacionário.

Mas o professor não ensina senão o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo; traz a luz que pouco a pouco se vulgariza. Que seria da Humanidade sem a revelação dos homens de gênio, que aparecem de tempos a tempos?

Mas, quem são esses homens de gênio? E, por que são homens de gênio? Donde vieram? Que é feito deles? Notemos que na sua maioria revelam, ao nascer, faculdades transcendentes e alguns conhecimentos inatos, que com pouco trabalho desenvolvem. Pertencem realmente à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Onde, porém, adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Dir-se-á, com os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dir-se-á, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos homens? Suposição igualmente ilógica, pois que tacharia Deus de parcial. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das vidas. O homem de gênio é um Espírito que tem vivido mais tempo; que, por conseguinte, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Encarnando, traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros e não precisa aprender, é chamado homem de gênio. Mas seu saber é fruto de um trabalho anterior e não resultado de um privilégio. Antes de renascer, era ele, pois, Espírito adiantado: reencarna para fazer que os outros aproveitem do que já sabe, ou para adquirir mais do que possui.

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência; mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é pelos professores. Todos os povos tiveram homens de gênios, surgidos em diversas épocas, para dar-lhes impulso e tirá-los da inércia.

Desde que se admite a solicitude de Deus para com as suas criaturas, por que não se há de admitir que Espíritos capazes, por sua energia e superioridade de conhecimento, de fazerem que a Humanidade avance, encarnem pela vontade de Deus, com o fim de ativarem o progresso em determinado sentido? Por que não admitir que eles recebam missões, como um embaixador as recebe do seu soberano? Tal o papel dos grandes gênios. Que vêm eles fazer, senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram e ainda ignorariam durante largos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo traço luminoso sobre a Humanidade, são missionários ou, se o quiserem, messias. Se só ensinassem aos homens o que estes já soubessem, sua presença

seria completamente inútil. O que de novo ensinam aos homens, quer na ordem física, quer na ordem moral, são *revelações*. Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas idéias atravessam os séculos.

No sentido especial da fé religiosa, os reveladores são mais particularmente designados sob o nome de *profetas* ou *messias*. Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora longe estivessem de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros de suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germes do progresso, que mais tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão à luz brilhante do Cristianismo.

É, pois, injusto se lhes lance anátema em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental – Deus e a imortalidade da alma – se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos.

Infelizmente, as religiões hão sido sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta há tentado as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas. A tal propósito, chamamos particularmente a atenção para o capítulo XXI de *O Evangelho segundo o Espiritismo*: "*Haverá falsos cristos e falsos profetas*."

A linguagem simbólica de Jesus favoreceu singularmente as interpretações mais contraditórias; esforçando-se em lhe deturpar o sentido, cada um julgou aí encontrar a sanção de seus pontos de vista pessoais, muitas vezes até a justificação das doutrinas mais contraditórias ao espírito de caridade e de justiça, que é a sua base. Aí está o abuso que desaparecerá pela força mesma das coisas, sob o império da razão. Não é disto que nos vamos ocupar aqui. Apenas constatamos as duas grandes revelações sobre as quais se apóia o Cristianismo: a de Moisés e a de Jesus, porque tiveram uma influência decisiva na Humanidade. O islamismo pode ser considerado como um derivado de concepção humana do mosaísmo e do Cristianismo. Para acreditar a religião que queria fundar, Maomé teve que se apoiar sobre uma pretensa revelação divina.

Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver, nem afirmativamente, nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá dele prova certa. O que não padece dúvida é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se imbuem do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e o grau a que chegaram de saber, esses podem tirar dos seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome de Deus, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

As comunicações deste gênero nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela simples inspiração, pela audição da palavra, pela visibilidade dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília, do que há muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos.

É, pois, rigorosamente exato dizer-se que quase todos os reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes. Daí, entretanto, não se deve concluir que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas, sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentam sob falsas aparências, o que levou S. João a dizer: "Não acrediteis em todos os Espíritos; vede antes se os Espíritos são de Deus." (*Epíst. 1ª*, 4:4.)

Pode, pois, haver revelações sérias e verdadeiras, como as há apócrifas e mentirosas. O caráter essencial da revelação divina é o da *eterna verdade*. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus, porque Deus não pode enganar conscientemente nem se enganar. É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto que as outras leis mosaicas, fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandamento dos costumes do povo, essas leis por si mesmas caíram em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da Humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana careceria de tal poder.

Uma nova e importante revelação se opera na época atual e mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual. Não é novo, sem dúvida, esse conhecimento; mas ficara até aos nossos dias, de certo modo, como letra morta, isto é, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das leis que

regem essas relações o abafara sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução salutar; estava reservado à nossa época desembaraçá-lo dos acessórios ridículos, compreender-lhes o alcance e fazer surgir a luz destinada a clarear o caminho do futuro.

Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, comunicando-nos com eles *não saíamos fora da Humanidade*, circunstância capital a considerar-se. Os homens de gênio, que foram fachos da Humanidade, vieram do mundo dos Espíritos e para lá voltaram, ao deixarem a Terra. Desde que os Espíritos podem comunicar-se com os homens, esses mesmos gênios podem dar-lhes instruções sob a forma espiritual, como o fizeram sob a forma corpórea. Podem instruir-nos, depois de terem morrido, tal qual faziam quando vivos; apenas, são invisíveis, ao invés de serem visíveis; essa a única diferença. Não devem ser menores do que eram a experiência e o saber que possuem e, se a palavra deles, como homens, tinha autoridade, não na pode ter menos, somente por estarem no mundo dos Espíritos.

Mas, nem só os Espíritos superiores se manifestam; fazem-no igualmente os de todas as categorias, e preciso era que assim acontecesse, para nos iniciarmos no que respeita ao verdadeiro caráter do mundo espiritual, apresentando-se-nos este por todas as suas faces. Daí resulta serem mais íntimas as relações entre o mundo visível e o mundo invisível e mais evidente a conexidade entre os dois. Vemos assim mais claramente donde procedemos e para onde iremos. Esse o objetivo essencial das manifestações. Todos os Espíritos, pois, qualquer que seja o grau de elevação em que se encontrem, alguma coisa nos ensinam; cabe-nos, porém, a nós, visto que eles são mais ou menos esclarecidos, discernir o que há de bom ou de mau no que nos digam e tirar, do ensino que nos dêem, o proveito possível. Ora, todos, quaisquer que sejam, nos podem ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles não saberíamos.

Os grandes Espíritos encarnados são, sem contradita, individualidades poderosas, mas de ação restrita e lenta propagação. Viesse um só dentre eles, embora fosse Elias ou Moisés, revelar, nos tempos modernos, aos homens, as condições do mundo espiritual, quem provaria a veracidade das suas asserções, nesta época de cepticismo? Não o tomariam por sonhador ou utopista? Mesmo que fosse verdade absoluta o que dissesse, séculos se escoariam antes que as massas humanas lhe aceitassem as idéias. Deus, em sua sabedoria, não quis que assim acontecesse; quis que o ensino fosse dado pelos *próprios Espíritos*, não por encarnados, a fim de que aqueles convencessem da sua existência a estes últimos e quis que isso ocorresse por toda a Terra simultaneamente, quer para que o ensino se propagasse com maior rapidez, quer para que, coincidindo em toda parte, constituísse uma prova da verdade, tendo assim cada um o meio de convencer-se a si próprio. Tais o objetivo e o caráter da revelação moderna.

Os Espíritos não se manifestam para libertar do estudo e das pesquisas o homem, nem para lhe transmitir, inteiramente pronta, nenhuma ciência. Com relação ao que o homem pode achar por si mesmo, eles o deixam entregue às suas próprias forças. Isso sabem-no hoje perfeitamente os espíritas. De há muito, a experiência há demonstrado ser errôneo atribuir-se aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria e supor-se que baste a quem quer que seja dirigir-se ao primeiro Espírito que se apresente para conhecer todas as coisas. Saídos da Humanidade, eles constituem uma de suas faces. Assim como na Terra, no plano invisível também os há superiores e vulgares; muitos deles, pois, científica e filosoficamente, sabem menos do que certos homens; eles dizem o que sabem, nem mais, nem menos. Do mesmo modo que os homens, os Espíritos mais adiantados podem instruir-nos sobre maior porção de coisas, dar-nos opiniões mais judiciosas, do que os atrasados. Pedir o homem conselhos aos Espíritos não é entrar em entendimento com potências sobrenaturais; é tratar *com seus iguais*, com aqueles mesmos a quem ele se dirigiria neste mundo; a seus

parentes, seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que ele. Disto é que importa se convençam todos e é o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem idéia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.

Qual, então, a utilidade dessas manifestações, ou, se o preferirem, dessa revelação, uma vez que os Espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem?

Primeiramente, como já o declaramos, eles se abstêm de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas cuja revelação não lhes é permitida, porque o grau do nosso adiantamento não as comporta. Afora isto, as condições da nova existência em que se acham lhes dilatam o círculo das percepções: eles vêem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria, isentos dos cuidados da vida corpórea, apreciam as coisas de um ponto de vista mais elevado e, portanto, mais são; a perspicácia de que gozam abrange mais vasto horizonte; compreendem seus erros, retificam suas idéias e se desembaraçam dos prejuízos humanos.

É nisto que consiste a superioridade dos Espíritos com relação à humanidade corpórea e daí vem a possibilidade de serem seus conselhos, segundo o grau de adiantamento que alcançaram, mais judiciosos e desinteressados do que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite, ao demais, iniciar-nos nas coisas que ignoramos, relativas à vida futura e que não podemos aprender no meio em que estamos. Até ao presente, o homem apenas formulara hipóteses sobre o seu porvir; tal a razão por que suas crenças a esse respeito se fracionaram em tão numerosos e divergentes sistemas, desde o niilismo até as concepções fantásticas do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo que nos vêm dizer em que se tornaram e só eles o podiam fazer. Suas manifestações,

conseguintemente, serviram para dar-nos a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos e só esse conhecimento seria de capital importância, dado mesmo que nada mais pudessem os Espíritos ensinar-nos.

Uma comparação vulgar fará compreender ainda melhor a situação.

Parte para destino longínquo um navio carregado de emigrantes. Leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Vem-se a saber que esse navio naufragou. Nenhum vestígio resta dele, nenhuma notícia chega sobre a sua sorte. Acredita-se que todos os passageiros pereceram e o luto penetra em todas as suas famílias. Entretanto, a tripulação inteira, sem faltar um único homem, foi ter a uma ilha desconhecida, abundante e fértil, onde todos passam a viver ditosos, sob um céu clemente. Ninguém, todavia, sabe disso. Ora, um belo dia, outro navio aporta a essa terra e lá encontra sãos e salvos os náufragos. A feliz nova se espalha com a rapidez do relâmpago. Exclamam todos: "Não estão perdidos os nossos amigos!" E rendem graças a Deus. Não podem ver-se uns aos outros, mas correspondem-se; permutam demonstrações de afeto e, assim, a alegria substitui a tristeza.

Tal a imagem da vida terrena e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna. A última, semelhante ao segundo navio, nos traz a boa-nova da sobrevivência dos que nos são caros e a certeza de que a eles nos reuniremos um dia. Deixa de existir a dúvida sobre a sorte deles e a nossa. O desânimo se desfaz diante da esperança.

Mas, outros resultados fecundam essa revelação. Achando madura a Humanidade para penetrar o mistério do seu destino e contemplar, a sangue-frio, novas maravilhas, permitiu Deus fosse erguido o véu que ocultava o mundo invisível ao mundo visível. Nada têm de extra-humanas as manifestações; é a

humanidade espiritual que vem *conversar* com a humanidade corporal e dizer-lhe:

"Nós existimos, logo o nada não existe; eis o que somos e o que sereis; o futuro vos pertence, como a nós. Caminhais nas trevas, vimos clarear-vos o caminho e traçar-vos o roteiro; andais ao acaso, vimos apontar-vos a meta. A vida terrena era, para vós, tudo, porque nada víeis além dela; vimos dizer-vos, mostrando a vida espiritual: a vida terrestre nada é. A vossa visão se detinha no túmulo, nós vos desvendamos, para lá deste, um esplêndido horizonte. Não sabíeis por que sofreis na Terra; agora, no sofrimento, vedes a justiça de Deus. O bem nenhum fruto aparente produzia para o futuro. Doravante, ele terá uma finalidade e constituirá uma necessidade; a fraternidade, que não passava de bela teoria, assenta agora numa lei da Natureza. Sob o domínio da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidade é o vazio, o egoísmo reina soberano entre vós e a vossa palavra de ordem é: 'Cada um por si.' Com a certeza do porvir, os espaços infinitos se povoam ao infinito, em parte alguma há o vazio e a solidão; a solidariedade liga todos os seres, aquém e além da tumba. É o reino da caridade, sob a divisa: 'Um por todos e todos por um.' Enfim, ao termo da vida, dizíeis eterno adeus aos que vos são caros; agora, dir-lhes-eis: Até breve!"

Tais, em resumo, os resultados da revelação nova, que veio encher o vácuo que a incredulidade cavara, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e imprimir a todas as coisas uma razão de ser. Carecerá de importância esse resultado, apenas porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, dar saber aos ignorantes e aos preguiçosos os meios de se enriquecerem sem trabalho? Nem só, entretanto, à vida futura dizem respeito os frutos que o homem deve colher dela. Ele os saboreará na Terra, pela transformação que estas novas crenças hão de necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais.

Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus.

Assim, a revelação tem por objetivo pôr o homem na posse de certas verdades, que ele não podia adquirir por si mesmo, e isto visando ativar o progresso. Essas verdades em geral se limitam a princípios fundamentais, destinados a pô-lo no caminho das pesquisas, e não a conduzi-lo pela mão; são balizas que lhe mostram o objetivo, cabendo-lhe a tarefa de as estudar e lhes deduzir as aplicações. Longe de o libertar do trabalho, são novos elementos fornecidos à sua atividade.

O Espiritismo sem os Espíritos

Ultimamente vimos uma seita tentar formar-se, arvorando como bandeira: *A negação da prece*. Acolhida em seu início por um sentimento geral de reprovação, nem chegou a viver. Os homens e os Espíritos se uniram para repelir uma doutrina que era, ao mesmo tempo, uma ingratidão e uma revolta contra a Providência. Isto não era difícil, porque, melindrando o sentimento íntimo da imensa maioria, trazia em si o seu princípio destruidor. (*Revista* de janeiro de 1866).

Eis agora uma outra que se ensaia em novo terreno. Tem por divisa: *Nada de comunicação dos Espíritos*. É muito singular que esta opinião seja hoje preconizada por alguns dos que outrora exaltaram a importância e a sublimidade dos ensinamentos espíritas, e que se vangloriavam do que eles próprios recebiam como médiuns. Terá mais chance de sucesso que a precedente? É o que vamos examinar em poucas palavras.

Esta doutrina, se é que se pode dar tal nome a uma opinião restrita a alguns indivíduos, fundamenta-se nos seguintes dados:

"Os Espíritos que se comunicam não passam de Espíritos ordinários, que, até hoje, não nos ensinaram nenhuma verdade nova, e que provam a sua incapacidade não saindo das banalidades da moral. O critério que se pretende estabelecer sobre a concordância de seu ensino é ilusório, por força de sua insuficiência. Cabe ao homem sondar os grandes mistérios da Natureza e submeter o que eles dizem ao controle de sua própria razão. Como suas comunicações nada nos podem ensinar, proscrevemo-las de nossas reuniões. Discutiremos entre nós; buscaremos e decidiremos, em nossa sabedoria, os princípios que devem ser aceitos ou rejeitados, sem recorrer ao assentimento dos Espíritos."

Notemos que não se trata de negar o fato das manifestações, mas de estabelecer a superioridade do julgamento do homem, ou de alguns homens, sobre o dos Espíritos; numa palavra, de desvincular o Espiritismo do ensino dos Espíritos, pois as instruções destes últimos estariam abaixo do que pode a inteligência humana.

Esta doutrina conduz a uma singular conseqüência, que não daria uma idéia exata da superioridade da lógica do homem sobre a dos Espíritos. Graças a estes últimos, sabemos que os da ordem mais elevada pertenceram à humanidade corporal, que ultrapassaram há muito tempo, como o general ultrapassou a classe do soldado de onde saiu. Sem os Espíritos, ainda acreditaríamos que os anjos são criaturas privilegiadas e os demônios criaturas predestinadas ao mal por toda a eternidade. "Não, dirão, porque houve homens que combateram essa idéia." Seja; mas que eram esses homens, senão Espíritos encarnados? Que influência teve sua opinião isolada sobre a crença das massas? Perguntai ao primeiro que aparecer se conhece ao menos de nome a maioria desses grandes filósofos. Ao passo que os Espíritos, vindo a toda a superfície da Terra, manifestar-se ao mais humilde como ao mais poderoso, a verdade propagou-se com a rapidez do relâmpago.

Os Espíritos podem dividir-se em duas categorias: os que, chegados ao ponto mais elevado da escala, deixaram definitivamente os mundos materiais, e os que, pela lei da reencarnação ainda pertencem ao turbilhão da humanidade terrena. Admitamos que só estes últimos tenham o direito de comunicar-se com os homens, o que é uma interrogação: nesse número há os que, em vida, foram homens esclarecidos, cuja opinião fez autoridade, e que seria uma ventura consultá-los se ainda fossem vivos. Ora, da doutrina acima resultaria que esses mesmos homens superiores tornaram-se nulidades ou mediocridades, ao passarem para o mundo dos Espíritos, incapazes de nos darem instrução de algum valor, ao passo que se inclinariam respeitosamente diante deles se se apresentassem em carne e osso nas mesmas assembléias onde se recusam a escutá-los como Espíritos. Disso resulta ainda que Pascal, por exemplo, não é mais uma luz desde que é Espírito; mas que, se reencarnasse num Pedro ou num Paulo, necessariamente com o mesmo gênio, já que nada teria perdido, seria um oráculo. Esta conseqüência é de tal modo rigorosa, que os partidários deste sistema admitem a reencarnação como uma das maiores verdades. Enfim, é preciso inferir que os que colocam – supomos que de muito boa-fé – sua própria inteligência muito acima da dos Espíritos, serão, eles mesmos, nulidades ou mediocridades, cuja opinião não terá valor, de sorte que seria preciso crer no que dizem enquanto estão vivos, e não crer amanhã, quando estiverem mortos, ainda mesmo quando viessem dizer a mesma coisa e, menos ainda, se viessem dizer que se enganaram.

Sei que se opõem à grande dificuldade da constatação da identidade. Essa questão já foi amplamente tratada, de modo que é supérfluo a ela voltar. Certamente não podemos saber, por uma prova material, se o Espírito que se apresenta sob o nome de Pascal é realmente o do grande Pascal. Que nos importa, se diz boas coisas! Cabe a nós pesar o valor de suas instruções, não a forma da linguagem, que se sabe marcada, muitas vezes, pela inferioridade do instrumento, mas pela grandeza e pela sabedoria

dos pensamentos. Um grande Espírito que se comunica por um médium pouco letrado é como um hábil calígrafo que se serve de uma pena ruim; no conjunto a escrita terá o sinete do seu talento, mas os detalhes da execução, que não dependem dele, serão imperfeitos.

Jamais disse o Espiritismo que era preciso fazer abnegação de seu julgamento e submeter-se cegamente ao dizer dos Espíritos; são os próprios Espíritos que nos dizem passar todas as suas palavras pelo cadinho da lógica, ao passo que certos encarnados dizem: "Não creiais senão no que dizemos, e não acrediteis no que dizem os Espíritos." Ora, como a razão individual está sujeita a erro, e o homem, muito geralmente, é levado a tomar sua própria razão e suas idéias como a única expressão da verdade, aquele que não tem a orgulhosa pretensão de se julgar infalível a refere à apreciação da maioria. Por isto é tido como abdicando da sua opinião? De modo algum; está perfeitamente livre de crer que só ele tenha razão contra todos, mas não impedirá a opinião do maior número de prevalecer e de ter, em definitivo, mais autoridade que a opinião de um só ou de alguns.

Examinemos agora a questão sob outro ponto de vista. Quem fez o Espiritismo? É uma concepção humana pessoal? Todo o mundo sabe o contrário. O Espiritismo é o resultado do ensino dos Espíritos, de tal sorte que, sem as comunicações dos Espíritos, não haveria Espiritismo. Se a Doutrina Espírita fosse uma simples teoria filosófica nascida de um cérebro humano, não teria senão o valor de uma opinião pessoal; saída da universalidade do ensino dos Espíritos, tem o valor de uma obra coletiva, e é por isto mesmo que em tão pouco tempo ela se propagou por toda a Terra, cada um recebendo por si mesmo, ou por suas relações íntimas, instruções idênticas e a prova da realidade das manifestações.

Pois bem! é em presença deste resultado patente, material, que se tenta erigir em sistema a inutilidade das

comunicações dos Espíritos. Convenhamos que se elas não tivessem a popularidade que adquiriram, não as atacariam, e que é a prodigiosa vulgarização dessas idéias que suscita tantos adversários ao Espiritismo. Os que hoje rejeitam as comunicações não se assemelham a essas crianças ingratas que negam e desprezam os pais? Não é a ingratidão para com os Espíritos, a quem devem o que sabem? Não é servir-se do que eles ensinaram para os combater, voltar contra eles, contra seus próprios pais, as armas que nos deram? Entre os Espíritos que se manifestam não está o Espírito de um pai, de uma mãe, dos seres que nos são mais caros, dos quais se recebem essas tocantes instruções que vão diretamente ao coração? Não é a eles que devemos ter sido arrancados da incredulidade, das torturas da dúvida sobre o futuro? E é quando se goza do benefício que se desconhece a mão do benfeitor?

Que dizer dos que, tomando sua opinião pela de todo o mundo, afirmam seriamente que, agora, não querem comunicações em parte alguma? Estranha ilusão! que um olhar lançado em torno deles baste para fazer desvanecer-se. Por seu lado, que devem pensar os Espíritos que assistem às reuniões onde se discute se se devem condescender em os escutar, ou se se deve, ou não, excepcionalmente, permitir-lhes a palavra para agradar os que têm a fraqueza de se prenderem às suas instruções? Sem dúvida lá se acham Espíritos ante os quais se cairia de joelhos se, nesse momento, eles se apresentassem à vista. Já pensaram no preço que podia ser pago por tal ingratidão?

Tendo os Espíritos a liberdade de comunicar-se, independentemente do seu grau de saber, resulta que há uma grande diversidade no valor das comunicações, como nos escritos, num povo onde todo mundo tem a liberdade de escrever e onde, por certo, nem todas as produções literárias são obras-primas. Segundo as qualidades individuais dos Espíritos, há, pois, comunicações boas pelo fundo e pela forma; outras que são boas

pelo fundo e más pela forma; outras, enfim, que nada valem, nem pelo fundo, nem pela forma. Cabe-nos escolher. Rejeitá-las em bloco, porque algumas são más, não seria mais racional do que proscrever todas as publicações, só porque há escritores que produzem banalidades? Os melhores escritores, os maiores gênios, não têm partes fracas em suas obras? Não se fazem seleções do que produzem de melhor? Façamos o mesmo em relação às produções dos Espíritos; aproveitemos o que há de bom e rejeitemos o que é mau; mas, para arrancar o joio, não arranquemos o bom grão.

Consideremos, pois, o mundo dos Espíritos como uma réplica do mundo corporal, como uma fração da Humanidade, e digamos que não devemos desdenhar de ouvi-los, agora que estão desencarnados, pois não o teríamos feito quando encarnados; estão sempre em nosso meio, como outrora; apenas estão atrás da cortina, e não à frente: eis toda a diferença.

Mas, perguntarão, qual o alcance do ensino dos Espíritos, mesmo no que há de bom, se não ultrapassa o que os homens podem saber por si mesmos? É bem certo que não nos ensinam mais nada? No seu estado de Espírito não vêem o que não podemos ver? Sem eles, conheceríamos seu estado, sua maneira de ser, suas sensações? Conheceríamos, como hoje conhecemos, esse mundo onde talvez estejamos amanhã? Se esse mundo não tem para nós os mesmos terrores, se encaramos sem pavor a passagem que a ele conduz, não é a eles que o devemos? Esse mundo está completamente explorado? Diariamente ele não nos revela uma nova face? e nada é saber aonde se vai e o que se pode ser ao sair daqui? Outrora lá entrávamos tateando e estremecendo, como num abismo sem fundo; agora esse abismo é resplandecente de luz e nele se entra contente. E ainda ousam dizer que o Espiritismo nada nos ensinou? (*Revista Espírita*, agosto de 1865: "O que ensina o Espiritismo").

Sem dúvida, o ensino dos Espíritos tem seus limites. Só se lhe deve pedir o que pode dar, o que está na sua essência, no seu

objetivo providencial, e ele dá muito a quem sabe buscar. Mas, tal como é, já fizemos todas as suas aplicações? Antes de lhe pedir mais, sondamos as profundezas dos horizontes que nos descortina? Quanto ao seu alcance, ele se afirma por um fato material, patente, gigantesco, inaudito nos fastos da História: é que apenas em sua aurora, já revoluciona o mundo e abala as forças da terra. Que homem teria tal poder?

O Espiritismo contribui para a reforma da Humanidade pela caridade. Não é, pois, de admirar que os Espíritos preguem a caridade sem cessar; eles a pregarão ainda por muito tempo, enquanto ela não houver extirpado o egoísmo e o orgulho do coração dos homens. Se alguns acham as comunicações inúteis, porque repetem incessantemente as lições de moral, devem ser cumprimentados, pois são bastante perfeitos para delas não mais necessitarem; mas devem pensar que os que não têm tanta confiança em seu próprio mérito e tomam a peito o se melhorarem não se cansam de receber bons conselhos. Não busqueis, pois, lhes tirar esse consolo.

Esta doutrina tem chances de prevalecer? Como dissemos, as comunicações dos Espíritos fundaram o Espiritismo. Repeli-las depois de as haver aclamado, é querer sapar o Espiritismo pela base, arrancar seus alicerces. Tal não pode ser o pensamento dos espíritas sérios e devotados, porque seria absolutamente como aquele que se dissesse cristão negando o valor dos ensinamentos do Cristo, sob o pretexto de que sua moral é idêntica à de Platão. É nessas comunicações que os espíritas encontraram alegria, consolação, esperança; é por elas que compreenderam a necessidade do bem, da resignação, da submissão à vontade de Deus; é por elas que suportam com coragem as vicissitudes da vida; é por elas que não há mais separação real entre eles e os objetos de suas mais ternas afeições. Não é enganar-se com o coração humano crer que ele possa renunciar a uma crença que faz a felicidade!

Repetimos aqui o que dissemos a propósito da prece: Se o Espiritismo deve ganhar em influência, é aumentando a soma das satisfações morais que proporciona. Que os que o acham insuficiente tal qual é se esforcem por dar mais que ele; mas não será dando menos, tirando o que faz o seu charme, a força e a popularidade que o suplantarão.

O Espiritismo Independente

Uma carta que nos foi escrita há tempos falava do projeto de dar a uma publicação periódica o título de *Jornal do Espiritismo Independente*. Sendo essa o corolário da do *Espiritismo sem os Espíritos*, vamos, evidentemente, tentar colocar a questão no seu verdadeiro terreno.

Antes de mais, o que é o Espiritismo independente? Independente de quê? Uma outra carta o diz claramente: é o Espiritismo liberto, não só da tutela dos Espíritos, mas de toda direção ou supremacia pessoal, de toda subordinação às instruções de um chefe, cuja opinião não pode fazer lei, considerando-se que não é infalível.

Isto é a coisa mais fácil do mundo: existe de fato, uma vez que o Espiritismo, proclamando a liberdade absoluta de consciência, não admite nenhum constrangimento em matéria de crença, nem jamais contestou a alguém o direito de crer à sua maneira em matéria de Espiritismo, como em qualquer outra coisa. Deste ponto de vista, nós mesmos nos achamos perfeitamente independente e queremos aproveitar esta independência. Se há subordinação, ela é, pois, inteiramente voluntária; mais ainda, não é subordinação a um homem, mas a uma idéia, que se adota porque convém, que sobrevive ao homem se é justa, que cai com ele ou antes dele se é falsa.

Para nos libertarmos das idéias alheias é preciso, necessariamente, que tenhamos as nossas próprias idéias; naturalmente a gente procura fazer que estas prevaleçam, sem o que as guardaríamos para nós; proclamamo-las, sustentamo-las, defendemo-las, porque cremos sejam a expressão da verdade; porque admitimos a boa-fé, e não o único desejo de derrubar o que existe. O objetivo é congregar maior número possível de partidários; e aquele que não admite chefe se faz, ele mesmo, chefe de seita, buscando subordinar os outros às suas próprias idéias. Aquele que diz, por exemplo: "Não devemos mais receber instruções dos Espíritos", não emite um princípio absoluto? Não exerce uma pressão sobre os que as querem, desviando-os de as receber? Se funda uma reunião nesta base, deve excluir os partidários das comunicações, porque, se estes últimos constituíssem maioria, a tornariam lei. Se os admite e recusa obtemperar aos seus desejos, atenta contra a liberdade que têm de a reclamar. Que inscreva em seu programa: "Aqui não se dá a palavra aos Espíritos" e, então, os que desejem ouvi-los se conformarão à ordem e não se apresentarão.

Sempre dissemos que uma condição essencial de toda reunião espírita é a homogeneidade, sem o que haverá dissensão. Quem fundasse uma na base da rejeição das comunicações estaria no seu direito; se aí só admitir os que pensam com ele, faz bem, mas não tem o direito de dizer que, porque não o quer, ninguém o deve querer. Certamente é livre para agir como entender; mas, se quer a liberdade para si, deve querê-la para os outros; já que defende suas idéias e critica as dos outros, se for conseqüente consigo mesmo, não deve achar ruim que os outros defendam as suas e critiquem as dele.

Geralmente muitos esquecem que, acima da autoridade do homem, outra há, à qual quem quer que se faça representante de uma idéia não pode subtrair-se: é a de todo o mundo. A opinião geral é a suprema jurisdição, que sanciona ou derruba o edifício dos

sistemas; ninguém pode livrar-se da subordinação que ela impõe. Esta lei não é menos onipotente no Espiritismo. Quem quer que fira o sentimento da maioria e a abandone deve esperar ser por ela abandonado. Aí está a causa do insucesso de certas teorias e de certas publicações, abstração feita do mérito intrínseco destas últimas, sobre a qual por vezes se tem ilusão.

Não se deve perder de vista que o Espiritismo não está submetido a um indivíduo, nem a alguns indivíduos, nem a um círculo, nem mesmo a uma cidade, mas que seus representantes estão no mundo inteiro e que entre eles há uma opinião dominante profundamente acreditada; julgar-se forte contra todos, porque se tem o apoio de seu grupo, é expor-se a grandes decepções.

Há duas partes no Espiritismo: a dos fatos materiais e a de suas conseqüências morais. A primeira é necessária como prova da existência dos Espíritos, de modo que foi por ela que os Espíritos começaram; a segunda, dela decorrente, é a única que pode levar à transformação da Humanidade pelo melhoramento individual. O melhoramento é, pois, o objetivo essencial do Espiritismo. É para ele que deve tender todo espírita sério. Tendo deduzido essas conseqüências das instruções dos Espíritos, definimos os deveres que impõe esta crença; o primeiro deles inscrevemos na bandeira do Espiritismo: *Fora da caridade não há salvação*, máxima aclamada, em seu aparecimento, como a luz do futuro, e que logo deu a volta ao mundo, tornando-se a palavra de ligação de todos quantos vêem no Espiritismo algo mais que um fato material. Por toda parte foi acolhida como o símbolo da fraternidade universal, como penhor de segurança nas relações sociais, como a aurora de uma nova era, onde devem extinguir-se os ódios e as dissensões. Compreende-se tão bem a sua importância, que já se colhem seus frutos; entre os que a tomaram como regra de conduta, reinam a simpatia e a confiança, que fazem o encanto da vida social. Em todo espírita de coração vê-se um irmão com o qual a gente se sente feliz de encontrar, porque sabe que aquele que pratica a caridade não pode fazer nem querer o mal.

Foi, pois, por nossa autoridade privada que promulgamos esta máxima? E ainda que o tivéssemos feito, quem poderia encontrá-la má? Não; ela decorre do ensino dos Espíritos, e eles mesmos a colheram nos do Cristo, onde está escrita com todas as letras, como pedra angular do edifício cristão, mas onde ficou enterrada durante dezoito séculos. O egoísmo dos homens não se dispunha a fazê-la sair do esquecimento e torná-la explícita, porque teria sido pronunciar sua própria condenação; preferiram buscar sua própria salvação nas práticas mais cômodas e menos desagradáveis. E, contudo, todo o mundo havia lido e relido o Evangelho e, com pouquíssimas exceções, ninguém tinha visto esta grande verdade relegada a segundo plano. Ora, eis que, pelo ensino dos Espíritos, ela se tornou subitamente conhecida e compreendida por todos. Quantas outras verdades encerra o Evangelho e que surgirão a seu tempo! (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XV).

Inscrevendo no frontispício do Espiritismo a suprema lei do Cristo, nós abrimos o caminho do *Espiritismo cristão*; temos, pois, motivos para desenvolver os seus princípios, bem como os caracteres do verdadeiro espírita sob esse ponto de vista.

Que outros possam fazer melhor que nós; não iremos contra, porque jamais dissemos: "Fora de nós não há verdade." Nossas instruções, pois, são para os que as acham boas; são aceitas livremente e sem constrangimento; traçamos uma rota e a segue quem quer; damos conselhos aos que no-los pedem, e não aos que julgam deles não precisar; não damos ordens a ninguém, pois não temos qualidades para tanto.

Quanto à supremacia, ela é toda moral e na adesão dos que partilham nossa maneira de ver; não estamos investidos, mesmo por aqueles, de nenhum poder oficial; não solicitamos nem reivindicamos nenhum privilégio; não nos conferimos nenhum título, e o único que tomaríamos com os partidários de nossas idéias é o de irmão em crença. Se nos consideram como seu chefe,

é devido à posição que nos dão nossos trabalhos, e não em virtude de uma decisão qualquer. Nossa posição é a que qualquer um de nós poderia tomar antes de nós; nosso direito, o que tem todo mundo de trabalhar como entende e de correr o risco do julgamento do público.

De que autoridade incômoda entendem libertar-se os que querem o Espiritismo independente, uma vez que não há poder constituído nem hierarquia vedando a porta a quem quer que seja, e levando-se em conta que não temos sobre eles nenhuma jurisdição e que, se lhes aprouver afastar-se de nossa rota, ninguém poderá constrangê-los a nela entrar? Alguma vez já nos fizemos passar por profeta ou messias? Levariam eles a sério os títulos de sumo-sacerdote, de soberano pontífice, mesmo de papa, com que a crítica se deleitou em nos gratificar? Não só jamais os tomamos, como os espíritas jamais no-los deram. – É do ascendente de nossos escritos? O campo lhes está aberto, como a nós, para cativarem a simpatia do público. Se há pressão, ela não vem de nós, mas da opinião geral que põe o seu veto naquilo que não lhe convém e porque ela própria sofre o ascendente do ensino geral dos Espíritos. É, pois, a estes últimos que, em última análise, se deve atribuir o estado de coisas, e é talvez o que faz que não mais os queiram escutar. – É das instruções que damos? Mas ninguém é forçado a se submeter a elas. – Devem lamentar-se de nossa censura? Jamais citamos alguém, a não ser para elogiar, e nossas instruções são dadas sob forma geral, como desenvolvimento de nossos princípios, para uso de todos. Se, aliás, são más, se nossas teorias são falsas, em que isto os pode ofuscar? O ridículo, se ridículo há, será para nós. Levam tão a sério os interesses do Espiritismo, que temem vê-los periclitar em nossas mãos? – Somos absolutos demais em nossas idéias? Somos um cabeça dura com quem nada se pode fazer? Ah! meu Deus! cada um tem os seus pequenos defeitos; temos o de não pensar ora branco, ora preto; temos uma linha traçada e dela não nos desviaremos para agradar a quem quer que seja. É provável que sejamos assim até o fim.

É nossa fortuna que invejem? Onde os nossos castelos, as nossas equipagens e os nossos lacaios? Certamente, se tivéssemos a fortuna que nos atribuem, não seria dormindo que ela teria vindo e muitas pessoas amontoam milhões, num labor menos rude. – Que fazemos, então, do dinheiro que ganhamos? Como não pedimos contas a ninguém, a ninguém temos que as dar; o que é certo é que não serve para os nossos prazeres. Quanto a empregar para pagar agentes e espiões, devolvemos a calúnia à sua origem. Temos que nos ocupar com coisas mais importantes do que saber o que faz este ou aquele. Se fazem bem, não devem temer nenhuma investigação; se fazem mal, isso é lá com eles. Se há os que ambicionam a nossa posição, é no interesse do Espiritismo ou no deles? Que a tomem, pois, com *todos os seus encargos*, e provavelmente não acharão que seja uma sinecura tão agradável quanto supõem. Se acham que conduzimos mal o barco, quem os impedia de tomar o leme antes de nós? e quem os impede ainda hoje? – Lamentam-se de nossas intrigas para fazermos partidários? Nós esperamos que venham a nós, pois não vamos procurar ninguém; nem sequer corremos atrás dos que nos deixam, porque sabemos que não podem entravar a marcha das coisas; sua personalidade se apaga diante do conjunto. Por outro lado, não somos bastante presunçoso para crer que seja por nossa pessoa que se ligam a nós; evidentemente é pela idéia de que somos o representante. É, pois, a esta idéia que reportamos os testemunhos de simpatia que hão por bem nos dar.

Em suma, o Espiritismo independente seria aos nossos olhos uma insensatez, porque a independência existe de fato e de direito e não há disciplina imposta a ninguém. O campo de exploração está aberto a todos; o juiz supremo do torneio é o público; a palma é para quem sabe conquistá-la. Tanto pior para os que caem antes de atingir a meta.

Falar dessas opiniões divergentes que, em última análise, se reduzem a algumas individualidades, e em parte alguma

formam corpo, não será, talvez digam algumas pessoas, ligar a isto muita importância, assustar os adeptos fazendo-os crer em cisões mais profundas do que realmente o são? não é, também, fornecer armas aos inimigos do Espiritismo?

É precisamente para prevenir esses inconvenientes que disto falamos. Uma explicação clara e categórica, que reduz a questão ao seu justo valor, é mais adequada para assegurar do que para amedrontar os adeptos; eles sabem como proceder e aí encontram argumentos para a réplica. Quanto aos adversários, já exploraram o fato muitas vezes, e foi por terem exagerado o seu alcance que é útil mostrar como a coisa funciona. Para mais ampla resposta, remetemos o leitor ao artigo da *Revista* de outubro de 1865.

O Dia de Carlos Magno no Colégio de Chartres

Este ano o Colégio de Chartres teve a idéia de associar uma conferência literária à solenidade do banquete do dia de Carlos Magno. Dois alunos de filosofia sustentaram uma controvérsia cujo assunto era o *Espiritismo*. Eis o relato feito pelo *Journal de Chartres*, de 11 de março de 1866:

Para fechar a sessão, dois alunos de filosofia, os Srs. Ernest Clément e Gustave Jumentié propõem-se examinar, num diálogo vivo e animado, uma questão que hoje tem o privilégio de apaixonar muitas cabeças: queremos falar do *Espiritismo*.

"J. censura ao seu companheiro, sempre tão jovial, um ar sombrio e pensativo, que o faz parecer um autor de melodramas, e lhe pergunta de onde pode provir tão grande mudança.

"C. responde que perdeu a cabeça numa doutrina sublime, o Espiritismo, que veio confirmar de modo irrefutável a

imortalidade da alma e as outras concepções da filosofia espiritualista. Não é uma quimera, como pretende seu interlocutor; é um sistema apoiado em fatos autênticos, tais como as mesas girantes, os médiuns, etc.

"Certamente, responde J., não serei tão insensato, meu pobre amigo, para discutir contigo sobre loucos devaneios, de que todo mundo hoje está completamente desiludido. E quando não se faz mais que rir na cara dos espíritas, não irei, por uma vã disputa, dar às vossas idéias mais peso do que merecem e lhes fazer a honra de uma reputação séria. As admiráveis experiências dos Davenport demonstraram qual era a vossa força e a fé que era preciso ter em vossos milagres. Mas, felizmente, eles receberam a justa punição de sua patifaria; depois de alguns dias de um triunfo usurpado, foram forçados a voltar à sua pátria, e mais uma vez provamos que do Capitólio à rocha Tarpéia não há senão um passo.

"Bem vejo, diz C... por sua vez, que não és partidário do progresso. Deverias, ao contrário, apiedar-te da sorte desses infortunados. Em seu começo todas as ciências tiveram os seus detratores. Não vimos Fulton repelido pela ignorância e tratado como louco? Não vimos também Lebon, desconhecido em sua pátria, morrer miseravelmente sem ter desfrutado de seus trabalhos? E, contudo, hoje a superfície dos mares é sulcada por barcos a vapor e o gás espalha em toda parte a sua viva luz.

"J. Sim, mas essas invenções repousavam em bases sólidas; a Ciência era o guia desses gênios e devia forçar a posteridade mais esclarecida a reparar os erros de seus contemporâneos. Mas quais são as invenções dos espíritas? Qual o segredo de sua ciência? Todos puderam admirar e aplaudir o engenhoso mecanismo de sua varinha...

"C. Ainda gracejas? Entretanto eu te disse: há entre os adeptos do Espiritismo gente muito honrada, pessoas cuja convicção é profunda.

"J. É pura verdade. Mas, o que é que isto prova? Que o bom-senso não é uma coisa tão comum quanto se pensa, e que, como disse o poeta da Razão:

Um tolo sempre acha um mais tolo que o admira.

"C. Boileau não teria falado assim se tivesse visto as mesas girantes. Que dizes a isto?

"J. Que jamais consegui mover a menor mesinha.

"C. É porque és um profano; para mim, jamais uma mesa resistiu. Fiz girar uma que pesava 200 quilos, com pratos, travessas, garrafas...

"J. Tu me farias tremer pela mesa do dia de Carlos Magno se o apetite dos convivas não a tivesse prudentemente desguarnecido...

"C. Não te falo dos chapéus. Mas eu lhes imprimiria uma poderosa rotação ao mais leve contato.

"J. Não me admiro se tua pobre cabeça tenha virado com eles.

"C. Mas, enfim, pilhérias não são razões; são o argumento da impotência. Nada provas, não refutas nada.

J. É que tua doutrina não passa de um nada, de uma quimera, de um gás incolor, impalpável – prefiro o gás de iluminação – uma exalação, um vapor, uma fumaça. – Palavra de honra, minha escolha está feita, prefiro a do Champagne. – Ó Miguel Cervantes! por que nasceste dois séculos mais cedo? É ao teu imortal Dom Quixote que cabe reduzir o Espiritismo a pó. Ele brandiu sua lança valorosa contra os moinhos de vento. E, contudo, eles giravam muito bem! Como teria rachado de alto a baixo os armários falantes e sonantes? E tu, seu fiel escudeiro,

ilustre Sancho Pança, é a tua filosofia profunda, é a tua moral sublime que seria a única capaz de destrinchar essas graves teorias.

"C. Por mais que digais, senhores filósofos, negais o Espiritismo porque não sabeis o que fazer com ele, porque ele vos embaraça.

"J. Oh! ele não me causa nenhum embaraço, e bem sei o que faria se tivesse voz no capítulo. Espíritas, magnetistas, sonâmbulos, armários, mesas falantes, chapéus girantes, com as cabeças que sombreiam, eu os mandaria todos passar uma temporada... no hospício."

"Algumas pessoas ficarão admiradas, talvez escandalizadas, de ver os alunos do colégio de Chartres abordarem, sem outras armas além da anedota, uma questão que se intitula *a mais séria dos tempos modernos*. Francamente, depois da aventura recentíssima dos irmãos Davenport, pode-se censurar a juventude por se divertir com essa mistificação? É a idade sem piedade.

"Poder-se-ia, sem dúvida, voltando a uma de suas frases de empréstimo, ensinar a esses rapazes astuciosos que as grandes descobertas muitas vezes passam pela rocha Tarpéia antes de chegar ao Capitólio, e que, para o Espiritismo, o dia da reabilitação talvez não esteja longe. Os jornais já nos anunciam que um músico de Bruxelas, que também é espírita, pretende estar em contato com os Espíritos de todos os compositores mortos; que nos vai transmitir suas inspirações, e que em breve teremos obras *verdadeiramente* póstumas dos Beethoven, dos Mozart, dos Weber, dos Mendelssohn...! Pois bem! seja; esses estudantes são de boa composição: quiseram rir, riram; quando for tempo de pedir desculpas, pedirão."

Ignoramos com que objetivo permitiram fosse tratada essa questão numa solenidade de colégio; duvidamos, no entanto, que seja por simpatia pelo Espiritismo, e com vistas a propagá-lo

entre os alunos. Alguém dizia a respeito que isto parecia com certas conferências em uso em Roma, nas quais há o advogado de Deus e o advogado do diabo. Seja como for, é preciso convir que os dois campeões não eram muito fortes; sem dúvida teriam sido mais eloqüentes se conhecessem melhor o assunto que, como se vê, quase não o estudaram, a não ser em artigos de jornais a propósito dos irmãos Davenport. O fato não deixa de ter sua importância; porém, se o objetivo foi desviar a juventude do estudo do Espiritismo, duvidamos muito que tenha sido atingido, porque os jovens são curiosos. Até agora o nome do Espiritismo não tinha transposto senão clandestinamente a porta dos colégios, e aí só era pronunciado aos cochichos. Ei-lo agora oficialmente instalado nos bancos, onde fará o seu caminho. Já que a discussão é permitida, terão que estudar; é tudo o que pedimos. A esse propósito as reflexões do jornal são extremamente judiciosas.

Uma Visão de Paulo I[9]

O czar Paulo I, que então era apenas o grão-duque Paulo, encontrando-se numa reunião com alguns amigos, em Bruxelas, onde falavam de fenômenos considerados sobrenaturais, narrou o seguinte fato[10]:

"Uma tarde, ou antes, uma noite, eu estava nas ruas de São Petersburgo, com Kourakin e dois criados. Ficamos muito tempo a conversar e a fumar e nos veio a idéia de sair do palácio, incógnitos, para ver a cidade ao luar. Não fazia frio e os dias se alongavam; era um desses momentos mais suaves de nossa primavera, tão pálida em comparação com as do Sul. Estávamos alegres; não pensávamos em nada de religioso, nem mesmo sério, e Kourakin me dizia mil anedotas sobre os raros transeuntes que

9 **Nota da Editora:** Ver "Nota Explicativa", p. 527.

10 Extraído do *Grand Journal*, de 3 de março de 1866 e tirado de uma obra do Sr. Hortensius de Saint Albin, intitulada: *O Culto de Satã*.

encontrávamos. Eu andava à frente, embora um dos nossos me precedesse; Kourakin ficava alguns passos atrás e o outro doméstico nos seguia um pouco mais longe. A lua estava clara, a ponto de se poder ler uma carta, e as sombras, por oposição, eram longas e espessas.

"Ao virar uma rua percebi, no vão de uma porta, um homem alto e magro, envolto num manto, como um espanhol, com um chapéu militar desabado sobre os olhos. Parecia esperar, e desde que passamos à sua frente, saiu de seu refúgio e se postou à minha esquerda, sem dar uma palavra, sem fazer um gesto. Era impossível distinguir seus traços; apenas os seus passos, esbarrando nas lajes, produziam um som estranho, semelhante ao de uma pedra que bate em outra. A princípio fiquei admirado com esse encontro; depois, pareceu-me que todo o lado que ele quase tocava se esfriava pouco a pouco. Senti um calafrio glacial penetrar meus membros e, voltando-me para Kourakin, disse-lhe:

"Eis um singular companheiro que temos! – Que companheiro? perguntou ele. – Mas este que marcha à minha esquerda e que faz muito barulho, creio.

"Kourakin abriu os olhos espantados e garantiu-me que à minha esquerda não via ninguém. – Como! não vês à minha esquerda um homem com manto, entre mim e a parede? – Vossa Alteza toca a própria parede e não há lugar para ninguém entre vós e a parede.

"Estirei um pouco o braço e, com efeito, senti a pedra. Contudo, o homem lá estava, sempre marchando com o mesmo passo de martelo, regulado pelo meu. Então o examinei atentamente e vi brilhar sob o chapéu, de forma singular, como disse, o olho mais cintilante que jamais encontrei. Este olho me olhava, me fascinava; eu não podia fugir de seu raio. Ah! disse eu a Kourakin, não sei o que sinto, mas é estranho!

"Eu tremia, não de medo, mas de frio. Pouco a pouco sentia o coração tomado por uma impressão que nada pode traduzir. Meu sangue congelava nas veias. De repente uma voz cavernosa e melancólica saiu desse manto que ocultava a sua boca e me chamou pelo nome: 'Paulo!' Respondi maquinalmente, impelido não sei por que força: 'Que queres?' – 'Paulo!' repetiu ele. E desta vez o acento era mais afetuoso e mais triste ainda. Nada repliquei, esperei, ele me chamou de novo e em seguida parou simplesmente. Fui constrangido a fazer o mesmo. 'Paulo! pobre Paulo! pobre príncipe!'

Virei-me para Kourakin, que também havia parado. 'Ouves?' perguntei-lhe – 'Nada absolutamente, senhor; e vós?' Quanto a mim eu escutava; o lamento ainda ressoava aos meus ouvidos. Fiz um esforço imenso e perguntei a esse ser misterioso quem era e o que queria. 'Pobre Paulo! quem sou eu? Sou aquele que se interessa por ti. O que quero? quero que não te ligues muito a este mundo, pois aí não ficarás muito tempo. Vive como justo, se desejares morrer em paz; e não desprezes o remorso: é o suplício mais pungente das grandes almas.'

"Retomou seu caminho, olhando-me sempre com aquele olho que parecia destacar-se da cabeça e, assim como eu tinha sido forçado a parar como ele, fui forçado a andar como ele. Não me falou mais, nem senti vontade de lhe dirigir a palavra. Eu o seguia, pois era ele quem dirigia a marcha, e essa corrida durou ainda mais de uma hora, em silêncio, sem que eu pudesse dizer por onde havia passado. Kourakin e os lacaios não chegavam. Olhai-o sorrindo: ele ainda pensa que sonhei tudo isto.

"Finalmente, nós nos aproximamos da Grande Praça, entre a ponte do Neva e o Palácio dos Senadores. O homem foi direto para um ponto dessa praça, seguido por mim, bem entendido, onde se deteve. 'Paulo, adeus. Não me verás aqui, nem em outros lugares.' Depois, como se lhe tivesse tocado, seu chapéu

ergueu-se de leve, sozinho; então eu distingui facilmente o seu rosto. Recuei, mau grado meu: era o olho de águia, era a fronte trigueira, o sorriso severo de meu avô Pedro, o Grande. Antes que me recobrasse da surpresa, de meu terror, ele havia desaparecido.

"É nesta mesma praça que a imperatriz manda erigir o monumento célebre, que logo causará admiração em toda a Europa, e que representa o czar Pedro a cavalo. Um imenso bloco de granito é a base desta estátua. Não fui eu quem designou à minha mãe aquele lugar, escolhido, ou melhor, adivinhado previamente pelo fantasma. E confesso que aí encontrando essa estátua, não sei que sentimento apoderou-se de mim. *Tenho medo de ter medo*, apesar de o príncipe Kourakin querer persuadir-me de que eu sonhei acordado, passeando pelas ruas. Lembro-me dos mínimos detalhes desta visão, pois foi uma visão, insisto em sustentar. Parece-me que ainda estou lá. Retornei ao palácio, alquebrado como se tivesse feito uma longa caminhada e literalmente gelado do lado esquerdo. Precisei de várias horas para me aquecer num leito muito quente e debaixo de cobertores."

Mais tarde o grão-duque Paulo lamentou ter falado desta aventura e se esforçou por fazê-la passar como pilhéria, mas as preocupações que ela lhe causou fizeram pensar que ela continha algo de sério.

Depois de lido este fato na Sociedade de Paris, mas sem intenção de fazer qualquer pergunta a respeito, um dos médiuns, espontaneamente e sem evocação, obteve a comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 9 de março de 1866 – Médium: Sr. Morin)

Na nova fase em que entrastes, com a chave dada pelo Espiritismo, ou revelação dos Espíritos, tudo deve explicar-se, pelo menos o que estais aptos a compreender.

A existência da mediunidade vidente foi a primeira de todas as faculdades conferidas ao homem para se corresponder com o mundo invisível, causa de tantos fatos até hoje deixados sem explicação racional. Com efeito, retornai às diferentes idades da Humanidade, e observai com atenção todas as tradições que chegaram até vós, e por toda parte, nas que vos precederam, encontrareis seres que, através da visão, foram postos em relação com o mundo dos Espíritos.

Em todos os tempos, em todos os povos, as crenças religiosas se estabeleceram sobre as revelações de visionários ou médiuns videntes.

Muito pequenos por si mesmos, os homens sempre foram assistidos por aqueles invisíveis que os tinham precedido na erraticidade e que, obedientes à lei de reciprocidade universal, lhes vinham trazer, por comunicações muitas vezes inconscientes, os conhecimentos por eles adquiridos, e lhes traçar a conduta a seguir para descobrir a verdade.

Como disse, a primeira das faculdades mediúnicas foi a visão. Quantos adversários não encontrou ela entre os interessados de todos os tempos! Mas não se deveria inferir de minha linguagem que todas as visões sejam resultado de comunicações reais; muitas se devem à alucinação de cérebros enfraquecidos ou resultam de um complô urdido para servir a um cálculo ou satisfazer ao orgulho.

Crede-me, o médium vidente é, de todos, o mais impressionável; o que se viu grava-se melhor no espírito. Quando o vosso grão-duque[11], fanfarrão e vão como a maior parte dos de sua raça, viu aparecer-lhe o seu avô, pois era mesmo uma visão, que tinha sua razão de ser na missão que Pedro, o Grande, tinha aceitado em favor de seu neto, e que consistia em o conduzir e

11 Vários russos assistiam à sessão na qual esta comunicação foi dada. Sem dúvida foi o que motivou a expressão: *Vosso grão-duque*.

inspirar, desde esse instante a mediunidade foi permanente no duque e só o medo do ridículo o impediu de contar todas as visões ao seu amigo.

A mediunidade vidente não era a única que ele possuía; também tinha a intuição e a audição. Mas, muito imbuído dos princípios de sua primeira educação, recusou-se a tirar proveito das sábias advertências que lhe davam seus guias. Foi pela audição que teve a revelação de seu fim trágico. Desde essa época, seu Espírito progrediu muito. Hoje não temeria mais o ridículo de crer na visão e, por isto, vem dizer:

"Graças aos meus caros instrutores espirituais e à observação dos fatos, creio na manifestação dos Espíritos, na sobrevivência da alma, na eterna onipotência de Deus, na progressão constante para o bem dos homens e dos povos e me tenho por muito honrado que uma de minhas puerilidades tenham provocado uma dissertação onde tenho tudo a ganhar e vós nada a perder."

Paulo

O Despertar do Sr. de Cosnac

Nosso colega da Sociedade de Paris, Sr. Leymarie, tendo ido fazer uma viagem a Corrèze, aí se entretinha freqüentemente sobre o Espiritismo, recebendo várias comunicações mediúnicas, entre as quais a que damos abaixo, e que, certamente, não podia estar em seu pensamento, pois ignorava se um dia qualquer tinha havido no mundo um indivíduo chamado Cosnac. Essa comunicação é notável porque pinta a posição singular de um Espírito que, desde dois séculos e meio não se julgava vivo, embora se achasse sob a impressão das idéias e da visão das coisas de seu tempo, sem se aperceber quanto tudo tinha mudado desde então.

(Tulle, 7 de março de 1866)

Há dois séculos e meio que, inconsciente de minha posição, vejo sem cessar o castelo-forte de meus antepassados, os fossos profundos, o senhor de Cosnac sempre ligado ao seu rei, ao seu nome, às suas lembranças de grandeza; há pajens e valetes por toda parte; homens de armas partindo para uma expedição secreta. Sigo todos esses movimentos, todo esse ruído; ouço os gemidos dos prisioneiros e dos colonos, dos servos temerosos, que passam humildemente em frente à casa do senhor; e tudo isto não passa de um sonho!...

Hoje meus olhos se abriram para ver tudo ao contrário o meu sonho secular! Vejo uma grande habitação burguesa, mas sem linhas de defesa; tudo está calmo. As grandes árvores desapareceram; dir-se-ia que uma mão de fada transformou a residência feudal e a paisagem agreste que a cerca. Por que essa mudança?... Então o nome que trago desapareceu e com ele o bom velho tempo?... Ai! é preciso perder os meus sonhos, os meus desejos, as minhas ficções, porque um novo mundo acaba de me ser revelado! Outrora bispo, orgulhoso de meus títulos, de minhas alianças, conselheiro de um rei, não admitia senão nossas personalidades, senão um Deus criando raças privilegiadas, a quem o mundo pertencia de direito, senão um nome que devia perpetuar-se e, como base desse sistema, a compressão e o sofrimento para o servo e para o artesão.

Algumas palavras puderam despertar-me!... Uma atração involuntária (outrora eu teria dito diabólica) atraiu-me para aquele que escreve. Ele discutiu com um padre que emprega, para defender a Igreja, todos os argumentos que outrora eu repetia, enquanto ele se serve de palavras novas, que explica simplesmente e – devo confessar? é seu raciocínio que permite que meus olhos vejam e meus ouvidos escutem.

Para ele eu percebo as coisas tais quais são e, o que é mais estranho, depois de ter seguido em mais de um lugar onde ele defende o Espiritismo, eu volto ao sentimento de minha existência como Espírito; aprecio melhor, defino melhor as grandes leis do verdadeiro e do justo; rebaixo o meu orgulho, causa da catarata que me turvou a razão, meu juízo, durante dois séculos e meio e, contudo, vide a força do hábito, do orgulho de raça!... apesar da mudança radical operada nos bens de meus avós, nos costumes, nas leis e no governo; malgrado as conversas do médium que transmite meu pensamento, a despeito de minha visita aos grupos espíritas de Paris, e mesmo aos dos Espíritos que se preparam para a emigração para mundos adiantados, ou para reencarnações terrenas, foram-me necessários oito dias de reflexão para me render à evidência.

Nesse longo combate entre um passado desaparecido e o presente que nos empurra para as grandes esperanças, minhas resistências caíram, uma a uma, como as velhas armaduras quebradas de nossos antigos cavaleiros. Venho fazer ato de fé ante a evidência, e eu, *de Cosnac*, antigo bispo, afirmo que vivo, sinto, julgo. Esperando minha reencarnação, preparo minhas armas espirituais; sinto Deus em toda parte e em tudo; não sou um demônio, recuso meu orgulho de casta e em meu envoltório fluídico rendo homenagem ao Deus criador, ao Deus de harmonia que chama a si todos os seus filhos, a fim de que, depois de vidas mais ou menos acidentadas, cheguem purificados nas esferas etéreas onde esse Deus tão magnânimo os fará gozar da suprema sabedoria.

De Cosnac

Nota – O penúltimo arcebispo de Sens chamava-se Joseph-Marie-Victoire *de Cosnac*; tinha nascido em 1764, no castelo *de Cosnac*, no Limousin e aí morreu em 1843. O *Boletim da Sociedade Arqueológica de Sens*, tomo 7, página 301, diz que ele era o décimo

primeiro prelado que sua família tinha dado à Igreja. Assim, nada há de impossível que um bispo desse nome tenha existido no começo do século dezessete.

Pensamentos Espíritas

POESIA DO SR. EUGÈNE NUS

As estrofes seguintes são tiradas da obra *Os Dogmas Novos*, do Sr. Eugène Nus. Embora não seja uma obra mediúnica, certamente nos irão agradecer a sua reprodução por causa dos pensamentos aí expressos de modo tão gracioso. Sob o título de *Os Grandes Mistérios*, o mesmo autor publicou ultimamente uma outra obra notável, a que nos reportaremos e na qual se acham todos os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, como solução racional.

Ó amados mortos, que esta terra
Vos vê, conosco misturados,
Mostrai-nos que mistério encerra:
Aonde viveis, mortos amados?

Globos que brilhais a povoar o espaço,
Irmãs desta terra, estrelas dos céus,
Qual de vós me dá no além um regaço,
Destino de sombra ou de glória véus?
E qual de vós tem recebido as almas
Daqueles que amava e os tenho perdido?
De vós branco raio e de luzes calmas,
Sobre o meu ser a sonhar tem descido?

Ligados, então, à sorte da terra
Quer pelo destino ou seu bem-estar,
São eles levados ao que ela encerra
De justo no instante de retornar?
Ou mais perto ainda, Almas invisíveis,
Que estando entre nós buscais nos servir,
Concórdia pregando aos seres sensíveis,
Chorando por quem é surdo em ouvir?

Mistério profundo o da alma infinita!
Já faz quanto tempo eu te busco em vão.
De pálida fronte a vida me agita
Sem poder achar de Deus a razão.

Ó mortos queridos, onde estejais!
Vinde vós a mim perto ou longe até;
Vossa oculta voz já cedi demais;
E vosso calor aqueceu-me a fé.

Ó amados mortos, que esta terra
Vos vê, conosco misturados,
Mostrai-nos que mistério encerra:
Aonde viveis, mortos amados?

Carta do Sr. F. Blanchard ao Jornal *Liberté*

Pedem-nos a inserção da carta seguinte, dirigida ao Sr. redator-chefe do jornal *Liberté*.

"Senhor,

"Sem dúvida é preciso preencher as colunas de um jornal, mas quando esse *adorno* está cheio de insultos dirigidos aos que não pensam como os vossos redatores, pelo menos o que escreveu essa mediocridade a respeito dos irmãos Davenport, número de segunda-feira, é permitido achar mau dar o seu dinheiro aos que não temem vos tratar de tolo, ignorante, etc. Ora, eu sou espírita e dou graças a Deus. Assim, quando vencer minha assinatura de vosso jornal, ficai certo de que não será renovada.

"Vossa folha traz um título sublime; não mintais, pois, a esse título e sabei que essa palavra implica o respeito às opiniões de cada um. Não esqueçais, sobretudo, que *Liberdade* e *Espiritismo* é absolutamente a mesma coisa. Essa sinonímia vos espanta? Lede, estudai essa doutrina que vos parece tão negra; então podereis

prestar um serviço à *Verdade* e à *Liberdade*, que empunhais tão alto, mas que ofendeis."

Florentin Blanchard, livreiro, em Marennes

"*P. S.* – Se minha assinatura não vos parecer muito legível, a chancela que fecha esta carta vos elucidará."

Notas Bibliográficas

SOU ESPÍRITA? – por Sylvain Alquié, de Toulouse; brochura in-12, preço: 50 c. Toulouse, livraria Caillol et Baylac, 34, rue de la Pomme

O autor, novo adepto, só conhecia o Espiritismo pelas diatribes dos jornais a propósito dos irmãos Davenport, quando o primeiro artigo publicado pelo jornal *Discussão* (Vide a *Revista Espírita* de fevereiro de 1866), lhe tendo caído sob os olhos, no café, fê-lo ver sob outra luz e o levou a estudar. São essas impressões que ele descreve em sua brochura; passa em revista os raciocínios que o levaram à crença, a cada um dos quais pergunta: *Sou espírita?* Sua conclusão é resumida no último capítulo por estas simples palavras: *Eu sou espírita*. Escrita com elegância, clareza e convicção, esta brochura é uma profissão de fé sabiamente raciocinada; merece as simpatias de todos os adeptos sinceros, aos quais consideramos um dever recomendá-la, lamentando que a falta de espaço nos impeça de justificar a nossa apreciação por meio de algumas citações.

CARTA AOS SRS. DIRETORES E REDATORES DOS JORNAIS ANTIESPÍRITAS
Por A. Grelez, oficial de administração aposentado. Brochura in-8º ; preço: 50 c. – Paris, Bordeaux, nas principais livrarias

Esta carta, ou melhor, estas cartas, datadas de Sétif (Argélia), foram publicadas pela *União Espírita Bordelense*, em seus números 34, 35 e 36. É uma exposição clara e sucinta dos princípios da doutrina, em resposta às diatribes de certos

jornalistas, cujas falsas e injustas apreciações o autor refuta em termos educados. Ele não se gaba de os converter, mas essas refutações, multiplicadas nas brochuras baratas, têm a vantagem de esclarecer as massas sobre o verdadeiro caráter do Espiritismo e mostrar que ele encontra defensores sérios em toda parte, que não precisam senão do raciocínio para combater os seus adversários. Devemos, pois, agradecimentos ao Sr. Grelez e felicitações à *União Espírita Bordelense* por haver tomado a iniciativa desta publicação.

FILOSOFIA ESPÍRITA extraída do divino
***O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec;**
Por Augustin Babin, de Cognac. 1 vol. In-12 de 200 páginas; preço: 1 fr.

O GUIA DA FELICIDADE, ou *Deveres gerais do homem por amor a Deus*;
Pelo mesmo. Brochura in-12 de 100 páginas; preço: 60 c.

NOÇÕES DE ASTRONOMIA *científica, psicológica e moral*,
pelo mesmo.
Brochura in-12 de 100 páginas; preço: 75 c. – Angoulême,
Livraria Nadaud et Cie., 26, muralha Desaix.

Faremos notar que o epíteto de *divino* é dado a *O Livro dos Espíritos* pelo autor, e não por nós. Caracteriza a maneira pela qual ele encara a questão. O Sr. Babin é um espírita de velha data, que leva a doutrina a sério, do ponto de vista moral. Essas três obras são fruto de uma convicção profunda, inalterável e ao abrigo de toda flutuação. Não é um entusiasta, mas um homem que hauriu no Espiritismo tantas forças, consolações e felicidade, que considera como um dever ajudar a propagar uma crença que lhe é cara. Seu zelo é ainda mais meritório, porque totalmente desinteressado. Declara pôr os seus livros no domínio público, com a condição de neles nada ser mudado nem ter o preço aumentado. Houve por bem colocar à nossa disposição uma centena de exemplares, para distribuição gratuita, pelo que lhe rogamos aceitar os nossos mui sinceros agradecimentos.

Allan Kardec

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO IX MAIO DE 1866 Nº 5

Deus Está em toda parte

Como é que Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, pode imiscuir-se em detalhes ínfimos, preocupar-se com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo? Tal é a pergunta que muitas vezes se faz.

Em seu estado atual de inferioridade, só dificilmente os homens podem compreender Deus infinito, porque eles próprios são finitos, limitados, razão por que o imaginam finito e limitado como eles mesmos; representando-o como um ser circunscrito, dele fazem uma imagem à sua semelhança. Pintando-o com traços humanos, nossos quadros não contribuem pouco para alimentar este erro no espírito das massas, que nele mais adoram a forma que o pensamento. É para o maior número um soberano poderoso, sobre um trono inacessível, perdido na imensidade dos céus, e porque suas faculdades e percepções são restritas não compreendem que Deus possa ou haja por bem intervir diretamente nas menores coisas.

Na incapacidade em que se acha o homem de compreender a essência mesma da Divindade, desta não pode fazer

senão uma idéia aproximada, auxiliado por comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que podem, ao menos, mostrar-lhe a possibilidade do que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos. É evidente que cada molécula desse fluido produzirá sobre cada molécula da matéria com a qual está em contato uma ação idêntica à que produziria a totalidade do fluido. É o que a Química nos mostra a cada passo.

Sendo *ininteligente*, esse fluido age mecanicamente apenas pelas forças materiais. Mas se supusermos esse fluido dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele agirá, não mais cegamente, mas com discernimento, com vontade e liberdade; verá, ouvirá e sentirá.

As propriedades do fluido perispiritual dele podem dar-nos uma idéia. Ele não é inteligente por si mesmo, desde que é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito. É em conseqüência da sutileza desse fluido que os Espíritos penetram em toda parte, perscrutam os nossos pensamentos, vêem e agem a distância; é a esse fluido, chegado a um certo grau de depuração, que os Espíritos superiores devem o dom da ubiqüidade; basta um raio de seu pensamento dirigido para diversos pontos para que eles possam aí manifestar sua presença simultaneamente. A extensão dessa faculdade está subordinada ao grau de elevação e de depuração do Espírito.

Mas sendo os Espíritos, por mais elevados que sejam, criaturas limitadas em suas faculdades, seu poder e a extensão de suas percepções não poderiam, sob esse aspecto, aproximar-se de Deus. Contudo, eles nos podem servir de ponto de comparação. O que o Espírito não pode realizar senão num limite restrito, Deus, que é infinito, o realiza em proporções infinitas. Há, ainda, esta

diferença: a ação do Espírito é momentânea e subordinada às circunstâncias, enquanto a de Deus é permanente; o pensamento do Espírito só abarca um tempo e um espaço circunscritos, ao passo que o de Deus abarca o Universo e a eternidade. Numa palavra, entre os Espíritos e Deus há a distância do finito ao infinito.

O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas o agente e o intermediário desse pensamento. Como é o fluido que o transmite, dele está, de certo modo, impregnado; e na impossibilidade em que nos achamos de isolar o pensamento, ele não parece fazer senão um com o fluido, assim como o som parece ser um com o ar, de sorte que podemos, a bem dizer, materializá-lo. Do mesmo modo que dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido torna-se inteligente.

Seja ou não seja assim o pensamento de Deus, isto é, quer ele aja diretamente ou por intermédio de um fluido, para facilitar a nossa compreensão vamos representar este pensamento sob a forma concreta de um fluido inteligente, enchendo o Universo infinito, penetrando todas as partes da Criação: a Natureza inteira está mergulhada no *fluido divino*; tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua previdência, à sua solicitude; nenhum ser, por mais ínfimo que seja, que dele não esteja, de certo modo, saturado.

Assim, estamos constantemente em presença da Divindade. Não há uma só de nossas ações que possamos subtrair ao seu olhar; nosso pensamento está em contato com o seu pensamento e é com razão que se diz que Deus lê nos mais profundos recônditos do nosso coração; *estamos nele como ele está em nós*, segundo a palavra do Cristo. Para entender sua solicitude sobre as menores criaturas, ele não tem necessidade de mergulhar seu olhar do alto da imensidade, nem deixar *sua morada de glória*, pois

essa morada está em toda parte. Para serem ouvidas por ele, nossas preces não precisam transpor o espaço, nem serem ditas com voz retumbante, porque, incessantemente penetrados por ele, nossos pensamentos nele repercutem.

A imagem de um fluido inteligente universal evidentemente não passa de uma comparação, mais própria a dar uma idéia mais justa de Deus que os quadros que o representam sob a figura de um velho de longas barbas, envolto num manto. Não podemos tomar nossos pontos de comparação senão nas coisas que conhecemos; é por isto que dizemos diariamente: o olho de Deus, a mão de Deus, a voz de Deus, o sopro de Deus, a face de Deus. Na infância da Humanidade o homem toma estas comparações ao pé da letra; mais tarde seu espírito, mais apto a apreender as abstrações, espiritualiza as idéias materiais. A de um fluido universal inteligente, penetrando tudo, como seria o fluido luminoso, o fluido calórico, o fluido elétrico ou quaisquer outros, se fossem inteligentes, tem o objetivo de fazer compreender a possibilidade, para Deus, de estar em toda parte, de ocupar-se de tudo, de velar pelo pé de erva como pelos mundos. Entre ele e nós a distância foi suprimida; compreendemos sua presença, e este pensamento, quando a ele nos dirigimos, aumenta a nossa confiança, porque não podemos dizer mais que Deus esteja muito longe e seja muito grande para se ocupar de nós. Mas este pensamento, tão consolador para o humilde, para o homem de bem, é terrível para o mau e para o orgulhoso endurecidos, que a ele esperavam subtrair-se em favor da distância, e que, doravante, sentir-se-ão sob o domínio de seu poder.

Para o princípio da soberana inteligência, nada impede admitir um centro de ação, um foco principal irradiando sem cessar, inundando o Universo com os seus eflúvios, como o Sol com a sua luz. Mas onde está esse foco? É provável que não esteja mais fixado num ponto determinado do que a sua ação. Se simples Espíritos têm o dom da ubiqüidade, em Deus esta faculdade não

deve ter limites. Enchendo Deus o Universo, poder-se-ia admitir, a título de hipótese, que esse foco não necessita transportar-se, e que *se forme* em todos os pontos onde sua soberana vontade julgue conveniente produzir-se, donde se poderia dizer que está em toda parte e em parte alguma.

Diante desses problemas insondáveis, nossa razão deve humilhar-se. Deus existe: é indubitável; é infinitamente justo e bom: é sua essência; sua solicitude se estende a tudo: nós o compreendemos agora; incessantemente em contato com ele, podemos orar a ele com a certeza de sermos ouvido; ele não pode querer senão o nosso bem, razão por que devemos confiar nele. Eis o essencial; para o resto, esperemos que sejamos dignos de o compreender.

A Visão de Deus[12]

Se Deus está em toda parte, por que não o vemos? Vê-lo-emos quando deixarmos a Terra? Também são perguntas que se formulam todos os dias.

A primeira é fácil responder. Por serem limitadas as percepções dos nossos órgãos visuais, elas os tornam inaptos à visão de certas coisas, mesmo materiais. Alguns fluidos nos fogem totalmente à visão e aos instrumentos de análise. Vemos os efeitos da peste, mas não vemos o fluido que a transporta; vemos os corpos em movimento sob a influência da força de gravitação, mas não vemos essa força.

Os nossos órgãos materiais não podem perceber as coisas de essência espiritual. Unicamente com a visão espiritual é que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial. Somente a nossa alma, portanto, pode ter a percepção de Deus.

12 **N. do T.:** Vide *A Gênese*, capítulo II, itens 31 a 37.

Dar-se-á que ela o veja logo após a morte? A esse respeito, só as comunicações de além-túmulo nos podem instruir. Por elas sabemos que a visão de Deus constitui privilégio das mais depuradas almas e que bem poucas, ao deixarem o envoltório terrestre, se encontram no grau de desmaterialização necessária a tal efeito. Algumas comparações vulgares o tornarão facilmente compreensível.

Uma pessoa que se ache no fundo de um vale, envolvido por densa bruma, não vê o Sol. Entretanto, pela luz difusa, percebe que está fazendo sol. Se se dispõe a subir a montanha, à medida que for ascendendo, o nevoeiro se irá tornando mais claro, a luz cada vez mais viva. Contudo, ainda não verá o Sol. Quando começa a percebê-lo ainda está velado, pois basta o mais leve vapor para enfraquecer o seu brilho. Só depois que se haja elevado acima da camada brumosa e chegado a um ponto onde o ar esteja *perfeitamente límpido*, ela o contemplará em todo o seu esplendor.

Dá-se outro tanto com aquele que tivesse a cabeça envolta por vários véus. A princípio não vê absolutamente nada; a cada véu que se retira, distingue um clarão cada vez mais nítido; apenas quando desaparece o último véu é que percebe as coisas claramente.

Também se dá o mesmo com um licor carregado de matérias estranhas; de começo fica turvo; a cada destilação sua transparência aumenta até que, estando completamente depurado, adquire perfeita limpidez e não apresenta nenhum obstáculo à visão.

Assim é com a alma. O envoltório perispirítico, conquanto nos seja invisível e impalpável, é, com relação a ela, verdadeira matéria, ainda grosseira demais para certas percepções. Ele, porém, se espiritualiza, à medida que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são como véus que

obscurecem sua visão. Cada imperfeição de que ela se desfaz é um véu a menos; todavia, só depois de se haver depurado completamente é que goza da plenitude das suas faculdades.

Sendo Deus a essência divina por excelência, unicamente os Espíritos que atingiram o mais alto grau de desmaterialização o podem perceber em todo o seu esplendor. Pelo fato de não o verem, não se segue que os Espíritos imperfeitos estejam *mais distantes dele do que os outros*; esses Espíritos, como os demais, como todos os seres da Natureza, se encontram mergulhados no fluido divino, do mesmo modo que nós o estamos na luz; os cegos também estão mergulhados na luz e, contudo, não a vêem. As imperfeições são véus que ocultam Deus à visão dos Espíritos inferiores. Quando o nevoeiro se dissipar, vê-lo-ão resplandecer. Para isso, não lhes é preciso subir, nem procurá-lo nas profundezas do infinito. Desimpedida a visão espiritual das belidas morais que a obscureciam, eles o verão de todo lugar onde se achem, mesmo da Terra, porquanto Deus está em toda parte.

O Espírito só se depura com o tempo, sendo as diversas encarnações o alambique em cujo fundo deixa de cada vez algumas impurezas. Com o abandonar o seu invólucro corpóreo, os Espíritos não se despojam instantaneamente de suas imperfeições, razão por que, depois da morte, não vêem a Deus mais do que o viam quando vivos; mas, à medida que se depuram, têm dele uma intuição mais clara. Não o vêem, mas compreendem-no melhor; a luz é menos difusa. Quando, pois, alguns Espíritos dizem que Deus lhes proíbe respondam a uma dada pergunta não é que Deus lhes apareça, ou dirija a palavra, para lhes ordenar ou proibir isto ou aquilo, não; eles, porém, o sentem; recebem os eflúvios do seu pensamento, como nos sucede com relação aos Espíritos que nos envolvem em seus fluidos, embora não os vejamos.

Nenhum homem, conseguintemente, pode ver a Deus com os olhos da carne. Se essa graça fosse concedida a alguns, só

o seria no estado de êxtase, quando a alma se acha tão desprendida dos laços da matéria que torna possível o fato durante a encarnação. Tal privilégio, aliás, exclusivamente pertenceria a almas de eleição, encarnadas em missão, que não em expiação. Mas, como os Espíritos da mais elevada categoria refulgem de ofuscante brilho, pode dar-se que Espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, maravilhados com o esplendor de que aqueles se mostram cercados, suponham estar vendo o próprio Deus. É como quem vê um ministro e o toma pelo seu soberano.

Sob que aparência se apresenta Deus aos que se tornaram dignos de vê-lo? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco de resplendente luz? A linguagem humana é impotente para dizê-lo, porque não existe para nós nenhum ponto de comparação capaz de nos facultar uma idéia de tal coisa. Somos quais cegos de nascença a quem procurassem inutilmente fazer compreendessem o brilho do Sol. A nossa linguagem é limitada pelas nossas necessidades e pelo círculo das nossas idéias; a dos selvagens não poderia descrever as maravilhas da civilização; a dos povos mais civilizados é extremamente pobre para descrever os esplendores dos céus, a nossa inteligência muito restrita para os compreender e a nossa vista, por muito fraca, ficaria deslumbrada.

Uma Ressurreição

O *Concorde*, jornal de Versalhes, de 22 de fevereiro de 1866, relata o episódio seguinte, de uma história publicada em folhetim, sob o título de: *Na Córsega, desenho à pena*.

Uma jovem tinha uma velha tia que lhe servia de mãe e à qual dedicava uma ternura filial. A tia adoeceu e morreu. Afastaram a jovem, mas esta se plantou à porta da câmara mortuária, chorando e orando. De repente julgou ouvir um grito

fraco e como um gemido surdo. Abriu a porta precipitadamente e viu a tia, que havia afastado o lençol com que a tinham coberto, e lhe fazia sinal para que se aproximasse. Então lhe disse com voz débil e fazendo um esforço supremo: "Savéria, há pouco eu estava morta... sim, morta... Vi o Senhor... Ele me permitiu voltar um instante a esta Terra, para te dizer um último adeus, fazer uma última recomendação."

Então lhe renovou um conselho muito importante, que lhe tinha dado alguns dias antes, e do qual dependia o seu futuro. Tratava-se de guardar segredo absoluto sobre um fato, cuja divulgação devia provocar uma dessas terríveis vinganças tão comuns naquela região. Tendo a sobrinha prometido conformar-se à vontade da tia, esta acrescentou: "Agora posso morrer, pois Deus te protegerá como me protege nesta hora, porquanto, indo embora, não sentirei o desgosto de deixar atrás de mim uma vingança a saciar-se num rio de sangue e de maldições... Adeus, pobre filha, eu te abençôo." Depois destas palavras, expirou.

Um dos nossos correspondentes, que conhece pessoalmente o autor, perguntou-lhe se o relato era fruto da sua imaginação. "Não, respondeu ele, é a pura verdade. Colhi o fato da boca da própria Savéria, quando eu estava na Córsega. Citei suas próprias palavras e ainda omiti certos detalhes, temendo que me acusassem de exagero."

Os fatos desta natureza não são sem exemplo; citamos um notabilíssimo na *Revista* de agosto de 1863, sob o título de *O Sr. Cardon, médico*. Eles são a prova evidente da existência e da independência da alma, porque se o princípio inteligente fosse inerente à matéria, extinguir-se-ia com ela. A questão é saber se, por um ato da vontade, a alma pode entrar momentaneamente na posse do corpo que acaba de deixar.

Não se deve assimilar o fato acima, nem o do médico Cardon, ao estado letárgico. A letargia é uma suspensão acidental

da sensibilidade nervosa e do movimento que oferece a imagem da morte, mas que não é a morte, pois não há decomposição e os letárgicos viveram longos anos após o seu despertar. A vitalidade, por estar latente, não se acha menos em toda a sua força e a alma não está mais destacada do corpo que no sono ordinário. Na morte verdadeira, ao contrário, a matéria se desorganiza, a vitalidade se extingue, o perispírito se separa; o trabalho da dissolução começa antes mesmo que a morte se tenha efetivado. Enquanto ela não se consuma, pode haver retornos passageiros à vida, como os que citamos, *mas sempre de curta duração*, considerando-se que a vontade pode retardar por alguns instantes a separação definitiva do perispírito, mas é impotente para deter o trabalho da dissolução, quando chegado o momento. Sejam quais forem as aparências exteriores, pode-se dizer que todas as vezes que houver retorno à vida, é que não houve morte na acepção patológica do termo. Quando a morte é completa, esses retornos são impossíveis, pois a isto se opõem as leis fisiológicas.

Nas circunstâncias de que falamos, podia-se, pois, racionalmente admitir que a morte não se tivesse consumado. Tendo sido o fato relatado na Sociedade de Paris, o guia de um dos nossos médiuns habituais deu-lhe a explicação seguinte, que reproduzimos com toda reserva, como uma coisa possível, mas não materialmente provada, e a título de observação.

(Sociedade Espírita de Paris, 2 de março de 1866 – Médium: Sr. Morin)

No caso que é objeto de vossa discussão, há um fato positivo, o da morta que falou à sua sobrinha. Resta saber se esse fato é do domínio material, isto é, se houve retorno momentâneo à vida corporal, ou se é de ordem espiritual; é esta última hipótese que é verdadeira, porque a velha tia estava realmente morta. Eis o que se passou:

Ajoelhada à porta da câmara mortuária, a jovem sofreu um impulso irresistível, que a levou para junto do leito da tia que,

como disse, estava realmente morta. Foi a ardente vontade do Espírito dessa mulher que provocou o fenômeno. Sentindo-se morrer sem poder fazer a recomendação tão vivamente desejada, ela pediu a Deus, numa última e suprema prece, que pudesse dizer à sobrinha o que lhe desejava dizer. Já estando feita a separação, o fluido perispiritual, ainda impregnado de seu desejo, envolveu a jovem e a arrastou para junto de seus despojos. Ali, por uma permissão de Deus, ela tornou-se médium vidente e audiente; viu e ouviu a tia, falando e agindo, não com o corpo, mas por meio do perispírito ainda aderido ao corpo. Portanto, houve visão e audição espirituais e não materiais.

A recomendação da tia, feita em tal momento e em circunstâncias que pareciam uma ressurreição, devia impressionar a jovem mais vivamente e fazê-la compreender melhor toda a importância. Embora já a tivesse feito em vida, queria levar a certeza de que sua sobrinha a isto se conformaria, para evitar as desgraças que teriam resultado de uma indiscrição. Sua vontade não pôde fazer reviver seu corpo, contrariando as leis da Natureza, mas foi capaz de dar ao seu invólucro fluídico as aparências de seu corpo.

Ebelman

Conversas de Além-Túmulo

O ABADE LAVERDET

O Sr. Laverdet era um dos pastores da Igreja francesa e coadjutor do abade Châtel. Era um homem de grande saber e que, pela elevação de seu caráter, gozava da estima dos que o conheceram. Morreu em Paris, no mês de novembro último. Um de seus mais íntimos amigos, o Sr. Monvoisin, o eminente pintor de história, espírita fervoroso, tendo desejado dele receber algumas palavras de além-túmulo, pediu-nos que o evocássemos. A

comunicação que ele deu tem para o seu amigo e para o seu irmão um selo incontestável de identidade, razão por que cedemos ao desejo expresso por esses dois senhores de a publicar, e isto com tanto mais vontade quanto ela é instrutiva sob mais de um aspecto.

(Sociedade de Paris, 5 de janeiro de 1866 – Médium: Sr. Desliens)

Evocação – Vosso amigo, Sr. Monvoisin, informou-me hoje de vossa morte e, embora não tivéssemos tido o prazer de vos conhecer pessoalmente, conhecíamos a vossa reputação pela parte que tomastes na formação da Igreja francesa. A estima que gozáveis a justo título e o estudo que fizestes do Espiritismo antes de morrer, aliados ao desejo de vosso amigo e de vosso irmão, nos dão o de nos entretermos convosco, se Deus o permitir. Ficaremos contentes se quiserdes comunicar as vossas impressões como Espírito, seja pela reforma religiosa na qual trabalhastes e as causas que estancaram o seu progresso, seja sobre a Doutrina Espírita.

Resposta – Caro senhor, estou feliz, muito feliz pela boa lembrança de meu caro amigo Sr. Monvoisin. Graças a ele hoje posso, nesta honrada assembléia, expressar minha admiração pelo homem cujos sábios estudos levaram a felicidade a todos os corações deserdados e feridos pela injustiça dos homens. Reformador eu mesmo, mais que qualquer outro estou em posição de apreciar toda a prudência, toda a sabedoria de vossa conduta, caro senhor e mestre, se me permitirdes que vos dê este título.

Pouco satisfeito com as tendências gerais do clero ortodoxo, com a sua maneira parcimoniosa de espalhar a luz devida a todos, eu quis, de concerto com o abade Châtel, estabelecer um ensino sob novas bases, levando o título de religião, mas em relação com as necessidades gerais das classes pobres. Inicialmente nosso objetivo foi louvável, mas nosso empreendimento pecava pela base, por seu título, que era tal que deviam antes vir a nós para pregar peça à religião estabelecida, do que por convicção íntima. Logo o

reconhecemos, mas, muito fáceis, aceitamos com entusiasmo as crianças que rejeitavam outros padres, por falta de instrução suficiente ou das necessárias formalidades.

O Espiritismo procede de modo inteiramente diverso; é firme e prudente; não visa ao número, mas à qualidade dos adeptos. É um ensino sério e não uma especulação.

Nossa reforma, que desde o início era completamente desinteressada, logo foi considerada, sobretudo pelo abade Châtel, como um meio de enriquecer. Esta foi a principal causa de sua ruína. Não tínhamos bastantes elementos de resistência e, é preciso dizê-lo, infelizmente não dispúnhamos de intrigas suficientes para levar tal empresa a bom termo. O primeiro primaz francês não teve sucessor. Eu não tentei apresentar-me como chefe de uma seita, da qual tinha sido um dos fundadores de segunda ordem, porque, em primeiro lugar, eu não aprovava todas as tendências do abade Châtel, tendências que o caro homem expiou e ainda expia no mundo dos Espíritos. Por outro lado, minha simplicidade se repugnava com isto; abstive-me e por isto hoje me sinto feliz.

Quando novamente me vieram propor a retomada da obra interrompida, a leitura de vossas obras, caro senhor, já havia lançado profundas raízes em mim. Compreendi que se tratava não só de modificar a forma do ensino, mas ainda o próprio ensino. Por sua natureza, nossa reforma não podia necessariamente ter senão um tempo; fundada sobre uma idéia imutável, sobre uma concepção humana, inteiramente desenvolvida e limitada em seu início, devia, mesmo com todas as chances de sucesso, achar-se logo ultrapassada pelas sementes progressistas, cuja germinação hoje vemos.

O Espiritismo não tem esta falta; marcha com o progresso, é o próprio progresso e não poderia ser ultrapassado por aquele que o precede constantemente. Aceitando todas as

idéias novas fundadas sobre a razão e a lógica, desenvolvendo-as e fazendo surgirem outras desconhecidas, seu futuro está assegurado. Permiti-me, caro senhor, vos agradecer em particular o prazer que experimentei ao estudar os sábios ensinos publicados sob os vossos cuidados. Meu espírito, perturbado pelo desejo de saber o que ocultavam todos os mistérios da Natureza, foi ferido, à sua leitura, pela mais viva luz.

Sei que, por modéstia, repelis todo elogio pessoal; também sei que esses ensinos não são concepção vossa, mas a reunião das instruções de vossos guias. Não obstante, não é menos à vossa prudente reserva, à vossa habilidade em apresentar cada coisa a seu tempo, à vossa sábia lentidão, à vossa moderação constante, que o Espiritismo deve, depois de Deus e dos Espíritos bons, gozar da consideração que lhe conferem. A despeito de todas as diatribes, de todos os ataques ilógicos e grosseiros, não deixa de ser hoje uma opinião que fez lei e que é aceita por numerosas pessoas sensatas e sérias, e ao abrigo de suspeitas. É uma obra do futuro; está sob a égide do Onipotente, e o concurso de todos os homens superiores e inteligentes lhe será conquistado, desde que conheçam suas verdadeiras tendências, desfiguradas pelos seus adversários.

Infelizmente o ridículo é uma arma poderosa neste país de progresso! Inúmeras pessoas esclarecidas se recusam a estudar certas idéias, mesmo em segredo, quando foram estigmatizadas por piadas ridículas. Mas há coisas que afrontam todos os obstáculos; o Espiritismo é uma delas e sua hora de vitória logo soará. Congregará em torno de si toda a França, toda a Europa inteligente, e bem tolos e confusos serão os que ainda ousarem levar à conta da imaginação fatos reconhecidos por inteligências excepcionais.

Quanto ao meu estado pessoal, presentemente é satisfatório; dele, pois, nada vos direi; apenas chamarei vossa

atenção e vossas preces para o meu antigo colega, o abade Châtel. Orai por ele. Mais tarde seu espírito transviado, mas elevado, poderá ditar-vos sábias instruções. Agradeço novamente a vossa benevolência para comigo e ponho-me à vossa disposição, se vos puder ser útil, seja no que for.

Abade Laverdet

UM PAI NEGLIGENTE COM OS FILHOS

Charles-Emmanuel **Jean** era um artesão bom e de caráter suave, mas dado à embriaguez desde a juventude. Tinha sido tomado de viva paixão por uma jovem de suas relações, e que inutilmente pedira em casamento. Ela o tinha sempre repelido, dizendo que jamais esposaria um bêbado. Casou-se com outra, da qual teve vários filhos; mas, absorvido pela bebida, não se preocupou com a educação deles, nem com o seu futuro. Morreu pelos idos de 1823, sem que soubessem em que se havia tornado. Um dos filhos seguiu os passos do pai; partiu para a África e dele não se ouviu mais falar. O outro era de natureza completamente diversa; sua conduta foi sempre regular. Entrando cedo no aprendizado, fez-se amado e estimado pelos patrões como operário qualificado, laborioso, ativo e inteligente. Por seu trabalho e suas economias, conquistou uma posição honrada na indústria e educou de maneira muito conveniente uma numerosa família. É hoje um espírita fervoroso e devotado.

Certo dia, numa conversa íntima, exprimia o pesar por não ter podido assegurar aos filhos uma fortuna independente; procuramos tranqüilizar a sua consciência, felicitando-o, ao contrário, sobre a maneira pela qual havia cumprido seus deveres de pai. Como é bom médium, rogamos que pedisse uma comunicação, sem fazer apelo a um Espírito determinado. Escreveu:

"Sou eu, Charles-Emmanuel."

É meu pai, disse ele. Pobre pai! não é feliz.

O Espírito continua: Sim, o mestre tem razão; fizeste mais por teus filhos do que eu por ti, por isso tenho uma tarefa rude a cumprir. Bendiz a Deus, que te deu o amor da família.

Pergunta [Pelo Sr. Allan Kardec] – Donde vinha vossa inclinação pela bebida?

Resposta – Um hábito de meu pai, que eu herdei. É uma provação que eu devia ter combatido.

Observação – Realmente, seu pai tinha o mesmo defeito, mas não é exato dizer que era um hábito que ele havia herdado; ele simplesmente cedeu à influência do mau exemplo. Não se herdam vícios de caráter, como se herdam malformações congênitas. O livre-arbítrio tudo pode sobre os primeiros e nada sobre os segundos.

P. – Qual a vossa posição atual no mundo dos Espíritos?

Resp. – Estou incessantemente à procura de meus filhos e daquela que tanto me fez sofrer; daquela que sempre me rejeitou.

P. – Deveis ter um consolo no vosso filho Jean, que é um homem honrado e estimado, e que ora por vós, embora pouco vos tivésseis ocupado dele.

Resp. – Sim, eu sei; ele tem feito e o faz ainda; eis por que me é permitido falar convosco. Estou sempre perto dele, tentando aliviar suas fadigas; é a minha missão; ela só terminará com a vinda de meu filho para junto de nós.

P. – Em que situação vos encontrastes como Espírito, depois que morrestes?

Resp. – A princípio não me julgava morto; bebia sem cessar; via Antoinette, que eu queria alcançar e que me fugia.

Depois procurava meus filhos, que amava a despeito de tudo, e que minha mulher não queria dar. Então me revoltava, reconhecendo a minha insignificância e a minha impotência, e Deus me condenou a velar por meu filho Jean, que jamais morrerá por acidente, porque em toda parte e sempre eu o salvo de uma morte violenta.

Observação – Com efeito, o Sr. Jean escapou muitas vezes, como por milagre, de perigos iminentes; por pouco não se afogou, não se queimou, não foi esmagado nas engrenagens de um motor e não explodiu com uma máquina a vapor; na juventude foi enforcado por acaso e sempre um socorro inesperado o salvava no momento mais crítico, o que se deve, conforme tudo indica, à vigilância exercida pelo pai.

P. – Dissestes que Deus vos *condenou* a velar pela segurança de vosso filho. Não vejo nisto uma punição; já que o amais isto deve ser, ao contrário, uma satisfação para vós. Muitos Espíritos são encarregados da guarda dos encarnados, dos quais são protetores, e esta é uma tarefa de que se sentem felizes em realizar.

Resp. – Sim, mestre. Eu não devia ter abandonado meus filhos, como fiz. Então a lei de justiça me condena a reparar. Não o faço a contragosto; sinto-me feliz de o fazer por amor de meu filho; *mas a dor que ele experimentaria nos acidentes de que o salvo, sou eu quem suporta*; se ele devesse ser perfurado por dez balas eu sentiria o mal que ele suportaria se a coisa se realizasse. Eis a justa punição que eu atraí, não cumprindo junto dele meus deveres de pai quando vivo.

P. [Pelo Sr. Jean] – Vedes meu irmão Numa, e podeis dizer onde está? (O que se entregara à bebida e cuja sorte era ignorada).

Resp. – Não, não o vejo; procuro-o. Tua filha Jeanne o viu nas costas da África, cair no mar. Eu não estava lá para o socorrer; não o podia.

Observação – A filha do Sr. Jean, num momento de êxtase, de fato o tinha visto cair no mar, na época de seu desaparecimento.

A punição deste Espírito oferece esta particularidade: ele sente as dores que deve poupar ao filho. Compreende-se, então, que a missão seja penosa. Mas como não se queixa, a considera justa reparação e isto não diminui a sua afeição por ele, a expiação lhe é proveitosa.

Lembrança Retrospectiva de um Espírito

(Comunicação espontânea – Tulle, 26 de fevereiro de 1866 – Médium: Sr. Leymarie)

Sabeis, meus amigos, de que lugar é datada minha comunicação? De uma garganta perdida, onde as casas disputaram suas fiadas nas dificuldades acumuladas pela Criação. Na vertente de colinas quase a pique, serpenteiam ruas dispostas em andares, ou, melhor, penduradas aos flancos dos rochedos. Pobres moradas, que abrigaram muitas gerações; em cima dos telhados se acham jardins, onde os pássaros cantam sua prece. Quando as primeiras flores anunciam belos dias cheios de ar e de sol, essa música parece sair das camadas aéreas; o habitante dobra e trabalha o ferro, e a usina e seu ruído discordante casam seu ritmo áspero e barulhento à harmonia dos pequenos artistas do bom Deus.

Mas acima dessas casas irregulares, desordenadas, originais, deslocadas, existem altas montanhas de uma verdura sem-par; a cada passo o viandante vê alargar-se o horizonte; os vilarejos, as igrejas parecem sair do abismo, e esse panorama estranho, selvagem, mutável, se perde ao longe, dominado por montanhas coroadas de neve.

Mas eu esquecia: sem dúvida deveis perceber uma fita prateada, clara, caprichosa, transparente como um espelho: é o rio Corrèze. Ora encaixado entre rochedos, é silencioso e grave; ora se escapa alegre, risonho, através dos prados, dos salgueiros e dos olmeiros, oferecendo sua taça aos lábios de numerosos rebanhos e sua transparência benfeitora às brincadeiras dos banhistas; ele purifica a cidade, que divide graciosamente.

Amo esta terra, com suas velhas moradas, seu campanário gigantesco, sua ribeira, seu barulho, sua coroa de castanheiros; eu a amo porque aí nasci, porque tudo que lembro ao vosso espírito benevolente faz parte das lembranças de minha última encarnação. Parentes amados, amigos sinceros sempre me cercaram de ternos cuidados; ajudaram o meu adiantamento espiritual. Chegado às grandezas, eu lhes devia meus sentimentos fraternos; meus trabalhos os honravam, e quando venho visitar, como Espírito, a cidade de minha infância, não deixo de subir ao Puy-Saint-Clair, a última morada dos cidadãos de Tulle, para saudar os restos terrenos dos Espíritos amados.

Estranha fantasia! O cemitério está a cinqüenta pés acima da cidade; em toda a volta o horizonte é infinito. A gente está só entre a Natureza, seus prestígios e Deus, o rei de todas as grandezas, de todas as esperanças. Nossos avós tinham querido aproximar os mortos amados de sua verdadeira morada, para lhes dizer: Espíritos! despendei-vos! o ar ambiente vos chama. Saí resplendentes de vossa prisão, a fim de que o espetáculo encantador desse horizonte imenso vos prepare para as maravilhas, que estais chamados a contemplar. Se tiveram esse pensamento, eu o aprovo, pois a morte não é tão lúgubre quanto a querem pintar. Não é para os espíritas a verdadeira vida, a separação desejada, a bem-vinda do exilado nos grupos da erraticidade, onde ele vem estudar, aprender e preparar-se para novas provas?

Em alguns anos, em vez de gemer, de cobrir-se de negro, esta separação será uma festa para os Espíritos encarnados, quando o morto tiver cumprido seus deveres espíritas em toda a acepção da palavra; mas chorarão, gemerão pelo terrícola egoísta, que jamais praticou a caridade, a fraternidade, todas as virtudes, todos os deveres tão bem enunciados em *O Livro dos Espíritos*.

Depois de ter falado dos mortos, permiti-me falar dos vivos? Eu me apego muito a todas as esperanças, e meu país, onde há tanto a fazer, bem merece votos sinceros.

O progresso, esse nivelador inflexível, é lento, é verdade, em se implantar nas regiões montanhosas, mas sabe a tempo impregnar-se nos hábitos, nos costumes; afasta uma a uma as oposições para, enfim, deixar entrever clarões novos a esses párias do trabalho, cujo corpo, sempre vergado sobre uma terra ingrata, é tão rude quanto o traçado dos sulcos.

A natureza vigorosa desses bravos habitantes espera a redenção espiritual. Eles não sabem o que seja pensar, julgar sensatamente e utilizar todos os recursos do espírito; só o interesse os domina em toda a sua rudeza e o alimento pesado e comum se presta a essa esterilidade do espírito. Vivendo afastados do ruído da política, das descobertas científicas, são como bois, ignorantes de sua força, prestes a aceitar o jugo e, tangidos pelo aguilhão, vão à missa, ao cabaré, ao vilarejo, não por interesse, mas por hábito, dormindo às prédicas, saltando aos sons desafinados de uma gaita, soltando gritos insensatos e obedecendo brutalmente aos movimentos da carne.

O padre se guarda bem de mudar esses velhos usos e costumes; fala da fé, dos mistérios, da paixão, do diabo sempre, e essa mistura incoerente acha um eco sem harmonia nas cabeças dessa brava gente que faz votos, peregrinações com pés descalços e se entrega aos mais estranhos costumes supersticiosos.

Assim, quando uma criança é doentia, pouco expansiva, sem inteligência, logo a levam a um vilarejo chamado Saint-Pao (dizei Saint-Paul); inicialmente é mergulhada numa água privilegiada, mas que se paga; depois a fazem sentar numa bigorna benta e um ferreiro, armado de um pesado martelo, bate vigorosamente na bigorna. Dizem que a comoção experimentada pelos golpes repetidos cura infalivelmente o paciente. Chama-se a isto forjar à Saint-Pao. As mulheres que sofrem do baço também vão banhar-se nessa água miraculosa e se fazer forjar. Julgai por este exemplo em cem o que é o ensino dos vigários desta região.

Entretanto, tomai esse bruto e falai de interesse; logo o camponês manhoso, prudente como um selvagem, se defende com aprumo e confunde o mais astuto juiz. Fazei um pouco de luz em seu cérebro, ensinai-lhe os primeiros elementos de ciência, e tereis homens verdadeiros, fortes em saúde, espíritos viris e cheios de boa vontade. Que as estradas de ferro cruzem esta região e logo tereis um solo generoso com vinho, frutos deliciosos, grão escolhido, trufa perfumada, castanhas delicadas, a vide ou o cogumelo sem igual, bosques magníficos, minas de carvão inesgotáveis, ferro, cobre, gado de primeira ordem, ar, verdura, paisagens esplêndidas.

E quando tantas esperanças não pedem senão para se espalhar, quando tantas outras regiões estão, como essa, numa prostração mortal, desejamos que, em todos os corações, em todos os recantos perdidos deste mundo, penetre *O Livro dos Espíritos*. Só a doutrina que ele encerra será capaz de mudar o espírito das populações, arrancando-as à pressão absurda dos que ignoram as grandes leis da erraticidade, e que querem imobilizar a crença humana num dédalo, onde eles próprios têm tanta dificuldade em se reconhecer. Trabalhemos, pois, todos com ardor nesta renovação desejada, que deve derrubar todas as barreiras e criar o fim prometido à geração que logo nos virá.

Baluze

Observação – O nome de Baluze é conhecido dos nossos leitores pelas excelentes comunicações que muitas vezes ele dita ao seu compatriota e médium de predileção, o Sr. Leymarie. Foi durante uma viagem deste último à sua terra que lhe deu a comunicação acima. Baluze, erudito historiógrafo, nascido em Tulle em 1630, morto em Paris em 1718, publicou grande número de obras apreciadas; foi bibliotecário de Colbert. Sua biografia (Dicionário de Feller) diz "que o mundo das letras lamentaram nele um sábio profundo e seus amigos um homem afável e benfeitor." Há em Tulle um cais com o seu nome. O Sr. Leymarie, que ignorava a história de Saint-Pao, informou-se e teve a certeza de que essas práticas supersticiosas ainda estão em uso.

Necrológio

MORTE DO DOUTOR CAILLEUX

Presidente do Grupo Espírita de Montreuil-sur-Mer

O Espiritismo acaba de perder um de seus mais dignos e mais fervorosos adeptos na pessoa do Sr. Dr. Cailleux, morto sexta-feira, 20 de abril de 1866. Não podemos render mais brilhante homenagem à sua memória do que reproduzindo um dos artigos publicados a respeito pelo *Journal de Montreuil*, de 5 de abril.

"Um homem de bem acaba de expirar em meio à dor geral. O Dr. *Cailleux*, Doutor em Medicina há quase trinta anos, membro do Conselho Municipal, Membro da Associação de Beneficência, médico dos pobres, médico das epidemias, morreu sexta-feira última, às sete horas da noite.

"Segunda-feira, uma grande multidão, composta de todas as classes da sociedade, o conduziu à sua última morada. O silêncio religioso que reinou em todo o percurso do cortejo fúnebre dava a essa triste e imponente cerimônia o caráter de uma

manifestação pública. Esse simples caixão, seguido de perto de três mil pessoas, em lágrimas ou mergulhadas em muda dor, teria tocado os mais duros corações. Era toda uma cidade que acorria a prestar os últimos deveres a um de seus mais caros habitantes; era toda uma população que queria conduzir até o cemitério aquele que tantas vezes por ela se havia sacrificado.

"Os pobres que o Sr. Cailleux tantas vezes havia cumulado de benefícios mostraram que tinham um coração reconhecido. Um grande número de operários tomou das mãos dos carregadores o caixão de seu benfeitor, considerando uma glória levar até o cemitério esse precioso fardo...

"As pontas da mortalha eram seguradas pelo Sr. Lecomte, 1º Adjunto; pelo Sr. Cosyn, 1º Conselheiro Municipal; pelo Sr. Hacot, membro da Associação de Beneficência, e pelo Sr. Delplanque, médico e Conselheiro Municipal. À frente do cortejo marchava o Conselho Municipal, precedido pelo Prefeito, Sr. Emile Delhomel. Na assembléia notavam-se o Sr. Charbonnier, Sub-prefeito; o Sr. Martinet, Procurador Imperial; o Sr. Comandante da Praça, todas as notabilidades da cidade e os médicos das localidades vizinhas.

"Um grande número de soldados da guarnição, que o Sr. Cailleux havia tratado na Santa Casa de Misericórdia, tinha obtido a graça de assistir ao enterro e se havia apressado em misturar-se à multidão.

"Ao chegar ao cemitério, um operário rompeu a multidão e, parando diante do túmulo, pronunciou com voz comovida, em meio ao silêncio geral, estas poucas palavras: 'Homem de bem, que fostes o benfeitor dos pobres e que morrestes vítima de vossa sublime dedicação, recebei nossos últimos adeuses; vossa lembrança ficará eternamente em nossos corações.' Depois destas palavras, ditadas por um sentimento de reconhecimento, a multidão retirou-se em religioso recolhimento.

A tristeza que reinava em todos os semblantes bem mostrava que imensa perda acabava de sofrer a cidade de Montreuil.

"Com efeito, o Sr. Cailleux, por suas numerosas qualidades, tinha sabido conquistar a estima universal. Toda a sua vida não tinha sido mais que uma longa série de atos de devotamento; trabalhou até o último dia sem querer jamais repousar e, terça-feira última, ainda foi visitar vários doentes no campo. Quando lhe falavam de sua idade avançada e o aconselhavam a descansar de suas numerosas fadigas, de boa vontade teria respondido como Arnaud: 'Tenho toda a eternidade para repousar.' Cada hora de sua vida foi consagrada a cuidar dos doentes, a consolar os aflitos; não vivia para si, mas para os semelhantes, e toda a sua existência pode resumir-se nestas três palavras: *Caridade, Devotamento, Abnegação*.

"Nos últimos tempos, quando a epidemia alastrou-se em Étaples e nos vilarejos circunvizinhos, o Dr. Cailleux dedicou-se de corpo e alma aos doentes, percorrendo as aldeias infestadas, visitando os pobres, cuidando de uns, socorrendo outros e a todos levando consolações. Assim visitou mais de 800 doentes, entrando nas habitações menos salubres, sentando-se à cabeceira dos moribundos e ele próprio lhes administrando os remédios, sem jamais se queixar, mantendo, ao contrário, um humor sempre constante e uma alegria providencial. O doente que o visse já estava meio curado por esse humor jovial, sempre acompanhado de uma palavra que fazia rir.

"Oito dias antes de sua morte, o Sr. Cailleux foi visitar seus doentes de Berck, Lefaux, Camiers e Étaples, consagrando o turno da noite aos doentes da cidade: eis o que era para ele a obra de um único dia!

"Tanta abnegação ia ser-lhe funesta e ele devia ser a última vítima do flagelo. No dia 20 de março começou a apresentar forte diarréia... Ia repousar quando o chamaram para um doente do

campo. Malgrado os conselhos amigos, partiu dizendo: 'Não quero expor um doente por minha falta; se ele morresse, eu seria o responsável. Não faço senão cumprir o meu dever.' Quando voltou à noite, com mau tempo, apareceram novos sintomas da doença. Pôs-se na cama, o mal aumentou, no dia seguinte a moléstia estava declarada e sexta-feira ele expirava...

"Fica-se horrorizado quando se pensa nas dores terríveis que deve sentir um homem que, conhecendo sua posição, se vê morrer. O próprio Sr. Cailleux indicava o tratamento a seguir a dois de seus confrades, que acorreram pressurosos para o assistir. Sabia perfeitamente que não se curaria. Dizia ele: 'Se a melhora não se fizer sentir logo, em doze horas não existirei mais.' Via-se morrer, sentia a força vital diminuir e extinguir-se pouco a pouco, sem poder deter essa marcha para a tumba. Seus últimos momentos foram calmos e serenos e eu não saberia chamar melhor esta morte que o repouso no Senhor. *Beati qui moriuntur in Domino.*

"Algumas horas antes de sua morte perguntaram-lhe que remédio deviam empregar. 'A ciência humana empregou todos os remédios que estavam em seu poder. Agora só Deus pode deter o mal; é preciso confiar em sua divina Providência.' – Então se curvou sobre o leito e, com os olhos fixados para o céu, como que antegozando a beatitude celeste, expirou sem dor, sem um grito, calma e docemente.

"Homem de bem, cuja vida inteira foi um longo devotamento, trabalhastes nesta terra; agora gozais da recompensa que Deus reserva aos que sempre observaram sua lei. Enquanto o egoísmo corria aos borbotões na Terra, excedíeis em abnegação e caridade. Visitar os pobres, socorrer os doentes, consolar os aflitos, eis qual foi a vossa obra. Oh! quantas famílias não vos abençoaram! quantos pais a quem salvastes os filhos durante a última epidemia! quantas crianças iam ser órfãs e que arrebatastes ao flagelo

destruidor! quantas famílias salvas por vosso devotamento vieram, segunda-feira, de várias léguas para vos acompanhar à vossa última morada e chorar sobre o vosso túmulo!

"Vossa vida foi sempre pura e sem mácula; vossa morte foi heróica; soldado da caridade, sucumbistes salvando vossos irmãos da morte, perecestes golpeado pelo flagelo que combatíeis. Esse glorioso devotamento ia receber sua recompensa e em breve a cruz de honra, que tínheis ganho tão nobremente, ia brilhar em vosso peito... Mas Deus tinha sobre vós outros desígnios; ele vos preparava uma recompensa mais bela que o galardão dos homens, ele vos preparava a felicidade que reserva aos seus servos fiéis. Vossa alma levantou vôo a mundos superiores onde, desembaraçada deste pesado invólucro material, liberta de todos os laços que, na Terra, pesam sobre nós, goza agora da perfeição e da felicidade que a esperavam.

"Nesse dia de felicidade, não nos esqueçais; pensai nos numerosos amigos que deixastes na Terra e que vossa separação mergulha em profunda dor. Praza aos céus que um dia nós vos encontremos no paraíso para aí gozar de uma felicidade eterna!... É esta esperança que nos consola e que nos dará forças para suportar a vossa ausência com paciência..."

A. J.

Por cópia conforme: ***Jules Duval***

Que me permitam, como complemento deste artigo, citar alguns fragmentos do magnífico discurso fúnebre, pronunciado há um ano por Victor Hugo.

(Segue um trecho desse discurso, que publicamos na *Revista* de fevereiro de 1865).

Certamente não são os apóstolos do *niilismo* que escrevem tais palavras.

A carta pela qual nos informam deste evento contém a seguinte passagem:

"O Sr. Cailleux, Doutor em Medicina, presidente do Grupo Espírita de Montreuil, acaba de morrer, vítima de seu devotamento durante o surto de cólera que devastou nossa terra. Morreu como espírita convicto e, por esta razão, o clero da cidade houve por bem lhe recusar sepultura eclesiástica; mas, como vereis pelo exemplar do jornal que vos envio, toda a população rendeu solene homenagem às suas virtudes. Não obstante, a família tentou convencer a diocese para que um serviço fúnebre fosse cantado na igreja, embora tenha havido apenas um enterro civil. Conseguiram e o serviço foi realizado quinta-feira, 5 de abril.

"O Espiritismo sofre grande perda com a morte do Sr. Cailleux, e estou persuadido de que todos os meus irmãos em crença associar-se-ão aos meus legítimos pesares. Graças ao seu devotamento e ao seu zelo esclarecido, a doutrina fez tão rápidos progressos, quer em nossos campos, quer na cidade, contando-se às centenas os espíritas que vivem em seus arredores.

"O Conselho Municipal da cidade de Montreuil decidiu, por unanimidade, atendendo a proposta do Sr. Prefeito, que será erigido à custa da cidade um monumento público, como homenagem a ser prestada à memória deste grande homem de bem."

"Enviaram-nos o seguinte extrato de uma comunicação dada por ele aos seus colegas de Montreuil. Dela só foi suprimido o que trata de coisas pessoais:

"...Voltais à minha morte. Pois bem! ela foi útil à nossa causa porque despertou a atenção adormecida de numerosas almas privadas da verdade e, por conseguinte, de vida. Toda coisa que desaparece sempre deixa um vazio no lugar que ocupava; mas, bem o sabeis, esse vazio é apenas aparente; só existe para os que têm a visão *limitada*, já que se acha cheio por outra parte. Assim, nada

perdeis, repito, com a minha morte; ao contrário, com ela muito ganhareis, não que eu tenha feito, durante minha vida corporal, prodígios de caridade próprios a salientar a doutrina que junto professamos, mas porque, fiel aos princípios espíritas, fui objeto de manifestações hostis, que necessariamente deveriam provocar demonstrações contrárias. Na Terra jamais as coisas sucedem de outra maneira; o bem e o mal não se chocam cada vez que se encontram?

"Resulta, pois, de tudo isto que nesta hora entrais numa fase nova, que nossos bons guias haviam preparado há muito tempo para seus ensinos. Mas, de decomposição de vossa sociedade, nada, se persistirdes sempre nos sentimentos de que vos vejo animados neste momento. Sabeis qual a minha recompensa? É ver a felicidade relativa que experimentais pela Doutrina, pela qual eu me mostrei, em todas as circunstâncias, zeloso campeão. Para vós é difícil conceber uma alegria mais pura. Que são, ao lado dela, as alegrias grosseiras do vosso mundo? Que são as honras sob as quais escondeis as misérias de vossas almas? Que são os prazeres que buscais para perturbar vossos tristes retornos? Que é tudo isto em comparação com o que sinto? Nada! menos que fumaça.

"Perseverai em vossos sentimentos, perseverai até a morte.

"Vi que tendes o propósito de vos organizar regularmente; é uma medida sábia. A fraqueza deve precaver-se sempre contra as ciladas e surpresas do espírito do mal. Ah! o espírito do mal! não é Satã. Ele é encontrado a cada passo no mundo onde vos acotovelais. Regulai, pois, a ordem em vossas sessões, em vossas evocações, em vossos estudos. Ligai-vos uns aos outros pelos laços voluntários da caridade, da benevolência e da submissão. Eis a melhor maneira de colher frutos abundantes e doces."

Eis a primeira comunicação que ele deu na Sociedade de Paris:

(13 de abril de 1866 – Médium: Sr. Morin)

Evocação

Caro e venerado Dr. Cailleux,

Em vossa vida nós vos apreciávamos como espírita fervoroso e devotado. Chamado sem dúvida pela Providência a fim de implantar a doutrina em vossa região, empunhastes a bandeira altiva e firmemente, afrontando sem desfalecimentos os sarcasmos e a perseguição; assim, o sucesso coroou vossos esforços. Não é somente o irmão em crença que hoje vimos saudar em sua partida da Terra, mas o homem de bem, o que não só pregou o Espiritismo por suas palavras, mas que soube fazê-lo amado e respeitado por seu exemplo e pela prática das virtudes cristãs. Recebei, pois, aqui a expressão de nossas mais vivas simpatias e a esperança de que vos disponhais a vir algumas vezes ao nosso meio, associar-vos aos nossos trabalhos.

Resposta – Eis-me aqui, obrigado. – Há pouco faláveis das tendências inerentes ao organismo humano. Observam-se mais especialmente as que se devem aos maus instintos, porque os homens são sempre levados a se guardar do que lhes pode ser prejudicial ou lhes causar algum embaraço; mas as tendências para o bem muitas vezes passam despercebidas aos olhos da sociedade, porque é muito mais difícil encontrar e mostrar a violeta do que o espinho.

Não vos surpreendais se começo assim. Como dizíeis há pouco, o Espírito é o único responsável por seus atos; não pode escusar-se, atribuindo sua falta a Deus; não. Os bons e os maus sentimentos são o resultado de conquistas anteriores. Em minha vida, levado por instinto para o bem, para o alívio de meus irmãos em Deus, declino a honra de todos os vossos louvores, porque não tive dificuldade em seguir o caminho que me traçava o coração; não tive luta a sustentar contra os instintos contrários; apenas me deixei ir suavemente pela vocação de meu gosto, que me dizia bem

alto: "Marcha! estás no bom caminho." E a satisfação moral de todo o meu ser inteligente era tão grande que certamente eu era tão feliz quanto o avaro, que satisfaz sua paixão pelo ouro contemplando-o e acariciando-o. Eu vo-lo repito, não tenho mérito neste particular; todavia, agradeço vossas boas palavras, que não são ouvidas em vão por aqueles a quem são dirigidas. Por mais elevados que sejam, os Espíritos sempre sentem a felicidade de um pensamento simpático.

Não tardei a voltar da emoção muito natural, resultante da passagem da vida material à vida dos Espíritos, mas a profunda convicção de entrar num mundo mais vivo ajudou-me a voltar a mim mesmo. Não posso melhor comparar minha passagem da vida à morte senão a um desmaio sem sofrimento e sem fadiga. Despertei do outro lado ao suave toque fluídico de meus queridos pais e amigos espirituais. Em seguida vi meus pobres despojos mortais e os bendisse pelos seus belos e leais serviços, porquanto, dócil à minha vontade, em minha vida não tive lutas sérias a sustentar entre o meu Espírito e a minha matéria. Foi, pois, com satisfação que acompanhei ao campo de repouso o meu pobre corpo, que me tinha ajudado a impedir que muitos de meus co-encarnados fizessem essa viagem, que absolutamente não a teriam encarado como eu.

Perdôo a todos que, de uma maneira ou de outra, julgaram fazer-me mal. Quanto aos que se recusaram a orar por mim no templo consagrado, serei mais caridoso que a caridade que pregam: oro por eles. É assim que se deve fazer, meus bons irmãos em crença. Crede-me, e perdoai aos que lutam contra vós, pois não sabem o que fazem.

Doutor ***Cailleux***

Observação – As primeiras palavras desta comunicação provam que o Espírito estava presente e havia assistido às discussões da sessão. Com efeito, discutiu-se um fato notável de *instinto incendiário precoce* numa criança de quatro anos e meio,

relatado pelo *Salut public* de Lyon. O fato, que forneceu assunto para um estudo importante, será publicado no próximo número.

Notamos também que o Dr. Cailleux não se serve dos preâmbulos ordinários dos Espíritos que acabam de deixar a Terra. Vê-se logo que não é um fazedor de frases, nem de cumprimentos. Diz *obrigado* e pensa que esta palavra basta para tornar compreensível o seu pensamento e que com ela se deve contentar; depois entra bruscamente no assunto, como um homem que se acha em seu terreno e não quer perder tempo com palavras inúteis; fala como se não tivesse havido nenhuma interrupção em sua existência. Dir-se-ia que o Sr. Cailleux de Montreuil tivesse vindo visitar a Sociedade de Paris.

Se declina do mérito de seus atos, é certamente por modéstia; os que fazem o bem sem esforço chegaram a um grau de adiantamento que lhos torna natural; se não têm mais de lutar hoje, lutaram em outras circunstâncias; a vitória foi alcançada. Os que têm de combater tendências más ainda estão em luta; mais tarde o bem não lhes custará nenhum esforço, pois o farão sem pensar. Por ter vencido mais cedo, o mérito não existe menos.

O doutor Cailleux é um desses homens que, como o doutor *Demeure* e tantos outros, honram a doutrina que professam e dão o mais retumbante desmentido aos detratores do Espiritismo.

Dissertações Espíritas

INSTRUÇÕES PARA O SR. ALLAN KARDEC

(Paris, 23 de abril de 1866 – Médium: Sr. Desliens)

Enfraquecendo dia a dia a saúde do Sr. Allan Kardec, em conseqüência dos trabalhos excessivos a que não pode bastar, vejo-me na obrigação de lhe repetir novamente o que já lhe disse muitas vezes: Necessitais de repouso; as forças humanas têm

limites, que o vosso desejo de ver progredir o ensino muitas vezes vos leva a infringir; laborais em erro, porquanto, assim agindo, não apressareis a marcha da doutrina, mas arruinareis vossa saúde e vos colocais na impossibilidade material de concluir a tarefa que viestes desempenhar na Terra. Vossa doença atual não é senão o resultado de um dispêndio incessante de forças vitais, que não deixa à reparação o tempo de se refazer e um aquecimento do sangue produzido pela absoluta falta de repouso. Nós vos sustentamos, sem dúvida, mas desde que não desfaçais o que fizermos. De que serve correr? Não vos dissemos muitas vezes que cada coisa viria a seu tempo e que os Espíritos prepostos ao movimento das idéias saberiam fazer surgir circunstâncias favoráveis quando chegasse o momento de agir?

Quando cada espírita guarda suas forças para a luta, pensais que seja vosso dever esgotar as vossas? – Não. Em tudo deveis dar o exemplo e arregaçar as mangas no momento do perigo. Que faríeis se vosso corpo debilitado não mais permitisse ao vosso espírito servir-se das armas que a experiência e a revelação vos puseram nas mãos? – Crede-me, consagrai-vos mais tarde às grandes obras destinadas a completar o trabalho esboçado em vossas primeiras publicações; vossas tarefas correntes e algumas pequenas brochuras urgentes têm com que absorver o vosso tempo e devem ser os únicos objetos de vossas preocupações atuais.

Não vos falo apenas em meu próprio nome; sou aqui o delegado de todos esses Espíritos, que contribuíram tão poderosamente para a propagação do ensinamento por suas sábias instruções. Eles vos dizem, por meu intermédio, que essa demora, que julgais prejudicial ao futuro da doutrina, é uma medida necessária sob mais de um ponto de vista, seja porque certas questões não estão ainda completamente elucidadas, seja para preparar os Espíritos a melhor assimilá-las. É preciso que outros tenham preparado o terreno, que certas teorias tenham provado a sua insuficiência e gerado um vazio maior. Numa palavra, o

momento não é oportuno; poupai-vos, pois, porque quando chegar o tempo, todo o vosso vigor de corpo e de espírito vos será necessário. Até aqui o Espiritismo foi objeto de muitas diatribes, levantou muitas tempestades! Credes que todo o movimento será apaziguado, todos os ódios serão acalmados e reduzidos à impotência? Desiludi-vos; o cadinho depurador ainda não removeu todas as impurezas; o futuro vos reserva outras provas e as últimas crises não serão menos penosas para suportar.

Sei que vossa situação particular vos suscita uma porção de trabalhos secundários, que absorvem a maior parte do vosso tempo. As perguntas de toda sorte vos acabrunham e considerais um dever respondê-las tanto quanto possível. Farei aqui o que sem dúvida não ousaríeis fazer vós mesmo: dirigindo-me à generalidade dos espíritas, eu lhes pedirei, no interesse mesmo do Espiritismo, que vos poupem toda sobrecarga de trabalho capaz de absorver instantes que deveis consagrar quase exclusivamente à conclusão da obra. Se vossa correspondência com isto sofre um pouco, o ensinamento lucrará. Às vezes é necessário sacrificar as satisfações particulares ao interesse geral. É uma medida urgente, que todos os adeptos sinceros saberão compreender e aprovar.

A imensa correspondência que recebeis é para vós uma fonte preciosa de documentos e de informações; ela vos esclarece quanto à verdadeira marcha e sobre os progressos reais da doutrina; é um termômetro imparcial; aí colheis, além disso, satisfações morais que, mais de uma vez, sustentou vossa coragem, vendo a adesão que vossas idéias encontram em todos os pontos do globo. Neste ponto, a superabundância é um bem e não um inconveniente, mas com a condição de secundar os vossos trabalhos, e não de os entravar, vos criando um acréscimo de ocupações.

Doutor ***Demeure***

Bom senhor Demeure, agradeço os vossos sábios conselhos. Graças à resolução que tomei de, salvo em casos excepcionais, me fazer substituir, a correspondência comum pouco sofre agora e não sofrerá mais no futuro. Mas que fazer com mais de quinhentas cartas em atraso, a despeito de toda a minha boa vontade, que não consigo pôr em dia?

Resp. – É preciso, como se diz em linguagem comercial, passá-las em bloco a conta de lucros e perdas. Anunciando esta medida na *Revista*, vossos correspondentes saberão como proceder; compreenderão a necessidade e a encontrarão justificada, sobretudo pelos conselhos que precedem. Repito: seria impossível que as coisas continuassem assim por mais tempo; tudo sofreria com isto, e vossa saúde e a doutrina. Em caso de necessidade, é preciso saber fazer os sacrifícios indispensáveis. Doravante, tranqüilo sobre este ponto, podereis consagrar-vos mais livremente aos vossos trabalhos obrigatórios. Eis o que vos aconselha aquele que será sempre vosso amigo devotado.

Demeure

Anuindo a este sábio conselho, rogamos aos nossos correspondentes com os quais estamos em atraso há muito tempo, que aceitem nossas desculpas e o nosso pesar por não ter podido responder em detalhe, e como teríamos desejado, às suas bondosas cartas. Queiram por gentileza receber aqui coletivamente a expressão de nossos sentimentos fraternais.

AQUIESCÊNCIA À PRECE

(Paris, abril de 1866 – Médium: Sra. D...)

Imaginais quase sempre que o que pedis na prece deve realizar-se por uma espécie de milagre. Esta crença errônea é a fonte de uma imensidade de práticas supersticiosas e de muitas decepções. Também conduz à negação da eficácia da prece. Porque

vosso pedido não é acolhido da maneira por que o entendeis, concluis que era inútil e então, por vezes, murmurais contra a justiça de Deus. Pensam outros que tendo Deus estabelecido leis eternas, às quais todos os seres estão submetidos, não as pode derrogar para anuir aos pedidos que lhe são feitos. É para vos premunir contra o erro, ou melhor, contra o exagero destas duas idéias que me proponho vos dar algumas explicações sobre o modo de aquiescência à prece.

Há uma verdade incontestável: Deus não altera nem suspende para *ninguém* o curso das leis que regem o Universo. Sem isto a ordem da Natureza seria incessantemente perturbada pelo capricho do primeiro que chegasse. É, pois, certo que toda prece que não pudesse ser atendida senão por uma derrogação destas leis ficaria sem efeito. Tal seria, por exemplo, a que tivesse por objetivo a volta à vida de um homem realmente morto, ou o restabelecimento da saúde se a desordem do organismo é irremediável.

Não é menos certo que nenhuma atenção é dada aos pedidos fúteis ou inconsiderados. Mas ficai persuadidos de que toda prece pura e desinteressada é ouvida e que é sempre levada em conta a intenção, mesmo quando Deus, em sua sabedoria, julgasse a propósito não a atender; é sobretudo então que deveis dar prova de humildade e de submissão à sua vontade, dizendo a vós mesmos que melhor do que vós ele sabe o que vos pode ser útil.

Há, sem dúvida, leis gerais a que o homem está fatalmente submetido; mas é erro crer que as menores circunstâncias da vida estejam fixadas de antemão de maneira irrevogável; se assim fosse, o homem seria uma máquina sem iniciativa e, por conseguinte, sem responsabilidade. O livre-arbítrio é uma das prerrogativas do homem; desde que é livre para ir à direita ou à esquerda, de agir conforme as circunstâncias, seus movimentos não são regulados como os de uma máquina. Conforme faz ou não

faz uma coisa e conforme a faz de uma maneira ou de outra, os acontecimentos que disso dependem seguem um curso diferente; visto que são subordinados à decisão do homem, não estão submetidos à fatalidade. Os que são fatais são os que são independentes de sua vontade; mas, todas as vezes que o homem pode reagir em virtude de seu livre-arbítrio, não há fatalidade.

O homem tem, pois, um círculo, dentro do qual pode mover-se livremente. Esta liberdade de ação tem por limites as leis da Natureza, que ninguém pode transpor; ou, melhor dizendo, esta liberdade, na esfera da atividade em que se exerce, faz parte dessas leis; é necessária e é por ela que o homem é chamado a concorrer para a marcha geral das coisas; e como ele o faz livremente, tem o mérito do que fez de bem e o demérito do que fez de mal, de sua indolência, de sua negligência, de sua inatividade. As flutuações que sua vontade pode imprimir aos acontecimentos da vida de modo algum perturbam a harmonia universal, pois essas mesmas flutuações faziam parte das provas que incumbem ao homem na Terra.

No limite das coisas que dependem da vontade do homem, Deus pode, pois, sem derrogar suas leis, anuir a uma prece, quando é justa, e cuja realização pode ser útil; mas acontece muitas vezes que ele julga a sua utilidade e a sua oportunidade de modo diverso que nós, razão por que nem sempre aquiesce. Se lhe aprouver atendê-la, não é modificando seus decretos soberanos que o fará, mas por meios que não saem da ordem geral, se assim nos podemos exprimir. Os Espíritos, executores de sua vontade, são então encarregados de provocar as circunstâncias que devem levar ao resultado desejado. Quase sempre esse resultado requer o concurso de algum encarnado; é, pois, esse concurso que os Espíritos preparam, inspirando os que devem nele cooperar o pensamento de uma ação, incitando-os a ir a um ponto e não a um outro, provocando encontros propícios que parecem devidos ao acaso. Ora, o acaso não existe nem na assistência que se recebe, nem nas desgraças que se experimenta.

Nas aflições, a prece não só é uma prova de confiança e de submissão à vontade de Deus, que a escuta, se for pura e desinteressada, mas ainda tem por efeito, como sabeis, estabelecer uma corrente fluídica que leva longe, no espaço, o pensamento do aflito, como o ar leva os acentos de sua voz. Este pensamento repercute nos corações simpáticos ao sofrimento e estes, por um movimento inconsciente e como atraídos por um poder magnético, dirigem-se para o lugar onde sua presença pode ser útil. Deus, que quer socorrer aquele que o implora, sem dúvida poderia fazê-lo por si mesmo, instantaneamente, mas, como eu disse, *ele não faz milagres*, e as coisas devem seguir seu curso natural; ele quer que os homens pratiquem a caridade, socorrendo-se uns aos outros. Por seus mensageiros, o lamento que encontra eco é levado até ele e lá os Espíritos bons insuflam um pensamento benévolo. Embora provocado, este pensamento deixa ao homem toda a sua liberdade, por isto mesmo que sua fonte é desconhecida; nada o constrange; ele tem, por conseguinte, todo o mérito da espontaneidade, se ceder à voz íntima que nele faz apelo ao sentimento do dever, e todo o demérito se resistir, porque dominado por uma indiferença egoísta.

P. – Há casos, como num perigo iminente, em que a assistência deve ser imediata. Como pode chegar em tempo hábil, se é preciso esperar a boa vontade de um homem, e se essa boa vontade falta subitamente por força do livre-arbítrio?

Resp. – Não deveis esquecer que os anjos-da-guarda, os Espíritos protetores, cuja missão é velar pelos que lhes são confiados, os seguem, a bem dizer, passo a passo. Não lhes podem poupar as apreensões dos perigos, que fazem parte de suas provações; mas se as conseqüências do perigo podem ser evitadas, como o previram antes, não esperam o último momento para preparar o socorro. Se, por vezes, dirigem-se aos homens de má vontade, é visando procurar despertar neles bons sentimentos, mas não contam com eles.

Quando, numa posição crítica, uma pessoa se acha, como que de propósito, para vos assistir, e exclamais que "é a

Providência que a envia", dizeis uma verdade bem maior do que muitas vezes supondes.

Se há casos prementes, outros que o são menos exigem certo tempo para trazer um concurso de circunstâncias favoráveis, sobretudo quando é preciso que os Espíritos triunfem, pela inspiração, da apatia das pessoas cuja cooperação é necessária para o resultado a obter. Essas demoras na realização do desejo são provas para a paciência e a resignação; depois, quando chega a realização do que se desejou, é quase sempre por um encadeamento de circunstâncias tão naturais que absolutamente nada denuncia uma intervenção oculta, nada afeta a mais leve aparência de maravilhoso; as coisas parecem arranjar-se por si mesmas.

Isto deve ser assim pelo duplo motivo de que os meios de ação não se afastam das leis gerais e, em segundo lugar, que se a assistência dos Espíritos fosse muito evidente, o homem se fiaria neles e habituar-se-ia a não contar consigo mesmo. Essa assistência deve ser compreendida por ele por pensamento, pelo senso moral, e não pelos sentidos materiais; sua crença deve ser o resultado de sua fé e de sua confiança na bondade de Deus. Infelizmente, porque não viu o dedo de Deus fazer um milagre para ele, muitas vezes esquece aquele a quem deve sua salvação para glorificar o acaso.

Um Espírito protetor

O ESPIRITISMO OBRIGA

(Paris, abril de 1866 – Médium: Sra. B...)

O Espiritismo é uma ciência essencialmente moral. Desde logo, os que se dizem seus adeptos não podem, sem cometer uma grave inconseqüência, subtrair-se às obrigações que ele impõe. Essas obrigações são de duas sortes:

A primeira concerne ao indivíduo que, ajudado pelas claridades intelectuais que a doutrina espalha, pode compreender

melhor o valor da cada um de seus atos, sondar melhor todos os refolhos de sua consciência, apreciar melhor a infinita bondade de Deus, *que não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva*; e, para lhe deixar a possibilidade de erguer-se de suas quedas, deu-lhe uma longa série de existências sucessivas, em cada uma das quais, levando a pena de suas faltas passadas, pode adquirir novos conhecimentos e novas forças, fazendo-o evitar o mal e praticar o que é conforme à justiça, à caridade. Que dizer daquele que, esclarecido quanto aos seus deveres para com Deus, para com seus irmãos, permanece orgulhoso, cúpido e egoísta? Não parece que a luz o tenha enceguecido, porque não estava preparado para recebê-la? Desde então marcha nas trevas, não obstante em meio à luz; só é espírita de nome. A caridade fraterna dos que vêem realmente deve esforçar-se por curá-lo dessa cegueira intelectual; mas, para muitos dos que se lhe assemelham, será preciso a luz que o túmulo traz, porque seu coração está muito preso aos gozos materiais e seu espírito não está maduro para receber a verdade. Em uma nova encarnação eles compreenderão que os planetas inferiores como a Terra não passam de uma espécie de escola mútua, onde a alma começa a desenvolver suas faculdades, suas aptidões, para em seguida as aplicar ao estudo dos grandes princípios de ordem, de justiça, de amor e de harmonia, que regem as relações das almas entre e si, e as funções que desempenham na direção do Universo; eles sentirão que, chamada a uma tão alta dignidade, qual a de se tornar mensageira do Altíssimo, a alma humana não deve aviltar-se, degradar-se ao contato dos prazeres imundos da volúpia, das ignóbeis cobiças da avareza, que subtrai de alguns filhos de Deus o gozo dos bens que deu a todos; compreenderão que o egoísmo, nascido do orgulho, cega a alma e a faz violar os direitos da justiça, da Humanidade, desde que gera todos os males que fazem da Terra uma estação de dores e de expiações. Instruídos pelas duras lições da adversidade, seu espírito será amadurecido pela reflexão, e seu coração, depois de ter sido massacrado pela dor, tornar-se-á bom e caridoso. É assim que o que vos parece um mal por vezes é necessário para reconduzir os endurecidos. Esses pobres

retardatários, regenerados pelo sofrimento, esclarecidos por esta luz interior, que se pode chamar o batismo do Espírito, velarão com cuidado sobre si mesmos, isto é, sobre os movimentos de seu coração e o emprego de suas faculdades, para os dirigir conforme as leis da justiça e da fraternidade. Compreenderão não apenas que eles próprios são obrigados a melhorar-se, cálculo egoísta que impede atingir o objetivo visado por Deus, mas que a segunda ordem de obrigações do espírita, decorrendo necessariamente da primeira e a completando, é a do exemplo, que é o melhor dos meios de propagação e de renovação.

Com efeito, aquele que está convencido da excelência dos princípios que lhe são ensinados, e a eles conformar a sua conduta, princípios que lhe devem proporcionar uma felicidade duradoura, não pode, se estiver verdadeiramente animado desta caridade fraterna, que está na essência mesma do Espiritismo, senão desejar que sejam compreendidos por todos os homens. Daí a obrigação moral de conformar sua conduta com sua crença e ser um exemplo vivo, um modelo, como o Cristo o foi para a Humanidade.

Vós, frágeis centelhas partidas do eterno foco do amor divino, certamente não podeis pretender uma tão vasta irradiação quanto à do Verbo de Deus encarnado na Terra, mas, na vossa esfera de ação, podeis espalhar os benefícios do bom exemplo. Podeis fazer amar a virtude, cercando-a do charme dessa benevolência constante, que atrai, cativa e mostra, enfim, que a prática do bem é coisa fácil, promove a felicidade íntima da consciência que se colocou sob sua lei, pois ela é a realização da vontade divina, que nos fez dizer por seu Cristo: *Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial*.

Ora, o Espiritismo é a verdadeira aplicação dos princípios da moral ensinada por Jesus, e é apenas com o objetivo de fazê-la por todos compreendida, a fim de que, por ela, todos

progridam mais rapidamente, que Deus permite esta universal manifestação do Espírito, vindo explicar o que vos parecia obscuro e vos explicar toda a verdade. Vem, como o Cristianismo bem compreendido, mostrar ao homem a absoluta necessidade de sua renovação interior pelas conseqüências mesmas que resultam de cada um de seus atos, de cada um de seus pensamentos; porque nenhuma emanação fluídica, boa ou má, escapa do coração ou do cérebro do homem sem deixar uma marca em algum lugar. O mundo invisível que vos cerca é para vós *esse Livro de Vida*, onde tudo se inscreve com uma incrível fidelidade, e a *balança da Justiça Divina* não é senão uma figura, a exprimir que cada um de vossos atos, de vossos sentimentos, é, de certo modo, o peso que carrega vossa alma e a impede de se elevar, ou o que traz o equilíbrio entre o bem e o mal.

Feliz aquele cujos sentimentos partem de um coração puro; espalha em seu redor como uma suave atmosfera, que faz amar a virtude e atrai os Espíritos bons; seu poder de irradiação é tanto maior quanto mais humilde for, isto é, mais desprendido das influências materiais que atraem a alma e a impedem de progredir.

As obrigações que impõe o Espiritismo são, pois, de natureza essencialmente moral; são uma conseqüência da crença; cada um é juiz e parte em sua própria causa; mas as claridades intelectuais a quem realmente quer *conhecer-se a si mesmo* e trabalhar em sua melhoria são tais que amedrontam os pusilânimes, razão por que é rejeitado por tão grande número. Outros tratam de conciliar a reforma que sua razão lhes demonstra ser uma necessidade, com as exigências da sociedade atual. Daí uma mistura heterogênea, uma falta de unidade, que faz da época atual um estado transitório. É muito difícil à vossa pobre natureza corporal despojar-se de suas imperfeições para revestir o homem novo, isto é, o homem que vive segundo os princípios de justiça e de harmonia determinados por Deus; não obstante, com esforços perseverantes lá chegareis, porque as obrigações impostas à

consciência, quando estiver suficientemente esclarecida, têm mais força do que jamais terão as leis humanas, baseadas no constrangimento de um obscurantismo religioso que não suporta o exame. Mas se, graças às luzes do alto, fordes mais instruídos e compreenderdes mais, também deveis ser mais tolerantes e não empregar, como meio de propagação, senão o raciocínio, pois toda crença sincera é respeitável. Se vossa vida for um belo modelo, em que cada um possa encontrar bons exemplos e sólidas virtudes, onde a dignidade se alia a uma graciosa amenidade, regozijai-vos, porque tereis, em parte, compreendido a que obriga o Espiritismo.

Luís de França

Allan Kardec

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO IX JUNHO DE 1866 Nº 6

Monomania Incendiária Precoce

ESTUDO MORAL

Lê-se no *Salut public* de Lyon, de 23 de fevereiro de 1866:

"A questão médico-legal da monomania homicida e da monomania incendiária, diz o *Moniteur judiciaire*, foi agitada e ainda o será muitas vezes, conforme toda a probabilidade, diante dos tribunais e das cortes de apelação.

"A propósito da monomania incendiária, podemos citar uma criança de Lyon, atualmente com quatro anos e meio, filho de honestos operários da seda, domiciliados em Guillotière, que parece trazer, no último grau, o instinto do incêndio. Apenas seus olhos se abriam à luz e a visão das chamas parecia alegrá-lo. Aos dezoito meses sentia prazer em acender fósforos; aos dois anos punha fogo nos quatro cantos de um colchão e destruía em parte o modesto mobiliário de seus pais. Hoje, às reprimendas que lhe fazem, só responde com ameaças de incêndio, e ainda na semana passada tentava, com um pouco de palha e pedaços de papel, incendiar a alcova onde dormem seus pais.

"Deixemos aos especialistas o cuidado de pesquisar as causas de tal monomania. Se ela não desaparecesse com a idade, que sorte estaria reservada ao infeliz que por ela é atingido?"

O autor do artigo diz que deixa aos *especialistas* o cuidado de pesquisar as causas de tal monomania. De que especialistas quer falar? Dos médicos em geral, dos alienistas, dos sábios, dos frenologistas, dos filósofos ou dos teólogos? Cada um deles vai encarar a questão do ponto de vista de suas crenças materialistas, espiritualistas ou religiosas. Os materialistas, negando todo princípio inteligente distinto da matéria, são incontestavelmente os menos aptos a resolvê-la de maneira completa. Fazendo do organismo a única fonte das faculdades e das tendências, reduzem o homem a uma máquina movida fatalmente por uma força irresistível, sem livre-arbítrio e, por conseguinte, sem responsabilidade moral de seus atos. Com um tal sistema, todo criminoso pode desculpar-se com sua constituição, pois dele não dependeu fazê-la melhor. Numa sociedade onde tal princípio fosse admitido como verdade absoluta, não haveria culpados, moralmente falando, e seria tão ilógico levar os homens à justiça quanto os animais.

Não falamos aqui senão das conseqüências sociais das doutrinas materialistas; quanto à sua impotência para resolver todos os problemas morais, ela está suficientemente demonstrada. Dir-se-á, com alguns, que as tendências são hereditárias, como os vícios de constituição? Opor-se-lhes-iam os inumeráveis fatos em que os pais mais virtuosos têm filhos instintivamente viciosos, e reciprocamente. No caso que nos ocupa, é notório que a criança não herdou sua monomania incendiária de nenhum membro da família.

Sem dúvida os espiritualistas reconhecerão que essa tendência se deve a uma imperfeição da alma ou Espírito, mas não deixarão de ser detidos por dificuldades insuperáveis, apenas com

os elementos que hoje se possuem. E a prova de que os dados atuais da Ciência, da Filosofia e da Teologia não fornecem nenhum princípio sólido para a solução dos problemas desta natureza, é que não há um só que seja bastante evidente, suficientemente racional para ligar a maioria, e que se está reduzido às opiniões individuais, todas divergentes umas das outras.

Os teólogos que admitem como artigo de fé a criação da alma no nascimento de cada corpo, são, talvez, os mais embaraçados para conciliarem essas perversidades nativas com a justiça e a bondade de Deus. Conforme sua doutrina, eis, pois, uma criança concebida com instinto incendiário, votada, desde a sua formação, ao crime e a todas as suas conseqüências, para a vida presente e para a vida futura! Como há crianças instintivamente boas e más, então Deus criou almas boas e outras más? É a conseqüência lógica. Por que essa parcialidade? Com a doutrina materialista o culpado se desculpa com a sua organização; com a da Igreja, pode apegar-se a Deus, dizendo que não é sua falta se ele o criou com defeitos.

É de admirar que haja pessoas que renegam Deus quando o mostram injusto e cruel em seus atos, parcial para com as suas criaturas? É a maneira pela qual a maior parte das religiões o representa que faz os incrédulos e os ateus. Se dEle sempre se tivesse feito um quadro em todos os pontos conciliável com a razão, não haveria incrédulos; é por não poder aceitá-lo tal qual o fazem, que tanta gente procura fora dele a explicação das coisas.

Todas as vezes que a Teologia, pressionada pela inexorável lógica dos fatos, se acha num impasse, refugia-se atrás destas palavras: "Mistério incompreensível!" Pois bem! A cada dia vemos levantar-se uma ponta do véu do que outrora era mistério, e a questão que nos ocupa está neste número.

Esta questão está longe de ser pueril e seria erro aí não ver senão um fato isolado, ou, se quiserem, uma anomalia, uma

bizarrice da Natureza, sem conseqüência. Ela toca em todas as questões de educação e de moralização da Humanidade e, por isto mesmo, nos mais graves problemas de economia social. É pesquisando a causa primeira dos instintos e das inclinações inatas que se descobrirão os meios mais eficazes de combater os maus e desenvolver os bons. Quando esta causa for conhecida, a educação possuirá a mais poderosa alavanca moralizadora que jamais teve.

Não se pode negar a influência do meio e do exemplo sobre o desenvolvimento dos bons e dos maus instintos, porque o contágio moral é tão manifesto quanto o contágio físico. Contudo, essa influência não é exclusiva, pois se vêem seres perversos nas mais honradas famílias, ao passo que outros saem puros do lameiro. Há, pois, incontestavelmente, disposições inatas, e se tivéssemos dúvida, o fato que nos ocupa disso seria uma prova irrecusável. Assim, eis uma criança que, antes de saber falar, se compraz à vista da destruição pelo fogo; que, aos dois anos, incendeia voluntariamente um mobiliário, e que, aos quatro anos, compreende de tal modo o que faz, que responde às reprimendas com ameaças de incêndio.

Ó vós todos, médicos e sábios que pesquisais com tanta avidez os menores casos patológicos insólitos, para deles fazer objeto de vossas meditações, por que não estudais com o mesmo cuidado esses fenômenos estranhos que se pode, com razão, qualificar de patologia moral! Por que não vos inteirais deles, nem lhes descobris a fonte! Com isto a Humanidade ganharia, pelo menos tanto quanto pela descoberta de um filete nervoso. Infelizmente, a maioria dos que não desdenham ocupar-se com essas questões o fazem partindo de uma idéia preconcebida, à qual tudo querem sujeitar: o materialismo às leis exclusivas da matéria, o espiritualismo à idéia que faz da natureza da alma, conforme suas crenças. Antes de concluir, o mais sensato é estudar todos os sistemas, todas as teorias, com imparcialidade, e ver o que resolve melhor e mais logicamente o maior número de dificuldades.

A diversidade das aptidões intelectuais e morais inatas, independentes da educação e de toda aquisição na vida presente é um fato notório: é o conhecido. Partindo desse fato para chegar ao desconhecido, diremos que se a alma for criada ao nascimento do corpo, torna-se evidente que Deus cria almas de todas as qualidades. Ora, sendo tal doutrina inconciliável com o princípio da soberana justiça, forçosamente deve ser afastada. Mas se a alma não for criada ao nascimento do indivíduo, é que existia antes. Com efeito, é na preexistência da alma que se encontra a única solução possível e racional da questão e de todas as anomalias aparentes das faculdades humanas. As crianças que instintivamente têm aptidões transcendentes para uma arte ou uma ciência, que possuem certos conhecimentos sem os haver aprendido, como os calculadores naturais, como aqueles aos quais a música, ao nascer, parece familiar; esses lingüistas natos, como uma senhora da qual teremos, mais tarde, ocasião de falar e que, aos nove anos, dava lições de grego e de latim aos seus irmãos, e aos doze lia e traduzia o hebraico, devem ter aprendido estas coisas em algum lugar; já que não foi nesta existência, deve ter sido em outra.

Sim, o homem já viveu, não uma, mas talvez mil vezes; em cada existência suas idéias se desenvolveram; adquiriu conhecimentos, dos quais traz a intuição na vida seguinte, e que o ajudam a adquirir novas. Dá-se outro tanto com o progresso moral. Os vícios de que se desfez não aparecem mais; os que conservou se reproduzem até que deles se tenha corrigido definitivamente.

Numa palavra, o homem nasce tal qual se fez ele próprio. Os que viveram mais, adquiriram mais e aproveitaram melhor são mais adiantados que os outros; tal é a causa da diversidade dos instintos e das aptidões que se notam entre eles; tal é, também, a razão pela qual vemos, na Terra, selvagens, bárbaros e homens civilizados. A pluralidade das existências é a chave de uma imensidão de problemas morais e é por não haver conhecido este princípio que tantas questões ficaram insolúveis.

Que o admitam apenas a título de hipótese, se quiserem, e verão aplainar-se todas essas dificuldades.

O homem civilizado chegou a um ponto em que não mais se contenta com a fé cega; quer dar-se conta de tudo, saber o porquê e o como de cada coisa; preferirá, pois, uma filosofia que explica, à que nada explica. Aliás, a idéia da pluralidade das existências, como todas as grandes verdades, germina numa porção de cérebros, fora do Espiritismo; e como satisfaz à razão, não está longe o tempo em que será posta entre as leis que regem a Humanidade.

Que dirão agora da criança objeto deste artigo? Seus instintos atuais se explicam por seus antecedentes. Nasceu incendiário, como outros nasceram poetas e artistas, porque, sem a menor dúvida, foi incendiário em outra existência e lhe conservou o instinto.

Mas então, perguntarão, se cada existência é um progresso, na presente o progresso é nulo para ele.

Isto não é uma razão. De seus instintos atuais não se deve concluir que o progresso seja nulo. O homem não se despoja subitamente de todas as suas imperfeições. Essa criança provavelmente teria outras, que a tornavam pior do que é hoje. Ora, ainda que só tivesse avançado um passo, mesmo que tivesse apenas o arrependimento e o desejo de melhorar-se, seria sempre um progresso. Se esse instinto nele se manifesta de maneira tão precoce e para desde cedo chamar a atenção sobre as suas tendências, a fim de que os pais e os que forem encarregados de sua educação se empenhem em reprimi-las antes que se desenvolvam. Talvez ele mesmo tenha pedido que assim fosse, e de nascer numa família honrada, pelo desejo de progredir.

É uma grande tarefa para seus pais, pois é uma alma extraviada que lhes é confiada para ser conduzida ao reto caminho,

e grande seria sua responsabilidade se não o fizessem, com esse objetivo, tudo quanto estivesse em seu poder. Se seu filho ficasse doente, cuidariam dele com solicitude. Devem olhá-lo como atacado por uma moléstia moral grave, que requer cuidados não menos assíduos.

De acordo com todas essas considerações, cremos sem vaidade que os Espíritos são os melhores especialistas em tal circunstância, porque se dedicam ao estudo dos fenômenos morais e os apreciam, não segundo idéias pessoais, mas conforme leis naturais.

Tendo sido esse fato apresentado à Sociedade de Paris como tema de estudo, foi feita aos Espíritos a seguinte pergunta:

Qual a origem do instinto incendiário precoce nesta criança, e quais seriam os meios de o combater pela educação?

Foram dadas quatro respostas concordantes. Citaremos apenas as duas seguintes.

(Sociedade de Paris, 13 de abril de 1866 – Médium: Sr. Br...)

I

Perguntais qual foi a existência dessa criança que mostra uma inclinação tão precoce para a destruição e, particularmente, para o incêndio. Ai! seu passado é horrível e suas tendências atuais vos dizem bastante o que ele pôde fazer. Veio para expiar, e deve lutar contra seus instintos incendiários. É uma grande provação para os pais, que estão constantemente sob os golpes de suas más ações, e não sabem como reprimir essa funesta inclinação. O conhecimento do Espiritismo lhes seria um poderoso auxílio, e Deus, em sua misericórdia, lhes concederá esta graça, porque é só por este conhecimento que se pode esperar melhorar esse Espírito.

Esta criança é uma prova evidente da anterioridade da alma à encarnação presente. Como vedes, esse estranho estado moral desperta a atenção e faz refletir. Deus se serve de todos os meios para vos fazer chegar ao conhecimento da verdade relativamente à vossa origem, vossa progressão e vosso fim.

Um Espírito

(Médium: Srta. Lat...)

II

O Espiritismo já representou um grande papel no vosso mundo, mas o que vistes é apenas o prelúdio do que estais chamados a ver. Quando a Ciência emudece diante de certos fatos e a religião também não pode resolver, o Espiritismo lhe vem dar a solução. Quando a Ciência falta aos vossos sábios, eles deixam a causa de lado, por falta de explicações suficientes. Em muitas circunstâncias as luzes do Espiritismo lhes poderiam ser de grande valia, notadamente neste caso de monomania incendiária. Para eles é um gênero de loucura, porque encaram todas as monomanias como loucura. Eis um grande erro. Aqui a Medicina nada tem a fazer; é aos espíritas que cabe agir.

É inadmissível para vós que essa inclinação para destruir pelo fogo date da presente existência; é preciso remontar mais alto e ver nas inclinações perversas dessa criança um reflexo de seus atos anteriores.

Além disso, ele é impelido pelos mesmos que foram suas vítimas, porquanto, para satisfazer à sua ambição, não recuou diante do incêndio, nem diante do sacrifício dos que lhe podiam fazer obstáculo. Numa palavra, está sob a influência de Espíritos que ainda não lhe perdoaram os tormentos que os fez sofrer. Esperam a vingança.

Tem como prova sair vitorioso da luta; mas Deus, em sua soberana justiça, colocou o remédio ao lado do mal. Com

efeito, esse remédio está em sua tenra idade e na boa influência do meio onde se acha. Hoje a criança nada pode no momento; cabe aos pais velar. Mais tarde ele próprio deverá vencer, e enquanto não for senhor de sua posição a luta se perpetuará. Seria preciso que fosse educado nos princípios do Espiritismo; aí colheria a força e, compreendendo a sua prova, teria mais vontade para triunfar.

Espíritos bons, encarregados de esclarecer os encarnados, volvei o olhar para esse pobre ser, cujo castigo é justo; ide a ele, ajudai-o, dirigi os seus pensamentos para o Espiritismo, a fim de que triunfe mais depressa e a luta seja vantajosa para ele.

Um Espírito

Tentativa de Assassinato do Imperador da Rússia

ESTUDO PSICOLÓGICO

Sob o título de *Notícias da Rússia – correspondência de São Petersburgo* – o *Indépendance belge* de 30 de abril dá um relato detalhado das circunstâncias que seguiram o atentado de que o czar foi objeto. Além disso, fala de certos indícios precursores do crime e contém a respeito a seguinte passagem:

"Conta-se que o governador de São Petersburgo, príncipe Souwouroff, tinha recebido uma carta anônima, assinada N.N.N., na qual alguém lhe oferecia, mediante certas indicações, desvendar um mistério importante, pedindo uma resposta na *Gazeta da Polícia*. A resposta apareceu; está assim concebida: 'A chancelaria do general governador convida N.N.N. a vir amanhã, entre onze e duas horas, para dar certas explicações.' Mas o anônimo não apareceu; enviou uma segunda carta, anunciando que era muito tarde e não estava mais livre para vir.

"O convite foi reiterado dois dias após o atentado, mas sem resultado

"Enfim, como último indício, algumas pessoas acabam de se lembrar que três semanas antes do atentado o jornal alemão *Die Gartenlaube* publicou o relato de uma *sessão espírita*, realizada em Heildelberg, na qual o *Espírito Catarina II* anunciava que o imperador Alexandre estava ameaçado por um grande perigo.

"Dificilmente se explica, depois de tudo isto, como a polícia russa não pôde ser instruída a tempo do crime que se preparava. Essa polícia, que custa muito caro, e que inunda de espiões inúteis todos os nossos círculos e assembléias públicas, não só foi incapaz de descobrir a tempo o complô, mas até de cercar o soberano com a sua vigilância, o que é elementar e de toda necessidade, sobretudo com um príncipe que sai quase sempre só, seguido de seu canzarrão; que faz passeios a pé nas horas matinais, sem estar acompanhado por um ajudante de ordem. No próprio dia do atentado, encontrei o imperador na Rua Millonaia, às nove horas e meia da manhã; estava completamente só e saudava com afabilidade os que o reconheciam. A rua estava quase deserta e os agentes de polícia muito raros."

O que é, sobretudo, notável nesse artigo é a menção, sem comentário, do *aviso dado pelo Espírito Catarina II, numa sessão espírita*. Teriam posto este fato no número dos indícios precursores, se se tivessem considerado as comunicações espíritas como trapaças ou ilusões? Numa questão tão grave, teriam evitado fazer intervir uma crença considerada como ridícula. É uma nova prova da reação que se opera na opinião, a respeito do Espiritismo.

Temos de analisar o fato do atentado de outro ponto de vista. Sabe-se que o imperador deveu a sua salvação a um jovem camponês chamado Joseph Kommissaroff que, achando-se à sua passagem, desarmou o braço do assassino. Sabe-se, também, os

favores de toda natureza com que este último foi cumulado: foi nobilitado e as dádivas que recebeu lhe asseguram uma fortuna considerável.

O jovem se dirigia a uma capela, situada do outro lado do Neva, por ocasião de seu aniversário natalício; nesse momento começava o degelo e, porque a circulação estivesse interrompida, ele teve de renunciar ao seu projeto. Em decorrência desse fato, ficou na outra margem do rio e encontrou-se na passagem do imperador, que saía do jardim de verão. Tendo-se misturado à multidão, percebeu um indivíduo que tentava aproximar-se, e cujas atitudes lhe pareceram suspeitas; seguiu-o e, tendo-o visto tirar uma pistola do bolso e apontá-la para o imperador, teve a presença de espírito de lhe bater no braço, o que fez a arma disparar para o ar.

Que feliz acaso, dirão certas pessoas, que justo no momento o degelo tenha impedido Kommissaroff de atravessar o Neva! Para nós, que não acreditamos no acaso, mas que tudo está submetido a uma direção inteligente, diremos que estava nas provas do czar correr aquele perigo (Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXV, *Prece num perigo iminente*), mas, não tendo ainda chegado sua hora, Kommissaroff havia sido escolhido para impedir a consumação do crime, e as coisas, que parecem efeito do acaso, estavam combinadas para levar ao resultado desejado.

Os homens são os instrumentos inconscientes dos desígnios da Providência. É por eles que ela os realiza, sem que haja necessidade de recorrer a prodígios. Basta a mão invisível que os dirige e nada sai da ordem das coisas naturais.

Se é assim, dirão, o homem não passa de uma máquina, e suas ações são fatais. – Absolutamente, porque se for solicitado a fazer uma coisa, a isto não é constrangido; não deixa de conservar o livre-arbítrio, em virtude do qual pode fazê-la ou não, e a mão que o conduz fica invisível, precisamente para lhe deixar mais

liberdade. Assim Kommissaroff podia muito bem não ceder ao impulso oculto que o dirigia para a passagem do imperador; podia ficar indiferente, como tantos outros, à vista do homem suspeito; enfim, poderia ter olhado para outro lado no momento em que este último tirava a pistola do bolso. – Mas, então, se tivesse resistido a esse impulso, o imperador teria sido morto? – Também não; os desígnios da Providência não estão à mercê do capricho de um homem. A vida do imperador devia ser preservada; em falta de Kommissaroff, teria sido por outro meio; uma mosca poderia picar a mão do assassino, levando-o a fazer um movimento involuntário; uma corrente fluídica dirigida sobre ele poderia ter-lhe provocado uma ofuscação. Apenas se Kommissaroff não tivesse escutado a voz íntima que o guiava mau grado seu, teria perdido o benefício da ação que estava incumbido de realizar: eis tudo o que teria resultado. Mas se a hora fatal tivesse soado para o czar, nada poderia tê-lo preservado. Ora, os perigos iminentes que corremos têm por objetivo preciso mostrar-nos que nossa vida prende-se por um fio, que pode romper-se no momento em que menos pensamos e, assim, advertir-nos para estarmos sempre prontos para partir.

Mas, por que esse jovem camponês, e não um outro? Para quem quer que não veja nos acontecimentos um simples jogo do acaso, cada coisa tem sua razão de ser. Devia, pois, haver um motivo na escolha daquele rapaz e, ainda quando esse motivo nos fosse desconhecido, a Providência nos dá bastantes provas de sua sabedoria, para não duvidar que tal escolha tinha sua utilidade.

Tendo sido a questão apresentada como objeto de estudo, numa reunião espírita realizada em casa de uma família russa que residia em Paris, um Espírito deu a seguinte explicação:

(Paris, 1º de maio de 1866 – Médium: Sr. Desliens)

Mesmo na existência do ser mais ínfimo, nada é deixado ao acaso. *Os principais acontecimentos de sua vida são*

determinados por sua provação: os detalhes são influenciados por seu livre-arbítrio; mas o conjunto da situação foi previsto e combinado antecipadamente por ele próprio e por aqueles que Deus escolheu para sua guarda.

No caso que aqui nos ocupa, as coisas se passaram segundo o curso ordinário. Sendo esse moço já avançado e inteligente, escolheu como provação nascer em condição miserável, depois de ter ocupado uma alta posição social; estando já desenvolvidas a sua inteligência e a sua moralidade, pediu uma condição humilde e obscura para destruir as últimas sementes do orgulho que nele havia deixado o espírito de casta. Escolheu livremente, mas Deus e os Espíritos bons se reservaram recompensá-lo na primeira manifestação de *devotamento desinteressado* e vedes em que consiste sua recompensa.

Resta-lhe agora, em meio às honrarias e à fortuna, conservar intacto o sentimento de humildade, que foi a base de sua nova encarnação; por isso, ainda é uma prova e uma dupla prova, na sua qualidade de homem e na sua qualidade de pai. Como homem, deve resistir ao arrebatamento de uma alta e súbita fortuna; como pai, deve preservar os filhos da arrogância dos novos-ricos. Pode criar-lhes uma posição admirável; pode aproveitar sua posição intermediária para deles fazer homens úteis ao seu país. Plebeus de nascimento, nobres pelo mérito de seu pai, poderão, como muitos dos que encarnam presentemente na Rússia, trabalhar poderosamente pela fusão de todos os elementos heterogêneos, pelo desaparecimento do elemento servil que, entretanto, durante muito tempo não poderá ser destruído de modo radical.

Nesta elevação há, sem dúvida, uma recompensa, mas ainda há uma prova. Sei que na Rússia o mérito recompensado encontra mercê diante dos grandes; mas lá, como alhures, o novo-rico orgulhoso e cheio de si é vítima das zombarias; torna-se o

joguete de uma sociedade que em vão se esforça por imitar. O ouro e as grandezas não lhe deram a elegância e o espírito do mundo. Desprezado e invejado por aqueles em cujo meio nasceu, muitas vezes é isolado e infeliz no meio de seu fausto.

Como vedes, nem tudo é agradável nessas ascensões súbitas, sobretudo quando atingem tais proporções. Para esse jovem, esperamos, em razão de suas excelentes qualidades, que saberá gozar em paz as vantagens que lhe proporcionou sua ação, e evitar as pedras de tropeço que poderiam retardar sua marcha no caminho do progresso.

Moki

Observação – Em falta de provas materiais sobre a exatidão dessa explicação, devemos convir que ela é eminentemente racional e instrutiva; e como o Espírito que a deu sempre se distinguiu pela gravidade e alto alcance de suas comunicações, consideramos esta como tendo todos os caracteres da probabilidade.

Com efeito, a nova posição de Kommissaroff é muito arriscada para ele, e seu futuro depende da maneira pela qual sofrerá esta prova, cem vezes mais perigosa que as desgraças materiais às quais a gente se resigna por força, ao passo que é bem mais difícil resistir às tentações do orgulho e da opulência. Quanta força ele não tiraria do conhecimento do Espiritismo e de todas as verdades que ensina!

Mas, como se pôde notar, as vistas da Providência não param naquele jovem. Sofrendo sua prova, e pelo próprio fato da prova, ele pode, pelo encadeamento das circunstâncias, tornar-se um elemento de progresso para o seu país, ajudando a destruição dos preconceitos de casta. Assim, tudo se liga no mundo, pelo concurso das forças inteligentes que o dirigem; nada é inútil, e as menores coisas em aparência podem conduzir aos maiores

resultados, e isto *sem derrogar as leis da Natureza*. Se pudéssemos ver o mecanismo que nos ocultam a nossa natureza material e a nossa inferioridade, de que admiração não seríamos transportados! Mas se não o podemos ver, o Espiritismo, revelando essas leis, no-lo faz compreender pelo pensamento, e é por aí que nos eleva, aumenta nossa fé e nossa confiança em Deus, e combate vitoriosamente a incredulidade.

Um Sonho Instrutivo

Durante a última doença que tivemos no mês de abril de 1866, estávamos sob o império de uma sonolência e de um arrebatamento quase contínuos; nesses momentos sonhávamos constantemente coisas insignificantes, às quais não prestávamos a mínima atenção. Mas na noite de 24 de abril a visão ofereceu um caráter tão particular que ficamos vivamente impressionados.

Num lugar que nada lembrava à nossa memória e que se parecia com uma rua, havia uma reunião de indivíduos que conversavam; nesse número só alguns nos eram conhecidos em sonho, mas sem que os pudéssemos designar pelo nome. Considerávamos a multidão e procurávamos captar o assunto da conversa quando, de repente, apareceu no canto de uma muralha, uma inscrição em letras pequenas, brilhantes como fogo, e que nos esforçamos por decifrar. Estava assim concebida: *"Descobrimos que a borracha enrolada sob a roda faz uma légua em dez minutos, desde que a estrada..."* Enquanto procurávamos o fim da frase, a inscrição apagou-se pouco a pouco e nós acordamos. Temendo esquecer estas palavras singulares, apressamo-nos em as transcrever.

Qual podia ser o sentido dessa visão, que nada, absolutamente, em nossos pensamentos e em nossas preocupações podia ter provocado? Não nos ocupando nem de invenções, nem de pesquisas industriais, isto não podia ser um reflexo de nossas

idéias. Depois, que podia significar essa *borracha* que, enrolada sob uma roda, fazia uma légua em dez minutos? Era a revelação de alguma nova propriedade dessa substância? Seria ela chamada a representar um papel na locomoção? Queriam pôr-nos no caminho de uma descoberta? Mas, então, por que se dirigir a nós, e não a homens especiais, em condições de fazer os estudos e as experiências necessárias? Contudo, o sonho era muito característico, muito especial, para ser arrolado entre os sonhos de fantasia; devia ter um objetivo; qual? É o que procurávamos inutilmente.

Durante o dia, tendo tido ocasião de consultar o Dr. Demeure sobre a nossa saúde, aproveitamos para lhe pedir que nos dissesse se o sonho apresentava algo de sério. Eis o que ele respondeu:

"Os numerosos sonhos que vos assediaram nestes últimos dias são o resultado do próprio sofrimento que experimentais. Toda vez que há enfraquecimento do corpo, há tendência para o desprendimento do Espírito; mas quando o corpo sofre, o desprendimento não se opera de maneira regular e normal; o Espírito é incessantemente chamado ao seu posto; daí uma espécie de luta, de conflito entre as necessidades materiais e as tendências espirituais; daí, também, interrupções e misturas que confundem as imagens e as transformam em conjuntos bizarros e desprovidos de sentido. O caráter dos sonhos se liga, mais do que se pensa, à natureza da doença. É um estudo a fazer, e os médicos aí encontrarão muitas vezes diagnósticos preciosos, quando reconhecerem a ação independente do Espírito e o papel importante que representa na economia. Se o estado do corpo reage sobre o Espírito, por seu lado o estado do Espírito influi poderosamente sobre a saúde e, em certos casos, é tão útil agir sobre o Espírito quanto sobre o corpo. Ora, muitas vezes a natureza dos sonhos pode ser um indício do estado do Espírito. Repito que é um estudo a fazer, negligenciado até hoje pela Ciência,

que não vê em toda parte senão a ação da matéria e não leva em nenhuma conta o elemento espiritual.

"O sonho que me revelais, do qual guardastes uma lembrança tão nítida, parece-me pertencer a outra categoria. Ele contém um fato notável e digno de atenção; certamente foi motivado, mas presentemente eu não vos poderia dar uma explicação satisfatória; só poderia dar-vos a minha opinião pessoal, de que não estou muito seguro. Tomarei minhas informações em boa fonte, e amanhã vos comunicarei o que tiver aprendido."

No dia seguinte ele nos deu esta explicação:

"O que vistes no sonho que me encarreguei de vos explicar não é uma dessas imagens fantásticas, provocadas pela doença; é, realmente, uma manifestação, não de Espíritos *desencarnados*, mas de Espíritos *encarnados*. Sabeis que no sono podemos nos encontrar com pessoas conhecidas ou desconhecidas, mortas ou vivas. Foi este último caso que se deu naquela circunstância. Os que vistes são *encarnados* que, de forma isolada e sem se conhecerem, ocupam-se de invenções tendentes a aperfeiçoar os meios de locomoção, anulando, tanto quanto possível, o excesso de despesa causada pelo desgaste dos materiais hoje em uso. Uns pensaram na borracha, outros em outros materiais; mas o que há de particular é que *quiseram chamar a vossa atenção*, como assunto de estudo psicológico, sobre a reunião, num mesmo local, de Espíritos de diversos homens, perseguindo o mesmo objetivo. A descoberta não tem relação com o Espiritismo; é apenas o conciliábulo dos inventores que vos quiseram mostrar, e a inscrição não tinha outra finalidade senão especificar, aos vossos olhos, o objetivo principal de sua preocupação, pois há alguns que procuram outras aplicações para a borracha. Ficai persuadido de que assim o é muitas vezes, e que quando vários homens descobrem ao mesmo tempo, quer uma nova lei, quer um novo corpo, em diferentes pontos do globo, seus Espíritos

estudaram a questão em conjunto, durante o sono e, ao despertar, cada um trabalha por seu lado, tirando proveito do fruto de suas observações.

"Notai bem que aí estão idéias de *encarnados*, e que nada prejulgam quanto ao mérito da descoberta. Pode ser que de todos esses cérebros em ebulição saia algo de útil, como é possível que só saiam quimeras. Desnecessário dizer que seria inútil interrogar os Espíritos a respeito; sua missão, como dissestes em vossas obras, não é poupar ao homem o trabalho das pesquisas, trazendo-lhe invenções acabadas, que seriam outros tantos estímulos à preguiça e à ignorância. Nesse grande torneio da inteligência humana, cada um aí entra por conta própria e a vitória é do mais hábil, do mais perseverante, do mais corajoso."

P. – Que pensar das descobertas atribuídas ao acaso? Algumas não são fruto de nenhuma pesquisa?

Resp. – Bem sabeis que não existe acaso; as coisas que vos parecem as mais fortuitas têm sua razão de ser, pois se deve contar com as inumeráveis inteligências ocultas que presidem a todas as partes do conjunto. Se for chegado o momento de uma descoberta, seus elementos são divulgados por essas mesmas inteligências; vinte homens, cem homens passarão ao lado sem a notar; um só fixará a atenção. O fato, insignificante para a multidão, para ele é um rastro de luz; encontrá-lo não era tudo, o essencial era saber empregá-lo. Não foi o acaso que o pôs sob os olhos, mas os Espíritos bons que lhe disseram: Olha, observa e aproveita, se queres. Depois ele mesmo, nos momentos de liberdade de seu Espírito, durante o sono do corpo, pôde ser posto no caminho e, ao despertar, instintivamente, dirige-se ao local onde deve encontrar a coisa que, por sua inteligência, está chamado a fazer frutificar.

Não; não há acaso: tudo é inteligente na Natureza.

Visão Retrospectiva das Várias Encarnações de um Espírito

SONO DOS ESPÍRITOS

Pelo Dr. Cailleux

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de maio de 1866 – Médium: Sr. Morin)

Vosso bom acolhimento e as boas preces que fizestes em minha intenção obrigam-me a vos agradecer vivamente e vos assegurar o meu eterno devotamento. Desde a minha entrada na verdadeira vida, bem depressa me familiarizei com todas as novidades, com as suaves exigências de minha situação atual. Hoje me chamam de todos os lados, não como antigamente, para cuidar de corpos doentes, mas para trazer alívio às doenças da alma. A tarefa a desempenhar é suave e, com mais rapidez do que outrora chegava à cabeceira dos doentes, hoje atendo ao apelo das almas sofredoras. Posso mesmo, e isto nada tem de estranho para mim, transportar-me quase instantaneamente de um ponto a outro, com a mesma facilidade com que meu pensamento vai de um a outro assunto. O que é singular para mim é que eu o possa fazer!...

Meus bons amigos, devo vos falar de um fato espiritual que me acontece, e que venho submeter ao vosso julgamento, para que me ajudeis a reconhecer o meu erro, caso me tenha enganado em minhas apreciações a respeito. Médico em minha última encarnação, como sabeis, me entreguei com ardor aos estudos de minha profissão. Tudo quanto a ela se referia era para mim um assunto de observação. Devo dizer, sem orgulho, que tinha adquirido alguns conhecimentos, talvez em razão de nem sempre ter seguido ao pé da letra o caminho traçado pela rotina. Muitas vezes buscava no moral o que pudesse trazer uma perturbação no físico; talvez seja por isto que eu conhecesse um pouco melhor a minha profissão do que certos colegas. Enfim, eis o fato: há alguns dias senti uma espécie de torpor apoderar-se de meu Espírito e, a despeito de conservar a consciência do meu *eu*,

senti-me transportado no espaço; chegado a um lugar que para vós não tem nome, encontrei-me numa reunião de Espíritos que, em vida, tinham conquistado alguma celebridade pelas descobertas que haviam feito.

Lá, não fiquei pouco surpreendido ao reconhecer nesses antigos de todas as idades, nesses nomes de todas as épocas, uma semelhança perispiritual comigo. Perguntei-me o que tudo aquilo significava; dirigi-lhes as perguntas que me sugeria a minha posição, mas minha surpresa foi ainda maior, ouvindo-me responder a mim mesmo. Voltei-me, então, para eles e vi que estava só.

Eis as minhas deduções...

Dr. Cailleux

Nota – Tendo parado aí, o Espírito continuou na sessão seguinte.

A questão dos fluidos, que constitui o fundo dos vossos estudos, representou um papel muito grande no fato que eu vos assinalava na última sessão. Hoje vos posso explicar melhor o que se passou e, em vez de vos dizer quais eram as minhas conjecturas, posso dizer o que me revelaram os bons amigos que me guiam no mundo dos Espíritos.

Quando meu Espírito sofreu uma espécie de entorpecimento, eu estava, a bem dizer, magnetizado pelo fluido de meus amigos espirituais; por uma permissão de Deus, daí devia resultar uma satisfação moral que, dizem eles, é a minha recompensa e, além disso, um encorajamento para marchar num caminho que segue o meu Espírito desde um bom número de existências.

Eu estava, pois, adormecido num sono magnético-espiritual; vi o passado formar-se num presente fictício; reconheci

individualidades que haviam desaparecido ao longo do tempo, ou, melhor, que tinham sido apenas um indivíduo. Vi um ser começar uma obra médica; um outro, mais tarde, continuar a obra esboçada pelo primeiro, e assim por diante. Cheguei a ver em menos tempo do que levo a vos dizer, de idade em idade, formar-se, crescer e tornar-se ciência, o que, no princípio, não passava dos primeiros ensaios de um cérebro ocupado em estudos para o alívio da Humanidade sofredora. Vi tudo isto e só me reconheci quando cheguei ao último desses seres que, sucessivamente, haviam trazido um complemento à obra. Aí tudo se desvanece e torno-me o Espírito ainda atrasado do vosso pobre doutor. Ora, eis a explicação. Não vo-la dou para me envaidecer; longe disso; mas, antes, para vos fornecer um assunto de estudo, falando-vos do sono espiritual que, sendo elucidado por vossos guias, só me pode ser útil, pois assisto a todos os vossos trabalhos.

Nesse sono vi os diferentes corpos que meu Espírito animou desde um certo número de encarnações, e todos trabalharam a ciência médica sem jamais se afastarem dos princípios que o primeiro havia elaborado. Esta última encarnação não era para aumentar o saber, mas simplesmente para praticar o que ensinava a minha teoria.

Com tudo isto fico sempre vosso devedor; mas, se o permitirdes, virei pedir-vos lições e, algumas vezes, dar minha opinião pessoal sobre certas questões.

Dr. Cailleux

ESTUDO

Há aqui um duplo ensinamento: primeiramente há o fato da magnetização de um Espírito por outros Espíritos, e do sono daí resultante; e, em segundo lugar, da visão retrospectiva dos diferentes corpos que ele animou.

Há, pois, para os Espíritos uma espécie de sono, o que é um ponto de contato a mais entre o estado corporal e o estado espiritual. Trata-se aqui, é verdade, de um sono magnético; mas existiria para eles um sono natural semelhante ao nosso? Isto nada teria de surpreendente, quando se vêem ainda Espíritos de tal modo identificados com o estado corporal que tomam seu corpo fluídico por um corpo material, que crêem trabalhar como o faziam na Terra e que sofrem fadiga. Se sentem fadiga, devem experimentar a necessidade de repouso, e podem crer que se deitam e que dormem, como acreditam que trabalham e viajam em estrada de ferro. Dizemos que eles crêem, para falar do nosso ponto de vista; porque tudo é relativo e em relação à sua natureza fluídica a coisa é tão real quanto o são para nós as coisas materiais.

Apenas os Espíritos de ordem inferior têm semelhantes ilusões; quando menos adiantados, mais o seu estado se aproxima do estado corporal. Ora, este não pode ser o caso do Dr. Cailleux, Espírito avançado, que se dá conta perfeitamente de sua situação. Mas não é menos verdade que teve consciência de um entorpecimento análogo ao sono, durante o qual viu suas diversas individualidades.

Um membro da Sociedade explica o fenômeno desta maneira: No sono humano, só o corpo repousa, mas o Espírito não dorme. Deve dar-se o mesmo no estado espiritual; o sono magnético, ou outro, não deve afetar senão o corpo espiritual ou perispírito, e o Espírito deve achar-se num estado relativamente análogo ao do Espírito encarnado durante o sono do corpo, isto é, conservar a consciência de seu ser. As diferentes encarnações do Dr. Cailleux, que seus guias espirituais queriam fazê-lo ver para sua instrução, puderam apresentar-se a ele como lembrança, da mesma maneira que as imagens se oferecem nos sonhos.

Esta explicação é perfeitamente lógica; foi confirmada pelos Espíritos que, provocando o relato do Dr. Cailleux, quiseram dar-nos a conhecer uma nova fase da vida de além-túmulo.

Questões e Problemas

ESTÁ NO AR

(Paris, 13 de maio de 1866 – Médium: Sr. Tail...)

P. – Quando alguma coisa é pressentida pelas massas, geralmente se diz que está no ar. Qual a origem desta expressão?

Resp. – Sua origem, como a de uma porção de coisas de que não nos damos conta e que o Espiritismo vem explicar, está no sentimento íntimo e intuitivo da realidade. A expressão é mais verdadeira do que se pensa.

Esse pressentimento geral à aproximação de algum acontecimento grave tem duas causas: a primeira vem das massas inumeráveis de Espíritos que incessantemente percorrem o espaço e que têm conhecimento das coisas que se preparam; em conseqüência de sua desmaterialização estão mais aptos a seguir o seu curso e lhe prever o desfecho. Esses Espíritos *roçam* incessantemente a Humanidade, comunicando-lhe os seus pensamentos pelas correntes fluídicas que ligam o mundo corporal ao mundo espiritual. Embora não os vejais, seus pensamentos vos chegam como o aroma das flores ocultas na folhagem, e vós os assimilais sem perceber. O ar está literalmente rasgado por essas correntes fluídicas, que por toda parte semeiam a idéia, de tal sorte que a expressão *está no ar* não só é uma figura, mas positivamente verdadeira. Certos Espíritos são mais especialmente encarregados pela Providência de transmitir aos homens o pressentimento das coisas *inevitáveis*, com vistas a lhes dar um secreto aviso, e eles cumprem essa missão espalhando-se entre as criaturas. São como vozes íntimas, que retinem no seu foro interior.

A segunda causa deste fenômeno está no desprendimento do Espírito encarnado durante o repouso do corpo. Nesses momentos de liberdade ele se mistura aos Espíritos semelhantes, àqueles com os quais tem mais afinidade; penetra-se

de seus pensamentos, vê o que não pode ver com os olhos do corpo, relata a sua intuição ao despertar, como de uma idéia que lhe é toda pessoal. Isto explica como a mesma idéia surge ao mesmo tempo em cem lugares diferentes e em milhares de cérebros.

Como sabeis, certos indivíduos são mais aptos que outros para receber o influxo espiritual, quer pela comunicação direta dos Espíritos estranhos, quer pelo desprendimento mais fácil de seu próprio Espírito. Muitos gozam, em graus diversos, da segunda vista, ou visão espiritual, faculdade muito mais comum do que pensais, e que se revela de mil maneiras; outros conservam uma lembrança mais ou menos nítida do que viram nos momentos de emancipação da alma. Em conseqüência desta aptidão, têm noções mais precisas das coisas; não é neles um simples pressentimento vago, mas a intuição, e nalguns o conhecimento da própria coisa, cuja realização prevêem e anunciam. Se se lhes pergunta como sabem, a maior parte não saberia explicar; uns dirão que uma voz interior lhes falou, outros que tiveram uma visão reveladora, e outros, enfim, que o sentem sem saber como. Nos tempos de ignorância, e aos olhos das pessoas supersticiosas, passam por adivinhos e feiticeiros, quando são apenas pessoas dotadas de mediunidade espontânea e inconsciente, faculdade inerente à natureza humana, e que nada tem de sobrenatural, mas que são incapazes de compreender os que nada admitem fora da matéria.

Essa faculdade existiu em todos os tempos, mas é de notar que se desenvolve e se multiplica sob o império de circunstâncias que incrementam a atividade do espírito, nos momentos de crise e quando da aproximação dos grandes acontecimentos. As revoluções, as guerras, as perseguições de partidos e de seitas sempre fizeram nascer um grande número de videntes e inspirados, que foram qualificados de iluminados.

Dr. Demeure

Observação – As relações do mundo corporal com o mundo espiritual nada têm de surpreendente, se se considerar que esses dois mundos são formados dos mesmos elementos, isto é, dos mesmos indivíduos, que passam alternadamente de um ao outro. Tal qual é hoje entre os encarnados da Terra, será amanhã entre os desencarnados do espaço, e reciprocamente. O mundo dos Espíritos, portanto, não é um mundo à parte, é a própria Humanidade despojada de seu invólucro material, e que continua sua existência sob uma nova forma e com mais liberdade.

As relações desses dois mundos, em contato incessante, fazem parte, pois, das leis naturais. A ignorância da lei que os rege foi a pedra de tropeço de todas as filosofias; é por falta de seu conhecimento que tantos problemas ficaram insolúveis. O Espiritismo, que é a ciência dessas relações, nos dá a única chave que os pode resolver. Graças a ele, quantas coisas já não são mistérios!

Poesias Espíritas

PARA TEU LIVRO

(Sociedade de Paris, 11 de maio de 1866 – Médium: Sr. V...)

Breve, criança, irás deixar
O teto que te viu nascer,
P'ra correr mundo e enfrentar
Seus riscos, e talvez morrer
Sem ter chegado ao teu destino.
Ante o fugir à nossa instância,
Tal como outrora, escuto o trino
Da voz que te guiou na infância.

Ai, ai! meu filho, em teu caminho
Logo talvez dificuldade
Te ferirá a mão com espinho,
Que venenoso de verdade
Fará coxear teu pé ferido,

Mais de uma vez em tua sina.
Que importa, então! Mais longe erguido,
Seguirás luz que te ilumina,
A marchar sempre, sempre avante;
Sem tua pátria achar perdida,
Teu lugarejo, o lar distante,
E morrer sem chorar a vida,
Se tinhas que perdê-la um dia,
Pregando a todos por doutrina
A caridade, a fé mais pia,
Deveres só da lei divina;
Em toda parte erradicando
Falso saber, orgulho, egoísmo,
Que amortalhar estão tentando
O berço-luz do Espiritismo;
Em repetindo isso que a voz
De todos invisíveis mundos
Parece revelar-te a sós
Em seus murmúrios tão profundos;
Sofrendo um século grosseiro,
Que junta o insulto à injúria forte
Quando te chama feiticeiro,
Simples ledor da boa sorte;
Em perdoando-lhe o desdém,
Vai procurando, pela prece,
Os seus amigos pô-los bem
Em sua santa e humilde messe.

E eu disse: Parte, filho, adeus;
Tua tarefa é dificílima,
Mas crê e espera em teu bom Deus,
Ele a fará talvez facílima.

Um Espírito poeta

Na sessão seguinte, de 18 de maio, o mesmo médium escreveu espontaneamente o seguinte:

Resposta a uma crítica a meus versos: *Para o teu livro*, feita um tanto levianamente, sexta-feira última, por um desconhecido que aqui não vejo esta noite.

Numa misteriosa mata,
Oculta na folhagem nata
De lilás, todos os anos
Na primavera ufanos
Trinos se escutam de graciosa
Toutinegra em canção chorosa.
Do bosque vizinho
Cada manhã vêm suaves
Se colocar bem perto dela
P'ra ouvir melhor o que revela
Voz tão terna e acentuada,
Com perfeição modulada,
Com graça pura e indefinida.
A multidão quase incontida
Aplaudia a nobre diva
Quando surge outro conviva,
Um melro de plumagem negra
De raiva a assobiar se alegra
A monótona canção
Que admirava sem razão.
A toutinegra silencia,
E diz-lhe, rindo, com ironia:
Assobiais tão bem, tão bem deveis cantar.
Não será um prazer então vos escutar?
E o melro sem resposta, alou-se, foi-se embora.
Por que? Adivinhai... Adeus! Vos deixo agora.

Alfred de Musset

A LAGARTA E A BORBOLETA

(Fábula do Espírito batedor de Carcassonne)

Paciente, a trabalhar num ramo de jasmim,
Tremia uma lagarta, ao ver chegar-lhe o fim,
Dizia: "Eu estou bem adoentada,
Já nem digiro a folha de salada;
Que pena tanta couve e apetite não tendo;
E a pouco e pouco eu morrendo;
Como é triste morrer! Bem melhor não nascer.
Convém sem queixas me submeter;
Outras depois de mim sulcarão terra preta.

– Mas tu não morrerás, diz-lhe uma borboleta;
Pois se me lembro bem, na mesma plantação
Contigo já vivi, sou tua irmã então;
Prepara-te o futuro um destino feliz;
Talvez um mesmo amor unir-nos Deus o quis.
Espera!... pois do sono é rápida a passagem.
Crisálida serás como eu em branda aragem;
Como eu poderás, com tão brilhantes cores,
Sorver o perfume das flores."
A velha respondeu: "Impostura, impostura!
Nada fará mudar, eu sei, leis da Natura;
O espinheiro jamais poderá ser jasmim.
Em meus pobres anéis, juntas frágeis assim,
Que artista poderá neles asas fixar?
Louca, segue o teu caminhar.
– Lagarta, tens razão; limitado é o possível,
Exclama um caracol, em seus cornos, prazível."
Zomba um sapo. Um vespão, cujo dardo se avulta,
A bela borboleta insulta.
.....
.....
Não; nem sempre é verdade o que ostenta luz farta
Sois cegos por obstinação,
Negando aos mortos alma, ó doutos sem razão,
Assemelhai-vos à lagarta.

Dissertações Espíritas

OCUPAÇÕES DOS ESPÍRITOS

(Sociedade de Paris, 16 de fevereiro de 1866 – Médium: Sr. Leymarie)

Fostes tão bons para comigo, senhores, tão corteses para com um recém-vindo, que ainda vos venho pedir alguns instantes de atenção.

Desde minha estada no mundo dos Espíritos, estou em condições de transmitir algumas observações que aproveitei, pois me dão a faculdade todo-poderosa de mudar completamente

minhas idéias adquiridas na última encarnação. Vou, pois, se mo permitirdes, comunicar algumas dessas reflexões, sugeridas pelas falsas idéias de certos detratores do Espiritismo.

Não é raro ouvir de todos os detratores: Mas os que fizeram a descoberta espírita bem poderiam informar-nos sobre o trabalho dos Espíritos, entrados na posse dessa famosa erraticidade. Têm um corpo correspondente ao nosso ou um corpo fluídico? Têm a ciência infusa? Sabem mais do que nós? Então, por que tanta comunicação terra-a-terra, num francês ordinário ao alcance de todo mundo? Mas o primeiro que chegar pode dizer outro tanto!...

E ainda acrescentam: mas esses Espíritos farsistas a que ginásticas se entregam em seus trapézios eternos? De que vivem? Com que se divertem? Mas se estão no ar ambiente, ocupados em nos ver fazer as coisas, não devem achar divertidas todas as nossas ações vis, todos os nossos pensamentos ridículos. Talvez estejam na contemplação eterna. E se vêem Deus, como é a Divindade? Que idéia podem nos dar de sua grandeza? Ai! Irrisão! repetem eles. E dizer que há gente que se diz sensata e acredita em todas essas quimeras!

Eu ouvia repetir essas idéias e, como os outros, ria ou lamentava amargamente os adeptos de uma doutrina que, segundo nós, levava à loucura. Muitas vezes me perguntei a razão de semelhante aberração mental no século dezenove.

Um dia encontrei-me livre como todos os meus irmãos terrenos e, chegando a este mundo, que me fizera dar de ombros tantas vezes, eis o que vi:

Conforme as faculdades adquiridas na Terra, os Espíritos buscam o meio que lhes é próprio, a menos que, não podendo estar desprendidos, estejam na noite, nada vendo nem ouvindo, nessa terrível espera que é bem o verdadeiro inferno do Espírito.

A faculdade que tem o Espírito desprendido de ir a qualquer parte por um simples efeito de sua vontade, permite que encontre um meio, onde suas faculdades possam desenvolver-se pelos contrastes e pelas diferenças das idéias. Quando da separação do Espírito e do corpo, é-se conduzido por almas simpáticas junto àqueles que vos esperam, prevendo a vossa chegada.

Naturalmente, fui acolhido por amigos tão incrédulos quanto eu. Mas como neste mundo tão ridicularizado, todas as virtudes estão em evidência, todos os méritos se manifestam, todas as reflexões são bem recebidas, todos os contrastes se transformam numa difusão de luzes. Chamado pela curiosidade a visitar grupos numerosos que preparam outras encarnações, estudando todos os lados que deve elucidar o Espírito destinado a voltar à Terra, fiz uma grande idéia da reencarnação.

Quando um Espírito se prepara para uma nova existência, submete suas idéias às decisões do grupo a que pertence. Este discute; os Espíritos que o compõem vão aos grupos mais avançados ou à Terra; procuram entre vós elementos de aplicação. O Espírito aconselhado, fortificado, esclarecido sobre todos os pontos poderá, doravante, se quiser, seguir seu caminho sem protestar. Terá em sua peregrinação terrena uma multidão de Espíritos invisíveis, que não o perderão de vista; tendo participado em seus trabalhos preparatórios, eles aplaudem os seus resultados, os esforços a vencer, a sua vontade firme que, dominando a matéria, lhe permitiu trazer aos outros encarnados um contingente de quitação e de amor, isto é, o bem, segundo as grandes instruções, segundo Deus, que as dita em todas as afirmações da Ciência, da vegetação, de todos os problemas, enfim, que são a luz do Espírito, quando sabe resolvê-las num sentido racional.

Pertencendo ao grupo de alguns sábios que se ocupam de economia política, aprendi a não desprezar nenhuma das faculdades de que tanto ri outrora; compreendi que o homem,

muito inclinado ao orgulho, recusa-se a admitir, mesmo sem estudo, tudo o que é novo e fora do seu gênero de espírito. Também me disse que muitos de meus antigos amigos seguiam caminho errado, tomando a sombra pela realidade. Todavia, segui o conjunto dos trabalhos da Humanidade, onde nada é inútil. Compreendi mesmo a grande lei da igualdade e da equidade que Deus derramou em todo o elemento humano e me disse que aquele que em nada crê, e que, não obstante faz o bem e ama os seus semelhantes, sem esperança de remuneração, é um Espírito nobre, muito mais nobre que muitos dos que, prevendo outra vida e crendo no progresso do Espírito, esperam uma recompensa. Enfim, aprendi a ser tolerante, vendo essas legiões de Espíritos entregues a tantos trabalhos diversos, multidão inteligente que pressente Deus e procura coordenar todos os elementos do futuro. Disse-me que o homem, esse pigmeu, é de tal modo orgulhoso que se ama e se adora, desprezando os outros, em vez de entregar-se aos grandes instintos e, sobretudo, às idéias sãs e conscienciosas que ensina a vida futura, desenvolvidas pelas idéias espiritualistas e, principalmente, pelo Espiritismo, esta lei magnífica que cada dia mais fortifica a solidariedade do mundo terrestre e o da erraticidade. É ele que vos inicia em nossos pensamentos, em nossas esperanças, em tudo quanto preparamos para o vosso adiantamento, para o fim desejado da geração que logo deve emigrar para as regiões superiores.

Obrigado. Até outra vez.

Gui...

Observação – Este Espírito, do qual demos notável comunicação na *Revista* de dezembro de 1865, era, em vida, um distinto economista, mas imbuído das idéias materialistas, e um dos zombadores do Espiritismo. Todavia, como era um homem adiantado intelectual e moralmente e buscasse o progresso, não demorou em reconhecer o seu erro e seu maior desejo foi trazer

seus amigos ao caminho da verdade. Foi na intenção destes que ditou várias comunicações. Por mais profunda e lógica que seja esta, vê-se que o mundo dos Espíritos ainda não lhe é perfeitamente conhecido. Equivoca-se quando diz que a geração atual em breve deve emigrar para as regiões superiores. Sem dúvida, no grande movimento regenerador que se opera, uma parte dessa geração deixará a Terra por mundos mais adiantados; mas, como a Terra regenerada será, ela própria, mais adiantada do que o é, muitos acharão uma recompensa aqui reencarnando. Quanto aos endurecidos, que aí são uma chaga, como estariam deslocados e constituiriam um entrave ao progresso, por perpetuarem o mal, terão de esperar em mundos mais atrasados que a luz se faça para eles. É o que resulta da generalidade das instruções dadas a respeito pelos Espíritos.

SUSPENSÃO DA ASSISTÊNCIA DOS ESPÍRITOS

(Douai, 13 de outubro de 1865)

Num grupo modelo, que punha em prática os deveres espíritas, notava-se com surpresa que certos Espíritos de escol, freqüentadores habituais, desde algum tempo se abstinham de dar instruções, o que motivou a seguinte pergunta:

P. – Por que os Espíritos elevados, que habitualmente nos assistem, comunicam-se mais raramente conosco?

Resp. – Caros amigos, há duas causas para este abandono de que vos queixais. Em primeiro lugar não é um abandono; é apenas um afastamento momentâneo e necessário. Sois como escolares que, bem instruídos e bem *dotados* de repetições preliminares, são obrigados a fazer os seus deveres sem o concurso dos professores; buscam na memória; espreitam um sinal, espiam uma palavra de socorro: nada vem, nada *deve* vir.

Esperais nossos encorajamentos, nossos conselhos sobre a vossa conduta, sobre as vossas determinações: nada vos

satisfaz, porque nada vos deve satisfazer. Fostes contemplados com ensinamentos sábios, afetuosos, encorajamentos freqüentes, cheios de amenidade e de verdadeira sabedoria; tivestes inúmeras provas de nossa presença, da eficácia da nossa ajuda; a fé vos foi dada, comunicada; vós a tomastes, raciocinastes, adotastes; numa palavra, como o escolar, fostes *dotados* para o *dever*. É preciso fazê-lo sem erros, com os vossos próprios recursos, e não mais com o nosso concurso. Onde estaria o vosso mérito? Não poderíamos senão repetir incessantemente a mesma coisa. Cabe-vos agora aplicar o que vos ensinamos. É preciso voar com as próprias asas e marchar sozinho.

Em dado momento, Deus fornece uma arma e uma força a cada homem, a fim de que estes continuem a vencer novos perigos. O momento em que uma força nova se lhe revela é sempre para ele uma hora de alegria, de entusiasmo. Então a fé ardente aceita toda dor sem analisá-la, porque o amor não conta as penas; mas depois destas instantaneidades, que são a festa, é preciso o trabalho, e o trabalho só. A alma acalmou-se, o coração abrandou-se e eis que chegam a luta e a provação; eis o inimigo; é preciso agüentar o choque; é o momento decisivo. Então, que o amor vos transporte e vos faça desprezar a Terra! É preciso que o vosso coração fique vitorioso dos vis instintos do egoísmo e do abatimento; é a prova.

Desde muito tempo vos temos advertido que teríeis necessidade de estreitar os vossos laços, de vos unir, de vos fortalecer para a luta. O momento é chegado, e nele já estais. Como ireis sustentá-la? Nada mais podemos fazer, do mesmo modo que o professor não pode soprar a composição ao aluno. Ganhará o prêmio? Isto depende do proveito que tiver extraído das lições que recebeu. Assim é convosco. Possuis um código de instruções suficientes para vos conduzir até um determinado ponto. Lede novamente essas instruções, meditai-as e não peçais outras antes de as ter aplicado seriamente, pois só nós somos os juízes; e quando

chegardes ao ponto em que elas forem insuficientes, em relação ao vosso progresso moral, nós bem saberemos dar-vos outras.

A segunda razão desta espécie de isolamento de que vos queixais é esta: muitos de vossos conselheiros simpáticos têm, junto a outros homens, missões análogas às que, de início, quiseram desempenhar junto a vós; e essa quantidade de evocações de que são objeto muitas vezes os desviam de serem assíduos em vosso grupo. Vossa amiga Madalena desempenha longe um mandato difícil, e suas solicitudes, estando junto a vós, alcançam também aqueles a quem ela se sacrifica para salvar. Mas todo o vosso mundo vos voltará; em dado momento reencontrareis os vossos amigos reunidos como outrora, no mesmo pensamento de simpático concurso junto aos seus protegidos. Aproveitai esse tempo para o vosso melhoramento, a fim de que, quando vierem, eles possam dizer: estamos contentes convosco.

Pamphile, *Espírito protetor*

Observação – Esta comunicação é uma resposta aos que se queixam da uniformidade do ensino dos Espíritos. Se refletirmos no número de verdades que nos ensinaram, veremos que nos oferecem vastíssimo campo à meditação, até que as tenhamos assimilado e deduzido todas as suas aplicações. Que diriam de um doente que diariamente pedisse um novo remédio ao seu médico, sem seguir as suas prescrições? *Se os Espíritos não nos ensinam novidades todos os dias, com o auxílio da chave que nos puseram nas mãos, e das leis que nos revelaram, por nós mesmos aprendemos novidades todos os dias, explicando o que, para nós, era inexplicável.*

O TRABALHO

(Extraído do jornal espírita italiano *La Voce di Dio* – Traduzido do italiano)

A medida do trabalho imposto a cada Espírito, encarnado ou desencarnado, é a certeza de ter realizado

escrupulosamente a missão que lhe foi confiada. Ora, cada um tem uma missão a cumprir: este, numa grande escala, aquele em escala menor. Entretanto, relativamente, as obrigações são todas iguais e Deus vos pedirá conta do óbolo posto em vossas mãos. Se ganhastes uma vantagem, se dobrastes a soma, certamente cumpristes o vosso dever, porque obedecestes à ordem suprema. Se, em vez de ter aumentado este óbolo o tivésseis perdido, é certo que teríeis abusado da confiança que o vosso Criador tinha depositado em vós; por isso, sereis tratado como um ladrão, porque tomastes e não restituístes; longe de aumentar, dissipastes. Ora, se, como acabo de dizer, cada criatura é obrigada a receber e dar, quanto mais, espíritas, tendes de obedecer a essa lei divina, tanto mais esforço deveis fazer para cumprir este dever perante o Senhor, que vos escolheu para partilhar seus trabalhos e vos convidou à sua mesa. Pensai, meus irmãos, que o dom que vos é dado é um dos soberanos bens de Deus. Não vos envaideçais por isto, mas envidai todos os esforços para merecer este alto favor. Se os títulos que poderíeis receber de um grande da Terra, se os seus favores são algo de belo aos vossos olhos, tanto mais vos deveríeis sentir felizes com os dons do senhor dos mundos; dons incorruptíveis e imperecíveis, que vos elevam acima de vossos irmãos e para vós serão a fonte de alegrias puras e santas!

Mas quereis ser os seus únicos possuidores? Como egoístas, quereríeis guardar só para vós tanta felicidade e alegria? Oh! não; fostes escolhidos como depositários. As riquezas que brilham aos vossos olhos não são vossas, mas pertencem a todos os vossos irmãos em geral. Deveis, pois, aumentá-las e distribuí-las. Como o bom jardineiro que conserva e multiplica suas flores, e vos apresenta no rigor do inverno as delícias da primavera; como no triste mês de novembro nascem rosas e lírios, assim estais encarregados de semear e cultivar em vosso campo moral, flores de todas as estações, flores que desafiarão o sopro do aquilão e o vento sufocante do deserto; flores que, uma vez desabrochadas em

seus pedicelos, não passarão nem jamais murcharão; mas, brilhantes e vivazes, serão o emblema da verdura e das cores eternas. O coração humano é um solo fértil em afeição e em doces sentimentos, um campo cheio de sublimes aspirações, quando cultivado pelas mãos da caridade e da religião.

Oh! não reserveis apenas para vós esses pedúnculos sobre os quais crescem sempre tão doces frutos! Oferecei-os aos vossos irmãos, convidai-os a vir saborear, sentir o perfume de vossas flores, a aprender a cultivar os vossos campos. Nós vos assistiremos, encontraremos regatos frescos que, correndo suavemente, darão força às plantas exóticas, que são os germes da terra celeste. Vinde! trabalharemos convosco, partilharemos vossa fadiga, a fim de que também possais acumular esses bens e deles fazer participar outros irmãos, em caso de necessidade. Deus nos dá e nós, reconhecidos por seus dons, os multiplicamos o mais possível. Deus nos incumbe da nossa própria melhoria e da dos outros; cumpriremos nossas obrigações e santificaremos sua vontade sublime.

Espíritas, é a vós que me dirijo. Preparamos o vosso campo; agora agi de maneira que todos que necessitarem possam fruir largamente. Lembrai-vos de que todos os ódios, todos os rancores, todas as inimizades devem desaparecer diante de vossos deveres: instruir os ignorantes, assistir os fracos, ter compaixão dos aflitos, defender os inocentes, lastimar os que estão no erro e perdoar aos inimigos. Todas essas virtudes devem crescer em abundância no vosso campo, e deveis implantá-las nos dos vossos irmãos. Recolhereis uma ampla colheita e sereis abençoados por vosso Pai, que está nos céus!

Meus caros filhos, quis dizer-vos todas essas coisas, a fim de vos encorajar a suportar com paciência todos aqueles que, inimigos da nova doutrina, buscam vos denegrir e vos afligir. Deus

está convosco, não o duvideis. A palavra de nosso Pai celeste desceu ao vosso globo, como no dia da Criação. Ele vos envia uma nova luz, luz cheia de esplendor e de verdade.

Aproximai-vos, ligai-vos estreitamente a ele e segui corajosamente o caminho que se abre à vossa frente.

Santo Agostinho

Notas Bibliográficas

OS EVANGELHOS EXPLICADOS

Pelo Sr. Roustaing[13]

Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com a ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*. As partes correspondentes às que tratamos em *O Evangelho segundo o Espiritismo* o são em sentido análogo. Aliás, como nos limitamos às máximas morais que, com raras exceções, geralmente são claras, elas não poderiam ser interpretadas de diversas maneiras; por isso jamais foram assunto de controvérsias religiosas. Foi por esta razão que por aí começamos, a fim de ser aceito sem contestação, esperando, quanto ao resto, que a opinião geral estivesse mais familiarizada com a idéia espírita.

13 Os Quatro Evangelhos, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e em verdade pelos evangelistas, assistidos pelos apóstolos. Recolhidos e coordenados por J.-B. Roustaing, advogado na corte imperial de Bordeaux, antigo bastonário. – 3 vols. In-12. – Preço: 10 fr. 50. – Paris, Librairie centrale, 24, boulevard des Italiens. – Bordeaux, todos os livreiros.

O autor desta nova obra julgou dever seguir outro caminho; em vez de proceder por gradação, quis atingir o fim de um salto. Assim, tratou certas questões que não tínhamos julgado oportuno abordar ainda e das quais, por conseqüência, lhe deixamos a responsabilidade, bem como aos Espíritos que as comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, até nova ordem não daremos às suas teorias nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de as sancionar ou as contraditar. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todo o caso, necessitam da sanção do controle universal, e, até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita.

Quando tratarmos destas questões, fá-lo-emos categoricamente. Mas é que então teremos recolhido documentos bastante numerosos nos ensinos dados *de todos os lados* pelos Espíritos, a fim de poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar *de acordo com a maioria*; é assim que temos feito, toda vez que se trata de formular um princípio capital. Já dissemos cem vezes: Para nós a opinião de um Espírito, seja qual for o nome que traga, tem apenas o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma lógica rigorosa, para as coisas que não podemos controlar com os próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como verdade absoluta se, mais tarde, devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos?

Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*. Nossas observações assentam sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, que ele dá ao Cristo, em vez de um corpo carnal, um corpo fluídico

concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um *agênere*. Aos olhos dos homens que então não tivessem podido compreender sua natureza espiritual, deve ter passado *em aparência*, expressão incessantemente repetida no curso de toda a obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, posto como premissa e pedra angular, é a base sobre a qual ele se apóia para a explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

Sem dúvida nada há nisso de materialmente impossível para quem quer que conheça as propriedades do invólucro perispiritual. Sem nos pronunciarmos a favor ou contra essa teoria, diremos que ela é, pelo menos, hipotética, e que se um dia fosse reconhecida errônea, faltando a base, o edifício desabaria. Esperamos, pois, os numerosos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos Espíritos, e que contribuirão para elucidar a questão. Sem a prejulgar, diremos que já foram feitas sérias objeções a essa teoria, e que, em nossa opinião, os fatos podem perfeitamente ser explicados sem sair das condições da humanidade corporal.

Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, em nada diminuem a importância desta obra, que, ao lado de coisas duvidosas, em nosso ponto de vista, encerra outras incontestavelmente boas e verdadeiras, e será consultada com proveito pelos espíritas sérios.

Se o fundo de um livro é o principal, a forma não é para desdenhar e também concorre com algo para o sucesso. Achamos que certas partes são desenvolvidas muito extensamente, sem proveito para a clareza. A nosso ver, se a obra se tivesse limitado ao estritamente necessário, poderia ter sido reduzida a dois, ou mesmo a um só volume, com isso ganhando em popularidade.

LA VOCE DI DIO

A Voz de Deus, *jornal ditado pelos Espíritos*, na Sociedade de Scordia, Sicília[14]

A Itália conta uma nova publicação espírita periódica. Esta é exclusivamente consagrada ao ensino dos Espíritos. Com efeito, o primeiro número só contém produções mediúnicas, inclusive o prefácio e o discurso preliminar. Eis a lista dos assuntos tratados nesse número:

Prefácio, conselhos dados à Sociedade para a formação do jornal. – Discurso preliminar, assinado por Santo Agostinho. – Alegoria sobre o Espiritismo. – Reverberação da alma. – Previsões. – Arrependimento de um Espírito sofredor, conversa. – O trabalho. – A morte do Cristo. – A prece coletiva. Resposta a uma pergunta feita.

Todas essas comunicações trazem uma marca incontestável de superioridade, do ponto de vista da moral e da elevação dos pensamentos. Delas se pode fazer uma idéia por aquele sobre *O Trabalho*, que publicamos acima.

Os Espíritos terão, pois, *o seu jornal* e certamente não faltarão redatores. Mas, assim como entre os encarnados, aí os há de todos os graus de mérito. Contamos com o julgamento dos *editores* para uma escolha rigorosa entre essas produções de além-túmulo, que só terão a ganhar em clareza e interesse se, conforme as circunstâncias, forem acompanhadas de alguns comentários.

Allan Kardec

14 Pequeno in-8º , edição mensal. – Preço para a Itália: 6 fr. por ano; 3 fr. por seis meses. Um número: 60 centavos. – Endereço: Al signor Dr. Giuseppe Modica, in Scordia (Sicília).

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO IX JULHO DE 1866 Nº 7

Projeto de Caixa Geral de Socorro e outras Instituições para os Espíritas

Num dos grupos espíritas de Paris um médium recebeu, ultimamente, a seguinte comunicação do Espírito de sua avó:

"Meu caro filho, vou falar-te um instante das questões de caridade que te preocupavam esta manhã quando ias ao trabalho.

"As crianças que são entregues a amas mercenárias; as mulheres pobres que são forçadas, abdicando do pudor que lhes é caro, a servir nos hospitais de material experimental aos médicos e aos estudantes de Medicina, são duas grandes chagas que todos os bons corações devem aplicar-se em curar, e isto não é impossível. Que os espíritas façam como os católicos, contribuindo com alguns centavos por semana e capitalizando esses recursos, de modo a chegarem a fundações sérias, grandes e verdadeiramente eficazes. A caridade que alivia um mal presente é uma caridade santa, que encorajo com todas as minhas forças; mas a caridade que se perpetua nas fundações imortais, destinada a aliviar as misérias, é a

caridade inteligente e que me tornaria feliz ao vê-la posta em prática.

"Gostaria que um trabalho fosse elaborado visando a criar, inicialmente, um primeiro estabelecimento de proporções restritas. Quando se tivesse visto o bom resultado dessa primeira criação, passar-se-ia a outra, que seria aumentada pouco a pouco, como Deus quer que seja aumentada, porque o progresso se realiza em marcha lenta, sábia, calculada. Repito que o que proponho não é difícil; não haveria um só espírita verdadeiro que ousasse faltar ao apelo para o alívio de seus semelhantes, e os espíritas são bastante numerosos para formar, pelo acúmulo de algumas moedas por semana, um capital suficiente para um primeiro estabelecimento destinado a mulheres doentes, que seriam cuidadas por mulheres e que então deixariam de ocultar seus sofrimentos para salvar o seu pudor.

"Entrego estas reflexões às meditações das pessoas benevolentes que assistem à sessão e estou bem convicta de que elas darão bons frutos. Os grupos da província se congregariam prontamente a uma idéia tão bela e, ao mesmo tempo, tão útil e tão paternal. Aliás seria um monumento do valor moral do Espiritismo, tão caluniado, hoje e ainda por muito tempo, encarniçadamente.

"Eu disse que a caridade local é boa, aproveita a um indivíduo mas não eleva o espírito das massas como uma obra durável. Não seria belo que se pudesse repelir a calúnia, dizendo aos caluniadores: 'Eis o que fizemos. Reconhece-se a árvore pelo fruto; uma árvore má não dá bons frutos e uma boa árvore não os dá maus.'

"Pensai também nas pobres crianças que saem dos hospitais e que vão morrer em mãos mercenárias, dois crimes simultâneos: o de entregar a criança desarmada e fraca, e o crime daquele que a sacrificou sem piedade. Que todos os corações

elevem seus pensamentos para as tristes vítimas da sociedade imprevidente, e que se esforcem por encontrar uma boa solução para as salvar de suas misérias. Deus quer que se tente, e dá os meios de o alcançar; é preciso agir. Triunfa-se quando se tem fé, e a fé transporta montanhas. Que o Sr. Kardec trate a questão em seu jornal e vereis como será aclamada com calor e entusiasmo.

"Eu disse que era preciso um monumento material que atestasse a fé dos espíritas, como as pirâmides do Egito atestam a vaidade dos faraós; mas, em vez de fazer loucuras, fazei obras que levem o selo do próprio Deus. Todo mundo deve compreender-me; não insisto.

"Retiro-me, meu caro filho. Como vês, tua boa avó ama sempre os seus filhotes, como te amava quando eras pequenino. Quero que tu os ames como eu, e que penses em encontrar uma boa organização. Poderás, se o quiseres; e, se necessário, nós te ajudaremos. Eu te abençôo."

Marie G...

A idéia de uma caixa central e geral de socorro, formada entre os espíritas, já foi concebida e manifestada por homens animados de excelentes intenções. Mas não basta que uma idéia seja grande, bela e generosa; antes de tudo é preciso que seja exeqüível. Certamente temos dado mostras suficientes de nosso devotamento à causa do Espiritismo, para não ser suspeito de indiferença a seu respeito. Ora, é precisamente em razão de nossa própria solicitude que procuramos nos resguardar contra o entusiasmo que cega. Antes de empreender uma coisa, é preciso friamente calcular-lhe os prós e os contras, a fim de evitar reveses sempre deploráveis, que não deixariam de ser explorados por nossos adversários. O Espiritismo só deve marchar com segurança, e quando põe o pé num lugar deve estar seguro de pisar terreno firme. Nem sempre a vitória é do mais apressado, mas com muito

mais probabilidade daquele que sabe esperar o momento propício. Há resultados que não podem ser senão obra do tempo e da infiltração da idéia no espírito das massas. Saibamos, pois, esperar que a árvore esteja formada, antes de lhe pedir uma colheita abundante.

Desde muito tempo nós vos propúnhamos tratar a fundo esta questão, para a colocar em seu verdadeiro terreno e premunir contra as ilusões de projetos mais generosos do que sensatos, e cujo insucesso teria conseqüências lamentáveis. A comunicação relatada acima, e sobre a qual houveram por bem pedir a nossa opinião, nos fornece uma ocasião muito natural. Examinaremos, pois, tanto o projeto de centralização dos recursos, quanto o de algumas outras instituições e estabelecimentos especiais para o Espiritismo.

Antes de tudo convém dar-se conta do estado real das coisas. Sem dúvida os espíritas são muito numerosos, e seu número cresce sem cessar. Sob esse aspecto oferece um espetáculo único, o de uma propagação inaudita na história das doutrinas filosóficas, porque não há uma só, sem excetuar o Cristianismo, que tenha congregado tantos partidários em tão poucos anos. Isto é um fato notório, que confunde os próprios antagonistas. E o que não é menos característico, é que essa propagação, em vez de fazer-se num centro único, opera-se simultaneamente em toda a superfície do globo e em milhares de centros. Disso resulta que os adeptos, a despeito de serem muito numerosos, ainda não formam uma aglomeração compacta.

Essa dispersão, que à primeira vista parece uma causa de fraqueza, é, ao contrário, um elemento de força. Cem mil espíritas disseminados numa região fazem mais pela propagação da idéia do que se estivessem amontoados numa cidade. Cada individualidade é um foco de ação, um germe que produz rebento; por sua vez, cada rebento produz mais ou menos e os ramos se

reúnem pouco a pouco e cobrem a região mais prontamente do que se a ação partisse de um ponto único; é absolutamente como se um punhado de grãos fosse lançado ao vento, em vez de serem postos todos juntos no mesmo buraco. Além disso, por esta quantidade de pequenos centros a doutrina é menos vulnerável do que se tivesse um só, contra o qual seus inimigos poderiam assestar todas as suas forças. Um exército primitivamente compacto, dispersado pela força ou por outra causa qualquer, é um exército perdido. Aqui o caso é completamente diferente: a disseminação dos espíritas não é um caso de dispersão, mas um estado primitivo tendendo à concentração, para formar uma vasta unidade. A primeira está no fim; a segunda no seu nascimento.

Àqueles, pois, que se queixam do seu isolamento numa localidade, respondemos: Ao contrário, agradecei ao céu por vos haver escolhido como pioneiros da obra em vossa região. Cabe a vós lançar as primeiras sementes; talvez não germinem imediatamente; talvez não recolhereis os frutos; talvez mesmo tenhais de sofrer em vosso labor, mas pensai que não se prepara uma terra sem trabalho e ficai certos de que, mais cedo ou mais tarde, o que tiverdes semeado frutificará. Quanto mais ingrata a tarefa, mais mérito tereis, ainda que somente abrísseis caminho aos que vierem depois de vós.

Certamente, se os espíritas devessem ficar sempre no estado de isolamento, seria uma causa permanente de fraqueza; mas a experiência prova a que ponto a doutrina é vivaz e sabe-se que por um ramo abatido há dez que renascem. Sua generalização, pois, é uma questão de tempo. Ora, por mais rápida que seja a sua marcha, ainda é preciso tempo suficiente e, enquanto se trabalha a obra, é preciso saber esperar que o fruto esteja maduro antes de o colher.

Esta disseminação momentânea dos espíritas, essencialmente favorável à propagação da doutrina, é um obstáculo

à execução de obras coletivas de certa importância, pela dificuldade, se não mesmo pela impossibilidade, de reunir num mesmo ponto elementos suficientemente numerosos.

Dirão que é precisamente para remediar esse inconveniente, para apertar os laços de confraternidade entre os membros isolados da grande família espírita, que se propôs a criação de uma caixa central de socorro. Na verdade é um pensamento grande e generoso, que seduz à primeira vista; mas já se refletiu nas dificuldades de execução?

Uma primeira questão se apresenta. Até onde se estenderia a ação dessa caixa? Limitar-se-ia à França, ou compreenderia os outros países? Há espíritas em todo o globo. Não são nossos irmãos os de todos os países, de todas as castas e de todos os cultos? Se, pois, a caixa recebesse contribuições de espíritas estrangeiros, o que aconteceria infalivelmente, teria o direito de limitar sua assistência a uma única nacionalidade? Poderia, conscienciosamente e caridosamente, perguntar ao que sofre se é russo, polonês, alemão, espanhol, italiano ou francês? A menos que faltasse ao seu título, ao seu objetivo, ao seu dever, deveria estender sua ação do Peru à China. Basta pensar na complicação da máquina administrativa de uma tal empresa para ver quanto ela é quimérica.

Supondo que se circunscrevesse à França, não seria menos uma administração colossal, um verdadeiro ministério. Quem quereria assumir a responsabilidade de uma tal gerência de fundos? Para uma gestão dessa natureza não bastariam a integridade e o devotamento: seria necessária uma alta capacidade administrativa. Admitamos, contudo, vencidas as primeiras dificuldades; como exercer um controle eficaz sobre a extensão e a realidade das necessidades, sobre a sinceridade da qualidade de espírita? Semelhante instituição logo veria surgirem adeptos, ou que se dizem como tais, aos milhões, mas não seriam estes que

alimentariam a caixa. Do momento em que esta existisse, julgá-la-iam inesgotável, e em breve ela se veria impossibilitada de satisfazer a todas as exigências de seu mandato. Fundada em tão vasta escala, consideramo-la como impraticável, e por nossa conta pessoal não lhe daríamos a mão.

Além disso, não seria de temer que ela encontrasse oposição à sua própria constituição? O Espiritismo apenas nasce e ainda não está, por toda parte, em estado de perfeição espiritual para que se julgue ao abrigo de suposições malevolentes. Não poderiam enganar-se quanto às suas intenções numa operação desse gênero? supor que, sob uma capa, oculte outro objetivo? numa palavra, fazer assimilações de que seus adversários alegariam exceção de justiça, para excitar a desconfiança contra si? Por sua natureza, o Espiritismo não é e nem pode ser uma filiação, nem uma congregação. Deve, pois, no seu próprio interesse, evitar tudo quanto lhe desse tal aparência.

Então é preciso que, por medo, o Espiritismo fique estacionário? Não é agindo, dirão, que ele mostrará o que é, que dissipará as desconfianças e frustrará a calúnia? Sem nenhuma dúvida; mas não se deve pedir à criança o que exige as forças da idade viril. Longe de servir ao Espiritismo, seria comprometê-lo e expô-lo aos golpes e às gargalhadas dos adversários e misturar seu nome a coisas quiméricas. Certamente ele deve agir, mas no limite do possível. Deixemos-lhe, pois, tempo para adquirir as forças necessárias e então dará mais do que se pensa. Ele nem mesmo está completamente constituído em teoria; como querem que dê o que só pode ser resultado do complemento da doutrina?

Aliás há outras considerações que importa levar em conta.

O Espiritismo é uma crença filosófica e basta simpatizar com os princípios fundamentais da doutrina para ser

espírita. Falamos dos espíritas convictos, e não dos que lhe tomam a máscara, por motivos de interesse ou outros, igualmente inconfessáveis. Esses não fazem número; neles não há nenhuma convicção; hoje se dizem espíritas, na esperança de aí encontrar vantagens; amanhã serão adversários, se não encontrarem o que procuravam; ou então se farão de vítimas de seu devotamento fictício, e acusarão os espíritas de ingratidão por não os sustentar. Não seriam os últimos a explorar a caixa geral, para se indenizarem de especulações frustras ou repararem desastres causados por sua incúria ou sua imprevidência, e a lhe atirarem a pedra, se ela não os satisfaz. Não é para admirar, pois todas as opiniões contam com semelhantes auxiliares e vêem a representação de semelhantes comédias.

Há também a massa considerável dos espíritas de intuição; os que o são pela tendência e a predisposição de suas idéias, sem estudo prévio; os indecisos, que ainda flutuam, esperando os elementos de convicção que lhes são necessários. Podemos, sem exagero, avaliá-los em um quarto da população. É o grande reservatório onde se recrutam os adeptos, mas ainda não contam no número.

Entre os espíritas reais – os que constituem o verdadeiro corpo dos aderentes – há certas distinções a fazer. Em primeira linha deve-se colocar os adeptos de coração, animados de uma fé sincera, que compreendem o objetivo e o alcance da doutrina e lhe aceitam todas as conseqüências para si mesmos; seu devotamento é a toda prova e sem segunda intenção; os interesses da causa, que são os da Humanidade, lhes são sagrados e jamais os sacrificam a uma questão de amor-próprio ou de interesse pessoal. Para eles o lado moral não é simples teoria: esforçam-se por pregar pelo exemplo; não só têm a coragem de sua opinião: disto fazem uma glória e, se necessário, sabem pagar com sua pessoa.

Em seguida vêm os que aceitam a idéia como filosofia, porque lhes satisfaz à razão, mas cuja fibra moral não é suficientemente tocada para compreender as obrigações que a doutrina impõe aos que a assimilam. O homem velho está sempre lá e a reforma de si mesmos lhes parece uma tarefa por demais pesada; mas como não estão menos firmemente convencidos, entre eles encontram-se propagadores e defensores zelosos.

Depois há as pessoas levianas, para quem o Espiritismo está todo inteiro nas manifestações. Para estes é um fato, e nada mais; o lado filosófico passa despercebido; o atrativo da curiosidade é o seu principal móvel: extasiam-se perante um fenômeno e ficam frios diante de uma conseqüência moral.

Finalmente, há o número ainda muito grande dos espíritas mais ou menos sérios, que não puderam colocar-se acima dos preconceitos e do que dirão, contidos pelo temor do ridículo; aqueles que considerações pessoais ou de família, com interesses por vezes respeitáveis a gerir, de algum modo são forçados a manter-se afastados. Todos esses, numa palavra, que por uma causa ou por outra, boa ou má, não se põem em evidência. A maior parte não desejaria mais do que se confessar, mas não ousam ou não o podem. Isto virá mais tarde, à medida que virem outros fazê-lo e que não houver perigo; serão os espíritas de amanhã, como outros são os da véspera. Todavia, não se pode exigir muito deles, porque é preciso uma força de caráter que não é dada a todos, para enfrentar a opinião em certos casos. É preciso, pois, levar em conta a fraqueza humana. O Espiritismo não tem o privilégio de transformar subitamente a Humanidade e se nos podemos admirar de alguma coisa, é do número de reformas que ele já operou em tão pouco tempo; enquanto nuns, onde ele encontra o terreno preparado, entra, por assim dizer, de uma vez, noutros só penetra gota-a-gota, conforme a resistência que encontra no caráter e nos hábitos.

Todos esses adeptos contam no número, e por mais imperfeitos que sejam, são sempre úteis, embora em limites restritos. Até nova ordem, se só servissem para diminuir as fileiras da oposição, já seria alguma coisa. É por isso que não se pode desdenhar nenhuma adesão sincera, mesmo parcial.

Mas, quando se trata de uma obra coletiva importante, onde cada um deve trazer seu contingente de ação, como seria a de uma caixa geral, por exemplo, convém ter em mente essas considerações, porque a eficácia do concurso que se pode esperar está na razão da categoria à qual pertencem os adeptos. É bem evidente que não se pode contar muito com os que não levam a sério o lado moral da doutrina e, ainda menos, com os que não ousam mostrar-se.

Restam, pois, os adeptos da primeira categoria. Destes, certamente, tudo se pode esperar; são soldados de vanguarda, não esperando, na maioria das vezes, senão serem chamados, quando se trata de dar prova de abnegação e de devotamento. Mas numa cooperação financeira, cada um contribui conforme os seus recursos e o pobre só pode dar o seu óbolo. Aos olhos de Deus este óbolo tem grande valor, mas para as necessidades materiais tem apenas o seu valor intrínseco. Desfalcando todos aqueles cujos meios de subsistência são limitados, aqueles mesmos que só pensam no dia de hoje, o número dos que poderiam contribuir um pouco largamente e de maneira eficaz é relativamente restrito.

Uma observação ao mesmo tempo interessante e instrutiva é a da proporção dos adeptos segundo as categorias. Essa proporção variou sensivelmente e se modifica em razão dos progressos da doutrina. Mas neste momento pode ser avaliada, aproximadamente, da maneira seguinte: 1ª categoria – espíritas completos, de coração e devotamento: 10%; 2ª categoria – espíritas incompletos, buscando mais o lado científico que o lado moral: 25%; 3ª categoria – espíritas levianos, os que só se interessam pelos

fatos materiais: 5% (esta proporção era inversa há dez anos); 4ª categoria – espíritas não confessos ou que se ocultam: 60%.

Relativamente à posição social, pode-se fazer duas classes gerais: de um lado, aqueles cuja fortuna é independente; do outro, os que vivem de seu trabalho. Em 100 espíritas da primeira categoria, há em média 5 ricos contra 95 trabalhadores; na segunda, 70 ricos e 30 trabalhadores; na terceira, 80 ricos e 20 trabalhadores; na quarta, 99 ricos e 1 trabalhador.

Desse modo, seria ilusão pensar que em tais condições uma caixa geral pudesse satisfazer a todas as necessidades, quando a do mais rico banqueiro não seria suficiente. Não bastariam alguns milhares de francos anualmente, mas milhões.

De onde vem essa diferença na proporção entre os ricos e os que não o são? A razão é muito simples: os aflitos encontram no Espiritismo um imenso consolo, que os ajuda a suportar o fardo das misérias da vida; dá-lhes a razão dessas misérias e a certeza de uma compensação. Não é, pois, surpreendente que, gozando mais benefício, o apreciem mais e o tomem mais a peito que os felizes do mundo.

Admiram-se de que, quando semelhantes projetos vieram à tona, não nos tivéssemos apressado em os apoiar e patrocinar. É que, antes de tudo, nos apegamos a idéias positivas e práticas; para nós o Espiritismo é uma coisa muito séria, para o comprometer prematuramente em caminhos onde pudesse encontrar decepções. De nossa parte, não há nisso nem indiferença, nem pusilanimidade, mas prudência, e sempre que estiver maduro para ir à frente, não ficaremos na retaguarda. Não que nos atribuamos mais perspicácia do que aos outros; mas como a nossa posição nos permite a visão de conjunto, podemos julgar o forte e o fraco talvez melhor do que os que se acham num círculo restrito. Aliás, damos a nossa opinião e não pretendemos impô-la a ninguém.

O que acaba de ser dito a respeito da criação de uma caixa geral e central de socorro, aplica-se naturalmente aos projetos de fundação de estabelecimentos hospitalares e outros. Ora, aqui a utopia é ainda mais evidente. Se é fácil lançar um projeto sobre o papel, o mesmo não se dá quando se chega às vias e meios de execução. Construir um edifício *ad hoc* já é muito; e quando estivesse pronto, seria preciso provê-lo de pessoal suficiente e *capaz*, e depois assegurar a sua manutenção, porque tais estabelecimentos custam muito e nada rendem. Não são apenas grandes capitais que se exigem, mas grandes rendimentos. Admitindo-se, contudo, que à força de perseverança e de sacrifícios se chegasse a criar um pequeno modelo, quão mínimas não seriam as necessidades a que poderia satisfazer, em relação à massa e à disseminação dos necessitados em um vasto território! Seria uma gota d'água no oceano; e, se há tantas dificuldades para um só, mesmo em pequena escala, seria muito pior se se tratasse de os multiplicar. Na realidade, o dinheiro assim empregado não adiantaria, pois, senão a alguns indivíduos, ao passo que, judiciosamente repartido, ajudaria a viver um grande número de infelizes.

Seria um modelo, um exemplo; seja. Mas, por que se esforçar por criar quimeras, quando as coisas existem prontas, montadas, organizadas, com meios mais poderosos do que jamais disporão os particulares? Esses estabelecimentos deixam a desejar; há abusos, não correspondem a todas as necessidades, isto é evidente e, contudo, se os comparamos ao que eram há menos de um século, constatamos uma imensa diferença e um progresso constante; cada dia vemos a introdução de um melhoramento. Não se poderia, pois, duvidar que com o tempo novos progressos fossem realizados pela força das coisas. As idéias espíritas devem, infalivelmente, apressar a reforma de todos os abusos, porque, melhor que outras, penetram os homens com o sentimento de seus deveres. Por toda parte onde se introduzem, os abusos caem e o progresso se realiza. Devemos, pois, nos empenhar em as espalhar: aí está a coisa possível e prática, a verdadeira alavanca, alavanca

irresistível, quando tiver adquirido a força suficiente pelo desenvolvimento completo dos princípios e pelo número dos aderentes sérios.

A julgar do futuro pelo presente, pode-se afirmar que o Espiritismo terá levado à reforma de muitas coisas muito antes que os espíritas tenham podido acabar o primeiro estabelecimento do gênero desse de que falamos, se algum dia o empreendessem, mesmo que tivessem de dar um centavo por semana. Por que, então, consumir energias em esforços supérfluos, em vez de concentrá-las num ponto acessível e que seguramente deve conduzir ao objetivo? Mil adeptos ganhos à causa e espalhados em mil locais diferentes apressarão mais a marcha do progresso do que um edifício.

O Espiritismo, diz o Espírito que ditou a comunicação acima, deve firmar-se e mostrar o que é por um monumento durável, erguido à caridade. Mas de que serviria um monumento à caridade, se a caridade não estiver no coração? Ele ergue um mais durável que um monumento de pedra: é a doutrina e suas conseqüências para o bem da Humanidade. É nisto que cada um deve trabalhar com todas as suas forças, porque durará mais que as pirâmides do Egito.

Pelo fato de esse Espírito se enganar, segundo nós, sobre tal ponto, isto nada lhe retira de suas qualidades; incontestavelmente está animado de excelentes sentimentos. Mas um Espírito pode ser muito bom, sem ser um apreciador infalível de todas as coisas. Nem todo bom soldado é, necessariamente, um bom general.

Um projeto de realização menos quimérica é o da formação de sociedades de socorros mútuos entre os espíritas de uma mesma localidade. Mas, ainda aqui, não se pode escapar a algumas das dificuldades que assinalamos: a falta de aglomeração e

a cifra ainda restrita daqueles com os quais se pode contar para um concurso efetivo. Outra dificuldade vem da falsa assimilação que fazem dos espíritas e de certas classes de indivíduos. Cada profissão apresenta uma delimitação claramente marcada. Pode-se facilmente estabelecer uma sociedade de socorros mútuos entre gente de uma mesma profissão, entre os de um mesmo culto, porque se distinguem por algo de característico, e por uma posição de certo modo oficial e reconhecida. Assim não se dá com os espíritas que, como tais, não são registrados em parte alguma e cuja crença não é constatada por nenhum diploma. Há-os em todas as classes da sociedade, em todas as profissões, em todos os cultos, e em parte alguma constituem uma classe distinta. Sendo o Espiritismo uma crença fundada numa convicção íntima, *da qual não se devem contas a ninguém*, quase que só se conhecem os que se põem em evidência ou freqüentam os grupos, e não o número muito mais considerável dos que, sem se ocultar, não participam de nenhuma reunião regular. Eis, por que, apesar da certeza de que os adeptos são numerosos, muitas vezes é difícil chegar a uma cifra bastante, quando se trata de uma operação coletiva.

Com respeito às sociedades de socorros mútuos, apresenta-se uma outra consideração. O Espiritismo não forma, nem deve formar classe distinta, já que se dirige a todos; por seu princípio mesmo deve estender sua caridade indistintamente, sem inquirir da crença, porque todos os homens são irmãos; se fundar instituições de caridade exclusivas para os seus adeptos, será forçado a perguntar a quem reclama assistência: "Sois dos nossos? Que provas nos dais? Se não, nada podemos fazer por vós." Assim, mereceria a censura de intolerância, que dirige aos outros. Não; para fazer o bem, o espírita não deve sondar a consciência e a opinião e, ainda que tivesse à sua frente um inimigo de sua fé, mas infeliz, deve vir em seu auxílio nos limites de suas faculdades. É agindo assim que o Espiritismo mostrará o que é e provará que vale mais do que o que lhe opõem.

As sociedades de socorros mútuos multiplicam-se por todos os lados e em todas as classes de trabalhadores. É uma excelente instituição, prelúdio do reino da fraternidade e da solidariedade, de que se sente necessidade; aproveitam aos espíritas que delas fazem parte, como a todo o mundo. Por que, então, fundá-las só para eles e excluir os outros? Que ajudem a propagá-las, porque são úteis; que, para as tornar melhores, nelas façam penetrar o elemento espírita, nelas penetrando eles próprios, pois isso seria mais proveitoso para eles e para a doutrina. Em nome da caridade evangélica, inscrita em sua bandeira, em nome dos interesses do Espiritismo, nós os intimamos a evitar tudo quanto pudesse estabelecer uma barreira entre eles e a sociedade. Enquanto o progresso moral tende a diminuir as que dividem os povos, o Espiritismo não as deve erguer; é de sua essência penetrar em toda parte; sua missão, melhorar tudo o que existe. O Espiritismo falharia se se isolasse.

Deve a beneficência ficar individual e, neste caso, sua ação não será mais limitada do que se for coletiva? A beneficência coletiva tem vantagens incontestáveis e, bem longe de desestimulá-la, nós a encorajamos. Nada mais fácil do que praticá-la em grupos, recolhendo por meio de cotizações regulares ou de donativos facultativos os elementos de um fundo de socorro. Mas, então, agindo num círculo restrito, o controle das verdadeiras necessidades é fácil; o conhecimento que delas se pode ter permite uma distribuição mais justa e mais proveitosa; com uma soma módica, bem distribuída e dada *de propósito*, pode-se prestar mais serviços reais que com uma grande soma dada sem conhecimento de causa e, a bem dizer, ao acaso. É, pois, necessário dar-se conta de certos detalhes se não se quiser gastar inutilmente seus recursos. Ora, compreende-se que tais cuidados seriam impossíveis se se operasse em vasta escala. Aqui, nada de complicação administrativa, nada de pessoal burocrático; algumas pessoas de boa vontade, e eis tudo.

Por conseguinte, não podemos senão encorajar com todas as nossas forças a beneficência coletiva nos grupos espíritas. Nós a conhecemos em Paris, na província e no estrangeiro, fundadas, se não exclusivamente, ao menos principalmente com esse objetivo, e cuja organização nada deixa a desejar. Lá, membros dedicados vão aos domicílios inquirir dos sofrimentos e levar o que às vezes vale mais que os socorros materiais: as consolações e os encorajamentos. Honra a eles, pois bem merecem do Espiritismo! Se cada grupo agir assim em sua esfera de atividade, todos juntos realizarão maior soma de bem do que o faria uma caixa central quatro vezes mais rica.

Estatística da Loucura

O *Moniteur* de 16 de abril de 1866 continha o relatório qüinqüenal, dirigido ao Imperador pelo Ministro da Agricultura, Comércio e Trabalhos Públicos, sobre o estado da alienação mental na França. Muito extenso, sábia e conscienciosamente feito, esse relatório é uma prova da solicitude com que o Governo trata essa grave questão humanitária. Os preciosos documentos que encerra atestam uma observação atenta. Eles nos interessam bastante, porque são um desmentido formal e autêntico às acusações lançadas pelos adversários do Espiritismo, por eles designado como causa preponderante da loucura. Dele extraímos as passagens mais salientes.

Na verdade esses documentos constatam um crescimento considerável do número de alienados; mas se verá que nisto o Espiritismo é completamente estranho. Esse número, que nos asilos especiais era, em 1835, de 10.539, se achava, em 1861, em 30.229; é um aumento de 19.700 em 26 anos, ou seja, uma média de 750 por ano, como resulta do quadro seguinte (em 1º de janeiro):

1835 ...	10.539	1844 ...	16.255	1853 ...	23,795
1836 ...	11.091	1845 ...	17.089	1854 ...	24.524
1837 ...	11.429	1846 ...	18.013	1855 ...	24.896
1838 ...	11.982	1847 ...	19.023	1856 ...	25.485
1839 ...	12.577	1848 ...	19.570	1857 ...	26.305
1840 ...	13.283	1849 ...	20.231	1858 ...	27.028
1841 ...	13.887	1850 ...	20.061	1859 ...	27.878
1842 ...	15.280	1851 ...	21.353	1860 ...	28.761

Além disso, o relatório constata este fato capital: o aumento foi progressivo de ano a ano, de 1835 a 1846 e, desde então, foi decrescendo, como indica o quadro abaixo:

Período de 1836 a 1841, crescimento anual de	5,04%
Período de 1841 a 1846, crescimento anual de	5,94%
Período de 1846 a 1851, crescimento anual de	3,71%
Período de 1851 a 1856, crescimento anual de	3,87%
Período de 1856 a 1861, crescimento anual de	3,14%

"Diz o Sr. Ministro que, em face dessa desaceleração, também verificada nas admissões, como estabelecerei mais adiante, é provável que o crescimento verdadeiramente excepcional de nossos asilos em breve seja detido.

"O número de doentes que podiam abrigar convenientemente os nossos asilos era, em fins de 1860, de 31.550. O efetivo dos doentes mantidos na mesma época se elevava a 30.239. Em conseqüência, o número de lugares disponíveis era apenas de 1231.

"Do ponto de vista da natureza de sua enfermidade, os doentes em tratamento em 1º de janeiro de cada um dos anos 1856-1861 (únicos anos para os quais a distinção foi feita) assim se classificam:

Anos	**Loucos**	**Idiotas**	**Cretinos**
1856	22.602	2.840	43
1857	23.283	2.976	46
1858	23.851	3.134	43

1859	24.395	3.443	40
1860	25.147	3.577	37
1861	26.450	3.746	43

"O fato notável deste quadro é o aumento considerável, em relação aos loucos, do número de idiotas tratados nos asilos. Em cinco anos ele foi de 32%, ao passo que, no mesmo intervalo, o efetivo de loucos elevou-se apenas de 14%. Essa diferença é a conseqüência da admissão em nossos asilos de um grande número de idiotas que antes ficavam no seio das famílias.

"Dividido por sexo, o efetivo da população total dos asilos oferece, cada ano, um excedente numérico do sexo feminino sobre o masculino. Eis as cifras constatadas para os doentes presentes no fim de cada um dos anos de 1854-1860:

Anos	**Sexo masculino**	**Sexo feminino**
1854	12.036	12.860
1855	12.221	13.264
1856	12.632	13.673
1857	12.930	14.098
1858	13.392	14.486
1859	13.876	14.885
1860	14.582	15.657

"A média anual, calculada para este período de seis anos, é, para 100 doentes, de 51,99 mulheres e 48,10 homens. Esta desproporção entre os dois sexos, que se repete anualmente, desde 1842, com ligeiras diferenças, é muito notável em presença da superioridade numérica , bem constatada, do sexo masculino nas admissões, onde se contam 52,91 homens para 100 doentes admitidos. É devida, como foi explicado na publicação precedente, à maior mortalidade destes últimos e, além disso, porque sua permanência no asilo é notavelmente menos longa que a das mulheres.

"A partir de 1856 os doentes em tratamento nos asilos foram classificados de acordo com as chances de cura que seu

estado parecia oferecer. As cifras a seguir resumem os fatos constatados para a categoria dos loucos em tratamento no dia 1º de janeiro de cada ano:

Anos –	Presumidos curáveis	Presumidos incuráveis	Total –
1856	4.404	18.198	22.602
1857	4.389	18.894	23.283
1858	4.266	19.585	24.851
1859	4.613	19.782	24.395
1860	4.499	19.648	25.147

"Assim, mais de quatro quintos dos loucos mantidos em nossos asilos não oferecem nenhuma chance de cura. Esse triste resultado é a conseqüência da incúria ou da ternura cega da maioria das famílias, que só se separam o mais tarde possível de seus alienados, isto é, quando seu mal inveterado não deixa qualquer esperança de cura.

"Sabe-se com que cuidado os médicos de nossos asilos de alienados, no momento da admissão de um doente, procuram determinar a causa de sua loucura, a fim de poder chegar a atacar o mal em seu princípio e aí aplicar o remédio apropriado à sua natureza. Por mais escrupulosas, por mais conscienciosas que sejam essas investigações médicas, é preciso não esquecer que seus resultados estão longe de equivaler a fatos suficientemente estabelecidos. Com efeito, não repousam senão em apreciações cuja exatidão pode sofrer em diferentes circunstâncias. Em primeiro lugar a extrema dificuldade de descobrir entre as várias influências sofridas pela razão do doente, a causa decisiva, aquela da qual saiu a alienação. Mencionemos em seguida a repugnância das famílias em fazer ao médico confidências completas. Talvez se tenha de levar em conta, igualmente, a tendência atual da maioria dos médicos em considerar as causas morais como inteiramente secundárias e acidentais, para, de preferência, atribuir o mal a causas puramente físicas.

"É com base nessas observações que vou abordar o exame dos quadros relativos às causas presumíveis de alienação dos 38.988 doentes, admitidos de 1856 a 1860.

"A loucura se produz com mais freqüência sob a influência de causas físicas do que de causas morais? Eis os fatos colhidos sobre este ponto, abstração feita da hereditariedade, para os loucos admitidos em cada um dos cinco anos do período de 1856 a 1860:

Ano	**Causas físicas**	**Causas morais**
1856	2.730	1.724
1857	3.213	2.171
1858	3.202	2.217
1859	3.277	1.986
1860	3.444	2.259
	---	---
Totais	15.866	10.357

"Conforme estas cifras, em 1.000 casos de loucura, 607 foram atribuídos a causas físicas e 393 a causas morais. A loucura, portanto, se produziria muito mais freqüentemente sob influências físicas. Esta observação é comum a ambos os sexos, com a diferença, todavia, de que para as mulheres o número de casos cuja origem é atribuída a causas morais é relativamente mais elevado do que para os homens.

"Os 15.866 casos em que a loucura pareceu provocada por uma causa física, se decompõem da seguinte forma:

Efeito da idade (demência senil)	2.098
Nudez e miséria	1.008
Onanismo e abusos venéreos	1.026
Excessos alcoólicos	3.455
Vício congênito	474
Doenças próprias da mulher	1.592
Epilepsia	1.498

Outras doenças do sistema nervoso	1.136
Golpes, quedas, lesões, etc.	398
Doenças diversas	2.866
Outras causas físicas	1.164
Total	15.866

"Quanto aos fenômenos de ordem moral, os que parecem produzir a loucura com mais freqüência são: primeiro, os pesares domésticos e a exaltação dos sentimentos religiosos; a seguir vêm os reveses da fortuna e a ambição não concretizada. Quanto ao mais, eis a enumeração detalhada dos 10.357 casos de loucura, assinalados como conseqüência imediata dos diversos incidentes da vida moral:

Excesso de trabalho intelectual	358
Pesares domésticos	2.549
Desgostos resultantes da perda da fortuna	851
Tristeza resultante da perda de um ente querido	803
Pesares resultantes da ambição insatisfeita	520
Remorso	102
Cólera	123
Alegria	31
Pudor ferido	69
Amor	767
Ciúme	456
Orgulho	368
Acontecimentos políticos	123
Passagem súbita da vida ativa à inativa e vice-versa	82
Isolamento e solidão	115
Prisão simples	113
Prisão em regime celular	26
Nostalgia	78
Sentimentos religiosos levados ao excesso	1.095
Outras causas morais	1.728
Total	10.357

"Em suma, abstração feita da hereditariedade, resulta das observações colhidas sobre os doentes admitidos em nossos

asilos de alienados, durante o período de 1856 a 1860 que, de todas as causas que concorrem para provocar a loucura, a mais comum é a embriaguez. Vêm a seguir os pesares domésticos, a idade, as doenças de diversos órgãos, a epilepsia, a exaltação religiosa, o onanismo e as privações de toda sorte.

"O quadro seguinte dá o número de paralíticos, epilépticos, surdos-mudos, escrofulosos e os acometidos de papeira, entre os doentes admitidos pela primeira vez de 1856 a 1860:

	Loucos	Idiotas/cretinos
Paralíticos	3.775	69
Epilépticos	1.763	347
Surdos-mudos	133	61
Escrofulosos	381	146
Acometidos de papeira	123	32

"A loucura se complica com paralisia muito mais na mulher. Entre os epilépticos há mais homens que mulheres, mas em proporção menos forte.

"Se se pesquisar agora, distinguindo os sexos, em que proporções se produzem as curas anualmente, em relação ao número de doentes tratados, obtém-se os seguintes resultados:

Anos	Homens	Mulheres	Ambos os sexos
1854	8,93%	8,65%	8,79%
1855	8,92%	8,81%	8,86%
1856	8,00%	7,69%	7,83%
1857	8,11%	7,45%	7,62%
1858	8,02%	6,74%	7,37%
1859	7,69%	6,71%	7,19%
1860	7,05%	6,95%	7,00%

"Vê-se que, se a loucura é curável, o número proporcional das curas é ainda muito restrito, a despeito dos melhoramentos de toda natureza levados ao tratamento dos

doentes e as acomodações dos asilos. De 1856 a 1860 a proporção média das curas foi, para os loucos de ambos os sexos, reunidos, de 8,24%. É apenas o duodécimo. Essa proporção seria muito mais elevada se as famílias não cometessem o grave erro de não se separar de seus alienados senão quando a doença já fez progressos inquietantes.

"Um fato digno de nota é que o número proporcional de homens curados excede, anualmente, o das mulheres. Em 100 loucos tratados, de 1856 a 1860, contaram-se em média 8,69 curas para os homens e apenas 7,81 para as mulheres, ou seja, cerca de um nono a mais para os alienados do sexo masculino.

"Entre os 13.687 loucos saídos depois da cura, de 1856 a 1860, há somente 9.789 para os quais foi possível determinar as diversas influências que tinham ocasionado sua afecção mental. Eis o resumo das indicações colhidas sob este ponto de vista:

Curados	
Causas físicas	5.253
Causas morais	4.536
Total	9.789

"Representando por mil esse número total, acha-se que, em 536 doentes curados, a loucura tinha sobrevindo em decorrência de causas físicas, e em 464 em conseqüência de influências morais. Essas proporções numéricas diferem muito sensivelmente das precedentemente constatadas, no que concerne às admissões de 1856 a 1860, onde se contaram, em 1.000 admitidos, apenas 393 doentes cuja loucura tinha uma causa moral. De onde resulta que, nesta categoria de doentes, as curas obtidas teriam sido relativamente mais numerosas que entre aqueles cuja loucura teve uma causa física.

"Cerca de metade dos casos curados, para os quais a causa do mal foi colhida, devia-se às seguintes circunstâncias:

embriaguez – 1.738; pesares domésticos – 1.171; doenças diversas – 761; doenças próprias da mulher – 723; exaltação dos sentimentos religiosos – 460.

"Em 1.522 doentes curados, constatou-se uma predisposição hereditária. É uma proporção de 15% em relação à cifra dos loucos curados."

Logo de início resulta desses documentos que o aumento da loucura, constatado a partir de 1835, é de perto de vinte anos anterior ao aparecimento do Espiritismo na França, onde não se ocuparam das mesas girantes, e mais como entretenimento do que como coisa séria, senão depois de 1852, e da parte filosófica somente depois de 1857. Em segundo lugar, esse aumento seguiu, ano a ano, uma marcha ascendente, de 1835 a 1846; de 1847 a 1861 ele foi diminuindo de ano para ano; e a diminuição foi mais forte de 1856 a 1861, precisamente no período em que o Espiritismo tomava o seu desenvolvimento. Ora, era precisamente naquela época que se publicavam brochuras e os jornais se apressavam em repetir que as casas de alienados estavam atulhadas de loucos espíritas, a tal ponto que várias tinham sido obrigadas a aumentar as suas construções; que aí se contavam, ao todo, mais de quarenta mil. Como podia aí haver mais de 40.000, quando o relatório constata uma cifra máxima de 30.339? A que fonte mais segura que a da autoridade aqueles senhores colheram os seus dados? Provocavam uma enquete: ei-la feita tão minuciosamente quanto possível, e se vê se ela lhes dá razão.

O que igualmente ressalta do relatório é o número de idiotas e de cretinos, que entra com uma parte considerável no cômputo geral, e o aumento anual deste número, que, evidentemente, não pode ser atribuído ao Espiritismo.

Quanto às causas predominantes da loucura, elas foram, como se vê, minuciosamente estudadas e, contudo, o

Espiritismo aí não figura nem nominalmente, nem por alusão. Teria passado despercebido se, como pretendem alguns, tivesse, ele só, enchido as casas de alienados?

Não pensamos que se atribua ao ministro o pensamento de ter querido poupar os espíritas, abstendo-se de os mencionar, se tivesse lugar para o fazer. Em todo o caso, certas cifras viriam recusar qualquer parte preponderante do Espiritismo no estado das coisas. Se fosse de outro modo, as causas morais predominariam em número sobre as causas físicas, enquanto é o contrário que se dá. A cifra dos alienados considerados incuráveis não seria quatro a cinco vezes mais forte que a dos doentes presumivelmente curáveis, e o relatório não diria que os quatro quintos dos loucos mantidos nos hospícios não oferecem nenhuma chance de cura.

Finalmente, em face do desenvolvimento que toma cada dia o Espiritismo, o ministro não diria que, em razão da desaceleração que se produziu, é provável que o aumento verdadeiramente excepcional na população dos asilos em breve seja detido.

Em suma, esse relatório é a resposta mais peremptória que se pode dar aos que acusam o Espiritismo de ser uma causa preponderante de loucura. Aqui não são hipóteses nem raciocínios, mas cifras autênticas, opostas a cifras fantásticas, fatos materiais contrapostos a alegações mentirosas de seus detratores, interessados em o desacreditar na opinião pública.

Morte de Joseph Méry

Um homem de talento, inteligência de escol, poeta e literato distinto, o Sr. Joseph Méry morreu em Paris no dia 17 de junho de 1866, com sessenta e sete anos e meio de idade.

Conquanto não fosse adepto confesso do Espiritismo, pertencia à numerosa classe dos que se podem chamar *espíritas inconscientes*, isto é, naqueles em que as idéias fundamentais do Espiritismo existem no estado de intuição. A esse título, e sem sair de nossa especialidade, podemos consagrar-lhe algumas linhas, que não serão inúteis à nossa instrução.

Seria supérfluo repetir aqui as informações que a maioria dos jornais publicaram, por ocasião de sua morte, sobre sua vida e suas obras. Reproduziremos apenas a seguinte passagem da notícia do *Siècle* (19 de junho), porque é uma justa homenagem prestada ao caráter do homem. Depois de ter enumerado seus trabalhos literários, assim o descreve o autor do artigo: "Joseph Méry era pródigo na conversação; palestrador brilhante, improvisador de estâncias e de rimas, semeava ditos espirituosos e paradoxos com uma verve infatigável; e, particularidade que o honra, jamais deixou de ser benevolente para com todos. É um dos mais belos elogios que se pode fazer a um escritor."

Dissemos que o Sr. Méry era espírita por intuição. Ele não só acreditava na alma e na sua sobrevivência, no mundo espiritual que nos cerca, mas na pluralidade das existências; nele essa crença era o resultado de *lembranças*. Estava persuadido de ter vivido em Roma sob Augusto, na Alemanha, nas Índias, etc. Certos detalhes estavam presentes tão bem à sua memória que ele descrevia com exatidão lugares que jamais tinha visto. É a esta faculdade que o autor do artigo precitado faz alusão, quando diz: "Sua imaginação inesgotável criava as regiões que não tinha visto, adivinhava os costumes, descrevendo os habitantes com uma fidelidade tanto mais maravilhosa porque *a possuía mau grado seu*."

Citamos os fatos mais notáveis que lhe dizem respeito no número da *Revista* de novembro de 1864, reproduzindo sob o título de *Lembranças de existências passadas*, o artigo biográfico publicado pelo Sr. Dangeau, no *Journal littéraire* de 25 de setembro

de 1864, e que acompanhamos de algumas reflexões. Essa faculdade era perfeitamente conhecida de seus confrades em literatura. Que pensavam disto? Para alguns não passava de *singular* efeito da imaginação. Como, porém, o Sr. Méry era um homem estimado, de caráter simples e reto, que sabiam incapaz de uma impostura – a exatidão de certas descrições locais tinha sido reconhecida – e não se podia racionalmente tachá-la de loucura, muitos diziam que aí podia haver algo de verdadeiro; por isso esses fatos foram lembrados num dos discursos pronunciados junto ao seu túmulo. Ora, se tivessem considerado como aberrações de seu espírito, teriam passado em silêncio. É, pois, em presença de um imenso concurso de ouvintes, da elite da literatura e da imprensa, numa circunstância grave e solene, uma das que mais impõem respeito, que foi dito que o Sr. Méry se lembrava de ter vivido em outras épocas e o provava por fatos. Isto não pode deixar de suscitar reflexões, tanto mais que, fora do Espiritismo, muitas pessoas adotam a idéia da pluralidade das existências como a mais racional. Sendo os fatos desta natureza concernentes ao Sr. Méry uma das notáveis particularidades de sua vida e tendo tido repercussão por ocasião de sua morte, não poderão senão acreditá-lo.

Ora, quais são as conseqüências dessa crença, abstração feita do Espiritismo? Se admitirmos que já vivemos uma vez, podemos e até devemos ter vivido várias vezes, e podemos reviver depois desta existência. Se revivemos várias vezes, não pode ser com o mesmo corpo; logo, há em nós um princípio inteligente independente da matéria e que *conserva sua individualidade*. Como se vê, é a negação das doutrinas materialistas e panteístas. Este princípio ou alma, *revivendo na Terra*, desde que pode conservar a intuição de seu passado, não pode perder-se no infinito depois da morte, como se crê vulgarmente; deve, no intervalo de suas existências corpóreas, ficar no meio humanitário; devendo retomar novas existências nesta mesma humanidade, não deve perdê-la de vista; deve seguir as suas peripécias. Eis, pois, o mundo espiritual que nos cerca, no meio do qual vivemos. Nesse mundo

naturalmente se acham os nossos parentes e amigos, que devem continuar a interessar-se por nós, como nos interessamos por eles e que não estão perdidos para nós, já que existem e podem estar perto de nós. Eis no que chegam forçosamente a crer; eis as conseqüências a que são levados os que admitem o princípio da pluralidade das existências; eis no que acreditava Méry. Que faz a mais o Espiritismo? Chama *Espíritos* esses mesmos seres invisíveis e diz que estando em nosso meio, podem manifestar sua presença e comunicar-se com os encarnados. Quando o resto foi admitido, isto é assim tão despropositado?

Como se vê, a distância que separa o Espiritismo da crença íntima de muitas pessoas é bem pouca coisa. O fato das manifestações não passa de acessório e da confirmação prática do princípio fundamental admitido em teoria. Por que, então, alguns dos que admitem a base repelem o que deve servir de prova? Pela falsa idéia que fazem disto. Mas os que se dão ao trabalho de o estudar e o aprofundar, logo reconhecem que estão mais próximo do Espiritismo do que pensavam e que a maior parte deles são espíritas sem o saber: só lhes falta o nome. Eis por que se vêem tantas idéias espíritas emitidas a todo instante por aqueles mesmos que rejeitam o termo, e por que certas pessoas aceitam tão facilmente essas mesmas idéias. Quando se trata de uma questão de palavra, está-se muito próximo do entendimento.

Tocando em tudo, o Espiritismo entra no mundo por uma infinidade de portas. Uns a ele são trazidos pelo fato das manifestações; outros, pela desgraça que os atinge e contra a qual acham nessa crença a única consolação verdadeira; outros, ainda, pela idéia filosófica e religiosa; finalmente, outros pelo princípio da pluralidade das existências. Méry, contribuindo para acreditar esse princípio num certo mundo, talvez faça mais pela propagação do Espiritismo do que se fosse abertamente espírita confesso.

É precisamente no momento em que esta grande lei da Humanidade vem afirmar-se por fatos e pelo testemunho de um

homem honrado, que, por seu lado, a cúria romana vem desautorizá-la, pondo no índex a *Pluralidade das existências da alma*, de Pezzani (Jornal *Le Monde*, 22 de junho de 1866); inevitavelmente esta medida terá por efeito provocar o seu exame. A pluralidade das existências não é uma simples opinião filosófica; é uma *lei da Natureza*, que nenhum anátema pode impedir de ser e com a qual a Teologia, mais cedo ou mais tarde, deverá pôr-se de acordo. A pressa em condenar, em nome da Divindade, uma lei que, como todas as que regem o mundo, é obra da Divindade, é um tanto exagerada. É muito de temer que em breve não suceda com essa condenação o que aconteceu com a que lançaram contra o movimento da Terra e os períodos de sua formação.

A seguinte comunicação foi obtida na Sociedade de Paris, no dia 22 de junho de 1866, pelo médium Sr. Desliens:

Pergunta – Sr. Méry, não tínhamos a vantagem de vos conhecer senão pela reputação; mas os vossos talentos e a merecida estima de que éreis cercado nos levam a esperar encontrar, nas conversas que manteremos convosco, uma instrução que aproveitaremos e nos deixará felizes, todas as vezes que quiserdes vir entre nós.

As perguntas que hoje desejaríamos vos dirigir, se a época recente de vossa morte vos permitir responder, são estas:

1º – Como se realizou vossa passagem desta à outra vida e quais as vossas impressões ao entrar no mundo espiritual?

2º – Em vida tínheis conhecimento do Espiritismo? O que pensáveis dele?

3º – O que dizem de vossas lembranças de existências anteriores é exato? Que influência essas lembranças exerceram sobre vossa vida terrena e os vossos escritos?

Julgamos supérfluo perguntar se sois feliz em vossa nova posição; a bondade do vosso caráter e vossa honorabilidade nos levam a esperar isto.

Resposta – Senhores, estou extremamente tocado pelo testemunho de simpatia que haveis por bem me dar, e que se encerra nas palavras do vosso honrado presidente. Sinto-me feliz por atender ao vosso apelo, pois minha situação atual me afirma a realidade de um ensinamento cuja intuição eu trazia ao nascer, e também porque pensais no que resta de Méry, o romancista, no futuro de minha parte íntima e viva, em minha alma, enfim, ao passo que meus numerosos amigos pensavam, sobretudo, ao me deixar, na personalidade que os abandonava. Lançavam-me seu último adeus, desejando que a terra me fosse leve! Que resta de Méry para eles?... Um pouco de poeira e obras sobre cujo mérito não sou chamado a pronunciar-me... De minha vida nova, nem uma palavra!

Lembraram minhas teorias como uma das singularidades de meu caráter, a imposição de minhas convicções como um efeito magnético, um charme que desapareceria com a minha ausência; mas do Méry que sobreviveu ao corpo, desse ser inteligente que hoje dá conta de sua vida de ontem e que pensa em sua vida de amanhã, que disseram?... Nada!... nem mesmo pensaram... O romancista tão alegre, tão triste, por vezes tão divertido, partiu; deram-lhe uma lágrima, uma lembrança! Em oito dias nele não pensarão mais, e as peripécias da guerra farão esquecer a volta do pobre exilado à sua pátria.

Insensatos! há muito diziam: "Méry está doente; enfraquece, fica velho." Como se enganavam!... eu ia para a juventude; crede; a criança que chora ao entrar na vida é que avança para a velhice; o homem maduro que morre reencontra a juventude eterna além da sepultura!

A morte foi para mim uma doçura inefável. Meu pobre corpo, castigado pela doença, sofreu as derradeiras convulsões e tudo foi dito; mas meu Espírito saía pouco a pouco de suas fraldas e planava, ainda prisioneiro e já aspirando ao infinito!... Fui libertado sem perturbação, sem abalo; não tive surpresa, porque o túmulo não mais tinha véu para mim. Abeirei-me de uma margem conhecida; sabia que amigos devotados me esperavam na praia, pois não era a primeira vez que eu fazia essa viagem.

Como eu dizia aos meus ouvintes admirados, conheci a Roma dos Césares; comandei como conquistador subalterno nessa Gália que habitava recentemente como cidadão; ajudei a conquistar a vossa pátria, a subjugar os vossos bravos antepassados, depois parti para retemperar minhas forças na fonte da vida intelectual, para escolher novas provas e novos meios de progresso. Vi as bordas do Ganges e as dos rios da China; assimilei civilizações tão diferentes da vossa e, contudo, tão grandes, tão avançadas em seu gênero. Vivi na zona tórrida e nos climas temperados; estudei os costumes daqui e de lá; sucessivamente guerreio, poeta, escritor, filósofo e sempre sonhador...

Esta última existência foi para mim uma espécie de resumo de todas as que a precederam. Adquiri há pouco; ainda ontem gastava os tesouros acumulados numa série de existências, de observações e de estudos.

Sim, eu era espírita de coração e de espírito, se não de raciocínio. A preexistência para mim era um fato, a reencarnação uma lei, o Espiritismo uma verdade. Quanto às questões de detalhe, confesso de boa-fé não ter ligado a elas grande importância. Acreditava na sobrevivência da alma, na pluralidade de suas existências, mas jamais tentei aprofundar se ela podia, depois de haver deixado seu corpo mortal, manter, livre, relações com os que ainda estão ligados à cadeia. Ah! Victor Hugo disse com acerto: "A Terra não é senão a penitenciária do céu!..." Por vezes quebra-se a

sua corrente, mas para a retomar. Seguramente não se sai daqui senão deixando aos guardas o cuidado de, chegado o momento, desatar os laços que nos prendem à provação.

Estou feliz, muito feliz, porque tenho a consciência de ter bem vivido!

Perdoai-me, senhores, é ainda Méry, o sonhador, que vos fala; e permiti que volte a uma reunião onde me sinto à vontade. Deve haver o que aprender convosco e, se me quiserdes receber no número de vossos ouvintes invisíveis, é com felicidade que ficarei entre vós, escutando, instruindo-me e falando, se se me apresentar ocasião.

J. Méry

Questões e Problemas

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS NAS COMUNICAÇÕES PARTICULARES

Por que os Espíritos evocados por um sentimento de afeição muitas vezes se recusam a dar provas certas de sua identidade?

Compreende-se todo o valor ligado às provas de identidade da parte dos Espíritos que nos são caros; esse sentimento é muito natural e parece, desde que os Espíritos podem manifestar-se, que lhes deve ser muito fácil atestar a sua personalidade. A falta de provas materiais, sobretudo para certas pessoas que não conhecem o mecanismo da mediunidade, isto é, a lei das relações entre os Espíritos e os homens, é uma causa de dúvida e de cruel incerteza. Embora tenhamos tratado várias vezes desta questão, vamos examiná-la novamente, para responder a algumas perguntas que nos são dirigidas.

Nada temos a acrescentar ao que foi dito sobre a identidade dos Espíritos que vêm unicamente para a nossa

instrução e que deixaram a Terra há algum tempo. Sabe-se que ela não pode ser atestada de maneira absoluta e que se deve limitar a julgar o valor da linguagem.

A identidade só pode ser constatada com certeza para os Espíritos partidos recentemente, cujo caráter e hábitos se refletem em suas palavras. Nestes a identidade se revela por mil particularidades de detalhe. Algumas vezes a prova ressalta de fatos materiais, característicos, mas na maioria das vezes, de nuanças da própria linguagem e de uma porção de pequenos nadas que, por serem pouco salientes, não são menos significativos.

Muitas vezes as comunicações deste gênero encerram mais provas do que se pensa e que se descobrem com mais atenção e menos prevenções. Infelizmente, na maior parte do tempo não se contentam com que o Espírito quer ou pode dar; querem provas à sua maneira; ou lhe pedem que diga ou faça tal coisa, lembre um nome ou um fato, num momento dado, sem pensar nos obstáculos que, por vezes, a isto se opõem, e paralisam a sua boa vontade. Depois, obtido o que se deseja, muitas vezes querem mais; acham que não é ainda bastante concludente; depois de um fato, pedem outro e mais outro. Numa palavra, nunca são suficientes para convencer. É então que o Espírito, muitas vezes fatigado por essa insistência, cessa completamente de se manifestar, esperando que a convicção chegue por outros meios. Mas muitas vezes, também, sua abstenção lhe é imposta por uma vontade superior, como punição ao solicitante muito exigente, e também como prova para a sua fé, porquanto, se por algumas decepções e por não obter o que quer, viesse a abandonar os Espíritos, esses por sua vez o abandonariam, deixando-o mergulhado nas angústias e torturas da dúvida, felizes quando seu abandono não tem conseqüências mais graves.

Mas, numa imensidade de casos, as provas materiais de identidade são independentes da vontade do Espírito, e do desejo que este tem de as dar. Isto se deve à natureza, ou ao estado do

instrumento pelo qual se comunica. Há na faculdade mediúnica uma variedade infinita de nuanças, que tornam o médium apto ou impróprio à obtenção de tais ou quais efeitos que, à primeira vista, parecem idênticos e que, no entanto, dependem de influências fluídicas diferentes. O médium é como um instrumento de cordas múltiplas: não pode dar som pelas cordas que faltam. Eis um exemplo notável:

Conhecemos um médium que se pode classificar entre os de primeira ordem, tanto pela natureza das instruções que recebe, quanto por sua aptidão em se comunicar com quase todos os Espíritos, sem distinção. Diversas vezes, nas evocações particulares, obteve provas irrecusáveis de identidade, pela reprodução da linguagem e do caráter de pessoas que jamais tinha conhecido. Há algum tempo, fez para uma pessoa que acabava de perder subitamente vários filhos, a evocação de um destes últimos, uma menina. A comunicação refletia perfeitamente o caráter da criança e era tanto mais satisfatória quanto respondia a uma dúvida do pai sobre a sua posição como Espírito. No entanto, de certo modo as provas eram apenas morais; o pai achava que outro filho teria podido dizer o mesmo; queria alguma coisa que só a filha pudesse dizer; admirava-se, sobretudo, de que o chamasse *pai*, em vez do apelido familiar que lhe dava, e que não era um nome francês, conforme a idéia de que se ela dizia uma palavra, podia dizer outra. Tendo o pai perguntado a razão, eis a resposta que, a respeito, deu o guia do médium:

"Conquanto inteiramente desprendida, vossa filhinha não está em condição de vos fazer compreender a razão pela qual não pode fazer o médium exprimir os termos que conheceis e que ela lhe sopra. Ela obedece a uma lei em se comunicando, mas não compreende bastante para explicar o seu mecanismo. A mediunidade é uma faculdade cujas nuanças variam infinitamente, e os médiuns que de ordinário tratam de assuntos filosóficos não obtêm senão raramente, e sempre espontaneamente, essas

particularidades que fazem reconhecer a personalidade do Espírito de maneira evidente. Quando os médiuns desse gênero pedem uma prova de identidade, no desejo de satisfazer o evocador, as fibras cerebrais, tensas por seu próprio desejo, já não são bastante maleáveis para que o Espírito as faça mover-se à sua vontade. Daí se segue que as palavras características não podem ser reproduzidas. O pensamento fica, mas a forma não mais existe. Nada há, pois, de surpreendente que vossa filha vos tenha chamado *pai*, em vez de vos dar a qualificação familiar que esperáveis. Por um médium especial obtereis resultados que vos satisfarão; basta ter um pouco de paciência."

Alguns dias depois, achando-se esse senhor no grupo de um dos nossos associados, obteve de outro médium, pela tiptologia, e em presença do primeiro, não só o nome que desejava, sem que tivesse pedido especialmente, mas outros fatos de notável precisão. Assim, a faculdade do primeiro médium, por mais desenvolvida e flexível que fosse, não se prestava a esse gênero de produção mediúnica. Podia reproduzir as palavras que são a tradução do pensamento transmitido, e não termos que exigem um trabalho especial; daí por que o conjunto da comunicação refletia o caráter e a forma das idéias do Espírito, mas sem sinais materiais característicos. Um médium não é um instrumento próprio a todos os efeitos; assim como não se encontram duas pessoas inteiramente semelhantes no físico e no moral, não há dois médiuns cuja faculdade seja absolutamente idêntica.

É de notar que as provas de identidade vêm quase sempre espontaneamente, no momento em que menos se pensa, ao passo que são dadas raramente quando pedidas. Capricho da parte do Espírito? Não; há uma causa material. Ei-la:

As disposições fluídicas que estabelecem as relações entre o Espírito e o médium oferecem nuances de extrema delicadeza, inapreciáveis aos nossos sentidos e que variam de um

momento a outro no mesmo médium. Muitas vezes um efeito que não é possível num instante desejado, sê-lo-á uma hora, um dia, uma semana mais tarde, porque as disposições ou a energia das correntes fluídicas terão mudado. Acontece aqui como na fotografia, onde uma simples variação na intensidade ou na direção da luz é suficiente para favorecer ou impedir a reprodução da imagem. Um poeta fará versos à vontade? Não; precisa de inspiração. Se não estiver em disposição favorável, por mais que perscrute o cérebro, nada obterá. Perguntai-lhe por quê? Nas evocações, o Espírito deixado à vontade se prevalece das disposições que encontra no médium, aproveita o momento propício; mas quando essas disposições não existem, não pode mais que o fotógrafo, na ausência da luz. Portanto, nem sempre pode, mau grado seu desejo, satisfazer instantaneamente a um pedido de provas de identidade. Eis por que é preferível esperá-las a solicitá-las.

Além disso, é preciso considerar que as relações fluídicas que devem existir entre o Espírito e o médium jamais se estabelecem completamente desde a primeira vez; a assimilação não se faz senão com o tempo e gradualmente. Daí resulta que, inicialmente, o Espírito sempre experimenta uma dificuldade que influi na clareza, na precisão e no desenvolvimento das comunicações; mas, quando o Espírito e o médium estão habituados um ao outro; quando seus fluidos estão identificados, as comunicações se dão naturalmente, porque não há mais resistências a vencer.

Por aí se vê quantas considerações devem ser levadas em conta no exame das comunicações. É por falta de o fazer e de conhecer as leis que regem esses tipos de fenômenos que muitas vezes se pede o que é impossível. É absolutamente como se alguém, que não conhecesse as leis da eletricidade, se admirasse que o telégrafo pudesse experimentar variações e interrupções e concluísse que a eletricidade não existe.

O fato da constatação da identidade de certos Espíritos é um acessório no vasto conjunto dos resultados que o Espiritismo abarca; mesmo que tal constatação fosse impossível, nada prejulgaria contra as manifestações em geral, nem contra as conseqüências morais daí decorrentes. Seria preciso lamentar os que privassem das consolações que ela proporciona, por não ter obtido uma satisfação pessoal, pois isto seria sacrificar o todo à parte.

QUALIFICAÇÃO DE SANTO APLICADA A CERTOS ESPÍRITOS

Num grupo de província, tendo-se apresentado um Espírito sob o nome de "São José, santo, três vezes santo", isto deu ensejo a que se fizesse a seguinte pergunta:

Um Espírito, mesmo canonizado em vida, pode dar-se a qualificação de santo, sem faltar à humildade, que é um dos apanágios da verdadeira santidade e, invocando-o, permite que lhe dêem esse título? O Espírito que o toma deve, por esse fato, ser tido por suspeito?

Um outro Espírito respondeu:

"Deveis rejeitá-lo imediatamente, pois equivaleria a um grande capitão que se vos apresentasse exibindo pomposamente seus numerosos feitos de armas, antes de declinar o seu, ou a um poeta que começasse por se gabar de seus talentos. Veríeis nessas palavras um orgulho despropositado. Assim deve ser com homens que tiveram algumas virtudes na Terra e que foram julgados dignos de canonização. Se se apresentarem a vós com humildade, crede neles; se vierem se fazendo preceder de sua santidade, agradecei e nada perdereis. O encarnado não é santo porque foi canonizado: só Deus é santo, porque só ele possui todas as perfeições. Vede os Espíritos superiores, que conheceis pela sublimidade de seus ensinamentos: eles não ousam dizer-se santos; qualificam-se simplesmente de Espíritos de verdade."

Esta resposta demanda algumas retificações. A canonização não implica a santidade no sentido absoluto, mas simplesmente um certo grau de perfeição. Para alguns a qualificação de santo tornou-se uma espécie de título banal, fazendo parte integrante do nome, para os distinguir de seus homônimos, ou que lhes dão por hábito. Santo Agostinho, São Luís, São Tomé, podem, pois, antepor o nome santo à sua assinatura, sem que o façam por um sentimento de orgulho, que seria tanto mais descabido em Espíritos superiores que, melhor que os outros, não fazem nenhum caso das distinções dadas pelos homens. Dar-se-ia o mesmo com os títulos nobiliárquicos ou as patentes militares. Seguramente aquele que foi duque, príncipe ou general na Terra não o é mais no mundo dos Espíritos e, no entanto, assinando, poderão tomar essas qualificações, sem que isto tenha conseqüência para o seu caráter. Alguns assinam: aquele que, quando vivo na Terra, foi o duque de tal. O sentimento do Espírito se revela pelo conjunto de suas comunicações e por sinais inequívocos em sua linguagem. É assim que não nos podemos enganar sobre aquele que começa por se dizer: "São José, santo, três vezes santo." Só isto bastaria para revelar um Espírito impostor, adornando-se com o nome de São José. Assim, ele pôde ver, graças ao conhecimento dos princípios da doutrina, que sua velhacaria não encontrou ingênuos no círculo onde quis introduzir-se.

O Espírito que ditou a comunicação acima é, pois, muito absoluto no que concerne à qualificação de santo e não está certo quando diz que os Espíritos superiores se dizem simplesmente *Espíritos de verdade*, qualificação que não passaria de um orgulho disfarçado sob outro nome, e que poderia induzir em erro, se tomado ao pé da letra, porque nenhum se pode vangloriar de possuir a verdade absoluta, nem a santidade absoluta. A qualificação de *Espírito de verdade* não pertence senão a um só, e pode ser considerada como nome próprio; está especificada no Evangelho. Aliás, esse Espírito se comunica raramente e apenas em

circunstâncias especiais. Devemos pôr-nos em guarda contra os que se adornam indevidamente com esse título: são fáceis de reconhecer, pela prolixidade e pela vulgaridade de sua linguagem.

VISÃO RETROSPECTIVA DAS EXISTÊNCIAS DO ESPÍRITO

A propósito do Dr. Cailleux

Um dos nossos correspondentes de Lyon nos escreve o seguinte:

"Fiquei surpreso que o Espírito Cailleux tenha sido posto em estado magnético para ver desdobrar-se à sua frente o quadro de suas existências passadas (*Revista* de junho de 1866). Isto parece indicar que o Espírito em questão não as conhecia; porque vejo em *O Livro dos Espíritos* que "Depois da morte, a alma vê e apreende num golpe de vista suas passadas migrações." (Cap. VI, nº 243). Este fato não parece implicar uma contradição?"

Não há aí nenhuma contradição, pois, ao contrário, o fato vem confirmar a possibilidade, para o Espírito, de conhecer suas existências passadas. *O Livro dos Espíritos* não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão apresentar as bases e os pontos fundamentais, que se devem desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. Diz, em princípio, que depois da morte a alma vê suas migrações passadas, mas não diz nem quando, nem como, isto se dá; são detalhes de aplicação, que são subordinados às circunstâncias. Sabe-se que nos Espíritos atrasados a visão é limitada ao presente, ou pouco mais, como na Terra; ela se desenvolve com a inteligência e à medida que adquirem o conhecimento de sua situação. Aliás, não se deveria crer, mesmo nos Espíritos mais adiantados, como o Sr. Cailleux, por exemplo, que tão logo entrem no mundo espiritual, todas as coisas lhe apareçam subitamente, como numa mudança de decoração à vista,

nem que tenham constantemente sob os olhos o panorama do tempo e do espaço. Quanto às suas existências anteriores, eles as vêem em lembrança, como vemos, pelo pensamento, o que éramos e fazíamos nos anos anteriores, as cenas de nossa infância, as posições sociais que ocupamos. Essa lembrança é mais precisa ou confusa, às vezes nula, conforme a natureza do Espírito e segundo a Providência julga a propósito apagá-la ou reavivá-la, como recompensa, punição ou instrução. É um grande erro acreditar que as aptidões, as faculdades e as percepções são as mesmas em todos os Espíritos. Como na encarnação, eles têm percepções morais e as que podem ser chamadas materiais, que variam conforme os indivíduos.

Se o doutor Cailleux tivesse dito que os Espíritos não podem ter conhecimento de suas existências passadas, aí estaria a contradição, porque seria a negação de um princípio admitido. Longe disto, ele afirma o fato; apenas as coisas nele se passaram de maneira diferente do que nos outros, sem dúvida por motivos de utilidade para ele; para nós é um motivo de ensinamento, pois nos mostra um dos lados do mundo espiritual. O Sr. Cailleux estava morto há pouco tempo; suas existências passadas, portanto, podiam não se retratar ainda claramente à sua memória. Notemos, além disso, que aqui não era uma simples lembrança; era a própria visão das individualidades que ele tinha animado, a imagem de suas antigas formas perispirituais, que a ele se apresentavam. Ora, o estado magnético no qual ele se encontrou provavelmente era necessário à produção do fenômeno.

O Livro dos Espíritos foi escrito no começo do Espiritismo, numa época em que se estava longe de ter feito todos os estudos práticos que foram feitos depois. As observações ulteriores vieram desenvolver e completar os princípios cujo germe havia lançado, e é mesmo digno de nota que, até hoje, elas apenas as confirmaram, sem jamais as contradizerem nos pontos fundamentais.

Poesia Espírita

A PRECE PELOS ESPÍRITOS

(Sociedade de Paris, 4 de maio de 1866 – Médium: Sr. V...)

Estou muito tocado, ó filho, por te achar
Às minhas ordens pois, e em prece a me invocar,
E ativo reprovar a lógica falaz
E os argumentos vãos de uma seita mordaz,
Que o Espírito supõe só cumprir um dever
Em vindo à tua voz, bem feliz de o poder,
Submisso a tua lei, fugir e deixar logo
A morada do mundo em que se vive a rogo,
De ultrapassar enfim infinitos recantos
Que entristecem bem mais que por mortos os prantos.
Grandes nomes eis pois e com frases pomposas.
Mas se vem revelar coisas maravilhosas
Dos mundos em menção, abrir os horizontes
Dos tempos, e ensinar lições em longas fontes,
Todo o princípio e fim de tua alma imortal,
Da grandeza de Deus, seu poder eternal,
A justiça infinita e seu sublime amor,
Em paga, tu dirás, nobre gracejador,
Se ele um dia rogar-te uma pequena prece,
Exigente será se às vezes se aborrece
Só por ter de pagar pequenino favor,
És visto, suplicante, anular o pudor
E tanto mendigar como um pobre mendigo,
Suspirar pelo pão que nutre a vida, o trigo?
Oh! crê-me, caro filho, é três vezes desgraça!
Aquele pois que então olvida a dor que passa
E as lágrimas cruéis deste mundo invisível,
Ouvindo a nossa voz permanece insensível,
E de joelhos não vem
Por nós orar também.

Casimir Delavigne

Allan Kardec

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO IX AGOSTO DE 1866 Nº 8

Maomé e o Islamismo

Algumas vezes, sobre os homens e as coisas, há opiniões que se acreditam e passam ao estado de coisas aceitas, por mais errôneas que sejam, porque se acha mais fácil as aceitar completamente acabadas. Assim acontece com Maomé e sua religião, da qual quase que só se conhece o lado legendário. Além disso, o antagonismo das crenças, quer por espírito de partido, quer por ignorância, empenhou-se em fazer ressaltar os pontos mais acessíveis à crítica, muitas vezes deixando intencionalmente na sombra as partes mais favoráveis. Quanto ao público imparcial e desinteressado, é preciso dizer em sua defesa que faltaram elementos indispensáveis para julgar por si mesmo. As obras que o poderiam ter esclarecido, escritas numa linguagem apenas conhecida de alguns cientistas, eram-lhe inacessíveis; e como, em última análise, não havia para ele nenhum interesse direto, acreditou sob palavra naquilo que lhe diziam, sem perguntar mais. Disto resultou que sobre o fundador do islamismo se fizeram idéias muitas vezes falsas ou ridículas, baseadas em preconceitos, que não encontravam nenhum corretivo na discussão.

Os trabalhos perseverantes e conscienciosos de alguns sábios orientalistas modernos, tais como Caussin de Perceval, na França, o doutor W. Muir, na Inglaterra, G. Weil e Sprenger, na Alemanha, hoje permitem encarar a questão sob sua verdadeira luz[15]. Graças a eles, Maomé nos aparece completamente diverso dos contos populares. O lugar considerável que sua religião ocupa na Humanidade e sua influência política hoje fazem deste estudo uma necessidade. Durante muito tempo a diversidade das religiões foi uma das principais causas de antagonismo entre os povos. No momento em que elas têm uma tendência manifesta para se aproximarem, fazendo desaparecerem as barreiras que as separam, é útil conhecer, em suas crenças, o que pode favorecer ou retardar a aplicação do grande princípio de fraternidade universal. De todas as religiões, o islamismo é a que, à primeira vista, parece encerrar os maiores obstáculos a essa aproximação. Desse ponto de vista, como se vê, o assunto não poderia ser indiferente aos espíritas, razão pela qual julgamos dever tratá-lo aqui.

Sempre se julga mal uma religião quando se toma como ponto de partida exclusivo suas crenças pessoais, porque então é difícil justificar-se um sentimento de parcialidade na apreciação dos princípios. Para lhe compreender o forte e o fraco é preciso vê-la de um ponto de vista mais elevado, abarcar o conjunto de suas causas e de seus efeitos. Se nos reportarmos ao meio onde ela surgiu, aí encontraremos quase sempre, se não uma justificativa completa, ao menos uma razão de ser. É necessário, sobretudo, penetrar-se do pensamento inicial do fundador e dos motivos que o guiaram. Longe de nós a intenção de absolver Maomé de todas as suas faltas, nem sua religião de todos os erros que chocam o mais vulgar bom-senso. Mas a bem da verdade devemos dizer que também seria pouco lógico julgar essa religião conforme o que dela fez o fanatismo, como o seria julgar o Cristianismo segundo a

15 O Sr. Barthélemy Saint-Hilaire, do Instituto, resumiu esses trabalhos numa interessante obra, intitulada: *Maomé e o Alcorão*. 1 vol. In-12. – Preço: 3 fr. 50 c. Livraria Didier.

maneira por que alguns cristãos o praticam. É bem certo que, se os muçulmanos seguissem em espírito o Alcorão, que o Profeta lhes deu por guia, seriam, sob muitos aspectos, completamente diferentes do que são. Entretanto esse livro, apesar de tão sagrado para eles, que só o tocam com respeito, que o lêem e relêem sem cessar, que até o sabem de cor os mais fervorosos, quantos o compreendem? Comentam-no, mas do ponto de vista das idéias preconcebidas, de cujo afastamento fariam um caso de consciência, aí não vendo, portanto, senão o que querem ver. Aliás, a linguagem figurada permite aí encontrar tudo o que se quer, e os sacerdotes, que lá como alhures, governam pela fé cega, não buscam descobrir o que lhes pudesse embaraçar. Não é, pois, junto aos doutores da lei que se deve inquirir do espírito da lei de Maomé. Os cristãos também têm o Evangelho, muito mais explícito que o Alcorão, como código de moral, o que não impede que em nome desse mesmo Evangelho, que manda amar até os inimigos, tenham torturado e queimado milhares de vítimas, e que de uma lei toda de caridade tenham feito uma arma de intolerância e de perseguição. Pode-se exigir que povos ainda semibárbaros façam uma interpretação mais justa de suas escrituras sagradas do que o fazem os cristãos civilizados?

Para apreciar a obra de Maomé é preciso remontar à sua fonte, conhecer o homem e o povo ao qual ele dera a missão de regenerar, e só então se compreende que, para o meio onde ele vivia, seu código religioso era um progresso real. Lancemos, primeiro, uma vista d'olhos sobre a região.

Em tempos imemoriais a Arábia era povoada por uma multidão de tribos, quase todas nômades, e perpetuamente em guerra umas contra as outras, suprindo pela pilhagem a pouca riqueza que proporcionava um trabalho penoso, sob um clima abrasador. Os rebanhos eram seus principais recursos; algumas tribos se davam ao comércio, que era feito por caravanas, partindo anualmente do Sul, para ir à Síria ou à Mesopotâmia. Sendo quase

inacessível o centro dessa quase ilha, as caravanas pouco se afastavam do litoral; as principais seguiam o Hidjaz, região que forma, nas margens do mar Vermelho, estreita faixa de quinhentas léguas de extensão, separada do centro por uma cadeia de montanhas, prolongamento das da Palestina. A palavra árabe *Hidjaz* significa barreira e se dizia da cadeia de montanhas que ladeia essa região e a separa do resto da Arábia. O Hidjaz e o Iêmen ao sul, são as partes mais férteis; o centro não passa de um vasto deserto.

Essas tribos haviam estabelecido mercados para onde se dirigiam de todas as partes da Arábia; lá se regulavam os negócios comuns; as tribos inimigas trocavam os seus prisioneiros de guerra e muitas vezes decidiam as suas diferenças por arbitragem. Coisa singular, essas populações, por mais bárbaras que fossem, apaixonavam-se pela poesia. Nesses lugares de reunião e durante os intervalos de lazer, deixados pelos cuidados dos negócios, havia disputa entre os poetas mais hábeis de cada tribo; o concurso era julgado pelos assistentes e, para uma tribo, era uma grande honra conquistar a vitória. As poesias de mérito excepcional eram transcritas em letras de ouro e pregadas nos muros sagrados da Caaba, em Meca, de onde lhes veio o nome de *Moudhahbat*, ou poemas dourados.

Como para ir a esses mercados anuais e deles voltar com segurança era preciso certo tempo, havia quatro meses do ano em que os combates eram interditos e nos quais não se podia perturbar as caravanas e os viajantes. Combater durante esses meses reservados era olhado como um sacrilégio, que provocava as mais terríveis represálias.

Os pontos de estação das caravanas, que paravam nos lugares onde encontravam água e árvores, tornaram-se centros onde, pouco a pouco, formaram-se cidades, das quais as duas principais, no Hidjaz, são Meca e Yathrib, hoje Medina.

A maior parte dessas tribos pretendia descender de Abraão, razão por que esse patriarca era tido em grande honra entre eles. Sua língua, por suas relações com o hebraico, atestava, com efeito, uma comunidade de origem entre o povo árabe e o povo judeu. Mas não parece menos certo que o sul da Arábia tenha tido seus habitantes nativos.

Entre essas populações havia uma crença, tido como certa, de que a famosa fonte de Zemzem, no vale do Meca, era a que tinha feito jorrar o anjo Gabriel, quando Agar, perdida no deserto, ia perecer de sede com seu filho Ismael. A tradição referia igualmente que Abraão, tendo vindo ver seu filho exilado, havia construído com suas próprias mãos, não longe dessa fonte, a *Caaba*, casa quadrada, de nove côvados de altura por trinta e dois de comprimento e vinte e dois de largura[16]. Esta casa, religiosamente conservada, tornou-se um lugar de grande devoção, que faziam um dever visitar e que foi transformada em templo. As caravanas aí paravam naturalmente e os peregrinos aproveitavam sua companhia para viajar com mais segurança. Foi assim que a peregrinação a Meca existia desde tempos imemoriais. Maomé não fez senão consagrar e tornar obrigatório um uso estabelecido. Para tanto teve um objetivo político, que veremos mais tarde.

Num dos ângulos externos do templo estava incrustada a famosa *pedra negra*, trazida dos céus, dizem, pelo anjo Gabriel, para marcar o ponto onde deviam começar os giros em que os peregrinos deviam fazer sete vezes ao redor da Caaba. Pretendem que, na origem, esta pedra era de uma brancura deslumbrante, mas que os toques dos pecadores a enegreceram. No dizer dos viajantes que a viram, ela não tem mais de seis polegadas de altura por oito de comprimento. Pareceria um simples pedaço de basalto, ou talvez um aerólito, o que explicaria sua origem celeste, segundo as crenças populares.

16 O côvado equivale a cerca de 45 centímetros. É uma medida natural das mais antigas, que tinha por base a distância entre o cotovelo e a extremidade dos dedos.

Construída por Abraão, a Caaba não tinha porta que a fechasse e era ao nível do solo. Destruída pela irrupção de uma torrente lá pelo ano 150 da era cristã, foi reconstruída e elevada acima do solo, para abrigá-la de semelhantes acidentes. Cerca de cinqüenta anos mais tarde, um chefe de tribo do Iêmen aí pôs uma cobertura de estofos preciosos e colocou uma porta com fechadura para pôr em segurança as dádivas valiosas acumuladas incessantemente pela piedade dos peregrinos.

A veneração dos árabes pela Caaba e o território que a circundava era tão grande que não tinham ousado aí construir habitações. Essa área tão respeitada, chamada Haram, compreendia todo o vale do Meca, cuja circunferência é de cerca de quinze léguas. A honra de guardar esse templo venerado era muito cobiçada; as tribos a disputavam e o mais das vezes essa atribuição era um direito de conquista. No século quinto, Cossayy, chefe da tribo dos coraicitas, quinto antepassado de Maomé, tendo-se tornado senhor do Haram e tendo sido investido do poder civil e religioso, mandou construir seu palácio ao lado da Caaba, permitindo aos de sua tribo que ali se estabelecessem. Assim foi fundada a cidade de Meca. Parece ter sido ele o primeiro que colocou uma cobertura de madeira na Caaba. A Caaba está hoje na área de uma mesquita, e Meca é uma cidade de aproximadamente quarenta mil habitantes, depois de ter tido, ao que se diz, cem mil.

No princípio, a religião dos árabes consistia na adoração de um Deus único, a cujas vontades o homem deve submeter-se completamente. Essa religião, que era a de Abraão, chamava-se *Islã* e os que a professavam diziam-se *muçulmanos*, isto é, submissos à vontade de Deus. Mas, pouco a pouco o puro Islã degenerou em grosseira idolatria; cada tribo teve os seus deuses e os seus ídolos, que defendia com exagero pelas armas, para provar a superioridade de seu poder. Muitas vezes estas foram, entre outras, as causas ou o pretexto de guerras longas e encarniçadas.

A fé de Abraão, apesar do respeito que conservavam por sua memória, havia desaparecido entre esses povos, ou pelo menos tinha sido de tal modo desfigurada que na realidade não mais existia. A veneração pelos objetos considerados sagrados tinha caído no mais absurdo fetichismo; o culto da matéria tinha substituído o do espírito; atribuía-se um poder sobrenatural aos objetos mais vulgares consagrados pela superstição, a uma imagem, a uma estátua. Tendo o pensamento abandonado o princípio pelo seu símbolo, a piedade não passava de uma série de práticas exteriores minuciosas, das quais a menor infração era encarada como um sacrilégio.

Contudo, ainda se encontravam em certas tribos alguns adoradores do Deus único, homens piedosos que praticavam a mais inteira submissão à sua vontade suprema e repeliam o culto dos ídolos; eram chamados *Hanyfes*. Eram os verdadeiros muçulmanos, os que tinham conservado a fé pura do Islã; mas eram pouco numerosos e sem influência sobre o espírito das massas. Desde muito tempo colônias judias se haviam estabelecido no Hydjaz e tinham conquistado um certo número de prosélitos ao judaísmo, principalmente entre os hanyfes. O Cristianismo também aí teve os seus representantes e propagadores nos primeiros séculos de nossa era, mas nem uma nem outra dessas duas crenças aí produziram raízes profundas e duráveis. A idolatria tinha se tornado a religião dominante; convinha melhor, por sua diversidade, à independência turbulenta e à divisão infinita das tribos, que a praticavam com o mais violento fanatismo. Para triunfar dessa anarquia religiosa e política, era preciso um homem de gênio, capaz de impor-se por sua energia e firmeza, bastante hábil para participar dos costumes e do caráter desses povos, e cuja missão fosse revelada aos seus olhos pelo prestígio de suas qualidades de profeta. Este homem foi Maomé.

Maomé nasceu em Meca no dia 27 de agosto de 570 d.C., no ano dito do elefante. Não era, como se crê vulgarmente,

um homem obscuro. Ao contrário, pertencia a uma família poderosa e considerada da tribo dos coraicitas, uma das mais importantes da Arábia, e a que então dominava em Meca. Fazem-no descender em linha reta de Ismael, filho de Abraão e de Agar. Seus últimos antepassados, Cossayy, Abd-Menab, Hachim e Abd-el-Moutalib, seu avô, se haviam ilustrado por eminentes qualidades e altas funções que tinham desempenhado. Sua mãe, Amina, era de nobre família coraicita e descendia também de Cossayy. Tendo seu pai Abd-Allah morrido dois meses antes de seu nascimento, ele foi educado com muita ternura por sua mãe, que o deixou órfão com a idade de seis anos; depois por seu avô Abd-el-Moutalib, que se afeiçoou muito a ele e se comprazia muitas vezes em lhe predizer altos destinos, mas que, ele próprio, morreu dois anos depois.

Não obstante a posição que tinha ocupado sua família, Maomé passou a infância e a juventude num estado vizinho ao da miséria; sua mãe lhe havia deixado por toda herança um rebanho de carneiros, cinco camelos e uma fiel escrava negra, que o havia cuidado e pela qual ele conservou sempre um vivo apego. Depois da morte de seu avô, foi acolhido pelos tios, cujos rebanhos pastoreou até a idade de vinte anos; acompanhou-os também em suas expedições guerreiras contra outras tribos; mas, sendo de humor suave e pacífico, nelas não tomava parte ativa, sem, contudo, fugir ou temer o perigo, limitando-se a ir apanhar suas flechas. Quando chegou ao apogeu da glória, gostava de lembrar que Moisés e Davi, ambos profetas, tinham sido pastores como ele.

Tinha o espírito meditativo e sonhador; seu caráter, de uma solidez e maturidade precoces, aliados a uma extrema retidão, a um perfeito desinteresse e a costumes irrepreensíveis, lhe granjearam tal confiança da parte de seus companheiros que o designavam pelo sobrenome de *El-Amin*, "o homem seguro, o homem fiel." E, conquanto jovem e pobre, convocavam-no às assembléias da tribo para os negócios mais importantes. Fazia parte de uma associação formada entre as principais famílias coraicitas,

tendo em vista prevenir as desordens da guerra, proteger os fracos e lhes fazer justiça. Vangloriava-se de ter concorrido para isto e, nos últimos anos de sua vida, sempre se via ligado pelo juramento que, neste sentido, havia prestado na mocidade. Dizia que estava pronto a responder ao apelo que lhe fizesse o homem mais obscuro em nome desse juramento, e que não queria, pelos mais belos camelos da Arábia, faltar à fé que jurara. Por esse juramento os associados juravam, diante de uma divindade vingadora, que tomariam a defesa dos oprimidos e se bateriam pela punição dos culpados enquanto houvesse uma gota de água no oceano.

Quanto ao físico, Maomé era fortemente constituído e de estatura pouco acima da média; a cabeça muito grande; a fisionomia, marcada de suave gravidade, era agradável sem ser bela e transpirava calma e tranqüilidade.

Com a idade de vinte e cinco anos casou-se com sua prima Cadija, rica viúva, no mínimo quinze anos mais velha que ele, cuja confiança havia conquistado pela inteligente probidade que desenvolvera na condução de uma de suas caravanas. Era uma mulher superior. Essa união, que durou vinte e quatro anos e só terminou pela morte de Cadija, aos sessenta e quatro anos, foi constantemente feliz. Maomé tinha, então, quarenta e nove anos e essa perda lhe causou profunda dor.

Depois da morte de Cadija seus costumes mudaram. Desposou várias mulheres; teve doze ou treze em casamentos legítimos e, ao morrer, deixou nove viúvas. Incontestavelmente isto foi um erro capital, cujas lamentáveis conseqüências veremos mais tarde.

Até os quarenta anos sua vida pacífica nada oferece de extraordinário. Só um fato o tirou um instante da obscuridade; tinha, então, trinta e cinco anos. Os coraicitas resolveram reconstruir a Caaba, que ameaçava desabar. Só com muito trabalho

se apaziguaram, pela repartição dos trabalhos, as contendas suscitadas pela rivalidade das famílias que nela queriam participar. Esses conflitos ressurgiram com extrema violência quando se tratou de recolocar a famosa pedra negra. Ninguém queria ceder seu direito, os trabalhos tinham sido interrompidos e de todos os lados corriam às armas. Por proposta do decano concordaram em aceitar a decisão da primeira pessoa que entrasse na sala das deliberações: foi Maomé. Logo que o viram, cada um gritou: "*EL-Amin! El-amin!* o homem seguro e fiel." E esperavam o seu julgamento. Por sua presença de espírito resolveu a dificuldade. Tendo lançado o manto no chão, nele pôs a pedra e pediu a quatro dos principais chefes facciosos que o tomassem, cada um por uma ponta, e o levantassem, todos juntos, até à altura que a pedra devia ocupar, isto é, a quatro ou cinco pés acima do solo. Então a tomou e a colocou com suas próprias mãos. Os assistentes se declararam satisfeitos e a paz foi restabelecida.

Maomé gostava de passear sozinho nos arredores de Meca e, anualmente, durante os meses sagrados de trégua, retirava-se para o monte Hira, numa gruta estreita, onde se entregava à meditação. Tinha quarenta anos quando, num de seus retiros, teve uma visão durante o sono. O anjo Gabriel lhe apareceu, mostrando-lhe um livro e ordenando que o lesse. Três vezes Maomé resistiu a essa ordem, e só para escapar ao constrangimento exercido sobre ele é que consentiu em o ler. Ao despertar disse ter sentido "que um livro tinha sido escrito em seu coração." O sentido dessa expressão é evidente; significa que havia tido a inspiração de um livro. Mais tarde, porém, ela foi tomada ao pé da letra, como muitas vezes acontece com as coisas ditas em linguagem figurada.

Um outro fato prova a que erros de interpretação podem conduzir a ignorância e o fanatismo. Em algum lugar do Alcorão diz Maomé: "Não abrimos teu coração e não tiramos o fardo de teus ombros?" Estas palavras, relacionadas com um acidente ocorrido a Maomé quando era criança, deram lugar à

fábula, acreditada entre os crentes e ensinada pelos sacerdotes como um fato miraculoso, de que dois anjos abriram o ventre do menino e tiraram de seu coração uma mancha negra, sinal do pecado original. Deve-se acusar Maomé por esses absurdos, ou os que não o compreenderam? Dá-se o mesmo com uma imensidade de contos ridículos, sobre os quais o acusam de ter apoiado sua religião. Eis por que não vacilamos em dizer que um cristão esclarecido e imparcial está em melhores condições de dar uma sã interpretação do Alcorão do que um muçulmano fanático.

Seja como for, Maomé foi profundamente perturbado em sua visão, que se apressou a contar à sua mulher. Tendo voltado ao monte Hira, presa da mais viva agitação, julgou-se possuído por Espíritos malignos e, para escapar ao mal que temia, ia precipitar-se do alto de um rochedo, quando uma voz, vinda do céu, se fez ouvir e lhe disse: "Ó Maomé! tu és o enviado de Deus; sou o anjo Gabriel." Então, levantando os olhos, viu o anjo sob forma humana, desaparecendo, pouco a pouco, no horizonte. Esta nova visão não fez senão aumentar a sua perturbação; comunicou-a a Cadija, que se esforçou por o acalmar; mas, pouco segura de si mesma, foi procurar seu primo Varaka, ancião afamado por sua sabedoria e convertido ao Cristianismo, que lhe disse: "Se o que acabas de dizer-me é verdade, teu marido foi visitado pelo grande *Nâmous*, que outrora visitou Moisés; ele será o profeta deste povo. Anunciai a ele, e que se tranqüilize." Algum tempo depois Varaka, tendo encontrado Maomé, fez que lhe contasse suas visões e lhe repetisse as palavras que havia dito à sua mulher, acrescentando: "Tratar-te-ão como impostor; expulsar-te-ão; combater-te-ão violentamente. Que eu possa viver até essa hora para te assistir nessa luta!"

O que resulta deste e de muitos outros fatos é que a missão de Maomé não foi um cálculo premeditado de sua parte; estava confirmada por outros, mas ainda não o estava por ele; demorou muito tempo para persuadir-se disto; mas desde que o

ficou, tomou-a muito a sério. Para ele próprio se convencer, desejava uma nova aparição do anjo que, segundo uns, demorou dois anos e, segundo outros, seis meses. É a esse intervalo de incerteza e de hesitação que os muçulmanos chamam o *fitreh*. Durante todo esse tempo seu espírito foi presa de perplexidades e dos mais vivos temores. Parecia-lhe que ia perder a razão, e era também a opinião de alguns que o cercavam. Era sujeito a desfalecimentos e síncopes, que os autores modernos atribuíram, sem outras provas além de sua opinião pessoal, a ataques de epilepsia, e que antes poderiam ser o efeito de um estado extático, cataléptico ou sonambúlico espontâneo. Nesses momentos de lucidez extracorpórea, muitas vezes se produziam, como se sabe, fenômenos estranhos, dos quais o Espiritismo se dá conta perfeitamente. Aos olhos de certa gente, ele devia passar por louco; outros viam nesses fenômenos, para eles singulares, algo de sobrenatural, que colocava o homem acima da Humanidade. "Quando se admite a ação da Providência nos negócios humanos, diz o Sr. Barthélemy Saint-Hilaire, não se pode deixar de a encontrar, também, nessas inteligências dominadoras que aparecem de longe em longe para esclarecer e conduzir o restante dos homens."

O Alcorão não é uma obra escrita por Maomé, com a cabeça fria e de maneira continuada, mas o resumo feito por seus amigos das palavras que pronunciava quando estava inspirado. Nesses momentos, dos quais não era senhor, ele caía num estado extraordinário e muito assustador; o suor corria-lhe da fronte; seus olhos tornavam-se vermelhos de sangue, soltava gemidos e, no mais das vezes, a crise terminava por uma síncope que durava mais ou menos tempo, o que por vezes lhe acontecia em meio à multidão, e mesmo quando montado em seu camelo, tanto quanto em casa. A inspiração era irregular e instantânea, e ele não podia prever o momento em que seria dominado.

Segundo o que hoje conhecemos desse estado por uma multidão de exemplos análogos, é provável que, sobretudo no princípio, ele não tivesse consciência do que dizia, e que se suas palavras não tivessem sido recolhidas, teriam ficado perdidas; mais tarde, porém, quando tomou a sério seu papel de reformador, é evidente que falava mais com conhecimento de causa e misturasse às inspirações o produto de seus próprios pensamentos, conforme os lugares e as circunstâncias, as paixões ou os sentimentos que o agitavam, tendo em vista o objetivo que queria atingir, acreditando, talvez de boa-fé, falar em nome de Deus.

Esses fragmentos isolados, recolhidos em diversas épocas, em número de 114, formam no Alcorão outros tantos capítulos chamados *suratas*; ficaram esparsos durante sua vida, e só depois de sua morte foram reunidos oficialmente num corpo de doutrina, pelos cuidados de Abu-Becr e de Omar. Dessas inspirações súbitas, recolhidas à medida que ocorriam, resultou uma falta absoluta de ordem e de método; os mais disparatados assuntos aí são tratados a esmo, muitas vezes na mesma surata, e apresentam tal confusão e tão numerosas repetições que uma leitura seguida é penosa e fastidiosa para quem quer que não seja um fiel.

Segundo a crença vulgar, tornada artigo de fé, as páginas do Alcorão foram escritas no céu e trazidas prontas a Maomé pelo anjo Gabriel, porque numa passagem se diz: "Teu Senhor é poderoso e misericordioso, e o Alcorão é uma revelação do Senhor do Universo. O Espírito fiel (o anjo Gabriel) o trouxe do Alto e o depositou em teu coração, ó Maomé, para que fosses apóstolo." Maomé se exprime da mesma maneira em relação ao livro de Moisés e ao Evangelho; diz (surata III, versículo 2): "Ele fez descer do Alto o Pentateuco e o Evangelho, para servir de direção aos homens", querendo dizer por isso que esses dois livros tinham sido inspirados por Deus a Moisés e a Jesus, como lhe havia inspirado o Alcorão.

Suas primeiras prédicas foram secretas durante dois anos, e nesse intervalo ele se ligou a uma centena de adeptos entre os membros de sua família e seus amigos. Os primeiros convertidos à nova fé foram Cadija, sua mulher; Ali, seu filho adotivo, de dez anos; Zeid, Varaka e Abu-Becr, seu mais íntimo amigo, que devia ser o seu sucessor. Tinha quarenta e dois anos quando começou a pregar publicamente e desde esse momento realizou-se a predição que lhe havia feito Varaka. Sua religião, fundada na unidade de Deus e na reforma de certos abusos, sendo a ruína da idolatria e dos que dela viviam, os coraicitas, guardas da Caaba e do culto nacional, levantaram-se contra ele. A princípio o trataram de louco; depois o acusaram de sacrilégio; amotinaram o povo; perseguiram-no e a perseguição tornou-se tão violenta que, por duas vezes, seus partidários tiveram de buscar refúgio na Abissínia. Entretanto, aos ultrajes ele sempre opunha a calma, o sangue-frio e a moderação. Sua seita crescia e seus adversários, vendo que não a podiam reduzir pela força, resolveram desacreditá-la pela calúnia. A zombaria e o ridículo não lhe foram poupados. Como se viu, os poetas eram numerosos entre os árabes; manejavam a sátira habilmente e seus versos eram lidos com avidez; era o meio empregado pela crítica mal-intencionada e não deixavam de a empregar contra ele. Como ele resistisse a tudo, seus inimigos, enfim, recorreram aos complôs para o matar e ele só escapou pela fuga ao perigo que o ameaçava. Foi então que se refugiou em *Yathrib*, depois chamada *Medina* (*Medinet-en-Nabi*, cidade do Profeta), no ano 622, e é dessa época que data a *Hégira*, ou era dos muçulmanos. Ele tinha mandado antecipadamente, a essa cidade, em pequenas tropas para não provocar suspeitas, todos os seus partidários de Meca, retirando-se por último, com Abu-Becr e Ali, seus discípulos mais devotados, quando soube que os outros estavam em segurança.

Dessa época data também para Maomé uma nova fase em sua existência; de simples profeta que era, foi constrangido a fazer-se guerreiro.

(Continua no próximo número)

Os Profetas do Passado

Uma obra intitulada *Os profetas do passado*, por Barbey d'Aurévilly, encerra o elogio de Joseph de Miastre e de Bonald, porque ficaram ultramontanos durante toda a vida, ao passo que Chateaubriand aí é censurado e Lamennais insultado e apresentado sob aspecto odioso.

A passagem seguinte mostra com que espírito o livro é concebido:

"Neste mundo, onde o espírito e o corpo estão unidos por um mistério indissolúvel, *o castigo corporal tem sua razão espiritual de existir*, porque o homem não tem a missão de desdobrar a Criação. Pois bem! se em vez de queimar os escritos de Lutero, *cujas cinzas caíram na Europa como uma semente*, tivessem *queimado o próprio Lutero*, o mundo estaria salvo pelo menos por um século. Queimado Lutero, vão gritar; mas não me atenho essencialmente à fogueira, desde que o erro seja *suprimido* na sua manifestação do momento e em sua manifestação contínua, isto é, *o homem* que o disse ou escreveu e que o chama verdade. É muito para os cordeiros da anarquia, *que não balem senão a liberdade!* Um homem de gênio, o mais positivo que viveu desde Maquiavel e que absolutamente não era católico, mas, ao contrário, um tanto liberal, dizia, com a brutalidade de uma decisão necessária: "Minha política é *matar dois homens,* quando necessário, para salvar três." Ora, *matando Lutero*, não são três homens que se salvariam à custa de dois: eram milhares de homens à custa de um só. Aliás, há mais que a economia do sangue dos homens: há o respeito da consciência e da inteligência do gênero humano. Lutero falseava uma e outra. Depois, quando há um ensinamento e uma fé social – era, então, o catolicismo – é preciso defendê-los e protegê-los, sob pena de perecer, um dia ou outro, como sociedade. Daí tribunais e instituições para conhecerem delitos contra a fé e o ensino. *A Inquisição é, pois, de necessidade lógica em qualquer sociedade*."

Se os princípios que acabamos de citar não passassem de opinião pessoal do autor dessa obra, não haveria por que se preocupar com muitas outras excentricidades. Mas ele não fala apenas em seu nome, e o partido do qual ele se faz órgão, não as desaprovando, ao menos lhe dá uma adesão tácita. Aliás, não é a primeira vez que, em nossos dias, essas mesmas doutrinas são preconizadas publicamente e é bem certo que elas ainda constituem a opinião de certa classe de pessoas. Se não se comove bastante, é que a sociedade tem muita consciência de sua força para se assustar. Cada um compreende que tais anacronismos prejudicam, antes de tudo, aos que os cometem, porque cavam mais profundamente o abismo entre o passado e o presente; esclarecem as massas e as mantêm despertas.

Como se vê, o autor não disfarça o seu pensamento e não toma precauções oratórias; não vai por quatro caminhos: "Teria sido necessário queimar Lutero; teria sido preciso queimar todos os fautores de heresias, para maior glória de Deus e salvação da religião." É claro e preciso. É triste para uma religião fundar a sua autoridade e estabilidade em semelhantes expedientes; é mostrar pouca confiança em seu ascendente moral. Se a sua base é a verdade absoluta, deve desafiar todos os argumentos contrários; como o Sol, basta que se mostre para dissipar as trevas. Toda religião que vem de Deus nada tem a temer do capricho nem da malícia dos homens; haure sua força no raciocínio; e se estivesse no poder de um homem derrubá-la, de duas uma: ou não seria obra de Deus, ou esse homem seria mais lógico do que Deus, já que seus argumentos prevaleceriam contra os de Deus.

O autor teria preferido antes queimar Lutero que os seus livros, porque, diz ele, *as cinzas destes caíram sobre a Europa como uma semente*. É de convir, pois, que os auto-de-fé de livros aproveitam mais à idéia que se quer destruir do que a prejudicam. Eis aí uma grande e profunda verdade constatada pela experiência. Por isso, queimar o homem lhe parece mais eficaz, porque, em sua opinião, é deter o mal na fonte. Mas, então, ele acredita que as

cinzas do homem sejam menos fecundas que as dos livros? Refletiu em todos os rebentos que produziram as cinzas de quatrocentos mil heréticos queimados pela Inquisição, sem contar o número muito maior dos que pereceram em outros suplícios? Os livros queimados dão apenas cinzas; mas as vítimas humanas dão sangue, produzindo marcas indeléveis que caem sobre os que o derramam. Foi desse sangue que saiu a febre de incredulidade que atormenta o nosso século, e se a fé se extingue é que a quiseram cimentar pelo sangue, e não pelo amor de Deus. Como amar um Deus que faz queimar os seus filhos? Como crer em sua bondade, se a fumaça das vítimas é incenso que lhe é agradável? Como crer em seu poder infinito, se precisa do braço do homem para fazer prevalecer a sua autoridade pela destruição?

Dirão que isto não é religião, mas abuso. Se tal fosse, com efeito, a essência do Cristianismo, nada haveria a invejar ao paganismo, mesmo quanto aos sacrifícios humanos, e o mundo quase não teria ganho com a troca. Sim, certamente é abuso; mas quando o abuso é obra de chefes que têm autoridade, que dela fazem uma lei e a apresentam como a mais santa ortodoxia, não é de admirar se, mais tarde, que as massas pouco esclarecidas confundam o todo na mesma reprovação. Ora, foram precisamente os abusos que engendraram as reformas, e os que os preconizaram colhem o que semearam.

É de notar que nove décimos das trezentas e sessenta e tantas seitas que dividiram o Cristianismo desde a sua origem tiveram por objetivo aproximar-se dos princípios evangélicos, sendo racional concluir que, se dele não se tivessem afastado, essas seitas não se teriam formado. E com que armas as combateram? Sempre com o ferro, o fogo, as proscrições e as perseguições; tristes e pobres meios de convencer! Foi no sangue que as quiseram abafar. Em falta de raciocínio, a força pôde triunfar dos indivíduos, destruí-los, dispersá-los, mas não pôde aniquilar a idéia. É por isto que, com algumas variantes, nós as vemos reaparecer incessantemente, sob outros nomes ou sob novos chefes.

Como se viu, o autor desse livro é favorável aos remédios heróicos. Entretanto, como teme que a idéia de queimar faça *gritar* no século em que estamos, declara "não se ater essencialmente à fogueira, contanto que o erro seja *suprimido* na sua manifestação do momento e na sua manifestação contínua, isto é, *o homem* que o disse ou escreveu, e que o chama verdade." Assim, desde que o homem desapareça, pouco lhe importa a maneira. Sabe-se que os recursos não faltam: o fim justifica os meios. Eis para a manifestação *do momento*; mas, para que o erro seja destruído na sua manifestação *contínua*, é preciso, necessariamente, que desapareçam todos os aderentes que não tiverem querido render-se de boa vontade. Vê-se que isto nos leva longe. Aliás, se o meio é duro, é infalível para se desembaraçarem de qualquer oposição.

No século em que estamos, tais idéias não podem deixar de ser importações e reminiscências de existências precedentes. Quantos aos *cordeiros que balem a liberdade*, é ainda um anacronismo, uma lembrança do passado; com efeito, outrora só podiam *balar*; mas hoje os cordeiros tornaram-se aríetes: não balem mais a liberdade; eles a tomam.

Vejamos, no entanto, se queimando Lutero teriam detido o movimento, do qual ele foi o instigador. O autor não parece muito certo disto, pois diz: "O mundo estaria salvo, ao menos por *um século*." Um século de prazo, eis tudo o que teriam ganho! E por quê? Eis a razão.

Se os reformadores só exprimissem as suas idéias pessoais, não reformariam absolutamente nada, porque não encontrariam eco. Um homem só é impotente para agitar as massas se estas forem inertes e não sentirem em si vibrar alguma fibra. É de notar que as grandes renovações sociais jamais chegam bruscamente; como as erupções vulcânicas, são precedidas por sintomas precursores. As idéias novas germinam, estão em efervescência numa porção de cabeças; a sociedade é agitada por uma espécie de estremecimento, que a põe à espera de alguma coisa.

É nesses momentos que surgem os verdadeiros reformadores, que assim se vêem como representantes, não de uma idéia individual, mas de uma idéia coletiva, vaga, à qual o reformador dá uma forma precisa e concreta, e só triunfa porque encontra espíritos prontos a recebê-la. Tal era a posição de Lutero. Mas Lutero não foi o primeiro, nem o único promotor da reforma. Antes dele houve apóstolos como Wicklef, João Huss, Jerônimo de Praga; estes dois últimos foram queimados por ordem do concílio de Constança; os hussitas, perseguidos com rigor após uma guerra encarniçada, foram vencidos e massacrados. Destruíram os homens, mas não a idéia, que foi retomada mais tarde sob outra forma e modificada em alguns detalhes por Lutero, Calvino, Zwingle, etc., donde é permitido concluir que, se tivessem queimado Lutero, isto para nada teria servido e nem mesmo dado um século de prazo, porque a idéia da reforma não estava somente na cabeça de Lutero, mas na de milhares de cabeças, de onde deveriam sair homens capazes de a sustentar. Teria sido apenas um crime a mais, sem proveito para a causa que o tivesse provocado; tanto isto é verdade que, quando uma corrente de idéias novas atravessa o mundo, nada poderá detê-la.

Lendo tais palavras, dir-se-iam escritas durante a febre das guerras religiosas, e não nos tempos em que se julgam as doutrinas com a calma da razão.

Criações Fantásticas da Imaginação

AS VISÕES DA SRA. CANTIANILLE B...

L'Événement de 19 de junho de 1866 contém o seguinte artigo:

"Fatos estranhos, ainda inexplicados, produziram-se o ano passado em Auxerre e agitaram a população. Os partidários do Espiritismo neles viram manifestações de sua doutrina e o clero os

considerou como novos exemplos de possessão; falaram de exorcismos, como se os belos tempos das Ursulinas de Loundon tivessem voltado. A pessoa em torno da qual se fazia todo esse barulho chamava-se Cantianille B... Um vigário da catedral de Sens, o abade Thorey, autorizado por seu bispo, constatou essas aparentes derrogações às leis naturais. Hoje esse eclesiástico publica, sob o título de *Relações maravilhosas da senhora Cantianille B... com o mundo sobrenatural*, o resultado de suas observações. Ele nos traz uma prova de seu trabalho e é com prazer que dele destacamos um trecho, curioso sob vários aspectos.

Em seu prefácio o autor, depois de haver exposto o plano do livro, acrescenta:

"Que o meu leitor, ao percorrer estas páginas, não precipite o seu julgamento; sem dúvida esses fatos lhe parecerão incríveis, mas eu lhe peço lembrar-se de *que afirmamos sob juramento*, Cantianille e eu, a verdade desses fatos. No relato a seguir, nada de exagerado nem inventado à vontade; tudo aí é perfeitamente exato.

"Aliás esses fatos, essas manifestações prodigiosas do mundo superior se repetem todos os dias e todas as vezes que o desejo. Pedimos que não nos acreditem sob nossa simples afirmação; ao contrário, rogamos encarecidamente que os estudem; que se façam reuniões de homens competentes, que desejem apenas a verdade e dispostos a buscá-la lealmente. Todas essas maravilhas se reproduzirão à sua frente e tantas vezes quantas necessárias para os convencer. Assumimos um compromisso.

"Possam os espíritos de idéias largas considerar este livro como uma boa nova!"

No correr da obra, Cantianille B... conta como se tornou membro e presidente de uma sociedade de Espíritos, em 1840, durante sua estada num convento de religiosas:

"Ossian (Espírito de segunda ordem), tendo vindo, como de hábito, buscar-me no convento, logo me vi transportada ao meio da reunião. Colocou-me sobre um trono, onde os aplausos mais barulhentos acolheram a minha aparição.

"Fizeram-me proferir o juramento ordinário: Juro ofender a Deus por todos os meios possíveis e não recuar diante de nada para fazer triunfar o inferno sobre o céu. Amo a Satã! Odeio a Deus! Quero a queda do céu e o reino do inferno!...

"Depois disto, cada um veio felicitar-me e encorajar-me para me mostrar forte nas provas que me restavam suportar. Prometi.

"Esses gritos, esse tumulto, esse desvelo de cada um, a música e os feixes de luz que clareavam a sala, tudo me eletrizava, me inebriava! Então gritei com voz forte: 'Estou pronta; não temo vossas provas; ides ver se sou digna de ser dos vossos.' Logo cessou todo ruído, toda luz desapareceu. 'Marcha', disse-me uma voz. Sem dúvida avancei por um estreito corredor, pois sentia de cada lado como que duas muralhas, e estas pareciam aproximar-se cada vez mais. Pensei que ia sufocar e o terror apoderou-se de mim. Quis voltar; mas, no mesmo instante, senti-me nos braços de Ossian. Ele exerceu sobre todo o meu corpo uma pressão tão viva que soltei um grito penetrante. 'Cala-te, disse-me ele, ou estarás morta.' O perigo restituiu-me a coragem...

"Não, não gritarei mais; não, não recuarei." E fazendo um esforço sobre-humano, transpus de um salto o longo corredor, que se tornava cada vez mais escuro e estreito. Apesar de meus esforços, meu espanto redobrava e eu talvez fosse fugir, quando, de repente, faltando terra sob meus pés, caí num abismo cuja profundidade não podia avaliar. Fiquei um instante atordoada nessa queda, sem, contudo, perder a coragem. Um pensamento infernal acabava de me atravessar o espírito. 'Ah! eles querem me apavorar!...

Verão se temo os demônios...' E logo me levantei para procurar uma saída. Mas... eis que de todos os lados apareceram chamas!... Aproximavam-se de mim como para me queimar...

"E, no meio desse fogo, os Espíritos gritando, urrando, que terror!

"Para que me queres? perguntei a Ossian.

"– Quero que sejas a presidente de nossa associação... Quero que nos ajudes a odiar a Deus; quero que jures ser nossa, por nós e conosco, em toda parte e para sempre!"

"Tão logo fiz estas promessas o fogo apagou-se subitamente.

"Não me fujas, disse-me ele, eu te trago a felicidade e a grandeza. Olha." Achei-me em meio aos associados, no meio da sala, que haviam embelezado em minha ausência. – Um repasto suntuoso foi servido.

"Aí me deram o lugar de honra; e, no fim, quando todos estavam esquentados pelo vinho e pelos licores e superexcitados pela música, fui nomeada presidente.

"Aquele que me havia entregue ressaltou nalgumas palavras a coragem que eu tinha mostrado nessas provas terríveis e, em meio de mil bravos, aceitei o título fatal de presidente.

"Eu estava, assim, à testa de vários milhares de pessoas atentas ao menor sinal. – Não tive senão um pensamento: merecer sua confiança e sua submissão. Infelizmente, fui muito bem sucedida."

O autor tem razão ao dizer que os partidários do Espiritismo podem ver nesses fatos manifestações de sua doutrina. É que, com efeito, o Espiritismo, para os que o estudaram alhures

que não na escola dos senhores Davenport e Robin, é a revelação de um novo princípio, de uma nova lei da Natureza, que nos dá a razão daquilo que, em falta de melhor, convencionou-se atribuir à imaginação. Esse princípio está no mundo extracorpóreo, intimamente ligado à nossa existência. Aquele que não admite a alma individual e independente da matéria, rejeitando a causa *a priori*, não pode explicar os seus efeitos. E, contudo, esses efeitos estão incessantemente aos nossos olhos, inumeráveis e patentes; seguindo-os passo a passo em sua filiação, chega-se à fonte. É o que faz o Espiritismo, procedendo sempre por via de observação, remontando do efeito à causa, e jamais pela teoria preconcebida.

Eis um ponto capital, sobre o qual nunca insistiríamos em demasia. O Espiritismo não tomou como ponto de partida a existência dos Espíritos e do mundo invisível, a título de suposição gratuita, salvo para provar mais tarde essa existência, mas na observação dos fatos, e dos fatos constatados concluiu pela teoria. Esta observação o levou a reconhecer não só a existência da alma como ser principal, pois que nela residem a inteligência e as sensações, e sobrevive ao corpo, mas que se passam fenômenos de ordem particular na esfera da atividade da alma, encarnada ou desencarnada, fora da percepção dos sentidos. Como a ação da alma se liga essencialmente à do organismo durante a vida, é um campo de exploração vasto e novo aberto à psicologia e à fisiologia, e no qual a Ciência achará o que inutilmente procura há tanto tempo.

Assim o Espiritismo encontrou um princípio profundo, o que não quer dizer que tudo possa explicar. O conhecimento das leis da eletricidade deu a explicação dos efeitos do raio. Ninguém tratou esta questão com mais saber e lucidez do que Arago e, contudo, nesse fenômeno tão vulgar do raio, há efeitos que ele declara, em que pese a sua sapiência, não poder explicar, por exemplo, o dos relâmpagos bifurcados. Nega-os por isto? Não, porque tem muito bom-senso e, aliás, não pode negar um fato. Que

faz ele? Diz: observemos e esperemos estar mais adiantados. O Espiritismo não age de outro modo; confessa sua ignorância sobre aquilo que não sabe e, esperando sabê-lo, busca e observa.

As visões da Sra. Cantianille pertencem a essa categoria de questões sobre as quais, de certo modo, não se pode, até mais ampla informação, senão tentar uma explicação. Cremos achá-la no princípio das criações fluídicas pelo pensamento.

Quando as visões têm por objeto uma coisa positiva, real, cuja existência é constatada, sua explicação é muito simples: a alma vê, por efeito de sua irradiação, o que os olhos do corpo não podem ver. Não tivesse o Espiritismo explicado senão isto e já teria levantado o véu sobre muitos mistérios. Mas a questão se complica quando se trata de visões que, como as da Sra. Cantianille, são puramente fantásticas. Como pode a alma ver o que não existe? De onde vêm essas imagens que, para os que as vêem, têm toda aparência de realidade? Dizem que são efeitos da imaginação. Seja; mas esses efeitos têm uma causa. Em que consiste esse poder da imaginação? Como e sobre o que age ela? Se uma pessoa medrosa, ao ouvir um ruído de camundongos durante a noite, for tomada de terror e imagine ouvir passos de ladrões; se tomar uma sombra ou uma forma vaga por um ser vivo que a persegue, aí estão verdadeiros efeitos da imaginação; mas, nas visões do gênero das de que se trata aqui, existe algo mais, porque já não é apenas uma idéia falsa, é uma imagem com suas formas e cores, tão claras e tão precisas que poderiam ser desenhadas; e, contudo, não passam de ilusão! De onde vem isto?

Para nos darmos conta do que se passa nessa circunstância, é preciso sairmos do nosso ponto de vista exclusivamente material, e penetrar, pelo pensamento, no mundo incorpóreo, identificar-nos com a sua natureza e com os fenômenos especiais que devem passar-se num meio inteiramente diverso do nosso. Estamos aqui em baixo na posição de um espectador que se

admira de um efeito cênico, porque não lhe compreende o mecanismo; mas, se for atrás dos bastidores, tudo lhe será explicado.

Em nosso mundo, tudo é matéria tangível. No mundo invisível tudo é, se assim nos podemos exprimir, *matéria intangível*, isto é, intangível para nós que apenas percebemos por órgãos materiais, mas tangível para os seres desse mundo, que percebem por sentidos espirituais. Tudo é fluídico nesse mundo, homens e coisas, e as coisas fluídicas aí são tão reais, relativamente, quanto o são para nós as coisas materiais. Eis um primeiro princípio.

O segundo princípio está nas modificações que o pensamento faz sofrer o elemento fluídico. Pode-se dizer que o modela à vontade, como modelamos uma porção de terra para dela fazer uma estátua; apenas sendo a terra uma matéria compacta e resistente, para a manipular é preciso um instrumento resistente, enquanto a matéria etérea sofre sem esforço a ação do pensamento. Sob essa ação, ela é susceptível de revestir todas as formas e todas as aparências. É assim que se vêem os Espíritos ainda pouco desmaterializados apresentar-se como tendo na mão os objetos que tinham em vida, revestir-se com as mesmas roupas, usando os mesmos ornamentos e tomando, à vontade, as mesmas aparências. A rainha de Oude, cuja entrevista publicamos na Revista de março de 1858, sempre se via com suas jóias e dizia que estas jamais a haviam deixado. Para isto basta-lhes um ato do pensamento, sem que, o mais das vezes, se dêem conta da maneira pela qual a coisa se opera, como entre os vivos muita gente anda, vê e ouve sem poder dizer como e por quê. Tal estava ainda o Espírito do zuavo de Magenta (Revista de julho de 1859), que dizia ter seu mesmo traje e que, quando lhe perguntavam onde o tinha obtido, pois o seu havia ficado no campo de batalha, respondia: Isto é com meu alfaiate. Citamos vários fatos deste gênero, entre outros o do homem da tabaqueira (agosto de 1859) e o de Pierre Legay (novembro de 1864), que pagava seu lugar no ônibus. Essas criações fluídicas por vezes podem revestir, para os vivos,

aparências momentaneamente visíveis e tangíveis, porque se devem, na realidade, a uma transformação da matéria etérea. O princípio das criações fluídicas parece ser uma das leis mais importantes do mundo incorpóreo.

A alma encarnada, gozando parcialmente em seus momentos de emancipação das faculdades do Espírito livre, pode produzir efeitos análogos. Aí pode estar a causa das visões ditas fantásticas. Quando o Espírito está fortemente imbuído de uma idéia, seu pensamento pode criar-lhe uma imagem fluídica que, para ele, tem todas as aparências da realidade, tão bem quanto o dinheiro de Pierre Legay, embora a coisa não exista por si mesma. Tal é, sem dúvida, o caso em que se encontrou a Sra. Cantianille. Preocupada com o relato que lhe fizeram do inferno, dos demônios e de suas tentações, dos pactos pelos quais eles se apoderam das almas, das torturas dos danados, seu pensamento lhe criou um quadro fluídico, que só tinha realidade para ela.

Pode-se classificar na mesma categoria as visões da Irmã Elmerich, que afirmava ter visto todas as cenas da Paixão e encontrado o cálice no qual Jesus havia bebido, bem como outros objetos análogos aos em uso no culto atual, que certamente não existiam naquela época e dos quais, no entanto, fazia uma descrição minuciosa. Dizendo que tinha visto tudo isto, agia com boa-fé, porque realmente tinha visto pelos olhos da alma, mas uma imagem fluídica, criada pelo seu pensamento.

Todas as visões têm seu princípio nas percepções da alma, como a vista corporal tem a sua na sensibilidade do nervo óptico; mas elas variam em sua causa e em seu objeto. Quanto menos desenvolvida é a alma, tanto mais é susceptível de criar ilusão sobre o que vê; suas imperfeições a tornam sujeita ao erro. As mais desmaterializadas são aquelas cujas percepções são mais extensas e mais justas; todavia, por mais imperfeitas que sejam, suas faculdades não são menos úteis para estudar. Se esta explicação não

oferece uma certeza absoluta, ao menos tem um caráter evidente de probabilidade. Prova, sobretudo, uma coisa: que os espíritas não são tão crédulos quanto o pretendem seus detratores e não baixam a cabeça a tudo quanto parece maravilhoso. Para eles, portanto, nem todas as visões são artigos de fé; mas, sejam o que forem, ilusões ou verdades, são *efeitos* que não poderiam ser negados. Eles os estudam e deles procuram dar-se conta, sem a pretensão de tudo saber e de tudo explicar. Não afirmam uma coisa senão quando está demonstrada pela evidência. Desse modo, aceitar tudo seria tão inconseqüente quanto tudo negar.

Questões e Problemas

FILHOS, GUIAS ESPIRITUAIS DOS PAIS

Tendo perdido um filho de sete anos, e tendo-se tornado médium, uma mãe teve por guia o próprio filho. Um dia ela lhe fez a seguinte pergunta:

Caro e bem-amado filho, um espírita, amigo meu, não compreende e nem admite que tu possas ser o guia espiritual de tua mãe, já que ela existia antes de ti e, indubitavelmente, deve ter tido um guia, nem que fosse durante o tempo em que tivemos a felicidade de ter-te ao nosso lado. Podes dar-nos algumas explicações?

Resposta do Espírito da criança – Como quereis aprofundar tudo quanto vos parece incompreensível? Mesmo aquele que vos parece mais adiantado no Espiritismo está apenas nos primeiros elementos desta doutrina e não sabe mais que este ou aquele, que vos parece a par de tudo e capaz de vos dar explicações. – Eu existi muito tempo antes de minha mãe e, em outra existência, ocupei uma posição eminente por meus conhecimentos intelectuais.

Mas um imenso orgulho se havia apoderado de meu Espírito, e durante várias existências consecutivas fui submetido à mesma provação, sem dela poder triunfar, até chegar à existência em que estava junto de vós. Mas como já era adiantado e minha partida devia servir ao vosso progresso, a vós tão atrasados na vida espírita, Deus me chamou antes do fim de minha carreira, considerando minha missão junto a vós mais proveitosa como Espírito do que como encarnado.

Durante minha última estada na Terra, minha mãe teve o seu anjo-da-guarda junto a ela, mas temporariamente, porque Deus sabia que era eu que devia ser o seu guia espiritual e que eu a traria mais eficazmente na via de que ela estava tão afastada. Esse guia, que ela tinha então, foi chamado a uma outra missão, quando vim tomar seu lugar junto a ela.

Perguntai aos que sabeis mais adiantados do que vós, se esta explicação é lógica e boa, pois é possível que me engane ao expressar a minha opinião pessoal. Enfim, isto vos será explicado, se perguntardes. Muitas coisas que ainda vos são ocultas vos parecerão claras mais tarde. Não queirais aprofundar muito, porque dessa aparente preocupação nasce a confusão de vossas idéias. Tende paciência; assim como um espelho embaciado por um sopro ligeiro pouco a pouco se clarifica, vosso espírito tranqüilo e calmo atingirá esse grau de compreensão necessário ao vosso adiantamento.

Coragem, pois, bons pais; marchai com confiança, e um dia bendireis a hora da provação terrível que vos trouxe à via da felicidade eterna, e sem a qual ainda teríeis muitas existências infelizes a percorrer.

Observação – Essa criança era de uma precocidade intelectual rara para sua idade. Mesmo gozando saúde, parecia pressentir seu fim próximo; gostava dos cemitérios, e sem jamais

ter ouvido falar do Espiritismo, em que seus pais não acreditavam, muitas vezes perguntava se, quando se está morto, não se podia voltar para os que se tinha amado; aspirava a morte como uma felicidade e dizia que quando morresse sua mãe não devia afligir-se, porque voltaria para junto dela. Com efeito, foi a morte de três filhos em alguns dias que levou os pais a buscar uma consolação no Espiritismo. Essa consolação eles a encontraram largamente e sua fé foi recompensada pela possibilidade de conversar a cada instante com os filhos, pois em muito pouco tempo a mãe tornou-se excelente médium, tendo até o próprio filho como guia, Espírito que se revela por grande superioridade.

COMUNICAÇÃO COM OS SERES QUE NOS SÃO CAROS

Por que todas as mães que choram seus filhos, e que ficariam felizes se com eles se comunicassem, muitas vezes não o podem? Por que a visão deles lhes é recusada, mesmo em sonho, não obstante seu desejo e suas preces ardentes?

Além da falta de aptidão especial que, como se sabe, não é dada a todos, por vezes há outros motivos, cuja utilidade a sabedoria da Providência aprecia melhor que nós. Essas comunicações poderiam ter inconvenientes para as naturezas muito impressionáveis; certas pessoas poderiam delas abusar e a elas se entregar com um excesso prejudicial à saúde. A dor, em semelhante caso, sem dúvida é natural e legítima; mas algumas vezes é levada a um ponto desarrazoado. Nas pessoas de caráter fraco, muitas vezes essas comunicações tornam mais viva a dor, em vez de a acalmar, razão por que nem sempre lhes é permitido receber, mesmo por outros médiuns, até que se tenham tornado mais calmas e bastante senhoras de si para dominar a emoção. A falta de resignação, em semelhante caso, é quase sempre um motivo de retardamento.

Depois, é preciso dizer que a impossibilidade de comunicar com os Espíritos que mais se ama, quando se o pode

com outros, é muitas vezes uma prova para a fé e a perseverança e, em certos casos, uma punição. Aquele a quem esse favor é recusado deve, pois, dizer-se que sem dúvida mereceu; cabe-lhe procurar a causa *em si mesmo*, e não atribui-la à indiferença ou ao esquecimento do ser lamentado.

Finalmente, há temperamentos que, não obstante a força moral, poderiam sofrer o exercício da mediunidade com certos Espíritos, mesmo simpáticos, conforme as circunstâncias.

Admiremos em tudo a solicitude da Providência, que vela sobre os mínimos detalhes, e saibamos submeter-nos à sua vontade sem murmurar, porque ela sabe melhor que nós o que nos é útil ou prejudicial. Ela é para nós como um bom pai, que nem sempre dá a seu filho o que ele deseja.

Dão-se as mesmas razões no que concerne aos sonhos. Os sonhos são as lembranças do que a alma viu no estado de desprendimento, durante o sono. Ora, essa lembrança pode ser interdita. Mas aquilo de que não nos lembramos não está, por isto, perdido para a alma; as sensações experimentadas durante as excursões que ela faz no mundo invisível, deixam ao despertar impressões vagas; e não referimos pensamentos e idéias cuja origem muitas vezes não suspeitamos. Podemos, pois, ter visto durante o sono os seres aos quais nos afeiçoamos, com os quais nos entretemos e não lhes guardar a lembrança. Então dizemos que não sonhamos.

Mas se o ser lamentado não pode manifestar-se de uma maneira ostensiva qualquer, nem por isso estará menos junto aos que o atraem por seu pensamento simpático. Ele os vê, ouve as suas palavras e, muitas vezes, adivinhamos a sua presença por uma espécie de intuição, uma sensação íntima, algumas vezes até por certas impressões físicas. A certeza de que não está no nada; de que não está perdido nas profundezas do espaço, nem nos abismos do

inferno; de que é mais feliz, agora isento dos sofrimentos corporais e das tribulações da vida; de que o veremos, depois de uma separação momentânea, mais belo, mais resplandecente, sob seu envoltório etéreo imperecível, e não sob a pesada carapaça carnal – eis a imensa consolação que recusam os que crêem que tudo acaba com a vida; e é o que dá o Espiritismo.

Em verdade, não se compreende o encanto que se pode encontrar em se comprazer na idéia do nada para si mesmo e para os seus, e a obstinação de certas pessoas em repelir até a esperança de que pode ser diferente, e os meios de adquirir a sua prova. Diga-se a um doente agonizante: "Amanhã estareis curado, vivereis ainda muitos anos, alegre, saudável", ele aceitará o augúrio com alegria; o pensamento da vida espiritual, indefinida, isenta de enfermidades e preocupações da vida, não é muito mais satisfatória?

Pois bem! o Espiritismo dela não dá apenas a esperança, mas a certeza. É por isto que os espíritas consideram a morte completamente diferente da maneira por que o fazem incrédulos.

PERFECTIBILIDADE DOS ESPÍRITOS

(Paris, 3 de fevereiro de 1866 - Grupo do Sr. Lat... – Médium: Sr. Desliens)

P. – Se, conforme o Espiritismo, os Espíritos ou almas se melhoram indefinidamente, devem tornar-se infinitamente aperfeiçoados ou puros. Chegados a esse grau, por que não são iguais a Deus? Isto não se coaduna com a justiça.

Resp. – O homem é uma criatura realmente singular! Sempre acha o seu horizonte muito limitado; quer compreender tudo, tudo captar, conhecer tudo! Quer penetrar o insondável e despreza o estudo do que lhe toca imediatamente; quer compreender Deus, julgar seus atos, fazê-lo justo ou injusto; diz como queria que ele fosse, sem suspeitar que ele é tudo isto e mais ainda!... Mas, verme miserável, alguma vez compreendeste de maneira absoluta algo do que te cerca? Sabes por qual lei a flor se

colora e se perfuma aos beijos vivificantes do Sol? Sabes como nasces, como vives e porque teu corpo morre?... – Tu vês fatos, mas, para ti, as causas ficam envoltas num véu impenetrável e querias julgar o princípio de todas as causas, a causa primeira, Deus, enfim! – Há muitos outros estudos mais necessários ao desenvolvimento de teu ser, que merecem toda a tua atenção!...

Quando resolves um problema de álgebra não vais do conhecido ao desconhecido e, para compreender Deus, esse problema insolúvel desde tantos séculos, queres dirigir-te a ele diretamente! Então possuis todos os elementos necessários para estabelecer uma tal equação? Não te falta algum documento para julgar teu Criador em última instância? Não vais crer que o mundo seja limitado a esse grão de poeira, perdido na imensidade dos espaços, onde te agitas mais imperceptível que o menor dos infusórios de que o Universo é uma gota d'água? – Entretanto, raciocinemos e vejamos por que, conforme teus conhecimentos atuais, Deus seria injusto não se deixando jamais alcançar por sua criatura.

Em todas as ciências há axiomas ou verdades irrecusáveis, que se admitem como bases fundamentais. As ciências matemáticas e, em geral, todas as ciências, são baseadas no axioma de que a parte jamais poderia igualar o todo. O homem, criatura de Deus, conforme esse princípio, jamais poderia alcançar aquele que o criou.

Suponde que um indivíduo deva percorrer uma estrada de extensão infinita; de uma *extensão infinita*, pesai bem a expressão. É esta a posição do homem em relação a Deus, considerado o seu fim.

Dir-me-eis que, por pouco que se avance, a soma dos anos e dos séculos de marcha permitirá atingir o fim. Aí está o erro!... O que fizerdes num ano, num século, num milhão de

séculos, será sempre uma quantidade finita; um outro espaço igual não vos permitirá fornecer senão uma quantidade igualmente finita, e assim por diante. Ora, para o mais noviço matemático, uma soma de quantidades finitas jamais poderia formar uma quantidade infinita. O contrário seria absurdo e, neste caso, poder-se-ia medir o infinito, o que o faria perder sua qualidade de infinito. – O homem progredirá sempre e incessantemente, mas em quantidade finita; a soma de seus progressos não será jamais senão de uma perfeição finita, que não poderia alcançar a Deus, o infinito em tudo. Não há, pois, injustiça da parte de Deus em que suas criaturas jamais o possam igualar. A natureza de Deus é um obstáculo intransponível a um tal fim do Espírito; sua justiça também não poderia permiti-lo, porque se um Espírito alcançasse a Deus, seria o próprio Deus. Ora, se dois Espíritos são tais que tenham ambos um poder infinito sob todos os aspectos e um seja idêntico ao outro, eles se confundirão num só e não haverá mais que um Deus; um deveria, pois, perder a sua individualidade, o que seria uma injustiça muito mais evidente do que não poder alcançar um fim infinitamente distanciado, mesmo dele se aproximando constantemente. Deus faz bem o que faz e o homem é muito pequeno para se permitir pesar as suas decisões.

Moki

Observação – Se há um mistério insondável para o homem, é o princípio e o fim de todas as coisas. A visão do infinito lhe dá vertigem. Para o compreender, são necessários conhecimentos e um desenvolvimento intelectual e moral que ainda está longe de possuir, malgrado o orgulho que o leva julgar-se chegado ao topo da escala humana. Em relação a certas idéias, está na posição de uma criança que quisesse fazer cálculo diferencial e integral antes de saber as quatro operações. À medida que avançar para a perfeição, seus olhos se abrirão à luz e o nevoeiro que os cobre se dissipará. Trabalhando seu melhoramento presente, chegará mais cedo do que se perdendo em conjecturas.

Variedades

A RAINHA VITÓRIA E O ESPIRITISMO

Lê-se no *Salut public* de Lyon, de 3 de junho de 1866, nas notícias de Paris:

"Durante sua curta estada em Paris, lorde Granville dizia a alguns amigos que a rainha Vitória se mostrava mais preocupada do que jamais se vira em qualquer época de sua vida, a respeito do conflito austro-prussiano. Acrescentava o nobre lorde, presidente do conselho privado de S. M. britânica, que a rainha acreditava obedecer à voz do defunto príncipe Alberto, nada poupando para evitar uma guerra que atearia fogo na Alemanha inteira. Foi sob essa impressão, que não a deixa, que escreveu várias vezes ao rei da Prússia, bem como ao imperador da Áustria e que também teria dirigido uma carta autógrafa à imperatriz Eugênia, suplicando-lhe juntar seus esforços aos dela em favor da paz."

Este fato confirma o que publicamos na *Revista Espírita* de março de 1864, sob o título de *Uma rainha médium*. Ali era dito, de acordo com uma correspondência de Londres, reproduzida por vários jornais, que a rainha Vitória se entretinha com o Espírito príncipe Alberto e tomava seus conselhos em certas circunstâncias, como o fazia em vida deste último. Remetemos a esse artigo para os detalhes do fato e para as reflexões a que deu causa. Aliás, podemos afirmar que a rainha Vitória não é a única cabeça coroada ou próxima da realeza, que simpatiza com as idéias espíritas, e todas as vezes que dissemos que a doutrina tinha aderentes até nos mais altos graus da escala social, em nada exageramos.

Muitas vezes têm perguntado por que os soberanos, convictos da verdade e da excelência desta doutrina, não consideravam um dever apoiá-la abertamente com a autoridade de seu nome. É que os soberanos talvez sejam os homens menos livres; mais que simples particulares, estão submetidos às exigências

do mundo e obrigados, *por razões de Estado*, a certas cautelas. Não nos permitiríamos citar a rainha Vitória, a propósito do Espiritismo, se outros jornais não houvessem tomado a iniciativa; e, porque não houve para o fato nem desmentidos, nem reclamações, julgamos poder fazê-lo sem inconveniente. Sem dúvida, dia virá em que os soberanos poderão confessar-se espíritas, como se confessam protestantes, católicos gregos ou romanos. Esperando, sua simpatia não é tão estéril quanto se poderia crer, porque, em certos países, se o Espiritismo não é entravado e perseguido oficialmente, como o era o Cristianismo em Roma, deve-o a altas influências. Antes de ser oficialmente protegido, deve contentar-se em ser tolerado, aceitar o que lhe dão e não pedir muito, com medo de nada obter. Antes de ser carvalho, não passa de caniço, e se o caniço não se quebra, é que se dobra ao vento.

Poesias Espíritas

MÉRY, O SONHADOR

(Grupo do Sr. L..., 4 de julho de 1866 – Médium: Sr. Vavasseur)

Em vossa margem recém-nato
Uma mulher vi com recato
Dizer ao ver meu despertar:
Seu doce sono não turbar,
Ele sonha; e eu nascia apenas!
Mais tarde, nas planícies plenas
Florido trevo desfolhava,
A dizer que Méry sonhava;
E quando a pobre mãe se estanca
A me assentar na pedra branca
Que guarda a borda do riacho,
Ela dizia ainda, eu acho:
Meu filho sonha. No colégio,
Por ódio ou por desprezo régio!
Amigos foram para longe,
Deixando-me só como um monge,

A sonhar. E quando a inquietude
Do mal manchou-me a juventude,
A turba me apontava o dedo
Dizendo: É Méry, deve cedo
Sonhar ainda. E então, prudente,
Quase a meio caminho rente
Fui julgado como escritor,
É em vão, diziam com humor,
Que ele evoca a poesia
Em seus versos, é a fantasia
Que em seu apelo vem. Méry,
Que quer que faça, é só Méry.
E quando a derradeira prece
Benzesse o que pó se fizesse,
Atento em meu sepulcro, ouvi
Um termo só, repito-o aqui:
Sonhador! Ah, sim, sobre a terra
Sonhei; que algum mal isto encerra?
Um sonho que não terminou,
E ao qual, aqui, reinício dou.

J. Méry

A PRECE DA MORTE PELOS MORTOS

(Sociedade de Paris, 13 de julho de 1866 – Médium: Sr. Vavasseur)

Dos tempos ao fremir os séculos se vão
Com os bens das estações, passam sem compaixão,
E a morte então passou mas sem bater à porta
Que escondia o tesouro e em segredo o transporta;
A vida! Ó morte! A mão que tua mão dirige
Cansada de bater, ela amanhã te exige
Teus golpes suspender? Tua fome incontida
Ainda quer perturbar o banquete da vida?
Mas, se vens sem cessar, qualquer hora do dia,
Buscar mortos em nós para a tua estadia,
O Universo é tão pouco a teus fundos abismos,
Ou sem fundo é teu caos a tão cruéis sadismos.
Ó morte! Vês chorar a virgem sem chorar,
E as flores secas tu que a deviam ornar,

Sem permitir-lhe a fronte a coroa cingir
De rosas e de lis que o esposo deu-lhe a rir.
Não escutas, ó morte! o grito da criança,
Que impiedosa vens ferir sem esperança
De sua própria mãe deixá-la conhecer
Que a ela dava o céu dando a terra ao nascer.
Não escutas, ó morte! a este velho que em vida
Implora-te um favor, à hora da partida,
E a seu filho abraçar e à filha abençoar,
Pra tranqüilo dormir da vida ante o cessar.
Mas, cruel! diz-me tu que os mortos vêm ser
Os que saem de cá para a outras margens ter?
Assim sofrerão sempre os tormentos da Terra
Em plena eternidade, e a prece o que ela encerra
Não poderia enfim dulcificar-lhe um dia?
E a morte respondeu: Na morada sombria
Onde, livre, instalei meu tenebroso império,
A prece é poderosa e é Deus que a inspira sério
Aos entregues a mim. À tarde, ao retornar,
Em meu sangrento trono em pompa vou sentar,
Miro a amplidão dos céus e sou eu a primeira
Por meus mortos a prece a recitar inteira.
Escuta, filho, escuta: "Ó Deus onipotente,
Lá dos céus sobre mim, sobre eles, faz clemente
O teu piedoso olhar. Que um raio de esperança
Os lugares aclare onde a dor nos alcança.
Faze-nos ver, ó Deus! A terra do perdão,
Essa margem sem fim, essa vasta extensão,
Dos eleitos da terra, ou seja a pátria eterna
Onde a todos criaste a vida sempiterna;
Faze cada um de nós, ante a tua vontade,
Com respeito inclinar-se; em face à majestade
De teus desígnios, pois, prosternado te adore;
Se curve ante teu nome, e ainda erguendo-se ore,
Exclamando: Senhor! Se me houvestes banido
Da morada terrena, assim me haveis punido
Dos mortos no reduto, eu posso confessar
Ter merecido mais; batei-me sem cessar,
Senhor, e eu sofrerei sem murmúrio velado
E meus olhos jamais tão bem terão chorado
Para lavar de todo a mancha tenebrosa
Que sempre no presente atém-se vergonhosa.

Vossos golpes terei, levarei minha cruz
Sem jamais maldizer da prova a que fiz jus,
E quando derdes fim à minha justa prova
Se derdes tu, Senhor, ao ser que se renova
Os bens que ele perdeu na amarga soledade,
O ar puro, a brisa, o sol, a própria liberdade,
O ter repouso e paz diante de vós, Senhor,
Comprometo-me a orar por mim mesmo e em favor
De meus pobres irmãos ao peso quase eterno
De um sofrer que os retém presos ao próprio inferno;
Às suas sombras, pois, do outro lado a chorar,
A minha assim lhes diz, então, ao se afastar:
Coragem, meus irmãos, vós que ficais aqui,
Eu cumprirei nos céus, o que vos prometi."

Casimir Delavigne

Já publicamos outros trechos de poesias obtidas por esse médium, nos números de junho e julho, sob os títulos de *A teu livro* e *A prece pelos Espíritos*. O Sr. Vavasseur é um médium versificador na acepção da palavra, porque só muito raramente obtém comunicações em prosa e, embora muito letrado e conhecedor das regras de poesia, de si mesmo jamais fez versos. Mas, dirão, o que sabeis a respeito e quem vos diz que aquilo que supondes obter mediunicamente não será produto de sua composição pessoal? Nós o acreditamos, primeiro porque ele o afirma e porque o temos por incapaz de mentir; em segundo lugar porque a mediunidade, sendo nele completamente desinteressada, nenhuma razão teria de se dar a um esforço inútil e de representar uma comédia indigna de um caráter honrado. Sem dúvida a coisa seria mais evidente e, sobretudo, mais extraordinária se ele fosse completamente analfabeto, como se vê em certos médiuns, mas os conhecimentos que possui não infirmariam a sua faculdade, desde que demonstrada por outras provas.

Que expliquem por que, por exemplo, se ele quiser compor algo de si mesmo, um simples soneto, nada obtém, ao passo que, sem o buscar, e sem desígnio premeditado, escreve

trechos de grande fôlego, de um jacto, mais rapidamente e mais correntemente do que se escreveria prosa, sobre um assunto improvisado, no qual não pensava? Qual o poeta capaz de semelhante proeza, que se repete quase diariamente? Não poderíamos duvidá-lo, porque os trechos que citamos, e muitos outros, foram escritos sob os nossos olhos, na Sociedade e em diferentes grupos, em presença de uma assembléia muitas vezes numerosa. Que todos os malabaristas, que pretendem descobrir os pretensos cordéis dos médiuns, imitando mais ou menos grosseiramente alguns efeitos físicos, venham, então, disputar com certos médiuns escreventes e tratar, mesmo em simples prosa, instantaneamente, sem preparação nem retoque, o primeiro assunto surgido e as mais abstratas questões! É uma prova a que nenhum detrator não quis ainda submeter-se.

A propósito, recordamo-nos de que, há seis ou sete anos, um escritor e jornalista, cujo nome por vezes figura na imprensa entre os zombadores do Espiritismo, veio nos procurar, dando-se por médium *intuitivo* e oferecendo seu concurso à Sociedade. Dissemos-lhe que, antes de aceitar sua *obsequiosa* oferta, precisávamos conhecer a extensão e a natureza de sua faculdade; em conseqüência, nós o convocamos para uma sessão particular de ensaio, na qual se encontravam quatro ou cinco médiuns. Tão logo estes tomaram do lápis, começaram a escrever com tal rapidez que o deixou estupefato; rabiscou três ou quatro linhas com fortes rasuras, alegou dor de cabeça, o que perturbava a sua faculdade. Prometeu voltar e não o vimos mais. Ao que parece, os Espíritos só o assistem com a cabeça fresca e em seu gabinete.

É verdade que se viram improvisadores, como o finado Eugène de Pradel, cativar os ouvintes pela sua naturalidade. Admiraram-se de que nada tivessem publicado. A razão é muito simples: é que o que seduzia a audição não era suportável à leitura; não passava de um arranjo de palavras saídas de uma fonte abundante, onde brilhavam, excepcionalmente, alguns traços

espirituosos, mas cujo conjunto era vazio de pensamentos sérios e profundos, e semeado de incorreções revoltantes. Não nos referimos à censura que se possa fazer aos versos, embora obtidos com quase tanta rapidez quanto os improvisos verbais. Se fossem fruto de um trabalho pessoal, seria uma singular humildade da parte do autor atribuir o mérito a outros, e não a si, privando-se da honra que daí poderia tirar.

Apesar de a mediunidade do Sr. Vavasseur ser recente, ele já possui uma coletânea bem importante de poesias de real valor, que pretende publicar. Apressar-nos-emos em anunciar essa obra tão logo apareça, pois não temos dúvida de que será lida com interesse.

Nota Bibliográfica

CANTATA ESPÍRITA

Letra do Sr. Herczka e música do Sr. Armand Toussaint, de Bruxelas, com acompanhamento de piano.

Esse fragmento não é dado como produção mediúnica, mas como obra de um artista inspirado por sua fé espírita. As pessoas competentes que ouviram a sua execução, concordam em lhe atribuir um mérito real, digno do assunto. Temos dito muitas vezes que, bem compreendido, o Espiritismo será uma fecunda mina para as artes, de onde a poesia, a pintura, a escultura e a música tirarão novas inspirações. Haverá a arte espírita, como houve a arte pagã e a arte cristã.

(Venda em benefício dos pobres. Preço líquido: 1 fr. 50 c., franco para a França, 1 fr. 60 c. – Bruxelas, sede da Sociedade Espírita, 51, rue de la Montagne. – Paris, no escritório da *Revista*).

Allan Kardec

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO IX SETEMBRO DE 1866 Nº 9

Os Irmãos Davenport em Bruxelas

Os irmãos Davenport acabam de passar algum tempo na Bélgica, onde deram pacificamente suas representações. Temos numerosos correspondentes nesse país, mas não nos consta, nem por informação destes, nem pelos jornais, que tais senhores ali tenham sido alvo das cenas lamentáveis que ocorreram em Paris. Será que os belgas dariam lições de urbanidade aos parisienses? Poder-se-ia crê-lo, comparando as duas situações. O que é evidente é que em Paris havia uma opinião formada, uma cabala organizada contra eles; e a prova disso é que os atacaram antes de saber o que iam fazer, antes mesmo que tivessem começado. Vaiar os que fracassam, os que não cumprem o que anunciam, é um direito comprado em toda parte, quando se paga a entrada. Mas, escarnecê-los, insultá-los, maltratá-los, quebrar seus instrumentos, antes mesmo que entrem em cena, é o que não se permitiria o último saltimbanco da feira. Seja qual for a maneira por que se considere esses senhores, tais procedimentos não têm desculpa num povo civilizado.

De que os acusavam? De se fazerem passar por médiuns? De pretenderem operar com a ajuda dos Espíritos? Se, da

parte deles, era um meio fraudulento para excitar a curiosidade do público, quem tinha o direito de se queixar? – Os espíritas, que podiam achar ruim a exibição de uma coisa lamentável. Ora, quem se queixou? Quem denunciou o escândalo, a impostura e a profanação? Precisamente os que não crêem nos Espíritos. Todavia, entre os que mais alto gritam que eles não existem, que fora do homem nada há, alguns acabam, graças às manifestações, se não por crer, ao menos por temer que haja alguma coisa. O medo de que os irmãos Davenport viessem prová-lo muito claramente desencadeou contra eles verdadeira cólera; se tivessem certeza de que eles não passavam de hábeis prestidigitadores, não haveria razão para temerem o primeiro escamoteador que surgisse. Sim, estamos convictos de que o medo de os ver triunfar foi a causa principal dessa hostilidade, que precedeu o seu aparecimento em público e preparou os meios de fazer abortar o seu primeiro espetáculo.

Mas os irmãos Davenport não passavam de um pretexto; não era à sua pessoa que visavam, mas ao Espiritismo, ao qual pensavam que eles pudessem dar uma sanção, e que, para grande pesar de seus antagonistas, frustra os efeitos da malevolência, pela prudente reserva de que jamais se afastou, apesar de tudo quanto fizeram para dela fazê-lo sair. Para muitas pessoas, é um verdadeiro pesadelo. Era preciso conhecê-lo muito pouco para crer que aqueles senhores, colocando-se em condições que ele desaprova, lhe pudessem servir de auxiliares. Contudo, serviram à sua causa, mas dele fazendo falar na ocasião e, sem o querer, a crítica lhe deu a mão, provocando o exame da doutrina. É de notar que todo o arruído feito em torno do Espiritismo é obra desses mesmos que o queriam abafar. O que quer que tenham feito contra ele, este jamais gritou; os adversários é que gritaram, como se já se julgassem mortos.

Extraímos do *Office de publicité*, jornal de Bruxelas, que dizem ter uma tiragem de 25.000 exemplares, as passagens

seguintes de dois artigos publicados nos números de 8 e 22 de julho último, sobre os irmãos Davenport, bem como duas cartas de refutação, lealmente inseridas no mesmo jornal. Apesar de um tanto gasto, o assunto não deixa de ter seu lado instrutivo.

CRÔNICA BRUXELENSE

"É bem certo que tudo acontece e que não se deve dizer: 'Desta água não beberei.' Se me tivessem dito que algum dia eu veria o armário dos irmãos Davenport ou esses ilustres feiticeiros, eu teria sido capaz de jurar que isto jamais aconteceria, pois basta que me digam que alguém é feiticeiro para me tirar toda curiosidade a seu respeito. O sobrenatural e a feitiçaria não têm inimigo mais obstinado do que eu. Eu não iria ver um milagre quando o mostrassem de graça: essas coisas me inspiram a mesma aversão que os bezerros de duas cabeças, as mulheres de barba e todos os monstros; acho idiotas os Espíritos batedores e as mesas inteligentes, e não há superstição que me faça fugir para o fim do mundo. Julgai se, com tais disposições, eu teria ido engrossar a multidão no caso dos irmãos Davenport, quando os diziam em comércio regular com os Espíritos! Também confesso que não me teria vindo a idéia de desmascarar a trapaça, de quebrar o seu armário e provar que realmente eles não eram feiticeiros, pois me parece que, assim, eu teria dado a prova de que eu mesmo tinha acreditado em suas pompas e em seus prodígios. Ter-me-ia parecido infinitamente mais simples afastar, logo de início, essa suposta feitiçaria e supor que, tendo enganado a tanta gente, deveriam ser criaturas muito hábeis em seus exercícios. Quanto a compreender, eu não me teria dado a esse trabalho. Para quê, desde que os Espíritos aí não tomam parte? E se tivesse havido muitos pobres Espíritos no outro mundo para neste virem fazer o papel de comparsas, *para quê, ainda?*

"Li com muita atenção, embora tivesse em que empregar melhor o meu tempo, a maior parte dos livros usados

pelos espíritas e aí encontrei tudo quanto era necessário para satisfazer a necessidade de uma religião nova, mas não com que me converter a essa velha novidade. Consultados todos os Espíritos, cujas respostas são citadas, nada disseram que não tivesse sido dito antes deles e em melhores termos do que as repetiram. Ensinaram-nos que é preciso amar o bem e detestar o mal, que a verdade é o contrário da mentira, que a alma é imortal, que o homem deve tender incessantemente a tornar-se melhor e que a vida é uma provação, coisas todas já sabidas há milhares de anos, e para a revelação das quais era inútil evocar tantos mortos ilustres e até personagens que, por mais célebres que sejam, jamais existiram. Não falo mesmo do Judeu-Errante; mas, imaginai que eu vá evocar Dom Quixote e que ele volte; isto não seria divertido ao máximo?

"Eu não tinha mais que uma objeção a respeito dos irmãos Davenport, já que não passavam de hábeis prestidigitadores. Esta objeção se resume nisto: *afastado com muito gosto todo o Espiritismo, e de comum acordo*, seus exercícios bem podiam não passar de um divertimento medíocre. É provável que não me tivesse vindo a idéia de ir vê-los se, feita a oferta graciosa de ir até lá, eu não tivesse considerado que a crônica obriga, que nem tudo são rosas na vida e que o cronista deve ir aonde vai o público e aborrecer-se um pouco, com direito à desforra. Resolvido a fazer as coisas em consciência, inicialmente fui de dia à sala do *Círculo Artístico e Literário*, onde se ocupavam na montagem do famoso armário. Vi-o ainda incompleto, à luz do dia, e despojado de toda a sua "poesia". Se as ruínas precisam da solidão e das sombras da noite, os truques dos prestidigitadores necessitam da luz do gás, da multidão crédula e da distância. Mas os irmãos Davenport são bons jogadores e jogam as cartas à mesa. Podia-se ver, e entrava quem quisesse. Um empregado ianque montava o armário com tranqüilidade; os violões, os pandeiros, as cordas, as campainhas lá estavam, de mistura com cofres, roupas, pedaços de tapetes, telas de embalagem; tudo ao abandono, à mercê de qualquer um e como desafio à curiosidade. Isto parecia dizer: Virai, revirai, examinai, procurai, investigai, fazei alguma coisa! nada sabereis.

"Nada há mais de insolentemente simples que o armário. É um armário para roupa branca, para vestuários, e que absolutamente não tem o aspecto de ser feito para alojar Espíritos. Pareceu-me de nogueira; na frente tem três portas, em vez de duas e se me afigura danificado pelas viagens que fez ou pelos ataques que sofreu. Dei uma olhadela, não muito de perto, porquanto, por mais aberto que estivesse, imaginei que um móvel tão misterioso devia cheirar a mofo, como a espineta mágica na qual escondiam Mozart em criança.

"Declaro formalmente que, a menos de aí pôr minhas roupas, eu não saberia o que fazer do armário dos irmãos Davenport. Cada qual no seu ofício. Eu o revi à noite, isolado sobre o estrado, diante da rampa: já tinha um aspecto monumental. A sala estava cheia, como jamais esteve nos dias em que Mozart, Beethoven e seus intérpretes bancavam as despesas da noite. O mais belo público que se pode ter: os mais amáveis, os mais espirituosos, as mais belas mulheres de Bruxelas, depois os conselheiros da Corte de Cassação, presidentes políticos, judiciários e literários; todas as academias, senadores, ministros, representantes, jornalistas, artistas, empreiteiros de construção, marceneiros, *"que eram como um buquê de flores!"* O honrado Sr. Rogier, ministro dos negócios estrangeiros, estava naquele sarau, onde lhe fazia companhia um antigo presidente da Câmara, o Sr. Vervoort que, desiludido das grandezas humanas, só conservou a presidência do Círculo, aliás uma realeza encantadora. À vista disto, senti-me completamente seguro. Um de nossos melhores pintores, o Sr. Robie, fez eco ao meu pensamento, dizendo-me: 'Vedes! A Áustria e a Prússia podem bater-se quanto queiram. Contanto que a crise européia não perturbe o nosso ministro dos negócios estrangeiros, a Bélgica pode dormir em paz.' Isto me pareceu peremptório, vós mesmo o julgareis e, sabendo que o Sr. Rogier assistiu sorridente ao sarau dos irmãos Davenport, podeis dormir tranqüilamente. É o que tendes melhor a fazer.

"Vi todos os exercícios dos irmãos Davenport *e de modo algum procurei compreender o seu mistério*. Tudo quanto posso dizer, sem pensar o mínimo em lhes diminuir o sucesso, é que não me é possível sentir o menor prazer nestas coisas. Elas não me interessam. Em minha presença amarraram os irmãos Davenport; dizem que os amarraram muito bem; depois puseram farinha em suas mãos e os trancaram no armário, baixaram a luz do gás e ouvi um grande ruído de violões, de campainhas e de pandeiros no armário. De repente o armário abriu-se: um pandeiro rolou até os meus pés, brusca e violentamente, e os irmãos Davenport apareceram, desamarrados, saudando o público e sacudindo a farinha que haviam posto em suas mãos. Aplaudiram muito. Aí está!

– Enfim, como explicais isto?

– Há pessoas no Círculo que o explicam muito bem. Quanto a mim, por mais que deite os bofes pela boca, absolutamente não sinto vontade de o explicar. Eles se desamarraram, eis tudo; e a mágica da farinha foi feita com habilidade. Acho os preparativos demorados, o ruído enfadonho e tudo pouco divertido. E nada de espírito, nem no singular, nem no plural.

– Assim, não acreditais?

– Não; creio no aborrecimento que senti.

– E o Espiritismo? não acreditais nele?

– Isto é pergunta de Sganarello a Don Juan. Logo ireis perguntar se creio no espírito mau. Responderei como Don Juan, que acredito que dois e dois são quatro e que quatro e quatro são oito. Ainda não sei se, vendo o que se passa na Alemanha e alhures, não seria forçado a fazer reservas.

– Então sois ateu?

– Não. Sem modéstia, sou o homem mais religioso da Terra.

– Assim, acreditais em Deus, na imortalidade da alma, na...

– Creio. É a minha felicidade e a minha esperança.

– E tudo isto se concilia convosco: quatro e quatro são oito!

– Precisamente. Tudo está aí. *O turco é uma bela língua*.

– Então ides à missa?

– Não. Mas não vos impeço de ir lá.

O pássaro no galho, o verme brilhando na erva, os globos no espaço e meu coração cheio de adoração me cantam a missa noite e dia. Amo a Deus apaixonadamente e sem temor. Que quereis que, com isso, eu faça das religiões e de outras variedades do *davenportismo*?[17]

– E o Espiritismo? e Allan Kardec?

– Creio que o Sr. Allan Kardec, que faria muito melhor se usasse o seu nome verdadeiro, é tão bom cidadão quanto vós e eu. Sua moral não difere da moral comum, que me basta. Quanto às suas revelações, gosto tanto quanto do armário dos Davenport, com ou sem violões. Li as revelações dos Espíritos; seu estilo não vale o de Bossuet e, salvo citações feitas das obras dos homens ilustres, é pesado e por vezes banal. *Eu não gostaria de escrever como o mais forte do grupo:* meu diretor me diria que o macarrão é bom, mas que dele não se deve abusar. O Espiritismo tem sobrenatural e

17 **N. do T.:** *Grifo nosso*. Alusão aos irmãos Davenport.

dogmas e eu desconfio desse bloco enfarinhado. Já havia dito isto há cinco anos, falando da doutrina, pois se trata de uma doutrina: aí há de tudo para *improvisar* uma religião nova. Seria melhor ser simplesmente religioso e ater-se às revelações do Universo.

"Vejo esta religião despontando. Já é uma seita, e considerável; não podeis imaginar o número e a seriedade das cartas que já recebi, por ter abordado o Espiritismo ultimamente. Ele tem os seus fanáticos, terá os seus intolerantes, seus sacerdotes, porque o dogma se presta à ação intermediária, uma vez que os Espíritos têm classes e preferências. Assim que esse novo dogma conquistar dez por cento dos crentes, veremos o seu clero. Eu o creio destinado a herdar do catolicismo, tendo em vista os seus aspectos sedutores. Esperai apenas que os espertos aí se misturem, e os profetas e os evocadores privilegiados surgirão através do mistério da coisa, que é suave e poética, como as ervas daninhas num campo de trigo.

Eis duas cartas que foram dirigidas. Vêm de pessoas leais, ingênuas e convictas; é por isto que as publico.

"Ao Sr. Bertram.

"Há quatro anos eu era o que se pode chamar um franco-retardatário. Católico sincero, acreditava nos milagres, no diabo, na infalibilidade papal. Assim, eu teria aceito sem discutir a Encíclica de Pio IX[18], com todas as suas conseqüências na ordem política.

"Mas, perguntareis, para que serve esta confissão de um desconhecido? Palavra de honra, Sr. Bertram, vou informar-vos,

18 **N. do T.:** Alusão à encíclica *Quanta cura* (1864), que condenava o liberalismo, o socialismo e o naturalismo. Pio IX (1792-1878) foi um dos papas que por mais tempo estiveram à testa da Igreja Católica. Seu pontificado durou trinta e dois anos, incluindo todo o período em que Allan Kardec codificou o Espiritismo.

mesmo sob o risco de excitar a vossa verve trocista ou *de vos fazer fugir até o fim do mundo*.

"Um dia vi, em Antuérpia, uma mesinha, vulgarmente chamada mesa falante, que me respondeu a uma pergunta mental em meu idioma natal, desconhecido dos assistentes; entre estes havia espíritos fortes, maçons que não acreditavam em Deus, nem na alma. A coisa lhes deu a refletir, leram com avidez as obras espíritas de Allan Kardec; fiz como eles, sobretudo quando vários sacerdotes me asseguraram que tais fenômenos eram obra exclusiva do... demônio. Não lamentei o tempo que isto me custou; muito ao contrário. Nesses livros não só achei a solução racional e muito natural do fenômeno acima, mas uma saída para muitas questões, para muitos problemas que eu me questionava de longa data. Aí encontrastes matéria para uma religião nova; mas, Sr. Bertrand, acreditais que haveria grande mal nisto, se fosse o caso? O catolicismo corresponde de tal modo às necessidades de nossa sociedade que não possa ser revigorado, nem substituído vantajosamente? Ou acreditais que a Humanidade possa dispensar toda crença religiosa? O liberalismo proclama belos princípios, mas é, em grande parte, céptico e materialista. Nessas condições jamais ligaria as massas a si, tampouco o catolicismo ultramontano. Se o Espiritismo um dia for chamado a tornar-se uma religião, será a religião natural, bem desenvolvida e bem compreendida, e esta, certamente, não é nova. É, como dizeis, uma velha novidade; mas é, também, um terreno neutro, onde todas as opiniões, tanto políticas quanto religiosas, um dia poderão dar-se as mãos.

"Seja como for, desde que me tornei espírita, algumas más línguas me acusam de me haver tornado livre-pensador. É verdade que a partir de então, assim como os espíritos fortes, de que falava acima, não creio mais no sobrenatural, nem no diabo; mas, em compensação, acreditamos um pouco mais em Deus, na imortalidade da alma, na pluralidade das existências; filhos do século dezenove, percebemos uma estrada segura e por ela

queremos impulsionar o carro do progresso, em vez de o retardar. Vedes, pois, que o Espiritismo tem ainda seu lado bom, já que pode operar tais mudanças. E agora, para voltar aos irmãos Davenport, seria erro fugir às experiências, ou concluir de modo preconceituoso contra elas, em virtude de serem novas. Quanto mais extraordinários os fatos, mais merecem ser observados conscienciosamente, e sem idéias preconcebidas, porquanto, quem poderia vangloriar-se de conhecer todos os segredos da Natureza? Nunca vi os irmãos Davenport, mas li o que a imprensa francesa escreveu sobre eles e fiquei admirado da má-fé posta no caso. Os amadores poderão ler com proveito o livro *Forças naturais desconhecidas,* de Hermès (Paris, Didier, 1865); é uma refutação do ponto de vista da Ciência, das críticas dirigidas contra eles. Se é verdade que aqueles senhores não se apresentam como espíritas, nem conhecem a doutrina, não há por que o Espiritismo lhes tomar a defesa. Tudo o que se pode dizer é que fatos semelhantes aos por eles produzidos são possíveis em virtude de uma lei natural hoje conhecida e pela intervenção de Espíritos inferiores. Apenas até aqui estes fatos ainda não se tinham produzido em condições tão pouco favoráveis, em horas fixas e com tanta regularidade.

"Espero, senhor, que acolhais estas observações desinteressadas e lhes deis hospitalidade em vosso jornal. Possam elas contribuir para elucidar uma questão mais interessante para os vossos leitores do que poderíeis supor.

"Vosso Assinante,

H. Vanderyst"

"Ei-la publicada! não me acusarão de pôr "a luz sob o alqueire."

"Antes de mais, não tenho alqueire; depois, sem qualquer gracejo, não vejo aqui muita luz. Jamais fiz objeção à moral do Espiritismo; ela é pura. Os espíritas são honestos e

caridosos: seus donativos para as creches mo provaram. Se se apegam aos seus Espíritos superiores e inferiores, nisso não vejo inconveniente. É uma questão entre o seu instinto e a sua razão.

"Há um pós-escrito na carta. Ei-lo:

"Permiti chame a vossa atenção para a obra que acaba de ter a honra do Índex: *Pluralidade das Existências da Alma,* de Pezzani, advogado, onde essa questão é tratada fora da revelação espírita."

"Passemos à outra carta:

(Segue-se uma segunda carta no mesmo sentido que a precedente, e que termina assim):

"Estou convicto de que, no dia em que a imprensa se dispuser a desenvolver tudo quanto o Espiritismo encerra de belo, o mundo fará progressos imensos, moralmente. Tornar claro ao homem que cada um traz em si a verdadeira religião, *a consciência*, deixá-lo em presença de si mesmo para responder por seus atos diante do Ser Supremo, que coisa importante! Não seria matar o materialismo, que faz tanto mal no mundo? Não seria uma barreira contra o orgulho, a ambição, a inveja, coisas que tornam infelizes os homens? Ensinar ao homem que deve fazer o bem para merecer sua recompensa? Certamente há homens que estão convencidos de tudo isto, mas quantos em relação à generalidade? E tudo isto se pode ensinar ao homem. De minha parte, evoquei meu pai e, conforme as resposta que obtive, a dúvida não é mais possível.

"Se eu tivesse a felicidade de manejar a pena como vós, trataria o Espiritismo como chamado a nos inculcar uma moral suave e agradável. Meu primeiro artigo teria por título: *O Espiritismo, ou a destruição de todo fanatismo. A queda dos jesuítas e de todos os que vivem da credulidade humana*. Colhem-se todas essas idéias no excelente livro de Allan Kardec. Como eu gostaria que

tivésseis minha maneira de encarar o Espiritismo! Como faríeis bem à moral! Mas, meu caro Bertram, como pudestes encontrar sobrenatural e feitiçaria no Espiritismo? Não acho mais extraordinário em nos comunicarmos com nossos parentes e amigos passados ao outro mundo, por meio do fluido que nos põe em contato com eles, do que nos comunicarmos com os irmãos deste globo a distâncias fabulosas por meio do fio elétrico!"

Tudo publicado sem observação e sem comentário, para provar apenas que o Espiritismo tem, na Bélgica, partidários ardentes em sua fé. Positivamente a seita faz progressos, e logo o catolicismo terá de contar com ela.

"A imprensa parisiense não agiu de má-fé com os irmãos Davenport; o que ela faz ver bem é que estes não mais exibem pretensões ao sobrenatural. Ao menos que eu saiba, já não dão exibições a cinqüenta francos por cabeça. Entretanto, creio que as pessoas que quisessem pagar seu lugar por esse preço não seriam mal recebidas. Para concluir, afirmo que seus exercícios não me parecem feitos para exercer grande influência sobre o futuro das sociedades humanas."

Bertram

Depois das duas cartas que se acaba de ler, não teremos muita coisa a dizer sobre o artigo. Sua moderação contrasta com a acrimônia da maioria dos que outrora foram escritos sobre o mesmo assunto. Ao menos o autor não contesta aos espíritas o direito de ter uma opinião, que ele respeita, embora não a compartilhe. Ao contrário de certos apóstolos do progresso, reconhece que a liberdade de consciência é para todos; já é alguma coisa. Concorda mesmo que os espíritas têm coisas boas e são de boa-fé. Enfim, constata os progressos da doutrina e confessa que ela tem um lado sedutor. Assim, faremos apenas ligeiras observações.

O Sr. Bertram nos considera tão bom cidadão quanto ele, e nós lhe agradecemos. Mas acrescenta que faríamos muito bem em usar o nosso nome verdadeiro. Por nosso lado permitimo-nos perguntar-lhe por que assina seus artigos como *Bertram*, em vez de *Eugène Landois*, o que nada tira de suas qualidades pessoais, pois sabemos que ele é o principal organizador da creche de Saint-Josse-Tennoode, da qual se ocupa com louvável solicitude.

Se o Sr. Bertram tivesse lido os livros espíritas com tanta atenção quanto o diz, saberia se os espíritas são tão simplórios para evocar o Judeu-Errante e Dom Quixote; saberia o que o Espiritismo aceita e o que condena; não afetaria apresentá-lo como uma religião, porque, da mesma maneira, todas as filosofias seriam religiões, desde que é de sua essência discutir as bases mesmas de todas as religiões: Deus e a natureza da alma. Compreenderia, finalmente, que se algum dia o Espiritismo se tornasse uma religião, não poderia tornar-se intolerante sem renegar seu princípio, que é a fraternidade universal, sem distinção de seita e de crença; sem abjurar sua divisa: *Fora da caridade não há salvação*, o símbolo mais explícito do amor ao próximo, da tolerância e da liberdade de consciência. Ele jamais disse: *"Fora do Espiritismo não há salvação."* Se uma religião se apoiasse no Espiritismo com exclusão desses princípios, não seria mais Espiritismo.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica que toca em todas as questões humanitárias. Pelas profundas modificações que traz às idéias, faz encarar as coisas de outro ponto de vista. Daí, para o futuro, inevitáveis modificações nas relações sociais; é uma mina fecunda onde as religiões, como as ciências, como as instituições civis, colherão elementos de progresso. Mas, porque toca em certas crenças religiosas, não constitui um culto novo, como não é um sistema particular de política, de legislação ou de economia social. Seus templos, suas cerimônias e seus sacerdotes estão na imaginação de seus detratores e dos que temem vê-lo tornar-se religião.

O Sr. Bertram critica o estilo dos Espíritos e coloca o seu muito acima; é direito seu e não lho disputaremos. Também não lhe contestamos que a moral dos Espíritos nada de novo nos ensina. Isto prova uma coisa: os homens são apenas mais culpados por praticá-la tão pouco. É, pois, de admirar que Deus, em sua solicitude, lhas repita sob todas as formas? Se, a tal respeito, o ensino dos Espíritos é inútil, o do Cristo o era igualmente, pois que ele não fez senão desenvolver os mandamentos do Sinai; os escritos de todos os moralistas também são inúteis, pois apenas repetem a mesma coisa em outros termos. Com tal sistema, quanta gente cujos trabalhos seriam inúteis, sem aí incluir os cronistas que, por sua condição, nada devem inventar.

Não resta dúvida de que a moral dos Espíritos é tão velha quanto o mundo, o que nada tem de surpreendente, porquanto, não sendo a moral senão a lei de Deus, esta lei deve ser de toda eternidade e a criatura nada pode acrescentar à obra do Criador. Mas não há nada de novo no modo de ensinar? Até agora o código de moral só tinha sido promulgado por algumas individualidades; foi reproduzido em livros que nem todo mundo lê ou compreende. Pois bem! hoje esse mesmo código é ensinado, não mais por alguns homens, mas por milhões de Espíritos, que foram homens, em todos os países, em cada família e, a bem dizer, a cada indivíduo. Credes que aquele que tiver sido indiferente à leitura de um livro, que tiver tratado as máximas que ele encerra como lugares-comuns, não ficará diversamente impressionado se seu pai, sua mãe ou um ser que lhe é caro e que respeita, lhe vem dizer, mesmo num estilo inferior ao de Bossuet: "Não estou perdido para ti, como pensavas; estou ao teu lado, vejo-te e te escuto; conheço-te melhor do que quando estava vivo, porque leio o teu pensamento. Para ser feliz no mundo onde estou, eis a regra de conduta a seguir; tal ação é boa e tal outra é má, etc." Como vedes, é um ensino direto ou, se preferirdes, um novo meio de publicidade, tanto mais eficaz quanto vai direto ao coração; que nada custa; que se dirige a todos, ao pequeno como ao grande, ao

pobre como ao rico, ao ignorante como ao sábio, e desafia o despotismo humano que lhe queria opor uma barreira.

Mas, direis, isto é possível? Não será uma ilusão? Essa dúvida seria natural se tais comunicações só fossem feitas a um único homem privilegiado, pois nada provaria que não se engane; mas, quando milhares de indivíduos as recebem semelhantes, diariamente e em todos os países do mundo, é racional pensar que todos sejam alucinados? Se o ensino do Espiritismo fosse relegado nas obras espíritas, não teria conquistado a centésima parte dos adeptos que possui. Esses livros apenas resumem e coordenam esse ensino; mas o que constitui o seu sucesso é que cada um encontra em seu íntimo a confirmação do que eles encerram.

Só haverá motivo para dizer-se que o ensino moral dos Espíritos é supérfluo quando se tiver provado que os homens são bastante *bons* para os dispensar. Até lá não é de admirar vê-los repetidos sob todas as formas e em todos os tons.

Direis, Sr. Bertram: – Que me importa que haja ou não Espíritos! É possível que isto vos seja indiferente, mas não é assim com todos. É absolutamente como se dissésseis: "Que me importa que haja habitantes na América, e que o cabo elétrico venha prová-lo!" Cientificamente é algo que prova o mundo invisível; moralmente, é muito. O fato de os Espíritos povoarem o espaço, que se julgava desabitado, é a descoberta de todo um mundo, a revelação do futuro e do destino do homem, uma revolução nas crenças. Ora, se a coisa existe, nenhuma negação poderá impedi-la de existir. Seus resultados inevitáveis bem merecem que com ela a gente se preocupe. Sois homem de progresso e repelis um elemento do progresso? um meio de melhorar a Humanidade, de consolidar a fraternidade entre os homens? uma descoberta que conduz à reforma dos abusos sociais, contra os quais clamais incessantemente? Credes em vossa alma imortal e não vos preocupais absolutamente em saber em que ela

se tornará, em que se tornaram vossos parentes e amigos? Francamente, isto é pouco racional. Direis que não é no armário dos irmãos Davenport que o encontrareis; de acordo. Jamais dissemos que aquilo fosse Espiritismo. Todavia, esse mesmo armário, precisamente por que, certo ou errado, aí fizeram intervirem os Espíritos, fez falar muito dos Espíritos, mesmo aos que neles não acreditavam. Daí as pesquisas, os estudos, que não teriam sido feitos se esses senhores se tivessem apresentado como meros prestidigitadores. Se os Espíritos não estavam em seu armário, bem podiam provocar esse meio de fazer uma porção de gente sair de sua indiferença. Vedes que vós mesmo, sem que vos désseis conta, fostes levado a semear a idéia entre os vossos numerosos leitores, o que não teríeis feito sem esse famoso armário.

Quanto às verdades novas que ressaltam das revelações espíritas, fora da moral, recomendamos o artigo publicado na *Revista* de janeiro de 1865, sob o título de *O que ensina o Espiritismo*.

O Espiritismo só pede para ser Conhecido

É um fato comprovado que desde que a crítica se voltou contra o Espiritismo, mostrou a mais completa ignorância de seus princípios, mesmo daqueles mais elementares. Ela o provou superabundantemente, fazendo-o dizer precisamente o contrário do que ele diz, atribuindo-lhe idéias diametralmente opostas às que ele professa. Como, para ela, o Espiritismo é considerado uma fantasia, disse consigo mesma: "Ele deve dizer e pensar tal coisa." Numa palavra, ela o julgou pelo que imaginou pudesse ele ser, e não pelo que é realmente. Sem dúvida, lhe era muito fácil esclarecer-se; mas, para isto, era preciso ler, estudar aprofundar uma doutrina toda filosófica, analisar o pensamento, sondar o alcance das palavras. Ora, eis aí um trabalho sério, que não é do gosto de

todo o mundo, muito fatigante mesmo para alguns. A maioria dos escritores, encontrando nos escritos de alguns de seus confrades um julgamento acabado, de acordo com suas idéias cépticas, aceitaram o fundo sem maior exame, limitando-se a lhes fantasiar algumas variantes na forma. Foi assim que as mais falsas idéias se propagaram, quais ecos na *imprensa*, e daí a uma parte do público.

Isto, entretanto, não poderia ter senão um tempo. A Doutrina Espírita, que nada tem de oculto, que é clara, precisa, sem alegorias nem ambigüidades, sem fórmulas abstratas, deveria acabar sendo mais bem conhecida. A própria violência com a qual era atacada devia provocar o seu exame. Foi o que aconteceu e provoca a reação que hoje se nota. Isto não quer dizer que todos os que a estudam, mesmo seriamente, devam tornar-se seus apóstolos; não, certamente. Mas é impossível que um estudo atento, feito sem idéia preconcebida, ao menos não atenue a prevenção que se tinha concebido, se não a dissipar completamente. Era evidente que a hostilidade de que era objeto o Espiritismo deveria levar a esse resultado. É por isto que jamais nos preocupamos a tal respeito.

Porque o Espiritismo faz menos ruído neste momento, algumas pessoas imaginam que há uma estagnação em sua marcha progressiva; mas não levam elas em nenhuma conta a reviravolta que se opera na opinião pública? Será uma conquista insignificante ser visto com menos maus olhos? Desde o começo o Espiritismo congregou rodos aqueles em que essas idéias estavam, a bem dizer, em estado de intuição; teve apenas que se mostrar para ser aceito com entusiasmo. É o que explica seu rápido crescimento numérico. Hoje, que colheu o que estava maduro, age sobre a massa refratária; o trabalho é mais demorado; os meios de ação são diferentes e apropriados à natureza das dificuldades, mas, pelas flutuações da opinião, sente-se que essa massa se abala sob os golpes dos Espíritos, que a ferem incessantemente de mil maneiras. Por ser menos aparente, o progresso não é menos real; é como o de um edifício que se eleva com rapidez e que parece parar quando se trabalha no interior.

Quanto aos espíritas, o primeiro momento foi o do entusiasmo. Mas um estado de superexcitação não pode ser permanente; ao movimento expansivo exterior, sucedeu um estado mais calmo; a fé também é viva, mas é mais fria, mais racional e, por isto mesmo, mais sólida. A efervescência deu lugar a uma satisfação íntima mais suave, cada dia mais bem apreciada, pela serenidade que proporciona a inabalável confiança no futuro.

Hoje, pois, o Espiritismo começa a ser julgado de outro ponto de vista. Não o acham mais tão estranho e tão ridículo, porque o conhecem melhor; os espíritas já não são apontados com o dedo, como animais curiosos; se muitas pessoas ainda repelem o fato das manifestações, que podem conciliar com a idéia que fazem do mundo invisível, não mais contestam o alcance filosófico da doutrina; nova ou velha a sua moral, não deixa de ser uma doutrina moral, que não pode senão estimular ao bem os que a professam. É o que reconhece quem quer que julgue com conhecimento de causa. Agora, tudo quanto censuram nos espíritas é a crença destes na comunicação dos Espíritos; mas lhes relevam essa pequena fraqueza em favor do resto. Sobre este ponto os Espíritos se encarregarão de mostrar se existem.

O artigo do Sr. Bertram, de Bruxelas, acima citado, parece-nos a expressão do sentimento que tende a se propagar no mundo dos zombadores e se desenvolverá à medida que o Espiritismo for mais conhecido. O artigo seguinte é no mesmo sentido, mas revela uma convicção mais completa. É o extrato do *Soleil* de 5 de maio.

"Ao mesmo tempo que apareciam *Os Apóstolos*, do Sr. Ernest Renan, o Sr. J.-B. Roustaing, adepto esclarecido do Espiritismo, publicava na livraria central uma obra considerável, intitulada *Os Quatro Evangelhos*, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e em verdade pelos evangelistas, assistidos pelos apóstolos.

"A massa dos parisienses quase não conhece, em matéria de Espiritismo, senão as falcatruas de alguns escamoteadores, que em vão tentaram abusar da credulidade de um público incrédulo. Esses charlatães foram vaiados, o que é muito bem feito; mas os espíritas, cheios de ardor e de fé, não deixaram de continuar suas experiências e sua rápida propaganda.

"Em Paris as coisas mais sérias são tratadas do mesmo modo que as coisas mais fúteis. É aqui que, na maioria dos casos, se pergunta se se trata de um deus, de uma mesa, ou de uma bacia. As experiências primárias tentadas entre duas xícaras de chá, por algumas mulheres adúlteras e alguns jovens pretensiosos, bastaram à curiosidade dos parisienses. Se a mesa fingia que girava, riam muito; se, ao contrário, a mesa não se movia, riam ainda mais. E é assim que a questão era aprofundada. A coisa se dava de outra maneira entre a população mais sensata da província. O menor resultado animava os prosélitos, excitava-lhes o ardor. O Espírito de seus parentes correspondia à sua expectativa, e cada um deles, conversando com a alma de seu pai e de seu irmão defuntos, estava convencido de haver levantado o véu da morte que, doravante, não lhes podia aterrorizar.

"Se alguma vez houve uma doutrina consoladora, certamente é esta: a individualidade conservada além do túmulo, a promessa formal de uma outra vida, que é realmente a continuação da primeira. A família subsiste, a afeição não morre com a pessoa; não há separação. Cada noite, no sul e no oeste da França, as reuniões espíritas atentas tornam-se mais numerosas. Oram, evocam, crêem. Gente que não sabe escrever, escreve; sua mão é dirigida pelo Espírito.

"O Espiritismo não representa um perigo social, razão por que o deixam espalhar-se sem lhe opor barreiras. Se o Espiritismo fosse perseguido, teria os seus mártires, como o babismo na Pérsia.

"Ao lado das respostas mediúnicas mais sérias, encontram-se indicações e conselhos que provocam riso. O autor de *Os Quatro Evangelhos*, Sr. Roustaing, advogado na corte imperial de Bordeaux, antigo bastonário, nem é um ingênuo, nem um brincalhão; contudo, no seu prefácio se encontra a seguinte comunicação:

"É chegado o momento em que te deves pôr em condição de entregar esta obra à publicidade. Não te fixamos limites; emprega com sabedoria e medida as tuas horas, a fim de poupar tuas forças... A publicação pode ser começada *a partir do mês de agosto próximo*; a partir desta data, trabalha o mais prontamente possível, mas sem ultrapassar as forças humanas, de tal maneira que a publicação esteja terminada no mês de agosto de 1866."

Assinados: ***Moisés, Mateus, Marcos, Lucas, João***
Assistidos pelos Apóstolos

"O leitor fica surpreendido por não ver Moisés, Mateus, Lucas e João levar seu conselho até ao fim e acrescentar: Mandarás imprimir a obra na casa Lavertujon, 7, rue des Treilles, em Bordeaux, e a exporás na Librairie centrale, 24, boulevard des Italiens, em Paris.

"A gente também pára um instante nessa passagem que diz ao autor para *não ultrapassar as forças humanas*. Então o autor as teria ultrapassado, sem essa palavra paternal dos senhores Moisés, Mateus, Marcos e João?

"O Sr. Renan, sem tocar inicialmente no Espiritismo, faz numerosas alusões a essa nova doutrina, cuja importância parece não desconhecer. O autor dos *Apóstolos* lembra (pág. 8) uma passagem capital de São Paulo que estabelece: 1º – a realidade das aparições; 2º – a longa duração das aparições. Só uma vez, no curso de sua obra, o Sr. Renan dá um tranco nos espíritas. Diz ele à página 22, segunda nota:

"Para conceber a possibilidade de semelhantes ilusões, basta lembrar as cenas de nossos dias, em que pessoas reunidas reconhecem unanimemente ouvir ruídos sem realidade, e isto com perfeita boa-fé. A espera, o esforço da imaginação, a disposição a crer, por vezes complacências inocentes, explicam alguns desses fenômenos que não são produto direto da fraude. Essas complacências, em geral, vêm de pessoas convictas, animadas de um sentimento de benevolência, que não querem que a sessão acabe mal e desejosas de tirar do embaraço os donos da casa. Quando se crê no milagre, sempre se ajuda sem o perceber. A dúvida e a negação são impossíveis nessas espécies de reuniões. Seria penoso para os que crêem e para os que vos convidaram. Eis por que tais experiências, que dão resultado diante de um pequeno grupo, geralmente falham perante um público pagante e falham sempre ante as comissões científicas."

"Aqui, como alhures, faltam boas razões ao livro do Sr. Renan. De estilo suave e encantador, substituindo a lógica pela poesia, os *Apóstolos* deveriam intitular-se os *Últimos Abencérages*. As referências a documentos inúteis, as falsas provas de que a obra está sobrecarregada lhe dão todas as aparências da puerilidade com a qual foi concebida. Não há com que se enganar.

"Conta o Sr. Renan que Maria de Magdala, chorando junto ao túmulo, teve uma visão, uma simples visão. – Quem lho disse? – Ela acreditou ouvir uma voz. – Como sabe que realmente não a ouviu? – Todas as afirmações contidas na obra têm mais ou menos a mesma força.

"Se os espíritas não têm a oferecer como explicação senão sua boa-fé, o Sr. Renan nem mesmo tem esse recurso.

"Aqui não podemos expor o livro do Sr. Roustaing; não temos o direito de o discutir, nem o de ver onde ele nos conduz. Aliás, não seria o lugar para entrar em considerações que o leitor não busca em nossas colunas. A obra é séria, o estilo é claro e firme.

O autor não cometeu a asneira ordinária dos comentadores, que muitas vezes são mais obscuros que o próprio texto que querem esclarecer.

"O Espiritismo, que tinha o seu catecismo, terá de agora em diante seus códigos anotados e seu curso de jurisprudência. Só lhe faltará a prova do martírio."

Aurélien Scholl

Extrato do *Progrès Colonial* da Ilha Maurício

COMUNICAÇÃO ESPÍRITA

Não é somente em nossos países que os jornais, não diremos ainda que simpatizam, mas se humanizam com o Espiritismo, ao qual começam a conceder o direito de cidadania. Lê-se no *Progrès colonial*, jornal de Port-Louis, Ilha Maurício, em data de 15 de junho de 1866:

"Todos os dias recebemos duas ou três destas comunicações espíritas. Mas se nos abstivemos de as reproduzir até agora é porque ainda não estamos em condições de consagrar um lugar a essa coisa extraordinária chamada Espiritismo. Que os nossos leitores, curiosos por natureza, tenham um pouco de paciência: não esperarão muito. Se publicamos este pequeno escrito assinado *Lázaro*, é que se trata desse pobre Georges, morto e enterrado tão desgraçadamente.

"Senhor,

"Li hoje uma correspondência inserida em vosso jornal, assinada "Uma testemunha ocular", relatando a maneira pela qual enterraram o cadáver do infortunado G. Lemeure.

"Desde muito tempo, senhor, eu sabia perfeitamente que se a miséria não é um vício, pelo menos é uma das maiores calamidades que há no mundo; mas o que eu não queria admitir é que os homens adorassem o bezerro de ouro a tal ponto que não mais respeitem tudo quanto há de mais solene, de maior e mais sagrado para nós: a morte!...

"Assim, pobre Georges, dotado de caráter ameno, honesto e modesto, condenado a viver na maior penúria, suportando as provas deste mundo com coragem e mesmo com alegria, sempre pronto a prestar serviços ao próximo, foste morrer assim isolado, longe dos que te amavam, que talvez te lamentassem; e ainda é necessário, para humilhar tua sombra, que homens, que irmãos te cavem um buraco na terra, só, só com o nada! como se tua pobreza te tornasse indigno de partilhar, como os teus semelhantes, um terreno sagrado. Além disto, não te fizeram sequer a caridade de um caixão, de quatro tábuas! Ainda és muito feliz, pensa esta *boa humanidade*, por repousares na terra úmida e fria, esquecido de todos! Aliás, que lhes importa que teu corpo lá apodreça, sem que um amigo venha aí derramar uma lágrima, lançar uma flor, trazer uma lembrança?

"Paro aqui, pois ainda estou indignado por não terem cumprido nem mesmo as formalidades estabelecidas em semelhante ocasião para com os infelizes. Em todos os países civilizados, dão-se aos parentes ou amigos de uma pessoa morta, encontrada pelas autoridades, vinte e quatro horas para que venham reconhecê-la e a reclamem. Se ao fim desse prazo ninguém veio, então a depositam em terreno santo, observando sempre as atenções devidas à morte. Mas aqui abstêm-se de semelhantes formalidades e se contentam, se não tendes com que pagar as despesas do caixão, em vos jogar num canto qualquer, como um animal, e vos cobrir com dois ou três punhados de pó.

"Repito, senhor, a miséria é um grande flagelo."

Lázaro

Fenômenos Apócrifos[19]

O fato seguinte é relatado pelo *Événement* de 2 de agosto de 1866:

"Desde alguns dias os habitantes do bairro vizinho da igreja de Saint-Médard estavam muito perturbados por um fato singular, misterioso, que dava lugar aos mais lúgubres relatos e comentários.

"Estão fazendo demolições em torno da igreja; a maior parte das casas demolidas tinha sido construída no local de um cemitério, ao qual se liga a história dos supostos milagres que, no começo do século dezoito, motivaram um decreto do governo que, em 27 de janeiro de 1733, ordenava o fechamento desse cemitério, sobre cuja porta foi encontrado, no dia seguinte, este epigrama:

De ordem do rei... proibido a Deus
Fazer milagres neste lugar.

"Ora, as casas respeitadas pela marreta do demolidor eram, todas as noites, devastadas por uma chuva de pedras, às vezes muito grandes, que quebravam os vidros das janelas e caíam sobre os telhados, que destruíam.

"Apesar das mais enérgicas pesquisas, ninguém foi capaz de descobrir de onde vinham os projéteis.

"Não deixaram de dizer que os mortos do cemitério, perturbados em seu repouso pelas demolições, assim manifestavam o seu descontentamento. Mas gente menos crédula, naturalmente pensando que essas pedras, que continuavam a cair todas as noites, fossem lançadas por um ser vivo, foram reclamar a intervenção do Sr. Cazeaux, comissário de polícia, que mandou organizar uma vigilância por seus agentes.

19 **Nota da Editora:** Ver "Nota Explicativa", p. 527.

"Enquanto a exerciam, as pedras não apareceram, mas assim que a cessaram, recaíram ainda mais abundantes.

"Não se sabia o que fazer para penetrar esse mistério, quando a senhora X..., proprietária de uma casa na rua Censier, veio declarar ao comissário que, assustada com o que se passava, havia consultado uma sonâmbula.

"Ela me revelou, disse a declarante, que as pedras eram lançadas por uma moça afetada de um mal da cabeça. Precisamente a minha criada Félicie F..., de dezesseis anos, sofre de herpes nesta parte do corpo.

"Embora não ligasse a menor importância a esta indicação, o comissário consentiu em interrogar Félicie e dela obteve uma confissão completa. Agindo sob a inspiração de um Espírito que lhe apareceu, desde alguns meses tinha acumulado num sótão grande quantidade de pedras e, cada noite, levantava-se para atirar uma parte – pela janela do sótão – sobre as casas vizinhas.

"Suspeitando que a jovem fosse alienada, o comissário a enviou à Prefeitura, para que aí fosse examinada por médicos especialistas."

Prova este caso que se deve evitar atribuir a uma causa oculta todos os fatos desse gênero e que, quando existe uma causa material, sempre se chega a descobri-la, o que nada prova contra a possibilidade de uma outra origem em certos casos, que não podem ser julgados senão pelo conjunto de circunstâncias, como o de Poitiers. A menos que a causa oculta seja demonstrada pela evidência, a dúvida é o partido mais sábio, sendo conveniente manter reserva. É preciso desconfiar, sobretudo, das armadilhas estendidas pela malevolência, que se deleita em mistificar os espíritas. A idéia fixa da maior parte dos antagonistas é que o Espiritismo está inteiramente nos efeitos físicos e sem isto não pode viver; que a fé dos espíritas não tem outro objetivo, razão por

que imaginam matar o Espiritismo desacreditando-o em seus efeitos, quer *simulando-os*, quer os *inventando* em condições ridículas. Sua ignorância do Espiritismo faz que, sem o perceber, atinjam o lado capital da questão, que é o ponto de vista moral e filosófico.

Alguns, entretanto, conhecem muito bem esse lado da doutrina. Mas como ele é inatacável, lançam-se sobre o outro, mais vulnerável, e que se presta mais facilmente à trapaça. Eles querem, custe o que custar, fazer passar os espíritas por admiradores crédulos e supersticiosos do fantástico, aceitando tudo de olhos fechados. Para eles é um grande desapontamento não os ver extasiados ao menor fato que tenha qualquer laivo de sobrenatural e de os encontrar, em relação a certos fenômenos, mais *cépticos* do que os que não conhecem o Espiritismo. Ora, é precisamente porque o conhecem que sabem o que é possível e o que não o é, e não vêem em tudo a ação dos Espíritos.

No fato relatado acima, é muito curioso ver a verdadeira causa revelada por uma sonâmbula. É a consagração do fenômeno da lucidez. Quanto à moça que diz ter agido sob o impulso de um Espírito, é certo que não foi o conhecimento do Espiritismo que lhe deu esta idéia. De onde lhe veio? É bem possível que se tenha encontrado sob o império de uma obsessão que, como sempre, foi tomada por loucura. Se for assim, não será com remédios que a curarão. Em semelhante caso, têm-se visto muitas vezes pessoas a falar espontaneamente dos Espíritos, porque os vêem, e então dizem que estão alucinadas.

Nós a supomos de boa-fé, porque não temos nenhuma razão de a suspeitar; mas, infelizmente, há fatos susceptíveis de gerar a desconfiança. Lembramo-nos de uma mulher que simulou loucura ao sair de uma reunião espírita onde havia sido admitida *a instâncias suas, a única a que tinha assistido*. Conduzida imediatamente a um hospício, confessou depois que havia recebido cinqüenta francos para representar essa comédia. Era a época em que

procuravam propagar a idéia de que os hospícios regorgitavam de espíritas. Essa mulher se deixou seduzir pela atração do dinheiro; outras podem ceder a outras influências. Não pretendemos que este seja o caso da moça; apenas quisemos mostrar que quando se quer denegrir uma coisa todos os meios são bons; para os espíritas é uma razão a mais de se guardarem, observando tudo escrupulosamente. Aliás, se tudo o que se trama às ocultas prova que a luta não terminou e que é preciso redobrar a vigilância e a firmeza, também prova que nem todo mundo olha o Espiritismo como uma quimera.

Ao lado da guerra surda, há a guerra a céu aberto, feita mais geralmente pela incredulidade zombeteira. Evidentemente esta se modificou. Os fatos que se multiplicam, a adesão de pessoas, de cuja boa-fé e razão não se pode suspeitar, a impassibilidade dos espíritas, sua calma e moderação em presença das tempestades levantadas contra eles, deram em que refletir. Diariamente a imprensa registra fatos espíritas. Se, nesse número, os há verdadeiros, outros são, evidentemente, inventados pelas necessidades da causa da oposição. Não negam mais os fenômenos, mas procuram torná-los ridículos pelo exagero. É uma tática muito inofensiva, porque hoje, em certas matérias, não é difícil fazer a parte da inverossimilhança. Os jornais da América nada ficam a dever nas invenções a esse respeito, e os nossos se apressam em os repetir. É assim que, em sua maioria, reproduziram a seguinte história, no correr de março último:

"ESTADOS UNIDOS – Executaram um homem em Cleveland (Ohio), o Dr. Hughes, que, no momento de morrer, fez um discurso, atestando um espírito de firmeza e de lucidez extraordinária. Aproveitou a ocasião para fazer uma dissertação sobre a utilidade e a justiça da pena de morte, que não durou menos de meia hora. Essa penalidade da morte, disse ele, é simplesmente ridícula. Qual a vantagem de tirar-me a vida? Nenhuma. Certamente não será o meu exemplo que desviará outros do crime.

Será que me lembro de ter atirado com uma pistola? De tudo não guardo a menor lembrança. Posso admitir que a lei de Ohio me fira justamente, mas, ao mesmo tempo, digo que ela é louca e vã.

"Se pretendeis que esta corda, amarrada em meu pescoço e apertada até que eu morra, tenha por efeito prevenir o assassinato, digo que o vosso pensamento é louco e vão, porquanto, no estado de espírito em que se achava John W. Hughes quando assassinou, não há exemplo na Terra que pudesse ter impedido um homem, fosse quem fosse, de fazer o que fiz. Inclino-me perante a lei estadual, com o pensamento de que é um assassínio tão inútil quanto cruel tirar-me a vida. Espero que meu suplício não fique como um exemplo da pena de morte, mas como um argumento que prova a sua inanidade.

"Em seguida Hughes fez um exame de consciência e se estendeu longamente sobre a religião e a imortalidade da alma. Positivamente, nessas graves matérias, suas doutrinas não são ortodoxas, mas ao menos atestam um sangue-frio singular. Também falou do espiritualismo ou, antes, do Espiritismo. Sei, disse ele, por minha própria experiência, que há entre os que saem da vida e os que ficam, comunicações incessantes. Hoje vou sofrer a suprema penalidade legal, mas, ao mesmo tempo, tenho certeza de que estarei convosco depois de minha execução, como aqui me encontro agora.

"Meus juízes e meus carrascos me verão sempre diante de seus olhos, e vós mesmos, que viestes aqui para me ver morrer, não há um só que não me reveja em carne e osso, vestido de negro, como estou, levando meu próprio luto prematuro, tanto durante seu sono quanto nas horas de suas ocupações diárias. – Adeus, senhores, espero que nenhum de vós faça o que eu fiz; mas se houver algum que se ache no estado mental em que eu mesmo estava quando cometi o crime, por certo não será a lembrança deste dia que o impedirá. Adeus."

"Depois desta arenga, o alçapão caiu e o doutor Hughes ficou pendurado. Mas suas palavras tinham produzido uma profunda impressão sobre a assistência, do que resultaram singulares efeitos. Eis o que hoje encontramos a respeito no *Herald* de Cleveland:

"Estando no cadafalso e com a corda no pescoço, o doutor Hughes disse que estaria com os que o ouviam, tão bem após a sua morte como antes, e que parece ter levado a peito cumprir sua palavra. Entre as pessoas que o tinham visitado em sua cela antes da execução, achava-se um honesto açougueiro alemão. Esse homem, desde a sua entrevista com o condenado, não tem no cérebro senão o Dr. Gughes. Tem incessantemente diante dos olhos, noite e dia, a qualquer hora, prisões, patíbulos, homens enforcados. Não dorme mais, não come, já não cuida da família nem dos negócios, e ontem à noite esta visão quase o matou.

"Acabava de entrar em seu estábulo para tratar dos animais, quando viu de pé, junto de seu cavalo, o Dr. Hughes, vestido com a mesma roupa negra que usava ao deixar nosso planeta, e parecendo gozar de excelente saúde. O pobre açougueiro soltou um grito terrível, um urro do outro mundo, e caiu para trás.

"Correram, ergueram-no; tinha o olhar desvairado, a face lívida, os lábios trêmulos e, com voz ofegante, perguntou, ao recobrar os sentidos, se o Dr. Hughes ainda estava lá. Dizia ter acabado de vê-lo e, se não estava mais no estábulo, não podia estar longe. Foi a custa de grandes esforços que o acalmaram e o levaram para casa. A visão o perseguiu sempre e, conforme as últimas notícias, ainda estava num estado de agitação que nada podia acalmar.

"Mais eis o que é ainda mais curioso. O açougueiro não é o único a quem o Dr. Hughes tem aparecido depois de morto. Dois dias após a sua execução, todos os detentos o viram, com os

próprios olhos, entrar na prisão e percorrer os corredores. Tinha o ar perfeitamente natural: estava vestido de negro, como no patíbulo; muitas vezes passava a mão pelo pescoço e, ao mesmo tempo, deixava escapar da boca um som gutural, que sibiliava entre os dentes. Subiu as escadas que levam à cela, entrou, sentou-se e pôs-se a escrever versos. Eis o que contaram os presos, e nada no mundo os teria persuadido de que tinham sido joguetes de uma ilusão."

Este fato não deixa de ter o seu lado instrutivo pelas palavras do paciente. É verdadeiro quanto ao assunto principal; mas como o narrador, em sua última alocução resolveu falar do *Espiritualismo* ou *Espiritismo*, julgou por bem enriquecer seu relato com as aparições, que só existiram no bico de sua pena, exceto a primeira, ao açougueiro, que parece ser real.

– *Tom, o cego,* não é um conto de fantasmas, mas um fenômeno de inteligência inacreditável. Tom é um jovem negro de dezessete anos, cego de nascença, supostamente dotado de um instinto musical maravilhoso. O *Harpers Weekly*, jornal ilustrado de Nova Iorque, consagra-lhe longo artigo, do qual extraímos as seguintes passagens:

"Não havia dois anos que ele traduzia pelo canto tudo o que lhe feria o ouvido, e tal era a justeza e a facilidade com que captava um motivo que, ouvindo as primeiras notas de um canto, podia executar sua parte. Logo começou a acompanhar, fazendo segunda voz, embora jamais os tivesse ouvido, mas um instinto natural lhe revelava que algo de semelhante devia cantar-se.

"Aos quatro anos ouviu um piano pela primeira vez. À chegada do instrumento, estava, como de hábito, brincando no pátio. A primeira vibração das teclas o atraiu ao parlatório (salão). Permitiram-lhe que manejasse as teclas, simplesmente para satisfazer sua curiosidade e não lhe recusar o inocente prazer de

fazer um pouco de ruído. Uma vez, de meia-noite ao amanhecer, ele ficou no salão onde tinha aprendido a entrar. O piano não tinha sido fechado e as moças da casa foram despertadas pelos sons do instrumento. Para seu grande espanto, ouviram Tom tocando um de seus trechos e de manhã ainda o encontram ao piano. Então lhe permitiram tocar quanto quisesse. Ele fez progressos tão rápidos e tão admiráveis que o piano se fez eco de tudo o que ele ouvia. Desenvolveu, assim, novas e prodigiosas faculdades, até então desconhecidas no mundo musical, e cujo monopólio parece que Deus tinha reservado a Tom. Ele tinha menos de cinco anos quando, depois de uma tempestade, compôs uma música que intitulou: *O que me dizem o vento, o trovão e a chuva*.

"Em Filadélfia, setenta professores de música assinaram uma declaração que assim termina: 'De fato, sob qualquer forma de exame musical, execução, composição e improvisação, ele demonstrou um poder e uma capacidade que o colocam entre os mais admiráveis fenômenos, cuja lembrança foi guardada pela história da música. Os abaixo-assinados pensam que é impossível explicar esses prodigiosos resultados por qualquer das hipóteses que podem fornecer as leis da arte ou da Ciência.'

"Hoje ele toca a mais difícil música dos grandes autores com uma delicadeza de toque, um poder e uma expressão raramente ouvidos. É na próxima primavera que ele deve ir à Europa."

Eis a explicação dada a respeito pelo Sr. Morin, médium, numa reunião espírita de Paris, em casa da princesa O..., em 13 de março de 1866, e à qual assistíamos. Ela pode servir de guia em todos os casos análogos.

"Não vos apresseis muito em crer na vinda do famoso músico negro cego. Suas aptidões musicais são muito exaltadas pelos grandes propagadores de novidades, que não são avaros em

fatos imaginários, destinados a satisfazer a curiosidade dos assinantes. É preciso que desconfieis muito das reproduções e, sobretudo, dos empréstimos, reais ou supostos, que fazem os vossos jornalistas aos seus colegas de além-mar. Muitos balões de ensaio são lançados visando fazer caírem os espíritas na armadilha, e na esperança de arrastar o Espiritismo e seus adeptos no domínio do ridículo. Assim, ponde-vos em guarda e jamais comenteis um fato sem, previamente, vos terdes bem informado, e sem haver pedido a opinião de vossos guias.

"Não podeis imaginar todas as astúcias empregadas pelos grandes fanfarrões das idéias novas, para chegar a surpreender um equívoco, uma falta, um absurdo palpável, cometido pelos Espíritos ou seus prosélitos demasiado confiantes. Por todos os lados são estendidas *armadilhas aos espíritas*; todos os dias aí trazem aperfeiçoamentos; grandes e pequenos estão à espreita, e o dia em que pudessem surpreender o chefe em erro, as mãos no saco do ridículo, seria o mais belo de sua vida. Têm tal confiança em si, que se regozijam por antecipação; mas há um velho provérbio que diz: 'Não se deve vender a pele do urso antes de tê-lo matado.' Ora, o Espiritismo, sua besta negra, ainda está de pé e bem poderia fazê-los usar os sapatos antes de se deixar atingir. É de cabeça baixa que um dia virão queimar incenso ante o altar da verdade que, em tempo próximo, será reconhecido por todo o mundo.

"Aconselhando-vos a vos manterdes em reserva, não pretendo que os fatos e gestos atribuídos a esse cego sejam impossíveis, mas neles não se deve crer antes de os ter visto e, sobretudo, de os ter ouvido."

Ebelmann

Um tal prodígio, mesmo deixando larga parte ao exagero, seria a mais eloqüente defesa em favor da reabilitação da

raça negra, num país onde o preconceito de cor está tão arraigado; e se não pode ser explicado pelas leis conhecidas da Ciência, sê-lo-ia de maneira mais clara e mais racional pela da reencarnação, não de um negro num negro, mas de um branco num negro, porque uma faculdade instintiva tão precoce não poderia ser senão uma lembrança intuitiva de conhecimentos adquiridos numa existência anterior.

Mas, então, perguntarão, seria uma retrogradação do Espírito passar da raça branca à raça negra? Retrogradação de posição social, sem dúvida, o que se vê todos os dias, quando, de rico se renasce pobre, ou de mestre se renasce servo, mas não retrogradação do Espírito, pois teria conservado suas aptidões e aquisições. Esta posição ser-lhe-ia uma prova ou uma expiação; talvez, ainda, uma missão, a fim de provar que essa raça não é votada pela natureza a uma inferioridade absoluta. Aqui raciocinamos na hipótese da realidade do fato e para os casos análogos que pudessem apresentar-se.

Os dois fatos seguintes são da mesma fábrica e não necessitam de outro comentário além do que acaba de ser dado. O primeiro, relatado pelo *Soleil* de 19 de julho, é considerado de origem americana; o segundo, tirado do *Événement* do mês de abril, é abertamente parisiense. Sem sombra de dúvida, são os espíritas que se mostrarão mais incrédulos e mais endurecidos. Quanto aos outros, a curiosidade bem poderia levar mais de um a conhecer a causa que dizem produzir tantas maravilhas.

"Os Espíritos batedores e outros parece que fixaram domicílio em Taunton, escolhendo para teatro de suas proezas a casa de um infeliz médico da cidade. O porão, os corredores, os quartos, a cozinha e até as águas-furtadas do doutor são assombradas durante a noite pelas sombras de todos os que ele enviou para um mundo melhor. São gritos, lamentos, imprecações, ironias atrozes, conforme o espírito das sombras, que às vezes não

tem sombra de espírito.

– Tua última poção me matou, diz uma voz cavernosa.

– Alopata, grita uma voz mais jovem, tu não vales mesmo um homeopata.

– Eu sou a tua vítima número 299, a última de todas, salmodia uma outra aparição. Trata ao menos de fazer uma cruz quando chegares a 300.

"E assim por diante. A vida do infortunado médico não é mais suportável."

A outra anedota é também espirituosa:

"Foi domingo à noite, durante terrível tempestade, cujas devastações foram enumeradas pelos jornais de ontem. Debaixo da chuva e dos relâmpagos, uma caleche descia a Avenida de Neuilly; dentro se achavam quatro pessoas; tinham jantado numa casa muita agradável e hospitaleira, perto do parque de Neuilly e, animados pela noite agradável e despreocupados da tempestade, os quatro viajantes se entregavam a uma conversa um tanto leviana.

"Falavam de mulheres, dizendo mal delas e até mesmo as caluniando um pouco. O nome de uma jovem foi posto em causa e alguém emitiu dúvidas quanto à nacionalidade da vítima, insinuando que seguramente não tinha vindo à luz em Nanterre.

"De repente, um trovão fez estremecer as portinholas, um relâmpago iluminou toda a carruagem e a chuva açoitava os vidros quase os quebrando. Ao clarão do raio, os quatro viajantes *viram*, então, de pé, à sua frente, na viatura, um quinto viajante, ou, melhor, uma viajante – era uma mulher, vestida de branco, um espectro, um anjo. A aparição se desvaneceu com o relâmpago;

depois, como se o fantasma tivesse querido protestar contra a calúnia que dirigiam à jovem ausente, uma chuva de flores de laranjeira caiu sobre os quatro companheiros de viagem e os cobriu com uma neve perfumada.

"Havia, é verdade, um médium entre os quatro viajantes.

"Nada vos obriga a dar crédito a esta história inverossímil e, de minha parte, não creio nela um traidor; palavra. Foi um dos quatro viajantes quem ma contou e ma afirma. Ela me pareceu original, eis tudo!"

Cabelos Esbranquiçados sob a Impressão de um Sonho

Lê-se no *Petit Journal* de 14 de maio de 1866:

O Sr. Émile Gaboriau, comentando o fato atribuído àquele marido que teria assassinado a esposa sonhando, conta no *Pays* o dramático episódio que se vai ler:

"Mas eis que é mais forte e devo dizer que acredito no fato, cuja autenticidade me foi afirmada sob juramento, pelo herói em pessoa.

"O herói, meu camarada de colégio, é um engenheiro de cerca de trinta anos, homem de espírito e de talento, de caráter metódico e temperamento frio.

"Como percorresse a Bretanha há dois anos, teve de passar a noite num albergue isolado, a algumas centenas de metros de uma mina, que pretendia visitar no dia seguinte.

"Estava cansado. Foi cedo para a cama e não custou a dormir.

"Logo sonhou. Acabavam de o pôr à frente da exploração dessa mina vizinha.

"Vigiava os operários, quando chegou o proprietário.

"Esse homem, brutal e mal-educado, o censurou por ficar fora e de braços cruzados, quando devia estar no interior, ocupado em traçar o plano.

– Está bem! eu desço, respondeu o jovem engenheiro.

"Com efeito desceu, percorreu as galerias e elaborou uma planta.

"Terminada a tarefa, entrou num cesto que o devia trazer para fora. Um cabo enorme servia para içar esse cesto.

"A mina era extraordinariamente profunda e o engenheiro calculou que a ascensão duraria bem um quarto de hora; assim, instalou-se o mais comodamente possível.

"Já subia há dois ou três minutos quando, erguendo os olhos por acaso, julgou ver que o cabo ao qual estava suspensa a sua vida, estava cortado a alguns pés acima de sua cabeça, muito alto para que pudesse alcançar a ruptura.

"Logo de início seu pavor foi tal que quase desmaiou. Depois tentou recompor-se, tranqüilizar-se. Não se teria enganado, visto mal? Foi preciso apelar energicamente a toda a sua coragem para ousar olhar novamente.

"Não; não se tinha enganado. O cabo se havia rompido por alguma lasca de rocha e, lentamente, mas visivelmente, se

desembaraçava. Naquele ponto não tinha espessura maior que uma polegada.

"O infortunado sentiu-se perdido. Um frio mortal o gelou até a medula. Quis gritar; impossível. Aliás, para quê? agora estava na metade do caminho.

"No fundo, numa profundidade vertiginosa, percebia, menos brilhantes que vermes luzindo na grama, as lâmpadas dos operários.

"No alto, a abertura do poço se lhe afigurava tão estreita que parecia não ter o diâmetro do gargalo de uma garrafa.

"E subia sempre, e um a um, os fios de cânhamo rebentavam-se.

"E nenhum meio de evitar a queda horrível, porque – ele o via e sentia perfeitamente – o cabo se romperia antes que o cesto atingisse o alto.

"Tal era a sua angústia mortal, que teve a idéia de abreviar o suplício, precipitando-se.

"Hesitava, quando o cesto chegou à flor do solo. Estava salvo. Foi soltando um grito formidável que saltou em terra.

"Este grito o despertou. A horrível aventura não passara de um sonho. Mas estava num estado lamentável, banhado de suor, respirando com dificuldade, incapaz do menor movimento.

"Enfim, pôde tocar a campainha e vieram socorrê-lo. Mas as pessoas do albergue quase se recusavam a reconhecê-lo. Seus cabelos negros estavam grisalhos.

"Ao pé da cama se achava, desenhado por ele, a planta dessa mina que ele não conhecia. A planta era de exatidão maravilhosa."

Não temos outra garantia da autenticidade desse fato senão o relato acima. Sem nada prejulgar a respeito, diremos que tudo quanto relata está dentro do possível. A planta da mina, traçada pelo engenheiro durante o sono, não é mais surpreendente que os trabalhos que executam certos sonâmbulos.

Para a fazer exata, foi preciso que a visse. Já que não a viu com os olhos do corpo, viu-a com os olhos da alma. Durante o sono, seu Espírito explorou a mina: a planta é a prova material. Quanto ao perigo, é evidente que nada havia de real; não passou de um pesadelo. O que é mais singular é que, sob a impressão de um perigo imaginário, seus cabelos se tenham tornado brancos.

Este fenômeno se explica pelos laços fluídicos que transmitem ao corpo as impressões da alma, quando esta dele está afastada. A alma não se dava conta dessa separação; seu corpo perispiritual lhe fazia o efeito de seu corpo material, como acontece muitas vezes após a morte com certos Espíritos que ainda se julgam vivos e se imaginam entregues às suas ocupações habituais. Não obstante vivo, o Espírito do engenheiro se achava numa situação análoga; tudo era tão real em seu pensamento como se estivesse em seu corpo de carne e osso. Daí o sentimento de pavor que experimentou, vendo-se prestes a ser precipitado no abismo.

De onde veio esta imagem fantástica? Ele mesmo criou, pelo pensamento, um quadro fluídico, uma cena da qual era o ator, exatamente como a Sra. Cantianille e a Irmã Elmérich, das quais falamos em nosso número precedente. A diferença provém da natureza das preocupações habituais. Naturalmente o engenheiro pensava nas minas, ao passo que a Sra. Cantianille, em seu convento, pensava no inferno. Por certo ela se julgava em estado de pecado mortal, por alguma infração à regra, cometida por

instigação dos demônios; exagerava-lhe as conseqüências e já se via em seu poder. Estas palavras: "Eu apenas consegui muito bem merecer a sua confiança" provam que sua consciência não estava tranqüila. Aliás, a descrição que ela faz do inferno tem algo de sedutor para certas pessoas, pois os que consentem em blasfemar Deus, louvar o diabo e têm a coragem de afrontar o medo das chamas, são recompensados por prazeres inteiramente mundanos. Nesse quadro foi possível notar-se um reflexo das provas maçônicas, que sem dúvida lhe tinham sido mostradas como o vestíbulo do inferno. Quanto à Irmã Elmérich, suas preocupações são mais suaves; ela se compraz na beatitude e na veneração das coisas santas. Por isso suas visões são a sua reprodução.

Na visão do engenheiro, há, pois, duas partes distintas: uma, real e positiva, constatada pela exatidão da planta da mina; outra, puramente fantástica: a do perigo que correu. Esta talvez seja efeito da lembrança de um acidente real dessa natureza, do qual teria sido vítima em sua precedente existência. Pôde ser provocada como advertência para tomar as precauções necessárias. Estando encarregado da direção da mina, depois de semelhante alerta, não negligenciará as medidas de prudência.

Eis um exemplo da impressão que se pode conservar das sensações experimentadas numa outra existência. Não sabemos se já o citamos noutra parte; não tendo tempo para verificar, recordamo-lo com risco de fazer uma repetição, porque vem em apoio do que acabamos de dizer.

Uma senhora do nosso conhecimento pessoal tinha sido educada num pensionato de Ruão. Quando as alunas saíam para ir à igreja ou para passear, essa senhora era tomada, num certo ponto da rua, por uma comoção e por uma apreensão extraordinárias; parecia-lhe que ia ser precipitada num abismo. Isto se repetia cada vez que passava por aquele lugar e por todo o tempo em que esteve naquele pensionato. Havia deixado Ruão há mais de vinte anos, mas, tendo ali retornado há poucos anos, teve a

curiosidade de ir rever a casa que tinha habitado; ao passar pela mesma rua experimentou a mesma sensação. Mais tarde, tendo-se tornado espírita, o fato lhe voltou à memória, pediu a sua explicação e lhe foi respondido que, outrora, naquele lugar, havia muralhas com fossos profundos, cheios de água; que ela fazia parte de um grupo de senhoras que concorreram para a defesa da cidade contra os ingleses e que todas tinham sido precipitadas nos fossos e ali perecido. O fato é relatado na história de Ruão.

Assim, depois de séculos, a terrível impressão dessa catástrofe ainda não se havia apagado de seu Espírito. Se ela não tinha mais o mesmo corpo carnal, tinha sempre o mesmo corpo fluídico ou perispiritual, que havia recebido a primeira impressão e reagia sobre seu corpo atual. Assim, um sonho poderia lhe retraçar a imagem e produzir uma emoção semelhante à do engenheiro.

Quantas coisas nos explica o grande princípio da perpetuidade do Espírito e do laço que une o Espírito à matéria! Talvez jamais os jornais, negando o Espiritismo, relataram tantos fatos em apoio das verdades que ele proclama.

Variedades

MEDIUNIDADE DE VIDÊNCIA NAS CRIANÇAS

Um dos nossos correspondentes nos escreve de Caen:

"Ultimamente eu estava no hotel Saint-Pierre, em Caen; tomava um copo de cerveja enquanto lia um jornal. A filhinha da casa, creio com cerca de quatro anos, estava sentada na escada e comia cerejas. Não percebia que eu a via e parecia entregue numa conversa com seres invisíveis, aos quais oferecia cerejas. Tudo o indicava: sua fisionomia, seus gestos, as inflexões da voz. Ora se virava bruscamente, dizendo: Tu, tu não as terás; não és gentil. – Eis para ti, dizia a uma outra. – Então, o que é que me atiras? dizia

a uma terceira. Dir-se-ia rodeada por outras crianças; ora se levantava, estendia as mãos, oferecendo o que tinha; ora seus olhos seguiam objetos invisíveis para mim, que a entristeciam ou a faziam dar gargalhadas. Esta pequena cena durou mais de meia hora e a conversa só terminou quando a menina percebeu que eu a observava. Sei que muitas vezes as crianças se divertem em *apartes* deste gênero, mas aqui era completamente diferente; a fisionomia e as maneiras refletiam impressões reais, que não eram as de um jogo representado. Eu pensava, sem dúvida, que era um médium vidente ainda verde, e me dizia que se todas as mães de família fossem iniciadas nas leis do Espiritismo, aí colheriam numerosos casos de observação e se explicariam muitos fatos que passam despercebidos, e cujo conhecimento lhes seria útil para a direção de seus filhos."

É lamentável que o nosso correspondente não tenha tido a idéia de interrogar essa menina sobre as pessoas com as quais ela conversava. Teria podido assegurar-se se a conversa realmente tinha ocorrido com seres invisíveis e, neste caso, daí poderia ter saído uma instrução tanto mais importante porque, sendo o nosso correspondente um espírita muito esclarecido, poderia dirigir utilmente as perguntas. Seja como for, muitos outros fatos provam que a mediunidade de vidência é muito comum, se não mesmo geral, nas crianças, e isto é providencial. Ao sair da vida espiritual, os guias da criança vêm conduzi-la ao porto de embarque para o mundo terrestre, como vêm buscá-la em seu retorno. Mostram-se a elas nos primeiros tempos, a fim de que a transição não seja muito brusca; depois se apagam pouco a pouco, à medida que a criança cresce e pode agir em virtude de seu livre-arbítrio. Então a deixam às suas próprias forças, desaparecendo aos seus olhos, mas sem a perder de vista. A filhinha em questão, em vez de ser, como pensa o nosso correspondente, um médium vidente ainda verde, bem poderia estar em seu declínio, e não mais gozar desta faculdade para o resto da vida. (Vide a Revista de fevereiro de 1865: *Espíritos instrutores da infância*).

Allan Kardec

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO IX OUTUBRO DE 1866 Nº 10

Os Tempos são Chegados[20]

Os tempos marcados por Deus são chegados, dizem-nos de todos os lados, nos quais grandes acontecimentos vão realizar-se para a regeneração da Humanidade.

Em que sentido devem ser entendidas essas palavras proféticas? Para os incrédulos não têm a menor importância. Aos seus olhos não passam da expressão de uma crença pueril sem fundamento. Para a maioria dos crentes elas têm algo de místico e de sobrenatural, que lhes parece ser o precursor da perturbação das leis da Natureza. Estas duas interpretações são igualmente errôneas: a primeira, por implicar na negação da Providência e porque os fatos realizados provam a veracidade dessas palavras; a segunda, por não anunciar a perturbação das leis da Natureza, mas a sua realização. Procuremos-lhes, pois, o sentido mais racional.

Tudo é harmonia na obra da Criação, tudo revela uma previdência que não se desmente nem nas menores, nem nas maiores coisas. Em primeiro lugar, devemos afastar toda idéia de capricho inconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se

20 **Nota da Editora:** Ver "Nota Explicativa", p. 527.

nossa época está marcada pela realização de certas coisas, é que elas têm sua razão de ser na marcha geral do conjunto.

Isto posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Esses dois progressos se seguem e marcham paralelamente, porque a perfeição da habitação está em relação com o habitante. Fisicamente, o globo sofreu transformações, constatadas pela Ciência, e que sucessivamente o tornaram habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados; moralmente a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo que se opera a melhoria do globo, sob o império das forças materiais, os homens a isso concorrem pelos esforços de sua inteligência: saneiam regiões insalubres, tornam mais fáceis as comunicações e a terra mais produtiva.

Esse duplo progresso se realiza de duas maneiras: uma lenta, gradual e insensível; outra por mudanças mais bruscas, em cada uma das quais se opera um movimento ascensional mais rápido, que marca, por caracteres distintos, os períodos progressivos da Humanidade. Esses movimentos, subordinados *nos detalhes* ao livre-arbítrio dos homens, são de certo modo fatais em seu conjunto, porque estão submetidos a leis, como os que se operam na germinação, no crescimento e na maturação das plantas, considerando-se que o objetivo da Humanidade é o progresso, não obstante a marcha retardatária de algumas individualidades. Eis por que o movimento progressivo algumas vezes é parcial, isto é, limitado a uma raça ou a uma nação, outras vezes geral. O progresso da Humanidade se efetua, pois, em virtude de uma lei. Ora, como todas as leis da Natureza são a obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo quanto seja efeito dessas leis é o resultado da vontade de Deus, não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Então, quando a

Humanidade está madura para transpor um degrau, pode-se dizer que os tempos marcados por Deus são chegados, como se pode dizer também que em tal estação eles chegaram para a maturação dos frutos e para a colheita.

Pelo fato de o movimento progressivo da Humanidade ser inevitável, porque está na Natureza, não se segue que Deus a isso seja indiferente, e que, depois de ter estabelecido leis, tenha entrado em inação, deixando as coisas ir sozinhas. Suas leis são eternas e imutáveis, sem dúvida, mas porque sua própria vontade é eterna e constante e seu pensamento anima todas as coisas sem interrupção; seu pensamento, que tudo penetra, é a força inteligente e permanente que mantém tudo na harmonia; se esse pensamento deixasse de agir um só instante, o Universo seria como um relógio sem o pêndulo regulador. Deus vela incessantemente pela execução de suas leis, e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros encarregados dos detalhes, conforme as atribuições relativas ao seu grau de adiantamento.

O Universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo incomensurável, conduzido por um número não menos incomensurável de inteligências, um imenso governo em que cada ser inteligente tem sua parte da ação, sob o olhar do soberano Senhor, cuja vontade *única* mantém a *unidade* por toda parte. Sob o império desse vasto poder regulador, tudo se move, tudo funciona numa ordem perfeita; o que nos parece perturbações são movimentos parciais e isolados, que só nos parecem irregulares porque nossa visão é circunscrita. Se pudéssemos abarcar o seu conjunto, veríamos que essas são apenas aparentes e que se harmonizam no todo.

A previsão dos movimentos progressivos da Humanidade nada tem de surpreendente para os seres desmaterializados, que vêem o fim para onde tendem todas as coisas, alguns dos quais possuem o pensamento direto de Deus, e

que julgam, pelos movimentos parciais, o tempo no qual poderá realizar-se um movimento geral, como se julga previamente o tempo necessário para uma árvore dar frutos, como os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico pelo tempo requerido por um astro para fazer a sua revolução.

Mas, certamente, nem todos os que anunciam tais fenômenos, os autores de almanaques que predizem os eclipses e as marés, por exemplo, estão em condições de fazer os cálculos necessários. Não passam de ecos. Assim, há Espíritos secundários, cuja vista é limitada, e que apenas repetem o que aos Espíritos superiores *aprouve* lhes revelar.

A Humanidade realizou até agora incontestáveis progressos. Por sua inteligência, os homens chegaram a resultados jamais atingidos em relação às ciências, às artes e ao bem-estar material; resta-lhes ainda uma imensidão a realizar: é fazer reinar entre si a caridade, a fraternidade e a solidariedade, para assegurar o seu bem-estar moral. Não o podiam com suas crenças, nem com suas instituições antiquadas, resquícios de uma outra idade, boas numa certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, tendo dado o que comportavam, seriam hoje um ponto de parada. Tal uma criança estimulada por móbiles, impotentes quando ela chega à idade madura. Já não é apenas o desenvolvimento da inteligência que é necessário aos homens, é a elevação do sentimento e, para tanto, é preciso destruir tudo quanto neles pudesse excitar o egoísmo e o orgulho.

Tal o período em que agora vão entrar, e que marcará uma das fases principais da Humanidade. A fase que neste momento se elabora é o complemento necessário do estado precedente, como a idade viril é o complemento da juventude; ela podia, pois, ser prevista e predita por antecipação, e é por isto que se diz que os tempos marcados por Deus são chegados.

Neste tempo não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a um país, a um povo, a uma raça; é um movimento universal, que se opera no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a se estabelecer e os homens que a ela são mais opostos nela trabalham mau grado seu; a geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, achar-se-á animada de idéias e sentimentos completamente diversos da geração presente, que desaparece a passos de gigante. O velho mundo estará morto e viverá na História, como hoje os tempos medievais, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

Aliás, cada um sabe que a ordem de coisas atual deixa a desejar. Depois de haver, de certo modo, esgotado o bem-estar material, que é produto da inteligência, chega-se a compreender que o complemento desse bem-estar não pode estar senão no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, mais se sente o que falta, sem, contudo, poder ainda o definir claramente: é o efeito do trabalho íntimo que se opera para a regeneração; tem-se desejos, aspirações que são como o pressentimento de um estado melhor.

Mas uma mudança tão radical quanto a que se elabora não pode realizar-se sem comoção; há luta inevitável entre as idéias, e quem diz luta, diz alternativa de sucesso e de revés. Entretanto, como as idéias novas são as do progresso e o progresso está nas leis da Natureza, estas não deixam de triunfar sobre as idéias retrógradas. Desse conflito nascerão, forçosamente, perturbações temporárias, até que o terreno esteja livre dos obstáculos que se opõem à construção do novo edifício social. É, pois, da luta das idéias que surgirão os graves acontecimentos anunciados, e não de cataclismos, ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais eram conseqüência do estado de formação da Terra; hoje não são mais as entranhas do globo que se agitam, são as da Humanidade.

A Humanidade é um ser coletivo, no qual se operam as mesmas revoluções morais que em cada ser individual, mas com esta diferença: umas se realizam de ano a ano, e as outras de século em século. Quem as seguir em suas evoluções através dos tempos verá a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia particular.

Ao lado dos movimentos parciais há um movimento geral, que dá impulso à Humanidade inteira; mas o progresso de cada parte do conjunto é relativo ao seu grau de adiantamento. Tal seria uma família composta de vários filhos, dos quais o mais jovem está no berço e o mais velho com dez anos, por exemplo. Em dez anos, o mais velho terá vinte e será um homem; o mais jovem terá dez e, embora mais adiantado, será ainda uma criança; mas, por sua vez, se tornará homem. Dá-se o mesmo com as diversas frações da Humanidade; os mais atrasados avançam, mas não atingem de um salto o nível dos mais adiantados.

Tornando-se adulta, a Humanidade tem novas necessidades, aspirações mais largas, mais elevadas; compreende o vazio das idéias com que foi embalada, a insuficiência das instituições para a sua felicidade; não mais encontra no estado de coisas as satisfações legítimas a que se sente chamada. Eis por que sacode as fraldas e se lança, impelida por uma força irresistível, para as margens desconhecidas, à descoberta de novos horizontes menos limitados. E é no momento em que se encontra muito confinada em sua esfera material, onde a vida intelectual transborda, onde se expande o sentimento da espiritualidade, que homens, pretensos filósofos, esperam encher o vazio pelas doutrinas do niilismo e do materialismo! Estranha aberração! Esses mesmos homens que pretendem empurrá-la para frente, esforçam-se por circunscrevê-la no estreito círculo da matéria, de onde aspira a sair; fecham-lhe o aspecto da vida infinita, e lhe dizem, mostrando-lhe o túmulo: *Nec plus ultra!*

Como dissemos, a marcha progressiva da Humanidade se opera de duas maneiras: uma gradual, lenta, insensível, se se consideram as épocas mais próximas, que se traduz por sucessivas melhoras nos costumes, nas leis, nos usos, e não se percebe senão com o tempo, como as mudanças que as correntes de água trazem à superfície do globo; a outra, por um movimento relativamente brusco, rápido, semelhante ao de uma torrente rompendo seus diques, que lhe faz transpor em alguns anos o espaço que teria levado séculos a percorrer. É então um cataclismo moral que, em alguns instantes, devora as instituições do passado, e ao qual sucede uma nova ordem de coisas, que se assenta pouco a pouco, à medida que a calma se restabelece e se torna definitiva.

Para quem vive bastante para abarcar os dois aspectos da nova fase, parece que um mundo novo saiu das ruínas do antigo; o caráter, os costumes, os usos, tudo é mudado. É que, com efeito, homens novos, ou, melhor, regenerados, surgiram. As idéias varridas pela geração que se extingue deram lugar a idéias novas, na geração que se ergue.

Foi a um desses períodos de transformação ou, se quiserem, de *crescimento moral*, que chegou a Humanidade. Da adolescência passa à idade viril; o passado já não pode bastar às suas novas aspirações, às suas novas necessidades; não pode mais ser conduzida pelos mesmos meios; não mais se permite ilusões e sortilégios: sua razão amadurecida exige alimentos mais substanciais. O presente é por demais efêmero; sente que seu destino é mais vasto e que a vida corporal é muito restrita para a encerrar toda inteira. Eis por que ela mergulha o olhar no passado e no futuro, a fim de aí descobrir o mistério de sua existência e haurir uma segurança consoladora.

Quem quer que haja meditado sobre o Espiritismo e suas conseqüências e não o tenha circunscrito à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre à Humanidade uma nova via

e lhe desdobra os horizontes do infinito. Iniciando-os nos mistérios do mundo invisível, mostra-lhe seu verdadeiro papel na Criação, papel *perpetuamente ativo*, tanto no estado espiritual quanto no estado corporal. O homem não marcha mais às cegas: sabe de onde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro se lhe mostra em sua realidade, isento dos preconceitos da ignorância e da superstição; já não é uma vaga esperança: é uma verdade palpável, tão certa para ele quanto a sucessão dos dias e das noites. Sabe que seu ser não está limitado a alguns instantes de uma existência, cuja duração está submetida ao capricho do acaso; que a vida espiritual não é interrompida pela morte; que já viveu, que reviverá ainda e que de tudo que adquire em perfeição pelo trabalho, nada fica perdido; encontra em suas existências anteriores a razão do que é hoje, e do que hoje a si faz, pode concluir o que será um dia.

Com o pensamento de que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização são limitadas à vida presente, *que nada se foi e nada se será*, que interessa ao homem o progresso ulterior da Humanidade? Que lhe importa que no futuro os povos sejam mais bem governados, mais ditosos, mais esclarecidos, melhores uns para os outros? Uma vez que disso não tira nenhum proveito, para ele esse progresso não está perdido? De que lhe serve trabalhar para os que vierem depois, se jamais os deverá conhecer, se são seres novos que, eles também, pouco depois, entrarão no nada? Sob o império da negação do futuro individual, tudo se reduz, forçosamente, às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.

Mas, ao contrário, que amplitude dá ao pensamento do homem a *certeza* da perpetuidade de seu ser espiritual! que força, que coragem, não haure ele contra as vicissitudes da vida material! Que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador que esta lei, segundo a qual a vida espiritual e a vida corporal não passam de dois modos de existência, que se alternam para a realização do progresso! Que de mais justo e mais consolador que

a idéia dos mesmos seres progredindo sem cessar, primeiro através das gerações de um mesmo mundo e, depois, de mundo em mundo, até a perfeição, sem solução de continuidade! Assim, todas as ações têm um objetivo, porquanto, trabalhando para todos, trabalha-se para si, e reciprocamente, de tal sorte que o progresso individual e o progresso geral jamais são estéreis; aproveitam às gerações e às individualidades futuras, que outra coisa não são que as gerações e as individualidades passadas, chegadas a um mais alto grau de adiantamento.

A vida espiritual é a vida normal e eterna do Espírito e a encarnação é apenas uma forma temporária de sua existência. Salvo a vestimenta exterior, há, pois, identidade entre os encarnados e os desencarnados; são as mesmas individualidades sob dois aspectos diversos, ora pertencendo ao mundo visível, ora ao mundo invisível, encontrando-se ora num, ora noutro, concorrendo, num e noutro, para o mesmo objetivo, por meios apropriados à sua situação.

Desta lei decorre a da perpetuidade das relações entre os seres; a morte não os separa, não põe termo às suas relações simpáticas e nem aos seus deveres recíprocos. Daí a *solidariedade* de todos para cada um, e de cada um para todos; daí, também, a *fraternidade*. Os homens só viverão felizes na Terra quando esses dois sentimentos tiverem entrado em seus corações e em seus costumes, porque, então, a eles sujeitarão suas leis e suas instituições. Será este um dos principais resultados da transformação que se opera.

Mas, como conciliar os deveres da solidariedade e da fraternidade com a crença de que a morte torna os homens para sempre estranhos uns aos outros? Pela lei da perpetuidade das relações que ligam todos os seres, o Espiritismo funda esse duplo princípio sobre as próprias leis da Natureza; disto faz não só um dever, mas uma necessidade. Pela lei da pluralidade das existências

o homem se liga ao que está feito e ao que será feito, aos homens do passado e aos do futuro; não mais poderá dizer que nada tem de comum com os que morrem, pois uns e outros se encontram incessantemente, neste e no outro mundo, para subirem juntos a escada do progresso e se prestarem mútuo apoio. A fraternidade não está mais circunscrita a alguns indivíduos, que o acaso reúne durante uma vida efêmera; é perpétua como a vida do Espírito, universal como a Humanidade, que constitui uma grande família, cujos membros, em sua totalidade, são solidários uns com os outros, *seja qual for a época em que tenham vivido*.

Tais são as idéias que ressaltam do Espiritismo, e que ele suscitará entre todos os homens, quando estiver universalmente espalhado, compreendido, ensinado e praticado. Com o Espiritismo a fraternidade, sinônimo da caridade pregada pelo Cristo, não é mais uma palavra vã; tem a sua razão de ser. Do sentimento da fraternidade nasce o da reciprocidade e dos deveres sociais, de homem a homem, de povo a povo, de raça a raça. Destes dois sentimentos bem compreendidos sairão, forçosamente, as mais proveitosas instituições para o bem-estar de todos.

A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social. Mas não haverá fraternidade real, sólida e efetiva se não for apoiada em base inabalável; esta base é a fé; não a fé em tais ou quais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos e se atiram pedras, porque, anatematizando-se, entretêm o antagonismo; mas a fé nos princípios fundamentais que todo o mundo pode aceitar: *Deus, a alma, o futuro,* ***o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres***. Quando todos os homens estiverem convictos de que Deus é o mesmo para todos, que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada pode querer de injusto, que o mal vem dos homens e não dele, olhar-se-ão como filhos de um mesmo pai e se darão as mãos. É esta fé que dá o Espiritismo e que, de agora em diante, será o pivô sobre o qual se moverá o gênero humano, sejam quais forem sua

maneira de adorar e suas crenças particulares, que o Espiritismo respeita, mas das quais não deve se ocupar. Somente desta fé pode sair o verdadeiro progresso moral, porque só ela dá uma sanção lógica aos direitos legítimos e aos deveres; sem ela, o direito é o que é dado pela força; o dever, um código humano imposto pela violência. Sem ela que é o homem? um pouco de matéria que se dissolve, um ser efêmero que apenas passa; o próprio gênio não é senão uma centelha que brilha um instante, para extinguir-se para sempre; por certo não há nisto muito para o erguer aos seus próprios olhos. Com tal pensamento, onde estão, realmente, os direitos e os deveres? qual o objetivo do progresso? Somente esta fé faz o homem sentir sua dignidade pela perpetuidade e pela progressão de seu ser, não num futuro mesquinho e circunscrito à personalidade, mas grandioso e esplêndido; seu pensamento o eleva acima da Terra; sente-se crescer, pensando que tem seu papel no Universo, e que esse Universo é o seu domínio, que um dia poderá percorrer, e que a morte não fará dele uma nulidade, ou um ser inútil a si mesmo e aos outros.

O progresso intelectual realizado até hoje nas mais vastas proporções é um grande passo, e marca a primeira fase da Humanidade, mas, apenas ele, é impotente para a regenerar. Enquanto o homem for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, utilizará sua inteligência e seus conhecimentos em benefício de suas paixões e de seus interesses pessoais, razão por que os aplica no aperfeiçoamento dos meios de prejudicar os outros e de se destruírem mutuamente. Só o progresso moral pode assegurar a felicidade dos homens na Terra, pondo um freio nas más paixões; somente ele pode fazer reinarem a concórdia, a paz, a fraternidade. É ele que derrubará a barreira dos povos, que fará caírem os preconceitos de casta e calar os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se olharem como irmãos, chamados a se ajudarem mutuamente, e não a viverem uns à custa dos outros. É ainda o progresso moral, aqui secundado pelo progresso da inteligência, que confundirá os homens numa mesma crença, estabelecida sobre

verdades eternas, não sujeitas à discussão e, por isto mesmo, por todos aceitas. A unidade de crença será o laço mais poderoso, o mais sólido fundamento da fraternidade universal, em todos os tempos quebrada pelos antagonismos religiosos, que dividem os povos e as famílias, que fazem ver no próximo inimigos que é preciso fugir, combater, exterminar, em vez de irmãos que devem ser amados.

Tal estado de coisas supõe uma mudança radical no sentimento das massas, um progresso geral que não poderia realizar-se senão saindo do círculo das idéias estreitas e terra-a-terra, que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de escol procuraram impelir a Humanidade nessa via; mas, ainda muito jovem, a Humanidade ficou surda, e seus ensinamentos foram como a boa semente caída sobre a pedra. Hoje ela está madura para lançar suas vistas mais alto do que o fez, a fim de assimilar idéias mais largas e compreender o que não havia compreendido. A geração que desaparece levará consigo os seus preconceitos e os seus erros; a geração que surge, temperada numa fonte mais depurada, imbuída de idéias mais justas, imprimirá ao mundo o movimento ascensional, no sentido do progresso moral, que deve marcar a nova fase da Humanidade. Esta fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis, pelas idéias grandes e generosas que vêm à tona e que começam a encontrar eco. É assim que se vê fundar-se uma porção de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o impulso e pela iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais diariamente se impregnam de um sentimento mais humano. Os preconceitos de raça se enfraquecem, os povos começam a olhar-se como membros de uma grande família; pela uniformidade e facilidade dos meios de transação, suprimem as barreiras que os dividem de todas as partes do mundo, reúnem-se em comícios universais para os torneios pacíficos da inteligência. Mas faltam a essas reformas uma base para se desenvolverem, para se completarem e se consolidarem, uma

predisposição moral mais geral para frutificarem e se fazerem aceitas pelas massas. Isto não é menos um sinal característico do tempo, o prelúdio do que se realizará em mais vasta escala, à medida que o terreno se tornar mais propício.

Um sinal não menos característico do período em que entramos, é a reação evidente que se opera no sentido das idéias espiritualistas, uma repulsa instintiva contra as idéias materialistas, cujos representantes se tornam menos numerosos ou menos absolutos. O espírito de incredulidade que se havia apoderado das massas, ignorantes ou esclarecidas, e as tinha feito repelir, com a forma, o próprio fundo de toda crença, parece ter sido um sono, ao sair do qual se experimenta a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, onde se fez o vazio procura-se algo, um ponto de apoio, uma esperança.

Neste grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável, não o Espiritismo ridículo, inventado pela crítica zombeteira, mas o Espiritismo filosófico, tal qual o compreende quem quer que se dê ao trabalho de procurar a amêndoa dentro da casca. Pelas provas que ele traz das verdades fundamentais, preenche o vazio que a incredulidade faz nas idéias e nas crenças; pela certeza que dá de um futuro conforme à justiça de Deus e que a mais severa razão pode admitir, ele tempera as amarguras da vida e previne os funestos efeitos do desespero. Tornando conhecidas novas leis da Natureza, o Espiritismo dá a chave de fenômenos incompreendidos e problemas até agora insolúveis, e mata, ao mesmo tempo, a incredulidade e a superstição. Para ele não há sobrenatural nem maravilhoso; tudo se realiza no mundo em virtude de leis imutáveis. Longe de substituir um exclusivismo por outro, arvora-se como campeão absoluto da liberdade de consciência; combate o fanatismo sob todas as formas e o corta pela raiz, proclamando a salvação para todos os homens de bem, e a possibilidade, para os mais imperfeitos, de chegarem, por seus esforços, pela expiação e pela reparação, à perfeição, pois

só ela conduz à suprema felicidade. Ao invés de desencorajar o fraco, encoraja-o, mostrando-lhe o fim que pode atingir.

Não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação*, mas, com o Cristo: *Fora da caridade não há salvação*, princípio de união, de tolerância, que congraçará os homens num sentimento comum de fraternidade, em vez de os dividir em seitas inimigas. Por este outro princípio: *Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade*, destrói o império da fé cega, que aniquila a razão, da obediência passiva, que embrutece; emancipa a inteligência do homem e levanta o seu moral.

Conseqüente consigo mesmo, não se impõe; diz o que é, o que quer, o que dá e espera que a ele venham livremente, voluntariamente; quer ser aceito pela razão, e não pela força. Respeita todas as crenças sinceras e não combate senão a incredulidade, o egoísmo, o orgulho e a hipocrisia, que são as chagas da sociedade e os mais sérios obstáculos ao progresso moral; mas não lança o anátema a ninguém, nem mesmo aos seus inimigos, porque está convencido de que o caminho do bem está aberto aos mais imperfeitos e que, mais cedo ou mais tarde, nele entrarão.

Se imaginarmos a maioria dos homens imbuídos desses sentimentos, facilmente poderemos figurar as modificações que trarão às relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para todos, tolerância para todas as crenças, tal será sua divisa. É o fim para o qual, evidentemente, tende a Humanidade, o objeto de suas aspirações, de seus desejos, sem que se dê muita conta dos meios de as realizar; ela ensaia, hesita, mas é detida pelas resistências ativas ou pela força da inércia dos preconceitos, das crenças estacionárias e refratárias ao progresso. São essas resistências que devem ser vencidas e isto será a obra da nova geração. Se seguirmos o curso atual das coisas, reconheceremos que tudo parece predestinado a lhe abrir a estrada; ela terá por si o duplo poder do número e das idéias, além da experiência do passado.

Assim, a nova geração marchará para a realização de todas as idéias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que tiver chegado. O Espiritismo, marchando para o mesmo objetivo e realizando seus planos, eles se encontrarão no mesmo terreno, não como concorrentes, mas como auxiliares, prestando-se mútuo apoio. Os homens de progresso encontrarão nas idéias espíritas uma poderosa alavanca e o Espiritismo encontrará nos homens novos espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo. Nesse estado de coisas, que poderão fazer os que quisessem opor obstáculos?

Não é o Espiritismo que cria a renovação social, é a maturidade da Humanidade que faz desta renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela amplidão de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é, mais que qualquer outra doutrina, apto a secundar o movimento regenerador, razão por que é seu contemporâneo. Veio no momento em que podia ser útil, porque também para ele os tempos são chegados; mais cedo, teria encontrado obstáculos intransponíveis; inevitavelmente teria sucumbido, porque os homens, satisfeitos com o que tinham, ainda não sentiam a necessidade do que ele traz. Hoje, nascido com o movimento das idéias que fermentam, encontra o terreno preparado para recebê-lo. Cansados da dúvida e da incerteza, apavorados com o abismo que se abre diante deles, os espíritos o acolhem como uma tábua de salvação e uma suprema consolação.

Dizendo que a Humanidade está madura para a regeneração, isto não quer dizer que todos os indivíduos o sejam no mesmo grau, mas muitos têm, por intuição, o germe das idéias novas, que as circunstâncias farão eclodir; então eles se mostrarão mais adiantados do que se pensava, e seguirão com ardor o impulso da maioria.

Há, entretanto, os que são refratários por natureza, mesmo entre os mais inteligentes e que, certamente, jamais se

ligarão, pelo menos nesta existência, uns de boa-fé, por convicção, outros por interesse. Aqueles cujos interesses materiais estão ligados ao estado presente das coisas, e que não são bastante adiantados para dele fazer abnegação, que o bem geral toca menos que o seu bem pessoal, não podem ver sem apreensão o menor movimento reformador; para eles a verdade é uma questão secundária ou, melhor dito, a verdade está toda inteira no que não lhes causa nenhuma perturbação; aos seus olhos, todas as idéias progressivas são subversivas, razão por que lhes votam um ódio implacável e lhes fazem uma guerra encarniçada. Muito inteligentes para não ver no Espiritismo um auxiliar dessas idéias e os elementos da transformação, que temem porque não se sentem à sua altura, esforçam-se para o abater; se o julgassem sem valor e sem alcance, com ele não se preocupariam. Aliás já o dissemos: "Quanto maior é uma idéia, mais adversários encontra, e pode medir-se a sua importância pela violência dos ataques de que ela é objeto."

O número dos retardatários sem dúvida ainda é grande, mas que podem contra a onda que sobe, senão lançar-lhe algumas pedras? Essa onda é a geração que surge, enquanto eles desaparecem com a geração que vai a largos passos. Até lá defenderão o terreno palmo a palmo. Há, pois, uma luta inevitável, mas desigual, porque é a do passado decrépito, que cai em farrapos, contra o futuro juvenil; da estagnação contra o progresso; da criatura contra a vontade de Deus, porque os tempos por ele marcados são chegados.

Nota – As reflexões que precedem são o desenvolvimento das instruções dadas pelos Espíritos sobre o mesmo assunto, num grande número de comunicações, seja a nós, seja a outras pessoas. A que publicamos a seguir é o resumo de várias conversas que tivemos, através de dois dos nossos médiuns habituais, em estado de sonambulismo extático, e que, ao despertarem, não conservam nenhuma lembrança. Coordenamos

metodicamente as idéias, a fim de lhes dar mais seqüência, suprimindo todos os detalhes e acessórios supérfluos. Os pensamentos foram reproduzidos rigorosamente, e as palavras também são textuais, tanto quanto foi possível recolhê-las pela audição.

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE[21]

(Paris, abril de 1866 – Médium: Srs. M. e T., em sonambulismo)

Os acontecimentos se precipitam com rapidez, de modo que não vos dizemos mais, como outrora: "Os tempos estão próximos"; agora dizemos: "Os tempos são chegados."

Por estas palavras não entendais um novo dilúvio, nem um cataclismo, nem uma perturbação geral. Convulsões parciais do globo ocorreram em todas as épocas e ainda se produzem, porque inerentes à sua constituição, mas são sinais dos tempos.

Entretanto, tudo quanto está predito no Evangelho deve realizar-se e se cumpre neste momento, como reconhecereis mais tarde. Mas não tomeis os sinais anunciados senão como figuras, dos quais é preciso captar o espírito, e não a letra. Todas as *Escrituras* encerram grandes verdades sob o véu da alegoria, e é porque os exegetas se apegaram à letra que se extraviaram. Faltou-lhes a chave para a compreensão de seu verdadeiro sentido. Esta chave está nas descobertas da Ciência e nas leis do mundo invisível, que o Espiritismo vos vem revelar. Doravante, com o auxílio desses novos conhecimentos, o que era obscuro torna-se claro e inteligível.

Tudo segue a ordem natural das coisas e as leis imutáveis de Deus não serão alteradas. Assim, não vereis milagres, nem prodígios, nem nada de sobrenatural, no sentido vulgar ligado a estas palavras.

21 **Nota da Editora:** Ver "Nota Explicativa", p. 527.

Não olheis o céu para aí buscar sinais precursores, pois não os vereis e os que vo-los anunciam vos enganarão; mas olhai em torno de vós, entre os homens; é aí que os encontrareis.

Não sentis como um vento que sopra na Terra e agita todos os Espíritos? O mundo está à espera e como tomado por um vago pressentimento à aproximação da tempestade.

Contudo, não acrediteis no fim do mundo material; a Terra progrediu desde a sua transformação; deve progredir ainda, e não ser destruída. Mas a Humanidade chegou a um de seus períodos de transformação e a Terra vai elevar-se na hierarquia dos mundos.

Não é, pois, o fim do mundo material que se prepara, mas o fim do mundo moral; é o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do egoísmo, do orgulho e do fanatismo que se desmorona; cada dia leva consigo os seus destroços. Tudo acabará para ele com a geração que se vai, e a geração nova erguerá o novo edifício que as gerações seguintes consolidarão e completarão.

De mundo de expiação, a Terra está fadada a tornar-se um dia um mundo feliz, e nela habitar será uma recompensa, ao invés de uma punição. O reinado do bem aí deve suceder o do mal.

Para que os homens sejam felizes na Terra, é necessário que esta só seja povoada de Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que não quererão senão o bem. Sendo chegado esse tempo, uma grande emigração se realiza neste momento entre os que a habitam; os que fazem o mal pelo mal e *não são tocados* pelo sentimento do bem por não serem dignos da Terra transformada, dela serão excluídos, porque aí trariam novamente a perturbação e a confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Irão expiar seu endurecimento nos mundos inferiores, para onde levarão os conhecimentos adquiridos e terão por missão fazê-los progredir. Serão substituídos na Terra por Espíritos melhores, que farão reinar entre eles a justiça, a paz e a fraternidade.

Já dissemos que a Terra não deve ser transformada por um cataclismo, que aniquilaria subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova a sucederá, sem que nada seja mudado na ordem natural das coisas. Tudo se passará, pois, exteriormente, como de hábito, com uma única diferença, mas esta diferença é capital: uma parte dos Espíritos que aí se encarnavam não mais encarnarão. Numa criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e devotado ao mal que tivesse encarnado, será um Espírito mais adiantado e *devotado ao bem*. Trata-se, pois, muito menos de uma nova geração corporal que de uma nova geração de Espíritos. Assim, os que esperavam ver a transformação operar-se por efeitos sobrenaturais e maravilhosos ficarão decepcionados.

A época atual é de transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados em ponto intermediário, assistis à partida de uma e à chegada da outra, e cada um já se assinala no mundo pelos caracteres que lhes são próprios.

As duas gerações que sucedem uma à outra têm idéias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais, mas, sobretudo, das disposições *intuitivas e inatas*, é fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

Devendo fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, aliadas ao sentimento *inato* do bem e das crenças espiritualistas, o que é sinal indubitável de certo grau de progresso anterior. Não será composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, tendo já progredido, estão predispostos a assimilar todas as idéias progressivas, e aptos a secundar o movimento regenerador.

Ao contrário, o que distingue os Espíritos atrasados é, primeiro, a revolta contra Deus pela negação da Providência e de todo poder superior à Humanidade; depois, a propensão *instintiva*

às paixões degradantes, aos sentimentos antifraternos do egoísmo, do orgulho, do ódio, do ciúme, da cupidez, enfim, a predominância do apego a tudo o que é material.

Tais os vícios de que a Terra deve ser expurgada pelo afastamento dos que se recusam a emendar-se, porque são incompatíveis com o reinado da fraternidade e porque os homens de bem sempre sofrerão com o seu contato. A Terra ficará livre deles e os homens marcharão sem entraves para o futuro melhor, que lhes está reservado aqui, como prêmio por seus esforços e por sua perseverança, esperando que uma depuração ainda mais completa lhes abra a entrada dos mundos superiores.

Por esta emigração de Espíritos não se deve entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados a mundos inferiores. Muitos, ao contrário, a ela voltarão, porque muitos cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo; neles a casca era pior que a essência. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corporal, a maioria verá as coisas de maneira completamente diferente do que quando vivos, do que tendes numerosos exemplos. Nisto são ajudados pelos Espíritos benevolentes, que por eles se interessam e que se desvelam em os esclarecer e em lhes mostrar o falso caminho que seguiram. Por vossas preces e exortações, vós mesmos podeis contribuir para sua melhoria, porque há solidariedade perpétua entre os mortos e os vivos.

Aqueles, pois, poderão voltar, com o que serão felizes, pois isto será uma recompensa. Que importa o que tiverem sido ou feito, se forem animados de melhores sentimentos! Longe de serem hostis à sociedade e ao progresso, serão auxiliares úteis, porque pertencerão à nova geração.

Assim, só haverá uma exclusão definitiva para os Espíritos rebeldes por natureza, aqueles que o orgulho e o egoísmo,

mais que a ignorância, tornam-se surdos à voz do bem e da razão. Mas, mesmo estes não estão votados a uma inferioridade perpétua, e dia virá em que repudiarão o seu passado e abrirão os olhos à luz.

Orai, pois, por esses endurecidos, a fim de que se emendem enquanto é tempo, pois o dia da expiação está próximo.

Infelizmente, por desconhecer a voz de Deus, a maioria persistirá em sua cegueira e sua resistência marcará o fim de seu reino por lutas terríveis. Em seu desvario, eles próprios cavarão a sua ruína; impelirão à destruição, que engendrará uma porção de flagelos e calamidades, de sorte que, sem o querer, apressarão o advento da era da renovação.

E como se a destruição não marchasse bastante depressa, ver-se-ão os suicídios multiplicando-se em proporção nunca vista, até entre as crianças. A loucura jamais terá ferido maior número de homens que, mesmo antes da morte, serão riscados do número dos vivos. São estes os verdadeiros sinais dos tempos. E tudo isto se realizará pelo encadeamento das circunstâncias, assim como dissemos, sem que em nada sejam derrogadas as leis da Natureza.

Todavia, através da nuvem sombria que vos envolve, e em cujo seio brame a tempestade, já vedes surgirem os primeiros raios da era nova! A fraternidade assenta os seus fundamentos em todos os pontos do globo e os povos se estendem as mãos; a barbárie se familiariza ao contato da civilização; os preconceitos de raças e de seitas, que derramaram rios de sangue, se extinguem; o fanatismo e a intolerância perdem terreno, enquanto a liberdade de consciência introduz-se nos costumes e se torna um direito. Por toda parte fermentam as idéias; vê-se o mal e experimentam-se os remédios, mas muitos marcham sem bússola e se perdem nas utopias. O mundo está num imenso processo de gestação, que durará um século. Nesse trabalho, ainda confuso, vê-se, no entanto,

dominar uma tendência para um objetivo: o da unidade e da uniformidade que predispõem à fraternização.

São ainda sinais do tempo. Mas, enquanto os outros são os da agonia do passado, estes últimos são os primeiros vagidos da criança que nasce, os precursores da aurora que o próximo século verá levantar-se, porque, então, a nova geração estará em toda a sua força. Tanto a fisionomia do século dezenove difere da do século dezoito, sob certos pontos de vista, quanto a do século vinte será diferente da do dezenove, sob outros pontos de vista.

Um dos caracteres distintivos da nova geração será a fé *inata*; não a fé exclusiva e cega, que divide os homens, mas a fé raciocinada, que esclarece e fortifica, que os une e os confunde num comum sentimento de amor a Deus e ao próximo. Com a geração que se extingue desaparecerão os últimos vestígios da incredulidade e do fanatismo, igualmente contrários ao progresso moral e social.

O Espiritismo é o caminho que conduz à renovação, porque destrói os dois maiores obstáculos que a ela se opõem: a incredulidade e o fanatismo. Dá uma fé sólida e esclarecida; desenvolve todos os sentimentos e todas as idéias que correspondem às vistas da nova geração. Por isto é como que inato e em estado de intuição no coração de seus representantes. A era nova vê-lo-á, pois, crescer e prosperar pela força mesma das coisas. Tornar-se-á a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições.

Mas, daqui até lá, quantas lutas terá ainda de sustentar contra os seus dois maiores inimigos: a incredulidade e o fanatismo, que, coisa bizarra, se dão as mãos para o abater! Eles pressentem seu futuro e sua ruína, razão por que o temem, pois já o vêem plantar, sobre as ruínas do velho mundo egoísta, a bandeira que deve unir todos os povos. Na divina máxima: *Fora da caridade não*

há salvação, lêem sua própria condenação, porque é o símbolo da nova aliança fraternal proclamada pelo Cristo.[22] Ela se lhes mostra como as palavras fatais do festim de Baltazar. E, contudo, deviam bendizer esta máxima, porque os garante contra todas as represálias da parte dos que perseguem. Mas não, uma força cega os impele a rejeitar a única coisa que os poderia salvar!

Que poderão eles contra o ascendente da opinião que os repudia? O Espiritismo sairá triunfante da luta, não o duvideis, porque, estando nas leis da Natureza é, por isto mesmo, imperecível. Vede por que multidão de meios a idéia se espalha e penetra em toda parte; crede bem que esses meios não são fortuitos, mas providenciais; aquilo que, à primeira vista, pareceria dever prejudicá-lo, é precisamente o que ajuda a sua propagação.

Logo verá surgirem campeões altamente reconhecidos entre os homens mais considerados e mais acreditados, que o apoiarão com a autoridade de seu nome e de seu exemplo, e imporão silêncio aos seus detratores, porque não ousarão tratá-los de loucos. Esses homens o estudam no silêncio e se mostrarão quando chegar o momento propício. Até lá, convém que se mantenham afastados.

Logo também vereis as artes aí beber, como numa fonte fecunda, e traduzir seus pensamentos e os horizontes que descobre pela pintura, a música, a poesia e a literatura. Já vos foi dito que haveria um dia a arte espírita, como houve a arte pagã e a arte cristã, e é uma grande verdade, porque os maiores gênios nele se inspirarão. Em breve vereis os seus primeiros esboços, e mais tarde ele ocupará o lugar que deve ter.

Espíritas, o futuro é vosso e de todos os homens de coração e devotamento. Não vos assusteis com os obstáculos, pois nenhum deles poderá entravar os desígnios da Providência.

22 Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XV.

Trabalhai sem descanso e agradecei a Deus por vos ter colocado na vanguarda da nova falange. É um posto de honra que vós mesmos pedistes, e do qual vos deveis tornar dignos por vossa coragem, perseverança e devotamento. Ditosos os que sucumbirem nesta luta contra a força; mas a vergonha será, no mundo dos Espíritos, para os que sucumbirem pela fraqueza ou pela pusilanimidade. Aliás, as lutas são necessárias para fortificar a alma; o contato do mal faz apreciar melhor as vantagens do bem. Sem as lutas que estimulam as faculdades, o Espírito deixar-se-ia arrastar por uma indiferença funesta ao seu adiantamento. As lutas contra os elementos desenvolvem as forças físicas e a inteligência; as lutas contra o mal desenvolvem as forças morais.

Observações – 1º – A maneira pela qual se opera a transformação é muito simples e, como se vê, é toda moral e em nada se afasta das leis da Natureza. Por que, então, os incrédulos repelem essas idéias, já que nada têm de sobrenatural? É que, segundo eles, a lei de vitalidade cessa com a morte do corpo, ao passo que para nós ela prossegue sem interrupção; eles restringem sua ação e nós a estendemos. Eis por que dizemos que os fenômenos da vida espiritual não saem das leis da Natureza. Para eles o sobrenatural começa onde acaba a apreciação pelos sentidos.

2º – Quer os Espíritos da nova geração sejam novos Espíritos melhores, quer os antigos Espíritos melhorados, o resultado é o mesmo. Desde o instante que trazem melhores disposições, é sempre uma renovação. Os Espíritos encarnados formam, assim, duas categorias, conforme suas disposições naturais: de uma parte, os Espíritos retardatários que partem; de outra, os Espíritos progressistas que chegam. O estado dos costumes e da sociedade estará, pois, num povo, numa raça ou no mundo inteiro, na razão do das duas categorias que tiver a preponderância.

Para simplificar a questão, consideremos um povo, num grau qualquer de adiantamento, e composto de vinte milhões de almas, por exemplo. Fazendo-se a renovação dos Espíritos à medida das extinções, isoladas ou em massa, necessariamente houve um momento em que a geração dos Espíritos retardatários ultrapassava em número a dos Espíritos progressistas, que apenas contavam raros representantes sem influência, e cujos esforços para fazer predominar o bem e as idéias progressistas estavam paralisados. Ora, partindo uns e chegando outros, após um dado tempo as duas forças se equilibram e sua influência se contrabalança. Mais tarde, os recém-chegados são maioria e sua influência torna-se preponderante, conquanto ainda entravada pela dos primeiros; estes, continuando a diminuir, enquanto os outros se multiplicam, acabarão por desaparecer. Chegará, então, o momento em que a influência da nova geração será exclusiva.

Assistimos a esta transformação, ao conflito que resulta da luta das idéias contrárias, que procuram implantar-se. Umas marcham com a bandeira do passado, outras com a do futuro. Se se examinar o estado atual do mundo, reconhecer-se-á que, tomada em seu conjunto, a Humanidade terrestre ainda está longe do ponto intermediário, em que as forças se contrabalançam; que os povos, considerados isoladamente, estão a uma grande distância uns dos outros, nesta escada; que alguns alcançam este ponto, mas nenhum ainda o ultrapassou. Aliás, a distância que o separa dos pontos extremos está longe de ser igual em duração, e uma vez transposto o limite, o novo caminho será percorrido com tanto mais rapidez, quanto uma imensidão de circunstâncias o virão aplainar.

Assim se realiza a transformação da Humanidade. Sem a emigração, isto é, sem a partida dos Espíritos retardatários, que não devem voltar, ou que só voltarão depois de se terem melhorado, nem por isto a Humanidade terrena ficará indefinidamente estacionária, porque os Espíritos mais atrasados

por sua vez progridem; mas, teriam sido precisos séculos, talvez milhares de anos, para atingir o resultado que meio século bastará para realizar.

Uma comparação vulgar fará se compreenda melhor ainda o que se passa nessa circunstância. Suponhamos um regimento, em sua grande maioria composto de homens turbulentos e indisciplinados: estes provocarão incessantes desordens, que a severidade da lei penal muitas vezes terá dificuldade em reprimir. Esses homens são os mais fortes, porque mais numerosos; sustentam-se, encorajam-se e se estimulam pelo exemplo. Os poucos bons não têm influência; seus conselhos são desprezados; são ultrajados, maltratados pelos outros e sofrem este contato. Não é a imagem da sociedade atual?

Imaginemos que tais homens sejam retirados do regimento, um a um, cem a cem, e substituídos por igual número de bons soldados, mesmo pelos que tiverem sido expulsos, mas que se tenham emendado seriamente: ao cabo de algum tempo ter-se-á sempre o mesmo regimento, mas transformado; a boa ordem nele terá sucedido a desordem. Dar-se-á o mesmo com a Humanidade regenerada.

As grandes partidas coletivas não apenas terão como objetivo ativar as saídas, mas transformar mais rapidamente o espírito da massa, desembaraçando-a das más influências, e dar maior ascendente às idéias novas.

Eis por que muitos partem, a despeito de suas imperfeições, a fim de se retemperarem numa fonte mais pura, porque estão maduros para esta transformação. Se tivessem ficado no mesmo meio e sob as mesmas influências, teriam persistido em suas opiniões e em sua maneira de ver as coisas. Basta uma estada no mundo dos Espíritos para lhes abrir os olhos, porque aí vêem o que não podiam ver na Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista

poderão, assim, voltar com idéias *inatas* de fé, de tolerância e de liberdade. Em seu regresso, encontrarão as coisas mudadas e sofrerão o ascendente do novo meio onde nascerem. Em vez de fazer oposição às idéias novas, serão seus auxiliares.

Assim, a regeneração da Humanidade não necessita absolutamente da renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais. Esta modificação se opera em todos os que a isto forem predispostos, quando subtraídos à influência perniciosa do mundo. Nem sempre os que voltarem serão outros Espíritos, mas, muitas vezes, os mesmos Espíritos, pensando e sentindo diversamente.

Quando essa melhora é isolada e individual, passa desapercebida e não tem influência ostensiva no mundo. Outro será o efeito, quando operada simultaneamente em grandes massas, porque, então, conforme as proporções, em uma geração as idéias de um povo ou de uma raça poderão ser modificadas profundamente.

É o que se nota quase sempre depois dos grandes abalos que dizimam as populações. Os flagelos destruidores só destroem o corpo, mas não atingem o Espírito; ativam o movimento de vaivém entre o mundo corporal e o mundo espiritual e, em conseqüência, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados.

É um desses movimentos gerais que se opera neste momento, e que deve desencadear o remanejamento da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, porque deve apressar a eclosão dos novos germes. São as folhas de outono que caem, e às quais sucederão novas folhas, cheias de vida, pois a Humanidade tem as suas estações, como os indivíduos as suas idades. As folhas mortas da Humanidade caem, levadas pela ventania, para renascer mais

vivazes, sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.

Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensação, sem resultados úteis, porquanto, segundo ele, *aniquilam os seres sem retorno*. Mas para o que sabe que a morte apenas destrói o envoltório, eles não têm as mesmas conseqüências e não lhe causam o menor pavor, porque compreende o seu objetivo e sabe também que os homens não perdem mais morrendo em conjunto do que isoladamente, uma vez que, de uma ou de outra maneira, é preciso sempre lá chegar.

Os incrédulos rirão destas coisas e as tratarão como quimeras. Mas, digam o que disserem, não escaparão à lei comum; cairão por sua vez, como os outros e, então, o que acontecerá? Dizem: *nada*. Mas viverão, a despeito de si mesmos, e um dia serão forçados a abrir os olhos.

Nota – A comunicação seguinte nos foi dirigida durante a viagem que acabamos de fazer, da parte de um de nossos caros protetores invisíveis. Embora tenha um caráter pessoal, também se liga à grande questão que acabamos de tratar, e que a confirma. Por isso é colocada aqui. As pessoas perseguidas em razão de suas crenças espíritas nela encontrarão úteis encorajamentos.

"Paris, 1º de setembro de 1866.

"Já faz bastante tempo que não me mostro em vossas reuniões, dando uma comunicação assinada com o meu nome. Não julgueis, caro mestre, que seja por indiferença ou por esquecimento, mas eu não via necessidade de manifestar-me e deixava a outros mais dignos o cuidado de vos dar instruções úteis. Entretanto lá estava e seguia com o maior interesse os progressos desta cara Doutrina, à qual devo a felicidade e a calma dos últimos anos de minha vida. Eu lá estava, e o meu bom amigo, o Sr. T... vos deu mais de uma vez a certeza, durante as suas horas de sono e de

êxtase. Ele inveja minha felicidade e também aspira a vir para o mundo que habito agora, quando o contempla brilhando no céu estrelado e refere o seu pensamento às suas rudes provas.

"Eu também as tive muito penosas. Graças ao Espiritismo eu as suportei sem me queixar e as bendigo agora, pois lhes devo o meu adiantamento. Que ele tenha paciência. Dizei-lhe que para cá virá um dia, mas que antes ainda deve voltar à Terra, para vos ajudar na inteira realização de vossa tarefa. Mas, então, como tudo estará mudado! Imaginar-vos-ei ambos num mundo novo.

"Meu amigo, enquanto puderdes, repousai o espírito e o cérebro fatigados pelo trabalho; reuni forças materiais, pois em breve muito tereis que gastar. Os acontecimentos, que de agora em diante vão suceder-se com rapidez, vos chamarão à liça. Sede firme de corpo e de espírito, a fim de estardes em condições de lutar com vantagem. Então será preciso trabalhar sem descanso. Mas, como já vos disseram, não estareis só para levar o fardo; auxiliares sérios aparecerão, quando for tempo. Escutai, pois, os conselhos do bom doutor Demeure e evitai toda fadiga inútil ou prematura. Aliás, lá estaremos para vos aconselhar e advertir.

"Desconfiai dos dois partidos extremos que agitam o Espiritismo, quer para o prender ao passado, quer para precipitar sua corrida para frente. Temperai os ardores prejudiciais e não vos deixeis sofrear pelas tergiversações dos timoratos, ou, o que é mais perigoso, mas que infelizmente é muito verdadeiro, pelas sugestões dos emissários inimigos.

"Marchai com passo firme e seguro, como tendes feito até agora, sem vos inquietar com o que digam à direita ou à esquerda, seguindo a inspiração dos vossos guias e da vossa razão, e não vos arriscareis fazer sair dos trilhos o carro do Espiritismo. Muitos empurram esse carro cobiçado, para precipitarem sua

queda. Cegos e presunçosos! ele passará, apesar dos obstáculos, e não deixará no abismo senão os seus inimigos e os que o invejam, embaraçados por terem servido ao seu triunfo.

"Os fenômenos vão surgir de todos os lados, sob os mais variados aspectos, e já surgem. Mediunidade curadora, moléstias incompreensíveis, efeitos físicos inexplicáveis pela Ciência, tudo se reunirá num futuro próximo, para assegurar nossa vitória definitiva, para a qual concorrerão novos defensores.

"Mas, quantas lutas ainda a sustentar e, também, quantas vítimas! não sangrentas, sem dúvida, mas feridas em seus interesses e em suas afeições. Mais de um desfalecerá ao peso das inimizades, desencadeadas contra tudo quanto leve o nome de espírita. Mas, também, ditosos os que tiverem conservado sua firmeza na adversidade! Por isto serão bem recompensados, mesmo aqui, materialmente. As perseguições são as provas da sinceridade de sua fé, de sua coragem e de sua perseverança. A confiança que tiverem posto em Deus não será vã. Todos os sofrimentos, todos os vexames, todas as humilhações que tiverem suportado pela causa serão títulos, dos quais nenhum será perdido. Os Espíritos bons velam por eles e os contam, e saberão bem separar os devotamentos sinceros das dedicações artificiais. Se a roda da fortuna os trair momentaneamente e os lançar no pó, logo os erguerá mais alto que nunca, dando-lhes a consideração pública e destruindo os obstáculos amontoados em seu caminho. Mais tarde se regozijarão por terem pago seu tributo à causa, e quanto maior esse tributo, mais bela será sua parte.

"Nesses tempos de provas será preciso que prodigalizeis a todos vossa força e vossa firmeza; a todos serão precisos encorajamentos e conselhos. Também se faz necessário fechar os olhos sobre as defecções dos tíbios e dos covardes. Por vossa própria conta, também tereis muito a perdoar...

"Mas eu paro aqui, porque se posso adivinhar o conjunto dos acontecimentos, nada me é permitido precisar. Tudo quanto vos posso dizer é que não sucumbiremos na luta. Podem cercar a verdade com as trevas do erro, mas é impossível sufocá-la. Sua chama é imortal e, cedo ou tarde, aparecerá."

Viúva F...

Nota – Adiamos para o próximo número a continuação do nosso estudo sobre Maomé e o Islamismo, porque, pelo encadeamento das idéias e a compreensão das deduções, era útil que fosse precedido do artigo acima.

O Zuavo Curador do Campo de Châlons

Lê-se no *Écho de l'Aisne*, de 1º de agosto de 1866:

"Não se fala em nossa terra senão das maravilhas realizadas no campo de Châlons por um jovem zuavo espírita, que diariamente faz novos milagres.

"Numerosos comboios de doentes se dirigem a Châlons e, coisa incrível, um bom número deles volta curado.

"Nestes últimos dias um paralítico, vindo de carro, depois de ter sido visto pelo 'jovem espírita' achou-se radicalmente curado e voltou para casa galhardamente a pé.

"Quem puder explique estes fatos, que tocam ao prodígio; sempre há os que são exatos e afirmados por grande número de pessoas inteligentes e dignas de fé."

Renaud

Este artigo é reproduzido textualmente pela *Presse illustrée* de 6 de agosto. O *Petit Journal*, de 17 de agosto, narra o fato nestes termos:

"Depois de ter visitado o quartel imperial, que penso já tenhais descrito aos vossos leitores, isto é, a morada mais adequada e, ao mesmo tempo, mais simples que pode ter um soberano, mesmo que apenas por alguns dias, passei a noite a correr à procura do zuavo magnetizador.

"Simples músico, esse zuavo é, há três meses, o herói do campo e dos arredores. É um homenzinho magro, moreno, de olhos profundamente encovados; uma verdadeira fisionomia de monge maometano. Dele contam coisas incríveis e sou forçado a não falar senão do que contam, porque, há vários dias, por ordem superior, teve ele que interromper as sessões públicas que dava no "hôtel de la Meuse". Vinham de dez léguas, um de cada vez; ele recebia vinte e cinco a trinta doentes ao mesmo tempo, e à sua voz, ao seu olhar, ao seu toque, pelo menos dizem, subitamente os surdos ouviam, os mudos falavam, os coxos se iam, muletas sob os braços.

"Tudo isto é verdade? Nada sei. Conversei uma hora com ele. Chama-se Jacob, é um simples borgonhês, exprime-se com facilidade, deu-me a impressão dos mais convencidos e dos mais inteligentes. Sempre recusou qualquer espécie de remuneração e nem mesmo gosta de agradecimentos. Ademais, prometeu-me um manuscrito que lhe foi ditado por um Espírito. Inútil dizer que vos falarei dele assim que o receber, se, contudo, o *Espírito* tiver espírito."

René de Pont-Jest

Enfim, o *Écho de l'Aisne*, depois de haver citado o fato em seu número de 1º de agosto, comenta-o da seguinte maneira, no número de 4 do mesmo mês:

"No número de quarta-feira última, dissestes que em nossa terra não se falava de outra coisa, senão das curas realizadas no campo de Châlons por um jovem zuavo espírita.

"Creio fazer bem em vos pedir que o reprima, porque um verdadeiro exército de doentes se dirige diariamente para o campo; os que voltam satisfeitos animam outros a imitá-los; ao contrário, os que nada ganharam, não param de censurar e de escarnecer.

"Entre essas duas opiniões extremas, há uma prudente reserva, que "bom número de doentes" devem tomar como regra de conduta, como guia do que podem fazer.

"Essas 'curas maravilhosas', esses 'milagres', como os chamam o comum dos mortais, nada têm de maravilhoso, nada de miraculoso.

"Ao primeiro contato, causam admiração porque não são comuns; mas como nada do que se realiza não deixa de ter uma causa, foi preciso procurar o que produz tais fatos, e a *Ciência os explicou*.

"As impressões morais vivas sempre tiveram a faculdade de agir sobre o 'sistema nervoso'; – as curas obtidas pelo zuavo espírita não se operam senão sobre as moléstias deste sistema. Em todas as épocas, na Antiguidade como nos tempos modernos, têm sido assinaladas curas tão-só pela força da influência da imaginação, influência constatada por grande número de fatos; – nada, há, pois de extraordinário em que hoje as mesmas causas produzam os mesmos resultados.

"É, pois, somente aos doentes do 'sistema nervoso' que é possível 'ir ver e esperar'."

X.

Antes de qualquer outro comentário, faremos uma ligeira observação sobre este último artigo. O autor constata os fatos e os explica à sua maneira. Em sua opinião, essas curas *nada têm de maravilhoso ou de miraculoso*. Sobre este ponto estamos perfeitamente de acordo: o Espiritismo diz claramente que não faz *milagres*; que todos os fatos, *sem exceção*, que se produzem pela influência mediúnica, são devidos a uma força natural e se realizam em virtude de uma lei tão natural quanto a que faz transmitir um telegrama para o outro lado do Atlântico em alguns minutos. Antes da descoberta da lei da eletricidade, semelhante fato teria passado pelo milagre dos milagres.

Suponhamos por um instante que Franklin, ainda mais iniciado do que o era sobre as propriedades do fluido elétrico, tivesse lançado um fio metálico através do oceano e estabelecido uma correspondência instantânea entre a Europa e a América, sem lhe indicar o processo; que teriam pensado dele? Incontestavelmente teriam gritado milagre; ter-lhe-iam atribuído um poder sobrenatural; aos olhos de muita gente ele teria passado por feiticeiro e por ter o diabo às suas ordens. O conhecimento da lei da eletricidade reduziu esse suposto prodígio às proporções dos efeitos naturais. Assim com uma porção de outros fenômenos.

Mas são conhecidas todas as leis da Natureza? a propriedade de todos os fluidos? Não é possível que um fluido desconhecido, como por tanto tempo foi a eletricidade, seja a causa de efeitos inexplicados e produza, sobre a economia, resultados impossíveis para a Ciência, com o auxílio dos meios limitados de que dispõe? Pois bem! aí está todo o segredo das curas mediúnicas, ou, melhor, não há segredo, pois o Espiritismo só tem segredos para os que não se dão ao trabalho de o estudar. Essas curas têm muito simplesmente por princípio uma ação fluídica dirigida pelo pensamento e pela vontade, em vez de o ser por um fio metálico. Tudo está em conhecer as propriedades desse fluido, as condições em que pode agir, e o saber dirigir. Ademais, é preciso um

instrumento *humano* suficientemente provido desse fluido, e apto a lhe dar a energia suficiente.

Esta faculdade não é privilégio de um indivíduo; porque está na Natureza, muitos a possuem, mas em graus muito diferentes, como todo o mundo a de ver, embora mais ou menos longe. No número dos que dela são dotados, alguns agem com conhecimento de causa, como o zuavo Jacob; outros à sua revelia, e sem se dar conta do que neles se passa; sabem que curam, e eis tudo. Perguntai-lhes como, e nada sabem. Se são supersticiosos, atribuirão seu poder a uma causa oculta, à virtude de algum talismã ou amuleto que, na realidade, para nada servem. Dá-se o mesmo com todos os médiuns inconscientes, e seu número é grande. Inúmeras pessoas são, elas próprias, a causa primeira dos efeitos que as surpreendem e que não sabem explicar. Entre os negadores mais obstinados muitos são médiuns sem o saber.

Diz o jornal em questão: "As curas obtidas pelo zuavo espírita não se operam senão sobre as moléstias do sistema nervoso; são devidas à influência da imaginação, constatada por grande número de fatos; houve dessas curas na Antiguidade, como nos tempos modernos; assim, nada têm de extraordinário."

Dizendo que o Sr. Jacob só curou afecções nervosas o autor se adianta um tanto levianamente, porque os fatos contradizem essa afirmação. Mas admitamos que seja assim; essas espécies de afecções são inumeráveis e precisamente destas em que a Ciência é, o mais das vezes, forçada a confessar a sua impotência. Se, por um meio qualquer, dela se pode triunfar, não é um resultado importante? Se este meio estiver na influência da imaginação, que importa? por que o negligenciar? Não é melhor curar pela imaginação do que não curar absolutamente? Contudo, parece-nos difícil que só a imaginação, ainda que excitada no mais alto grau, possa fazer andar um paralítico e retificar um membro ancilosado. Em todo o caso, uma vez que, segundo o autor, curas de doenças

nervosas em todos os tempos foram obtidas por influência da imaginação, os médicos são menos desculpáveis por se obstinarem em empregar meios impotentes, quando a experiência lhes mostra outros eficazes. Sem o querer, o autor os ataca.

Mas, diz ele, o Sr. Jacob não cura todo o mundo. – É possível e mesmo certo. Mas, o que isto prova? Que ele não tem um poder curador universal. O homem que tivesse tal poder seria igual a Deus, e o que tivesse a pretensão de o possuir não passaria de um tolo presunçoso. Ainda que curasse apenas quatro ou cinco doentes em dez, reconhecidos incuráveis pela Ciência, já bastaria para provar a existência da faculdade. Há muitos médicos que possam fazer tanto?

Há muito tempo conhecemos pessoalmente o Sr. Jacob como médium escrevente e propagador zeloso do Espiritismo; sabíamos que havia feito alguns ensaios parciais de mediunidade curadora, mas parece que esta faculdade teve nele um desenvolvimento rápido e considerável durante sua estada no campo de Châlons. Um dos nossos colegas da Sociedade de Paris, o Sr. Boivinet, que reside no Departamento do Aisne, houve por bem nos enviar um relatório muito circunstanciado dos fatos que são de seu conhecimento pessoal. Seus profundos conhecimentos de Espiritismo, aliados a um caráter isento de exaltação e de entusiasmo, permitiram-lhe apreciar as coisas judiciosamente. Seu testemunho tem, pois, para nós, todo o valor de um homem honrado, imparcial e esclarecido, e seu relatório toda a autenticidade desejável. Temos, assim, os fatos atestados por ele como constatados, como se nós mesmos os tivéssemos testemunhado pessoalmente. A extensão desses documentos não nos permite publicá-los por inteiro nesta revista, mas nós os coordenamos para os utilizar posteriormente, limitando-nos por hoje a citar algumas de suas passagens essenciais:

"...Com o intuito de bem justificar a confiança que depositastes em mim, informei-me, por mim mesmo e também por

pessoas absolutamente honradas e dignas de fé, das curas bem constatadas, operadas pelo Sr. Jacob. Aliás, essas pessoas não são espíritas, o que tira às suas afirmações toda suspeita de imparcialidade em favor do Espiritismo.

"Reduzo de um terço as apreciações do Sr. Jacob quanto ao número dos doentes por ele recebidos; mas parece que estou aquém, talvez muito aquém da verdade, estimando esta cifra em 4.000, sobre os quais um quarto foi curado e três quartos aliviados. A afluência era tal que a autoridade militar se inquietou, interditando as visitas futuras. Sei pelo próprio chefe da estação que o trem de ferro transportava diariamente massas de doentes ao campo.

"Quanto à natureza das doenças sobre as quais exerceu mais particularmente a sua influência, é-me impossível dizê-lo. São, sobretudo, os enfermos que se dirigiram a ele e, por conseguinte, são eles que figuram em maior número entre seus *clientes satisfeitos*; mas muitos outros aflitos poderiam apresentar-se a ele com sucesso.

"Foi assim que em Chartères, vilarejo bem próximo daquele em que habito, vi e revi um homem de cerca de cinqüenta anos que, desde 1856, vomitava tudo o que comia. No momento em que foi ver o zuavo, tinha partido muito doente e vomitava pelo menos três vezes ao dia. Vendo-o, o Sr. Jacob lhe disse: 'Estais curado!' e, durante a sessão, convidou-o a comer e beber. O pobre camponês, dominando sua apreensão, comeu e bebeu e não se sentiu mal. Há mais de três semanas que não sente o menor mal-estar. A cura foi instantânea. Inútil acrescentar que o Sr. Jacob não o fez tomar qualquer medicamento, nem lhe prescreveu nenhum tratamento. Somente a sua ação fluídica, como uma comoção elétrica, tinha bastado para restituir os órgãos ao seu estado normal."

Observação – Esse homem é dessas naturezas rudes, que se exaltam muito pouco. Se, pois, uma só palavra tivesse bastado

para superexcitar sua imaginação a ponto de curar instantaneamente uma gastrite crônica, seria preciso convir que o fenômeno fosse ainda mais surpreendente que a cura, e bem merecesse alguma atenção.

A filha do dono do "hôtel de la Meuse", em Mourmelon, doente do peito, estava tão fraca a ponto de não poder deixar o leito. O zuavo a convidou a levantar-se, o que ela fez imediatamente; para estupefação dos numerosos espectadores, desceu a escada *sem ajuda* e foi passear no jardim com seu novo médico. Desde esse dia a moça passa bem. Não sou médico, mas não creio que esta seja uma doença nervosa.

"O Sr. B..., gerente de pensão, que dá pulos à idéia da intervenção dos Espíritos no assunto, contou-me que uma senhora, há muito doente do estômago, tinha sido curada pelo zuavo e que, desde então, tinha engordado notavelmente, cerca de vinte libras."

Observação – Esse senhor, que se exaspera à idéia da intervenção dos Espíritos, não ficaria muito contrariado, quando, estando morto, seu próprio Espírito pudesse vir assistir as pessoas que lhe são caras, curá-las e lhes provar que ele não está perdido para elas?

"Quanto aos enfermos propriamente ditos, os resultados por eles obtidos são mais estupefacientes, porque o olho aprecia imediatamente os resultados.

"Em Treloup, vilarejo situado a 7 ou 8 quilômetro daqui, um velho de setenta anos estava entravado e nada podia fazer. Deixar sua cadeira era quase impossível. A cura foi completa e instantânea. Ontem ainda me falavam do caso. Pois bem! diziam-me, eu o vi, o pai Petit; *ele ceifava!*

"Uma mulher de Mourmelon tinha a perna tolhida, imobilizada; o joelho estava à altura do estômago. Agora anda e passa bem.

"No dia em que o zuavo foi interdito, um pedreiro percorreu exasperado o Mourmelon, dizendo que queria enfrentar os que impediam o médium de *trabalhar*. Esse pedreiro tinha os dois punhos voltados para o interior dos braços. Hoje os seus punhos se movem como os nossos e ganha dois francos a mais por dia.

"Quantas pessoas chegaram *carregadas* e puderam voltar sozinhas, tendo recuperado o uso de seus membros durante a sessão!

"Uma criança de cinco anos, trazida de Reims, que nunca tinha andado, andou imediatamente.

"O fato seguinte foi, a bem dizer, o ponto de partida da faculdade do médium, ou, pelo menos, o exercício público dessa faculdade, tornada notável:

"Chegando a Ferté-sous-Jouarre, e dirigindo-se para o campo, o regimento de zuavos estava reunido na praça pública. Antes de dispersar os soldados, a banda executa um trecho musical. No número dos espectadores achava-se uma menina num carrinho, empurrado pelos pais. A menina foi apontada ao zuavo por um de seus camaradas. Terminada a música, ele se encaminha para ela e, dirigindo-se aos pais, lhes pergunta: Então esta menina é doente? – Ela não pode andar, responderam-lhe. Há dois anos tem na perna um aparelho ortopédico. – Tirai, então, o aparelho; ela não precisa mais dele. Isto foi feito, não sem alguma hesitação, e a menina andou. Então foram ao café e o pai, louco de alegria, queria que o homem dos refrescos trouxesse todo o seu estoque, para que os zuavos bebessem.

Agora vou dizer como o médium procedia, isto é, vou relatar uma sessão, à qual não assisti, mas que me foi detalhada por vários doentes.

"O zuavo faz entrarem os doentes. As dimensões do local determinam o seu número. Assim, ao que afirmam, teve de

transferir-se do 'hôtel de l'Europe', onde não podia admitir senão dezoito pessoas, por vez, para o 'hôtel de la Meuse', onde era possível admitir vinte e cinco a trinta. Entram. Os que moram nas regiões mais afastadas são geralmente convidados a vir primeiro. Certas pessoas querem falar: 'Silêncio! diz ele; os que falarem eu os... ponho na rua!' Ao cabo de dez a quinze minutos de silêncio e de imobilidade geral, ele se dirige a alguns doentes, raramente interroga, mas lhes diz o que sofrem. Depois, caminhando ao longo da grande mesa, em torno da qual estão sentados os doentes, fala a todos, mas sem ordem; toca-os, mas sem gestos que lembrem os dos magnetizadores; depois despede todos, dizendo a uns: 'Estais curados; ide embora;' a outros: 'Curareis sem nada fazer; apenas tendes fraqueza;' a alguns, mais raramente: 'Nada posso por vós.' Querem agradecer e ele responde *muito militarmente*, que nada há que agradecer e põe os clientes para fora. Às vezes lhes diz: 'É à Providência que deveis dirigir os vossos agradecimentos.'

"No dia 7 de agosto uma ordem do marechal veio interromper o curso das sessões. Logo após a interdição, e visto a enorme afluência dos doentes em Mourmelon, tiveram de empregar a respeito do médium um meio sem precedentes. Como não havia cometido nenhuma falta e observava a disciplina com muito rigor, não podiam prendê-lo. Contrataram um plantonista para o seguir a toda parte e impedir que alguém se aproximasse dele, fosse quem fosse.

"Disseram-me que todas essas curas seriam toleradas, desde que a palavra Espiritismo não fosse pronunciada, e não creio que o Sr. Jacob o tenha feito. Foi a partir desse momento que usaram de rigor contra ele.

"De onde vem o pavor que causa o simples nome do Espiritismo, mesmo quando só faz o bem, consola os aflitos e alivia a Humanidade sofredora? De minha parte, creio que certa gente tem medo que ele faça muito bem.

"Nos primeiros dias do mês de setembro o Sr. Jacob quis vir passar dois dias em minha casa, em cumprimento de uma promessa eventual que me fizera no campo de Châlons. O prazer que tive em recebê-lo foi decuplicado pelos serviços que pôde prestar a bom número de infelizes. Depois de sua partida, quase diariamente eu me punha ao corrente do estado dos doentes tratados e a seguir vos dou o resultado de minhas observações. A fim de ser exato como um levantamento estatístico, e a título de informações ulteriores, se for o caso, aqui os inscrevo nominalmente. (Segue uma lista de trinta e poucos nomes, com designação da idade, da doença e do resultado obtido).

"O Sr. Jacob é sinceramente religioso. O que eu faço, dizia-me ele, não me surpreende. Eu faria coisas muito mais extraordinárias e não ficaria mais espantado, porque sei que Deus pode o que quiser. Só me admiro de uma coisa: é ter tido o imenso favor de ter sido o instrumento que ele escolheu. Hoje ficam admirados do que obtenho, mas quem sabe se num mês, num ano, não haverá dez, vinte, cinqüenta médiuns como eu e mais fortes que eu? O Sr. Kardec, que procura e deve procurar estudar fatos como os que aqui se passam, deveria ter vindo. Hoje, amanhã, posso perder a minha faculdade, o que para ele seria um estudo perdido; ele deve fazer o histórico de semelhantes fatos."

OBSERVAÇÃO

Sem dúvida nos teríamos sentido feliz em testemunhar os fatos relatados acima, e provavelmente teríamos ido ao campo de Châlons, se tivéssemos tido a possibilidade e se tivéssemos sido informado em tempo hábil. Só o soubemos por via indireta dos jornais, quando estávamos em viagem e confessamos não ter uma confiança absoluta em seus relatos. Teríamos muito que fazer se fosse necessário ir pessoalmente controlar tudo o que relatam do Espiritismo, ou mesmo tudo quanto nos é assinalado por nossa

correspondência. Ali só podíamos ir com a certeza de não ter uma decepção, e quando o relato do Sr. Boivinet nos chegou, o campo estava interdito. Aliás, a vista desses fatos nada nos teria ensinado de novo, pois cremos compreendê-los. Teria sido simplesmente constatar a sua realidade. Mas o testemunho de um homem como o Sr. Boivinet, ao qual tínhamos mandado uma carta para o Sr. Jacob, pedindo que nos instruísse do que teria visto, nos bastava completamente. Não houve, pois, perda para nós, senão o prazer de ter visto pessoalmente o Sr. Jacob trabalhando, o que, esperamos, tanto poderá acontecer no campo de Châlons quanto em outro lugar.

Assim, só falamos das curas do Sr. Jacob porque são autênticas. Se nos tivessem parecido suspeitas, ou eivadas pelo charlatanismo ou por uma basófia ridícula, que as tivessem tornado mais prejudiciais do que úteis à causa do Espiritismo, nós nos teríamos abstido, a despeito do que tivessem dito, como o fizemos em várias outras circunstâncias, pois não queremos passar como editor responsável por nenhuma excentricidade, nem secundar as vistas ambiciosas e interesseiras, que por vezes se ocultam sob aparências de devotamento. Eis por que somos circunspectos em nossas apreciações dos homens e das coisas, e também porque nossa Revista não se transforma em incensório em proveito de ninguém.

Mas aqui se trata de uma coisa séria, fecunda em resultados, e capital no duplo ponto de vista do fato em si e da realização de uma das previsões dos Espíritos. Com efeito, desde longa data eles anunciaram que a mediunidade curadora se desenvolveria em proporções excepcionais, de modo a chamar a atenção geral, e nós cumprimentamos o Sr. Jacob por ser um dos primeiros a dar o exemplo. Mas aqui, como em todos os gêneros de manifestações, para nós a pessoa se apaga diante da questão principal.

Desde que o dom de curar não é o resultado do trabalho, nem do estudo, nem de um talento adquirido, aquele que o possui não pode dele vangloriar-se. Louva-se um grande artista, um sábio, porque devem o que são aos próprios esforços. Mas o médium mais bem-dotado não passa de um instrumento passivo, de que os Espíritos se servem hoje e podem deixar amanhã. Que seria o Sr. Jacob se perdesse sua faculdade, que ele é prudente em prever? O que era antes: o músico dos zuavos; ao passo que, aconteça o que acontecer, sempre restará ao sábio a Ciência e ao artista o talento. Somos felizes por ver o Sr. Jacob partilhar destas idéias; por conseguinte, não é a ele que se dirigem estas reflexões. Não temos dúvida de que ele será igualmente de nossa opinião, quando dissermos que o que constitui um mérito real num médium, o que se pode e deve louvar com razão, é o emprego que faz de sua faculdade; é o zelo, o devotamento, o desinteresse com os quais se põe a serviço daqueles a quem ela pode ser útil; é ainda a modéstia, a simplicidade, a abnegação, a benevolência que transpiram em suas palavras e que todas as suas ações justificam, porque essas qualidades lhe pertencem como coisa particular. Assim, não é o médium que se deve pôr num pedestal, do qual amanhã poderá descer, mas o homem de bem, que sabe tornar-se útil sem ostentação e sem proveito para a sua vaidade.

O desenvolvimento da mediunidade curadora forçosamente terá conseqüências de alta gravidade, que serão objeto de um exame especial e aprofundado em próximo artigo.

Allan Kardec

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO IX NOVEMBRO DE 1866 Nº 11

Maomé e o Islamismo

(2º artigo – Vide o número de agosto de 1866)

Foi em Medina que Maomé mandou construir a primeira mesquita, na qual trabalhou com as próprias mãos e organizou um culto regular. Aí pregou pela primeira vez em 623. Todas as medidas tomadas por ele testemunhavam a sua solicitude e previdência.

Diz o Sr. Barthélemy Saint-Hilaire que "Um traço característico, ao mesmo tempo, do homem e de seu tempo, é a escolha feita por Maomé de três poetas de Medina, oficialmente encarregados de o defender contra as sátiras dos poetas de Meca. Provavelmente, não porque nele o amor fosse mais excitável do que convinha; mas, numa nação espirituosa e viva esses ataques tinham uma repercussão análoga à que podem ter os nossos jornais, atualmente, e eles eram muito perigosos."

Dissemos que Maomé foi constrangido a fazer-se guerreiro. Com efeito, ele absolutamente não era de humor belicoso, como o havia provado nos primeiros cinqüenta anos de

sua vida. Ora, mal tinham passados dois anos de sua permanência em Medina e os coraicitas de Meca, coligados com outras tribos hostis, vieram sitiar a cidade. Maomé teve que se defender; desde então começou para ele o período guerreiro, que durou dez anos e durante o qual se mostrou, sobretudo, um tático hábil. Num povo em que a guerra era um estado normal, que só conhecia o direito da força, o chefe da nova religião necessitava do prestígio da vitória para firmar a sua autoridade, mesmo sobre os seus partidários. A persuasão tinha pouco domínio sobre essas populações ignorantes e turbulentas; uma mansuetude em demasia teria sido tomada como fraqueza. Em seu pensamento, o Deus forte não podia manifestar-se senão por um homem forte, e o Cristo, com sua inalterável doçura, teria fracassado nessas regiões.

Maomé foi, pois, guerreiro pela força das circunstâncias, muito mais que por seu caráter, e terá sempre o mérito de não ter sido o provocador. Uma vez iniciada a luta, tinha de vencer ou morrer; só com esta condição poderia ser aceito como o enviado de Deus; era preciso que os seus inimigos fossem abatidos para se convencerem da superioridade de seu Deus sobre os ídolos que adoravam. Com exceção de um dos primeiros combates, onde foi ferido, e os muçulmanos derrotados em 625, suas armas foram constantemente vitoriosas, submetendo à sua lei, no espaço de alguns anos, a Arábia inteira. Quando viu sua autoridade consolidada e a idolatria destruída, entrou triunfalmente em Meca, após dez anos de exílio, seguido de quase cem mil peregrinos, aí realizando a célebre peregrinação dita do adeus, cujos ritos os muçulmanos conservaram escrupulosamente. Morreu no mesmo ano, dois meses depois de seu regresso a Medina, no dia 8 de junho de 632, com sessenta e dois anos de idade.

Deve-se julgar Maomé pela história autêntica e imparcial, e não conforme as lendas ridículas que a ignorância e o fanatismo espalharam por sua conta ou as descrições feitas pelos

que tinham interesse em desacreditá-lo, apresentando-o como um ambicioso sanguinário e cruel. Também não se deve responsabilizá-lo pelos excessos de seus sucessores, que quiseram conquistar o mundo para a fé muçulmana de espada em punho. Sem dúvida houve grandes infâmias no último período de sua vida; ele pode ser censurado por ter abusado, em algumas circunstâncias, do direito de vencedor e de nem sempre ter agido com a moderação necessária. Entretanto, ao lado de alguns atos que a nossa civilização reprova, é preciso dizer, em sua defesa, que muitíssimas vezes ele se mostrou muito mais humano e clemente para com os inimigos do que vingativo e que inúmeras vezes deu provas de verdadeira grandeza de alma. Deve-se reconhecer, também, que mesmo em meio aos seus sucessos e quando havia chegado ao ponto culminante de sua glória, ele se fechou, até o seu último dia, no seu papel de profeta, sem jamais usurpar uma autoridade temporal despótica. Não se fez rei, nem potentado e jamais, em sua vida privada, se manchou por algum ato de fria barbárie ou de baixa cupidez. Sempre viveu simplesmente, sem fausto e sem luxo, mostrando-se bom e benevolente para com todos. Isto é da História.

Se nos reportarmos ao tempo e ao meio em que ele vivia; se considerarmos sobretudo as perseguições de que ele e os seus foram alvo, o encarniçamento de seus inimigos e os atos de barbárie que estes cometeram contra os seus partidários, é de admirar que no entusiasmo da vitória por vezes tenha usado de represálias? Deve-se censurá-lo por ter estabelecido a sua religião pelo ferro, num povo bárbaro que o combatia, quando a Bíblia registra, como fatos gloriosos para a fé, carnificinas de tal atrocidade que se é tentado a tomá-las como lendas? Quando, mil anos depois dele, nos países civilizados do Ocidente, cristãos, que tinham por guia a sublime lei do Cristo, atirando-se sobre vítimas pacíficas, sufocavam as heresias nas fogueiras, nas torturas, nos massacres e em ondas de sangue?

Se o papel guerreiro de Maomé lhe foi uma necessidade, e se esse papel pode escusá-lo de certos atos políticos, o mesmo não se dá com outros aspectos. Até a idade de cinqüenta anos, e enquanto viveu sua primeira mulher Cadija, quinze anos mais velha que ele, seus costumes foram irreprocháveis; mas desde esse momento suas paixões não conheceram nenhum freio e foi, incontestavelmente, para justificar o abuso que delas fez, que consagrou a poligamia em sua religião. Foi o seu mais grave erro, porque foi a barreira que ergueu entre o islamismo e o mundo civilizado; por isso sua religião não pôde, após doze séculos, transpor os limites de certas raças. É também o lado pelo qual o seu fundador mais se rebaixa aos nossos olhos. Os homens de gênio perdem sempre o seu prestígio quando se deixam dominar pela matéria; ao contrário, crescem tanto mais quanto mais se elevam acima das fraquezas da Humanidade.

Entretanto, tais eram os desregramentos dos costumes na época de Maomé, que uma reforma radical era muito difícil em homens habituados a se entregar às suas paixões com uma brutalidade bestial. Pode, pois, dizer-se que, regulamentando a poligamia, ele impôs limites à desordem e conteve abusos bem mais graves; mas nem por isso a poligamia deixará de ser o verme roedor do islamismo, porque é contrária às leis da Natureza. Pela igualdade numérica dos sexos, a própria Natureza traçou os limites das uniões. Permitindo quatro mulheres legítimas, Maomé não pensou que, para que sua lei se tornasse a da universalidade dos homens, seria preciso que o sexo feminino fosse ao menos quatro vezes mais numeroso que o masculino.

A despeito de suas imperfeições, o islamismo não deixou de ser um grande benefício para a época em que surgiu e para o país onde nasceu, porque fundou o culto da unidade de Deus sobre as ruínas da idolatria. Era a única religião possível para esses povos bárbaros, aos quais não era preciso pedir grandes sacrifícios às suas idéias e costumes. Era-lhes necessário algo de

simples como a Natureza, em meio da qual viviam; a religião cristã tinha muitas sutilezas metafísicas; por isso, todas as tentativas feitas durante cinco séculos para implantá-la nessas regiões, tinham fracassado completamente; o próprio judaísmo, muito argumentador, tinha feito poucos prosélitos entre os árabes embora os judeus propriamente ditos aí fossem bastante numerosos.

Superior à sua raça, Maomé tinha compreendido os homens de seu tempo. Para os tirar do aviltamento em que os mantinham grosseiras crenças, rebaixadas a um estúpido fetichismo, deu-lhes uma religião apropriada às suas necessidades e ao seu caráter. Essa religião era a mais simples de todas: "Crença num Deus único, todo-poderoso, eterno, infinito, presente em toda parte, clemente e misericordioso, criador dos céus, dos anjos e da Terra, Pai do homem, sobre o qual vela e o cumula de bens; remunerador e vingador numa outra vida, onde nos espera para nos recompensar ou nos punir conforme os nossos méritos; vendo nossas ações mais secretas e presidindo ao destino inteiro de suas criaturas, que não abandona um só instante, nem neste mundo, nem no outro; a mais humilde submissão e confiança absoluta em sua santa vontade." Eis os dogmas.

Quanto ao culto, consiste na prece, repetida cinco vezes por dia, os jejuns e as mortificações do mês de ramadã, e em certas práticas, das quais diversas tinham um fim higiênico, tais as abluções quotidianas, a abstenção do vinho, dos licores inebriantes, da carne de certos animais, e que os fiéis consideram um caso de consciência observar escrupulosamente. A sexta-feira foi adotada como o dia santo da semana e Meca indicada como o ponto para o qual todo muçulmano deve voltar-se ao orar. O serviço público nas mesquitas consiste em preces em comum, sermões, leitura e explicação do Alcorão. A circuncisão não foi instituída por Maomé, mas por ele conservada; era praticada entre os árabes desde tempos imemoriais. A proibição de reproduzir pela pintura ou pela

escultura qualquer ser vivo, homens e animais, foi feita visando destruir a idolatria, e impedir que ela tornasse a crescer. Enfim, a peregrinação a Meca, que todo fiel deve realizar ao menos uma vez na vida, é um ato religioso; mas tinha outro objetivo na época, um objetivo político, o de aproximar, por um laço fraternal, as diversas tribos inimigas, reunindo-as num comum sentimento de piedade, num mesmo lugar consagrado.

Do ponto de vista histórico, a religião muçulmana admite o Antigo Testamento por inteiro, até Jesus-Cristo, inclusive, que reconhece como profeta. Segundo Maomé, Moisés e Jesus eram enviados de Deus para ensinar a verdade aos homens; o Evangelho, assim como a lei do Sinai, é a palavra de Deus; mas os cristãos lhe alteraram o sentido. Declara, em termos explícitos, que não traz crenças novas, nem culto novo, mas que vem restabelecer o culto do Deus único professado por Abraão. Só fala com respeito dos patriarcas e dos profetas que o precederam: Moisés, Davi, Isaías, Ezequiel e Jesus-Cristo; do Pentateuco, dos Salmos e do Evangelho. São os livros que precederam e prepararam o Alcorão. Longe de ocultar os empréstimos que lhes faz, disto se vangloria, e a grandeza deles é o fundamento da sua. Pode-se julgar de seus sentimentos e do caráter de suas instruções pelo fragmento seguinte do último discurso que pronunciou em Meca, quando da peregrinação do adeus, pouco antes de sua morte, e conservado na obra de Ibn-Ishâc e de Ibn-Ishâm:

"Ó povos! escutai minhas palavras, pois não sei se, no próximo ano, poderei encontrar-me ainda convosco neste lugar. Sede humanos e justos entre vós. Que a vida, a propriedade de cada um sejam invioláveis e sagradas para os outros; que aquele que recebeu um depósito o devolva fielmente àquele que o confiou. Comparecereis diante do Senhor e ele vos pedirá contas de vossas ações. Tratai bem as mulheres; elas são vossas auxiliares e nada podem por si sós. Vós as tomastes como um bem que Deus vos confiou e delas tomastes posse por palavras divinas.

"Ó povos! escutai minhas palavras e fixai-as em vossos espíritos. Eu vos revelei tudo; deixo-vos uma lei que vos preservará para sempre do erro, se a ela vos manterdes ligados fielmente; uma lei clara e positiva, o livro de Deus e o exemplo de seu profeta.

"Ó povos! escutai minhas palavras e fixai-as em vossos espíritos. Sabei que todo muçulmano é irmão do outro; que todos os muçulmanos são irmãos entre si, que sois todos iguais entre vós e que sois apenas uma família de irmãos. Guardai-vos da injustiça; ninguém deve cometê-la em detrimento de seu irmão: ela ocasionará a vossa perda eterna.

"Ó Deus! Dei meu recado e terminei minha missão? – A multidão que o cercava respondeu: 'Sim, tu a concluíste.' E Maomé exclamou: Ó Deus, digna-te receber este testemunho!"

Eis agora o julgamento de Maomé e da influência de sua doutrina, feito por um de seus historiógrafos, o Sr. G. Weil, em sua obra alemã intitulada: *Mohammet der Prophet*, às páginas 400 e seguintes:

"A doutrina de Deus e dos santos destinos do homem, pregada por Maomé num país que estava entregue à mais brutal idolatria, e que da imortalidade da alma apenas fazia uma idéia, tanto mais nos deve reconciliar com ele, apesar de suas fraquezas e de suas faltas, quanto sua vida particular não podia exercer sobre os seus adeptos nenhuma influência prejudicial. Longe de se dar jamais por modelo, ele queria sempre que o olhassem como um ser privilegiado, a quem Deus permitia pôr-se acima da lei comum. E, de fato, ele foi cada vez mais considerado sob essa luz especial.

"Seríamos injustos e cegos se não reconhecêssemos que seu povo lhe deve ainda outra coisa de verdadeiro e de bom. Ele reuniu numa só grande nação, crente fraternalmente em Deus, as inumeráveis tribos árabes, até então inimigas entre si. Em lugar do mais violento arbítrio, do direito da força e da luta individual, ele

estabeleceu um direito inquebrantável que, a despeito de suas imperfeições, forma sempre a base de todas as leis do islamismo. Limitou a vingança do sangue que, antes dele, se estendia até os parentes mais afastados e a limitou àquele que os juízes reconhecessem por assassino. Mereceu bem sobretudo do belo sexo, não só protegendo as meninas contra o atroz costume que muitas vezes as imolavam por seus pais; mas, além disso, protegendo as mulheres contra os parentes de seus maridos, que as herdavam como coisas materiais, protegendo-as contra os maus-tratos dos homens. Restringiu a poligamia, não permitindo aos crentes senão quatro mulheres legítimas, em vez de dez, como era uso, principalmente em Medina. Sem ter emancipado inteiramente os escravos, foi bom e útil para eles de várias maneiras. Para os pobres, não só recomendou sempre a beneficência para com eles, mas estabeleceu formalmente um imposto em seu favor e lhes concedeu uma parte especial no espólio e no tributo. Proibindo o jogo, o vinho e todas as bebidas inebriantes, preveniu muitos vícios, muitos excessos, muitas querelas e muitas desordens.

"Embora não consideremos Maomé como um verdadeiro profeta, porque, para propagar sua religião empregou meios violentos e impuros; porque ele próprio foi muito fraco para se submeter à lei comum; e porque se dizia o selo dos profetas, declarando que Deus sempre podia substituir o que ele havia dado por algo de melhor, teve, não obstante, o mérito de ter feito penetrar as mais belas doutrinas do Antigo e do Novo Testamento num povo que não era esclarecido por nenhum raio da fé; nessa qualidade deve parecer, mesmo a olhos não maometanos, como um enviado de Deus."

Como complemento deste estudo, citaremos algumas passagens textuais do Alcorão, tomadas da tradução de Savary:

Em nome de Deus clemente e misericordioso. – Louvor a Deus, soberano dos mundos. – A misericórdia é a sua partilha. – Ele é o rei no dia do juízo. – Nós te adoramos, Senhor, e imploramos a tua assistência. – Dirige-nos

na senda da salvação – na senda dos que cumulastes com os teus benefícios; – dos que não mereceram a tua cólera e se preservaram do erro. (*Introdução*, Surata I).

Ó mortais, adorai o Senhor que vos criou, vós e vossos pais, a fim de que o temais; que vos deu a terra por leito e o céu por teto; que fez descer a chuva dos céus para produzir todos os frutos de que vos alimentais. Não deis sócio ao Altíssimo; vós o sabeis. (Surata II, v. 19 e 20).

Por que não credes em Deus? Estáveis mortos, ele vos deu a vida; ele extinguirá vossos dias e lhes acenderá o facho. Voltareis a ele. – Ele criou para vosso refúgio tudo que há sobre a Terra. Voltando depois seu olhar para o firmamento, formou os sete céus. É ele cuja ciência abarca o Universo. (Surata II, v. 26, 27).

O Oriente e o Ocidente pertencem a Deus; para qualquer lugar que se voltem vossos olhos, encontrareis sua face. Ele enche o Universo com a sua imensidade e com a sua ciência. – Ele formou a Terra e os céus. Quer produzir alguma obra? diz: "Seja feita"; e a obra está feita. – Os ignorantes dizem: "Se Deus não nos fala e se não nos fazes ver um milagre, não cremos." Assim falavam seus pais; seus corações são semelhantes. Fizemos brilhar bastantes prodígios para os que têm fé. (Surata II, v. 109 a 112).

Deus não exigirá de cada um de nós senão conforme as suas forças. Cada um terá em seu favor suas boas obras e contra si o mal que houver feito. Senhor, não nos castigues por faltas cometidas por esquecimento. Perdoa nossos pecados; não nos imponhas o fardo que carregaram os nossos pais. Não nos carregues acima de nossas forças . Faze brilhar para os teus servos o perdão e a indulgência. Tem compaixão de nós; és o nosso socorro. Ajuda-nos contra as nações infiéis. (Surata II, v. 286).

Ó Deus, rei supremo, dás e tiras à vontade as coroas e o poder. Elevas e rebaixas os humanos à tua vontade; o bem está em tuas mãos: tu és o Todo-Poderoso. – Mudas o dia em noite e a noite em dia. Fazes sair a vida do seio da morte e a morte do seio da vida. Derramas teus tesouros infinitos sobre quem te apraz. (Surata III, v. 25 e 26).

Ignorais quantos povos fizemos desaparecer da face da Terra? Nós lhes havíamos dado um império mais estável que o vosso. Mandávamos as nuvens derramar a chuva sobre os seus campos; aí fazíamos correrem os rios. Só os seus crimes causaram a sua ruína. Nós os substituímos por outras nações. (Surata VI, v. 6).

É a Deus que deveis o sono da noite e o despertar da manhã. Ele sabe o que fazeis durante o dia. Ele vos deixa realizar o percurso da vida. *Reaparecereis* diante dele e ele vos mostrará as vossas obras. – Ele domina os seus servos. Ele vos dá como guardas anjos encarregados de terminar vossos dias no momento prescrito. Eles executam cuidadosamente a ordem do céu. – *Voltareis* em seguida diante do Deus da verdade. Não é a ele que compete julgar? Ele é o mais exato dos juízes. – Quem vos livra das tribulações da terra e dos mares, quando, invocando-o em público ou no íntimo de vossos corações, exclamais: "Senhor, se afastares de nós esses males, nós te seremos reconhecidos?" – É Deus que deles vos livra. É sua bondade que vos alivia da pena que vos oprime; e depois voltais à idolatria. (Surata VI, v. 60 a 64).

Todos os segredos são desvendados aos seus olhos; é grande o Altíssimo. – Aquele que fala em segredo, aquele que fala em público, o que se envolve nas sombras da noite e o que aparece em pleno dia, lhes são igualmente conhecidos. – É ele quem faz brilhar o raio aos vossos olhos para vos inspirar o temor e a esperança. É ele quem eleva as nuvens carregadas de chuva. – O trovão celebra seus louvores. Os anjos tremem em sua presença. Ele lança o raio e este fere as vítimas marcadas. Os homens rivalizam com Deus, mas ele é o forte e o poderoso. – Ele é a verdadeira invocação. Os que imploram outros deuses não serão atendidos. Assemelham-se ao viajante que, premido pela sede, estende a mão para a água que não pode alcançar. A invocação dos infiéis se perde na noite do erro. (Surata XIII, v. 10 a 15).

Jamais digas: "Farei isto amanhã", sem acrescentar: "Se for da vontade de Deus." Eleva a ele o teu pensamento, quando tiveres esquecido alguma coisa, e dize: "Talvez ele me esclareça e me faça conhecer a verdade." (Surata XVIII, v. 23).

Se as ondas do mar se transmudassem em tinta para descrever os louvores do Senhor, seriam esgotadas antes de ter celebrado todas as suas maravilhas. Um outro oceano semelhante ainda não bastaria. (Surata XVIII, v. 109).

Aquele que busca a verdadeira grandeza a encontra em Deus, fonte de todas as perfeições. Os discursos virtuosos sobem ao seu trono. Ele exalta as boas obras; pune rigorosamente o celerado que trama perfídias.

Não, o céu jamais revoga o decreto que ele pronunciou. – Não percorreram a Terra? não viram que ela foi o fim deplorável dos povos que, antes deles, marcharam nos caminhos da iniqüidade? Esses povos eram mais fortes e mais poderosos do que eles. Mas nada nos céus e na Terra pode opor-se às

vontades do Altíssimo. A ciência e a força são seus atributos. – Se Deus punisse os homens desde o instante em que se tornam culpados, não restaria sobre a Terra um ser animado. Ele adia os castigos até ao termo marcado. – Quando chegar o tempo, ele distingue a ação de seus servidores. (Surata XXXV, v. 11, 41 a 45).

Bastam estas citações para mostrar o profundo sentimento de piedade que animava Maomé e a idéia grande e sublime que fazia de Deus. O Cristianismo poderia reivindicar este quadro.

Maomé não ensinou o dogma da fatalidade absoluta, como geralmente se pensa. Esta crença, de que estão imbuídos os muçulmanos, e que paralisa sua iniciativa em muitas circunstâncias, não passa de falsa interpretação e falsa aplicação do princípio da submissão à vontade de Deus, levado além dos limites racionais; não compreendem que esta submissão não exclui o exercício das faculdades humanas, e lhes falta como corretivo a máxima: Ajuda-te, e o céu te ajudará.

As passagens seguintes tratam de pontos particulares da doutrina:

Deus tem um filho, dizem os cristãos. Longe dele esta blasfêmia! Tudo o que está no céu e na Terra lhe pertencem. Todos os seres obedecem à sua voz. (Surata II, v. 110).

Ó vós que recebestes as Escrituras, não ultrapasseis os limites da fé; não digais de Deus senão a verdade. Jesus é filho de Maria, o enviado do Altíssimo e o seu Verbo. Ele o fez descer no seio de Maria; ele é seu sopro. Crede em Deus e em seus apóstolos; mas não digais que há uma trindade em Deus. Ele é uno: esta crença vos será mais segura. Longe de ter um filho, ele governa só o céu e a Terra; ele se basta a si mesmo. – O Messias não corará por ser o servo de Deus, assim como os anjos que cercam o seu trono e lhe obedecem. (Surata IV, v. 169, 170).

Os que sustentam a trindade de Deus são blasfemos; não há senão um só Deus. Se não mudarem de crença, um doloroso suplício será o prêmio de sua impiedade. (Surata V, v. 77).

Os judeus dizem que Ozaï é filho de Deus. Os cristãos dizem a mesma coisa do Messias. Falam como os infiéis que os precederam. O céu punirá suas blasfêmias. Eles chamam senhores aos seus pontífices, seus monges, e o Messias filho de Maria. Mas lhes é recomendado servir a um só Deus: não há outro. Anátema sobre os que eles associam ao seu culto (Surata IX, v. 30, 31).

Deus não tem filhos; não partilha o império com outro Deus. Se assim fosse, cada um deles quereria apropriar-se de sua criação e elevar-se acima de seu rival. Louvor ao Altíssimo. Longe dele essas blasfêmias! (Surata XXII, v. 93).

Declara, ó Maomé, o que o céu te revelou. – A assembléia os gênios, tendo escutado a leitura do Alcorão, exclamou: "Eis uma doutrina maravilhosa. – Ela conduz à verdadeira fé e não damos uma igual a Deus. – Glória à sua Majestade suprema! Deus não tem esposa; ele não gerou. (Surata LXXII, v. 1 a 4).

Dizei: "Cremos em Deus, no livro que nos enviou, no que foi revelado a Abraão, Ismael, Isaac, Jacob e às doze tribos. Cremos na doutrina de Moisés, de Jesus e de seus profetas; não fazemos nenhuma diferença entre eles e somos muçulmanos." (Surata II, v. 130).

Não há senão o Deus vivo e eterno. – Ele te enviou o livro que encerra a verdade, para confirmar a verdade das Escrituras que o precederam. Antes dele, fez descer o Pentateuco e o Evangelho, para servirem de guias aos homens; enviou o Alcorão dos céus. – Os que negarem a doutrina divina só devem esperar suplícios; Deus é poderoso e a vingança está em suas mãos. (Surata III, v. 1, 2, 3).

Há os que dizem: "Juramos a Deus não crer em nenhum outro profeta, a menos que a oferenda que ele apresenta seja confirmada pelo fogo do céu." – Responde-lhes: "Tínheis profetas antes de mim; eles operaram milagres e aquele mesmo de que falais. Por que, então, manchastes as vossas mãos com seu sangue, se dizeis a verdade?" – Se negam a tua missão, trataram do mesmo modo os apóstolos que te precederam, embora fossem dotados do dom dos milagres e tivessem trazido o livro que esclarece (O Evangelho) e o livro dos salmos. (Surata III, v. 179 a 181).

Nós te inspiramos, como inspiramos Noé, os profetas, Abraão, Ismael, Isaac, Jacob, as tribos, Jesus, Job, Jonas, Aarão e Salomão. Nós demos os salmos de Davi. (Surata IV, v. 161).

Em muitas outras passagens Maomé fala no mesmo sentido e com o mesmo respeito dos profetas, de Jesus e do Evangelho. Mas é evidente que se equivocou quanto ao sentido ligado à Trindade e à qualidade de Filho de Deus, que toma ao pé da letra. Se esse mistério é incompreensível para tantos cristãos, e se entre estes suscitou tantos comentários e controvérsias, não é de admirar que Maomé não o tenha compreendido. Nas três pessoas da Trindade ele viu três deuses e não um só em três pessoas distintas; no filho de Deus ele viu uma procriação. Ora, a idéia que ele fazia do ser supremo era tão grande que a menor paridade entre Deus e um ser qualquer e a idéia de que pudesse partilhar o seu poder lhe parecia uma blasfêmia. Não se tendo Jesus jamais apresentado como Deus e não tendo falado da Trindade, esses dogmas lhe pareceram uma derrogação das próprias palavras do Cristo. Ele viu em Jesus e no Evangelho a confirmação do princípio da unidade de Deus, objetivo que ele mesmo perseguia. Eis por que os tinha em grande estima, ao passo que acusava os cristãos por se terem afastado deste ensinamento, fracionando Deus e deificando o seu Messias. Por isso se diz enviado depois de Jesus, para reconduzir os homens à unidade pura da divindade. Toda a parte dogmática do Alcorão repousa nesse princípio, que ele repete a cada passo.

Tendo suas raízes no Antigo e no Novo Testamento, o Islamismo é uma derivação deles. Pode-se considerá-lo como uma das numerosas seitas nascidas das dissidências que surgiram desde a origem do Cristianismo, no que respeita à natureza do Cristo, com a diferença que o Islamismo, formado fora do Cristianismo, sobreviveu à maioria dessas seitas e conta hoje cem milhões de sectários.

Maomé vinha combater com todo rigor, na sua própria nação, a crença em vários deuses, para aí restabelecer o culto abandonado do Deus único de Abraão e de Moisés; o anátema que lançou contra os infiéis e os ímpios tinha por objeto,

principalmente, a grosseira idolatria professada pelos de sua raça, mas, em contrapartida, também feria os cristãos. Tal a causa do desprezo dos muçulmanos por tudo quanto leva o nome de cristão, malgrado seu respeito por Jesus e pelo Evangelho. Esse desprezo se transformou em ódio sob a influência do fanatismo alimentado e superexcitado por seus sacerdotes. Digamos, também, que, por seu lado, os cristãos não estão isentos de censura e que eles mesmos alimentaram este antagonismo por suas próprias agressões.

Conquanto censurasse os cristãos, Maomé não tinha por eles sentimentos hostis e no próprio Alcorão recomenda respeito para com eles, mas o fanatismo os englobou na proscrição geral dos idólatras e dos infiéis, cuja presença não deve macular os santuários do islamismo, razão por que a entrada nas mesquitas, em Meca e nos lugares santos lhes é interdita.[23] Deu-se o mesmo em relação aos judeus, e se Maomé os castigou rudemente em Medina, foi por se haverem coligado contra ele. Aliás, em parte alguma no Alcorão se encontra a exterminação dos judeus e dos cristãos instituída como um dever, como geralmente se crê. Seria, pois, injusto imputar-lhe os males causados por um zelo ininteligente e pelos excessos de seus sucessores.

Nós te inspiramos a abraçares a religião de Abraão, que reconhece a unidade de Deus e que só adora a sua majestade suprema. – Emprega a voz da sabedoria e da força da persuasão para chamar os homens a Deus. Combate com as armas da eloqüência. Deus conhece perfeitamente os que estão transviados e os que marcham à luz da fé. (Surata XVI, v. 124, 126).

Se te acusam de impostura, responde-lhes: "Tenho por mim as minhas obras; que as vossas falem em vosso favor. Não sereis responsáveis pelo que faço e eu sou inocente pelo que fazeis." (Surata X, v. 42).

23 **N. do T.:** Esta medida já foi liberalizada, pelo menos no Egito, onde qualquer cidadão pode visitar suas mesquitas sem ser molestado, desde que aí entre descalço e guarde atitude respeitosa.

Quando se cumprirão tuas ameaças? perguntam os infiéis. Marca-nos um termo, se és verídico. Responde-lhes: "Os tesouros e as vinganças celestes não estão em minhas mãos; só Deus é o seu dispensador. Cada nação tem o seu termo fixado; ela não poderia apressá-lo ou retardá-lo um instante." (Surata X, v. 49, 50).

Se negam a tua doutrina, sabe que os profetas vindos antes de ti sofreram a mesma sorte, embora os milagres, a tradição e o livro que esclarece (o Evangelho) atestassem a verdade de sua missão. (Surata XXXV, v. 23).

A cegueira dos infiéis te surpreende e eles riem de teu assombro. – Em vão tu queres instruí-los: seu coração rejeita o ensino. – Se vissem milagres, zombariam; – eles o atribuiriam à magia. (Surata XXXVII, v. 12 a 15).

Estas não são ordens de um Deus sanguinário, que ordena o extermínio. Maomé não se faz o executor de sua justiça; seu papel é o de instruir. Só a Deus cabe punir ou recompensar neste mundo e no outro. O último parágrafo parece escrito para os espíritas de nossos dias, tanto são os homens os mesmos, sempre e por toda parte.

Fazei a prece, dai esmolas; o bem que fizerdes encontrareis junto a Deus, porque ele vê vossas ações. (Surata II, v. 104).

Para ser justificado não basta virar o rosto para o oriente e para o ocidente; também é preciso crer em Deus, no juízo final, nos anjos, no Alcorão, nos profetas. É preciso pelo amor de Deus socorrer o próximo, os órfãos, os pobres, os viajantes, os cativos e os que demandam. É preciso fazer a prece, guardar sua promessa, suportar pacientemente a adversidade e os males da guerra. Tais os deveres dos verdadeiros crentes. (Surata II, v. 172).

Uma palavra honesta e *o perdão das ofensas* são preferíveis à esmola que resultasse da injustiça. Deus é rico e clemente. (Surata II, v. 265).

Se vosso devedor tem dificuldade em vos pagar, concedei-lhe tempo; ou, se quiserdes fazer melhor, perdoai-lhe a dívida. Se soubésseis! (Surata II, v. 280).

A vingança deve ser proporcional à injúria; mas o homem generoso que perdoa tem sua recompensa assegurada junto a Deus, que odeia a violência. (Surata XLII, v. 38).

Combatei vossos inimigos na guerra empreendida pela religião, mas não ataqueis primeiro; Deus odeia os agressores. (Surata II, v. 186).

Certamente os muçulmanos, os judeus, os cristãos e os sabeístas, que crêem em Deus e no juízo final, *e que fizeram o bem, receberão a recompensa de suas mãos;* estarão isentos do temor e dos suplícios. (Surata V, v. 73).

Não façais violência aos homens por causa de sua fé. A estrada da salvação é bem distinta do caminho do erro. Aquele que abjurar o culto dos ídolos pela religião santa terá agarrado uma coluna inabalável. O senhor sabe e ouve tudo. (Surata II, v. 257).

Não disputeis com os judeus e os cristãos senão em termos *honestos e moderados*. Entre eles confundi os ímpios. Dizei: Nós cremos no livro que nos foi revelado e em vossas escrituras. Nosso Deus e o vosso são apenas um. Somos muçulmanos. (Surata XXIX, v. 45).

Os cristãos serão julgados conforme o Evangelho; os que os julgarem de outro modo serão prevaricadores. (Surata V, v. 51).

Nós demos o Pentateuco a Moisés. É à sua luz que deve marchar o povo hebreu. *Não duvideis de encontrar no céu o guia dos israelitas*. (Surta XXXII, v. 23).

Se os judeus tivessem a fé e o temor do Senhor, nós apagaríamos os seus pecados; introduzi-los-íamos no jardim das delícias. A observação do Pentateuco, do Evangelho e dos preceitos divinos proporcionar-lhes-ia o gozo de todos os bens. Há entre eles os que marcham no bom caminho, mas em sua maioria são ímpios. (Surata V, v. 70).

Dize aos judeus e aos cristãos: "Terminemos nossas diferenças; admitamos apenas um Deus e não lhe demos um igual; que nenhum de nós tenha outro Senhor senão ele." Se recusarem obedecer, dizei-lhes: "Pelo menos dareis testemunho que, quanto a nós, somos crentes." (Surata III, v. 57).

Eis certas máximas de caridade e de tolerância, que gostaríamos de ver em todos os corações cristãos!

Nós te enviamos a um povo, que outros povos precederam, para que lhes ensines as nossas revelações. Eles não crêem nos misericordiosos. Dizei-lhes: "Ele é meu Senhor; não há Deus senão ele. Pus minha confiança em sua bondade. *Reaparecerei* diante de seu tribunal. (Surata XIII, v. 29).

Trouxemos aos homens um livro no qual brilha a ciência que deve esclarecer os fiéis e lhes proporcionar a misericórdia divina. – Esperam eles a realização do Alcorão? No dia em que for cumprido, os que tiverem vivido no esquecimento de suas máximas dirão: "Os ministros do Senhor nos pregavam a verdade. Onde encontraremos agora intercessores? Que esperança teremos de *voltar à Terra* para nos corrigirmos?" Eles perderam suas almas e suas ilusões desapareceram. (Surata VII, v. 50, 51).

A palavra *voltar* implica a idéia de já ter aparecido, isto é, de ter vivido antes da existência atual. Maomé o exprime claramente quando diz alhures: "*Reaparecereis* diante dele e ele vos mostrará as vossas obras. *Voltareis* diante do Deus de verdade." É o fundo da doutrina da preexistência da alma, ao passo que, segundo a Igreja, a alma é criada ao nascer de cada corpo. A pluralidade das existências terrestres não está indicada no Alcorão de maneira tão explícita quanto no Evangelho; entretanto, a idéia de reviver na Terra entrou no pensamento de Maomé, pois tal seria, segundo ele, o desejo dos culpados de se corrigirem. Assim ele compreendeu que seria útil poder recomeçar uma nova existência.

Quando se lhes pergunta: Credes no que Deus enviou do céu? Eles respondem: "Cremos nas escrituras que recebemos." E repelem o livro verdadeiro, vindo depois, para pôr o *selo* em seus livros sagrados. Dizei-lhes: "Por que matastes os profetas se tínheis fé?" (Surata II, v. 85).

Maomé não é o pai de nenhum de vós. É o enviado de Deus e o *selo* dos profetas. A ciência de Deus é infinita. (Surata XXXIII, v. 40).

Dando-se como o *selo* dos profetas, Maomé anuncia que é o último, a conclusão, porque disse toda a verdade; depois dele não virão outros. É um artigo de fé entre os muçulmanos. Do ponto de vista puramente religioso, ele caiu no erro de todas as religiões que se julgam inamovíveis, mesmo contra o progresso das ciências; mas para ele era quase uma necessidade, a fim de afirmar a autoridade de sua palavra num povo que lhe havia criado tanta dificuldade para converter à sua fé. Do ponto de vista social era um erro, porque o Alcorão, tanto como legislação civil quanto religiosa, pôs um freio no progresso. Tal a causa que tornou, e ainda tornará

por muito tempo, os povos muçulmanos estacionários e refratários às inovações e às reformas que não se acham no Alcorão. É um exemplo do inconveniente que há em confundir o que deve ser distinto. Maomé não levou em conta o progresso humano. É um erro comum a quase todos os reformadores religiosos. Por outro lado, não só era preciso reformar a fé, mas o caráter, os usos, os hábitos sociais de seus povos; era-lhe necessário apoiar suas reformas na autoridade da religião, como o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A dificuldade era grande, sem dúvida; contudo, ele deixa uma porta aberta à interpretação e às modificações, dizendo que "Deus sempre pode substituir o que deu por algo de melhor."

Não vos é permitido desposar vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs, vossas tias paternas e maternas, vossas sobrinhas, vossas irmãs de leite, as mães de vossas esposas, as meninas confiadas à vossa tutela e filhas de mulheres com as quais tenhais coabitado. Não desposeis, também, as filhas dos vossos filhos que tiverdes gerado, nem duas irmãs. É-vos proibido desposar mulheres casadas, exceto as que caírem em vossas mãos como escravas. (Surata IV, v. 27 e seg.).

Estas prescrições podem dar uma idéia da desmoralização destes povos. Para ser obrigado a proibir tais abusos, era preciso que existissem.

Esposas do Profeta, ficai no interior de vossas casas. Não vos adorneis faustosamente, como nos dias de idolatria. Fazei a prece e dai esmola. Obedecei a Deus e a seu apóstolo. Ele quer afastar o vício de vossos corações. Sois da família do Profeta e deveis ser puras. – Zeid repudiou a sua esposa. Nós te unimos com ela, para que os fiéis tenham a liberdade de desposar as mulheres de seus filhos adotivos, após o repúdio. O preceito divino deve ter sua execução. – Ó Profeta, a ti é permitido desposar as mulheres que tiveres adotado, as cativas que Deus fez cair em tuas mãos, as filhas de teus tios e de tuas tias que fugiram contigo, e toda mulher fiel que te der seu coração. É um privilégio que nós te concedemos. – Não aumentarás o atual número de tuas esposas; não poderás trocá-las por outras cuja beleza te haja tocado. Mas a convivência com tuas mulheres escravas te é sempre permitida. Deus observa tudo. (Surata XXXIII, v. 37, 49, 52).

É aqui que Maomé realmente desce do pedestal sobre o qual havia subido. Lamenta-se vê-lo cair tão baixo depois de se haver elevado tanto, e fazer Deus intervir para justificar os privilégios que se concedia, para a satisfação de suas paixões. Permitia aos crentes quatro mulheres legítimas, enquanto a si mesmo se permitia treze. O legislador deve ser o primeiro súdito das leis que faz. É uma mancha inapagável, que lançou sobre si e sobre o islamismo.

Esforçai-vos por merecer a indulgência do Senhor e a posse do paraíso, cuja extensão iguala os céus e a Terra, morada preparada para os justos – aqueles que dão esmola na prosperidade e na adversidade, e que, senhores dos movimentos de sua cólera, sabem perdoar aos seus semelhantes. Deus ama a beneficência. (Surata III, v. 127, 128).

Deus prometeu aos fiéis que houverem praticado a virtude a entrada dos jardins onde os rios correm. Aí habitarão eternamente. As promessas do Senhor são verdadeiras. Que de mais infalível que sua palavra? (Surata IV, v. 121).

Eles habitarão eternamente a morada que Deus lhes preparou, os jardins de delícias regados pelos rios, lugares onde reinará a soberana beatitude. (Surata IX, v. 90).

Os jardins e as fontes serão a partilha dos que temem o Senhor. Entrarão com a paz e a segurança. – Tiraremos a inveja de seus corações. Repousarão em leitos e terão uns para com os outros uma benevolência fraterna. – A fadiga não se acercará da morada das delícias. Não arrebatarão sua posse. (Surata XV, v. 45 a 48).

Os jardins do Éden serão a habitação dos justos. Braceletes de ouro, ornados de pérolas e roupas de seda formarão sua indumentária. – Louvores a Deus, exclamarão eles; ele afastou de nós o sofrimento; ele é misericordioso e compassivo. – Introduziu-nos no palácio eterno, morada de sua magnificência. Nem a fadiga nem a dor se acercam deste asilo. (Surata XXXV, v. 30, 31, 32).

Os habitantes do paraíso beberão a longos sorvos na taça da felicidade. – Deitados em leitos de seda, repousarão junto às suas esposas, em sombras deliciosas. – Encontrarão todos os frutos. Todos os seus desejos serão satisfeitos. (Surata XXXVI, v. 55, 56, 57).

Os verdadeiros servos de Deus terão um alimento escolhido – frutos delicados e serão servidos com honra. – Os jardins das delícias serão seu asilo. – Cheios de mútua benevolência, repousarão em poltronas. – Oferecer-lhes-ão taças de água pura – límpida e de gosto delicioso – que não lhes obscurecerá a razão nem os embriagará. – Perto deles estarão virgens de olhar recatado, de grandes olhos negros e cuja tez terá a cor dos ovos de avestruz. (Surata XXXVII, v. 39 a 47).

Dir-se-á aos crentes que tiverem professado o islamismo: Entrai no jardim das delícias, vós e vossas esposas; abri vossos corações à alegria. – Dar-lhes-ão a beber em taças de ouro. O coração encontrará nessa morada tudo quanto pode desejar, o olho tudo quanto o pode encantar e os prazeres serão eternos. – Eis o paraíso, cuja posse vos proporcionarão vossas obras. – Alimentai-vos dos frutos que ali crescem em abundância. (Surata XLIII, v. 69 a 72).

Tal é o famoso paraíso de Maomé, com o qual tanto se divertiram e que, certamente, não procuraremos justificar. Apenas diremos que estava em harmonia com os costumes desses povos e que devia afagá-los muito mais que a perspectiva de um estado puramente espiritual, por mais esplêndido que fosse, porque eram demasiado materiais para o compreender e lhe apreciar o valor. Precisavam de algo mais substancial e pode-se dizer que foram servidos na medida do possível. Sem dúvida se notará que os rios, as fontes, os frutos abundantes e as sombras aí representam grande papel, por faltarem sobretudo aos habitantes do deserto. Os leitos macios e as roupas de seda, para gente habituada a dormir no chão e vestida com grosseiras peles de camelo, também deviam ter grande atrativo. Por mais ridículo que tudo isto nos pareça, pensemos no meio em que vivia Maomé e não o censuremos muito, pois, com o auxílio deste atrativo, ele soube tirar um povo da barbárie e dele fazer uma grande nação.

Num próximo artigo examinaremos como o islamismo poderá ligar-se à grande família da humanidade civilizada.

Sonambulismo Mediúnico Espontâneo

A última sessão da Sociedade Espírita de Paris, antes das férias, foi uma das mais notáveis do ano, quer pelo número e pelo alcance das comunicações aí obtidas, quer pela produção de um fenômeno espontâneo de sonambulismo mediúnico. Por volta da metade da sessão, o Sr. Morin, membro da Sociedade e um dos médiuns habituais, adormeceu espontaneamente sob a influência dos Espíritos, o que jamais lhe acontecera. Então falou com ardor, com eloqüência, sobre um assunto de alta gravidade e do maior interesse, do qual nos ocuparemos posteriormente.

A sessão de reabertura de sexta-feira, 5 de outubro, apresentou um fenômeno análogo, mas em mais largas proporções. Havia à mesa treze médiuns. Durante a primeira parte, dois deles, a Sra. C... e o Sr. Vavasseur, adormeceram sob a influência dos Espíritos, como havia ocorrido com o Sr. Morin, sem qualquer provocação e sem que ninguém nisto tivesse pensado. O Sr. Vavasseur é o médium poeta, que com a maior facilidade obtém poesias notáveis, das quais publicamos algumas amostras. O Sr. Morin estava a ponto de adormecer também. Ora, eis o que se passou durante o seu sono, que durou quase uma hora.

O Sr. Vavasseur, com voz grave e solene, disse: "Toda vontade, toda ação magnética é e deve ficar estranha a este fenômeno. Ninguém deve falar à minha irmã, nem a mim." Falando de sua irmã, designava a Sra. C..., isto é, irmã espiritual, já que não são parentes. Depois, dirigindo-se ao Sr. Morin, colocado no outro extremo da mesa, e estendendo a mão para ele com um gesto imperativo: "Proíbo-te de dormir." O Sr. Morin, com efeito, já quase adormecido, despertou por si mesmo. Além disso, foi recomendado expressamente que ninguém tocasse nos dois médiuns.

O Sr. V..., continuando: "Ah! sinto aqui uma corrente fluídica má, que me fatiga... Irmã, sofres também? – Sra. C...: Sim.

– Sr. V...: Olha! a sociedade é numerosa esta noite. Vês? – Sra. C...: Ainda não muito claramente; – Sr. V...: Quero que vejas. – Sra. C...: Oh! sim; os Espíritos são numerosos! – Sr. V...: Sim, muito numerosos; não se os contam mais!... Mas, olha à tua frente; vês um Espírito mais luminoso, de auréola mais brilhante... Parece nos sorrir com benevolência!... Dizem que é meu patrono (São Luís)... Vamos, marchemos; vamos para ele... Oh! tenho muitos erros a reparar... (dirigindo-se ao Espírito): Caro Espírito! nascendo para a vida, minha mãe me deu vosso nome. Depois, lembro-me, essa pobre mãe me dizia todos os dias: 'Oh! meu filho, ora a Deus; ora a teu anjo-da-guarda; ora, sobretudo, a teu patrono.' Mais tarde, esqueci tudo... tudo! A dúvida, a incredulidade me perseguiram; em meu desvario eu vos desconheci, desconheci a vontade de Deus... Hoje, caro Espírito, venho pedir-vos o esquecimento do passado e o perdão no presente!... Ó São Luís, vede minha dor e meu arrependimento, esquecei e perdoai." (Estas últimas palavras foram ditas com uma inflexão pungente de desespero).

A Sra. C...: "Não deves chorar, irmão... São Luís te perdoa e te abençoa... Os Espíritos bons não têm ressentimento contra os que voltam atrás em seus erros. Digo-te que ele te perdoa!... Oh! este Espírito é bom!... Olha, ele nos sorri. (Levando a mão ao peito) Oh! como dói sofrer assim!"

O Sr. V...: "Ele me fala... Escuta!... Coragem, diz ele, trabalha com teus irmãos. O ano que começa será fértil em grandes acontecimentos. Em torno de vós surgirão grandes gênios, poetas, pintores, literatos. A era das artes sucede a da filosofia. Se a primeira fez prodígios, a segunda fará milagres." (O Sr. V... exprime-se com extraordinária veemência; está no supremo grau do êxtase).

A Sra. C...: "Acalma-te, irmão; nisto pões muito ardor, e isto te faz mal; acalma-te."

O Sr. V... (continuando): "Mas aí começa a missão de vossa Sociedade, missão muito grande e muito bela para os que a compreendem... Foco da Doutrina Espírita, deve defendê-la e propagar os seus princípios por todos os meios disponíveis. Aliás, o seu presidente saberá o que deve fazer.

"Agora irmã, ele se afasta; ainda nos sorri; diz-nos com a mão: até logo... Vamos, subamos, irmã; deves assistir a um espetáculo esplêndido, a um espetáculo que o olhar terreno jamais viu... jamais, jamais!... Sobe... sobe... eu o quero!... (Silêncio). Que vês?... Olha este exército de Espíritos!... Os poetas estão aqui e nos cercam... Oh! cantai também, cantai!... Vossos cantos são os cânticos do céu, o hino da Criação!... Cantai!... E seus murmúrios acariciam meus ouvidos... e seus acordes adormecem o meu espírito... Não ouves?..."

A Sra. C...: "Sim, ouço... Parecem dizer que com o ano espírita que se inicia, começa uma nova fase para o Espiritismo... fase brilhante, de triunfo e de alegria para os corações sinceros, de vergonha e de confusão para os orgulhosos e os hipócritas! Para estes, as decepções, o abandono, o esquecimento, a miséria; para os outros, a glorificação."

O Sr. V...: "Eles já o disseram, e isto se confirma."

A Sra. C...: "Oh! que festa! que magnificência! que esplendor deslumbrante! Mal pode meu olhar sustentar o seu brilho. Que suave harmonia se faz ouvir e penetra a alma!... Vê todos esses Espíritos bons que preparam o triunfo da Doutrina sob a condução dos Espíritos superiores e do grande Espírito de Verdade!... Como são resplandecentes, e quanto lhes deve custar descer para habitar um globo como o nosso! Isto é doloroso, mas faz progredir."

O Sr. V...: "Escuta!... escuta, digo-te!"

O Sr. V... começa o improviso seguinte em versos. Era a primeira vez que fazia poesia mediúnica verbalmente. Até então as poesias deste gênero sempre tinham sido dadas por escrito, espontaneamente.

Noite de tempestade,
Mortos rolava o mar,
Na praia sem piedade
Em lúgubre cantar!...
Uma criança pequena,
De pé sobre um rochedo
Esperava, serena,
Da aurora o brilho ledo
Para ir pela praia
Procurar sua irmã
Que do naufrágio saía,
Ou... dê-lha esta manhã.
Poderia de um alto,
Vê-la, pois, como outrora,
Sorridente e de um salto
Ouvir-lhe a voz sonora?
Mas nesta noite horrível,
Sobre as vagas inquietas,
Essa mão invisível
Que os separou tem metas
De voltar as unir?
Foi esperança vã!
Surge a aurora a sorrir,
Mas... nada, só manhã;
Nada... a triste certeza
De um barco destruído!
Nada... da onda a frieza
Levando o que é perdido.
A vaga, com mistério,
Tocava deslizando,
Em seu ágil critério,
Só abismo expressando
Que a vítima escondia,
Seu soluço a abafar,
De seu crime estaria
As ondas a exculpar

A brisa lamentosa!
A criança a procurar,
Pela praia, ansiosa,
Não mais podia andar...
Sem respirar poder,
Coxeante... fraca... aflita...
E mal a se suster,
Se fizera sem dita
E sobre a pedra quente
De um rochedo polido,
Faz uma prece ardente,
Ante um desconhecido.
E surpreso ele o vê
Em tocante oração.
– Oh, filho! Deus te dê
Amor; ergue-te então!...
Foi Deus que, por teu pranto,
Me pôs em teu caminho
Para acalmar-te quanto
Eu possa com carinho!
Na dor não te retenhas;
Meu lar será teu lar,
Minha família tenhas,
Faço meu teu penar.
Vem; fala-me, criança;
Tem em meu peito amor,
Bem depressa a esperança
Lenirá tua dor.

(Dirigindo-se à Sra. C...) – "Tu o vês, ele pára!... mas deve falar ainda!... Sim, aproxima-se!... os sons tornam-se mais distintos... Ouço... ah!...

Eu sou... o pobre perdido...
És (dirigindo-se a Allan Kardec) o desconhecido,
Mestre, quero-te honrar!
Pois me viestes mostrar
Que existe: ... Eternidade
E... imortalidade!
Dois nomes: Deus, que é Luz!
O outro, alma que reluz!

E vós, meu caro amigo,
Me ofereceis abrigo,
Minha família sois
Onde tranqüilo, pois,
Vou terminar meus dias!
Amai-me! Sois meus guias!...

"Ele foge... Casimir Delavigne!... Oh! caro Espírito... ainda!... Ele foge!... Vamos, não sou bastante forte para assistir a este concerto divino... Sim, é belo demais... é belíssimo!...

A Sra. C...: "Ele falaria ainda se tivesses querido, mas tua exaltação o impediu. Eis-te alquebrado, aflito, ofegante; não podes mais falar."

O Sr. V...: "Sim, eu o sinto; é ainda uma fraqueza (com um vivo sentimento de pesar), e devo despertar-te!... muito cedo... Por que não ficar sempre neste lugar? Por que voltar à Terra? Vamos, já que é preciso, irmã, devemos obedecer sem murmurar... Desperta, eu o quero. (A Sra C... abre os olhos). Para mim podes despertar-me agitando teu lenço. Sufoco!... ar!... ar!"

Estas palavras, e sobretudo os versos, foram ditos com uma inflexão, uma efusão de sentimento e um calor de expressão, cujas cenas mais dramáticas e mais patéticas apenas podem dar uma idéia. A emoção da assembléia era geral, porque se sentia que não era declamação, mas a própria alma desprendida da matéria que falava...

Esgotado de fadiga, o Sr. V... foi obrigado a deixar a sala e por muito tempo ficou arrasado, dominado por um sono de onde só saiu pouco a pouco, por si mesmo, sem querer que ninguém o ajudasse.

Esses fatos vêm confirmar as previsões dos Espíritos no tocante às novas formas que não tardaria a tomar a mediunidade. O estado de sonambulismo espontâneo, no qual se

desenvolve, ao mesmo tempo, a mediunidade falante e vidente, é, com efeito, uma faculdade nova, no sentido em que parece generalizar-se; é um modo particular de comunicação que tem, mais que nunca, sua razão de ser neste momento.

Aliás, este fenômeno serve muito mais de *complemento* à instrução dos Espíritos do que para a convicção dos incrédulos, que nele veriam apenas uma comédia. Só os espíritas esclarecidos o podem compreender e nele descobrir as provas da sinceridade ou da hipocrisia, como em todos os outros gêneros da mediunidade; só eles podem destacar o que é útil, deduzindo suas conseqüências para o progresso da ciência, na qual os faz penetrar mais cedo. É por isso que esses fenômenos geralmente só se produzem na intimidade, onde os médiuns não teriam nenhum interesse em simular uma faculdade inexistente e onde o embuste logo seria desmascarado.

As nuanças de observação aqui são tão delicadas e sutis que requerem uma atenção contínua. Nesse estado de emancipação, a sensibilidade e a impressionabilidade são tão grandes, que a faculdade não pode desenvolver-se em todo o seu esplendor senão sob uma influência fluídica inteiramente simpática; basta *uma corrente contrária* para a alterar, como o sopro que embacia o gelo. A sensação penosa que, por isso, sente o médium, o faz dobrar-se sobre si mesmo, como a sensitiva à aproximação da mão. Sua atenção se volta, então, na direção dessa corrente desagradável; penetra o pensamento que é a sua fonte, a vê e a lê e, quanto mais a sente antipática, tanto mais ela o paralisa. Por aí se julgue do efeito que deve produzir um concurso de pensamentos hostis! Essas espécies de fenômenos também não se prestam *absolutamente* a exibições públicas, nas quais a curiosidade é o sentimento dominante, quando não o da malevolência. Além disso, requerem das testemunhas uma excessiva prudência, porque não se deve perder de vista que, nesses momentos, a alma só se prende ao corpo por um frágil laço, e que um abalo pode causar, no mínimo,

graves desordens na economia. Uma curiosidade *indiscreta* e *brutal* pode acarretar as mais funestas conseqüências. Eis por que nunca se agiria com excessiva precaução.

Quando, ao começar, o Sr. V... diz que "toda vontade, toda ação magnética é e deve ficar estranha a esse fenômeno", dá a compreender que só a ação dos Espíritos é a sua causa e que ninguém poderia provocá-la. A recomendação de não falar nem a um, nem a outro, tinha por objetivo deixá-los inteiramente no êxtase. As perguntas teriam tido por efeito deter o impulso de seus Espíritos, trazendo-os ao terra-a-terra e lhes desviando o pensamento do objetivo principal. A exaltação da sensibilidade tornava igualmente necessária a recomendação de não os tocar. O contato teria produzido uma comoção penosa e prejudicial ao desenvolvimento da faculdade.

De acordo com isto, compreende-se por que a maior parte dos homens de ciência, chamados a constatar fenômenos desse gênero, ficam decepcionados. Não é por causa de sua falta de fé, como o pretendem, que o efeito é recusado pelos Espíritos: são eles mesmos que, por suas disposições morais, produzem uma reação contrária; em vez de se colocarem nas condições do fenômeno, querem colocar o fenômeno em sua própria condição. Gostariam de aí encontrar a confirmação de suas teorias antiespiritualistas, porquanto, para eles, somente aí está a verdade, e se sentem vexados e humilhados por receberem um desmentido pelos fatos. Então nada obtêm, ou só obtêm coisas que contradizem sua maneira de ver; em vez de rever suas opiniões, preferem negar, ou dizer que é uma ilusão. E como poderia ser de outro modo entre pessoas que não admitem a espiritualidade? O princípio espiritual é a *causa* de fenômenos de uma ordem particular; buscar a sua causa fora desse princípio é buscar a causa do raio fora da eletricidade. Não compreendendo as condições especiais do fenômeno, fazem experiências sobre o paciente como se este fosse um tubo de ensaio, cheio de produtos químicos;

torturam-no como se se tratasse de uma intervenção cirúrgica, com risco de comprometer sua vida ou sua saúde.

O êxtase, que é o mais alto grau de emancipação, exige tanto mais precauções quanto, nesse estado, inebriado pelo sublime espetáculo que tem sob os olhos, o Espírito geralmente não pede senão para ficar onde está e deixar a Terra completamente; muitas vezes, até, faz esforços para romper o último laço que o prende ao corpo e, se sua razão não fosse bastante forte para resistir à tentação, deixar-se-ia ir de boa vontade. É então que se faz necessário vir em seu auxílio por uma vontade forte, tirando-o desse estado. Compreende-se que aqui não há uma regra absoluta e que é preciso conduzir-se conforme as circunstâncias.

A propósito, um de nossos amigos nos oferece interessante tema de estudo.

Outrora tinham procurado magnetizá-lo, mas inutilmente. Desde algum tempo ele cai espontaneamente em sono magnético sob a influência da mais leve causa; basta que escreva algumas linhas mediunicamente e, por vezes, uma simples conversação. Em seu sono, tem percepções e ordem mais elevada; fala com eloqüência e aprofunda com lógica notável as mais sérias questões. Vê os Espíritos perfeitamente, mas sua lucidez apresenta graus diversos, pelos quais passa sucessivamente; o mais ordinário é o de um semi-êxtase. Em certos momentos exalta-se e, se experimentar uma viva emoção, o que é freqüente, exclama com uma espécie de terror, e isto muitas vezes em meio à mais interessante conversa: *Despertai-me imediatamente*, o que seria imprudente não o fazer. Felizmente, indicou-nos o meio de o despertar *instantaneamente*, e que consiste em soprar fortemente em sua fronte, pois os passes magnéticos produzem um efeito muito lento, ou nulo.

Eis a explicação que nos foi dada sobre sua faculdade por um de nossos guias, com o concurso de outro médium:

"O Espírito T... é entravado em seu impulso pela prova material que escolheu. O instrumento que ele faz mover, o seu corpo, no estado atual em que se encontra, não é bastante maleável para lhe permitir assimilar os conhecimentos necessários, ou utilizar os que possui, *de moto próprio*, e no estado de vigília. Quando está adormecido o corpo, deixando de ser um entrave, apenas se torna o *porta-voz* de seu próprio Espírito, ou daqueles com os quais está em relação. A fadiga material, inerente às suas ocupações, a relativa ignorância em que sofre esta encarnação, uma vez que não sabe, em questões de ciência, senão o que a si próprio se revelou, tudo isto desaparece para dar lugar a uma lucidez de pensamento, a um alargamento do raciocínio e a uma eloqüência excepcional, que são o fato do desenvolvimento anterior do Espírito. A freqüência de seus êxtases tem por objetivo tão-só habituar seu corpo a um estado que, durante certo período e para uma meta especial ulterior, poder tornar-se, de certo modo, normal. Quando ele pede para ser despertado prontamente, é que deseja realizar sua missão sem falhar. Sob o encanto dos quadros sublimes que se lhe apresentam, e do meio em que se encontra, gostaria de libertar-se dos laços terrenos e ficar definitivamente entre os Espíritos. Sua razão e seu dever, que o retêm na Terra, combatem este desejo; e de medo de se deixar dominar e de sucumbir à tentação, ele vos grita para que o desperteis."

Devendo multiplicar-se estes fenômenos de sonambulismo mediúnico espontâneo, as instruções que precedem têm por objetivo guiar os grupos onde eles poderiam produzir-se, na observação dos fatos e de os fazer compreender a necessidade de usar da mais extrema prudência em semelhante caso. É preciso abster-se de maneira absoluta de os transformar em objeto de experimentação e de curiosidade. Os espíritas poderão aí colher grandes ensinamentos, próprios a esclarecer e a fortificar a sua fé, mas, repetimos, seriam sem proveito para os incrédulos. Os fenômenos destinados a convencer estes últimos e que se podem produzir em plena luz, são de outra ordem e, no número, alguns

terão lugar, e já se produzem, pelo menos em aparência, *fora do Espiritismo*; a palavra *Espiritismo* os horroriza. Não sendo pronunciada, será uma razão a mais para dele se ocuparem. Os Espíritos são, pois, prudentes, quando, por vezes, trocam a etiqueta.

Quanto à utilidade especial desta mediunidade, ela está na prova, de certo modo palpável, que fornece da independência do Espírito por seu isolamento da matéria. Como dissemos, as manifestações deste gênero esclarecem e fortificam a fé; põe-nos em contato mais direto com a vida espiritual. Qual é o espírita apático ou indeciso que ficaria indiferente em presença de fatos que lhe fazem, por assim dizer, tocar com o dedo a vida futura? Qual o que poderia ainda duvidar da presença e da intervenção dos Espíritos? Qual o coração bastante endurecido para não ficar comovido com o aspecto do futuro que se desdobra à sua frente, e que Deus, em sua bondade, lhe permite entrever?

Mas estas manifestações têm uma utilidade mais prática, mais atual, porque, mais que outras, serão capazes de erguer a coragem nos momentos duros que devemos atravessar. É no momento da tormenta que se será feliz por sentir junto de si protetores invisíveis; é então que se conhecerá o valor desses conhecimentos, que nos elevam acima da Humanidade e das misérias da Terra, que acalmam nossos pesares e nossas apreensões, fazendo-nos ver só o que é grande, imperecível e digno de nossas aspirações. É um socorro que Deus envia em tempo oportuno a seus fiéis servidores e aí está ainda um sinal de que os tempos marcados são chegados. Saibamos aproveitá-lo para o nosso adiantamento. Agradeçamos a Deus por ter permitido que fôssemos esclarecidos a tempo e lamentemos os incrédulos por se privarem desta imensa e suprema consolação, pois a luz foi espalhada para todos. Pela voz dos Espíritos, que falam por toda a Terra, ele faz um último apelo aos endurecidos. Imploremos sua indulgência e sua misericórdia para os cegos.

Como dissemos, o êxtase é um estado superior de desprendimento, do qual o estado sonambúlico é um dos primeiros graus, mas que não implica, de modo algum, na superioridade do Espírito. O mais completo desprendimento é, seguramente, o que se segue à morte. Ora, nós vemos neste momento o Espírito conservar suas imperfeições, seus preconceitos, cometer erros, iludir-se, manifestar as mesmas tendências. É que as boas e as más qualidades são inerentes ao Espírito e não dependem das causas exteriores. As causas exteriores podem paralisar as faculdades do Espírito, que as recobra no estado de liberdade, mas são impotentes para lhe dar as que não tem. O sabor de um fruto está nele; façam o que fizerem, coloquem-no onde quiserem, se for insípido por natureza, não se tornará saboroso. Dá-se o mesmo com o Espírito. Se o desprendimento completo, depois da morte, não o torna um ser perfeito, menos ainda um desprendimento parcial.

O desprendimento extático é um estado fisiológico, indício evidente de um certo grau de adiantamento do Espírito, mas não de superioridade absoluta. As imperfeições morais, que são devidas à influência da matéria, desaparecem com essa influência, razão por que se nota, em geral, nos sonâmbulos e nos extáticos, idéias mais elevadas do que no estado de vigília; mas as que se devem à qualidade mesma do Espírito continuam a manifestar-se, algumas vezes até com menos intensidade que no estado normal. O Espírito, liberto de todo constrangimento, por vezes dá livre curso a sentimentos que, como homem, procura dissimular aos olhos do mundo.

De todas as tendências más, as mais persistentes e as que menos se confessa a si mesmo, são os vícios radicais da Humanidade: o orgulho e o egoísmo, que geram os ciúmes, as mesquinhas susceptibilidades do amor-próprio, a exaltação da personalidade, que muitas vezes se revelam no estado de sonambulismo. Não é o desprendimento que as produz, pois ele

apenas as põe a descoberto; de latentes tornam-se sensíveis em conseqüência da liberdade do Espírito.

Assim, não se deve esperar encontrar nenhuma espécie de infalibilidade, nem moral, nem intelectual, nos sonâmbulos e extáticos. A faculdade de que desfrutam pode ser alterada pelas imperfeições de seu Espírito. Suas palavras podem ser o reflexo de seus pensamentos e de seus sentimentos. Além disso, podem sofrer os efeitos da obsessão, tanto quanto no estado ordinário e ser, da parte dos Espíritos levianos ou mal-intencionados, joguete das mais estranhas ilusões, como o demonstra a experiência.

Seria, pois, um erro acreditar que as visões e revelações do êxtase só possam ser a expressão da verdade. Como todas as outras manifestações, é preciso submetê-las ao cadinho do bom-senso e da razão, levar em conta o bem e o mal, o que é racional do que é ilógico. Se essas espécies de manifestações se multiplicam, é menos com o objetivo de nos dar revelações extraordinárias do que para nos fornecer novos assuntos de estudo e de observação sobre as faculdades e as propriedades da alma, e nos dar uma nova prova de sua existência e de sua independência da matéria.

Considerações sobre a Propagação da Mediunidade Curadora

(Vide o artigo do mês anterior sobre o zuavo curador)

Antes de mais, devemos fazer algumas retificações em nosso relatório das curas do Sr. Jacob. Sabemos por este último que a cura da menina, chegada a Ferté-sous-Jouarre, não se deu em praça pública; é certo que foi lá que o Sr. Jacob a viu, mas a cura ocorreu em casa de seus pais, onde ele a fez entrar. Isto em nada altera o resultado; mas esta circunstância dá à ação um caráter menos excêntrico.

Por seu lado, o Sr. Boivinet nos escreve: "A respeito da proporção dos doentes curados, eu quis dizer que sobre 4.000, um quarto não experimentou resultados, e que do resto, ou 3.000, um quarto foi curado e três quartos aliviados. De uma outra passagem do artigo poder-se-ia pensar que eu tenha atestado a cura de membros anquilosados; eu quis dizer que o Sr. Jacob tinha endireitado membros enrijecidos, rígidos como se estivessem anquilosados, nada mais, o que não quer dizer que ele não tenha curado anquiloses; apenas o ignoro. Quanto aos membros enrijecidos por dores, paralisando em parte a faculdade do movimento, constatei em último lugar três casos de cura instantânea; no dia seguinte um dos doentes estava completamente curado; o outro tinha liberdade de movimento, persistindo uma dor residual com a qual, dizia-me ele, acomodar-se-ia para sempre de boa vontade. Não revi o terceiro doente."

Teria sido deveras surpreendente que o diabo não tivesse vindo meter-se neste negócio. Outra pessoa nos escreve de uma das localidades onde se espalhou o ruído das curas do Sr. Jacob: "Aqui, grande emoção na comuna e no presbitério. A serva do sr. cura, tendo encontrado duas vezes o Sr. Jacob na única rua da região, está convicta de que ele é o diabo e que a persegue. A pobre mulher refugiou-se numa casa onde quase teve um ataque de nervos. É verdade que o traje vermelho do zuavo pode tê-la feito crer que ele saía do inferno. Parece que se prepara aqui uma cruzada contra o diabo, para dissuadir os doentes de se fazerem curar por ele"

Quem pôde meter na cabeça dessa mulher que o Sr. Jacob é o diabo em pessoa e que as curas são uma velhacaria de sua parte? Não disseram aos pobres de certa cidade que não deviam receber o pão e as esmolas dos espíritas, porque era uma sedução de Satã? e, alhures, que mais valia ser ateu do que voltar a Deus pela influência do Espiritismo, porque ainda aí era uma astúcia do demônio? Em todo o caso, atribuindo tantas coisas boas ao diabo,

fazem tudo o que é necessário para o reabilitar na opinião. O que é mais estranho é que de semelhantes idéias ainda se alimentem populações a algumas léguas de Paris. Assim, que reação quando a luz se fizer nos cérebros fanatizados! É preciso convir que há gente muito desajeitada.

Voltemos ao nosso assunto: as considerações gerais sobre a mediunidade curadora.

Dissemos, e nunca seria demais repetir, que há uma diferença radical entre os médiuns curadores e os que obtêm prescrições médicas da parte dos Espíritos. Estes não diferem em nada dos médiuns escreventes ordinários, a não ser pela especialidade das comunicações. Os primeiros curam só pela ação fluídica, em mais ou menos tempo, às vezes instantaneamente, sem o emprego de qualquer remédio. O poder curativo está todo inteiro no fluido depurado a que servem de condutores. A teoria deste fenômeno foi suficientemente explicada para provar que entra na ordem das leis naturais, e que nada tem de miraculoso. É o produto de uma aptidão especial, tão independente da vontade quanto todas as outras faculdades mediúnicas; não é um talento que se possa adquirir; não se faz um médium curador como se faz um médico. A aptidão para curar é inerente ao médium, mas o exercício da faculdade não tem lugar senão com o concurso dos Espíritos; donde se segue que se os Espíritos não querem, ou *não querem mais* se servir dele, é como um instrumento sem músico, e nada obtém. Pode, pois, perder instantaneamente a sua faculdade, o que exclui a possibilidade de dela fazer uma profissão.

Outro ponto a considerar, é que sendo esta faculdade fundada em leis naturais, tem limites traçados por essas mesmas leis. Compreende-se que a ação fluídica possa dar sensibilidade a um órgão existente, fazer dissolver e desaparecer um obstáculo ao movimento e à percepção, cicatrizar uma ferida, porque, então, o fluido se torna um verdadeiro agente terapêutico; mas é evidente

que não pode remediar a ausência ou a destruição de um órgão, o que seria verdadeiro milagre. Assim, a vista poderá ser restituída a um cego por amaurose, oftalmia, belida ou catarata, mas não aos que tiverem os olhos furados. Há, pois, doenças incuráveis por natureza, e seria ilusão crer que a mediunidade curadora fosse livrar a Humanidade de todas as suas enfermidades.

Além disso, é preciso levar em conta a variedade de nuanças apresentada por esta faculdade, que está longe de ser uniforme em todos que a possuem. Ela se apresenta sob aspectos muito diversos. Em razão do grau de desenvolvimento do poder, a ação é mais ou menos rápida, extensa ou circunscrita. Em dadas circunstâncias, tal médium triunfa sobre determinadas doenças em certas pessoas, mas falha por completo em casos aparentemente idênticos. Parece mesmo que nalguns a faculdade curadora se estende aos animais.

Neste fenômeno se opera uma verdadeira reação química, análoga à produzida pelos medicamentos. Atuando o fluido como agente terapêutico, sua ação varia segundo as propriedades que recebe das qualidades do fluido pessoal do médium. Ora, em razão do temperamento e da constituição deste último, o fluido está impregnado de elementos diversos, que lhe dão propriedades especiais. Pode ser, para nos servirmos de comparações materiais, mais ou menos carregado de eletricidade animal, de princípios ácidos ou alcalinos, ferruginosos, sulfurosos, dissolventes, adstringentes, cáusticos, etc. Daí resulta uma ação diferente, conforme a natureza da desordem orgânica; esta ação pode, pois, ser enérgica, muito poderosa em certos casos e nula em outros. É assim que os médiuns curadores podem ter especialidades: este curará as dores ou endireitará um membro, mas não dará a vista a um cego, e reciprocamente. Só a experiência pode dar a conhecer a especialidade e a extensão da aptidão; mas, em princípio, pode-se dizer que não há médiuns curadores universais, em virtude de não haver homens perfeitos na Terra, e cujo poder seja ilimitado.

A ação é completamente diferente na obsessão, e a faculdade de curar não implica na de libertar os obsidiados. O fluido curador age, de certo modo, materialmente sobre os órgãos afetados, ao passo que, na obsessão, é preciso agir moralmente sobre o Espírito obsessor; há que se ter autoridade sobre ele, para o fazer largar a presa. São, pois, duas aptidões distintas, que nem sempre se encontram na mesma pessoa. O concurso do fluido curador torna-se necessário quando, o que é bastante freqüente, a obsessão se complica com afecções orgânicas. Pode, pois, haver médiuns curadores impotentes para a obsessão, e reciprocamente.

A mediunidade curadora não vem suplantar a Medicina e os médicos; vem, simplesmente, provar a estes últimos que há coisas que eles não sabem e os convidar a estudá-las; que a Natureza tem leis e recursos que eles ignoram; que o elemento espiritual, que eles desconhecem, não é uma quimera e que, quando o levarem em conta, abrirão novos horizontes à Ciência e triunfarão mais amiúde do que agora. Se esta faculdade fosse privilégio de um indivíduo, passaria despercebida; considerá-la-iam como uma exceção, um efeito do acaso, esta suprema explicação que nada explica, e a má vontade poderia facilmente abafar a verdade. Mas quando virem os fatos se multiplicando, serão forçados a reconhecer que não se podem produzir senão em virtude de uma lei; que se homens ignorantes levam a melhor onde os sábios fracassam, é que estes não sabem tudo. Isto em nada prejudica a Ciência, que será sempre a alavanca e a resultante do progresso intelectual. Só o amor-próprio dos que a circunscrevem nos limites de seu saber e da materialidade pode sofrer com isto.

De todas as faculdades mediúnicas, a mediunidade curadora vulgarizada é a que está chamada a produzir mais sensações, porque em toda parte há doentes, e em grande número, e não é a curiosidade que os atrai, mas a necessidade imperiosa de alívio. Mais que qualquer outra, ela triunfará sobre a incredulidade, tanto quanto sobre o fanatismo, que vê em toda parte a intervenção

do diabo. A multiplicidade dos fatos forçosamente conduzirá ao estudo da causa *natural* e, daí, à destruição das idéias supersticiosas de feitiçaria, de poder oculto, de amuletos, etc. Se se considerar o efeito produzido nos arredores do campo de Châlons por um só indivíduo, a multidão de pessoas sofredoras vindas num raio de dez léguas, pode julgar-se o que isto seria se dez, vinte, cem indivíduos aparecessem nas mesmas condições, quer na França, quer em países estrangeiros. Se disserdes a esses doentes que são joguete de uma ilusão, eles vos responderão mostrando a perna endireitada; que são vítimas de charlatães? dirão que nada pagaram e que não lhe venderam nenhuma droga; que abusaram de sua confiança? dirão que nada lhe prometeram.

É também a faculdade que mais escapa à acusação de charlatanice e de fraude; afronta a zombaria, porque nada há de risível num doente curado que a Ciência havia abandonado. O charlatanismo pode simular mais ou menos grosseiramente a maioria dos efeitos mediúnicos, e a incredulidade nele sempre procura os seus *cordões*.[24] Mas onde encontrará os cordões da mediunidade curadora? Podem ser dados golpes de habilidade para os efeitos mediúnicos, e os efeitos mais reais, aos olhos de certa gente, podem passar por golpes de mestre, mas que daria quem tomasse indevidamente a qualidade de médium curador? De duas, uma: cura ou não cura. Não há simulacro que possa suprir uma cura.

Ademais, a mediunidade curadora escapa completamente à lei sobre o exercício ilegal da Medicina, visto não prescrever nenhum tratamento. Com que penalidade se poderia atingir aquele que cura somente pela sua influência, secundada pela prece que, além disso, nada pede como preço de seus serviços? Ora, a prece não é uma substância farmacêutica. Em vossa opinião é uma parvoíce; seja. Mas se a cura está no fim dessa tolice, que direis vós?

24 **N. do T.:** *Grifo nosso*. Alusão aos cordões "invisíveis" manipulados pelos irmãos Davenport em suas mágicas, com vistas a simular alguns fenômenos mediúnicos em suas apresentações teatrais.

Uma tolice que cura vale bem os remédios que não curam. Puderam proibir o Sr. Jacob de receber doentes no campo e de ir à casa deles, e ele se submeteu dizendo que só retomaria o exercício de sua faculdade quando a interdição fosse levantada oficialmente, porque, sendo militar, quis mostrar-se escrupuloso observador da disciplina, por mais dura que fosse. Nisto agiu sabiamente, pois provou que o Espiritismo não leva à insubordinação; mas aqui é um caso excepcional. Desde que esta faculdade não é privilégio de um indivíduo, por que meio poderiam impedi-la de propagar-se? Se ela se propaga, queiram ou não, terão de aceitá-la com todas as suas conseqüências.

Como a mediunidade curadora depende de uma disposição orgânica, muitas pessoas a possuem, ao menos em germe, mas fica em estado latente por falta de exercício e de desenvolvimento. É uma faculdade que muitos ambicionam, e com razão. Se todos os que desejam possuí-la a pedissem com fervor e perseverança pela prece, e com fim exclusivamente humanitário, é provável que, desse concurso, saísse mais de um verdadeiro médium curador.

Não é de admirar ver pessoas favorecidas com esse dom precioso e que, à primeira vista, não parecem dignas desse favor. É que a assistência dos Espíritos bons é dispensada a todo o mundo, para abrir a todos a via do bem; mas cessa se não se souber tornar-se digno dela, melhorando-se. O mesmo se dá com os dons da fortuna, que nem sempre vem ao mais merecedor; é, então, uma prova para o uso que dela se faz: felizes os que saírem vitoriosos.

Pela natureza de seus efeitos, a mediunidade curadora exige imperiosamente o concurso de Espíritos *depurados*, que não poderiam ser substituídos por Espíritos inferiores, enquanto há efeitos mediúnicos para a produção dos quais a elevação dos Espíritos não é uma condição necessária e que, por esta razão, são obtidos mais ou menos em qualquer circunstância. Certos Espíritos

até, menos escrupulosos que outros quanto a estas condições, preferem os médiuns em que encontram simpatia. Mas pela obra se reconhece o obreiro.

Há, pois, para o médium curador necessidade absoluta de atrair o concurso dos Espíritos superiores, se quiser conservar e desenvolver sua faculdade, senão, em vez de crescer, ela declina e desaparece pelo afastamento dos Espíritos bons. A primeira condição para isto é trabalhar em sua própria depuração, a fim de não alterar os fluidos salutares que está encarregado de transmitir. Esta condição não poderia ser preenchida sem o mais completo desinteresse material e moral. O primeiro é mais fácil; o segundo é mais raro, porque o orgulho e o egoísmo são os sentimentos mais difíceis de extirpar e porque várias causas contribuem para os superexcitar nos médiuns. Desde que um deles se revele com faculdades um pouco transcendentes – falamos aqui dos médiuns em geral, escreventes, videntes e outros – é procurado, adulado e alguns sucumbem à tentação da vaidade. Sem tardança, esquecendo que sem os Espíritos nada seria, considera-se como indispensável e o único intérprete da verdade; denigre os outros médiuns e se julga acima de conselhos. O médium que assim se encontra está perdido, porque os Espíritos se encarregam de lhe provar que podem passar sem ele, fazendo surgir outros médiuns mais bem assistidos. Comparando a série das comunicações de um mesmo médium, pode-se julgar facilmente se ele cresce ou degenera. Quantos vimos, oh! de todos os gêneros, cair triste e deploravelmente no terreno escorregadio do orgulho e da vaidade! Pode-se, pois, esperar ver surgir uma multidão de médiuns curadores. Nesse número, vários deles permanecerão como frutos secos e se eclipsarão, depois de terem brilhado passageiramente, enquanto outros continuarão a elevar-se.

Eis um exemplo disto, que há seis meses nos assinalava um de nossos correspondentes. Num Departamento do Sul, um médium que se tinha revelado como curador, havia operado várias

curas notáveis e sobre ele repousavam grandes esperanças. Sua faculdade apresentava particularidades que deram, num grupo, a idéia de fazer um estudo a respeito. Eis a resposta que obtiveram dos Espíritos, e que nos foi transmitida na ocasião. Ela pode servir de instrução a todos.

"X... realmente possui a faculdade de médium curador notavelmente desenvolvida. Infelizmente, como muitos outros, ele exagera muito o seu alcance. É um excelente rapaz, cheio de boas intenções, mas que um orgulho desmesurado e uma visão extremamente curta dos homens e das coisas farão periclitar prontamente. Seu poder fluídico, que é considerável, bem utilizado e secundado pela influência moral, poderia produzir excelentes resultados. Sabeis por que muitos de seus doentes só experimentam um bem-estar momentâneo, que desaparece quando ele não mais está lá? É que ele age somente por sua presença, mas nada deixa ao Espírito para triunfar dos sofrimentos do corpo.

"Quando parte, nada resta dele, nem mesmo o pensamento que segue o doente, no qual não pensa mais, ao passo que a ação mental poderia, em sua ausência, continuar a ação direta. Ele acredita em seu poder fluídico, que é real, mas cuja ação não é persistente, porque não é corroborada pela influência moral. Quando tem sucesso, fica mais satisfeito por ser notado do que por ter curado; e, contudo, é sinceramente desinteressado, pois coraria se recebesse a menor remuneração. Embora não seja rico, jamais pensou em fazer disto um recurso. O que deseja é que falem dele. Falta-lhe também a afabilidade de coração, que atrai. Os que vêm a ele ficam chocados por suas maneiras, que não geram simpatia, resultando uma falta de harmonia que prejudica a assimilação dos fluidos. Longe de acalmar e apaziguar as más paixões, ele as excita, crendo fazer o que é preciso para as destruir, e isto pela falta de raciocínio. É um instrumento desafinado; por vezes dá sons harmoniosos e bons, mas o conjunto só pode ser mau, ou, pelo menos, improdutivo. Também não é útil à causa quanto o poderia;

a maior parte das vezes a prejudica, porque, por seu caráter, faz apreciar muito mal os resultados. É desses que pregam com violência uma doutrina de doçura e de paz."

P. – Então pensais que ele perderá o seu poder curador?

Resp. – Estou persuadido disto, a menos que ele entrasse no bom caminho, o que, infelizmente, não o creio capaz. Os conselhos seriam supérfluos, porque está convicto de saber mais que todo o mundo. Talvez parecesse escutá-los, mas não os seguiria. Assim, perde duplamente o benefício de uma excelente faculdade.

O acontecimento justificou a previsão. Mais tarde soubemos que esse médium, depois de uma série de insucessos que seu amor-próprio teve de sofrer, tinha renunciado a novas tentativas de curas.

O poder de curar é independente da vontade do médium; é um fato constatado pela experiência. O que depende dele são as qualidades que podem tornar esse poder frutuoso e *durável*. Essas qualidades são, sobretudo, o devotamento, a abnegação e a humildade. O egoísmo, o orgulho e a cupidez são pontos de parada, contra os quais se quebra a mais bela faculdade.

O verdadeiro médium curador, o que compreende a santidade de sua missão, é movido pelo único desejo do bem; não vê no dom que possui senão um meio de tornar-se útil aos semelhantes, e não um degrau para elevar-se acima dos outros e pôr-se em evidência. É humilde de coração, isto é, nele a humildade e a modéstia são sinceras, reais, sem pensamento dissimulado, e não em palavras, que muitas vezes desmentem os atos. A humildade por vezes é um manto, sob o qual se abriga o orgulho, mas que não poderia iludir ninguém. Não procura o brilho, nem a fama, nem o ruído de seu nome, nem a satisfação de sua vaidade; não há, em suas maneiras, nem jactância, nem bazófia; não exibe as curas que

realiza, ao passo que o orgulhoso as enumera com complacência, muitas vezes as amplifica, e acaba por se convencer de que fez tudo o que diz.

Feliz pelo bem que faz, não o é menos pelo que outros podem fazer; não se julgando o primeiro nem o último capaz, não inveja nem denigre nenhum médium. Para ele, os que possuem a mesma faculdade são irmãos que concorrem para o mesmo objetivo: ele diz que quanto mais os houver, maior será o bem.

Sua confiança em suas próprias forças não vai até a presunção de se julgar infalível e, ainda menos, universal; sabe que outros podem tanto ou mais que ele; sua fé é mais em Deus do que em si mesmo, pois sabe que tudo pode por ele, e nada sem ele. Eis por que nada promete, a não ser sob a reserva da permissão de Deus.

À influência material, junta a influência moral, auxiliar poderoso que dobra sua força. Por sua palavra benevolente, encoraja, levanta o moral, faz nascer a esperança e a confiança em Deus. Já é uma parte da cura, porque é uma consolação que predispõe a receber o eflúvio benéfico ou, melhor dizendo, o pensamento benevolente que é, por si só, um eflúvio salutar. Sem a influência moral, o médium só tem em si a ação fluídica, material e, de certo modo, brutal, insuficiente em muitos casos.

Enfim, para aqueles que possuem as qualidades do coração, o doente é atraído por uma simpatia que predispõe à assimilação dos fluidos, enquanto o orgulho e a falta de benevolência chocam e fazem experimentar um sentimento de repulsa, que paralisa essa assimilação.

Tal é o médium curador estimado pelos Espíritos bons. Tal é, também, a medida que pode servir para julgar o valor intrínseco dos que se revelarem e a extensão dos serviços que poderão prestar à causa do Espiritismo. Isto não significa que não

se encontrem médiuns senão nestas condições, e que aquele que não reunisse todas as qualidades não possa momentaneamente prestar serviços parciais, sendo, pois, um erro o repelir. O mal é para ele, porque, quanto mais se afasta do modelo, menos pode esperar ver sua faculdade desenvolver-se e mais perto se acha de seu declínio. Os Espíritos bons só se ligam aos que se mostram dignos de sua proteção, e a queda do orgulhoso, mais cedo ou mais tarde, é a sua punição. O desinteresse é incompleto sem o desinteresse moral.

Subscrição em Favor dos Inundados

A Sociedade Espírita de Paris, em sua sessão de reabertura de 5 de outubro, abriu uma subscrição em favor dos inundados. Um primeiro depósito de 300 francos foi feito em seu nome no escritório do *Moniteur universel*. As subscrições continuarão a ser recebidas no escritório da *Revista Espírita*.

Allan Kardec

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO IX DEZEMBRO DE 1866 Nº 12

O Lavrador Thomas Martin e Luís XVIII

As revelações feitas a Luís XVIII por um lavrador da Beauce, pouco depois da segunda entrada dos Bourbons, tiveram no tempo uma grande repercussão e, ainda hoje, a sua lembrança não se apagou. Mas poucas pessoas conhecem os detalhes deste incidente, cuja chave agora só o Espiritismo pode dar, como de todos os fatos deste gênero. É um assunto de estudo muito interessante, porque os fatos, quase contemporâneos, são de perfeita autenticidade, já que são constatados por documentos oficiais. Dar-lhe-emos um resumo sucinto, mas suficiente para que sejam apreciados.

Thomas-Ignace Martin era um pequeno lavrador do burgo de Gallardon, situado a quatro léguas de Chartres. Nascido em 1783, tinha, por conseguinte, trinta e três anos quando se deram os acontecimentos que vamos relatar. Morreu no dia 8 de maio de 1834. Era casado, pai de quatro filhos menores e gozava em sua comuna da reputação de um homem perfeitamente honesto. Os relatórios oficiais o descrevem como um homem de bom-senso,

embora de grande ingenuidade, por conta de sua ignorância das coisas mais vulgares; de caráter brando e pacífico, não se metia em nenhuma intriga; de perfeita retidão em todas as coisas e de completo desinteresse, de que deu numerosas provas, o que exclui toda idéia de ambição de sua parte. Assim, quando voltou à sua cidade após a visita ao rei, retomou suas ocupações habituais como se nada tivesse acontecido, evitando mesmo falar do que lhe havia sucedido.

Ao partir para Paris, o diretor do hospício de Charenton teve o maior trabalho do mundo para fazê-lo aceitar 25 francos para as despesas de viagem. No ano seguinte, estando sua mulher grávida do quinto filho, uma pessoa distinta por sua posição e que conhecia a mediocridade de sua fortuna, mandou propor por um terceiro, 150 francos para cobrir as necessidades nessa circunstância. Martin recusou, dizendo: "Só pode ser por causa destas coisas que me acontecem que me oferecem dinheiro, porque, sem isto, não falariam de mim, nem mesmo me conheceriam. Mas *como a coisa não vem de mim, nada devo receber por isto.* Assim, agradecei a essa pessoa porque, embora eu não seja rico, nada quero receber." Em outras circunstâncias recusou somas mais consideráveis, que o teriam deixado à vontade.

Martin era simples, mas nem crédulo, nem supersticioso; praticava seus deveres religiosos escrupulosamente, mas sem exagero ou ostentação e sempre justo no estrito limite do necessário, visitando seu cura no máximo uma vez por ano. Por conseguinte, nele não havia nem falsa devoção, nem superexcitação religiosa. Nada em seus hábitos e em seu caráter era susceptível de exaltar-lhe a imaginação. Tinha visto com prazer a volta dos Bourbons, mas sem se ocupar de política de modo algum e sem se envolver com qualquer partido. Dedicado inteiramente ao trabalho dos campos, desde a infância, não lia livros nem jornais.

Compreende-se facilmente a importância dessas informações sobre o caráter de Martin no caso de que se trata. Desde que um homem não é movido nem pelo interesse, nem pela ambição, nem pelo fanatismo, nem pela credulidade supersticiosa, conquista sérios títulos à confiança. Ora, eis de modo sumário como se passaram os acontecimentos que lhe sucederam.

No dia 15 de janeiro de 1816, por volta das duas e meia da tarde, ele estava só, ocupado em adubar um campo a três quartos de légua de Gallardon, num cantão muito deserto, quando, de repente, se lhe apresentou um homem de cerca de cinco pés e uma ou duas polegadas, corpo delgado, rosto afilado, delicado e muito branco, vestindo uma levita ou redingote dourado, totalmente abotoado e caindo até os pés, com os sapatos amarrados com cordões e com um chapéu redondo de copa alta. Esse homem disse a Martin:

"Deveis ir ao encontro do rei e lhe dizer que sua pessoa corre perigo, bem como a dos príncipes; que gente má ainda tenta derrubar o governo; que vários escritos ou cartas já circulam em algumas províncias de seus Estados a esse respeito; que é preciso que exerça uma polícia rigorosa e geral em todos os seus Estados e, sobretudo, na capital; que também é preciso que reabilite o dia do Senhor, a fim de que o santifiquem, pois esse dia santo é desconhecido por grande parte de seu povo; que mande interromper os trabalhos públicos nesses dias; que faça ordenar preces públicas pela conversão do povo; que o estimule à penitência; que mande abolir e aniquilar todas as desordens que se cometem nos dias que antecedem a quaresma; a não ser assim, a França cairá em novas desgraças."

Um pouco surpreso pela súbita aparição, Martin lhe respondeu: "Mas bem podeis ir encontrar outros, que não eu, para uma incumbência como esta. Não é com mãos assim (sujas de esterco) que vou falar ao rei!"

– Não, replicou o desconhecido, sois vós que ireis. – Mas, replicou Martin, já que sabeis tanto, bem podeis ir vós mesmo procurar o rei e lhe dizer tudo isto. Por que vos dirigis a um pobre homem como eu, que nem sabe explicar-se? – Não serei eu a ir, disse o desconhecido, sereis vós; prestai atenção no que digo e fazei tudo o que vos ordeno.

Depois destas palavras Martin o viu desaparecer mais ou menos assim: seus pés pareceram elevar-se do solo, a cabeça baixar e o corpo, se encolhendo, acabou por desaparecer à altura da cintura, como se se tivesse evaporado no ar. Mais espantado por esta maneira de desaparecer do que pela aparição súbita, Martin quis ir-se embora, mas não pôde; ficou, mau grado seu, e voltou à sua tarefa que, devendo durar duas horas e meia, não durou senão hora e meia, o que redobrou o seu espanto.

Talvez achem pueris certas recomendações que Martin deveria fazer ao rei, sobretudo no que concerne à observação do domingo, em relação ao meio, aparentemente sobrenatural, empregado em lhas transmitir, e às dificuldades que tal providência deveria encontrar. Mas é provável que não fosse senão uma espécie de passaporte para chegar a ele, porque o objetivo principal da revelação, que era muito mais grave, não devia ser conhecido, como se verá mais tarde, senão no momento da entrevista. O essencial era que Martin pudesse chegar até o rei, e para isso a intervenção de alguns membros do alto clero era necessária. Ora, sabe-se a importância que o clero atribui à observação do domingo; como o soberano não haveria de sensibilizar-se, quando a voz do céu ia fazer-se ouvir por um milagre? Convinha, pois, favorecer Martin, em vez de o desanimar. Todavia, era preciso que as coisas marchassem por si mesmas.

Martin apressou-se em contar ao seu irmão o que lhe tinha acontecido e ambos foram comunicá-lo ao cura da paróquia, o Sr. Laperruque, que se esforçou por dissuadir Martin a levar a coisa à conta de sua imaginação.

No dia 18, às seis horas da tarde, tendo Martin descido ao porão para apanhar batatas, o mesmo indivíduo lhe apareceu de pé, ao seu lado, enquanto estava ajoelhado, ocupado em as recolher. Apavorado, lá deixa a candeia e foge. No 18, nova aparição à entrada de um lagar e Martin ainda foge.

No domingo, 21 de janeiro, Martin entrava na igreja à hora das vésperas; quando tomava água benta, percebeu o desconhecido, que também a tomava e que o seguiu até a entrada de seu banco. Durante toda o desenrolar do ofício esteve muito recolhido e Martin notou que ele não tinha o chapéu na cabeça nem nas mãos. Ao sair da igreja o seguiu até sua casa, caminhando ao seu lado, com o chapéu na cabeça. Chegados ao portão largo, achou-se de repente diante dele, face a face, e lhe disse: "Desobrigai-vos de vosso encargo e fazei o que vos disse; não vos deixarei em paz enquanto vossa obrigação não for cumprida." Mal pronunciou estas palavras, desapareceu, sem que desta vez, nem das aparições seguintes, Martin o tivesse visto desaparecer gradualmente, como da primeira vez. Em 24 de janeiro, nova aparição no celeiro, seguida destas palavras: "Fazei o que vos ordeno; é tempo."

Notemos estes dois modos de desaparecimento: o primeiro, que não poderia ser o caso de um ser corporal em carne e osso, sem dúvida tinha por objetivo provar que era um ser fluídico, estranho à humanidade material, circunstância que deveria ser realçada 50 anos mais tarde e explicada pelo Espiritismo, cujas doutrinas confirmava, ao mesmo tempo que devia fornecer um assunto de estudo.

Sabe-se que nestes últimos tempos a incredulidade procurou explicar as aparições por efeitos de óptica e que, quando apareceram em alguns teatros fenômenos artificiais deste gênero, produzidos por uma combinação de espelhos e luzes, houve uma grita geral na imprensa, para dizer: "Eis, enfim, descoberto o

segredo de todas as aparições! É com o auxílio de tais meios que essa crença absurda se espalhou em todos os tempos e que pessoas crédulas se deixaram iludir por subterfúgios!"

Nós refutamos, como não podia deixar de ser (*Revista*, julho de 1863), essa estranha explicação, digna contrapartida do famoso músculo estalante, do doutor Jobert de Lamballe, que acusava todos os espíritas de loucos e que ele mesmo, infelizmente, mofou vários anos num hospício de alienados. Mas perguntaremos, no caso de que aqui se trata, por que e como os aparelhos desta natureza, necessariamente complicados e volumosos, poderiam ter sido dispostos e manobrados num campo isolado de qualquer habitação, e onde Martin se achava absolutamente só, sem que nada tivesse percebido? Como esses mesmos aparelhos, que funcionam na obscuridade com o auxílio de luzes artificiais, poderiam ter produzido uma imagem em pleno sol? Como poderiam ter sido instantaneamente transportados para o porão e para o celeiro, locais que pouco se prestam a maquinações, para a igreja e daí seguir Martin até sua casa, sem que ninguém tivesse notado algo? Essas espécies de imagens artificiais são vistas por todos os espectadores. Como é que na igreja, e ao sair da igreja, somente Martin viu o indivíduo? Dirão que nada viu, mas que, de boa-fé, foi vítima de uma alucinação? Este explicação é desmentida pelo fato material das revelações feitas ao rei e que, como se verá, não podiam ser conhecidas previamente por Martin. Há nisso um resultado positivo, material, que não é peculiar às ilusões.

O cura de Gallardon, a quem Martin dava fiel conta das aparições, e que lhes tomava nota exata, julgou por bem se dirigir ao seu bispo, em Versalhes, para o qual lhe deu uma carta de recomendação circunstanciada. Lá, Martin repetiu tudo quanto havia visto e, depois de diversas perguntas, o bispo o encarregou de perguntar ao desconhecido, de sua parte, se ele se apresentaria, seu nome, quem era e quem o enviara, recomendando-lhe que dissesse tudo ao seu cura.

Alguns dias depois do regresso de Martin, o sr. cura recebeu uma carta de seu bispo, pela qual lhe testemunhava que o homem que lhe tinha enviado parecia ter grandes luzes sobre o objetivo importante de que tratava. A partir daí estabeleceu-se uma correspondência contínua entre o bispo e o cura de Gallardon. O monsenhor, por seu lado, em face da gravidade da primeira aparição, julgou por bem fazer desta um caso ministerial e de polícia; em conseqüência, enviava todo relatório que recebia do sr. cura ao Sr. Decazes, ministro da polícia geral.

Terça-feira, 30 de janeiro, o desconhecido apareceu novamente a Martin e lhe disse: "Vossa incumbência está bem começada, mas os que a têm nas mãos, dela não se ocupam; eu estava presente, embora invisível, quando fizestes vossa declaração; foi-vos dito para perguntar meu nome e da parte de quem eu vinha; meu nome ficará ignorado, e aquele que me enviou (mostrando o Céu) está acima de mim. – Por que vos dirigis sempre a mim, replicou Martin, para uma missão como esta, logo eu que sou apenas um camponês? Há tanta gente de espírito! – É para abater o orgulho, disse o desconhecido, mostrando a terra; não deveis vos orgulhar do que vistes e ouvistes, porque o orgulho desagrada soberanamente a Deus; praticai a virtude; assisti aos ofícios que se fazem em vossa paróquia aos domingos e dias de festa; evitai os cabarés e as más companhias, onde se cometem toda sorte de impurezas e onde imperam as más conversas. Não façais nenhum carreto aos domingos e feriados."

Durante o mês de fevereiro, o desconhecido ainda apareceu várias vezes a Martin, dizendo-lhe, entre outras coisas: "Persisti, ó meu amigo, e conseguireis. Aparecereis diante da incredulidade e a confundireis; tenho ainda outra coisa a vos dizer que os convencerá e nada terão a responder. – Apressai vossa missão; não fazem nada do que vos tenho dito; os que têm o caso nas mãos estão inebriados de orgulho; a França está num estado de delírio; será entregue a toda sorte de desgraças. – Ireis encontrar o

rei; dir-lhe-eis o que anunciei; ele poderá admitir consigo seu irmão e seus sobrinhos. Quando estiverdes diante do rei eu vos descobrirei coisas secretas do tempo de seu exílio, mas cujo conhecimento só vos será dado no momento em que fordes levado à sua presença."

Entrementes, o Sr. conde de Breteuil, prefeito de Chartres, recebeu uma carta do ministro da polícia geral, que o convidava a verificar "se essas aparições dadas como miraculosas não eram antes um jogo da imaginação de Martin, verdadeira ilusão de seu espírito exaltado, ou, enfim, se o pretenso enviado desconhecido e, talvez, o próprio Martin, não deveriam ser severamente examinados pela polícia e em seguida entregues aos tribunais."

No dia 5 de março Martin recebeu a visita de seu desconhecido, que lhe disse: "Em breve comparecereis perante o primeiro magistrado de vosso Departamento; é preciso que relateis as coisas como vos são anunciadas; não deveis levar em consideração nem a qualidade nem a dignidade."

Martin não tinha sido informado de que devia ir ao prefeito; aqui, portanto, não se trata de simples comunicação sobre uma coisa vaga: é a previsão de um fato que vai realizar-se. Isto é constantemente repetido durante a série desses acontecimentos; Martin sempre foi informado por seu desconhecido do que lhe aconteceria, das pessoas em presença das quais iria encontrar-se, dos lugares onde seria conduzido. Ora, isto não é o resultado da ilusão e das coisas quiméricas. Desde que o indivíduo diz a Martin: amanhã vereis tal pessoa, ou sereis conduzido a tal lugar e a coisa se realiza, é um fato positivo que não pode resultar da imaginação.

No dia seguinte, 6 de março, acompanhado pelo sr. cura, Martin foi à casa do prefeito, em Chartres. Inicialmente este se entreteve longamente em particular com o sr. cura; depois,

mandando entrar Martin, perguntou: "Mas se eu o algemasse e prendesse por anunciar semelhantes coisas, continuaríeis a dizer o que enunciais? – Como quiserdes, respondeu Martin sem se intimidar; não posso dizer senão a verdade. – Mas, prosseguiu o sr. prefeito, se aparecêsseis diante de uma autoridade superior à minha, por exemplo, perante o ministro, sustentaríeis o que acabais de dizer-me? – Sim, senhor, replicou Martin, e diante do próprio rei."

Surpreendido por tanta segurança, aliada a tamanha simplicidade, e mais ainda pelos estranhos relatos que lhe havia feito o cura, o prefeito decidiu-se a enviar Martin ao ministro. No dia seguinte, 7 de março, Martin partia com destino a Paris, escoltado pelo Sr. André, tenente de polícia, que tinha ordem de vigiar todos os seus passos e de não o deixar nem de dia, nem de noite. Hospedaram-se na Rua Montmartre, "hôtel de Calais", num quarto de dois leitos. Na sexta-feira, 8 de março, o Sr. André conduziu Martin ao quartel-general da polícia. Ao entrar no pátio do hotel, o desconhecido se lhe apresentou e disse: "Ireis ser interrogado de várias maneiras; não vos amedronteis nem vos inquieteis, mas dizei as coisas como elas são." Depois destas palavras, desapareceu.

Não relataremos aqui todos os interrogatórios a que foi submetido Martin, pelo ministro e seus secretários, sem que ele se deixasse intimidar pelas ameaças, nem se desconcertar pelas armadilhas que lhe estendiam, para fazê-lo cair em contradição, confundindo seus interrogadores por suas respostas cheias de senso e de sangue-frio. Tendo Martin descrito seu desconhecido, o ministro lhe disse: "Pois bem! não o vereis mais, porque acabo de o prender. – Eh! Como pudeste prendê-lo, redargüiu Martin, já que ele desaparece como um relâmpago? – Se desaparece para vós, retomou o ministro, não desaparece para todo o mundo. E dirigindo-se a um de seus secretários: Ide ver se esse homem que mandei prender ainda está na prisão."

Alguns instantes depois o secretário voltou e respondeu: "Senhor, ele está sempre lá. – Pois bem! disse Martin, se o prendestes e mo mostrardes, eu o reconhecerei; eu o vi muitas vezes para isto."

A seguir veio um homem que examinou cuidadosamente a cabeça de Martin, afastando seus cabelos à direita e à esquerda; o ministro também fez o mesmo, sem dúvida para verificar se não tinha qualquer sinal indicador de loucura, ao que Martin se contentava em dizer: "Olhai quanto quiserdes, jamais adoeci em minha vida."

Voltando ao hotel, à noite Martin disse ao Sr. André: "Mas o ministro me tinha dito que havia posto na prisão o homem que me aparecia. Então o soltou, pois me apareceu depois e me disse: Fostes interrogado hoje, mas não querem fazer o que eu disse. Aquele que vistes esta manhã quis que acreditásseis que me haviam detido; dizei-lhe que ele não tem nenhum poder sobre mim e que já é tempo para o rei ser avisado." No mesmo instante o Sr. André foi fazer o seu relatório à polícia, enquanto Martin, sem se inquietar, deitou e dormiu sossegadamente.

No dia seguinte, 9, tendo Martin descido para pedir as botas do tenente, o desconhecido se apresentou no meio da escada e lhe disse: "Sereis visitado por um médico que vem constatar se tendes a imaginação impressionável ou se perdestes a cabeça; mas os que o enviam são mais loucos do que vós." Com efeito, no mesmo dia o célebre alienista, Sr. Pinel, veio visitá-lo e o submeteu a um interrogatório apropriado a esse gênero de informação. "A despeito de sua habilidade – diz o relatório – foi incapaz de obter qualquer indicação, por menor que fosse, de provável alienação. Suas pesquisas não levaram senão a uma simples conjectura da *possibilidade* de alucinação e de mania intermitente."

Para certas pessoas, parece que nada mais é preciso para ser tachado de loucura: basta não pensar como eles. Eis por que os que crêem em alguma coisa do outro mundo passam por loucos aos olhos dos que em nada acreditam.

Depois da visita do doutor Pinel, o desconhecido apresentou-se a Martin e lhe disse. "É preciso que vades falar ao rei. Quando estiverdes em sua presença eu vos inspirarei sobre o que devereis dizer-lhe. *Sirvo-me de vós para abater o orgulho e a incredulidade*. Tratam de afastar o caso, mas se não conseguirdes o vosso intento, ele será desvendado por outra via."

No dia 10 de março, estando Martin em seu quarto, o desconhecido lhe apareceu e disse: "Eu havia dito que meu nome ficaria ignorado, mas, já que a incredulidade é tão grande, é preciso que vos revele o meu nome. Sou o anjo Rafael, anjo muito famoso junto a Deus. Tenho o poder de ferir a França com toda a sorte de flagelos." A estas palavras, Martin foi tomado de pavor e sentiu uma espécie de crispação.

Outro dia, tendo saído com Martin o Sr. André encontrou um oficial amigo seu, com o qual conversou durante uma hora, em inglês, língua que naturalmente Martin não entendia. No dia seguinte o desconhecido, que ele agora chama anjo, lhe disse: "Os que ontem estavam convosco falaram a vosso respeito, mas não entendíeis sua linguagem; disseram que vínheis para falar ao rei e um disse que quando voltasse à sua terra o outro lhe daria notícias, para saber como a coisa se teria passado." O Sr. André, a quem Martin dava conta de todas as suas conversas com o desconhecido, ficou muito surpreendido por ver que o que tinha dito em inglês, para não ser compreendido pelo camponês, estava descoberto.

Embora o relatório do doutor Pinel não concluísse pela loucura, mas apenas por uma *possibilidade* de alucinação, Martin não

deixou de ser levado ao hospício de Charenton, onde ficou de 13 de março a 2 de abril. Lá foi objeto de minuciosa vigilância e submetido ao estudo especial dos especialistas. Igualmente fizeram inquéritos em sua terra, sobre os seus antecedentes e os de sua família, sem que, a despeito de todas as investigações, tivessem constatado a menor aparência ou causa predeterminante de loucura. Para render homenagem à verdade, deve-se dizer que ali foi sempre tratado com muita atenção da parte do Sr. Royer-Collard, diretor-chefe da casa, e por outros médicos, e que não o submeteram a nenhum desses tratamentos em uso nesses tipos de estabelecimentos. Se ali foi colocado, era bem menos por medida de seqüestro do que para ter mais facilidade de observar o seu real estado de espírito.

Durante sua estada em Charenton, teve visitas muito freqüentes de seu desconhecido, as quais não apresentaram nenhuma particularidade notável, a não ser esta em que lhe disse: "Haverá discussões: uns dirão que é imaginação; outros, que é um anjo de luz; outros, ainda, que é um anjo das trevas. Eu vos permito que me toqueis." Então, contou Martin, ele me tomou a mão direita e a apertou; depois abriu o redingote pela frente e, quando este estava aberto, pareceu-me mais brilhante que os raios do Sol. Não pude encará-lo; fui obrigado a pôr a mão em frente aos olhos. Quando ele fechou o redingote, nada mais vi brilhando; ele me pareceu como antes. Esse abrir e fechar se operaram sem nenhum movimento de sua parte.

Outra vez, quando escrevia ao seu irmão, viu ao seu lado o desconhecido, que lhe ditou uma parte da carta, lembrando as predições que havia feito sobre as desgraças de que a França estava ameaçada. Eis, pois, Martin ao mesmo tempo médium vidente e escrevente.

Por mais cuidado que tivessem tomado para que o caso não se espalhasse, este não deixou de causar certa sensação nas

altas rodas oficiais. Entretanto, é provável que tivesse dado em nada, se o arcebispo de Reims, grande capelão de França, depois arcebispo de Paris e cardeal Périgord, nele não se tivesse interessado. Falou a Luís XVIII e lhe propôs receber Martin. O rei lhe declarou que ainda não tinha ouvido falar do caso, tanto é certo que, muitas vezes, os soberanos são os últimos a saber o que se passa em seu redor e mais lhes interessa. Em conseqüência, ordenou que Martin lhe fosse apresentado.

Em 2 de abril Martin foi conduzido de Charenton à casa do ministro da polícia-geral. Enquanto esperava o momento de ser recebido, seu desconhecido lhe apareceu e disse: "Ireis falar ao rei e estareis só com ele; não temais aparecer diante dele; quanto ao que tereis a lhe dizer, as palavras vos virão à boca." Foi a última vez que o viu. O ministro o acolheu com muita benevolência e disse que o mandaria levar ao Palácio das Tulherias.

Geralmente acredita-se que Martin veio por si mesmo a Paris, apresentou-se no palácio, insistindo em falar ao rei; que, repelido, voltou à carga com tanta persistência que Luís XVIII, tendo sido informado, ordenou que o fizessem entrar. Como se vê, as coisas se passaram de outro modo. Não foi senão em 1828, quatro anos depois da morte do rei, que ele deu a conhecer as particularidades secretas que lhe revelou e que lhe causaram profunda impressão, pois tal era o objetivo essencial dessa visita; os outros motivos alegados, como dissemos, não passaram de um meio de chegar a ele. Seu desconhecido lhe deixou ignorar essas coisas até o último momento, temendo que uma indiscrição arrancada pelo artifício dos interrogatórios fizesse o projeto fracassar, o que inevitavelmente teria ocorrido. Depois de sua visita ao rei, Martin foi despedir-se do diretor de Charenton e partiu imediatamente para sua terra, onde retomou o curso habitual de seus trabalhos, sem jamais se atribuir qualquer mérito pelo que lhe tinha acontecido.

O objetivo a que nos propúnhamos neste relato era mostrar os pontos pelos quais ele se liga ao Espiritismo. Sendo as particularidades reveladas a Luís XVIII estranhas ao nosso assunto, abster-nos-emos de as mencionar. Diremos apenas que elas se referiam a coisas de família da maior intimidade; comoveram o rei a ponto de o fazer chorar muito, declarando este mais tarde que as coisas que lhe tinham sido reveladas só eram conhecidas por Deus e por ele. Elas tiveram por conseqüência fazê-lo renunciar à sagração, cujos preparativos já haviam sido ordenados.[25]

Não reportaremos dessa entrevista senão algumas passagens da ata escrita em 1828, ditada pelo próprio Martin, onde se descreve o caráter e a simplicidade do homem.

"Chegamos às Tulherias pelas três horas e sem que ninguém houvesse dito algo. Chegamos até o primeiro oficial de Luís XVIII, a quem foi entregue uma carta e que, depois de a ter lido, me disse: Segui-me. Paramos por alguns momentos, porque o Sr. Decazes estava com o rei. Quando o ministro saiu eu entrei e, antes que eu dissesse uma palavra o rei ordenou ao oficial que se retirasse e fechasse as portas.

O rei estava sentado à sua mesa, diante da porta. Havia penas, papéis e livros. Saudei o rei, dizendo: "Senhor, eu vos saúdo." O rei me disse: "Bom-dia, Martin." Então falei com meus botões: Ele sabe o meu nome. "Certamente, senhor, sabeis por que venho". – "Sim; sei que tendes algo a me dizer e disseram-me que era algo que só podeis dizer a mim. Sentai." Então eu me sentei numa poltrona em frente ao rei, de modo que só havia a mesa entre nós. Perguntei-lhe como passava. – O rei me disse: "Passo um

25 Os detalhes circunstanciados e as provas em apoio se acham numa obra intitulada: *O passado e o futuro explicados pelos acontecimentos extraordinários ocorridos a Thomas Martin, lavrador da Beauce*. – Paris, 1832, Casa BRICON livreiro, rue du Vieux-Colombier, 19; Marselha, mesma casa, rue du Saint-Sépulcre, 17. – Esta obra, hoje esgotada, é muito rara.

pouco melhor do que nestes dias passados; e vós, como passais? – Eu passo bem. – Qual o objetivo de vossa viagem? – E eu lhe disse: Podeis mandar chamar, se quiserdes, vosso irmão e seus filhos. O rei me interrompeu, dizendo: É inútil; eu lhes direi o que me tiverdes dito." Depois disto, contei ao rei todas as aparições que eu tinha tido e que estão na ata.

"Eu sei tudo isto; o arcebispo de Reims já mo havia dito tudo. Mas parece que tendes algo a me dizer em particular e em segredo." Então senti virem à minha boca as palavras que o anjo me havia prometido, e disse ao rei: "O segredo que tenho a vos dizer é que..." (Seguem detalhes sobre certas medidas a tomar e a maneira de governar, que, como as instruções dadas na continuação da conversa, não podiam ser inspiradas senão naquele momento, pois estão fora do alcance do grau de cultura de Martin).

"Foi a este relato que o rei, tocado de espanto e profundamente emocionado, disse: 'Ó meu Deus! ó meu Deus! isto é bem certo; só eu, vós e Deus sabemos isto; prometei guardar o maior segredo sobre estas comunicações.' E eu lhe prometi. Depois disto eu lhe disse: 'Evitai fazer-vos sagrar; se o tentásseis, seríeis ferido de morte na cerimônia da sagração.' Desde esse momento até o fim da conversa o rei chorava sempre."

Quando terminei, ele me disse que o anjo que me havia aparecido era o que conduzia o jovem Tobias a Rages e que o fez casar. Depois perguntou qual de minhas mãos o anjo havia apertado. Eu respondi: "Esta", mostrando a direita. O rei ma tomou, dizendo: "Que eu toque a mão que o anjo apertou. Orai sempre por mim. – Claro, senhor; eu e minha família, assim como o sr. cura de Gallardon, temos sempre orado para que o caso tivesse bom termo."

Saudei o rei, dizendo-lhe: "Eu vos desejo boa saúde. Senhor, foi-me dito, uma vez cumprida minha missão junto a vós,

que vos pedisse permissão para voltar à minha família; que não o recusaríeis e que nada me sucederia de mal. – Nada sofrereis. Dei ordens para que vos despachassem. O ministro vai providenciar jantar e leito, e papéis para que possais voltar amanhã. – Mas eu ficaria contente se voltasse a Charenton para me despedir e apanhar uma camisa que lá deixei. – Não vos causa desgosto ficar em Charenton? Estáveis bem lá? – Nenhum desgosto; e se não tivesse certeza de lá ter estado bem, não pediria para voltar. – Pois bem! já que o desejais, o ministro vos conduzirá de minha parte."

Voltei a encontrar o meu condutor, que me esperava, e fomos juntos à casa do ministro.

Feito em Gallardon, em 9 de março de 1828.

Assinado: ***Thomas Martin***

A conversa de Martin com o rei durou pelo menos 55 minutos.

Se, depois de sua visita ao rei, Martin não mais viu seu desconhecido, as manifestações não deixaram de continuar sob outra forma; de médium vidente, tornou-se médium auditivo. Eis alguns fragmentos de cartas que ele escrevia ao antigo cura de Gallardon:

28 de janeiro de 1821

"Sr. cura, escrevo para vos dar conhecimento de uma coisa que me aconteceu. Terça-feira passada, 23 de janeiro, estando à charrua e sem ter visto ninguém, ouvi uma voz que me falou, dizendo: 'Filho de Japhet! pára e presta atenção nas palavras que te são dirigidas.' No mesmo instante os meus cavalos pararam, sem que eu nada tivesse dito, pois estava muito admirado. Eis o que me disseram: "Nesta grande região uma grande árvore será plantada e, na mesma cepa, será plantada outra que é inferior à primeira; a

segunda árvore tem dois galhos, dos quais um se quebrou e logo depois secou por um vento furioso e esse vento não cessou de soprar. No lugar desse galho surgiu outro, novo, tenro, que o substituiu; mas esse vento, que é sempre agitado, elevar-se-á um dia com tais abalos que... e depois desta catástrofe espantosa, os povos estarão na última desolação. Ora, meu filho, para que esses dias sejam abreviados; invoca o céu para que o vento fatal, saindo do noroeste, seja barrado por barreiras poderosas, e que seus progressos nada tenham de repugnante. Estas coisas são obscuras para ti, mas outros as compreenderão facilmente."

"Eis, senhor, o que me aconteceu terça-feira, cerca de uma hora da tarde. Não compreendo nada disto. Vós me direis, se compreenderdes alguma coisa. A ninguém falei de tudo isto, nem mesmo à minha mulher, pois o mundo é mau. Eu estava *resolvido* a guardar tudo isto em silêncio, mas me decidi a vos escrever hoje, porque esta noite não pude dormir e tenho tido sempre estas palavras na memória; rogo que as guardeis em segredo, porque o mundo zombaria delas. Senhor, trataram-me de filho de Japhet. Não conheço ninguém em nossa família com este nome. Talvez se tenham enganado ou me tomaram por outro."

8 de fevereiro de 1821

"Eu vos tinha proibido de falar do que vos contei; errei, porque isto não pode ficar oculto. Necessariamente é preciso que isto passe diante dos grandes e dos primeiros do Estado, para que se veja o perigo de que estão ameaçados, pois o vento de que vos falei antes vai provocar terríveis desastres, porque o vento sopra sempre em torno da árvore. Se não prestarem atenção a isto, em pouco esta estará derrubada. No mesmo momento outra árvore, com o que dela sai, experimentará a mesma sorte. Ontem a mesma voz me veio falar, e nada vi."

21 de fevereiro de 1821

"Senhor, esta manhã tive um grande pavor. Eram nove horas. Ouvi um grande barulho junto a mim e nada vi, mas ouvi falar, depois que o ruído cessou, e me disseram: Por que tivestes medo? não temais; não venho fazer mal algum. Estais surpreendido de ouvir falar e nada ver; não vos admireis; é preciso que as coisas sejam descobertas; *sirvo-me de vós para vos enviar, como sou enviado.* Os filósofos, os incrédulos, os ímpios não crêem que suas manobras sejam vistas, mas é preciso que sejam confundidos... Ficai tranqüilo, continuai a ser o que tendes sido; vossos dias estão contados e não vos escapará um só. Proíbo que vos prosterneis diante de mim, porque sou apenas um servo como vós."

"Senhor, eis o que me foi dito; não sei qual a pessoa que me fala; tem a voz bastante forte e muito clara. Tive a idéia de falar, mas não ousei, pois não vejo ninguém."

Resta saber qual é a individualidade do Espírito que se manifestou. Era, realmente, o anjo Rafael? Há fortes razões para o duvidar e haveria muitas coisas a dizer contra tal opinião. Mas, em nossa opinião, esta é uma questão secundária. O fato capital é o da manifestação, da qual não se poderia duvidar, cujos incidentes têm sua razão de ser pelo resultado proposto, e hoje têm o seu lado instrutivo.

Um fato que, sem dúvida, não terá escapado a ninguém, é o das palavras de Martin, a respeito de uma soma que lhe ofereceram: "Como a coisa não vem de mim, dizia ele, nada devo receber por isto." Eis, pois, um simples camponês, médium inconsciente que, há cinqüenta anos, época na qual se estava longe de pensar no Espiritismo, tem, por si mesmo, a intuição dos deveres impostos pela mediunidade, da santidade deste mandato. Seu bom-senso, sua lealdade natural lhe fazem compreender que o que vem de uma fonte celeste, e não dele mesmo, não deve ser pago.

Talvez se admirem das dificuldades que encontrou Martin para desempenhar a missão de que estava encarregado. Por que, dirão, os Espíritos não o fizeram chegar diretamente ao rei? Como vimos, essas dificuldades, essa lentidão tiveram sua utilidade. Era preciso que ele passasse por Charenton, onde sua razão foi submetida às investigações mais rigorosas da ciência oficial e pouco crédula, a fim de que fosse constatado que não era louco, nem exaltado. Como se viu, os Espíritos triunfaram dos obstáculos interpostos pelos homens, mas como estes têm o seu livre-arbítrio, não os podiam impedir de pôr entraves.

Notemos, a propósito, que Martin não fez, a bem dizer, nenhum esforço para chegar ao rei. As circunstâncias a isso o conduziram, quase que à sua revelia, e sem que tivesse sido necessário insistir muito. Ora, essas circunstâncias evidentemente foram conduzidas pelos Espíritos, agindo sobre o pensamento dos encarnados, porque a missão de Martin era séria e devia realizar-se.

Dá-se o mesmo em todos os casos análogos. Além da questão da prudência, é evidente que, sem as dificuldades que há de chegar a eles, os soberanos seriam assaltados por pretensos reveladores. Nestes últimos tempos, quanta gente se julgou chamada a semelhantes missões, que era apenas o resultado de obsessões, em que o seu orgulho era posto em jogo, mau grado seu, e não podia resultar senão em mistificações! A todos os que julgaram dever consultar-nos em semelhantes casos, sempre dissemos, demonstrando os sinais evidentes pelos quais se traem os Espíritos mentirosos: "Guardai-vos de qualquer manobra que, infalivelmente, vos levaria à confusão. Ficai certos de que se vossa missão for real, sereis postos em condições de realizá-la; que, num dado momento, se tiverdes de vos encontrar num certo lugar, a ele sereis conduzido, mau grado vosso, por circunstâncias que terão a aparência de ser um efeito do acaso. Além disso, assegurai-vos de que uma coisa, quando estiver nos desígnios de Deus, haverá de realizar-se, e que ele não subordina tal realização à boa ou à má

vontade dos homens. Desconfiai das missões fixadas e pregadas por antecipação, porque não passam de excitantes para o orgulho; as missões se revelam por fatos. Desconfiai também das predições em dia e hora certos, porque os Espíritos sérios jamais agem assim." Temos sido bastante felizes para deter algumas delas, a quem os acontecimentos puderam provar a prudência destes conselhos.

Como se vê, há mais de uma similitude entre estes fatos e os de Joana d'Arc, não que haja qualquer comparação a estabelecer quanto à importância dos resultados realizados, mas quanto à causa do fenômeno, que é exatamente a mesma e, até certo ponto, quanto ao objetivo. Como Joana d'Arc, Martin foi advertido por um ser do mundo espiritual para ir falar ao rei para salvar a França de um perigo e, também como ela, não foi sem dificuldade que chegou até ele. Há, todavia, entre as duas manifestações, esta diferença: Joana d'Arc apenas ouvia as vozes que a aconselhavam, ao passo que Martin via constantemente o indivíduo que lhe falava, não em sonho ou em sono extático, mas sob a aparência de um ser vivo, como o seria um agênere.

Mas de outro ponto de vista, os fatos acontecidos a Martin, embora menos retumbantes, nem por isso tiveram menor alcance, como prova da existência do mundo espiritual e de suas relações com o mundo corporal, e porque, sendo contemporâneos e de incontestável notoriedade, não podem ser postos no rol das histórias lendárias. Por sua repercussão, serviram de balizas ao Espiritismo, que devia, poucos anos depois, confirmar a sua possibilidade por uma explicação racional e, pela lei em virtude da qual se produzem, fazê-los passar do domínio do maravilhoso para o dos fenômenos naturais. Graças ao Espiritismo, não há uma só das fases apresentadas pelas revelações de Martin, das quais não se possa dar conta perfeitamente.

Martin era médium inconsciente, dotado de uma aptidão de que se serviram os Espíritos, como de um instrumento,

para chegar a um resultado determinado, e esse resultado estava longe de estar inteiro na revelação feita a Luís XVIII. O Espírito que se manifestou a Martin o caracteriza perfeitamente, dizendo; "Eu me sirvo de vós para abater o orgulho e a incredulidade." Esta é a missão de todos os médiuns destinados a provar, por fatos de todos os gêneros, a existência do mundo espiritual e de uma força superior à Humanidade, porque tal é o objetivo providencial das manifestações. Acrescentaremos que o próprio rei foi instrumento nesta circunstância. Era preciso uma posição tão elevada quanto a sua, a própria dificuldade de ale chegar, para que o caso tivesse repercussão, e a autoridade de uma coisa oficial. As minuciosas investigações a que Martin foi submetido só podiam aumentar a autenticidade dos fatos, porque não teriam tomado todas estas precauções para um simples particular. A coisa teria passado quase despercebida, ao passo que ainda hoje a recordam e ela fornece uma prova autêntica em apoio dos fenômenos espíritas.

O Príncipe de Hohenlohe Médium Curador

A mediunidade curadora está na ordem do dia, e tudo quanto se liga a esta questão oferece um interesse de atualidade. Tomamos do *Vérité*, de Lyon, de 21 de outubro de 1866, o artigo seguinte sobre as curas do príncipe de Hohenlohe, que fizeram grande sensação na época. Esta notícia faz parte de uma série de artigos muito instrutivos sobre os médiuns curadores.

A este respeito, sentimo-nos felizes por constatar que o *Vérité*, que está no seu quarto ano, prossegue com sucesso o curso de suas sábias e interessantes publicações, que projetam luz sobre a história do Espiritismo e no-lo mostram em toda parte, na antiguidade como nos tempos modernos. Se, sobre certos pontos, não partilhamos de todas as opiniões de seu principal redator, o Sr.

A. P..., não deixamos de reconhecer que, por suas laboriosas pesquisas, ele presta à causa um serviço real, que todos os espíritas sérios apreciam.

Com efeito, provar que a Doutrina Espírita atual é a síntese de crenças universalmente espalhadas, partilhadas por homens cuja palavra faz autoridade e que foram nossos primeiros mestres em filosofia, é mostrar que ela não se assenta sobre a base frágil da opinião de um só. Que desejam os espíritas, senão encontrar o maior número possível de aderentes às suas crenças? Para eles, isto deve ser uma satisfação e, ao mesmo tempo, uma consagração de suas idéias, encontrá-las mesmo antes deles. Jamais compreendemos que homens de bom-senso tenham podido concluir contra o Espiritismo moderno que ele não é o primeiro inventor dos princípios que proclama, ao passo que aí está precisamente o que constitui uma parte de sua força e deve acreditá-lo. Alegar a sua ancianidade para o denegrir, é mostrar-se soberanamente ilógico, e tanto mais desajeitado quanto ele jamais se atribuiu o mérito da primeira descoberta. É, pois, equivocar-se estranhamente sobre os sentimentos que animam os espíritas, atribuir a estes idéias muito estreitas, e uma tola pretensão pensar em os molestar, objetando-lhes que o que professam era conhecido antes deles, quando os espíritas são os primeiros a explorar o passado para aí descobrir os traços da ancianidade de suas crenças, que fazem remontar às primeiras idades do mundo, porque são fundadas em leis da Natureza, que são eternas.

Nenhuma grande verdade saiu, com todas as suas peças, do cérebro de um indivíduo; todas, sem exceção, tiveram precursores, que as pressentiram ou as entreviram em algumas partes. O Espiritismo se honra, pois, de contar os seus por milhares e entre os homens mais justamente considerados. Pô-los à luz é mostrar o número infinito de pontos pelos quais ele se liga à história da Humanidade.

Mas em parte alguma o Espiritismo encontra-se completo; sua coordenação em corpo de doutrina, com todas as suas conseqüências e suas aplicações, sua correlação com as ciências positivas, é uma obra essencialmente moderna, mas por toda parte encontram-se os seus elementos esparsos, misturados a crenças supersticiosas de que foi preciso fazer a triagem. Se se reunissem as idéias que se acham disseminadas na maioria das filosofias modernas, nos escritores sacros e profanos, os fatos inumeráveis e infinitamente variados que se produziram em todas as épocas, e que atestam as relações do mundo visível e do mundo invisível, chegar-se-ia a constituir o Espiritismo tal qual é hoje: é o argumento invocado contra ele por certos detratores. Foi assim que ele procedeu? É uma compilação de idéias antigas rejuvenescidas pela forma? Não; ele saiu todo inteiro das observações recentes, mas, longe de se julgar diminuído pelo que foi dito e observado antes dele, sente-se fortificado e engrandecido.

Uma história do Espiritismo antes da época atual ainda está por fazer. Um trabalho desta natureza, feito conscienciosamente, escrito com precisão, clareza, *sem desenvolvimentos supérfluos e fastidiosos*, que tornariam penosa sua leitura, seria uma obra eminentemente útil, um documento precioso a consultar. Seria antes uma obra de paciência e de erudição que uma obra literária, e que consistiria principalmente na citação das passagens dos diversos escritores que emitiram pensamentos, doutrinas ou teorias que se acham no Espiritismo de hoje. Aquele que fizer esse trabalho com seriedade terá muito merecido da Doutrina.

Voltemos ao nosso assunto, do qual, sem o querer, nos desviamos um pouco, mas talvez não sem utilidade.

O Espiritismo moderno não descobriu nem inventou a mediunidade curadora e os médiuns curadores, como não descobriu nem inventou os outros fenômenos espíritas. Desde que a mediunidade curadora é uma faculdade natural, submetida a uma

lei, como todos os fenômenos da Natureza, deve ter-se produzido em diversas épocas, como o constata a História; mas estava reservado ao nosso tempo, com o auxílio das novas luzes que possuímos, lhe dar uma explicação racional e fazê-la sair do domínio do maravilhoso. O príncipe de Hohenlohe nos oferece um exemplo, tanto mais notável porque os fatos se passaram antes que se cogitasse do Espiritismo e dos médiuns. Eis o resumo dado pelo jornal *Vérité*:

"No ano de 1829, veio a Wurtzbourg, cidade considerável da Baviera, um santo padre, o príncipe de Hohenlohe. Enfermos e doentes iram pedir-lhe, para obter do céu a sua cura, o socorro de suas preces. Ele invocava sobre eles as graças divinas, e logo se viu grande número desses infortunados curados de repente. O rumor dessas maravilhas repercutiu longe. A Alemanha, a França, a Suíça, a Itália, uma grande parte da Europa foram informadas disto. Numerosos escritos foram publicados, que perpetuarão a lembrança. Entre as testemunhas autênticas e dignas de fé, que certificam a realidade dos fatos, basta aqui transcrever algumas, cujo conjunto forma uma prova convincente.

"Preliminarmente, eis um extrato do que a respeito escreve o Sr. Scharold, conselheiro de legação em Wurtzbourg, e testemunha de grande parte das coisas que relata.

"Há dois anos, uma princesa de dezessete anos, Matilde de Schwartzemberg, filha do príncipe deste nome, achava-se na casa de saúde do Sr. Haine, em Wurtzbourg. Era-lhe absolutamente impossível andar. Em vão os médicos mais famosos da França, da Itália e da Áustria tinham esgotado todos os recursos de sua arte para curar a princesa desta enfermidade. Somente o Sr. Haine, que se tinha servido das luzes e da experiência do célebre médico Sr. Textor, tinha conseguido, graças aos cuidados prodigalizados à doente, pô-la em estado de ficar de pé, e ela própria, fazendo esforços, tinha conseguido executar alguns movimentos como para

andar, mas sem andar realmente. Pois bem! a 20 de junho de 1821 ela deixou o leito de repente e andou com inteira liberdade.

"Eis como a coisa se passou. Cerca de dez horas da manhã o príncipe de Hohenlohe foi visitar a princesa, que mora em casa do Sr. Reinach, deão do capítulo. Quando entrou em seu apartamento, perguntou-lhe, como em conversa, na presença de sua governanta, se acreditava firmemente que Jesus-Cristo pudesse curá-la de sua enfermidade. À sua resposta de que estava inteiramente persuadida, o príncipe disse à piedosa doente que orasse do mais profundo do coração e pusesse sua confiança em Deus.

"Quando ela parou de orar, o príncipe lhe deu sua bênção e disse: 'Vamos, princesa, levantai-vos; agora estais curada e podeis andar sem dores...' Todo mundo da casa foi chamado imediatamente. Não sabiam como exprimir o seu assombro por uma cura tão pronta e tão incompreensível. Todos caíram de joelhos na mais viva emoção e entoaram louvores ao Todo-Poderoso. Cumprimentaram a princesa por sua felicidade e juntaram suas lágrimas às que a alegria fazia correr de seus olhos.

"A notícia espalhou-se pela cidade e causou espanto. Corriam em multidão para se assegurarem do acontecimento pelos próprios olhos. No dia 21 de junho a princesa já se havia mostrado em público. Impossível descrever o êxtase que ela experimentou, vendo-se fora de seu estado de cruéis sofrimentos.

"No dia 25 o príncipe de Hohenlohe deu outro exemplo notável da graça que possui. A esposa de um ferreiro da Rua Semmels não ouvia mais as grandes marteladas de sua forja. Foi encontrar o príncipe no pátio do presbitério Hung e lhe suplicou que a socorresse. Enquanto estava ajoelhada, ele lhe impôs as mãos sobre a cabeça e, tendo orado algum tempo, com os olhos erguidos para o céu, tomou-a pela mão e a levantou. Qual

não foi o espanto dos espectadores quando essa mulher, erguendo-se, disse que ouvia o tilintar do relógio da igreja! Voltando para casa, não se cansava de contar a todos os que a interrogavam o que acabava de lhe acontecer.

"No dia 26, uma pessoa ilustre (o príncipe real da Baviera) foi curado imediatamente de uma doença que, segundo as regras da Medicina, devia exigir muito tempo e daria muito sofrimento. Esta notícia causou viva alegria nos corações dos habitantes de Wurtzbourg.

"O príncipe de Hohenlohe não foi menos feliz na cura de uma doente que duas vezes tinham tentado curar, mas que, de cada vez, só tinham obtido um ligeiro alívio. Esta cura foi operada na cunhada do Sr. Broili, negociante. Desde muito ela era afligida por uma paralisia muito dolorosa. A casa ribombou de gritos de alegria.

"No mesmo dia a viúva Balzano recuperou a vista, pois há vários anos estava completamente cega. Convenci-me por mim mesmo deste fato.

"Apenas saído do espetáculo desta cena tocante, fui testemunha de outra cura, operada na casa do Sr. general D... Uma jovem mulher tinha a mão direita tão gravemente estropiada, que não podia usá-la nem estendê-la. Ela imediatamente deu prova de sua perfeita cura, levantando com a mesma mão uma cadeira muito pesada.

"No mesmo dia um paralítico, cujo braço esquerdo se havia definhado, foi curado completamente. Uma cura de dois outros paralíticos ocorreu logo depois. Ela foi tão completa e ainda mais pronta.

"No dia 28 eu mesmo vi com que prontidão e segurança o príncipe de Hohenlohe curou crianças. Tinham-lhe

trazido uma do campo que só andava com muletas. Poucos minutos depois essa criança, transportada de alegria, corria sem muletas pelas ruas. Entrementes, uma criança muda, que apenas soltava alguns sons inarticulados, foi trazida ao príncipe; alguns minutos depois começou a falar. Logo uma pobre mulher trouxe sua filhinha às costas, estropiada das duas pernas; colocou-a aos pés do príncipe. Um momento depois ele entregou a criança à sua mãe, que então viu a filha correr e pular de alegria.

"No dia 29, uma mulher de Neustadt, paralítica e cega, foi-lhe trazida numa charrete. Estava cega há vinte e cinco anos. Cerca de três horas da tarde ela se apresentou no castelo da residência de nossa cidade, para implorar o socorro do príncipe de Hohenlohe, no momento em que ele entrava no vestíbulo, construído sob a forma de uma grande tenda. Caindo aos pés do príncipe, ela lhe suplicou, em nome de Jesus-Cristo, que a socorresse. O príncipe orou por ela, deu-lhe sua bênção e perguntou se acreditava firmemente que pudesse, em nome de Jesus, recobrar a vista. Como respondesse que sim, disse a ela que se levantasse. Retirou-se. Mal se havia afastado alguns passos, seus olhos abriram-se de repente. Ela viu e deu todas as provas que lhe pediram da faculdade que acabava de recobrar. Todas as testemunhas desta cura, entre as quais grande número de senhores da corte, ficaram extasiadas de admiração.

"A cura de uma mulher do hospital civil, que haviam trazido ao príncipe, não é menos admirável. Essa mulher, chamada Elisabeth Laner, filha de um sapateiro, tinha a língua tão vivamente afetada que, por vezes, passava quinze dias sem poder articular uma sílaba. Suas faculdades mentais tinham sofrido muito. Tinha perdido quase completamente o uso dos membros, de sorte que jazia no leito como uma massa. Pois bem! essa pobre infeliz foi hoje ao hospital sem ajuda de ninguém. Goza de todos os sentidos, como há doze anos, e sua língua soltou-se tão bem que ninguém no hospício fala com tanta volubilidade quanto ela.

"No dia 30, à tarde, o príncipe deu um exemplo extraordinário de cura. Uma carroça, em volta da qual estavam reunidos milhares de espectadores, tinha vindo de Musmerstadt. Nela estava um pobre estudante, paralítico dos braços e das pernas, definhados de maneira assustadora.

"Suplicado pelo infeliz para o aliviar, o príncipe veio à carroça. Orou cerca de cinco minutos, as mãos postas e erguidas para o céu. Falou várias vezes ao estudante e, enfim, lhe disse: 'Levantai-vos, em nome de Jesus-Cristo.' O estudante realmente se levantou, mas com sentimentos que não pôde dissimular. O príncipe lhe disse que não perdesse a confiança. O infortunado que, alguns minutos antes, não podia mover braços nem pernas, endireitou-se e ficou perfeitamente livre na carroça. Depois, erguendo os olhos para o céu, onde se viam desenhados o mais terno reconhecimento, exclamou: 'Ó Deus! vós me socorrestes!' Os espectadores não puderam conter as lágrimas.

"As curas miraculosas operadas em Wurtzbourg pelo príncipe de Hohenlohe poderiam oferecer assunto para mais de cem quadros de ex-voto."

Notar-se-á a impressionante analogia que existe entre estes fatos de cura e os de que somos testemunhas. O Sr. de Hohenlohe se achava nas melhores condições para o desenvolvimento de sua faculdade e, por isso, a conservou até o fim. Como nessa época não se conhecia a sua verdadeira origem, era considerada como um dom sobrenatural e o Sr. Hohenlohe como operante de milagres. Mas, por que é olhada por algumas pessoas como um dom do céu, e por outras como uma obra satânica? Não conhecemos nenhum médium curador que tenha dito tirar seu poder do diabo; todos, sem exceção, só operam invocando o nome de Deus e declarando nada poder fazer sem a sua vontade. Os mesmos que ignoram o Espiritismo e agem por intuição, recomendam a prece, na qual reconhecem um poderoso

auxiliar. Se agissem pelo demônio, seriam ingratos em o renegar, e este último não é tão modesto, nem tão desinteressado para deixar àquele que procura combater o mérito do bem que faz, porque isto seria perder seus auxiliares, em vez de os recrutar. Alguma vez se viu um negociante elogiar aos seus clientes a mercadoria de seu vizinho a expensas da sua e os compelir a ir a ele? Na verdade, têm razão de rir do diabo, porque dele fazem um ser muito tolo e muito estúpido.

A comunicação seguinte foi dada pelo príncipe de Hohenlohe na Sociedade de Paris.

(Sociedade de Paris, 26 de outubro de 1866 – Médium: Sr. Desliens)

Senhores, venho entre vós com tanto mais prazer quanto minhas palavras podem tornar-se para todos um útil assunto de instrução.

Frágil instrumento da Providência, pude contribuir para fazer glorificar o seu nome e venho de boa vontade entre aqueles que têm por objetivo principal conduzir-se segundo as suas leis, e progredir tanto quanto neles está o caminho da perfeição. Vossos esforços são louváveis e me considerarei como muito honrado por assistir algumas vezes aos vossos trabalhos. Vamos, então, desde já, às manifestações que provocaram minha presença entre vós.

Como dissestes com toda razão, a faculdade de que eu era dotado era simplesmente o resultado de uma mediunidade. Eu era instrumento; os Espíritos agiam e, se algo eu pude, não foi senão por meu grande desejo de fazer o bem e pela convicção íntima de que tudo é possível a Deus. Eu acreditava!... e as curas que obtinha vinham incessantemente aumentar a minha fé.

Como todas as faculdades mediúnicas, que hoje concorrem para a vulgarização do ensino espírita, a mediunidade

curadora foi exercida em todos os tempos e por indivíduos pertencentes às diversas religiões. – Deus espalha por toda parte seus mais adiantados servos, para deles fazer balizas de progresso, entre os próprios que estão mais afastados da virtude e, direi mesmo, sobretudo entre estes... Como um bom pai que ama igualmente todos os filhos, sua solicitude se manifesta sobre todos, mas mais particularmente sobre os que mais necessitam de apoio para avançar. – É assim que não é raro encontrar homens dotados de faculdades extraordinárias para a multidão, entre os simples. E, por esta palavra, eu entendo aqueles cuja pureza de sentimentos não foi ofuscada pelo orgulho e pelo egoísmo. É verdade que a faculdade também pode existir em pessoas indignas, mas *não é, nem poderia ser, senão passageira*. É um meio enérgico de lhes abrir os olhos: tanto pior para os que se obstinam em mantê-los fechados.

Entrarão novamente na obscuridade de onde saíram, com a confusão e o ridículo por cortejo, se mesmo Deus não punir, desde esta vida, seu orgulho e sua obstinação em desconhecer a sua voz.

Seja qual for a crença íntima de um indivíduo, se suas intenções forem puras, e se estiver inteiramente convencido da realidade do que crê, pode, em nome de Deus, operar grandes coisas. A fé transporta montanhas: dá a vista aos cegos e o entendimento espiritual aos que antes erravam nas trevas da rotina e do erro.

Quanto à melhor maneira de exercer a faculdade de médium curador, há apenas uma: *É ficar modesto e puro* e referir a Deus e às potências que dirigem a faculdade tudo o que se realiza.

Os que perdem os instrumentos da Providência é que não se julgam simples instrumentos; querem que seus méritos sejam em parte causa da escolha feita de sua pessoa; o orgulho os embriaga e o precipício se entreabre sob seus pés.

Educado na religião católica, penetrado da santidade de suas máximas, tendo fé em seu ensino, como todos os meus contemporâneos, eu considerava como milagres as manifestações de que era objeto. Hoje sei que a coisa é muito natural e que pode e deve conciliar-se com a imutabilidade das leis do Criador, para que sua grandeza e sua justiça permaneçam intactas.

Deus não poderia fazer milagres!... porque *então seria dar a presumir que a verdade não fosse bastante forte para afirmar-se por si mesma* e, por outro lado, não seria lógico demonstrar a eterna harmonia das leis da Natureza, perturbando-as com fatos em desacordo com a sua essência.

Quanto a adquirir a faculdade de médium curador, não há método para isto; todo mundo pode, em certa medida, adquirir esta faculdade e, agindo em nome de Deus, cada um fará suas curas. Os privilegiados aumentarão em número à medida que a Doutrina se vulgarizar, e é muito simples, pois haverá mais indivíduos animados de sentimentos puros e desinteressados.

Príncipe de Hohenlohe

Variedades

SENHORITA DUMESNIL, JOVEM ATRAENTE

Vários jornais falaram de uma jovem dotada da singular faculdade de atrair a si os móveis e outros objetos colocados num certo raio e erguer, pelo simples contato, uma cadeira sobre a qual estivesse sentada uma pessoa. O *Petit Journal* de 4 de novembro, trazia a respeito o seguinte artigo:

"A pega branca de Dinan não é mais surpreendente como fenômeno do que a senhorita magnética indicada na correspondência seguinte:

"Senhor,

"Venho assinalar-vos um fato que poderia apresentar muito interesse aos vossos leitores. Se quiserdes vos dar ao trabalho de o verificar, nele encontrareis ampla matéria para numerosos artigos.

"Uma jovem, a senhorita Dumesnil, de treze anos, possui um fluido de uma força atrativa extraordinária, que faz virem a ela todos os objetos *de madeira* que a cercam. Assim, as cadeiras, as mesas e tudo quanto é de madeira se dirige instantaneamente para ela. Esta faculdade se revelou nesta jovem há cerca de três semanas. Até agora este fenômeno extraordinário, que ainda não puderam explicar, só se manifestou às pessoas do meio social da moça, vizinhos, etc., que constataram o fato há alguns dias. A faculdade surpreendente da senhorita espalhou-se e, conforme me garantem, ela está em vias de tratar com um empresário, que se propõe exibir publicamente o fenômeno.

"Desde ontem ela foi à casa de uma grande personagem a quem a indicaram; a publicidade não tardará em apoderar-se deste acontecimento, e eu me apresso em vos prevenir, para que tenhais as primícias.

"Esta moça exerce o ofício de polidora de metais e mora com os pais, que são gente pobre.

"Na expectativa de que nos explicareis este mistério inexplicável, peço que recebais minhas saudações muito sinceras."

Brunet,
Empregado, Casa Christoffe, 56, rue de Bondy

"Não sei mais do que vós, meu caro correspondente, em matéria de ciência magnética, e olho como simples curiosidade vossa encantadora do carvalho, da faia e do acaju, a quem aconselho, neste inverno, não queimar na lareira... senão carvão..."

Eis, certamente, um fenômeno estranho, muito digno de atenção, e que deve ter uma causa. Se for constatado que não se trata de nenhum subterfúgio, o que é fácil garantir, e se as leis conhecidas são impotentes para o explicar, é evidente que revela a existência de uma nova força. Ora, a descoberta de um princípio novo pode ser fecunda em resultados. O que é pelo menos tão surpreendente quanto este fenômeno, é ver homens de inteligência ter por semelhantes fatos apenas uma altiva indiferença e zombarias de mau gosto. Entretanto, nem se tratava de Espíritos, nem de Espiritismo. Que convicção esperam pessoas que não têm nenhuma, que não a buscam e não a desejam? Que estudo sério é possível esperar disto? Esforçar-se por convencê-los não é perder tempo, usar inutilmente forças que poderiam ser mais bem empregadas com os homens de boa vontade, que não faltam? Temos dito sempre: Com pessoas preconceituosas, que não querem ver nem ouvir, o que há de melhor a fazer é deixá-las tranqüilas e provar-lhes que não se precisa delas. Se alguma coisa deve triunfar de sua incredulidade, os Espíritos saberão bem encontrá-lo e empregá-lo quando chegar o momento.

Para voltar à jovem, seus pais, que estão numa posição precária, vendo a sensação que ela produzia e o concurso de pessoas notáveis que ela atraía, sem dúvida pensaram que para eles havia uma fonte de fortuna. Não se deve querê-los mal, porquanto, ignorando até o nome do Espiritismo e dos médiuns, não podiam compreender as conseqüências de uma exploração deste gênero. Para eles sua filha era um fenômeno; resolveram, pois, instalá-la nos boulevards, entre os outros fenômenos. Fizeram melhor: instalaram-na no Grand-Hôtel, lugar mais conveniente para a aristocracia produtiva. Mas, ah! os sonhos dourados logo se desvaneceram. Os fenômenos não se reproduziram mais senão em raros intervalos, e de maneira tão irregular que foi preciso abandonar quase que imediatamente a esplêndida habitação e voltar ao atelier. Exibir uma faculdade tão caprichosa que falha justamente no momento em que os espectadores, que pagaram suas

entradas, estão reunidos e esperam que lha mostrem por seu dinheiro! Como fenômeno, mais vale para a especulação ter uma criança com duas cabeças, porque, ao menos, lá ela está. Que fazer se não se têm cordões para substituir os atores invisíveis? O partido mais honroso é retirar-se. Entretanto, conforme a carta publicada num jornal, parece que a jovem não perdeu inteiramente o seu poder, mas é sujeita a tais intermitências que se torna difícil captar o momento favorável.

Um de nossos amigos, espírita esclarecido e profundo observador, pôde testemunhar o fenômeno e ficou mediocremente satisfeito com o resultado. "Creio – disse-nos ele – na sinceridade dessas pessoas, mas, para os incrédulos, o efeito não se produz, neste momento, em condições que desafie qualquer suspeita. Não nego, pois sei que a coisa é possível; apenas constato minhas impressões. Como apanhei supostos médiuns de efeitos físicos em flagrante delito de fraude, dei-me conta das manobras pelas quais certos efeitos podem ser simulados, iludindo as pessoas que não conhecem as condições dos efeitos reais, de sorte que só afirmo com conhecimento de causa, não confiando em meus olhos. No próprio interesse do Espiritismo, meu primeiro cuidado é examinar se a fraude é possível, com auxílio da sagacidade, ou se o efeito pode ser devido a uma causa material vulgar. Aliás, acrescentou ele, lá é proibido ser espírita, agir pelos Espíritos e até neles acreditar.

É de notar que desde o infortúnio dos irmãos Davenport, todos os exibidores de fenômenos extraordinários repelem qualquer participação dos Espíritos em seu negócio, e fazem bem; o Espiritismo só tem a ganhar em não ser metido nessas exibições. É um serviço a mais prestado por esses senhores, porque não é por tais meios que o Espiritismo recrutará prosélitos.

Uma outra observação é que, cada vez que se trata de alguma manifestação espontânea, ou de um fenômeno qualquer atribuído a uma causa oculta, geralmente são tomados para peritos,

pessoas, por vezes sábios, que não sabem patavina do que devem observar e que vêm com uma idéia preconcebida de negação. Quem se encarrega de decidir se há ou não intervenção dos Espíritos ou uma causa espiritual? Precisamente os que negam a espiritualidade, que não crêem nos Espíritos e não querem que existam. Tem-se certeza prévia de sua resposta. Evitam tomar a opinião de quem quer que seja suspeito de Espiritismo, primeiro porque seria acreditar na coisa e, depois, porque temem uma solução contrária à que querem. Não refletem que só um espírita *esclarecido* é apto a julgar circunstâncias nas quais os fenômenos espíritas podem produzir-se, como só um químico é apto para conhecer a composição de um corpo e que, a este respeito, os espíritas são mais *cépticos* do que muita gente; que, longe de darem crédito a um fenômeno apócrifo, eles têm todo o interesse em o assinalar como tal e em desmascarar a fraude.

Todavia, disto ressalta uma instrução: a própria irregularidade dos fatos é uma prova de sinceridade; se resultassem de qualquer meio artificial, produzir-se-iam no momento desejado. É a reflexão que faz um jornalista que fora convidado a ir ao Grand-Hôtel. Havia naquele dia alguns outros convidados notáveis e, a despeito de duas horas de espera, a moça não obteve o menor efeito. "A pobre menina – disse o jornalista – estava desolada, e seu rosto traía inquietude. Tranqüilizai-vos, lhe falou ele; não só este insucesso não me desencoraja, mas me leva a crer que vosso relato é sincero. Se houvesse algum charlatanismo ou truque de vossa parte, vosso golpe não teria falhado. Eu voltarei amanhã." Com efeito, voltou cinco vezes, sem mais resultados. Na sexta vez ela tinha deixado o hotel. "De onde concluo – acrescentou o jornalista – que a pobre senhorita Dumesnil, depois de haver construído belos castelos à custa de suas virtudes eletromagnéticas, foi obrigada a retomar seu lugar nos ateliês de polimento do Sr. Ruolz."

Tendo sido constatados os fatos, é certo que havia nela uma disposição orgânica especial, que se prestava a esse gênero de fenômeno; mas, pondo de lado qualquer subterfúgio, é certo que se sua faculdade dependesse *apenas de seu organismo*, ela a teria tido, como os peixes-elétricos, sempre à sua disposição. Considerando-se que sua vontade, seu mais ardente desejo eram impotentes para produzir o fenômeno, é porque havia, no fato, uma causa que lhe era estranha. Qual é esta causa? Evidentemente a que rege todos os fenômenos mediúnicos: o concurso dos Espíritos, sem o qual os médiuns mais bem dotados nada obtêm. A senhorita Dumesnil é um exemplo de que eles não estão às ordens de ninguém. Por mais efêmera que tenha sido sua faculdade, ela fez mais para convicção de certas pessoas do que se se tivesse produzido em dias e horas fixas, ao seu comando diante do público, como nas manobras de prestidigitação.

É verdade que nada atesta de maneira ostensiva a intervenção dos Espíritos nesta circunstância, porque não há efeitos inteligentes, a não ser a impotência da moça em agir à sua vontade. A faculdade, como em todos os efeitos mediúnicos, é inerente a ela; o exercício da faculdade pode depender de uma vontade estranha. Mas, mesmo admitindo que os Espíritos nada tenham a ver com isto, não deixa de ser um fenômeno destinado a chamar a atenção para as forças fluídicas que regem o nosso organismo, e que tanta gente se obstina em negar.

Se essa força aqui fosse puramente elétrica, denotaria, não obstante, uma importante modificação na eletricidade, já que age sobre a madeira, com exclusão dos metais. Só isto valeria bem a pena de ser estudado.

REVISTA DA IMPRENSA RELATIVA AO ESPIRITISMO

Por mais que digam e façam, as idéias espíritas estão no ar. Transparecem de mil maneiras, sob a forma de romances ou de

pensamentos filosóficos, e a imprensa as acolhe contanto que a palavra *Espiritismo* não seja pronunciada. Impossível citar todos os pensamentos que ela registra diariamente, assim fazendo Espiritismo sem saber. Que importa o nome, se a coisa está aí? Um dia esses senhores ficarão muito admirados de ter feito Espiritismo, como o Sr. Jourdain ficou por ter falado em prosa. Muita gente caminhava ao lado do Espiritismo sem o suspeitar; estão na fronteira, quando se julgam bem longe. Com exceção dos materialistas puros, que certamente são minoria, pode-se dizer que as idéias da filosofia espírita correm o mundo. O que muitos ainda repelem são as manifestações mediúnicas, uns por sistema, outros porque, tendo observado mal, sofreram decepções; mas como as manifestações são fatos, mais cedo ou mais tarde terão de os aceitar. Recusam-se a ser espíritas unicamente pela falsa idéia que ligam a esse nome. Que os que aí não chegam pela porta principal, a ela cheguem pela secundária, o resultado é o mesmo; hoje o impulso está dado e o movimento não poderia ser detido.

Por outro lado, como é anunciado, produz-se uma imensidão de fenômenos, que parecem afastar-se das leis conhecidas e confundem a Ciência, na qual em vão buscam a sua explicação; passá-los em silêncio, quando têm certa notoriedade, seria difícil. Ora, esses fenômenos, que se apresentam sob os mais variados aspectos, graças à sua multiplicação acabam despertando a atenção e, pouco a pouco, familiarizam com a idéia de uma força espiritual, fora das forças materiais. É sempre um meio de chegar ao fim; os Espíritos batem de todos os lados e de mil maneiras diferentes, de sorte que os golpes sempre alcançam uns ou outros.

Entre os pensamentos espíritas encontrados em diversos jornais, citaremos os seguintes:

No discurso pronunciado em 11 de novembro último pelo Sr. d'Eichthal, um dos redatores do *Temps*, junto ao túmulo do Sr. Charles Duveyrier, assim se exprime o orador:

"Duveyrier morreu em profunda calma, cheio de confiança em Deus, de fé na eternidade da vida, orgulhoso de seus longos anos consagrados à elaboração e ao desenvolvimento de uma crença que deve resgatar todos os homens da miséria, da desordem e da ignorância, certo de haver pago a sua dívida, de ter dado à geração que o segue mais do que tinha recebido da que o precedeu. Parou como um valente operário, acabada a tarefa, deixando a outros o encargo de a continuar.

"Se seus restos mortais não atravessaram os templos consagrados para chegar ao campo de repouso, não foi por um injusto desdém contra as crenças imortais, mas é que nenhuma das fórmulas que tivessem pronunciado sobre seus despojos teriam dado a idéia que ele fazia da vida futura. Duveyrier não desejava, não acreditava ir para o céu, gozar eternamente de uma beatitude pessoal, enquanto a maioria dos homens ficaria condenada a sofrimentos sem esperança. Cheio de Deus e vivendo em Deus, mas ligado à Humanidade, é no seio da Humanidade que ele esperava reviver para concorrer eternamente a essa obra de progresso que a aproxima incessantemente do ideal divino." (Jornal *Temps*, 14 de novembro de 1866).

O Sr. Duveyrier tinha feito parte da seita são-simonista. É a crença referida acima, a cujo desenvolvimento ele tinha consagrado vários anos de sua vida; mas suas idéias sobre o futuro da alma, como se vê, se aproximavam muito das que ensina a Doutrina Espírita. Contudo, não se deve inferir destas palavras: "É no seio da Humanidade que ele esperava reviver" que acreditasse na reencarnação. Sobre este ponto ele não tinha qualquer idéia definitiva; entendia por isto que a alma, em vez de se perder no infinito, ou de ser absorvida numa beatitude inútil, ficava na esfera da Humanidade, a cujo progresso concorria por sua influência. Mas esta idéia é exatamente a que também ensina o Espiritismo; é a do mundo invisível que nos cerca; as almas vivem em meio a nós, como vivemos em meio a elas. O Sr. Duveyrier era,

pois, ao contrário da maioria de seus confrades da imprensa, não só profundamente espiritualista, mas setenta e cinco por cento espírita. Que lhe faltava para o ser completamente? Provavelmente ter sabido o que é o Espiritismo, porquanto lhe possuía as bases fundamentais: a crença em Deus, na individualidade da alma, sua sobrevivência e sua imortalidade; em sua presença no meio dos homens após a morte, e sua ação sobre eles. Que diz a mais o Espiritismo? Que essas mesmas almas revelam sua presença por uma ação direta, e que estamos incessantemente em comunhão com elas. Vem provar pelos fatos o que no Sr. Duveyrier e em muitos outros não estava senão no estado de tória e de hipótese.

Concebe-se que os que só acreditam na matéria tangível repilam tudo, mas o que mais surpreende é ver espiritualistas rejeitando a prova do que constitui o fundo de sua crença. Aquele que assim expunha os pensamentos do Sr. Duveyrier sobre o futuro da alma, o Sr. d'Eichthal, seu amigo e correligionário em são-simonismo, que, provavelmente, partilhava até certo ponto de suas opiniões, não é menos um adversário declarado do Espiritismo; por pouco ele não suspeitava que o que dizia em louvor ao Sr. Duveyrier era muito simplesmente uma profissão de fé espírita.

As palavras seguintes, do Sr. Louis Jourdan, do *Siècle*, a seu filho, foram reproduzidas pelo *Petit Journal* de 3 de setembro de 1866.

"Eu te sinto vivo, de uma vida superior à minha, meu Prosper; e quando soar a minha última hora, eu me consolarei em deixar os que amamos juntos, pensando que vou te encontrar e nos unirmos. Sei que esta consolação não me virá sem esforços; sei que será preciso conquistá-la trabalhando corajosamente por meu próprio melhoramento, como no dos outros; farei pelo menos tudo quanto estiver em meu poder para merecer a recompensa que ambiciono: reencontrar-te. Tua lembrança é o farol que nos guia e

o ponto de apoio que nos sustenta através das trevas que nos envolvem. Percebemos um ponto luminoso, para o qual marchamos resolutamente; esse ponto é aquele onde vives, meu filho, junto a todos aqueles que amei na Terra e que partiram antes de mim para a sua vida nova."

Que de mais profundamente espírita do que estas doces e tocantes palavras! O Sr. Louis Jourdan está ainda mais perto do Espiritismo que o Sr. Duveyrier, porque há muito tempo crê na pluralidade das existências terrestres, como se pôde ver pela citação que fizemos na Revista de dezembro de 1862. Ele aceita a filosofia espírita, mas não o fato das manifestações, que não repele absolutamente, mas sobre o qual não está suficientemente esclarecido. É, contudo, um fenômeno bastante grave, quanto às suas conseqüências, pois só ele pode explicar tantas coisas incompreensíveis, que se passam aos nossos olhos, para merecer ser aprofundado por um observador como ele. Porque se as relações entre o mundo visível e o mundo invisível existem, é toda uma revolução nas idéias, nas crenças, na filosofia; é a luz atirada sobre uma porção de questões obscuras; é o aniquilamento do materialismo; é, enfim, a sanção de suas mais caras esperanças em relação ao seu filho. Que elementos os homens que se fazem campeões das idéias progressistas e emancipadoras colheriam na Doutrina se soubessem tudo quanto ela encerra para o futuro! Não é duvidoso que surjam alguns, que compreenderão o poder desta alavanca e saberão tirar-lhe proveito.

O *Événement* de 4 de novembro último relatava a seguinte anedota, concernente ao célebre compositor Glück. Quando da primeira representação da *Ifigênia*, a 19 de abril de 1774, a que assistiam Luís XVI e a rainha Maria Antonieta, esta quis coroar pessoalmente seu antigo professor de música. Depois da representação, chamado ao camarote do rei, Glück ficou de tal modo comovido que não pôde proferir uma palavra e apenas teve forças para agradecer à rainha com o olhar. Percebendo que Maria

Antonieta usava naquela noite um colar de rubi, Glück se reergueu: Grande Deus! exclamou ele, salvai a rainha! salvai a rainha! sangue! sangue! – Onde? bradaram de todos os lados. – Sangue! sangue! no pescoço! gritou o músico. – Maria Antonieta estava trêmula. Depressa, um médico, disse ela, meu pobre Glück está louco. – O músico tinha caído numa poltrona. Sangue! sangue! murmurou ele... Salvai a arquiduquesa Maria... salvai a rainha! – O infeliz maestro toma o vosso colar por sangue, disse o rei a Maria Antonieta; ele tem febre. – A rainha levou a mão ao pescoço, arrancou o colar e, tomada de pavor, atirou-o longe. Levaram Glück desacordado.

O autor do artigo termina assim:

Eis, caro leitor, a história que me contou na ópera o músico alemão, e que reli no dia seguinte, numa biografia do imortal autor de Alceste. É verdadeira? É fantasia? Ignoro-o. Mas não seria possível que homens de gênio, cujo espírito elevado paira acima da Humanidade, tivessem, em certas horas de inspiração, *essa faculdade misteriosa que se chama segunda vista? (Albert Wolff)*.

O Sr. Albert Wolff disparou mais de uma seta no Espiritismo e nos espíritas, e eis que ele mesmo admite a possibilidade da segunda vista e, ainda mais, a previsão pela segunda vista. Provavelmente não se dá conta a que conseqüências conduz o reconhecimento de tal faculdade. Mais um que caminha ao lado do Espiritismo sem o suspeitar, talvez sem ousar confessá-lo, e que nem por isso deixa de atirar-lhe a pedra. Se lhe dissessem que é espírita, pularia de indignação, exclamando: Eu! crer nos irmãos Davenport! Porque para a maioria desses senhores o Espiritismo está inteirinho no golpe das cordas. Lembramos que um deles, a quem um correspondente censurava falar do Espiritismo sem o conhecer, respondeu em seu jornal: "Enganai-vos; estudei o Espiritismo na escola dos irmãos Davenport, e a prova é que isto me custou 15 francos." Cremos ter

citado o fato em alguma parte da *Revista*. Que se lhes pode pedir a mais? Não sabem mais que isto.

O *Siècle* de 27 de agosto de 1866 citava as seguintes palavras da Sra. George Sand, a propósito da morte do Sr. Ferdinand Pajot:

"A morte do Sr. Ferdinand Pajot é um fato dos mais dolorosos e lamentáveis. Este jovem, dotado de notável beleza e pertencente a excelente família, era, além disso, um homem de coração e de idéias generosas. Nós mesma o pudemos apreciar cada vez que invocamos a sua caridade para os pobres de nosso círculo. Dava largamente, com mais generosidade, talvez, do que o autorizavam os seus recursos, e dava com espontaneidade, com confiança, com alegria. Era sincero, independente, bom como um anjo. Casado há pouco com uma jovem encantadora, será lamentado como o merece. Devo lhe dar, depois desta cruel morte, uma terna e maternal bênção: ilusão, se se quiser, mas creio que entramos melhor na vida que se segue a esta, quando a ela chegamos escoltados pela estima e a afeição dos que acabamos de deixar."

A Sra. Sand é ainda mais explícita em seu livro *Mademoiselle de la Quintinie*. À página 318, lê-se: "Senhor abade, quando quiserdes que demos um passo para a vossa igreja, começai por nos fazer ver um concílio reunido e decretando mentira e blasfêmia o inferno das penas eternas, e tereis o direito de nos exclamar: Vinde a nós, vós todos que quereis conhecer a Deus."

Página 320: "Pedir a Deus que aniquile nossos sentidos, endureça o nosso coração, torne odiosos os nossos laços mais sagrados, é pedir-lhe que negue e destrua sua obra, que volte sobre os seus passos e nos faça voltar nós mesmos, fazendo-nos retrogradar para as existências inferiores, abaixo do animal, abaixo da planta, talvez abaixo do mineral."

Página 323: "Entretanto, seja qual for a vossa sorte entre nós, vereis claro um dia além da tumba e, como não creio mais nos castigos sem fim quanto nas provas sem fruto, anuncio-vos que nos encontraremos em alguma parte, onde nos entenderemos melhor e onde nos amaremos, em vez de nos combatermos; mas, também como vós, não creio na impunidade do mal e na eficácia do erro. Creio, pois, que expiareis o endurecimento do vosso coração por intensos sofrimentos da alma em outra existência qualquer."

Ao lado desses pensamentos eminentemente espíritas, aos quais só falta o nome que se obstinam em lhes recusar, por vezes se encontram outros, um pouco menos sérios, que lembram o belo tempo das zombarias mais ou menos espirituosas, sob as quais pensavam poder sufocar o Espiritismo. Pode-se julgá-lo pelas amostras seguintes, que são como os foguetes perdidos do fogo de artifício.

O Sr. Ponson du Terrail, em seu *Dernier mot de Rocambole*, publicado em folhetim no *Figaro*, assim se exprime:

"Entretanto, os ingleses se mostrariam superiores aos americanos em matéria de superstição. As mesas girantes, antes de fazer entre nós a felicidade de *cem mil imbecis*, passaram várias estações em Londres e aí receberam uma das hospitalidades mais corteses. Pouco a pouco o relato do coveiro tinha dado a volta em Hampstead, cidade célebre por seus burros e seus burriqueiros, e a gente importante da região não tinha hesitado um só instante em decidir que a casa de campo, à noite, era assombrada por Espíritos."

O Sr. Ponson du Terrail, que outorga tão generosamente um diploma de imbecilidade a cem mil indivíduos, crê, naturalmente, ter mais espírito do que eles, mas não crê albergar um Espírito, sem o que é provável que não os enviasse ao país dos burros.

Mas, perguntará ele, que relação pode haver entre as mesas girantes e os sublimes pensamentos que citastes há pouco? Há, respondemos nós, a mesma relação que existe entre o vosso corpo, quando valsa, e o vosso espírito, que o faz valsar; entre a rã, que dançava no prato de Galvani, e o telégrafo transatlântico; entre a maçã que cai e a lei da gravitação, que rege o mundo. Se Galvani e Newton não tivessem meditado sobre esses fenômenos tão simples e tão vulgares, hoje não teríamos tudo o que a indústria, as artes e as ciências deles tiraram. Se cem mil imbecis não tivessem buscado a causa que faz girar as mesas, ainda hoje ignoraríamos a existência e a natureza do mundo invisível, que nos rodeia; não saberíamos de onde viemos antes de nascer e para onde vamos ao morrer. Entre esses cem mil imbecis, muitos talvez ainda acreditassem em demônios chifrudos, nas chamas eternas, na magia, nos feiticeiros e nos sortilégios. As mesas girantes são, para os pensamentos sublimes sobre o futuro da alma, o que o germe é para a árvore que dele saiu: são os rudimentos da ciência do homem.

Lia-se no *Écho d'Oran* de 24 de abril de 1866:

"Acaba de se passar em El-Afroun um fato que afetou penosamente a nossa população. O Sr. Pagès, um dos mais antigos habitantes de nossa cidade acaba de morrer. Sabeis que estava imbuído das idéias – eu ia dizer das loucuras – do Sr. Allan Kardec e que fazia profissão do Espiritismo. Fora dessa extravagância, era um homem honesto, estimado por todos os que o conheciam. Por isso, ficaram muito admirados quando souberam que o sr. cura se havia recusado a enterrá-lo, sob pretexto de que o Espiritismo é contrário ao Cristianismo. Não está no Evangelho: Retribuí o mal com o bem? Ora, se esse pobre Sr. Pagès é culpado por ter crido no Espiritismo, não era uma razão a mais para orar por ele?"

O Sr. Pagès, que conhecíamos por correspondência há longa data, escrevia-nos isto:

"O Espiritismo fez de mim um outro homem. Antes de o conhecer, eu era como muitos outros; não acreditava em nada e, contudo, sofria ao pensamento de que, morrendo, tudo está acabado para nós. Por vezes experimentava profundo desânimo, e me perguntava para que serve fazer o bem. Para mim o Espiritismo teve o efeito de uma cortina que se levanta para nos mostrar uma decoração magnífica. Hoje vejo claro; o futuro não é mais duvidoso e estou muito feliz. Dizer-vos da felicidade que experimento é impossível; parece que estou como um condenado à morte, a quem vêm dizer que não morrerá e que vai deixar sua prisão para ir a um belo país, viver em liberdade. Caro senhor, que efeitos isto devia produzir? A coragem me voltou com a certeza de viver sempre, porque compreendi que aquilo que adquirimos em bem não é pura perda; compreendi a utilidade de fazer o bem; compreendi a fraternidade e a solidariedade que ligam todos os homens. Sob o império deste pensamento esforcei-me por me melhorar. Sim, posso vos dizer sem vaidade, corrigi-me de muitos defeitos, embora me restem ainda muitos. Agora sinto que morrerei tranqüilo, pois sei que apenas trocarei a veste má, que me incomoda, por uma nova, na qual estarei mais à vontade."

Eis, pois, um homem que, aos olhos de certas pessoas, era razoável, sensato quando não acreditava em nada, e que é tachado de loucura pelo único fato de ter crido na imortalidade de sua alma pelo Espiritismo. E são essas mesmas pessoas, que nem crêem na alma nem na prece, que lhe atiraram pedras por suas crenças em vida e o perseguem com seus sarcasmos até depois de morto, que invocam o Evangelho contra o ato de intolerância e a recusa de preces de que ele foi objeto, ele que não acreditou no Evangelho e na prece senão pelo Espiritismo!

Santo Agostinho, Acusado de Cretinice

Sob o título de *Cretinismo,* a *Vedette du Limbourg*, jornal de Tongres, na Bélgica, de 1º de setembro de 1866, contém o artigo seguinte, reproduzido conforme a *Gazette de Huy*:

"Um livro dado como prêmio num pensionato de religiosas caiu em nossas mãos. Nós o abrimos e o acaso nos fez ler, entre outras passagens curiosas, o seguinte, que nos parece muito digno de ser posto aos olhos do leitor. Trata-se do papel desempenhado pelos anjos. Quem quer que o percorra certamente não deixará de perguntar como é possível que uma obra contendo semelhantes absurdos possa achar um editor! Em nossa opinião, quem imprime semelhantes asneiras é tão culpado quanto o que as escreve. Sim, não tememos afirmá-lo, autor e impressor devem ser considerados mestres em cretinismos para ousarem lançar tais desafios à razão, à Ciência, que dizemos? ao mais vulgar bom-senso. Eis a passagem de que se trata:

"Segundo Santo Agostinho, o mundo visível é governado por criaturas invisíveis, por Espíritos puros, e mesmo há anjos que presidem a cada coisa visível, a todas as espécies de criaturas que estão no mundo, quer sejam animadas, quer inanimadas.

"*Os céus e os astros têm seus anjos motores; as águas têm um anjo particular, como é referido no Apocalipse; o ar tem seus anjos, que governam os ventos, como se vê no mesmo livro, que ainda nos ensina que o elemento do fogo também tem os seus. Os reinos têm os seus anjos; as províncias também têm os que as guardam,* como se vê no Gênesis, porque os anjos que apareceram a Jacó eram os guardas das províncias por onde ele passava, etc."

"Pode-se julgar por esta amostra do gênero de leitura que faz a juventude educada nos conventos. É possível conceber – perdoem-nos a expressão – algo de mais profundamente estúpido?

"Para ultrapassar os limites, o editor faz preceder a obra de uma advertência, onde se podem ler estas linhas: 'Em seu livro, que não convém menos aos eclesiásticos do que aos leigos, o autor demonstra uma força de razão e de estilo que aclara e submete o espírito; de sua pena flui uma unção que penetra e ganha o coração. É a obra de um homem profundamente versado na espiritualidade.'

"Dizemos nós: é a obra de um homem tornado louco pelo ascetismo, muito mais a lamentar que a censurar."

Até agora Santo Agostinho tinha sido respeitado até mesmo por aqueles que não partilham de suas crenças. Apesar dos erros manifestos, que se prendiam ao estado dos conhecimentos científicos de seu tempo, ele é universalmente considerado como um dos gênios, uma das glórias da Humanidade, e eis que com uma penada um escritor obscuro, um desses jovens que se julgam a luz do mundo, atira lama sobre esse secular famoso, pronuncia contra ele, do alto de sua razão, a acusação de cretinismo, e isto porque Santo Agostinho acreditava em criaturas invisíveis, em Espíritos puros presidindo a todas as coisas visíveis. Sendo assim, quantos cretinos não há entre os mais estimados literatos contemporâneos! Não nos surpreenderíamos se um dia acusassem de cretinice Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, George Sand e tantos outros. Eis a escola que aspira a regenerar a sociedade pelo materialismo; assim, pretende ela que a Humanidade volte à demência. Mas pode-se ficar tranqüilo: seu reino, se algum dia chegasse, seria de curta duração. Ela bem sente a sua fraqueza contra a opinião geral, que a repele, razão por que se agita com uma espécie de frenesi.

Notas Bibliográficas

NOVOS PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA MÉDICA

PELO DR. CHAUVET, DE TOURS[26]

Em nosso número de outubro apenas pudemos anunciar esta obra, lamentando que a extensão dos artigos, cuja publicação não podia ser retardada, nos tivesse impedido de apreciá-la mais cedo.

Muito embora, por sua especialidade, o livro pareça estranho às matérias que nos ocupam, não obstante a elas se ligam, pelo princípio mesmo sobre o qual se apóia, porque o autor faz intervir claramente o princípio espiritualista na ciência mais eivada de materialismo. Não faz espiritualidade mística, como alguns a compreendem, mas, se assim nos podemos exprimir, espiritualidade positiva e científica. Empenha-se em demonstrar a existência do princípio espiritual que existe em nós, sua conexão com o organismo, auxiliada pelo laço fluídico que os une, o papel importante que esses dois elementos representam na economia, os erros inevitáveis nos quais caem forçosamente os médicos que tudo reportam à matéria, e as luzes de que se privam negligenciando o princípio espiritual. A passagem seguinte indica suficientemente o ponto de vista sob o qual ele encara a questão.

"Em suma, diz ele (página 34), a constituição humana resulta:

1º – de um princípio espiritual, independente, ou alma imortal;

2º – de um corpo fluídico permanente;

26 Vol. In-12, preço 3 fr. Tours, casa Guilland-Verger. – Paris, casa Baillère 19, rue Hautefeuille.

3º – de um organismo material, dissolúvel, animado durante a vida por um fluido especial.

"A união temporária do primeiro destes elementos constitutivos com o terceiro se opera pela combinação de seus fluidos respectivos (fluido *perispiritual* e fluido vital), de onde resulta um fluido misto que, ao mesmo tempo, penetra todo o corpo, irradia em torno dele, por vezes a grandes distâncias e através de todos os obstáculos, como o demonstram os fenômenos magnéticos, sonambúlicos e outros, que o materialismo de todas as cores repele com soberbo desdém, sob o pretexto de maravilhoso e de charlatanismo, porque vêm atacar com violência suas teorias insensatas."

Da ação do elemento fluídico sobre o organismo ele chega à demonstração, de certo modo matemática, do poder de ação das quantidades infinitesimais sobre a economia. Esta demonstração nos parece nova e uma das mais claras que lemos. Deixamos aos especialistas a apreciação da parte técnica, que não discutimos; mas, do ponto de vista filosófico, esta obra é uma das primeiras aplicações à ciência positiva das leis reveladas pelo Espiritismo e, nesta qualidade, tem seu lugar marcado nas bibliotecas espíritas. Embora o nome do Espiritismo nem sequer seja pronunciado, o autor pode ficar certo de que não terá a aprovação das pessoas preconceituosas, que negam tudo o que concerne à espiritualidade.

OS DOGMAS DA IGREJA DO CRISTO EXPLICADOS PELO ESPIRITISMO

POR APOLÔNIO DE BOLTINN[27]

O assunto deste livro apresentava um escolho perigoso, que o autor evitou prudentemente, abstendo-se de tratar as

27 1 vol. In-8º, traduzido do russo; preço: 4 fr. – Paris, casa Reinwald, 15, rue des Saints-Pères.

questões que não estão na ordem do dia, e sobre as quais o Espiritismo ainda não foi chamado a se pronunciar. Não admitindo o Espiritismo como princípios incontestáveis senão os que receberam a sanção do ensinamento geral, as soluções que podem ser dadas sobre questões ainda não elaboradas não passam de opiniões pessoais dos homens ou dos Espíritos, susceptíveis de receberem mais tarde o desmentido da experiência. Estas soluções prematuras não poderiam comprometer a responsabilidade da Doutrina, mas poderiam desviar a opinião pública, fazendo crer que ela as aceita. Foi o que compreendeu perfeitamente o Sr. Boltinn, pelo que o felicitamos. Por isso o seu livro pode ser aceito pelo Espiritismo e posto no rol das obras chamadas a prestar serviço à causa. É escrito com prudência, moderação, método e clareza. Vê-se que o autor fez um estudo aprofundado das Santas Escrituras e dos teólogos das Igrejas Latina e Grega, cujas palavras comenta e explica como um homem que conhece o terreno onde pisa. Seus argumentos têm a força dos fatos, da lógica e da concisão. Que o livro do nosso irmão da Rússia seja bem-vindo entre nós. É assim que, em nome do Espiritismo, todos os povos se dão as mãos.

UNIÃO ESPÍRITA BORDELESA

Soubemos com viva satisfação que a *Union Spirite Bordelaise* vai retomar o curso de suas publicações, momentaneamente interrompidas por longa e grave moléstia de seu diretor e por circunstâncias independentes de sua vontade.

NO PRELO

L'Écho poétique d'outre-tombe, poesias mediúnicas recebidas pelo Sr. Vavasseur. – Esta coletânea formará um volume grande in-18, de cerca de 200 páginas, no formato de *O que é o Espiritismo?* Preço: 2 fr.; pelo correio: 2 fr. 20 c.

Necrológio

SRA. DOZON – SR. FORNIER-DUPLAN – SR. D'AMBEL

O Espiritismo acaba de perder uma de suas mais fervorosas adeptas na pessoa da Sra. Dozon, viúva do Sr. Henri Dozon, autor de várias obras sobre o Espiritismo, morto em 1º de agosto de 1865. Ela faleceu em Passy, a 1º de novembro de 1866.

A Sra. Dozon, acometida por uma doença orgânica incurável, estava desde muito tempo num estado de enfraquecimento e de sofrimento extremos, e cada dia via a morte se aproximar; encarava-a com a serenidade de uma alma pura, que tem a consciência de só haver feito o bem, e profundamente convencida de que não era senão a passagem de uma vida de provações a uma vida melhor, no limiar da qual ia encontrar, para a receber, seu caro marido e os que tinha amado. Suas previsões não a enganaram; a vida espiritual, a que estava iniciada, realizou todas as suas esperanças e mais ainda. Ela aí recolhe os frutos de sua fé, de seu devotamento, de sua caridade para com os que lhe fizeram mal, de sua resignação no sofrimento e da coragem com a qual sustentou suas crenças contra os que delas faziam um crime. Se seu corpo estava enfraquecido, o Espírito tinha conservado toda a sua pujança, toda a sua lucidez até o último momento. Morreu em pleno gozo das faculdades mentais, como alguém que parte em viagem, não levando nenhum traço de fel contra os quais tinha tido razões para se lamentar. Seu desprendimento foi rápido e a perturbação de curta duração; por isso pôde manifestar-se antes mesmo da inumação. Sua morte e seu despertar foram os de um espírita de coração, que se esforçou para pôr em prática os preceitos da Doutrina.

Sua única apreensão era ser enterrada viva, e este pensamento a perseguiu até o fim. "Parece-me, dizia ela, que me vejo na fossa e que sufoco debaixo da terra, que escuto cair sobre

mim." Depois de sua morte ela explicou este medo, dizendo que, na sua precedente existência, tinha sido morta assim e que a terrível impressão que seu Espírito havia sentido tinha despertado no momento de morrer novamente.

Nenhuma prece espírita foi feita ostensivamente em seu túmulo, para não melindrar certas susceptibilidades, mas a Sociedade Espírita de Paris, da qual fizera parte, reuniu-se no lugar de suas sessões, após a cerimônia fúnebre, para lhe renovar o testemunho de suas simpatias.

O Espiritismo viu partir outro representante seu, na pessoa do Sr. Fornier-Duplan, antigo negociante, falecido em Rochefort-sur-Mer, a 22 de outubro de 1866. O Sr. Fornier-Duplan era desde muito tempo um adepto sincero e devotado, compreendendo o verdadeiro objetivo da Doutrina, cujos ensinos se esforçava para pôr em prática. Era um homem de bem, amado e estimado por todos os que o conheciam, um daqueles que o Espiritismo se honra de contar em suas fileiras. Nele os infelizes perdem um sustentáculo. Tinha haurido em suas crenças o remédio contra a dúvida sobre o futuro, a coragem nas provas da vida e a calma de seus últimos instantes. Como a Sra. Dozon e tantos outros, ele partiu cheio de confiança em Deus, sem o temor do desconhecido, porque sabia para onde ia e sua consciência lhe dava a esperança de aí ser acolhido com simpatia pelos Espíritos bons. Sua esperança também não foi enganada, e as comunicações que deu provam que lá ocupa o lugar reservado aos homens de bem.

Uma morte que tanto nos surpreendeu quanto nos afligiu foi a do Sr. d'Ambel, antigo diretor do jornal *Avenir*, falecido em 17 de novembro de 1866. Suas exéquias se realizaram na igreja

de Notre-Dame de Lorette, sua paróquia.[28] A malevolência dos jornais que dele falaram revelou-se, nesta circunstância, de maneira lamentável, por sua afetação em ressaltar, exagerar, envenenar, como se tivesse prazer em revolver o ferro na ferida, tudo quanto esta morte poderia ter de penoso, sem consideração pelas susceptibilidades de família, esquecendo até o respeito que se deve aos mortos, sejam quais forem suas opiniões e suas crenças em vida. Esses mesmos jornais teriam denunciado o escândalo e a profanação contra quem quer que tivesse falado dessa maneira de um dos seus. Mas nós vimos, pela citação que fizemos acima, a propósito da morte do Sr. Pagès, que nem mesmo o túmulo é respeitado por certos adversários do Espiritismo.

Todavia, os homens imparciais renderão aos espíritas a justiça de reconhecer que *jamais* estes se afastaram do respeito, das conveniências e das leis da caridade, pela morte dos que tinham sido seus maiores inimigos, e que os tinham atacado sem a menor consideração. Contentam-se em orar por eles.

Aviso

A *Revista Espírita* dará início em 1º de janeiro próximo ao seu décimo ano. Solicitamos aos senhores assinantes, que não quiserem sofrer atraso, a renovação de suas assinaturas antes de 31 de dezembro.

28 **N. do T.:** Apesar de ter atuado como médium na Sociedade Espírita de Paris, as exéquias do Sr. d'Ambel se realizaram num templo católico. Conforme se pode depreender de várias passagens da *Revista Espírita*, Allan Kardec acreditava que se podia ser perfeitamente espírita sem abdicar das crenças católicas, protestantes ou judias, e até mesmo aconselhou que ninguém abandonasse sua fé religiosa para abraçar o Espiritismo. Talvez, por isso, o Espírito Emmanuel tenha respondido (*O Consolador*, questão 353): "O Espiritismo não pode guardar a pretensão de exterminar as outras crenças, parcelas da verdade que a sua doutrina representa, mas, sim, trabalhar por transformá-las, elevando-lhes as concepções antigas para o clarão da verdade imortalista."

Como de hábito, o número de janeiro será remetido a todos os antigos assinantes. Os números seguintes só o serão à medida que as assinaturas forem sendo renovadas.

Allan Kardec

Nota Explicativa[29]

> Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que*

29 **Nota da Editora**: Esta "Nota Explicativa", publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

é o Espiritismo (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticuloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços

da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite "resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc." (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

> O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

> [...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

> Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar

apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consangüínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na

> mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes "científicos" da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

> Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

> O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

> Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a "interpretação da doutrina dos anjos decaídos", apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversível, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

> É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente ("benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas"), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora